



Catálogo

Eugênio Hirsch



LEMBRAR

| PPGECEI

ESPM



CNPq



Catálogo

Eugênio Hirsch

Isabella Perrota (org.)



LEMBRAR

PPGECEI

ESPM



CNPq

Organização e textos

Isabella Perrotta

Pesquisa, catalogação e digitalização

Helena Lavrado Gomes

Luna de Moura Bergamo

Pedro Henrique Campos dos Santos

Projeto gráfico e diagramação

Luna de Moura Bergamo

Agradecimentos

Maria Isabela Muniz

José Mario Pereira

Arthur dos Santos Camargo

Mirella De Menezes Migliari

Perrotta, Isabella Catálogo Eugênio Hirsch / (Org.) [e textos] Isabella Perrotta ; [pesquisa Helena Lavrado Gomes, Luna de Moura Bergamo e Pedro Henrique Campos dos Santos]. - Rio de Janeiro : ESPM RIO, 2025.
223 p. : il. Obra faz parte do Projeto de pesquisa “História, narrativas e práticas do campo do design” do Programa de Pós-Graduação em Economia Criativa Estratégia e Inovação da ESPM RIO.
ISBN 978-65-980565-3-7
1. Hirsch, eugênio - Portfólio 2. Designer - Portfólio 3. Design - História e crítica. I. Perrotta, Isabella. II. Gomes, Helena Lavrado. III. Bergamo, Luna de Moura. IV. Santos, Pedro Henrique Campos dos. V. Escols Superior de Propaganda e Marketing. VI. Título.

Este catálogo insere-se no projeto de pesquisa “História, narrativas e práticas do campo do design”, desenvolvido por Isabella Perrotta, vinculado ao LEMBRAR – Laboratório de Estudos de Memória Brasileira e Representação, do Programa de Pós-Graduação em Economia Criativa Estratégia e Inovação da ESPM Rio. O laboratório é também um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq. O principal produto deste projeto de pesquisa é a plataforma Memórias do Design Carioca, disponível em: <https://memoriasdodesign.espm.br>

Notas Iniciais

À guisa de um catálogo raisonné	5
Sobre esta pesquisa	6
Eugênio Hirsch no mercado editorial brasileiro	9

Portfólio

Civilização Brasileira	15
José Olympio	66
Companhia Editora Nacional	89
Editora Codex	96
Outras editoras	103
Revista Pif Paf	129
Revista Playboy	142
Eros	148
Miscêlanea	166
Currículo, biografia e outros registros	199

Sumário

Notas Iniciais



Eugênio Hirsch
Raymond Asséo, 1990

À guisa de um catálogo raisonné

Chama-se catálogo raisonné (“fundamentado”, em francês) uma publicação em que se cataloga todas as obras conhecidas de um artista. Normalmente, este tipo de publicação se debruça sobre artistas plásticos, cujo trabalho se espalhou no mercado, ficando refém de falsificações depois de ganharem valor. As obras catalogadas, então, passam por autenticação para que possam ser identificadas de forma confiável por terceiros. Nesses catálogos são registrados dados como título, data, descrição, dimensões, técnica empregada, localização, histórico de exibição, estado de preservação, assinatura e/ou inscrições, bibliografia relacionada e numeração catalográfica.

Esta publicação tentou recuperar, de forma mais abrangente possível, a obra do artista gráfico austríaco Eugênio Hirsch, que tem seu nome bastante associado ao mercado editorial brasileiro, mas que também percorreu outros fazeres criativos que, diga-se, não ocupam o mesmo prestígio de crítica, e de valor de mercado, que as artes plásticas. Seu trabalho no nicho editorial já foi merecedor de algumas pesquisas acadêmicas – que não tiveram o objetivo de exibir todo seu repertório em nenhuma das editoras para as quais trabalhou –, mas o conjunto da sua obra nunca foi reunido. Este catálogo é o resultado deste esforço. As imagens aqui agrupadas vieram de um acervo pessoal do artista, da coleção do editor José Mário Pereira, de trabalhos

acadêmicos, livros impressos, sebos virtuais e físicos e de uma página no Facebook. Mas, ao final, não sabemos o quanto esta reunião significa do total de sua obra.

Sobre esta pesquisa

Em agosto de 2024, eu e a Profa. Mirella De Menezes Migliari iniciáramos uma nova disciplina na graduação de Design da ESPM Rio – Memória Gráfica. Como este nome caracteriza um campo de pesquisa que vem se consolidando na América Latina nas duas últimas décadas, buscando compreender o valor de artefatos visuais, especialmente dos impressos efêmeros, na construção da identidade local (Farias; Braga, 2018), entendemos que deveríamos trazer temas brasileiros para as nossas aulas. Até mesmo porque, há muitos anos, leciono na mesma instituição a disciplina História do Design que é inexoravelmente eurocêntrica.

Lembrei, então, de uma conversa na sala dos professores, com uma ex-docente da Escola – a Profa. Maria Isabella Muniz –, que me havia dito ter um acervo de trabalhos de Eugênio Hirsch, de quem fora vizinha, no bairro de Laranjeiras, no Rio, no final da década de 1990. A conversa havia me marcado por dizer respeito a um profissional de referência para quem, como eu, teve trajetória profissional no mercado editorial e hoje trabalha com memória e história. Maria Isabella lembra-se de Eugenio como um homem grande, alto e vigoroso, mas, já idoso e um pouco deprimido, tinha parado de trabalhar há alguns anos e não tinha mais interesse em guardar parte de seu portfólio profissional que ainda preservava – já havia, inclusive, queimado alguns dos

originais que lhe restara. Mas, provavelmente, vislumbrou que tal material pudesse ser útil nas aulas da amiga.

Sendo procurada por Mirella, em 2024, Maria Isabella doou este acervo para o laboratório LEMBRAR (Laboratório de Estudos de Memória Brasileira e Representação), do qual somos pesquisadoras, para que pudesse gerar investigações e produtos. Embora tenhamos até apresentado este portfólio aos nossos estudantes da disciplina de Memória Gráfica, ele ainda precisava ser organizado para ser minimamente compreendido. Este acervo, guardado em quatro pastas plásticas no formato A2 e em uma caixa de papelão, reunia originais, reprografias, fotolitos, cromos, fotografias e impressos de uma parte (pequena) da obra de Hirsch. Não estava catalogado, embora uma lista preliminar do conteúdo houvesse sido feita pela Profa. Maria Isabella.

Cientes da importância do que tínhamos em mãos, propusemos aos estudantes Helena Lavrado Gomes, Luna de Moura Bergamo e Pedro Henrique Campos dos Santos que se vinculassem aos nossos projetos de pesquisa e participassem do programa de bolsas de Iniciação Científica da ESPM. Pedro, vinculou-se ao projeto Memória, Representação e Construção de Sentidos em Setores Criativos, junto à Profa. Mirella De Menezes Migliari, com o projeto Memória de Eugênio Hirsch,

cujo objetivo principal foi organizar o acervo físico recebido. Helena e Luna vincularam-se ao meu projeto de pesquisa História, Narrativas e Práticas do Campo do Design, visando dois desdobramentos: 1) a Produção do Acervo de Eugênio Hirsch – que fosse além do material que tínhamos fisicamente, visando sua publicação, total ou parcial, em diversas mídias, tais como as plataformas Memórias do Design Carioca e Google Arts and Culture; e 2) a Organização do Catálogo de Eugênio Hirsch, com o objetivo de produzir uma publicação digital, nos moldes de um catálogo raisonné, que agora apresentamos.

Esta publicação, então, é o resultado de um somatório de esforços e compartilhamentos de tarefas tais como organização, categorização, catalogação e digitalização das peças que compõem o acervo físico recebido; além do levantamento, reunião, reprodução e categorização de trabalhos do artista publicados em meio impresso, localizadas em coleções particulares e/ou divulgadas na rede. Acreditamos que a recuperação da memória desta produção, e sua ampla disponibilização, contribui diretamente com as questões de memória, história e representação da Economia Criativa, fomentando a construção de repertório de referências visuais para estudantes e profissionais das áreas criativas visuais.

I.P. | Agosto 2025

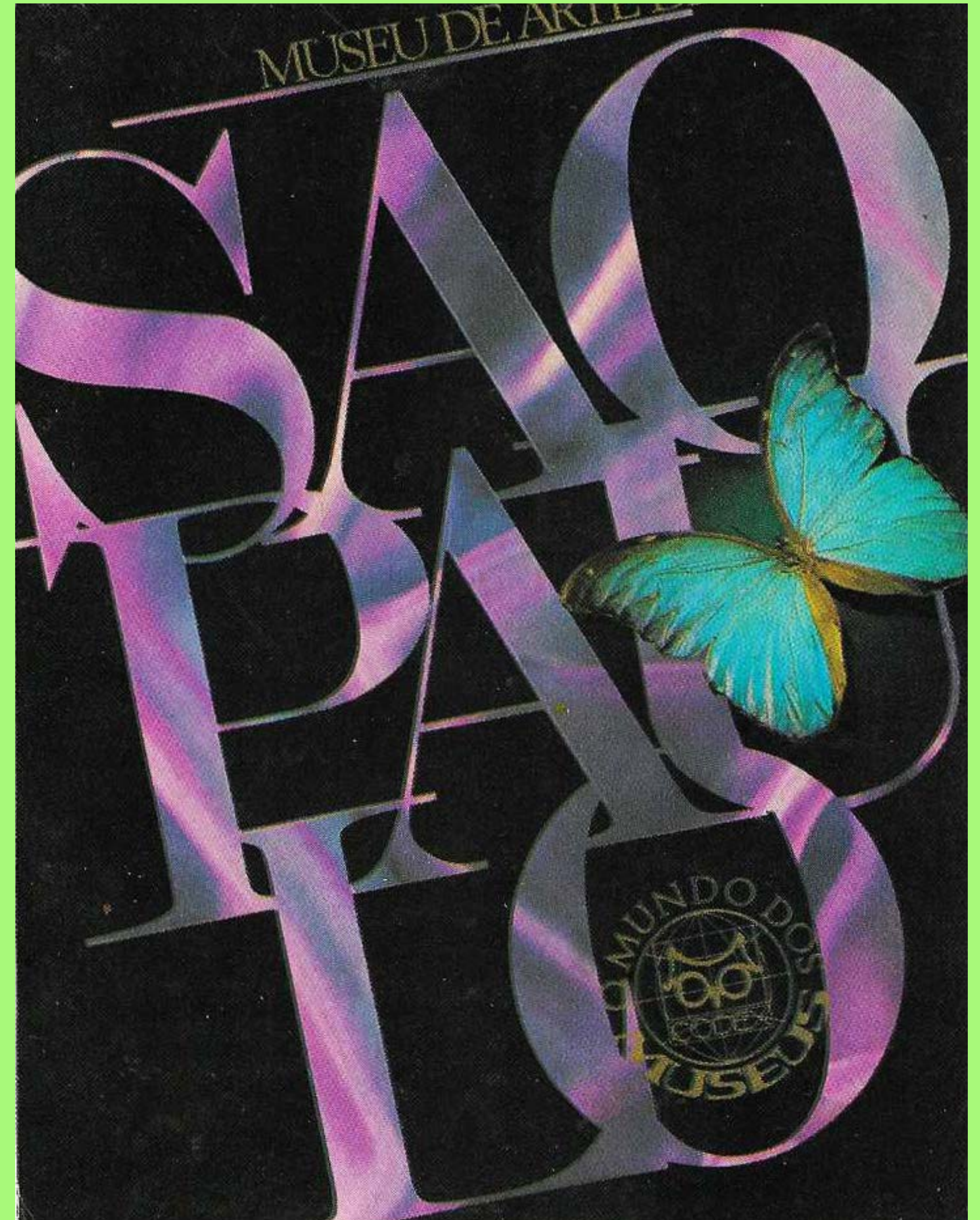


Processo de produção do acervo pelos estudantes

Capa de *Museu de Arte de São Paulo*, volume da coleção O Mundo dos Museus.

“Vi uma borboleta azul daquelas que não existem fora daqui e que tem centenas de tons. Percebi que não faria nada daquilo e parei de pintar.”

(Eugênio Hirsch em entrevista a Ethel Leon para a revista *Design & Interiores*, nº25, 1991, referindo-se ao momento que se mudou para o Rio de Janeiro)



Eugênio Hirsch no mercado editorial brasileiro

Eugen Aloisius Hirsch, conhecido como Eugênio Hirsch (Viena, 1923 – Rio de Janeiro, 2001), foi um designer e ilustrador austríaco que se radicou no Rio de Janeiro, desenvolvendo um emblemático trabalho para o mercado editorial brasileiro. Culto e genial, humano e generoso, engraçado e devasso. “Fazia chacota com tudo!” Estes são alguns dos predicados com os quais Arthur dos Santos Camargo – a pessoa mais próxima de Eugênio nos seus últimos anos de vida – se referiu a ele em depoimento concedido para esta pesquisa em 19 de fevereiro de 2025.

Em pequeno texto memorial datilografado, não datado (c. 1990), e que antecede um currículo profissional, Hirsch se definiu como aquariano, artista e cigano – filho de mãe da aristocrata vienense e pai cigano da Transilvânia. No mesmo memorial, elenca uma série de amigos (com adjetivações ora eloquentes, ora irônicas...) como se eles fossem a grande produção intelectual de sua vida. De Mercedes Sosa, ainda “uma garota” na Argentina, aos brasileiros Pietro Maria Bardi, Monteiro Lobato, Ênio Silveira, José Olympio, Carlos Drummond de Andrade, Ariano Suassuna, Geraldo Casé, Pelé, Aroldo Costa, Paulo Rocco, Paulo Casé, Albino Pinheiro, Stanislaw Ponte Preta, entre vários outros. Mas, apesar de ter vivido cercado por pessoas influentes, seus últimos anos de vida foram bastante solitários.

O amigo Arthur lembra-se de Eugênio – que considerava a arte como a visibilidade do amor – mencionar a importância de estudar história da arte para se entender o ser humano. Segundo seu currículo, ainda adolescente, em Viena, estudou pintura com o austríaco Oscar Kokoschka – um dos principais expoentes do expressionismo alemão e um dos mais importantes artistas do século XX. Em 1938, quando as tropas nazistas entraram na Áustria, a família se muda para a Argentina (por serem amigos do cônsul deste país em Viena) onde fez ilustrações para algumas editoras, deu aula de artes gráficas e conheceu, fortuitamente, Monteiro Lobato – então, um dos sócios da Editora Brasiliense – que o convidou para vir ao Brasil. Nenhum trabalho teria surgido desta primeira estada no país, mas ele se apaixona pelo lugar e volta à Argentina disposto a se mudar. Ainda no período em São Paulo, na Brasiliense conheceu Arthur Neves, que tinha participado da Companhia Editora Nacional com Lobato (originalmente, Monteiro Lobato & Cia). Segundo Hirsch, foi Neves quem o apresentou ao batuque brasileiro que o teria feito decidir, definitivamente, se mudar para o Brasil.

Em seu memorial, Eugênio Hirsch relata o encontro com Monteiro Lobato em Buenos Aires como uma casualidade, numa visita a uma exposição de arte. Diz que ficaram amigos e que, então, foi convidado por ele para vir para

São Paulo. No seu currículo, ele data o ano de 1955 como o da sua primeira viagem ao Brasil a convite do autor e editor. É também no ano de 1955 que ele relata a Ethel Leon (1991)¹ ter conhecido Monteiro Lobato. Contudo, este editor falecera antes, em 1948. Mariz (2005)² localiza o encontro entre os dois em 1946 e que esta aproximação surgiu porque o austríaco ilustrava obras do brasileiro na editora Codex, da Argentina. Sabe-se que E.H. morava em Buenos Aires no período em que M.L. “passou 12 meses na capital porteña, entre 1946 e 1947, [quando] tornou-se sócio de uma editora, publicou o livro infantil La Nueva Argentina e [que] após sua volta ao Brasil, continuou a negociar a publicação de suas obras” (Albieri, 2009)³. Esta pesquisadora estudou a trajetória de Lobato na Argentina, usando como fontes primárias parte de um acervo de cartas e de outros documentos relativos a intercâmbios mantidos pelo editor com intelectuais argentinos ao longo de sua vida, não constando em sua tese nenhuma menção a E.H.

É creditado a Monteiro Lobato o viés modernizador do livro brasileiro. Tinha interesse pelas artes, e chegou a ter alguma experiência em desenho e caricatura, mas lhe foi imposto estudar direito. Quando se tornou editor, na década de 1920, passou a tratar os livros como produtos de consumo, com capas coloridas e atraentes, e bem produzidos grafica-

mente. Num tempo em que não se designava profissionais como designers, vários artistas buscaram lugar (e remuneração) num espaço fluido entre arte, design gráfico e publicidade. Portinari, Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Djanira Lasar Segal, Ivan Serpa, Amílcar de Castro, Augusto Rodrigues, entre outros, tiveram atuação no mercado de livros. Neste contexto, embora não fosse o lugar comum, já se via sim concepções ousadas em capas de livros brasileiros da década de 1920, como Pau Brasil, de Oswald de Andrade (Tarsila do Amaral, 1925), ou Laranja da China, de Antônio de Alcântara Machado (Di Cavalcanti, 1928).

Entre os vários nomes da primeira geração que começou a (sistematicamente) modernizar a capa do livro brasileiro, é válido dizer que Tomás Santa Rosa (1906 – 1956) foi dos mais profícuos. Embora tenha tido atuação múltipla – crítico de arte, cenógrafo, pintor –, entra para o meio editorial na década de 1930, ilustrando capas para as editoras Schmidt e Ariel, até ser contratado em 1935, pelo editor José Olympio. Para Hallewell ⁴ (2005, p. 462), a José Olympio começa a se destacar, na década de 1930, “da insípida mediocridade dos concorrentes”, pois seu editor desde o início dedicou atenção ao projeto gráfico. Já Eugênio Hirsch se destacaria numa geração posterior, especificamente depois de 1959, quando começa sua marcante trajetória junto à Editora

¹ Leon, Ethel (1991) Eugênio Hirsch, o cigano das capas. **Design & Interiores**, São Paulo, n.25, p. 111-114, jul/ago 1991.

² Mariz, Ana Sophia (2005). **Editora Civilização Brasileira: O design gráfico de um projeto editorial** (1959-1970). Dissertação (Mestrado em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

³ Albieri, Thaís de Mattos (2009). **São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina**. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

⁴ Hallewell, Laurence (2005) **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: Edusp

Civilização Brasileira, de Ênio Silveira – um dos mais importantes editores brasileiros de seu tempo, que lhe deu total liberdade de expressão. Muito especialmente por seu trabalho inaugural ter sido a capa de Lolita, um romance que gerou furor no mercado internacional por envolver o tema da pedofilia. A concepção gráfica de E.H. privilegiou o branco, fundiu o título com a ilustração e deslocou o nome do autor para uma incômoda diagonal que seguia o desenho da letra L. Apesar de Vladimir Nabokov, ser então um autor completamente desconhecido no Brasil, a tiragem inicial teve 60.000 exemplares (esgotada em menos de um ano), graças a uma ação inédita para este mercado – uma intensa campanha publicitária. Anos depois, Hirsch começaria sua profícua colaboração com outra das mais importantes casas editoriais brasileiras – a mesma José Olympio de Santa Rosa – da qual disse ser expulso, em 1973, por estar bêbado. Mas foi pelo conjunto de capas da Civilização Brasileira que ganhou o Prêmio Jabuti de 1960. Para Machado ⁵ (2007, p. 552), desde os anos 1940, a Civilização Brasileira, seguindo o ritmo da época, vinha crescendo, aprimorando suas edições e contratando novos capistas, em busca de uma fisionomia própria e inconfundível para seus livros, o que só aconteceria com a contratação de Eugênio Hirsch.

Tanto os trabalhos de Santa Rosa, quanto os de Hirsch, apresentavam peculiaridades bastante próprias que os fizeram nomes principais da história da capa de livro brasileira. No trabalho do primeiro, é possível ver características modernistas, absorvidas do contato com as vanguardas europeias, como o cubismo e o surrealismo, ao mesmo tempo em que se percebe a influência estética do regionalismo brasileiro. Mas, de certa forma, suas primeiras capas respeitavam uma diagramação clássica, caracterizando-se pela ilustração ocupando a parte central da capa, com informações tipográficas (como título, autor e editora) posicionadas em cima e em baixo das mesmas, quase sempre centralizadas. Já Eugênio Hirsch é considerado o primeiro artista a integrar ilustração e tipografia na capa de livro e estes elementos com o conceito da narrativa da obra. Às vezes deformava, às vezes apenas sugeria. Preferia agredir a agradar – e este foi seu lema insistentemente repetido.

Ainda no mercado editorial, destacam-se outros projetos gráficos de E. H., como o da revista Pif Paf e o da coleção El mundo de los museus, além das ilustrações para edições americanas da revista Playboy. A primeira foi uma revista de humor e crítica política criada por Milôr Fernandes, com a colaboração de Ziraldo, Jaguar, Stanislaw Ponte Preta, entre outros, que existiu por

⁵ Machado, Ubiratan (2007). *A capa do livro brasileiro: 1820 – 1950*. São Paulo: Ateliê Editorial; SESI-SP.

apenas oito números, entre maio e agosto de 1964. A coleção foi um conjunto de volumes em grande formato, cada um dedicado a um museu renomado do mundo, publicados entre 1966 e 1970 pela editora espanhola Codex.

Sua diversificada atuação profissional inclui também agências de propaganda, shows musicais e até programa de televisão. Em 1973 tem uma passagem pela AG Comunicação Visual, e ao longo dos anos 1970 e 1980 colabora com mais outras editoras, como Rocco, Record e Alambra, além das já citadas Civilização Brasileira e José Olympio. Também atuou como diretor de arte e fotógrafo na Midas Propaganda de Abraham Medina (pai de Roberto Medina).

O currículo de E.H. termina com sua colaboração com a editora AC&M: “Hoje trabalho com a maior editora ecológica do Brasil, He-loisa Helena Santos Pereira, com a qual temos feito livros maravilhosos” (Mata Atlântica, Pantanal, Chapada Diamantina, Vale do Jequitinhonha, entre outros). Segundo ele próprio, casou e se divorciou sete vezes e teve dois filhos que viviam em Barcelona, mas termina a vida solitário e deprimido. O acervo que chegou às nossas mãos foi salvo de seus rompantes de colocar fogo nos trabalhos que ainda lhe restavam.

Isabella Perrotta

Mirella de Menezes Migliari

Portfólio



Eugênio Hirsch em 1981,
fotógrafo não identificado

s.d.

Emília, personagem de Monteiro Lobato

Acervo Arthur dos Santos Camargo.

Esta ilustração da Emília nunca foi publicada, porque não teria sido aprovado pela editora do autor. Segundo Arthur, que ganhou o desenho do amigo Eugênio, o artista teria feito o trabalho quando morou na casa de Monteiro Lobato, em São Paulo, ao chegar da Argentina. Como dito no texto de apresentação de E.H., a data do encontro do artista com Lobato, em Buenos Aires, e da vinda do artista para o Brasil é imprecisa. Para Mariz (2005), Monteiro Lobato teria feito planos de trazer o artista ao Brasil justamente para que ilustrasse sua obra *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, mas faleceu antes disso.



Civilização Brasileira

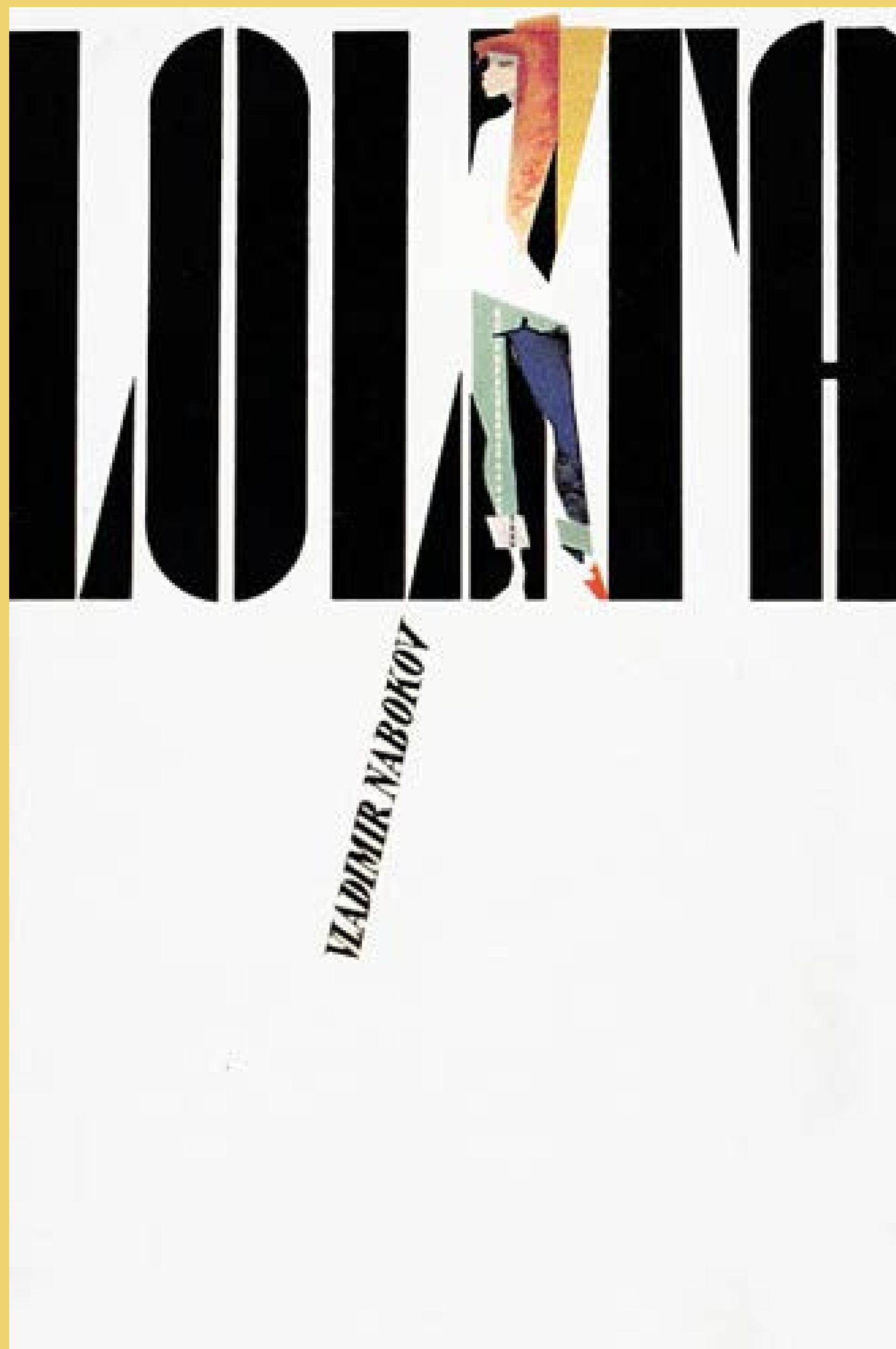
Fundada em 1932 por Getúlio Costa, a Civilização Brasileira rapidamente se consolidou como uma das editoras mais influentes do Brasil, especialmente no campo das ciências humanas, literatura e pensamento político. Ao longo das décadas, tornou-se sinônimo de resistência intelectual, abrigando obras que desafiavam o status quo e promoviam o debate crítico. Durante o período da ditadura militar, sob a direção de Ênio Silveira, a editora desempenhou um papel crucial ao publicar autores censurados e textos que confrontavam o autoritarismo, tornando-se um verdadeiro bastião da liberdade de expressão.

A Civilização Brasileira foi responsável por introduzir ao público brasileiro nomes fundamentais da literatura mundial, como Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Bertolt Brecht, além

de dar espaço a vozes nacionais como Darcy Ribeiro, Celso Furtado e Ferreira Gullar. Seu catálogo refletia um compromisso com a formação de um pensamento crítico e plural, promovendo o diálogo entre diferentes correntes ideológicas e estéticas. A editora não apenas publicava livros, mas também fomentava uma cultura de engajamento político e social, tornando-se referência para intelectuais, estudantes e militantes.

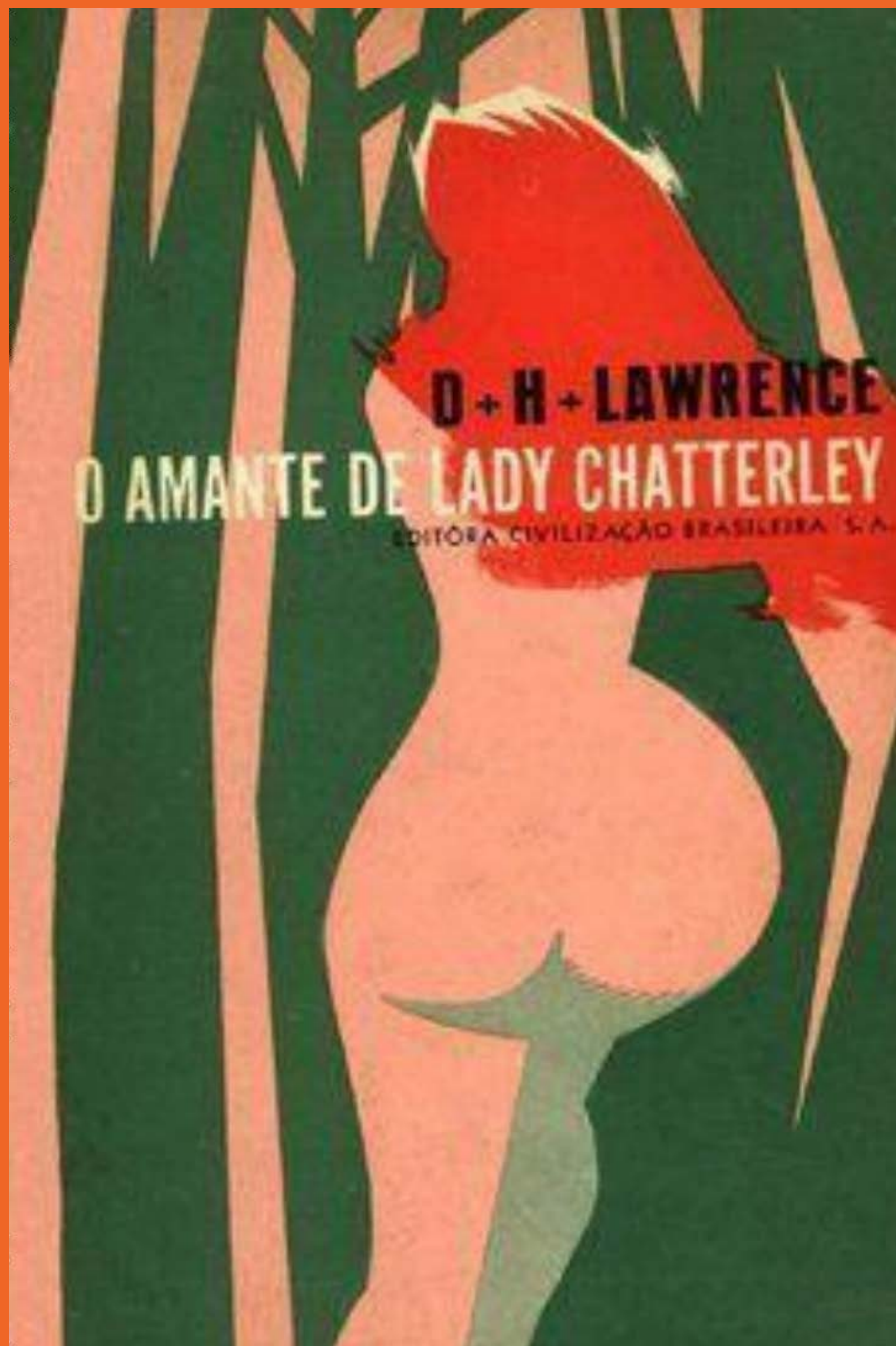
Mesmo com as transformações do mercado editorial e os desafios econômicos enfrentados ao longo do tempo, a Civilização Brasileira manteve sua relevância, adaptando-se sem abrir mão de sua identidade. Seu legado permanece vivo na memória cultural do país, como símbolo de coragem editorial e compromisso com a democratização do conhecimento.





1959
Lolita
Vladimir Nabokov

Esta é a obra inaugural do trabalho de E.H. na Civilização, e também a mais emblemática. Conceitualmente, a capa dialoga de forma provocativa com o tema da pedofilia, sem recorrer a imagens explícitas, mas sugerindo inquietação na ilustração provocativa da figura feminina. Do ponto de vista gráfico, a composição sai fora dos padrões hierárquicos que destacam o nome do autor ou o título do livro (dependendo do que é mais importante) e gera uma impressão forte, imediata e desconcertante, seja pelo desenho da tipografia, pela intrínseca relação desta com a ilustração, pela incômoda diagonal do nome do autor ou pela grande área branca. Áreas vazias, não necessariamente brancas, serão recorrentes em muitas capas de E.H.



1959

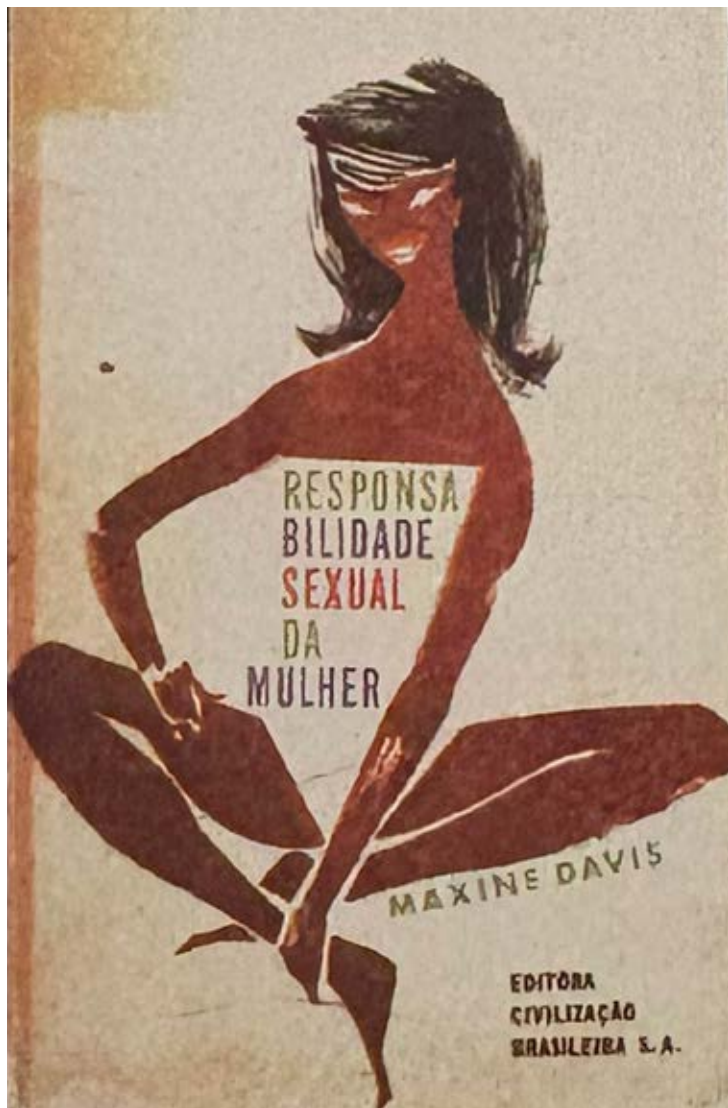
O Amante de Lady Chatterley
D.H. Lawrence

O Violão de Lawrence

A Civilização Brasileira acaba de lançar a edição de *O Amante de Lady Chatterley*, para a qual Eugênio Hirsch criou uma capa de realismo curvilíneo que está dando o que falar. (Coluna Flagrantes de J. J. & J./ *Correio da Manhã*, 16 de janeiro de 1960)

Como E.H. mesmo disse: “É o primeiro bumbum feminino em capa de livro brasileiro” (Revista *Design & Interiores*, nº 25, junho/agosto 1991).

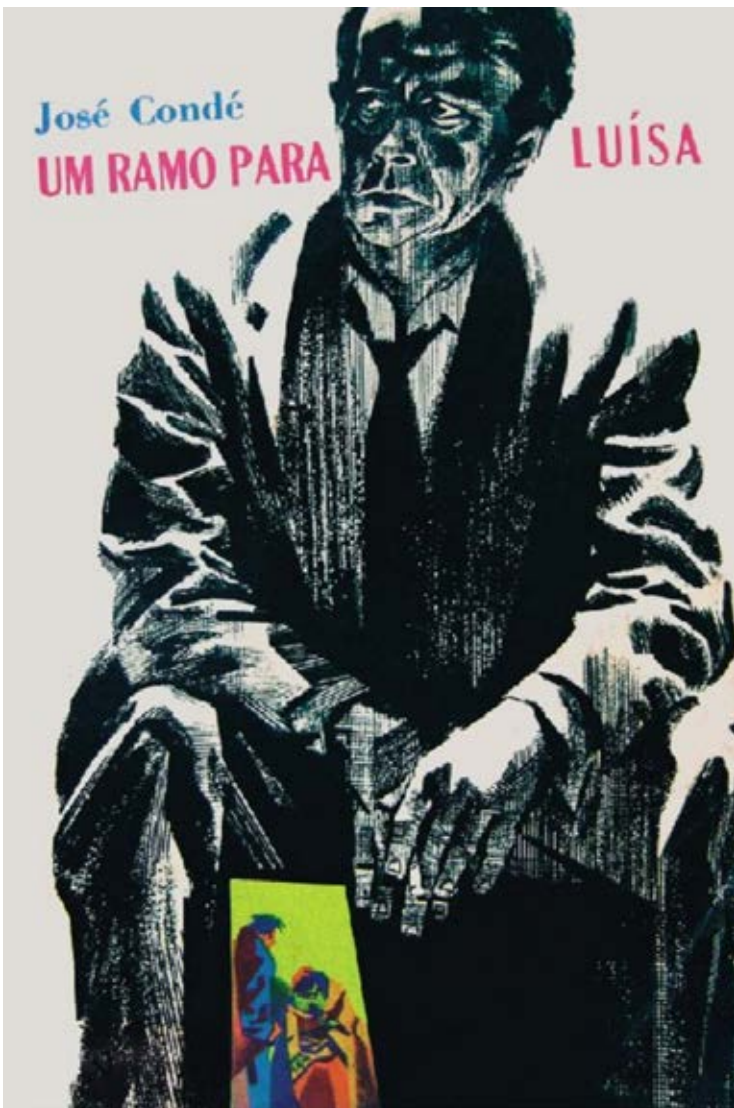
Uma outra capa (menos disruptiva), desta mesma obra, foi criada por E.H. para a edição de 1966 – que pode ser vista na página 52 deste catálogo.



[1]



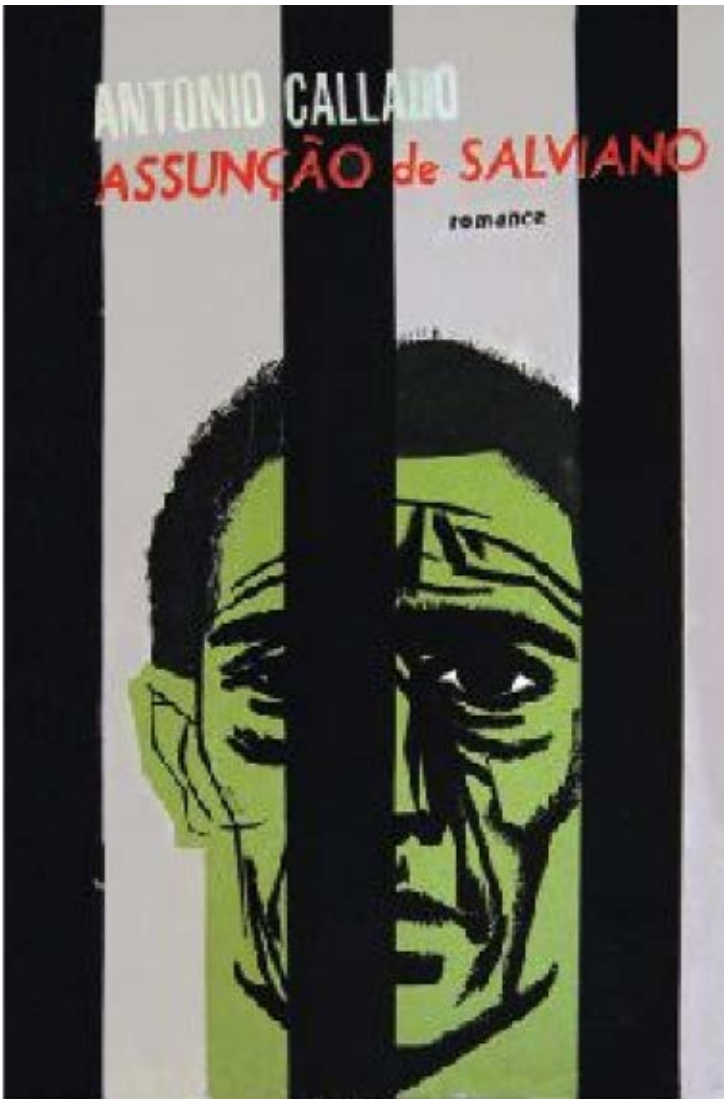
[2]



[3]



[4]



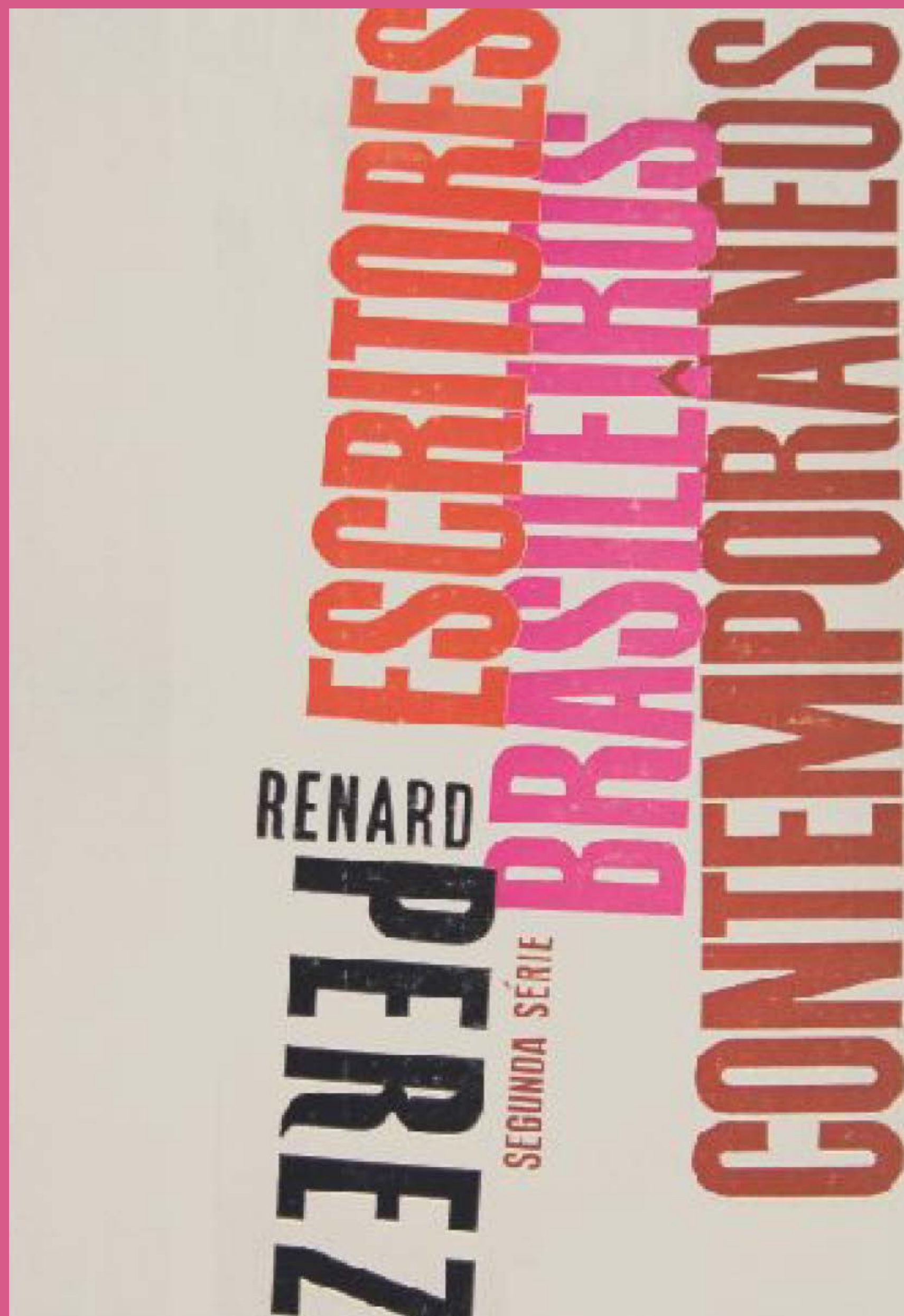
[5]



[6]

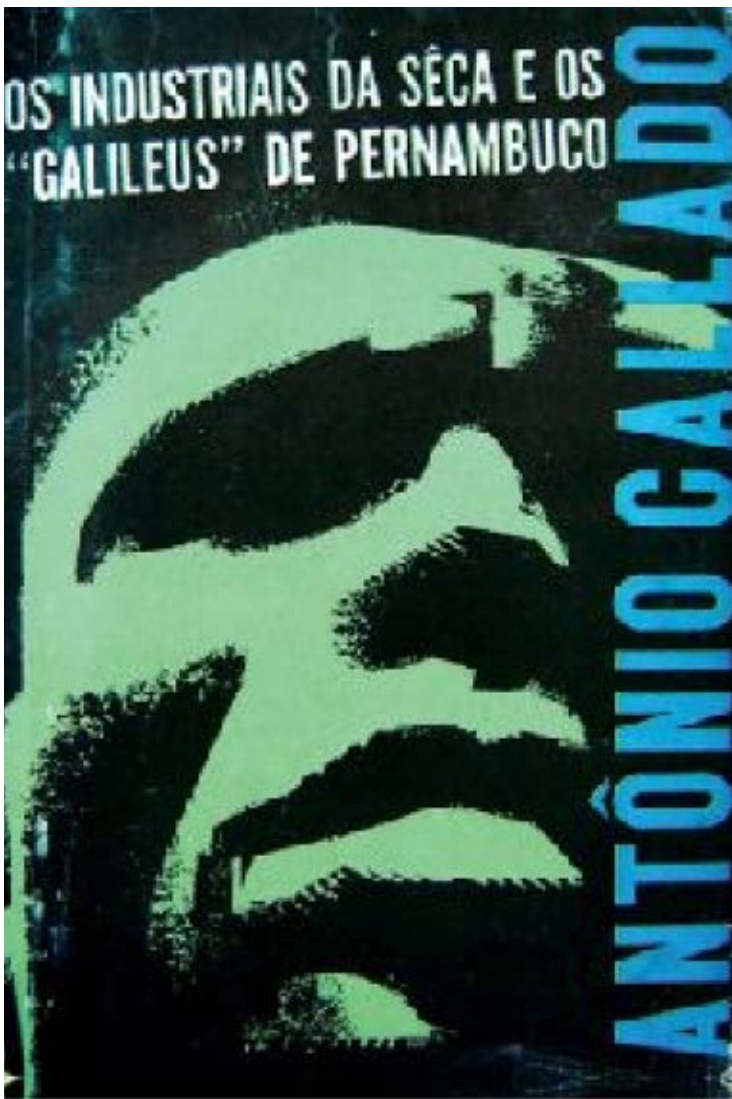
[1]	Responsabilidade sexual da mulher Maxine Davis	1959
[2]	O crepúsculo de um romance Graham Greene	1960
[3]	Um ramo para Luísa José Condé	1960
[4]	Quem perde ganha Graham Greene	1960
[5]	Assunção de Salviano Antonio Callado	1960
[6]	O arquipélago da morte Russel Foreman	1960

Agredir e não agradar – esse era o lema de Hirsch. No grupo de capas consecutivas à Lolita – algumas do mesmo ano de 1959, outras do ano seguinte –, observa-se o uso das informações tipográficas fora dos alinhamentos ortogonais tradicionais, rostos estampados em traços agressivos (uma característica do desenho do artista) capas [3] e [5] e a exacerbação do erotismo feminino (outra característica recorrente) nas capas [1], [2] e [6]. O livro *Responsabilidade sexual da mulher* voltará a ser editado, poucos anos depois, pela coleção Biblioteca Universal Popular da mesma editora, então com ilustração fotográfica em alto contraste.

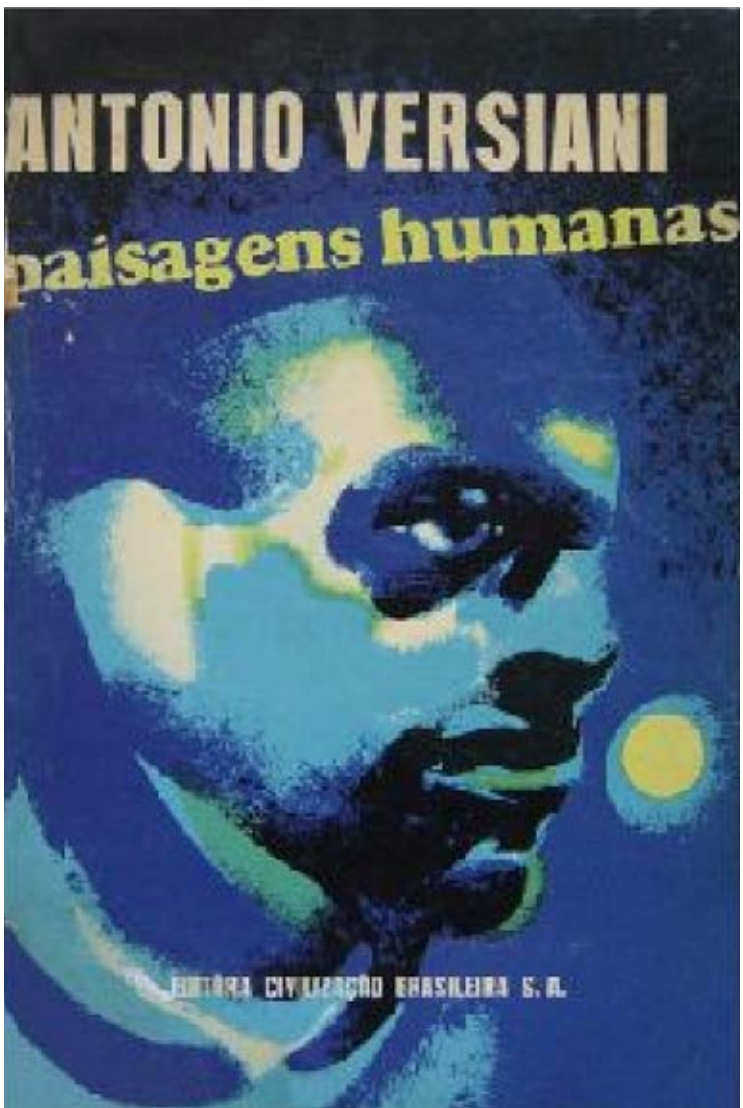


1960
Escritores brasileiros
contemporâneos
Renard Perez

[1]	Os industriais da seca e os “Galileus” de Pernambuco Antonio Callado	1960
[2]	Paisagens humanas Antonio Versiani	1960
[3]	A promessa Fredrich Dürrenmatt	1961
[4]	Coração, cabeça e estômago Camilo Castelo Branco	1961
[5]	Informação ao crucificado Carlos Heitor Cony	1961
[6]	Meu encontro com deus Giovanni Papini	1961



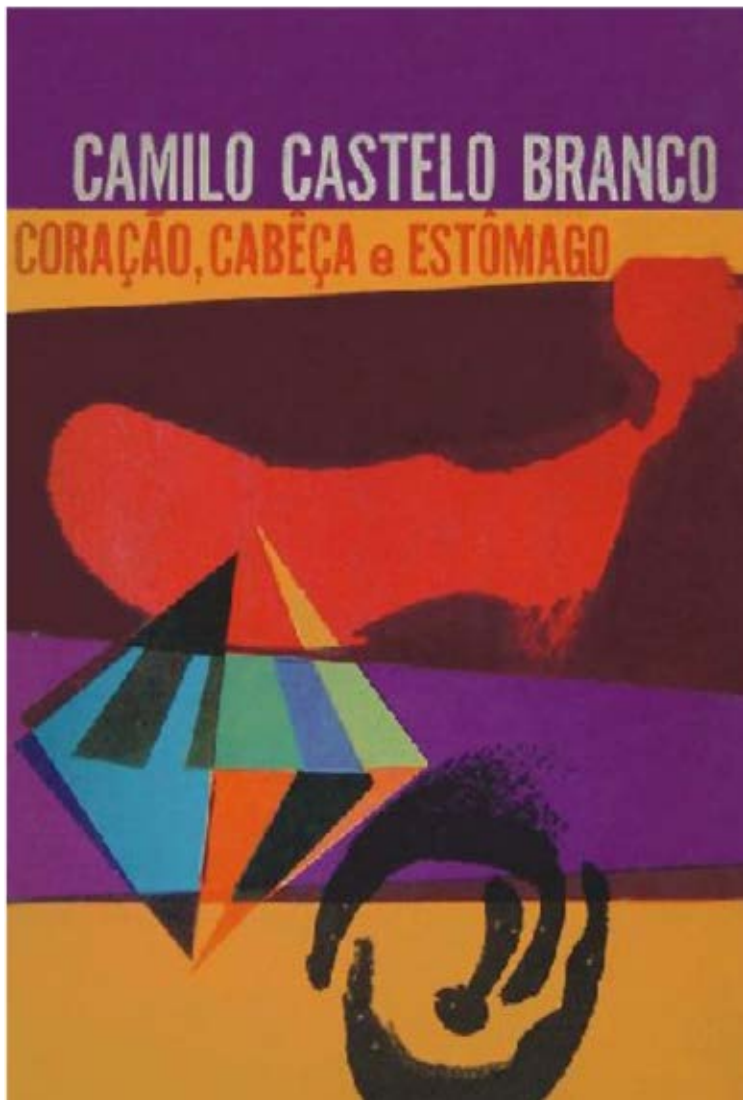
[1]



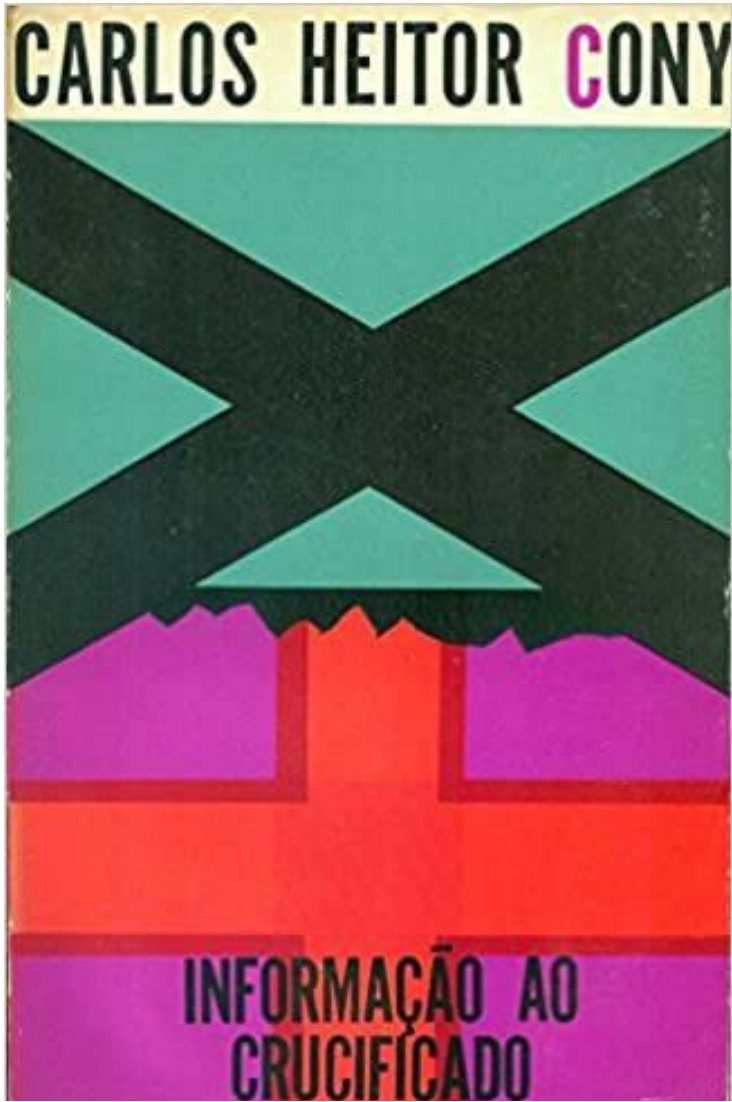
[2]



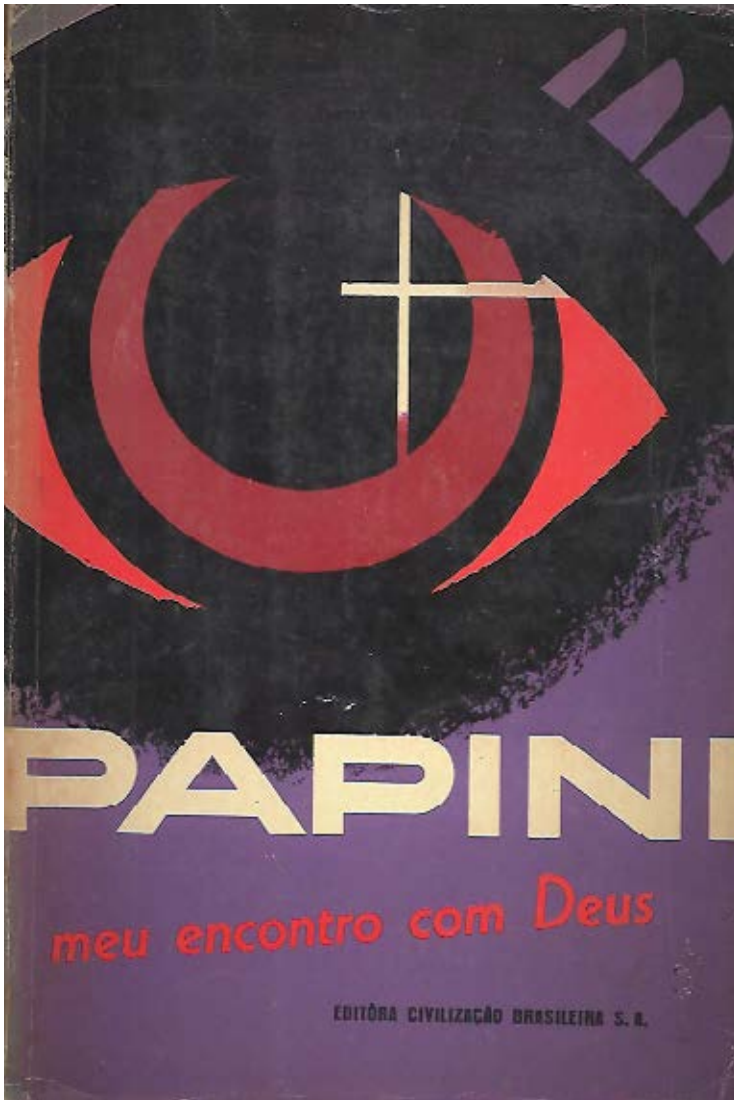
[3]



[4]

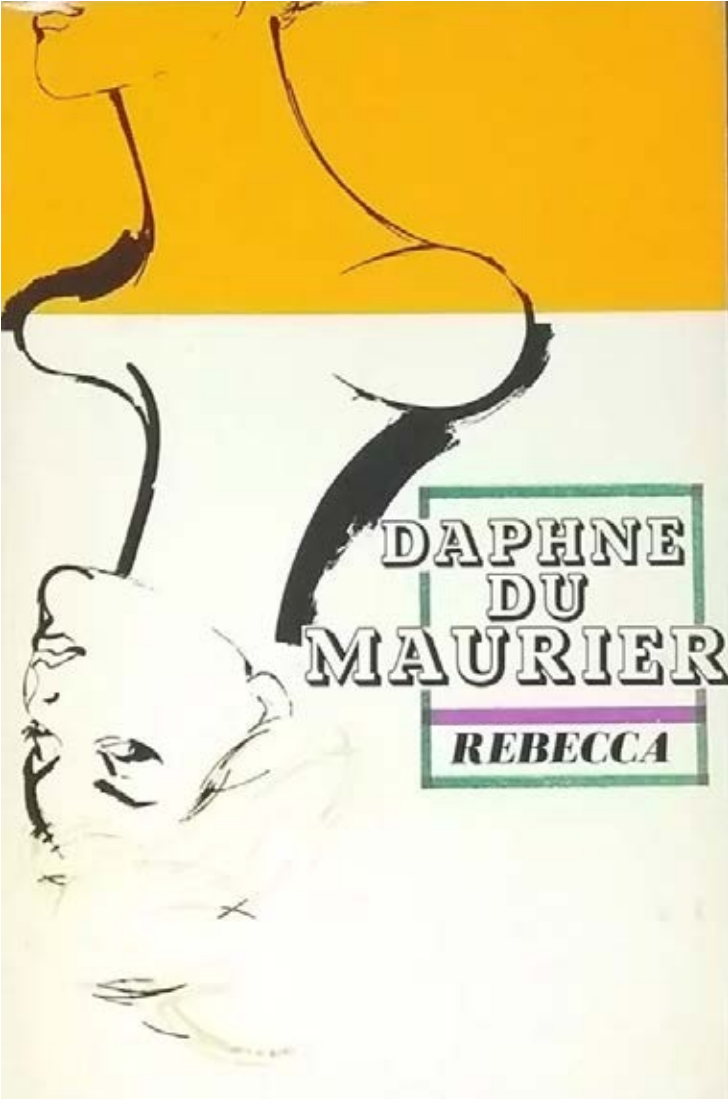


[5]

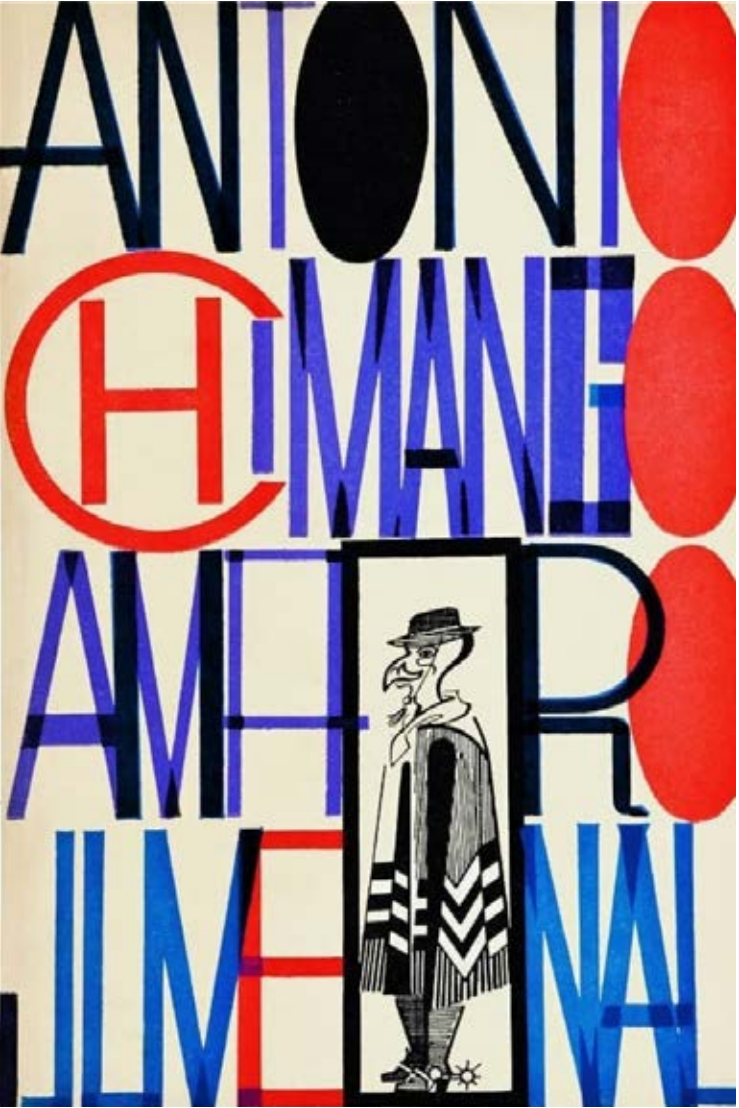


[6]

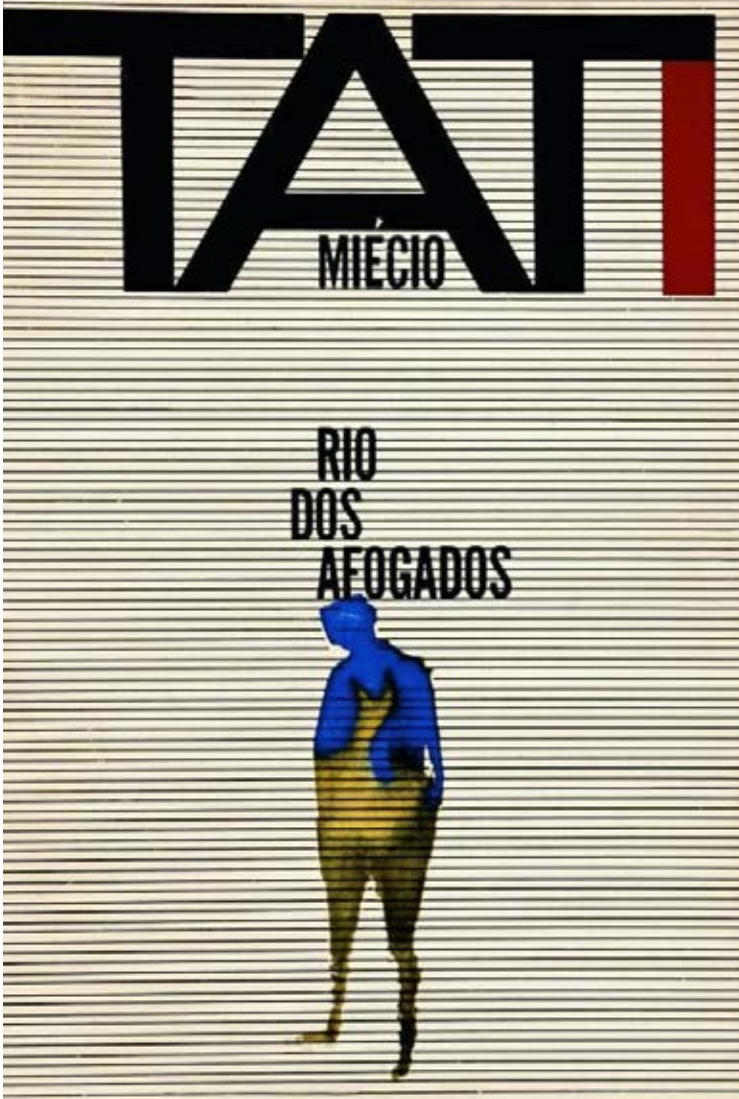
[1]	Rebecca Daphne du Maurier	1961
[2]	Amaro juvenil Poemeto Campestre Antonio Chimango	1961
[3]	Rio dos afogados Tati Miécio	1961
[4]	O homem que matava quadros Luiz Lopes Coelho	1961
[5]	Vaca de nariz sutil Campos de Carvalho	1961
[6]	Sexo e amor Claudio de Araujo Lima	1961



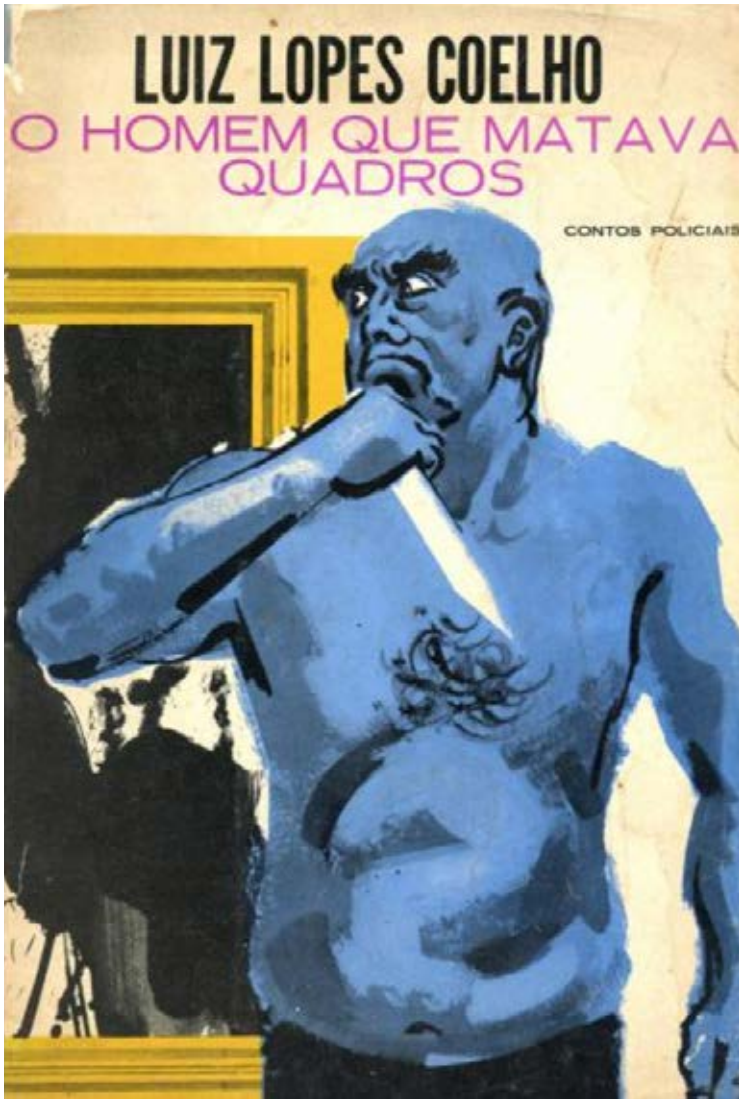
[1]



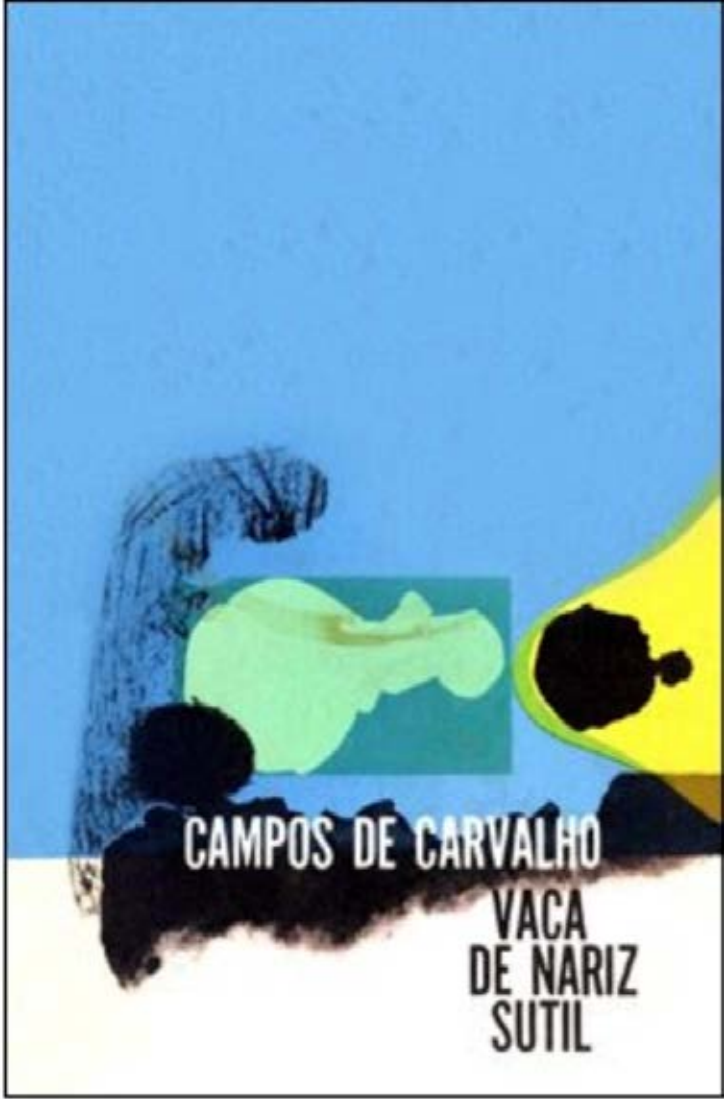
[2]



[3]



[4]



[5]



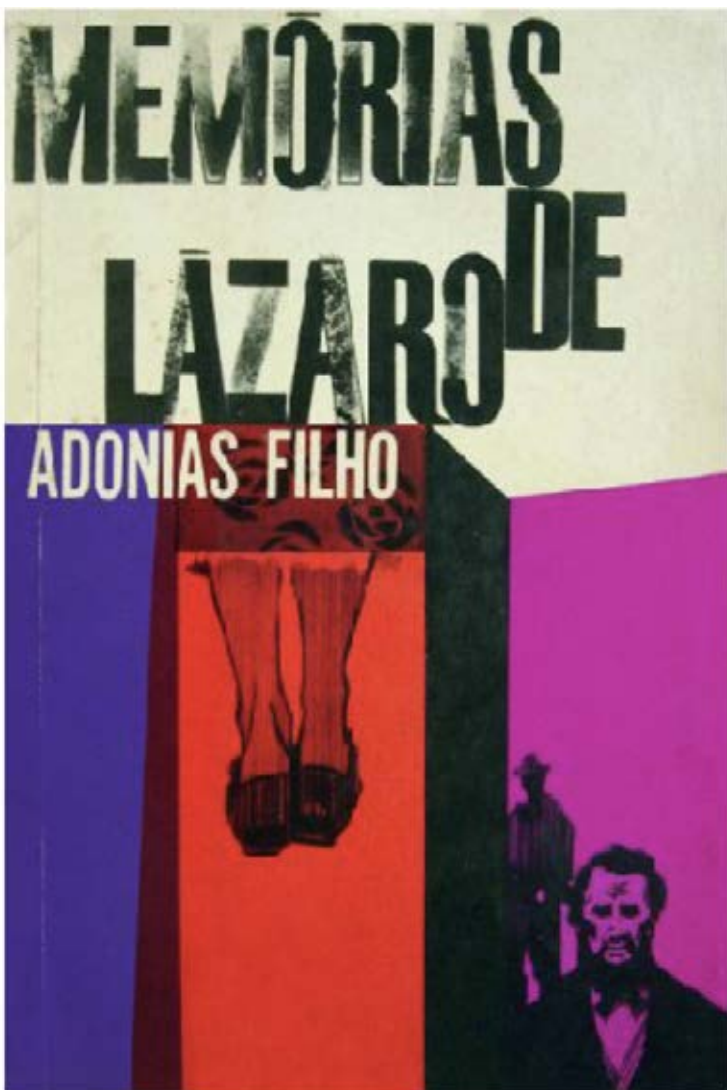
[6]

Ainda que o conjunto de capas seja completamente autoral, chama a atenção a inexistência de um estilo facilmente descritível. Alguns layouts são tomados de elementos, outros formatados no desequilíbrio do espaço vazio. Algumas capas chamam a atenção pelo traço manual, outras exibem reproduções fotomecânicas.

Nas páginas seguintes, outras capas continuam a exibir o desalinhamento das tiras de composição tipográfica, lembrando as colagens dadaístas, ao mesmo tempo em que as experimentações gestuais borradas remetem ao expressionismo abstrato.



[1]



[2]



[3]

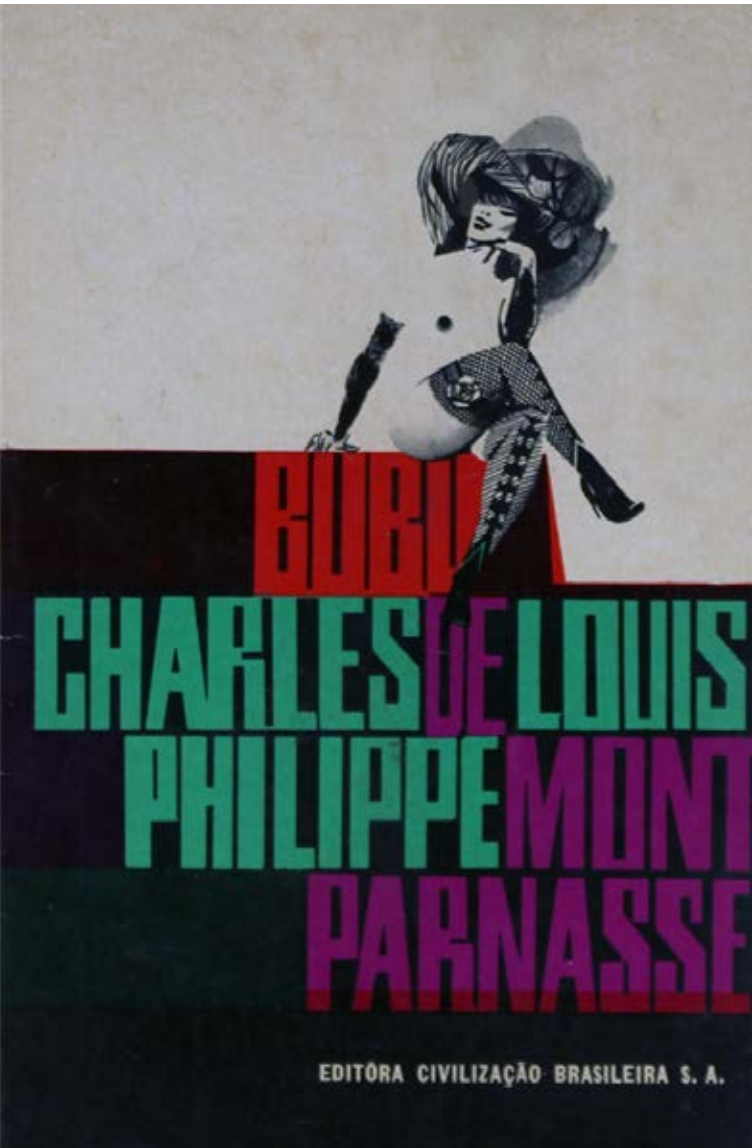


[4]

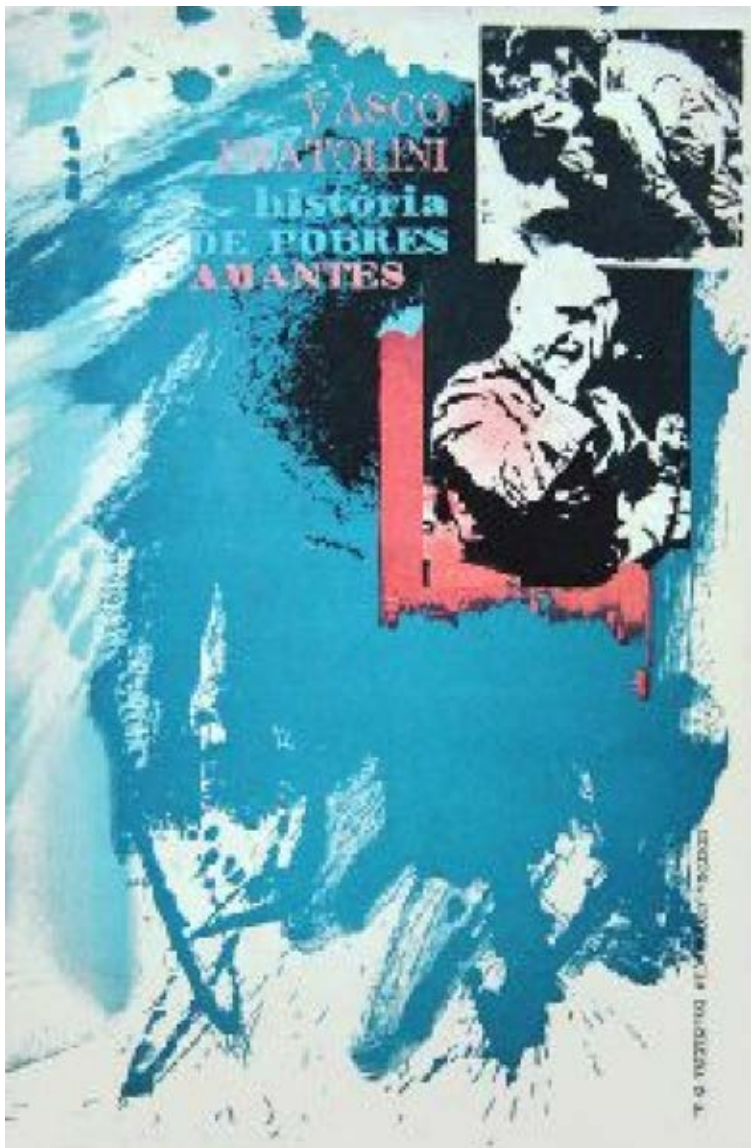
Na imagem [3] a Coleção Retratos do Brasil foi representada apenas com um selo, assim como na imagem [4] a coleção Biblioteca do Leitor Moderno foi representada apenas com um logotipo, diferente de outras que tinham projeto gráfico unificado para todas as capas. Chama-se a atenção para o pequeno detalhe da representação da sombra de uma porta aberta.

[1]	O fiel e a pedra Osman Lins	1961
[2]	Memórias de Lázaro Adonias Filho	1961
[3]	Duas arquiteturas no Brasil Benjamin de A. Carvalho	1961
[4]	As portas da percepção; O céu e o inferno Aldous Huxley	1961

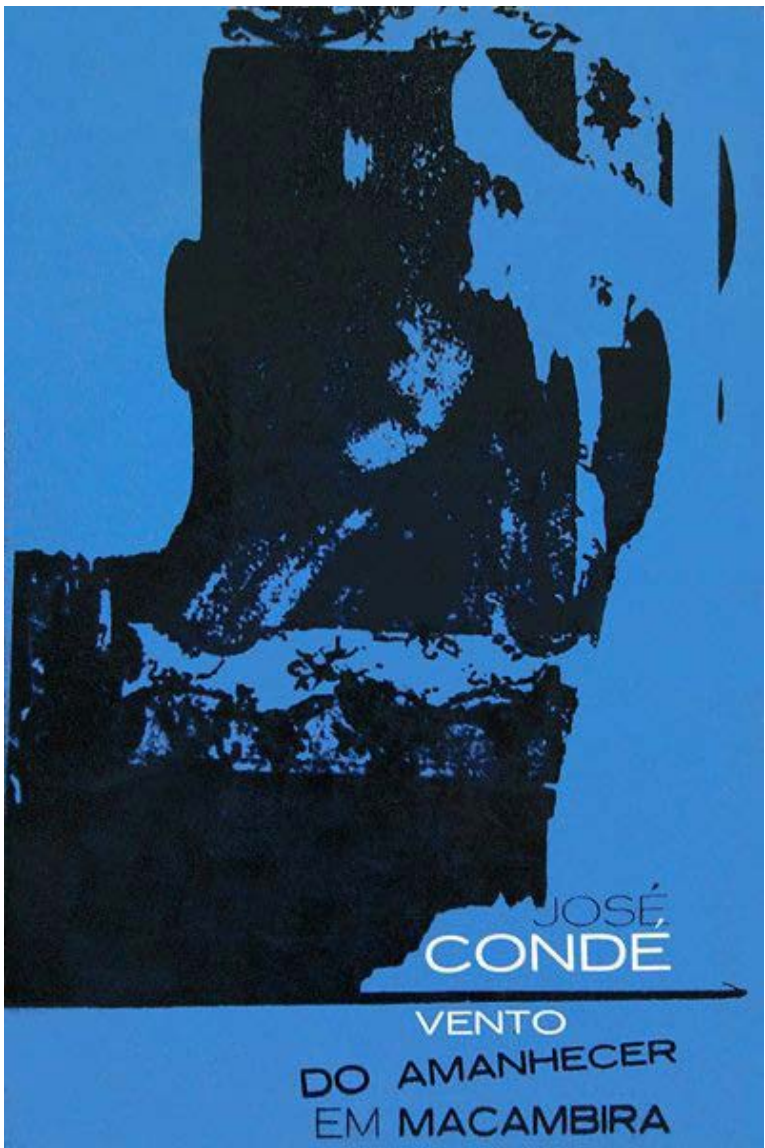
[1]



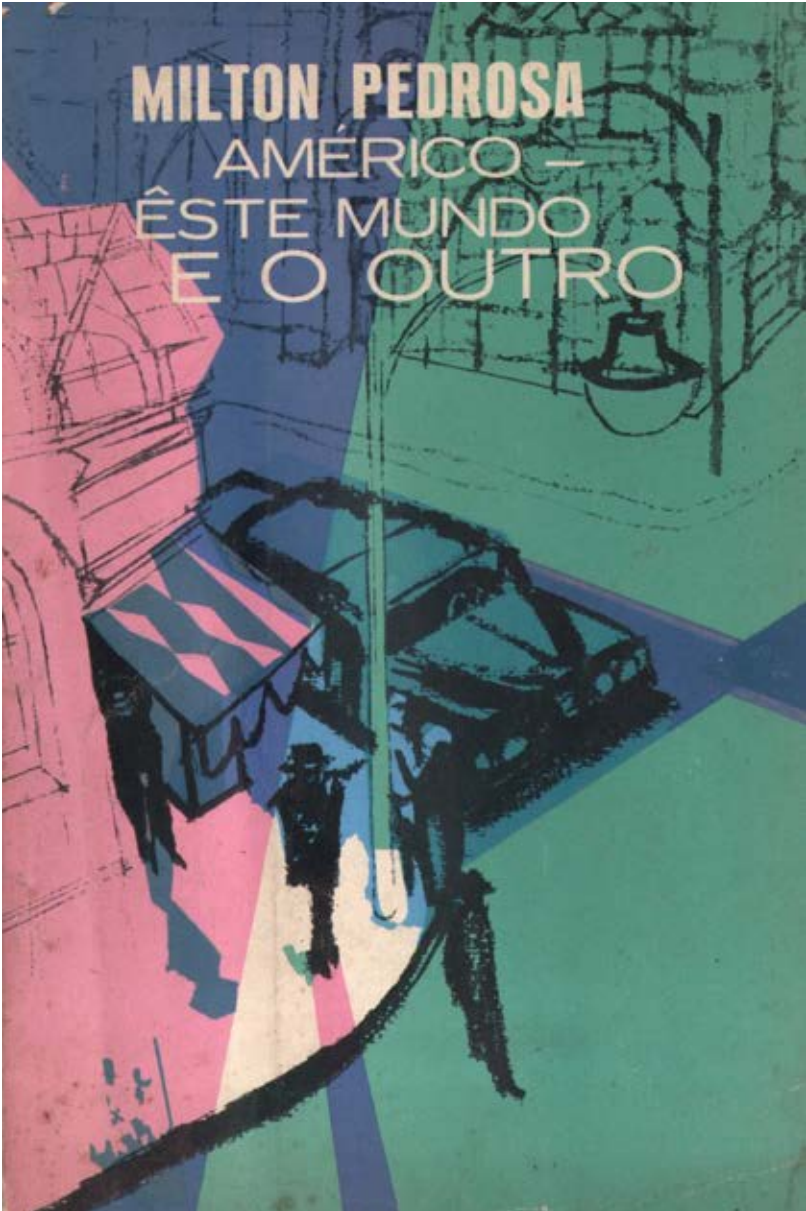
[2]



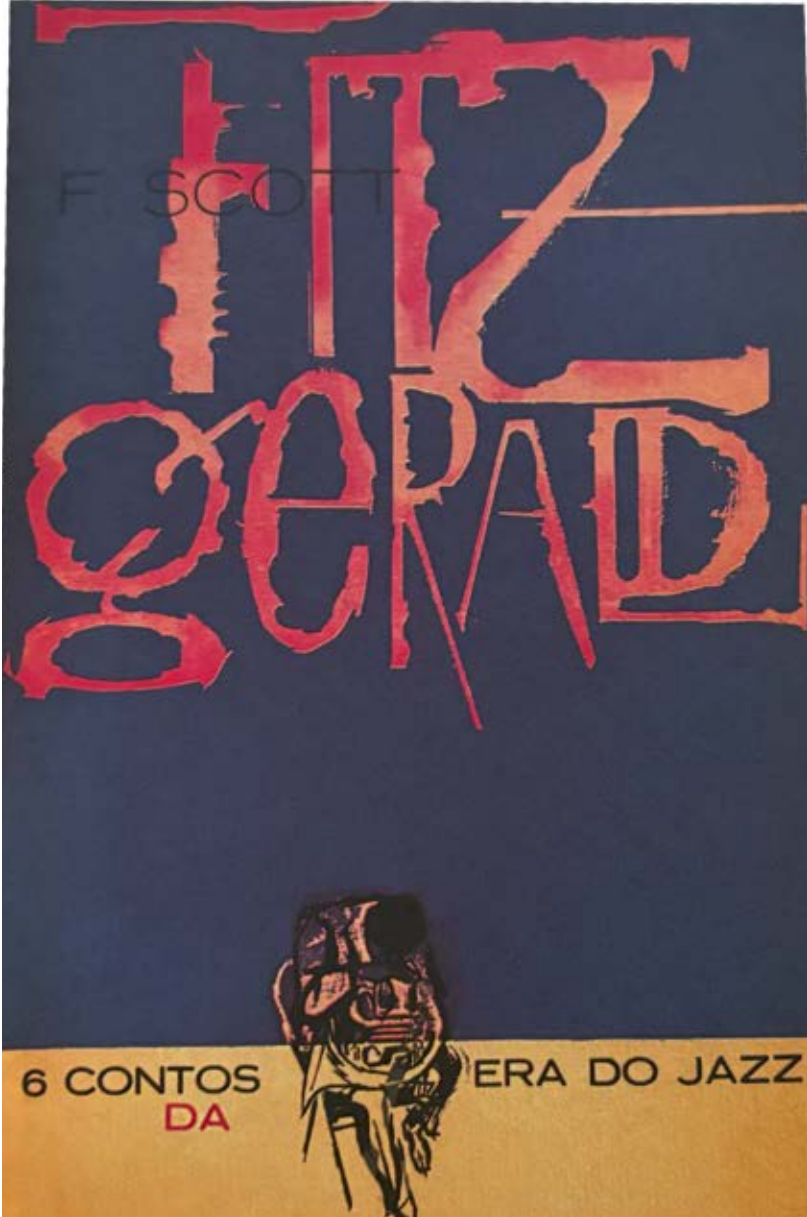
[3]



[4]



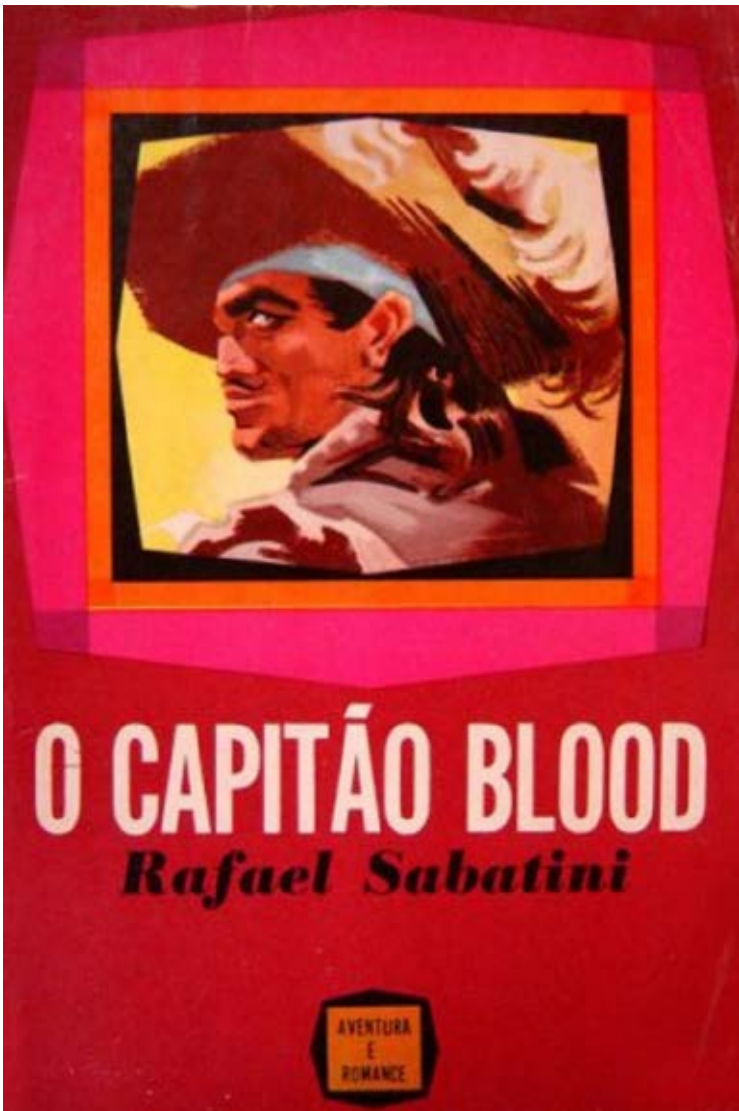
[5]



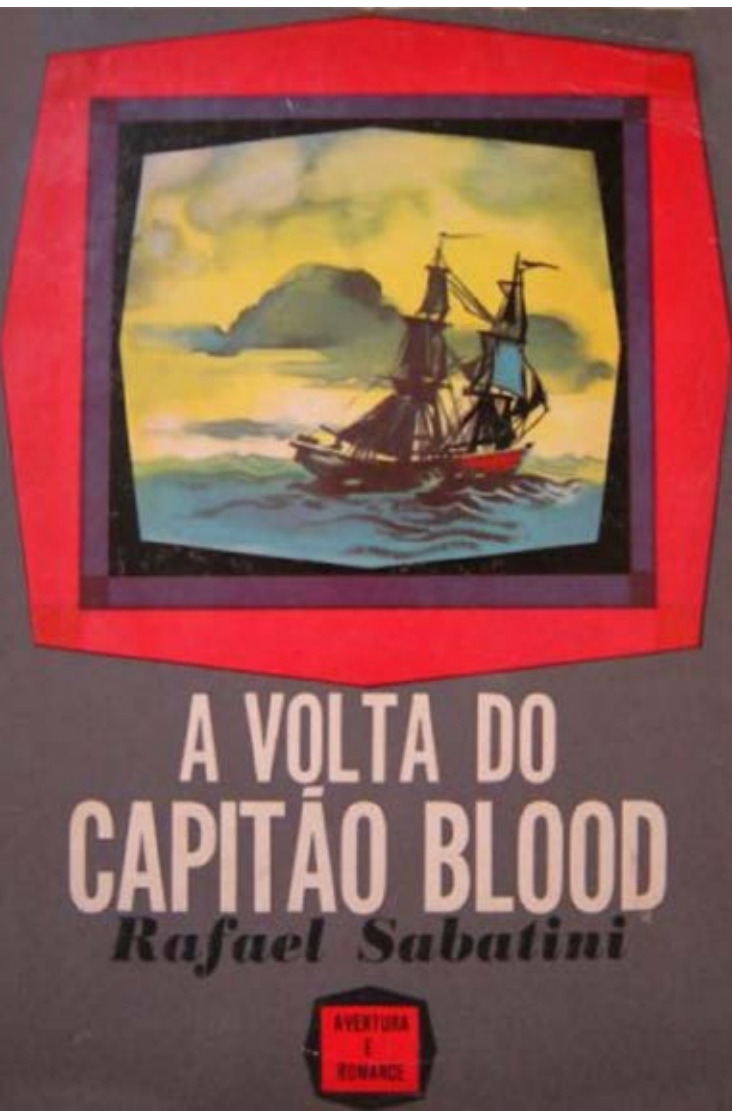
[6]



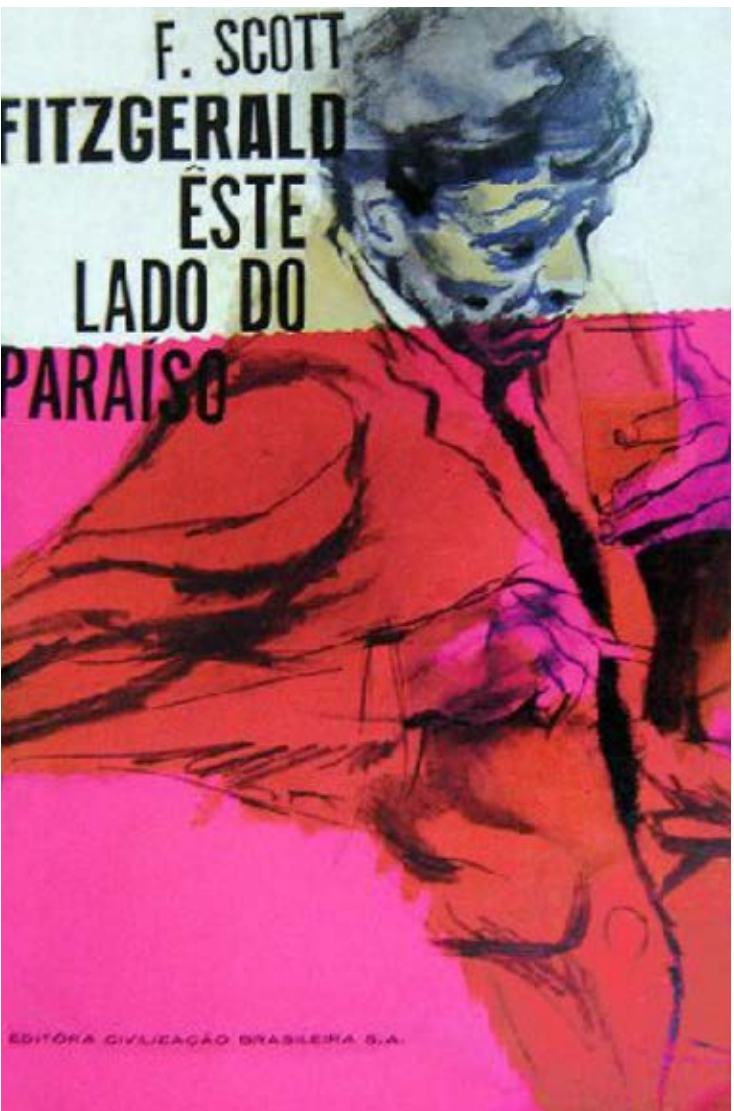
[1]	Bubu de Montparnasse Charles-Louis Philippe	1962
[2]	A história de pobres amantes Vasco Pratolini	1962
[3]	Vento do amanhecer em Macambira José Condé	1962
[4]	Américo - Estê mundo e o outro Milton Pessoa	1962
[5]	6 contos da era do Jazz F. Scott Fitz Gerald	1962
[6]	Matéria de memória Carlos Heitor Cony	1962



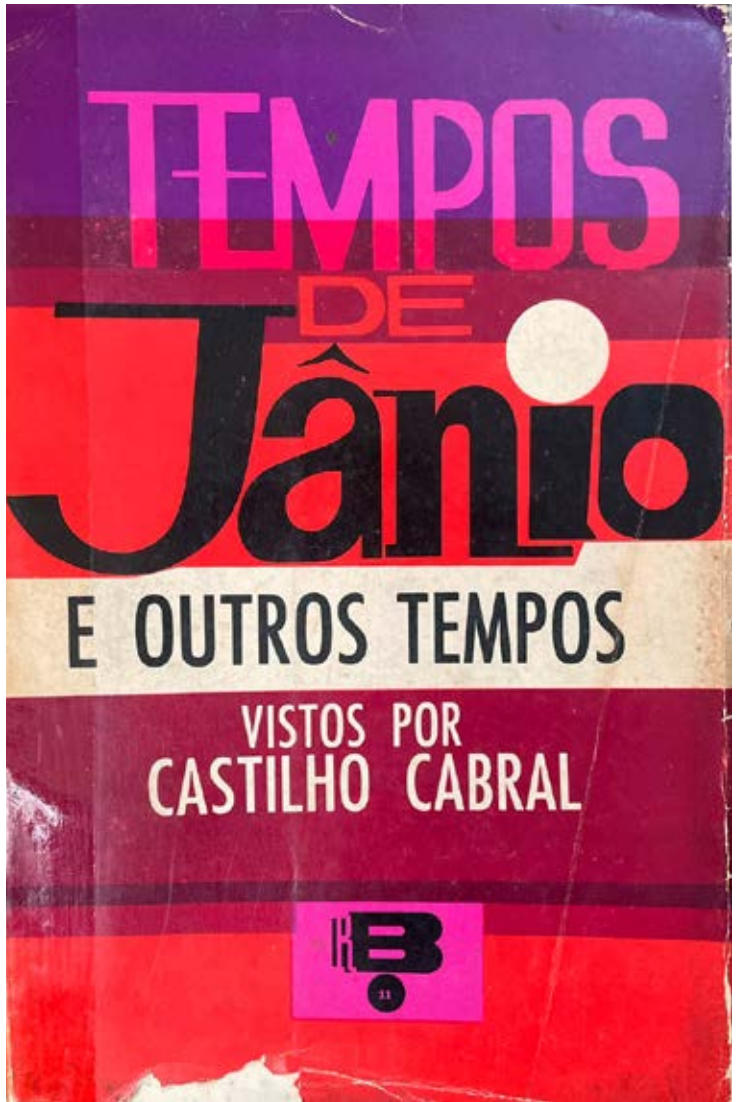
[1]



[2]



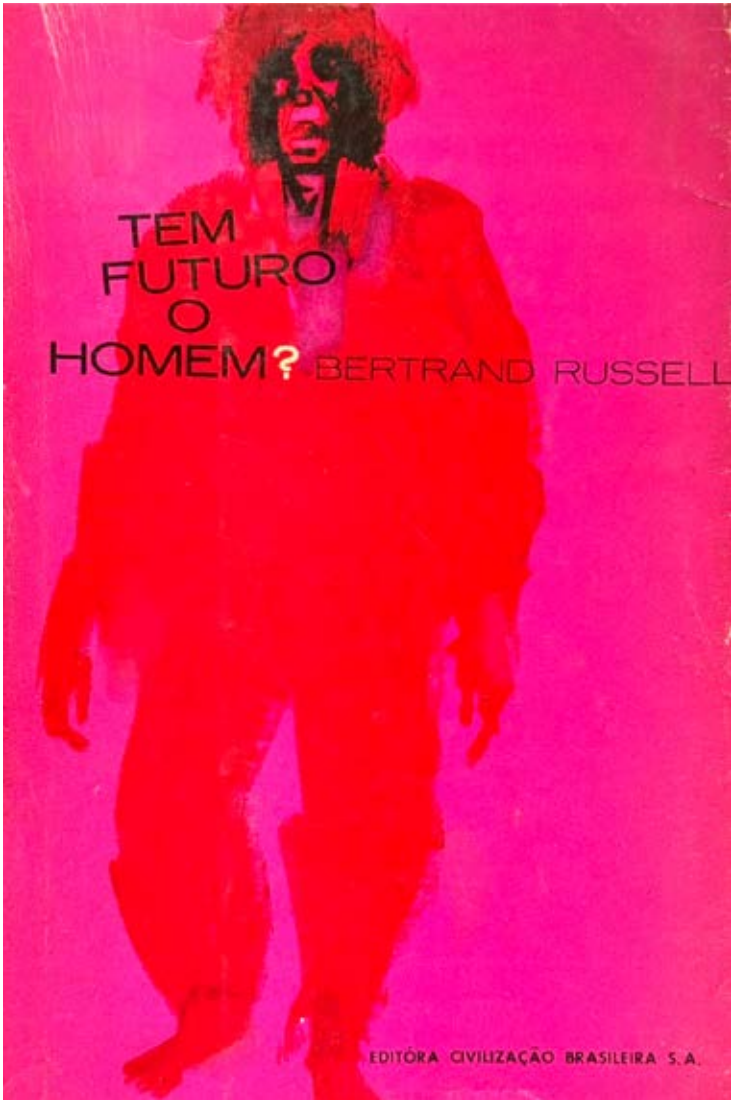
[3]



[4]



[5]

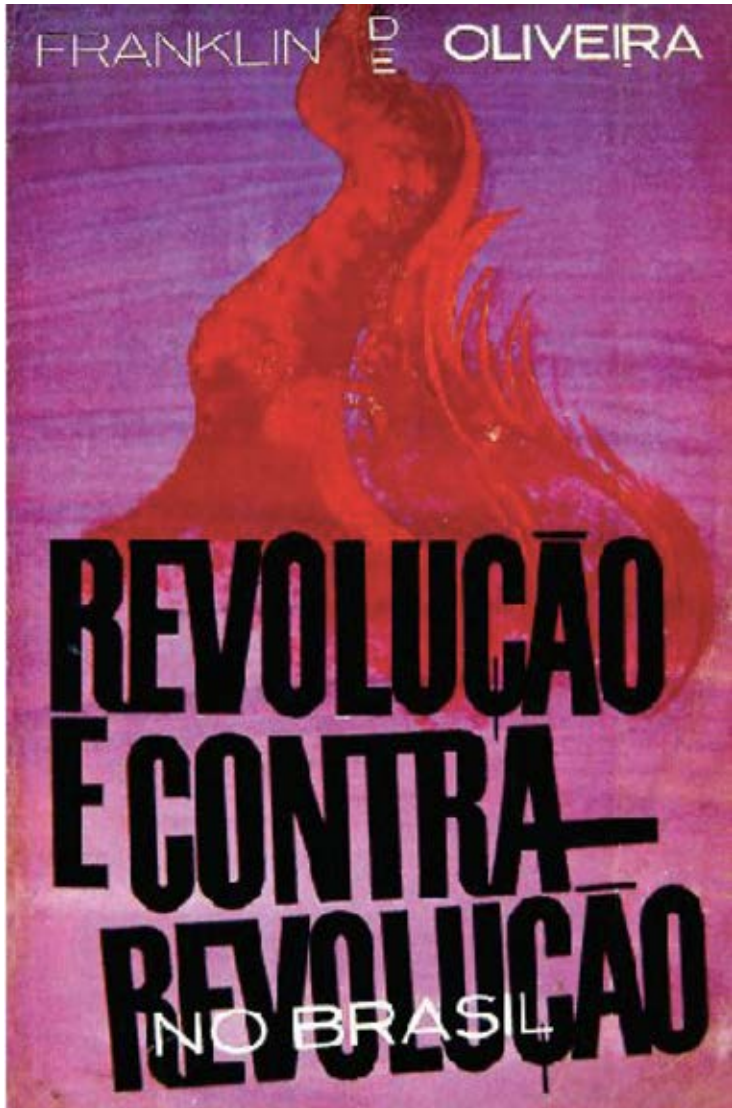


[6]

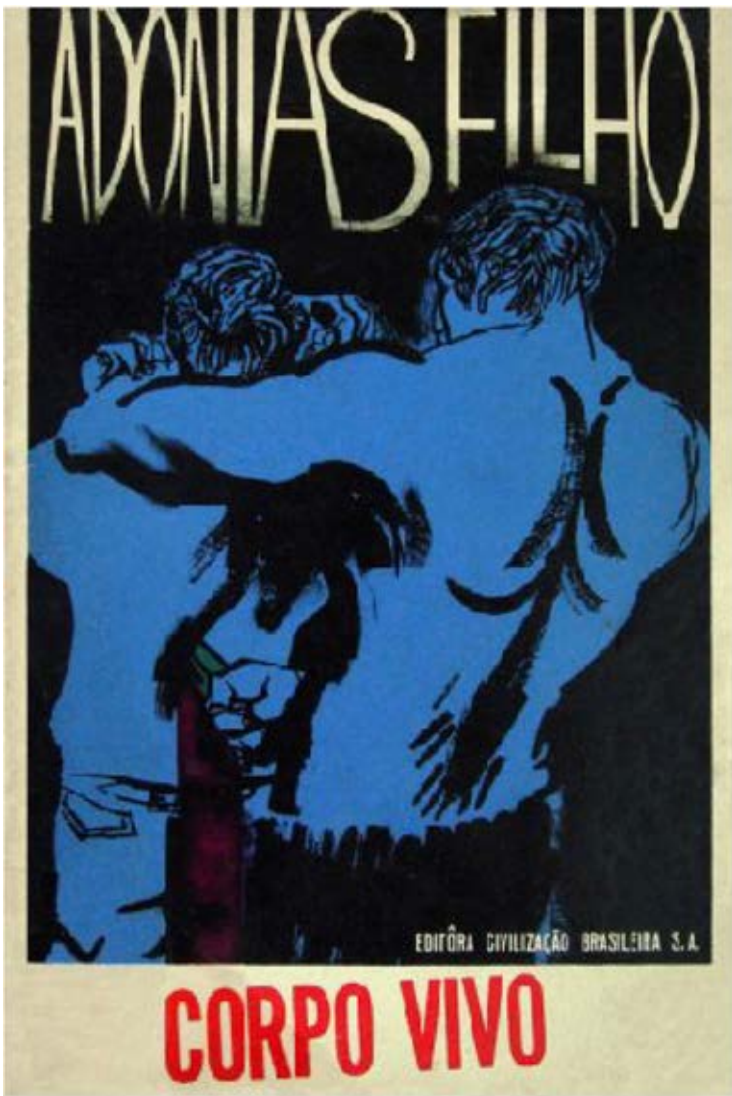
[1]	O capitão Blood Rafael Sabatini	1962
[2]	A volta do capitão Blood Rafael Sabatini	1962
[3]	Êste lado do paraíso F. Scott Fitz Gerald	1962
[4]	Tempos de Jânio e outros tempos Castilho Cabral	1962
[5]	Tóia Vianna Moog	1962
[6]	Tem futuro o homem? Bertrand Russell	1962



1962
O gênio e a deusa
Aldous Huxley



[1]



[2]



[3]



[4]

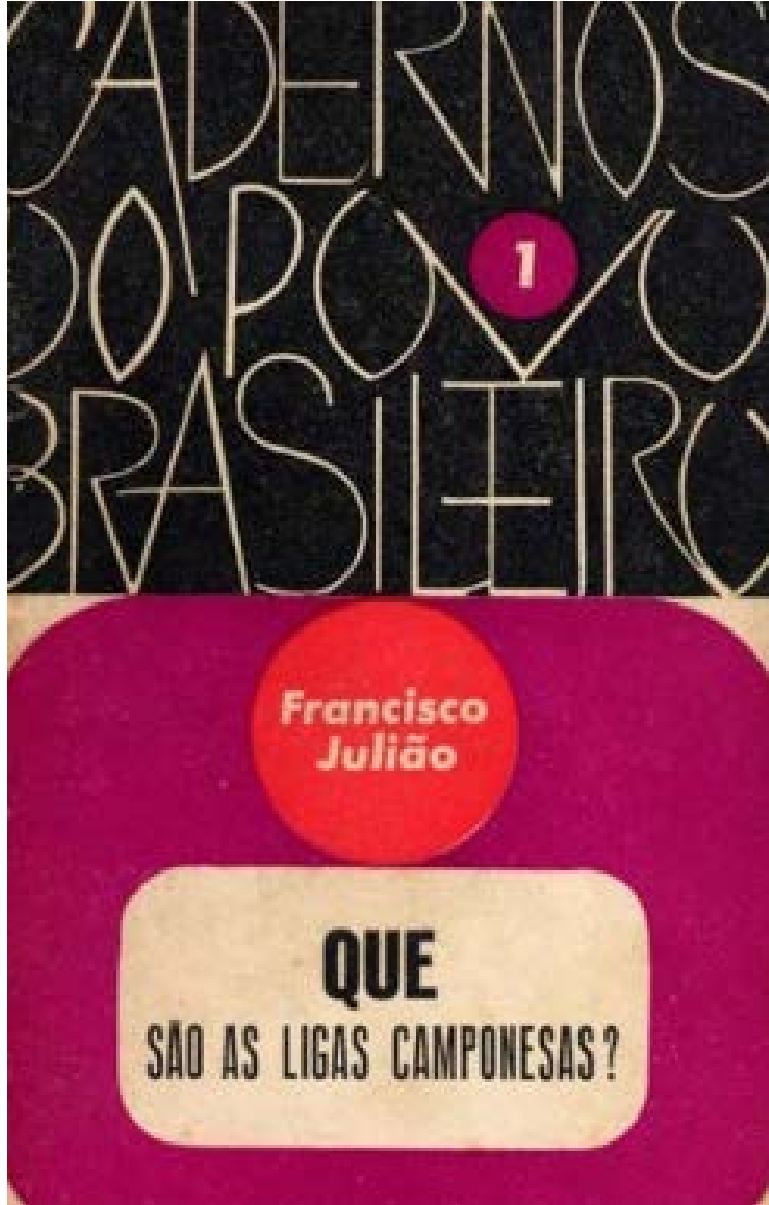
[1]	Revolução e contrarrevolução no Brasil Franklin de Oliveira	1962
[2]	Corpo vivo Adonias Filho	1962
[3]	A pele Curzio Malaparte	1962
[4]	A ilha das almas selvagens H. G. Wells	1962

Cadernos do povo brasileiro

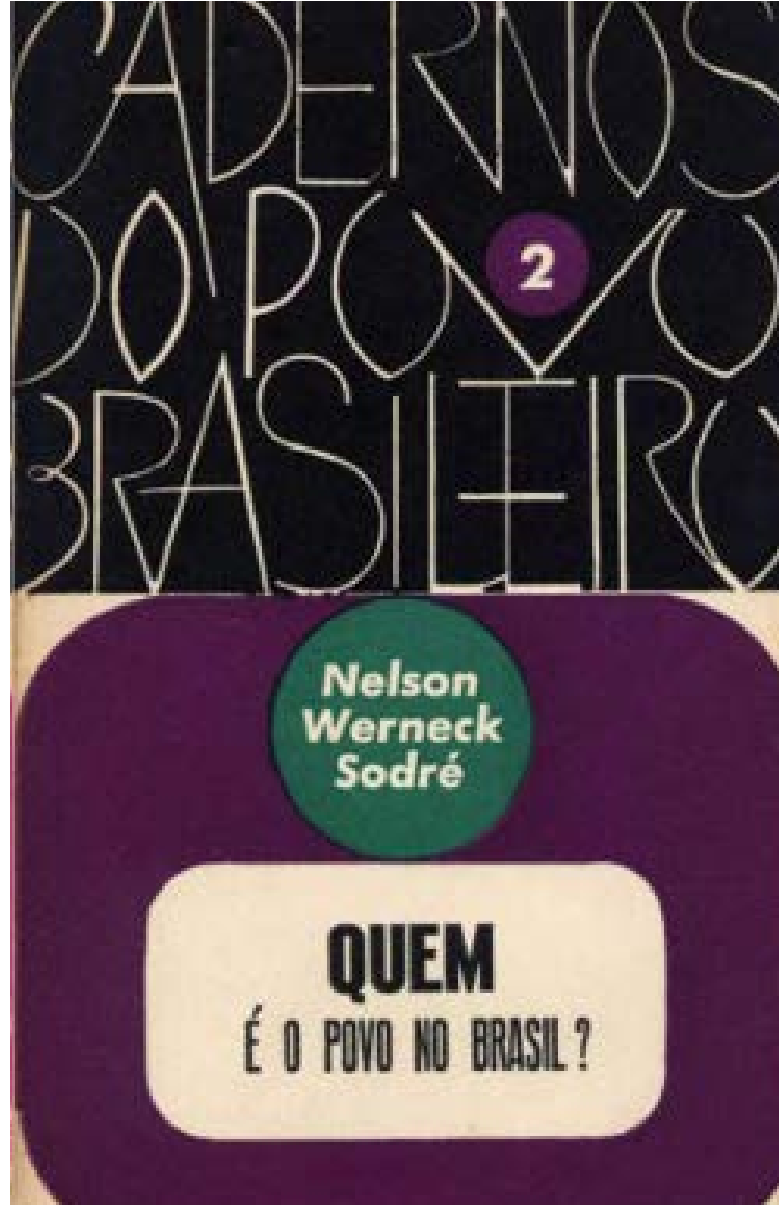
[1]	Que são as ligas camponesas? Francisco Julião	1962
[2]	Quem é o povo no Brasil? Nelson Werneck Sodré	1962
[3]	Porque os ricos não fazem greve? Alavro Vieira Pinto	1962
[4]	Poemas para a liberdade - Violão de rua (Volume III)	1962
[5]	Quem dará o golpe no Brasil? Wanderley Guilherme	1963
[6]	Quem pode fazer revolução no Brasil? Bolivar Costa	1963

Coleção de 28 livros, publicados durante o governo João Goulart, com tiragens entre 20 a 100 mil exemplares, num grande esforço de politização popular sobre a questão nacional.

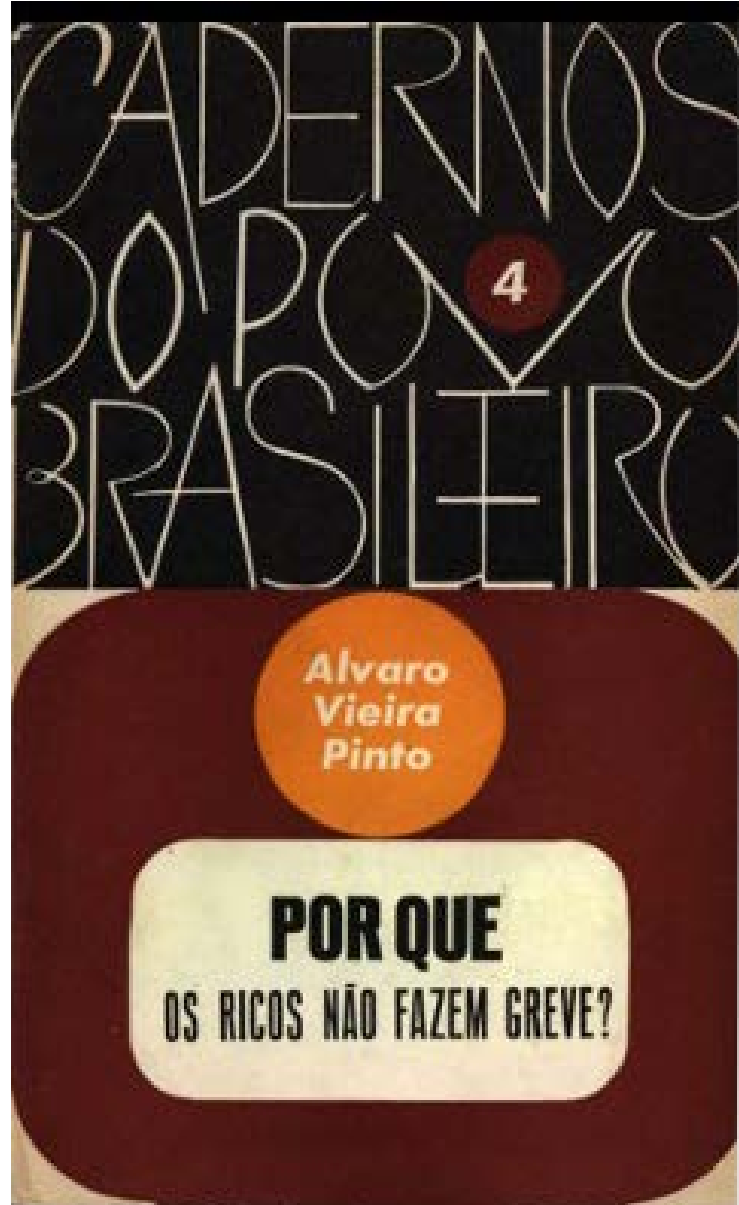
[1]



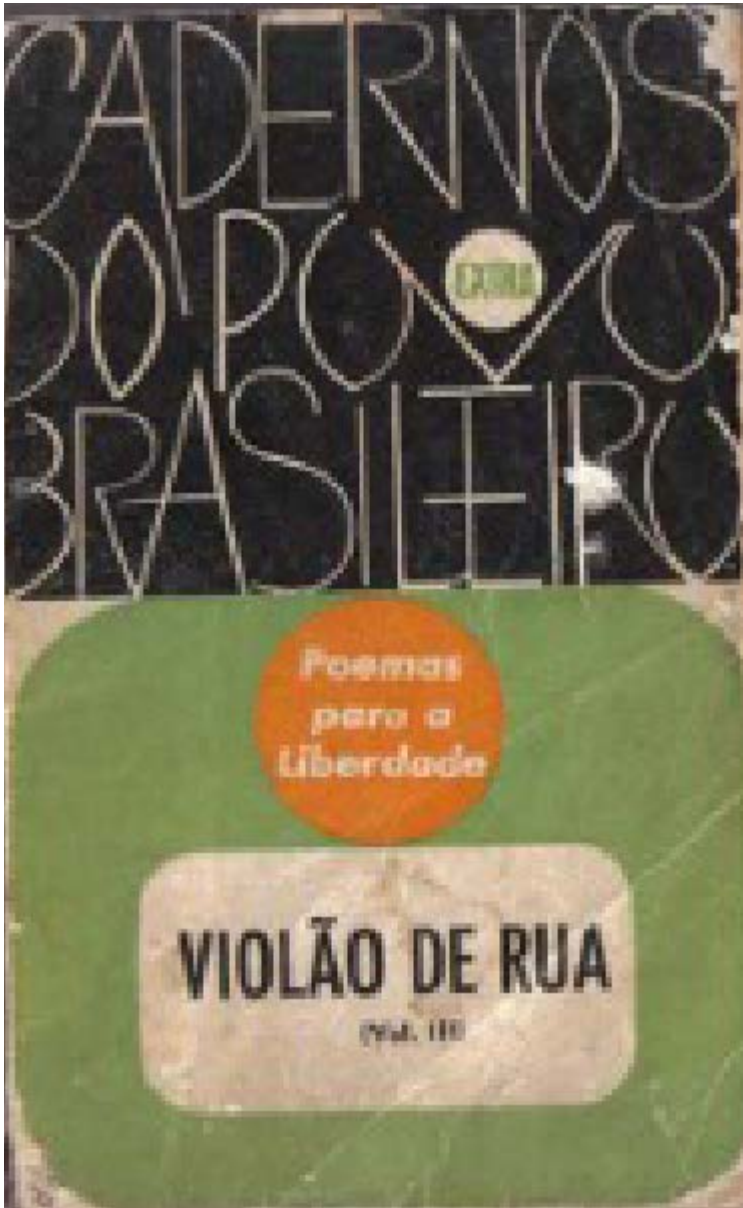
[2]



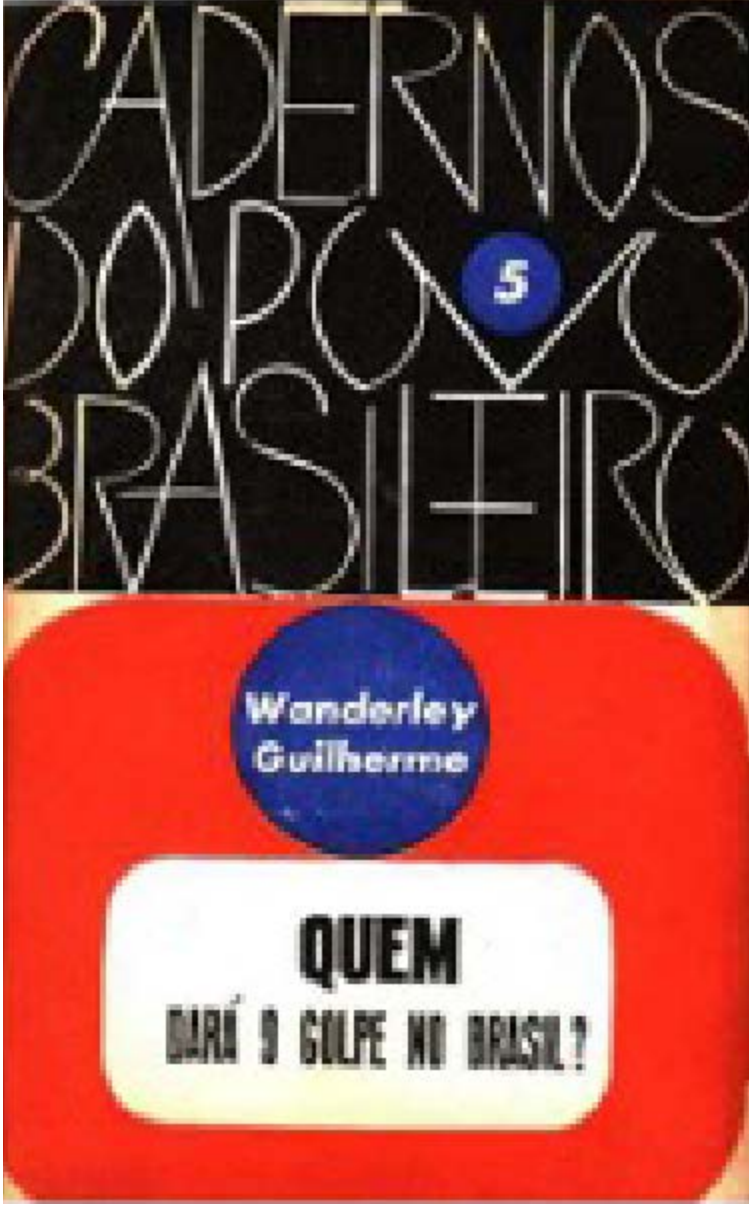
[3]



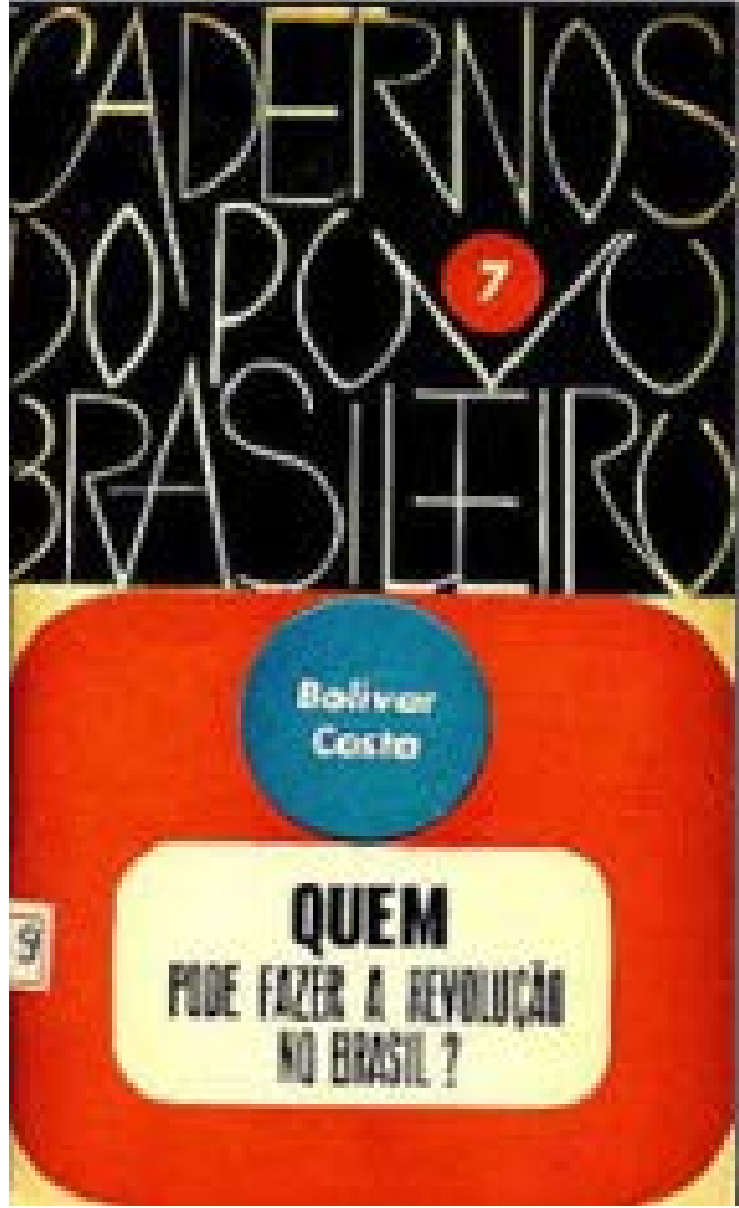
[4]



[5]

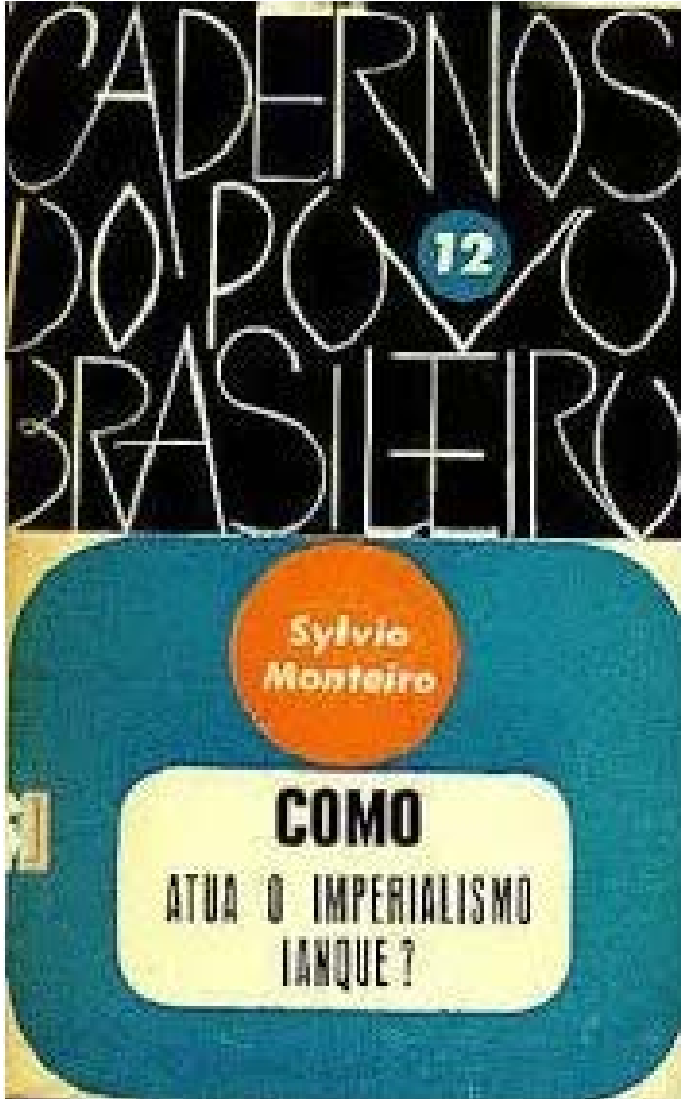


[6]

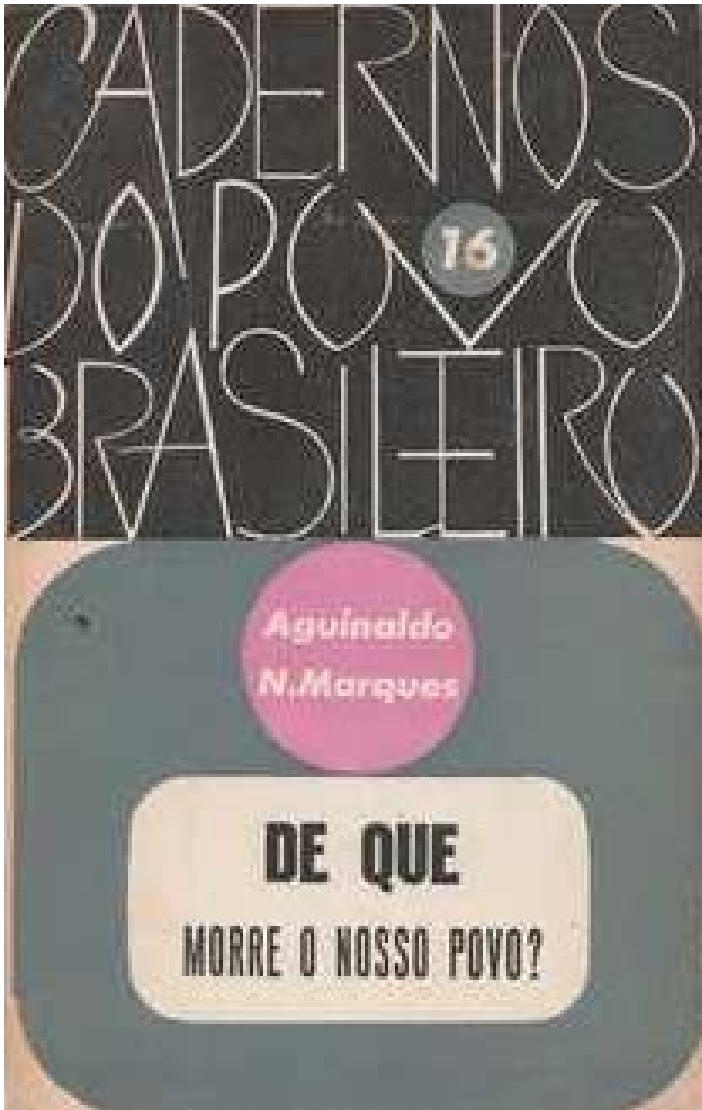




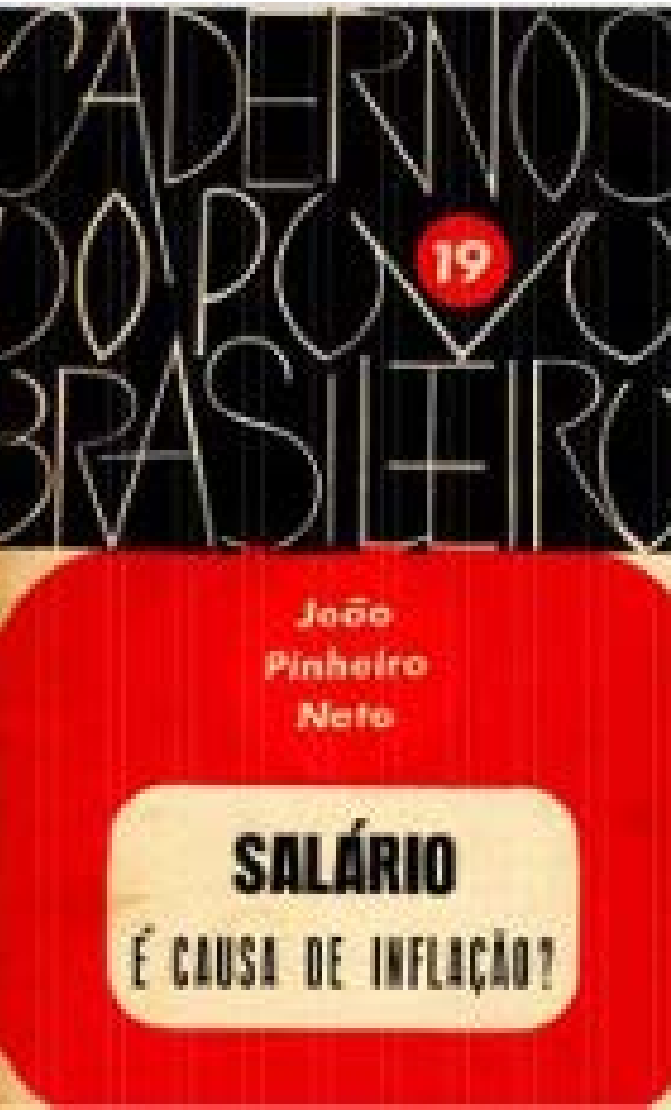
[1]



[2]

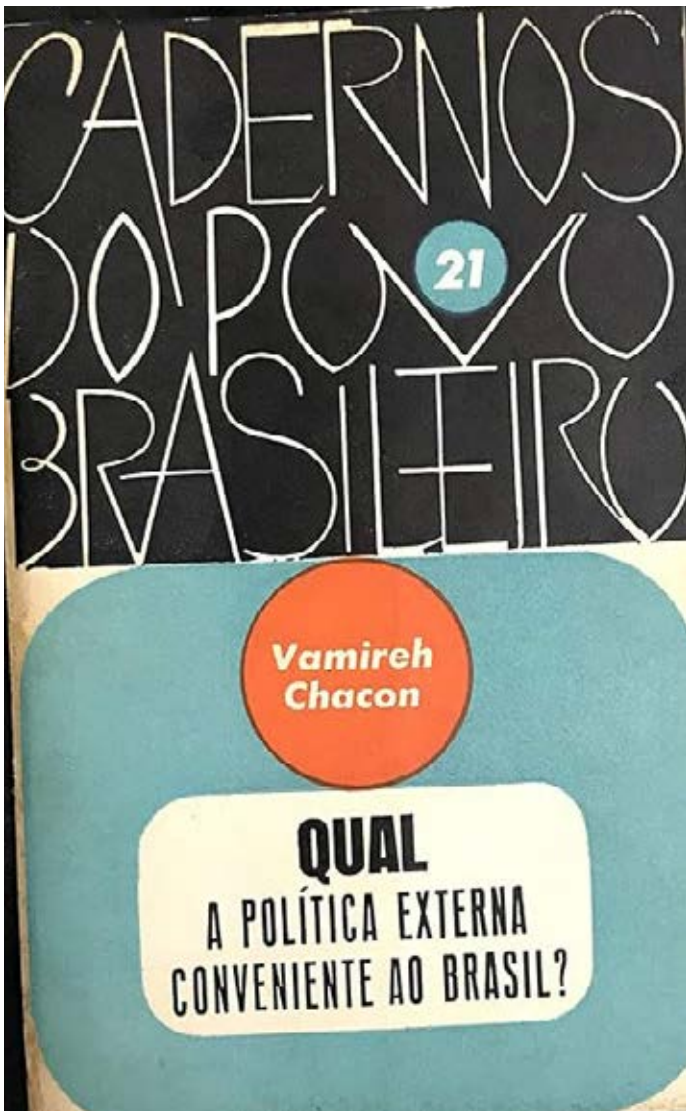


[3]



[4]

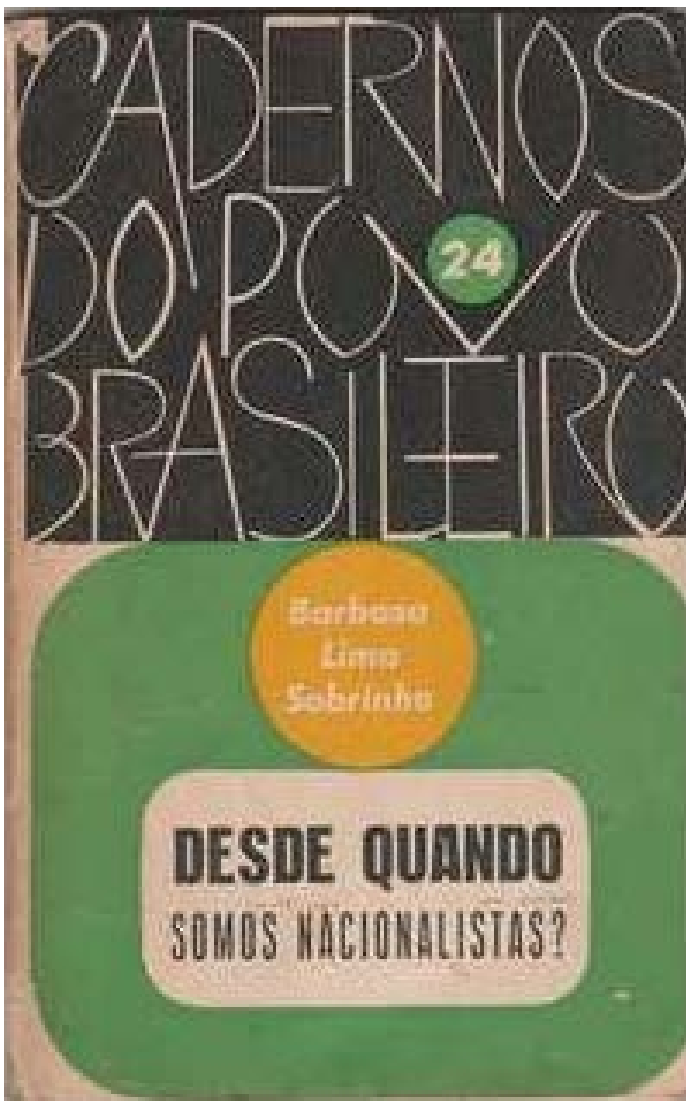
Cadernos do povo brasileiro		
[1]	Como seria o Brasil socialista? Nestor de Holanda	1963
[2]	Como atua o imperialismo ianque Sylvio Monteiro	1963
[3]	De que morre o nosso povo Aguinaldo N. Marques	1963
[4]	Salário é a causa da inflação João Pinheiro Neto	1963



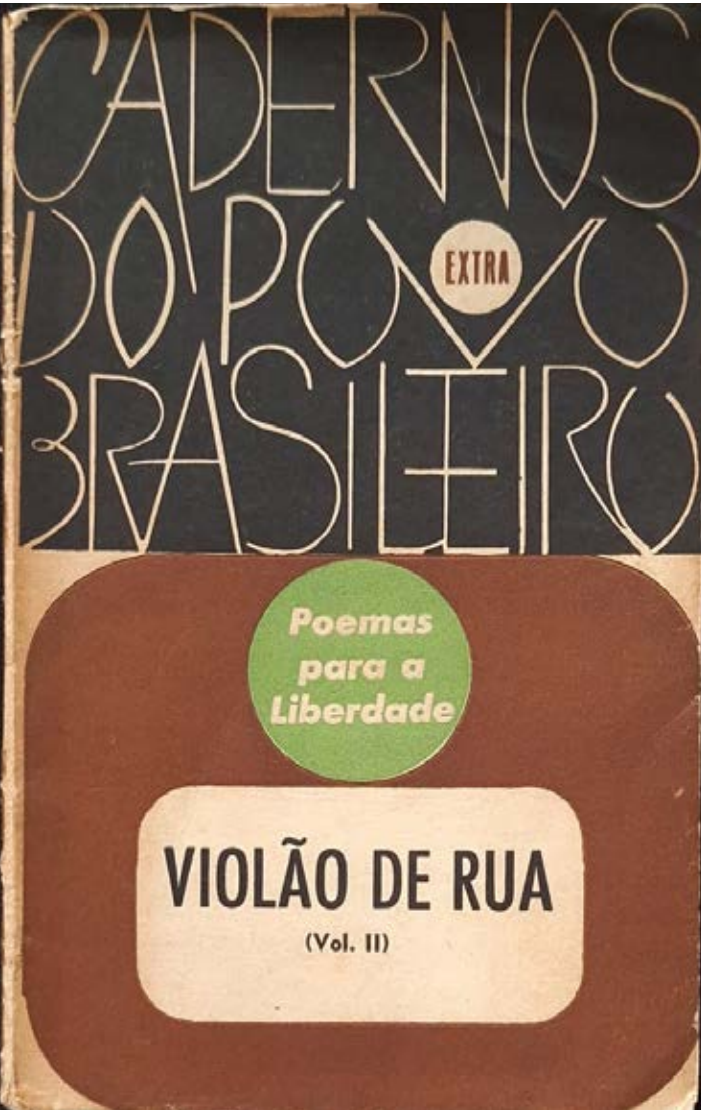
[1]



[2]



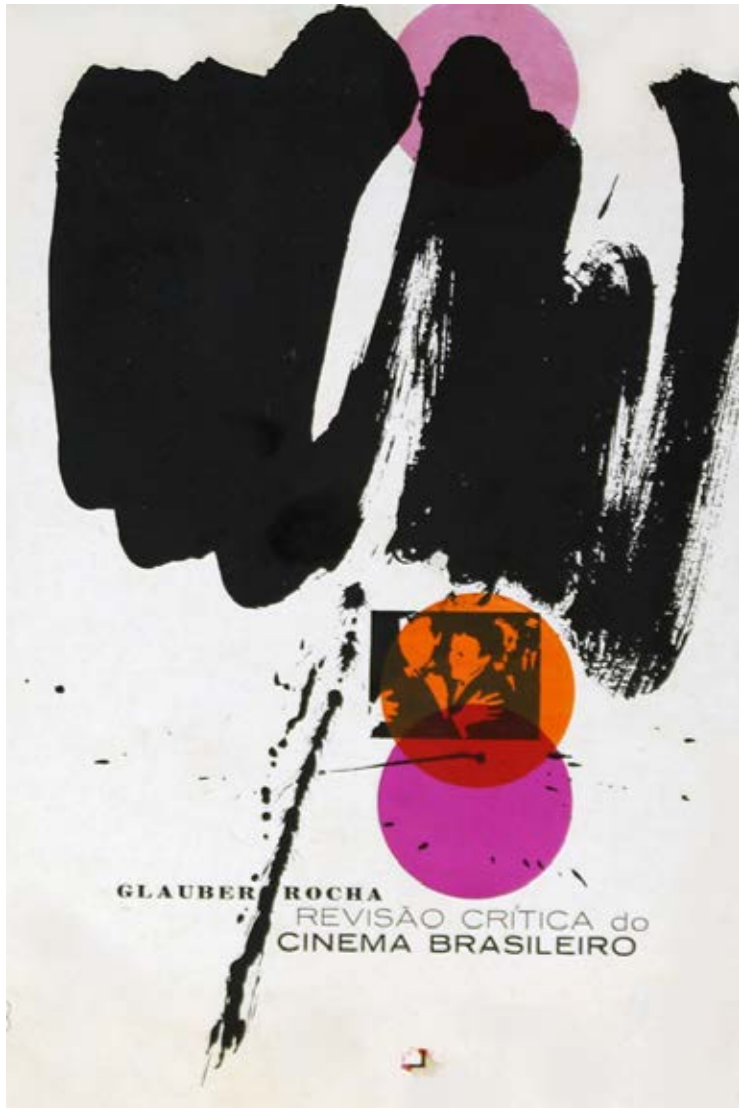
[3]



[4]

Cadernos do povo brasileiro

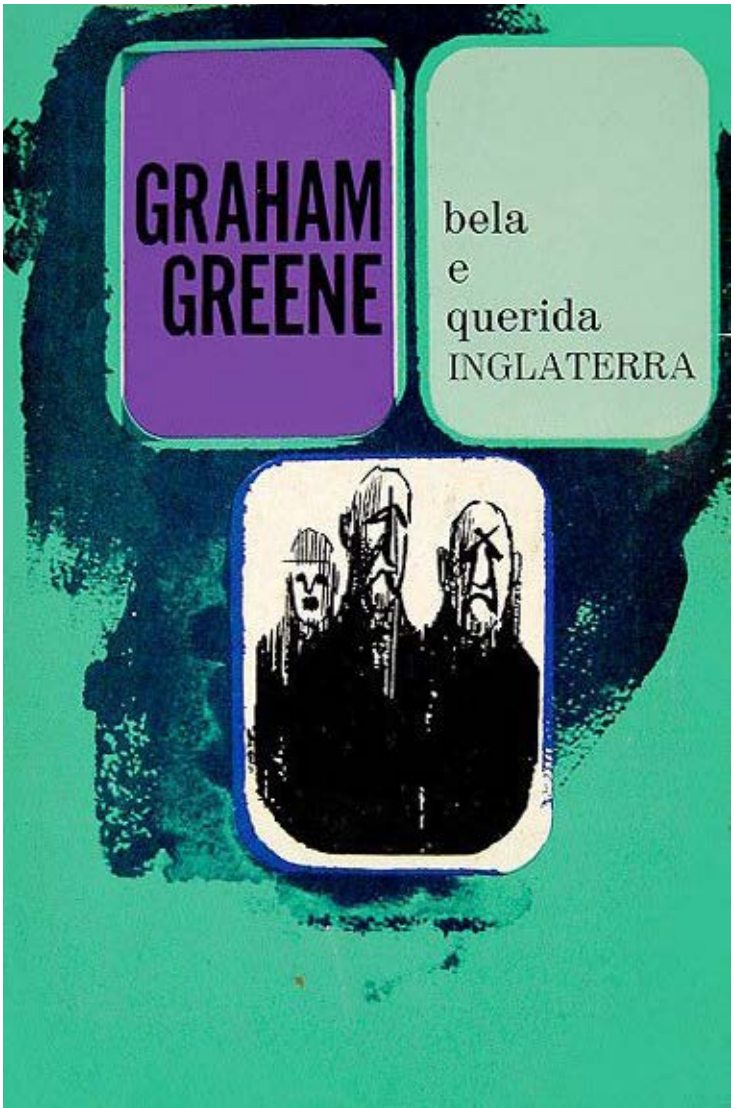
[1]	Qual a política externa conveniente ao Brasil Vamireh Chacon	1963
[2]	O que foi o tenentismo Virgínia Santa Rosa	1963
[3]	Desde quando somos nacionalistas Barbosa Lima Sobrinho	1963
[4]	Violão de rua (Vol. II): Poemas para liberdade	1963



[1]

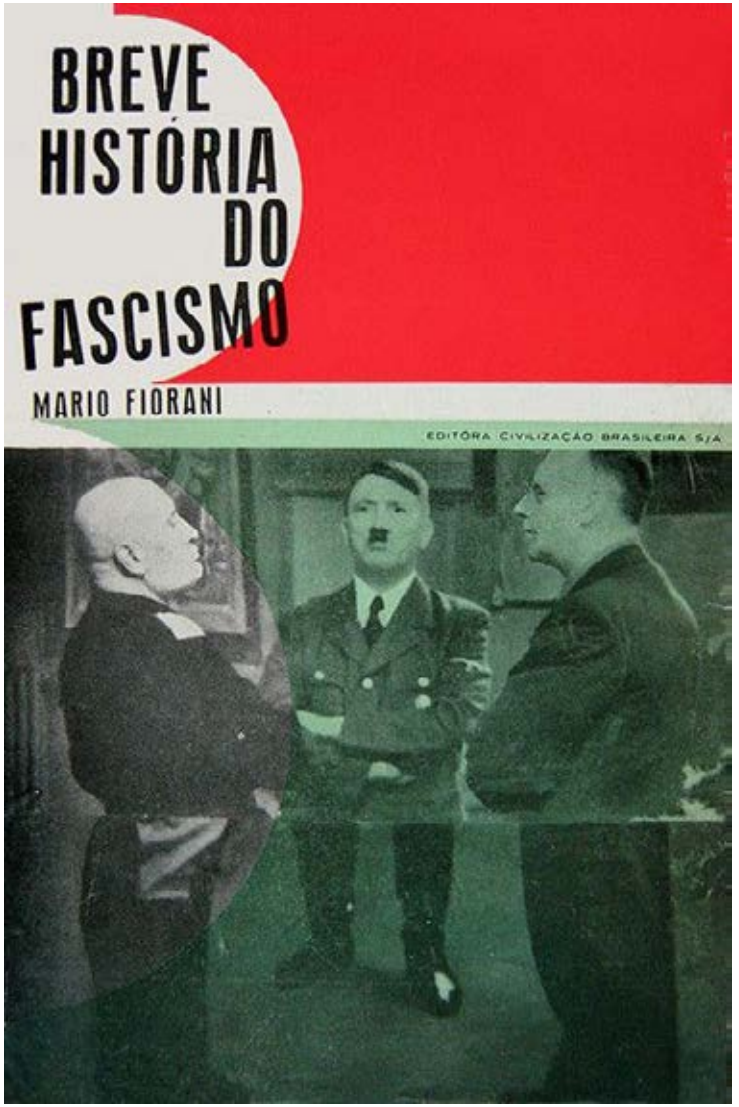


[2]

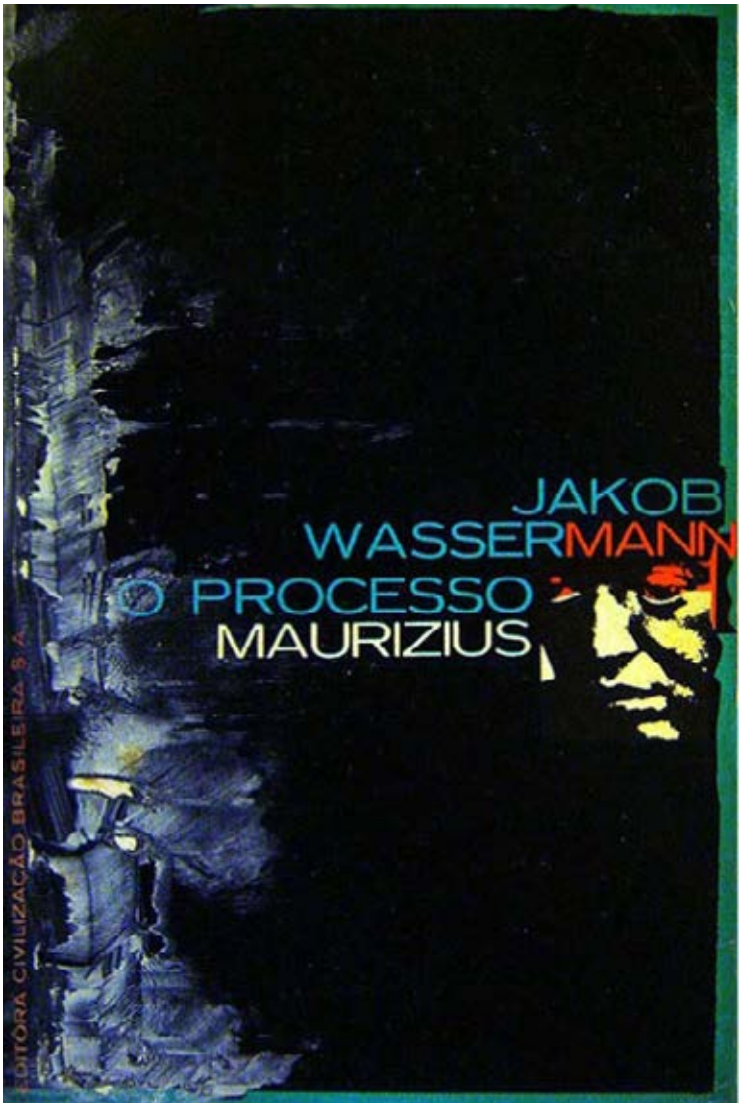


[3]

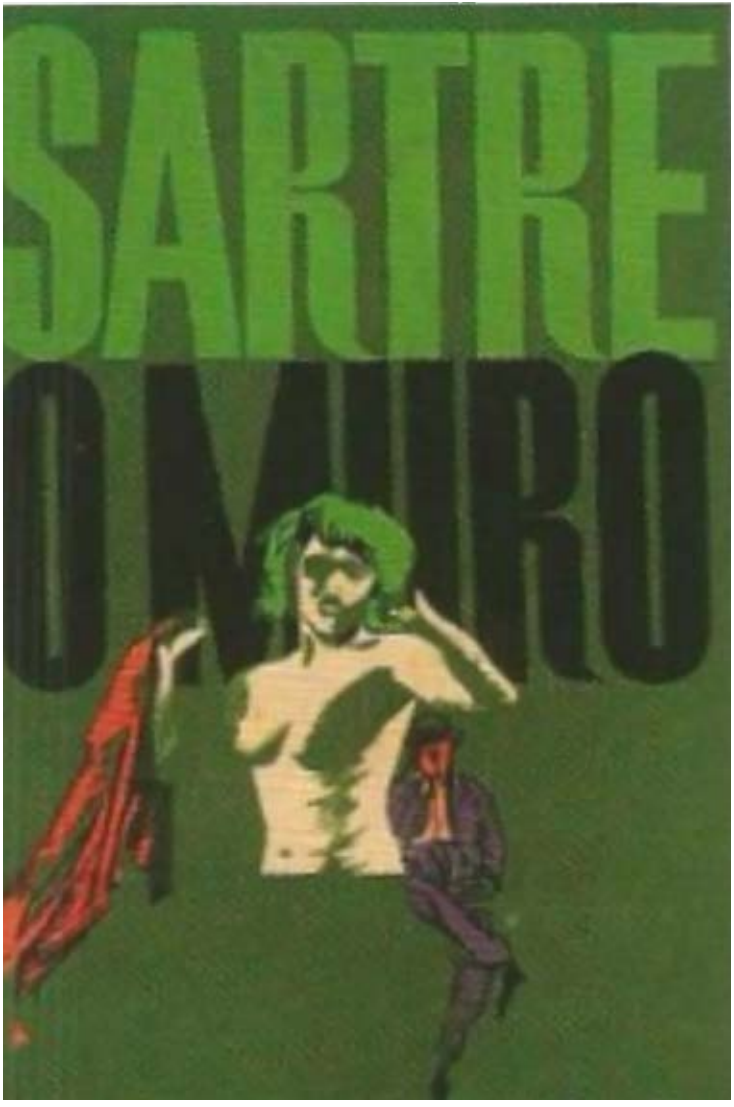
[1]	Revisão crítica do cinema brasileiro Glauber Rocha	1963
[2]	Da arte de falar mal Carlos Heitor Cony	1963
[3]	Bela e querida Inglaterra Graham Greene	1963
[4]	Breve história do fascismo Mario Fiorani	1963
[5]	O processo Maurizius Jacob Wassermann	1963
[6]	O muro Sartre	1963



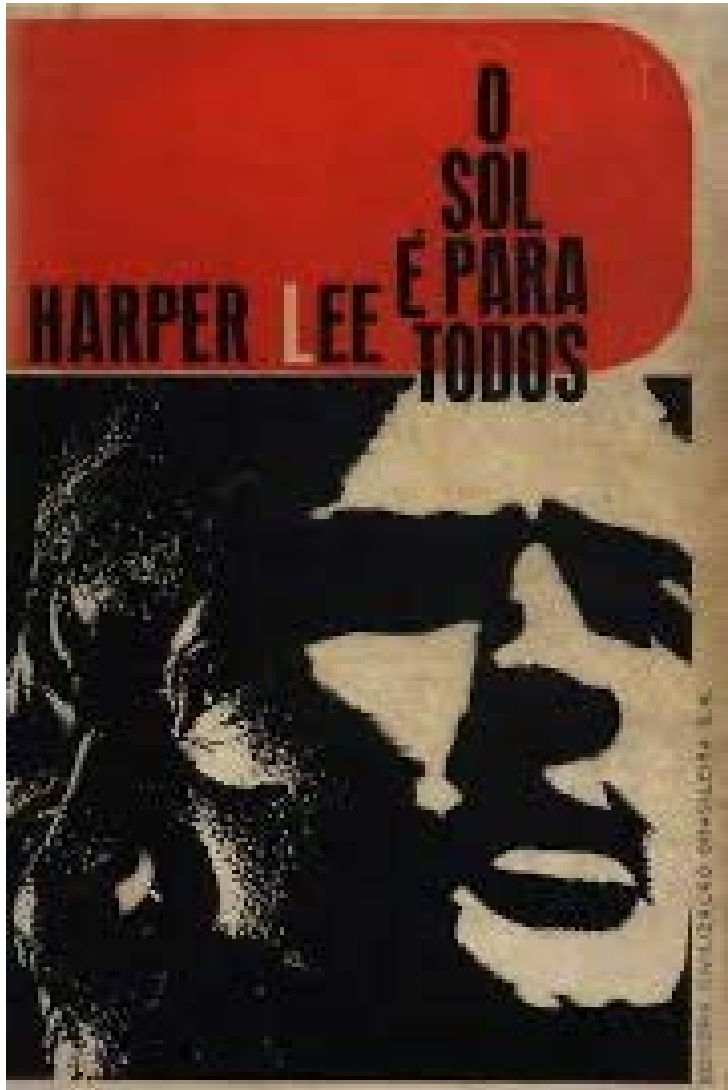
[4]



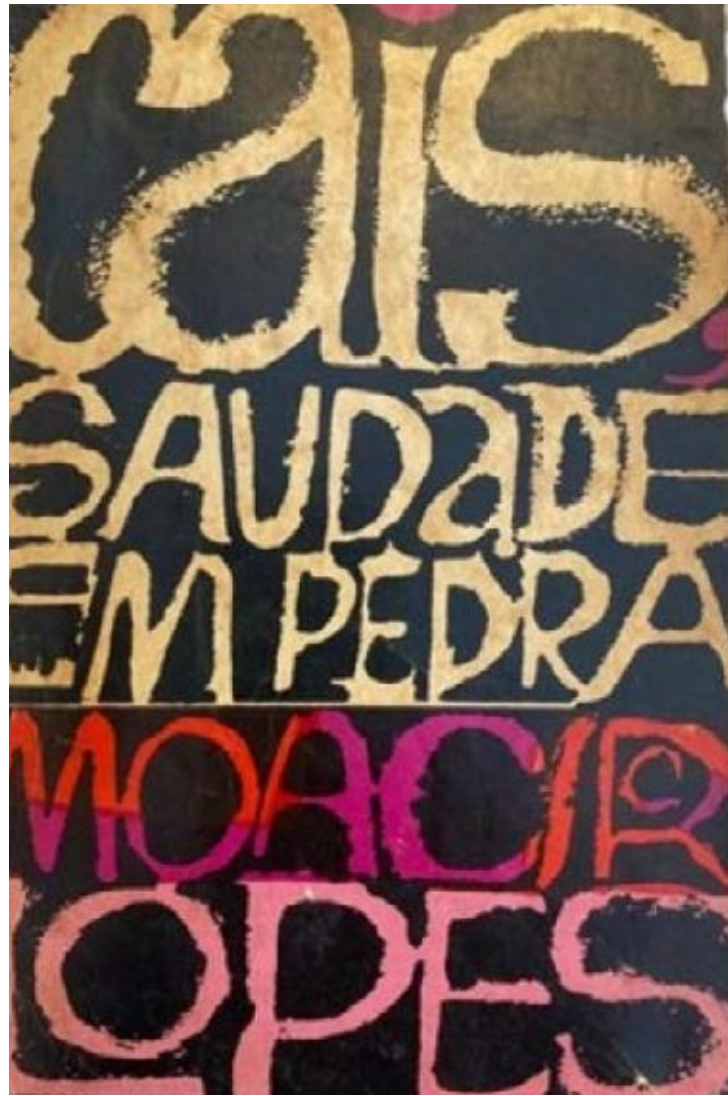
[5]



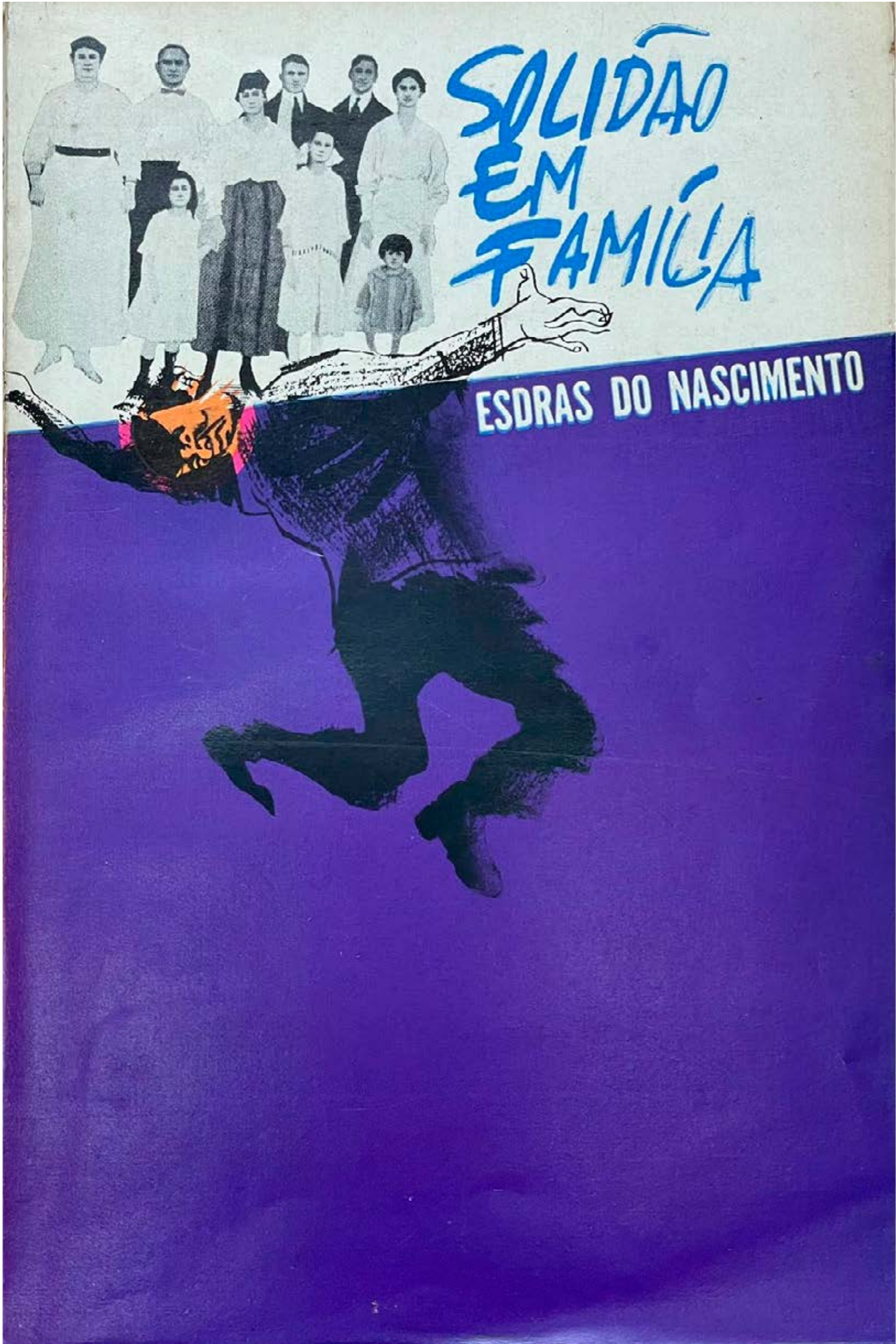
[6]



[1]



[2]

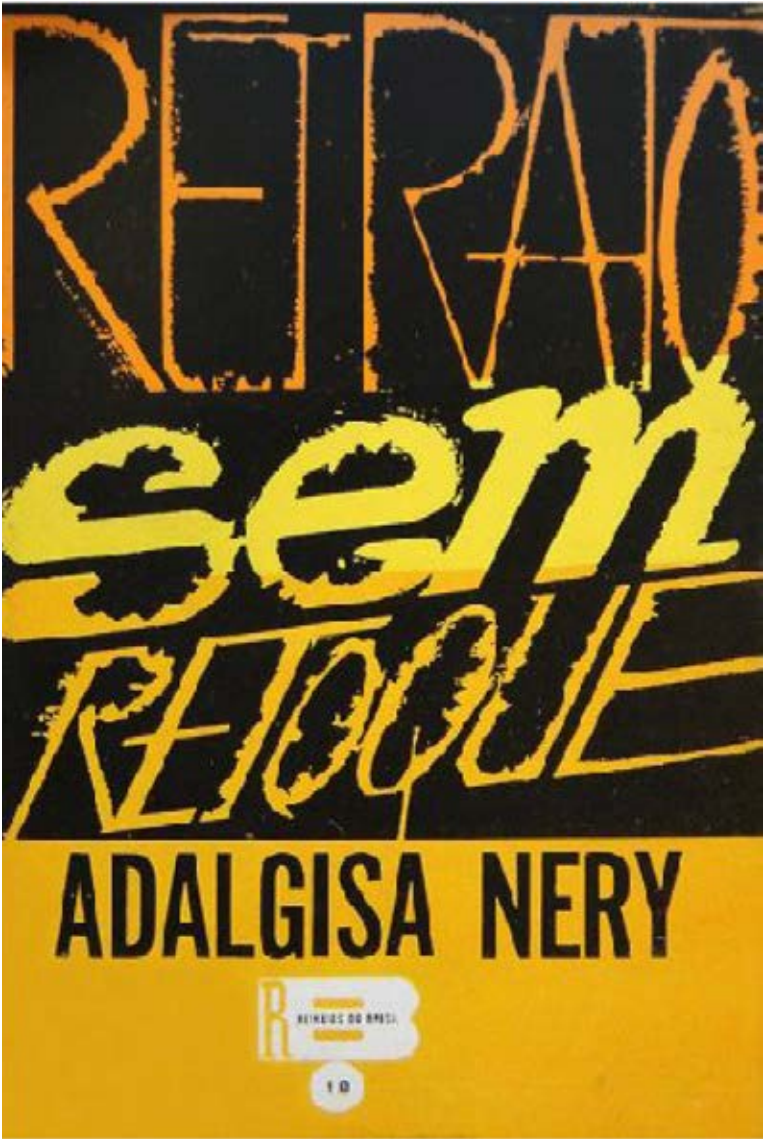


[3]

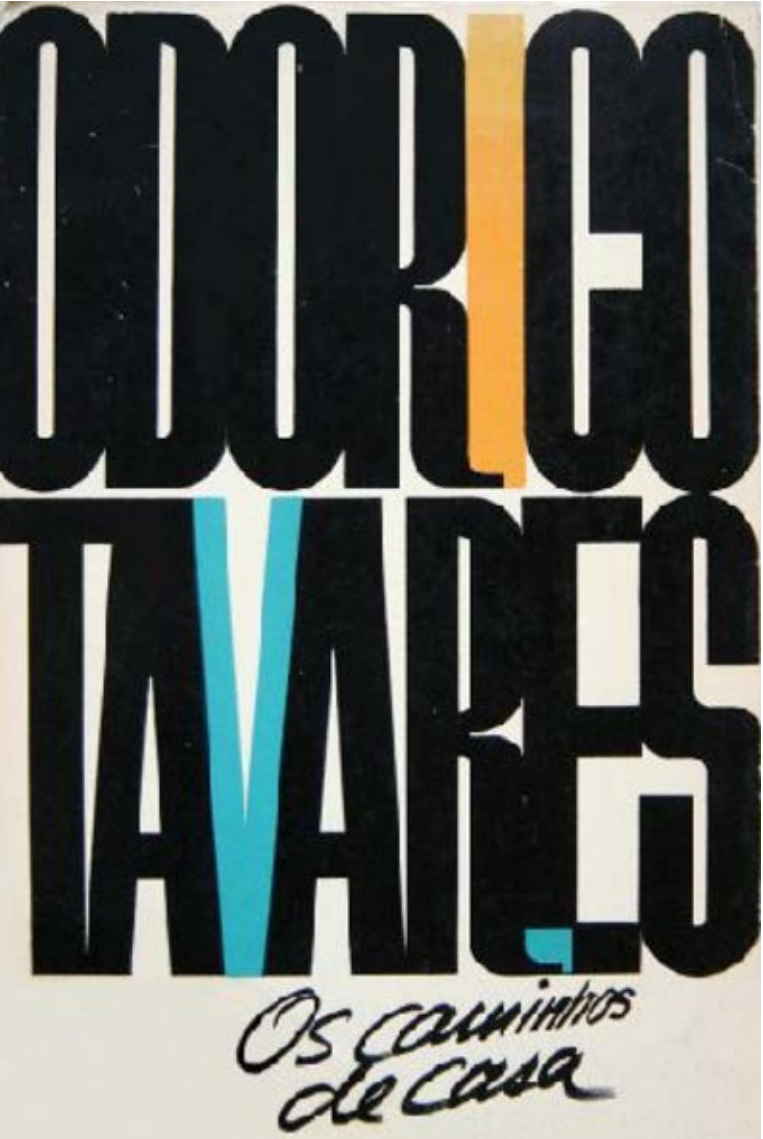
[1]	O sol é para todos Glauber Rocha	1963
[2]	Cais, saudade em pedra Moacir Lopes	1963
[3]	Solidão em família Esdras do Nascimento	1963

[1]	Retrato sem retoque Adalgisa Nery	1963
[2]	Os caminhos de casa Odorico Tavares	1963
[3]	Inflação e monopólio no Brasil Alberto Passos Guimarães	1963
[4]	Industrialização e desenvolvimento social no Brasil Octavio Ianni	1963
[5]	Berlim Ocidental : Ponta de Lança do Imperialismo Sylvio Monteiro	1963
[6]	A cidade de cada um Diversos autores	1963

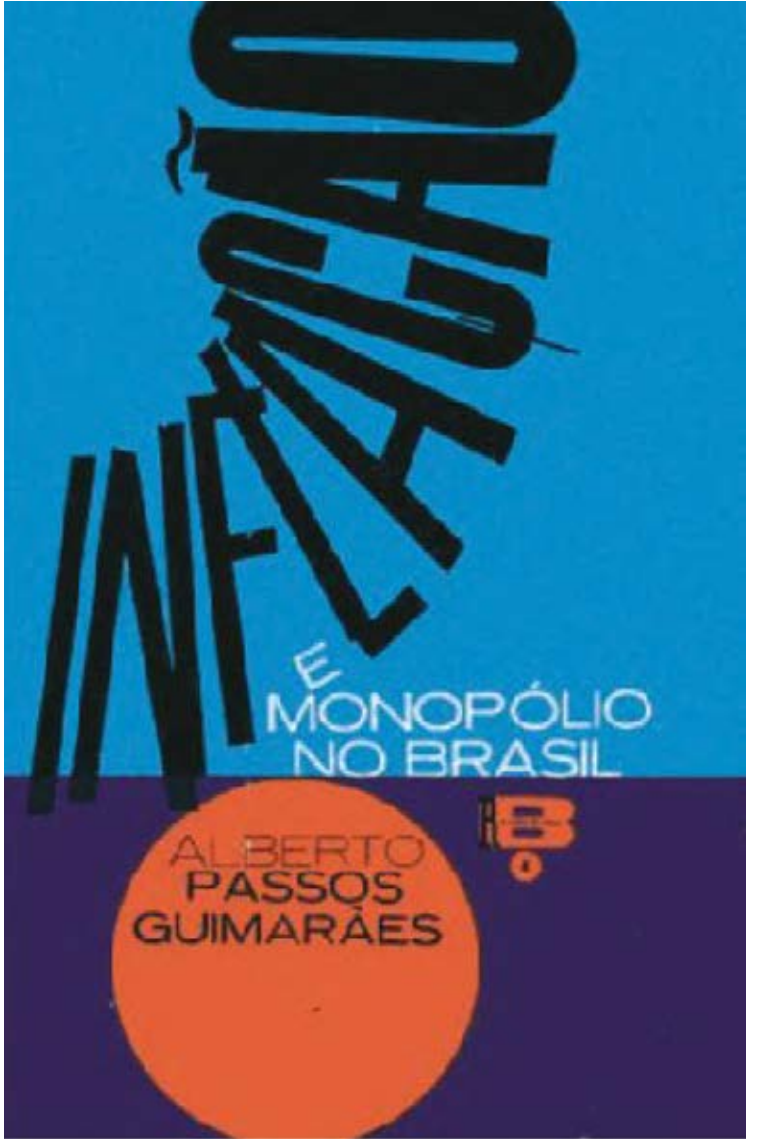
[1]



[2]



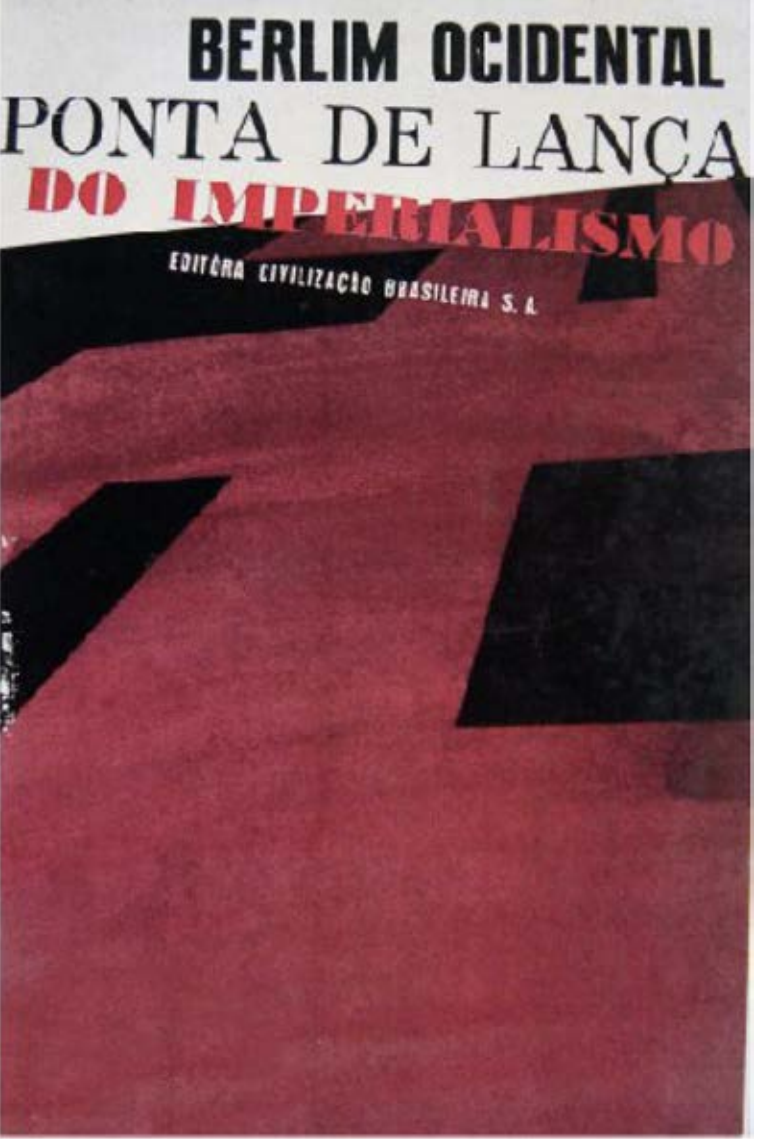
[3]



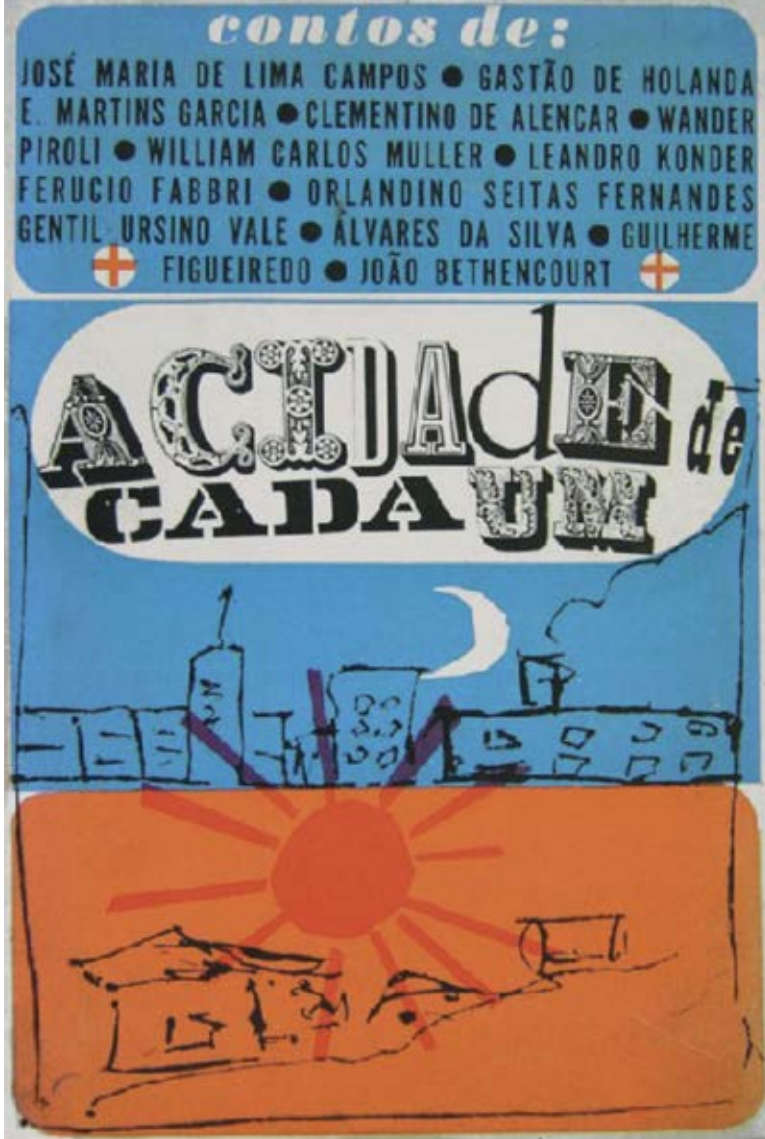
[4]



[5]

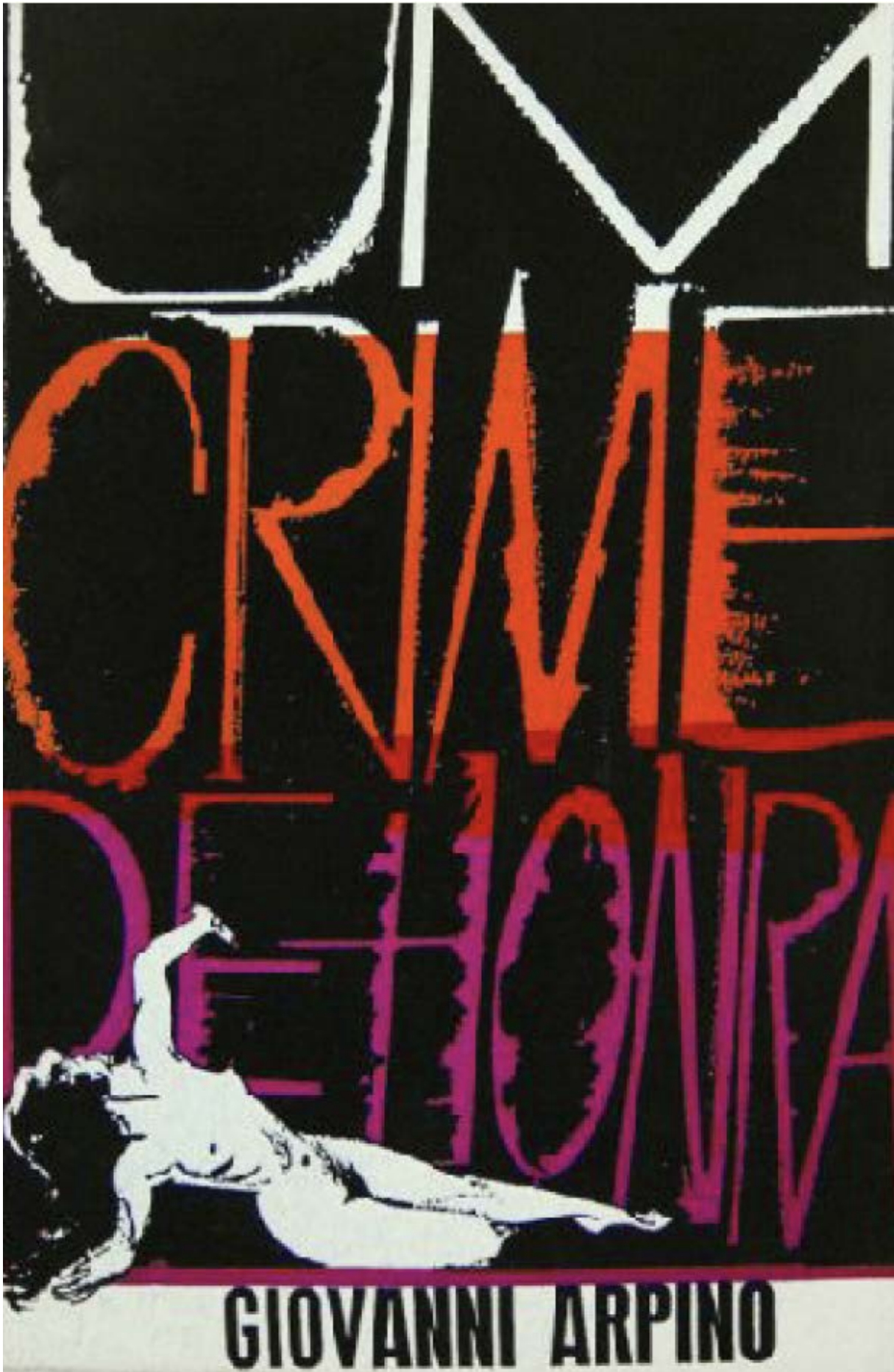


[6]



[1]	Um crime de honra Giovanni Arpino	1963
[2]	Os Desgarrados William Faulkner	1963

[1]



[2]



EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S A

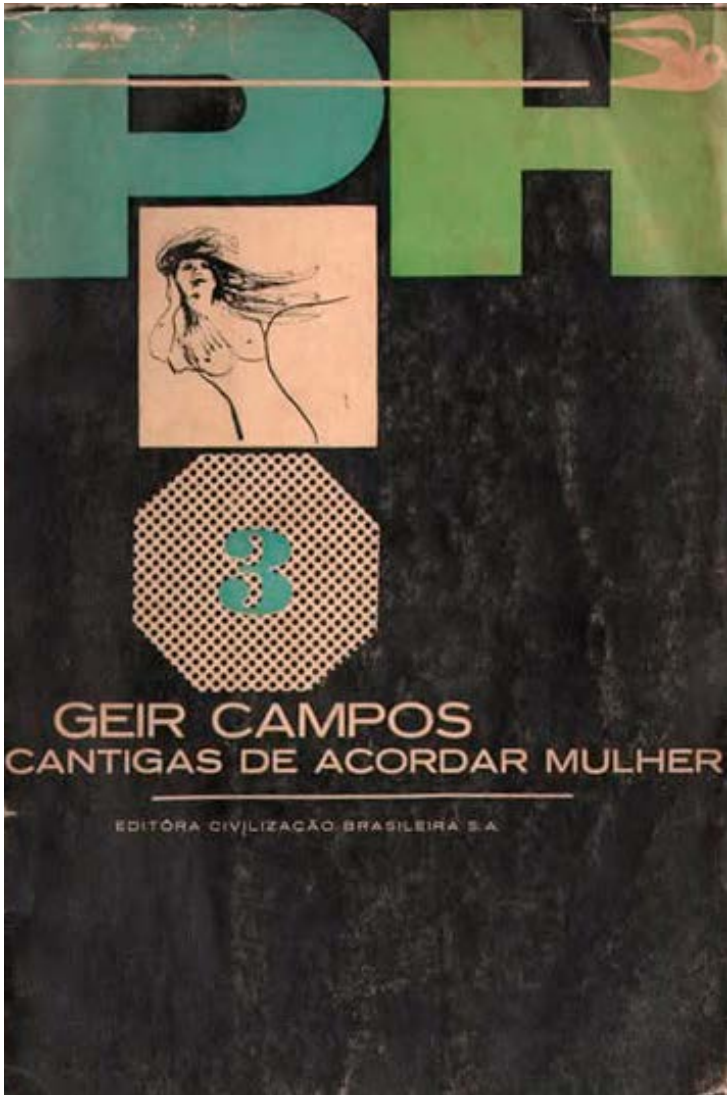
F
SCOTT
FITZGERALD
BELOS e
Malditos



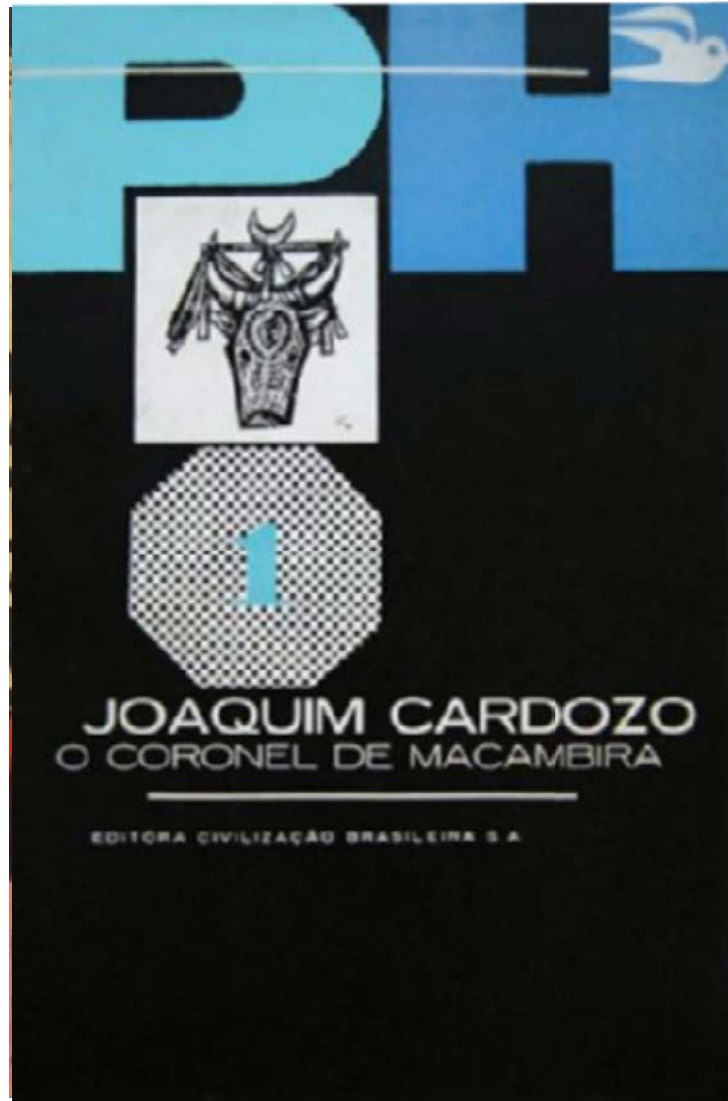
1963

Belos e malditos

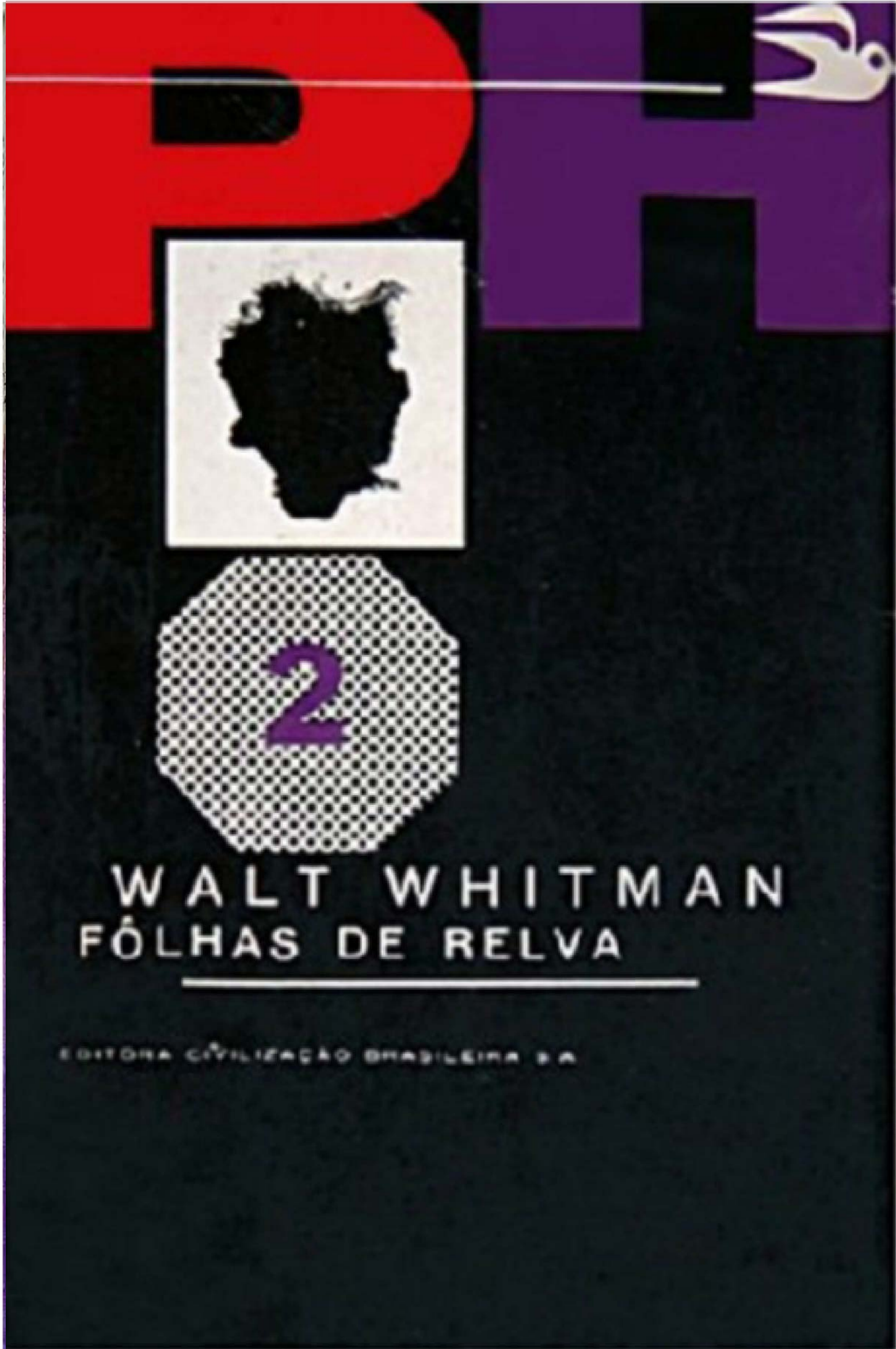
F. Scott Fitzgerald



[1]

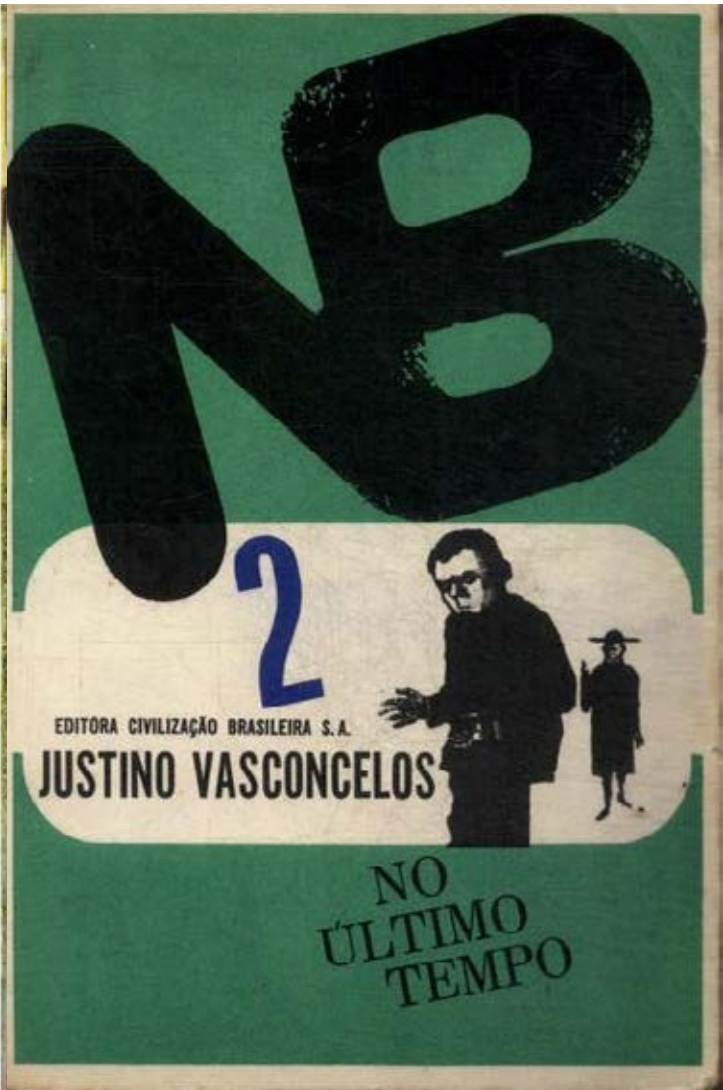


[2]

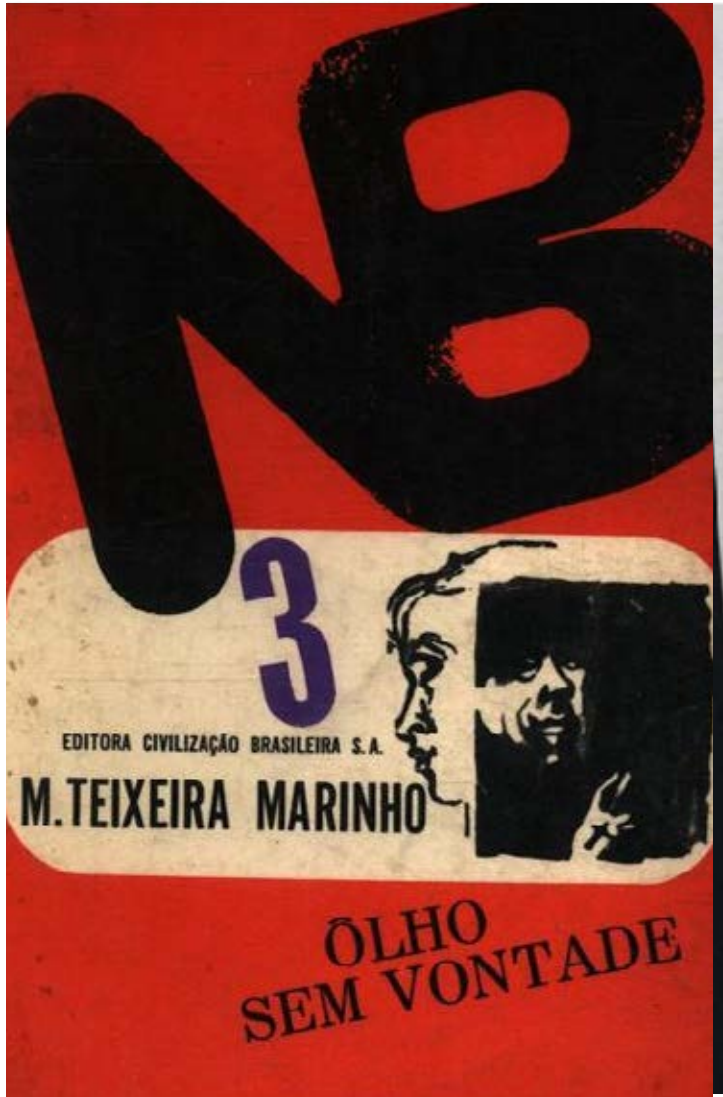


[3]

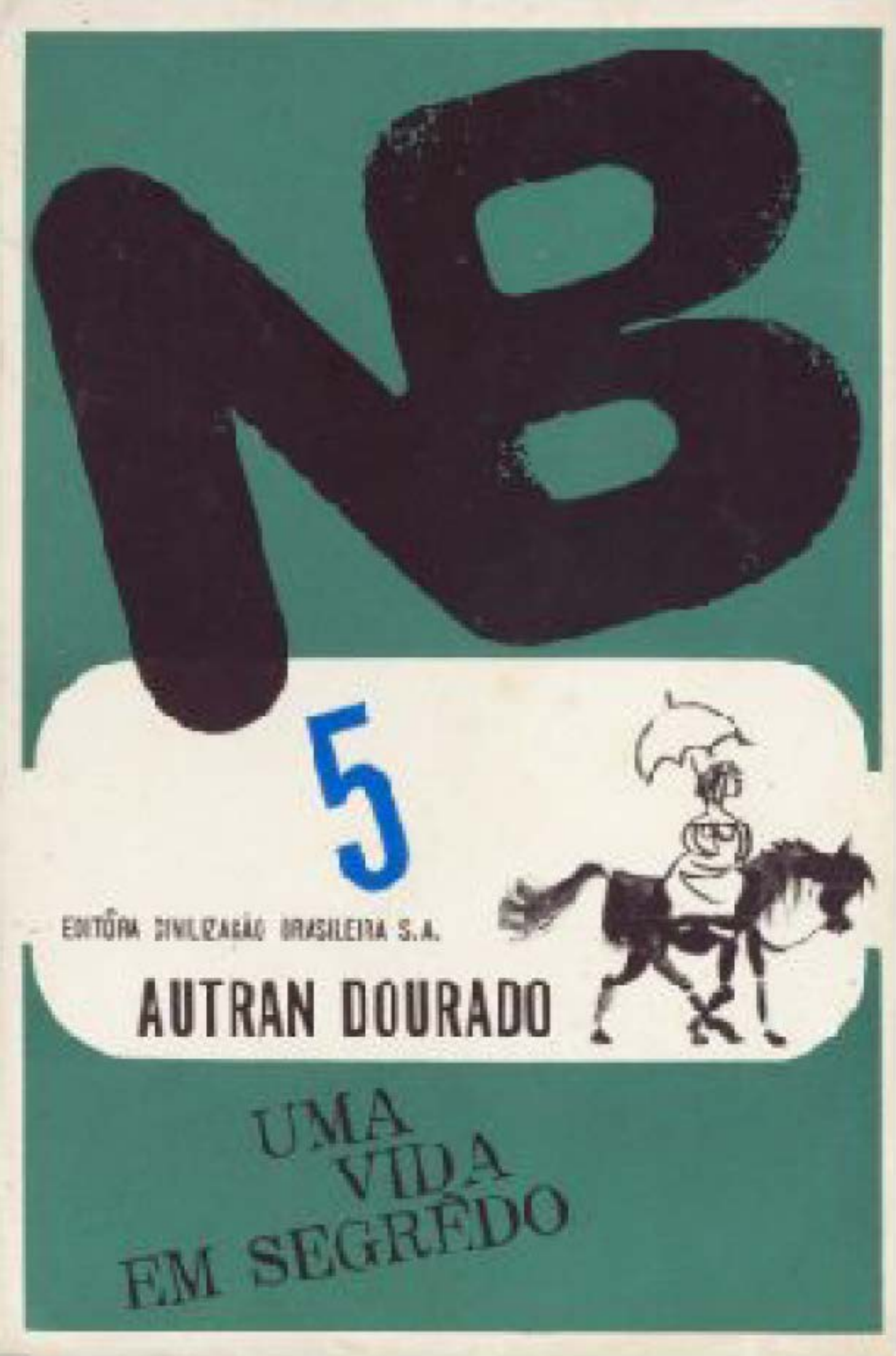
[1]	Cantigas de acordar mulher Geir Campos	1964
[2]	O coronel de Macambira Joaquim Cardozo	1963
[3]	Folhas de relva Walt Whitman	1963



[1]



[2]



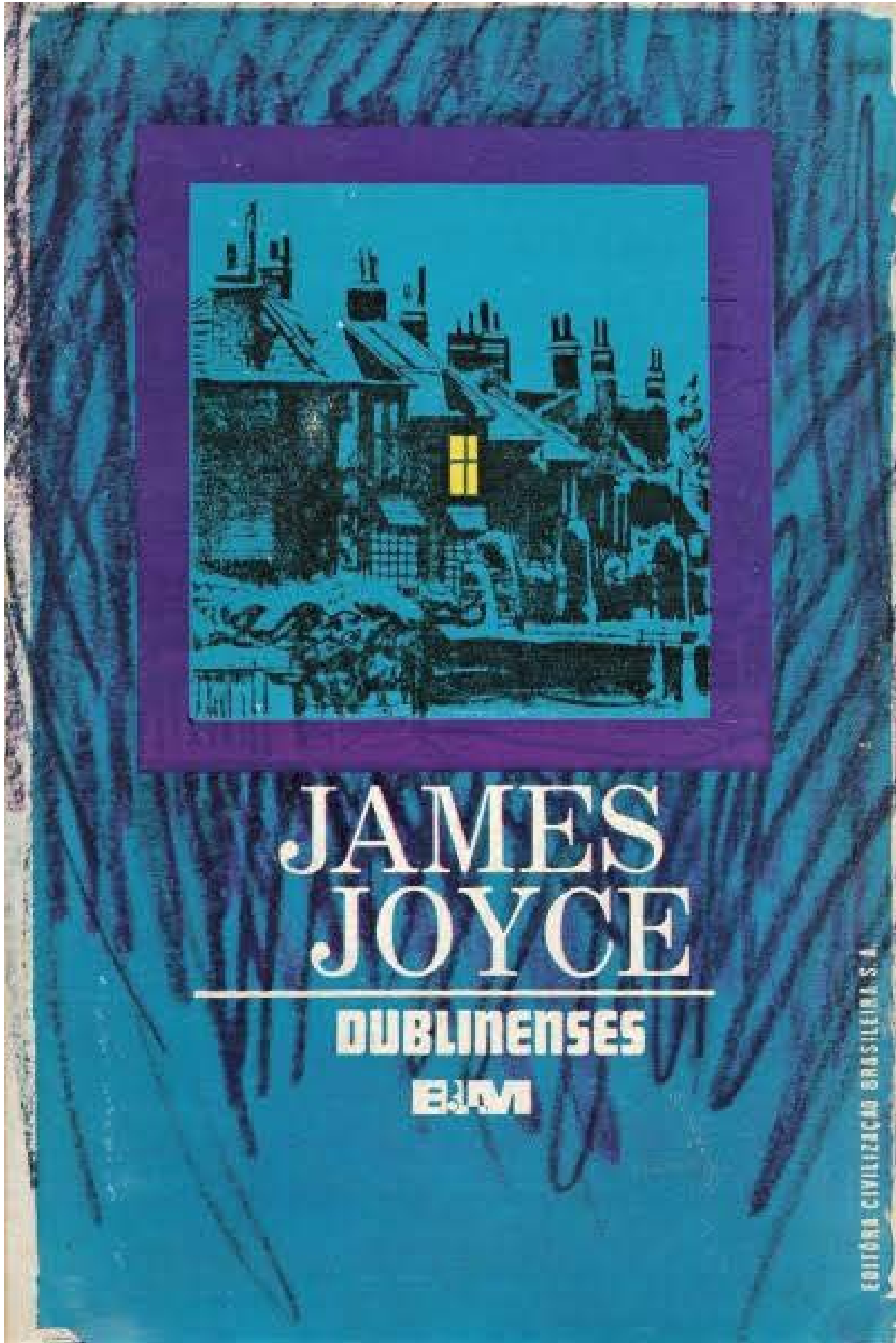
[3]

Coleção Novela Brasileira

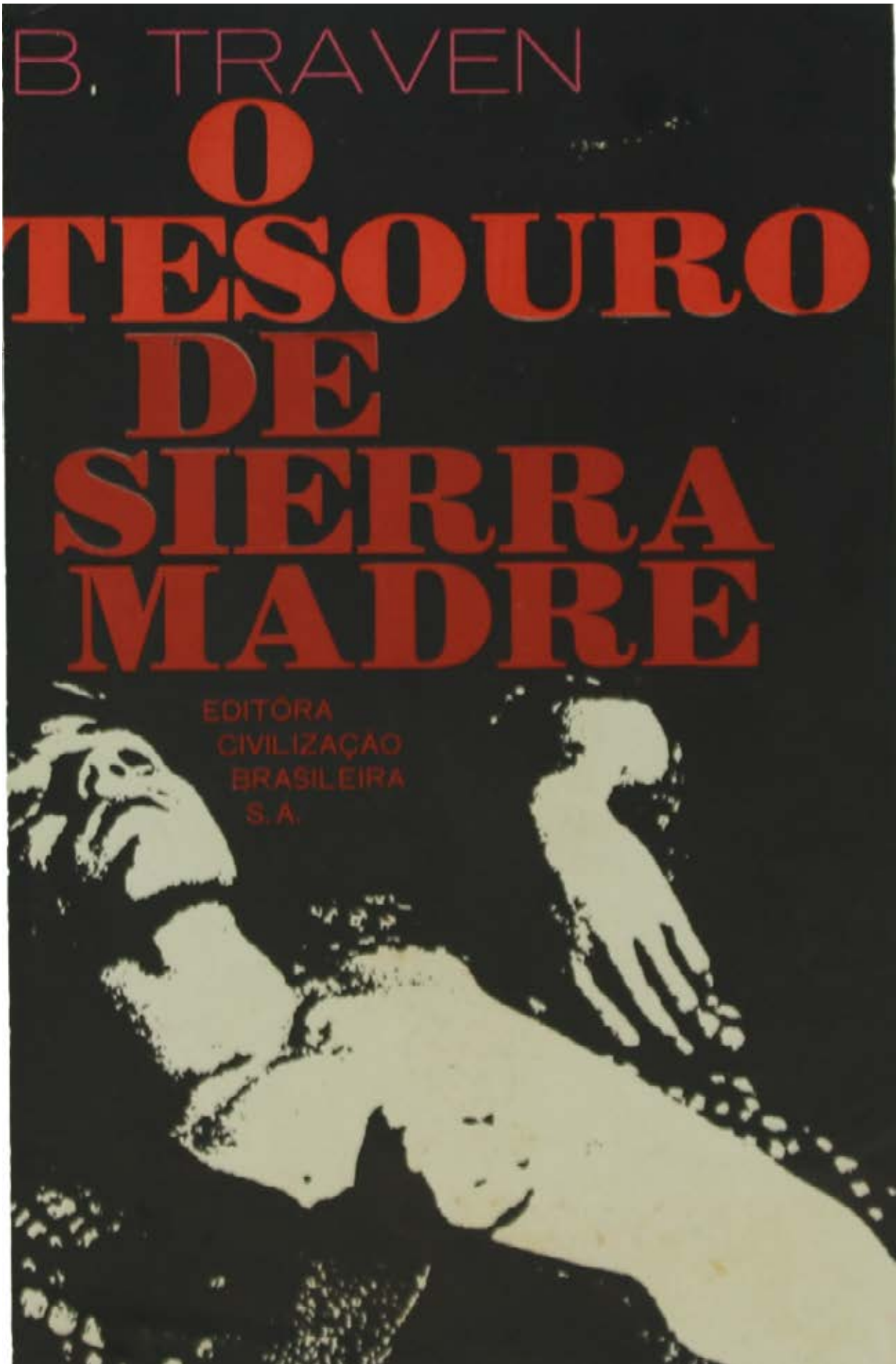
[1]	No último tempo Justino Vasconcelos	1964
[2]	Olho sem vontade M. Teixeira Marinho	1964
[3]	Uma vida em segredo Autran Dourado	1964

[1]	Dublinenses James Joyce	1964
[2]	O tesouro de Sierra Madre B. Traven	1964

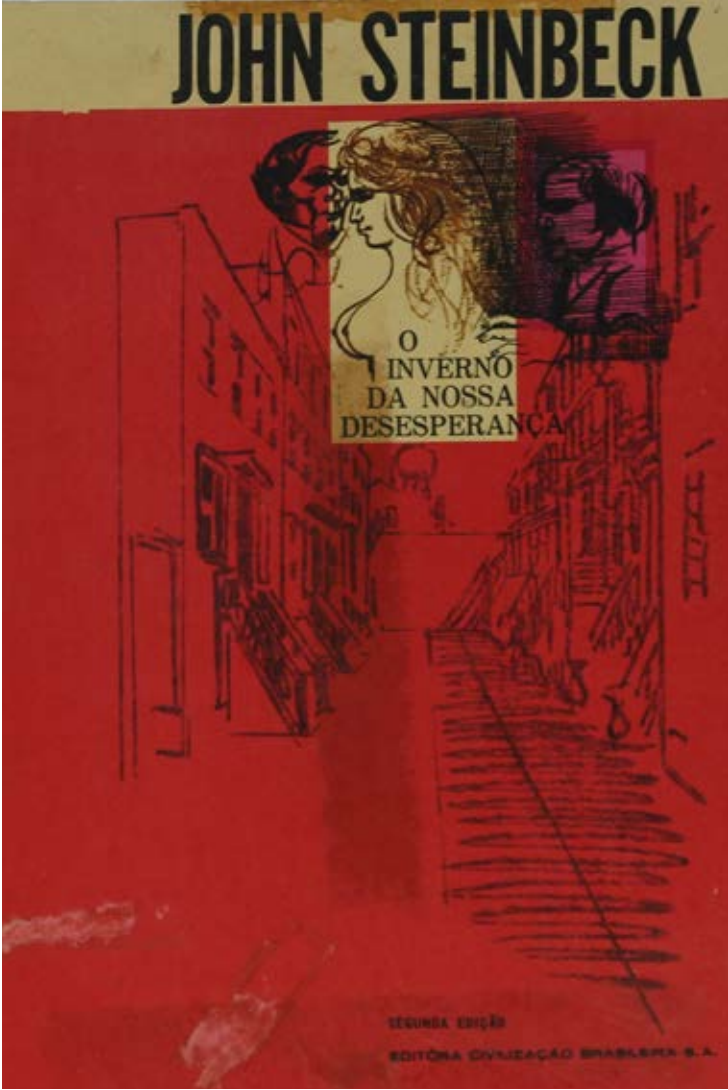
[1]



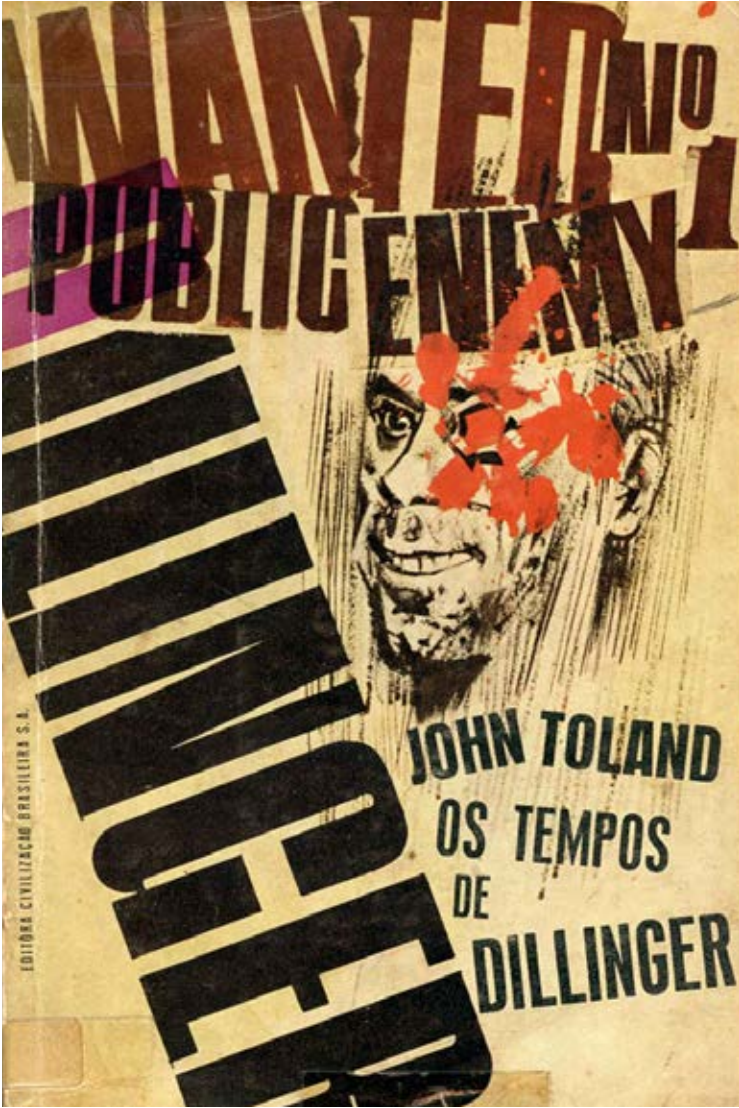
[2]



[1]	O inverno de nossa desesperança (segunda edição) John Steinbeck	1964
[2]	Os tempos de Dillinger John Toland	1964
[3]	A época dos tristes Sylvan Paezzo	1964
[4]	O barco da morte B. Traven	1964
[5]	O púcaro búlgaro Campos de Carvalho	1964
[6]	O inverno de nossa desesperança (terceira edição) John Steinbeck	1966



[1]



[2]



[3]



[4]

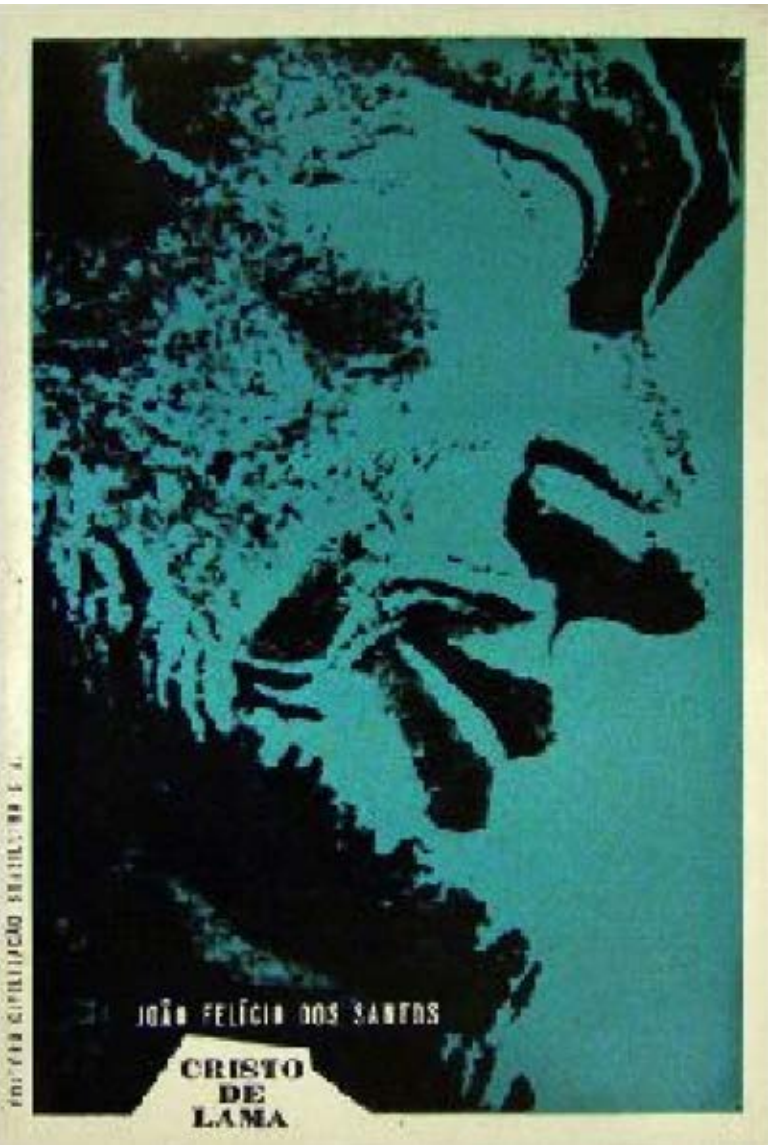


[5]

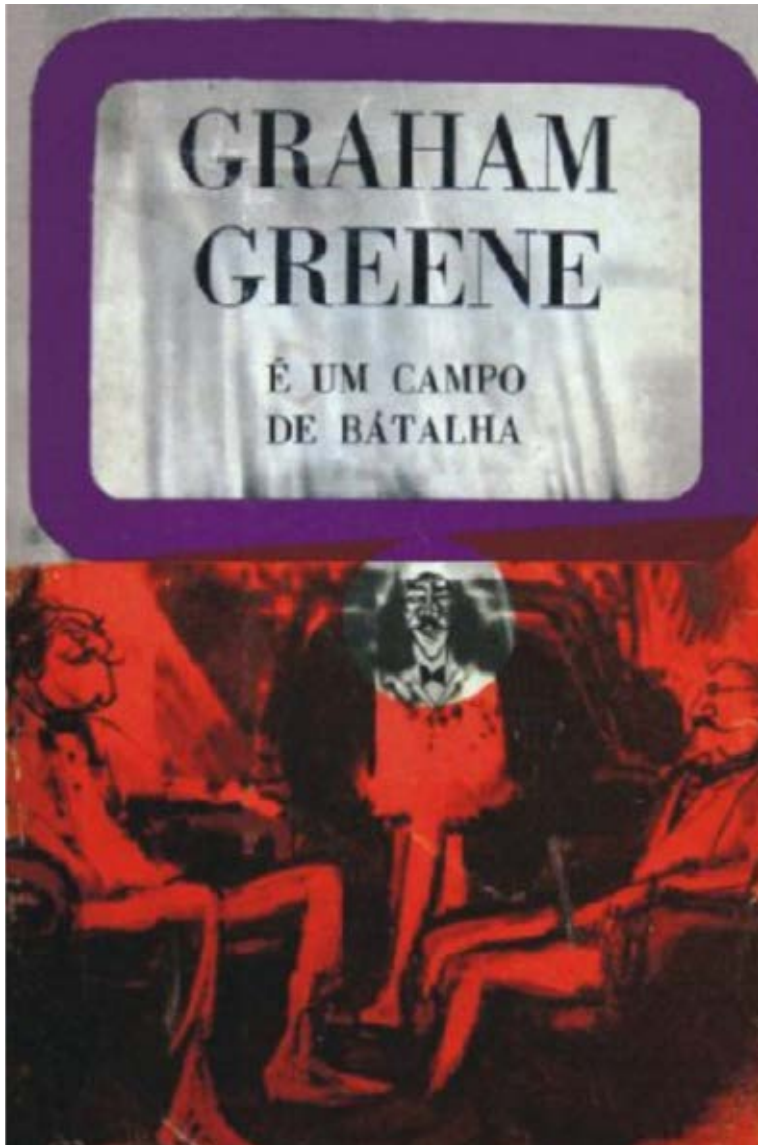


[6]

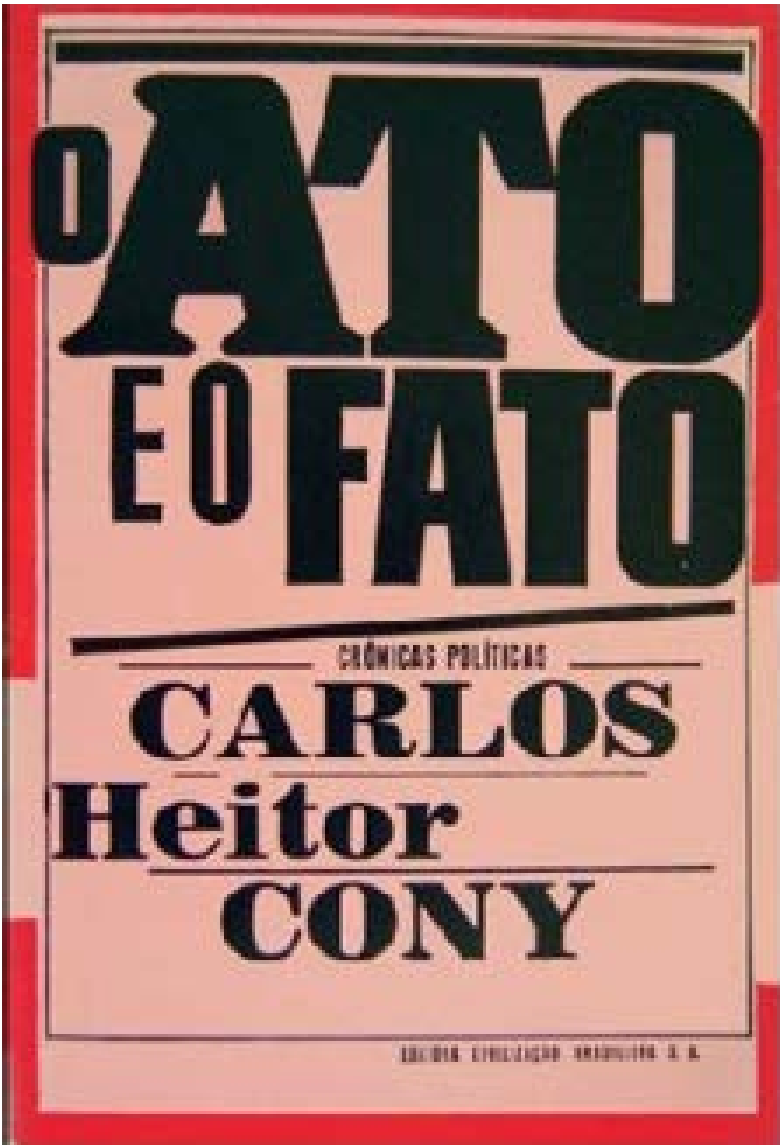
[1]



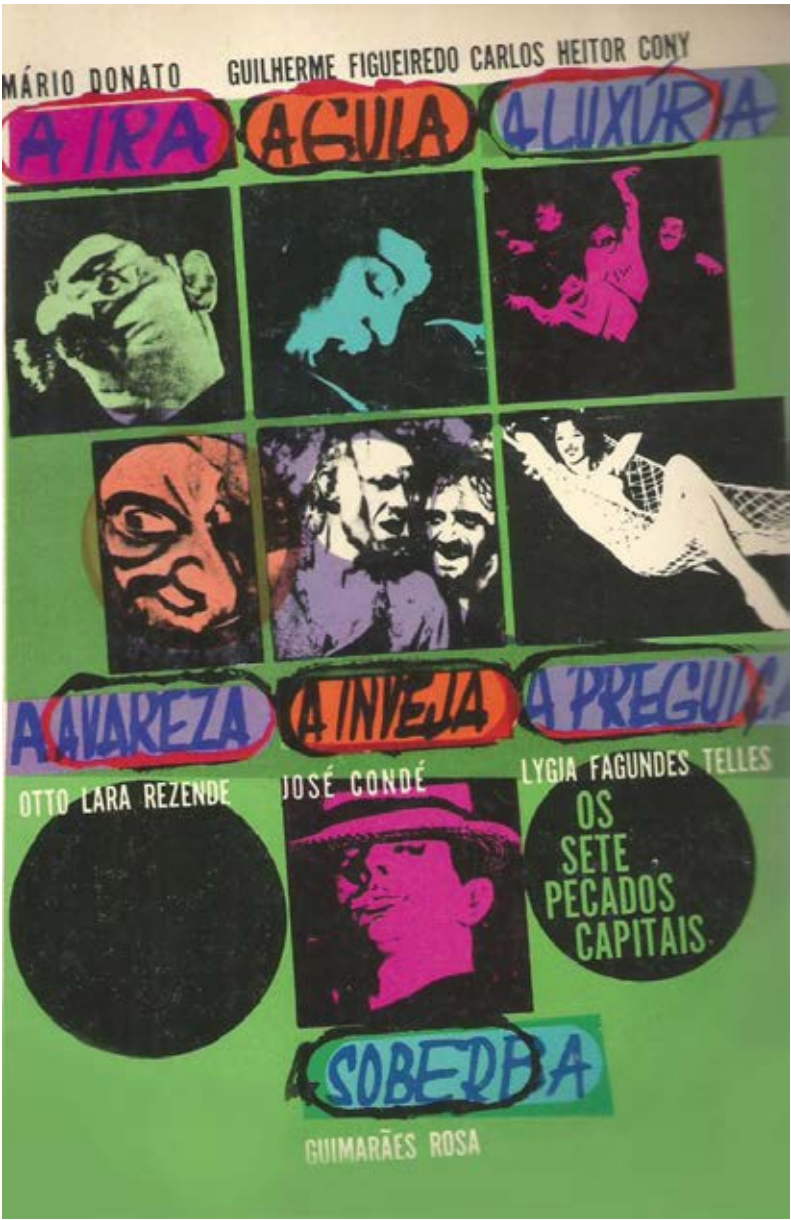
[2]



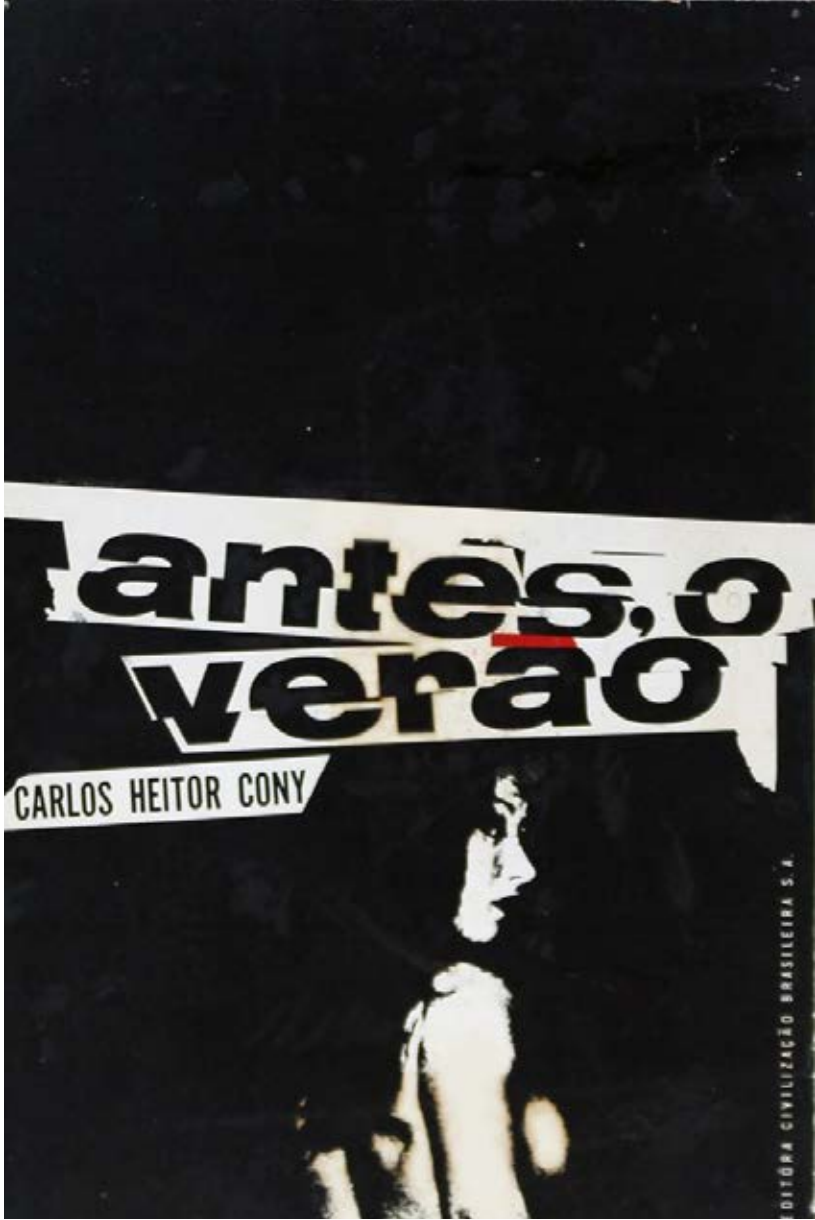
[3]



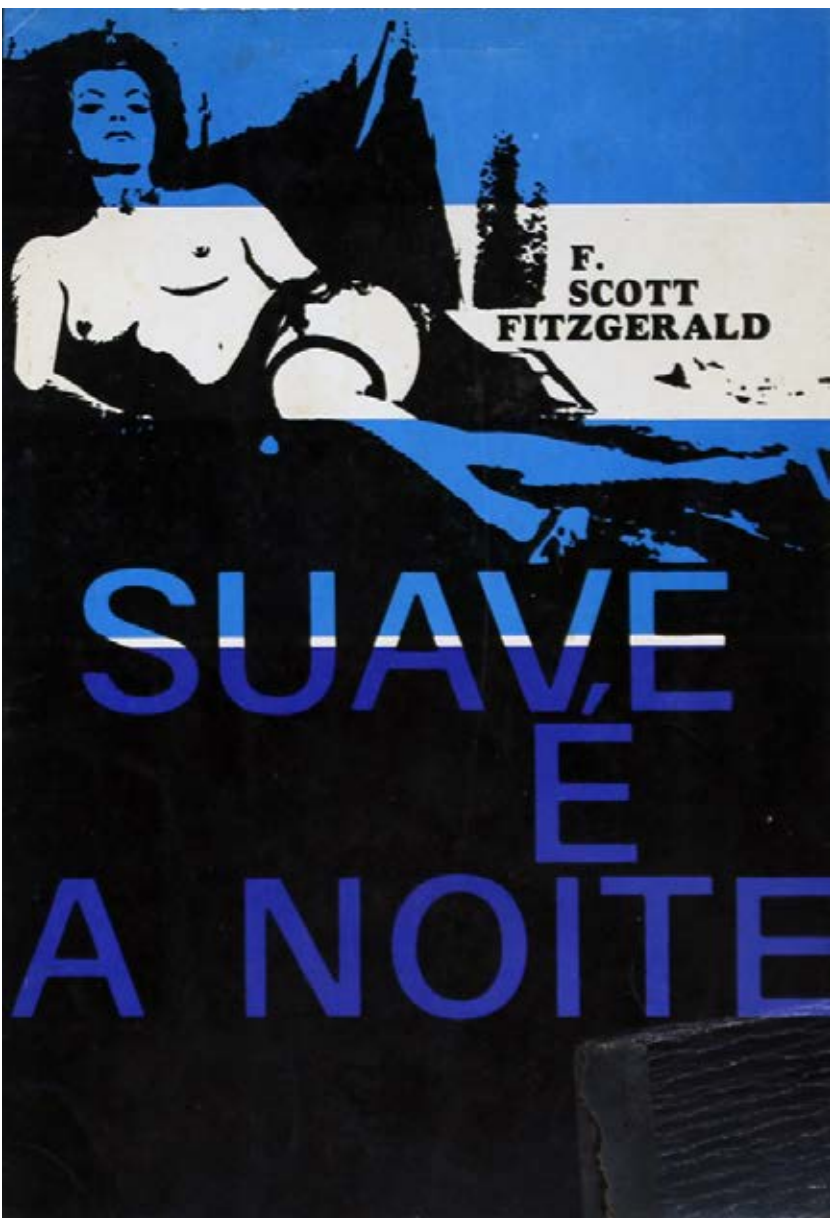
[4]



[5]



[6]

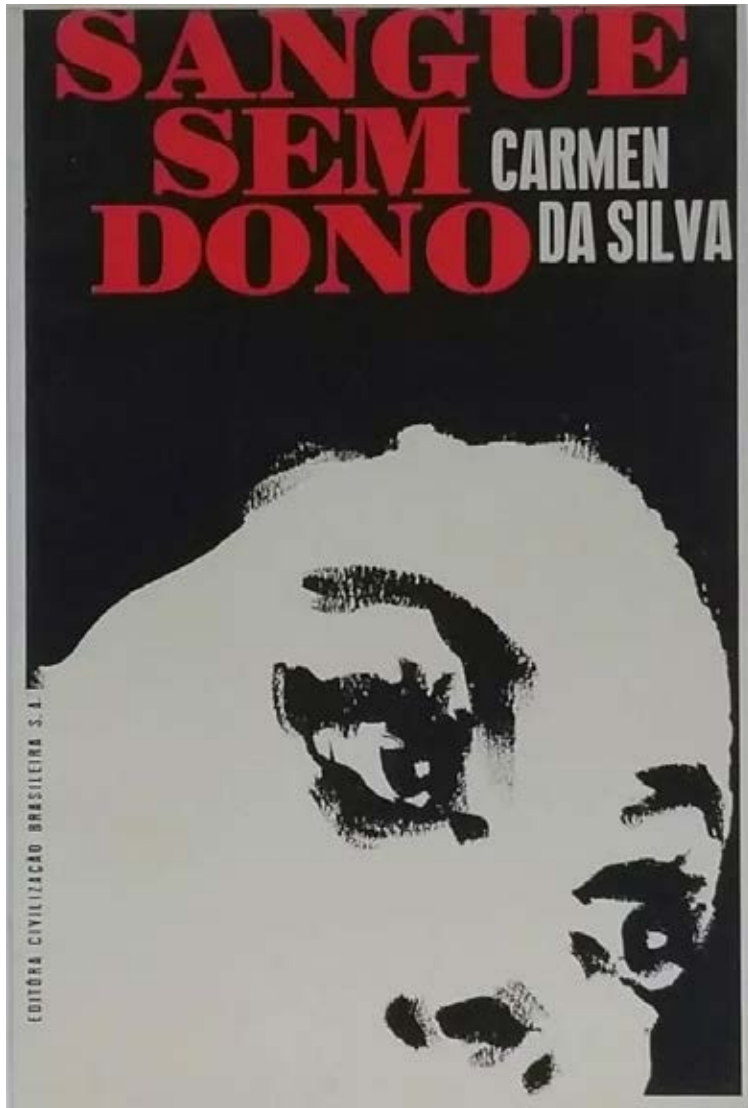


[1]	Cristo de lama João Felício dos Santos	1964
[2]	É um campo de batalha Graham Greene	1964
[3]	O ato e o fato - Crônicas políticas Carlos Heitor Cony	1964
[4]	Os sete pecados capitais Diversos autores	1964
[5]	Antes, o verão Carlos Heitor Cony	1964
[6]	Suave é a noite F. Scott Fitzgerald	1964

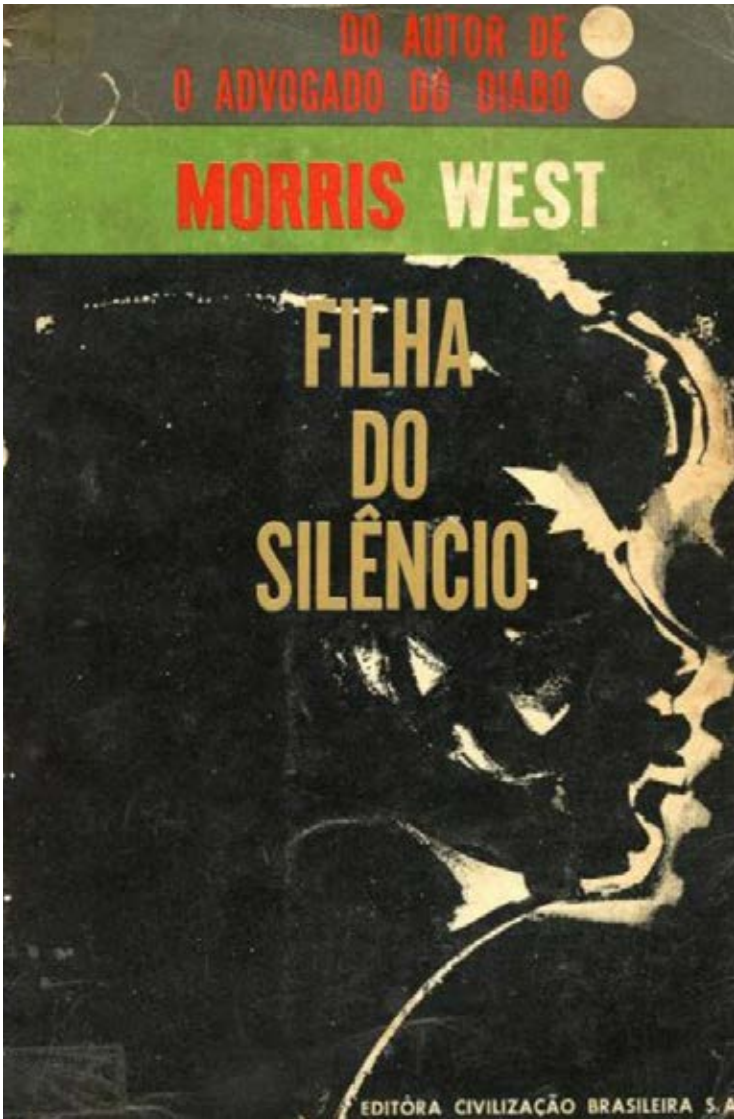


1964
Antes, o verão
Carlos Heitor Cony

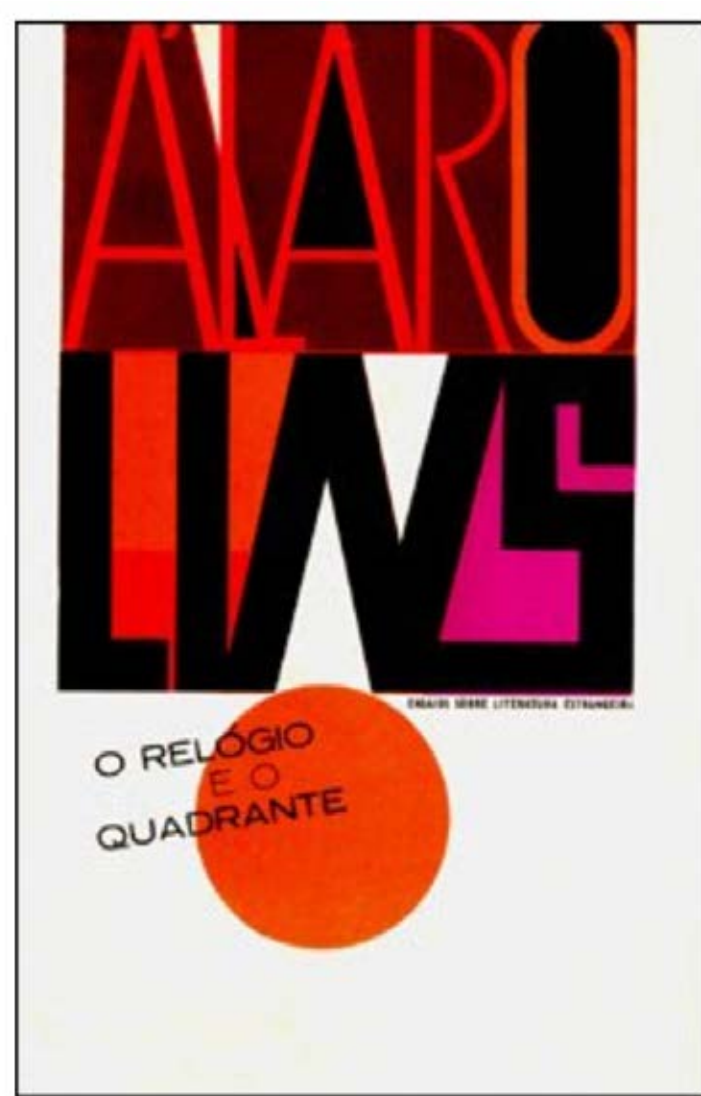
A capa de *Antes, o verão*, apresenta algumas escolhas gráficas recorrentes no trabalho de E.H. para a Civilização: o desalinhamento do texto – agora exacerbado pelo fato da tira da composição tipográfica ter sido cortada e colada fora do registro original –, o corpo feminino despido, a foto em alto contraste e o espaço vazio – desta vez mais desconcertante, por estar na parte superior da capa (em geral considerada nobre para destacar autores e títulos).



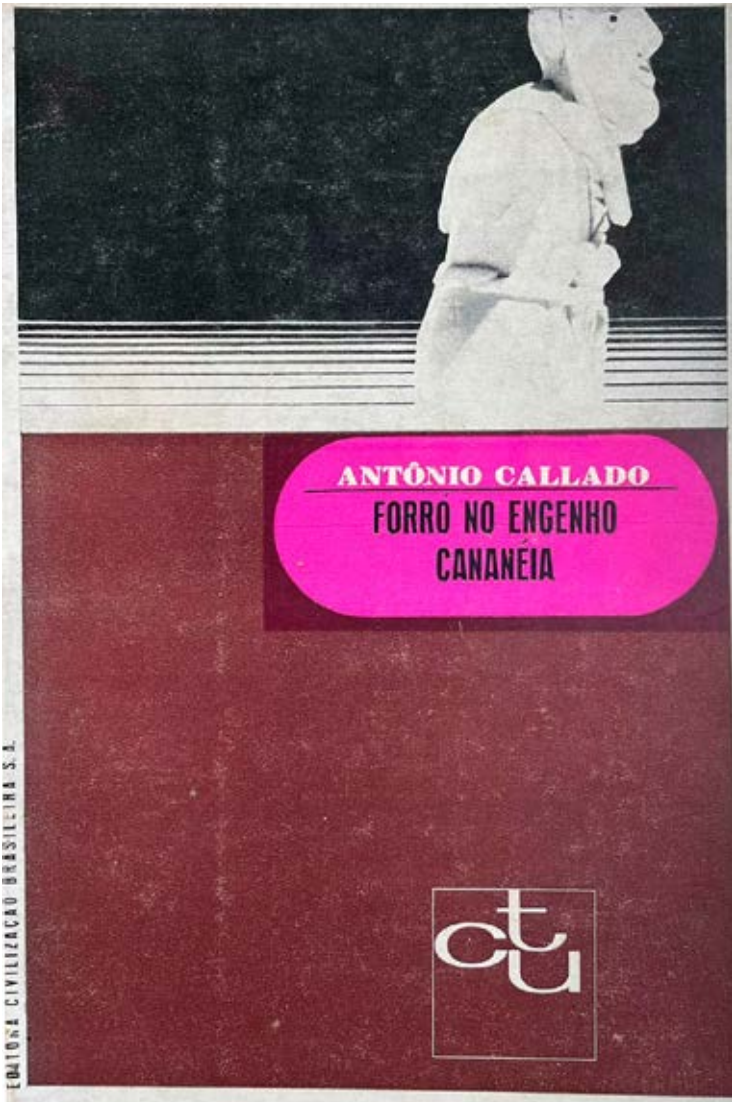
[1]



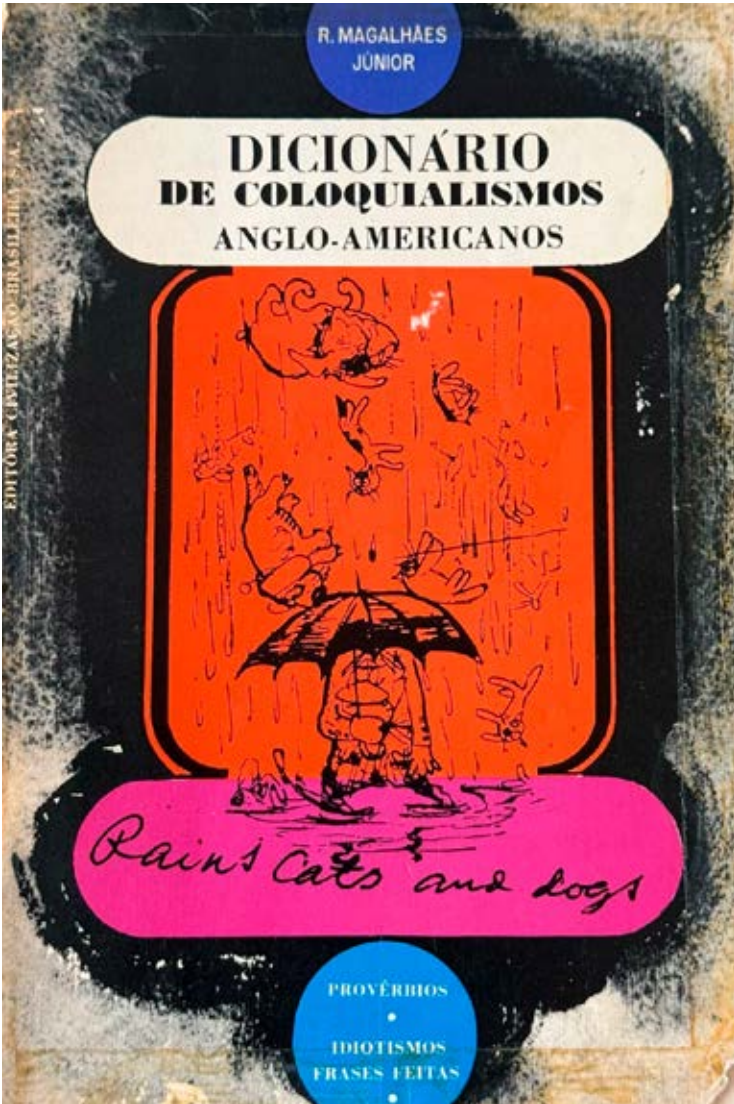
[2]



[3]



[4]



[5]



[6]

[1]	Sangue sem dono Carmen da Silva	1964
[2]	Filha do silêncio Morris West	1964
[3]	O relógio e o quadrante Álvaro Lins	1964
[4]	Forró no engenho Cananéia Antônio Callado	1964
[5]	Dicionário de coloquialismos anglo-americanos R. Magalhães Júnior	1964
[6]	1922 - Sangue na areia de Copacabana Hélio Silva	1964

Conjunto de duas capas que se sobressaem, dentro da obra de Hirsch, pela rara composição geométrica, mas que evidenciam um recurso muitas vezes utilizados por ele de colorizar letras isoladas dentro de nomes ou palavras.

[1]	História da literatura brasileira Nelson Werneck Sodré	1964
[2]	História da literatura brasileira 2 Nelson Werneck Sodré	1964

[1]



[2]





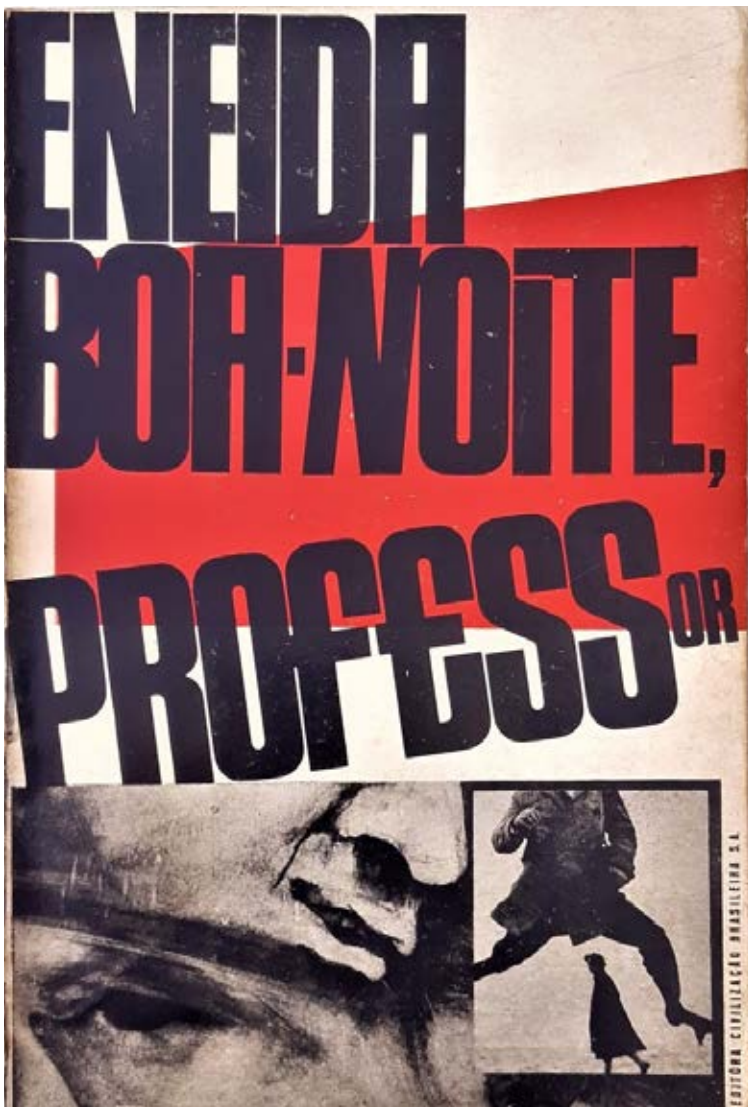
[1]



[2]



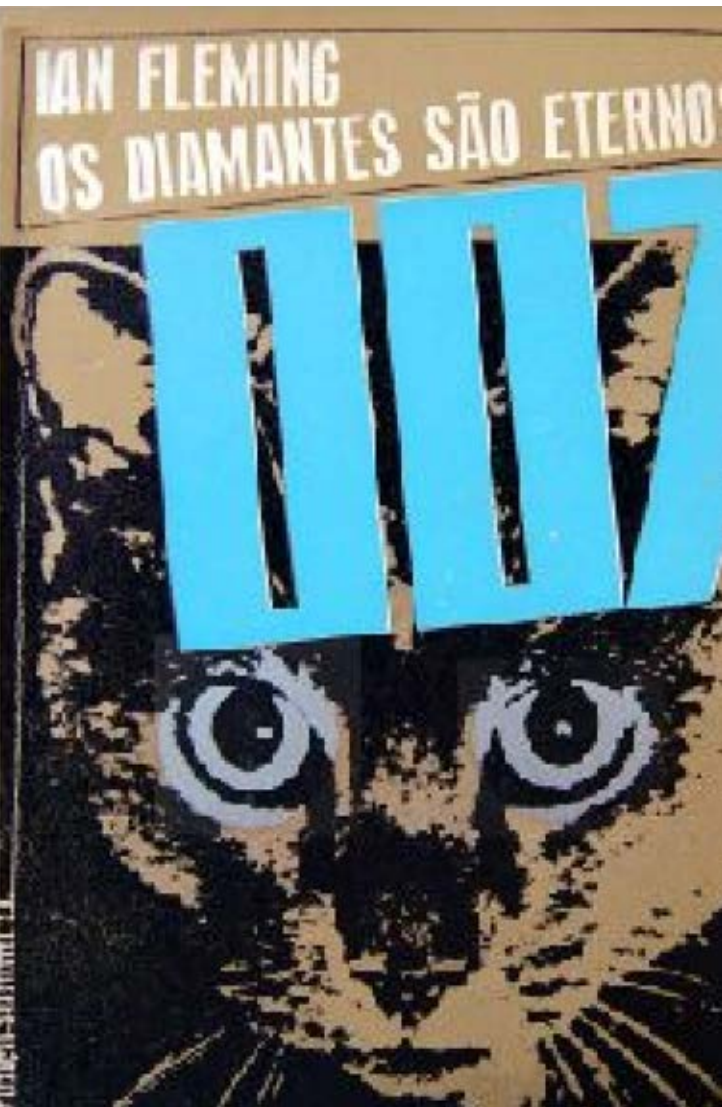
[3]



[4]

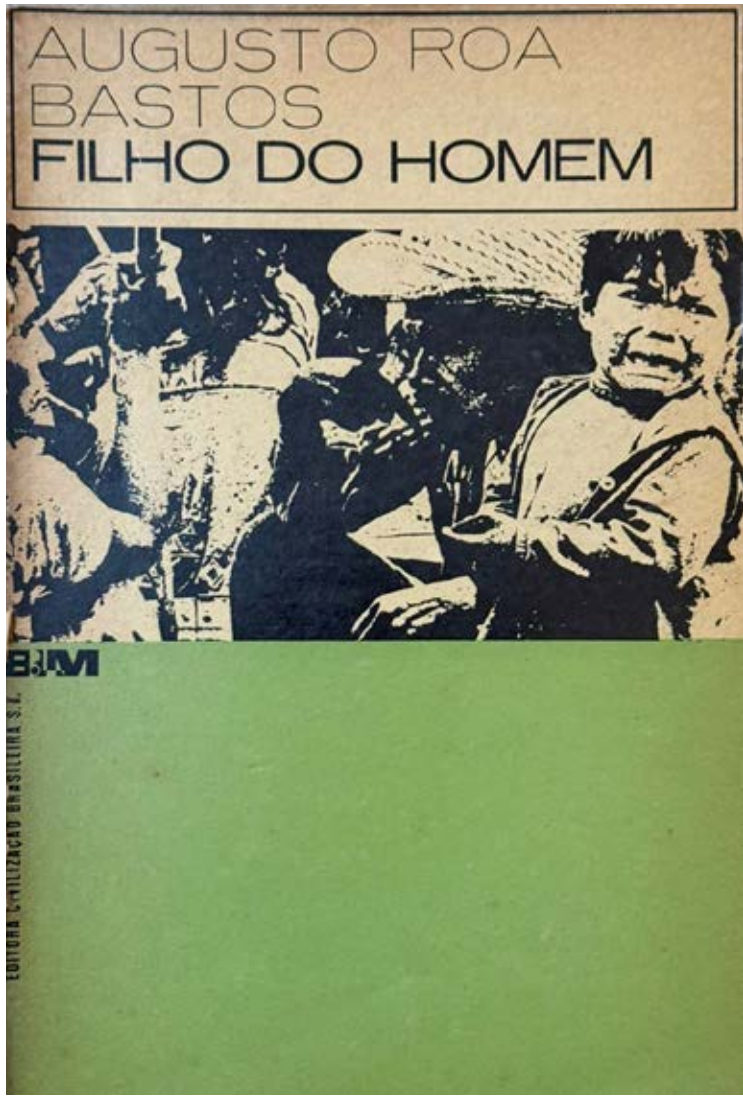


[5]

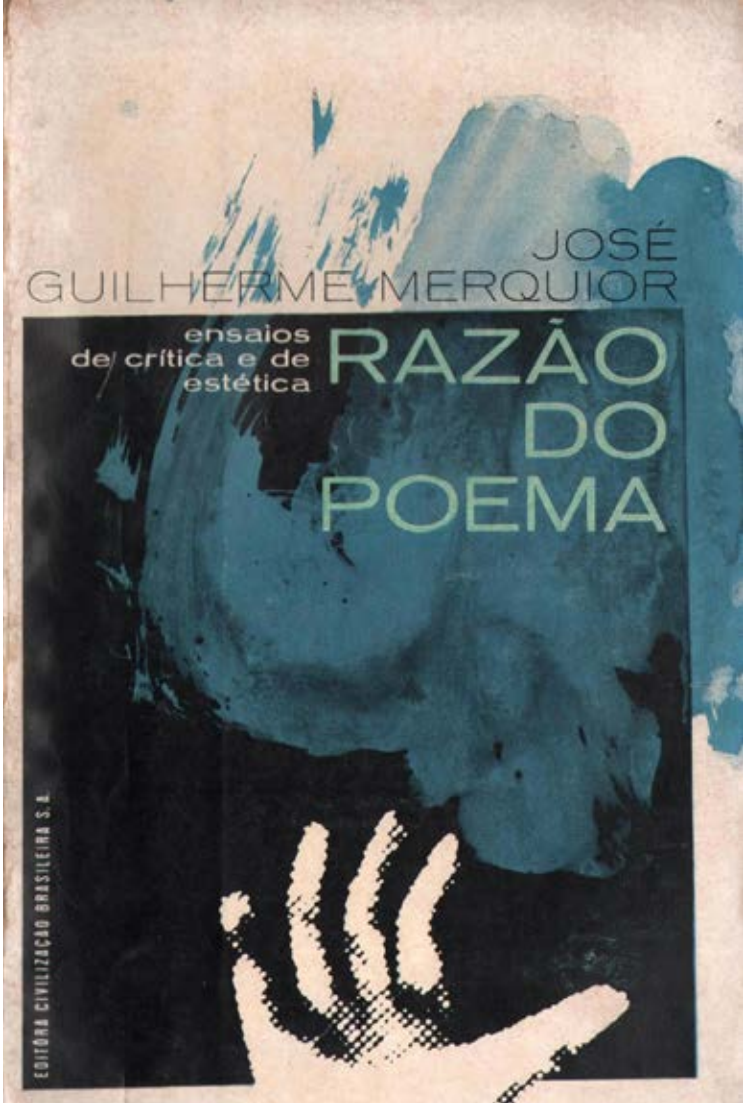


[6]

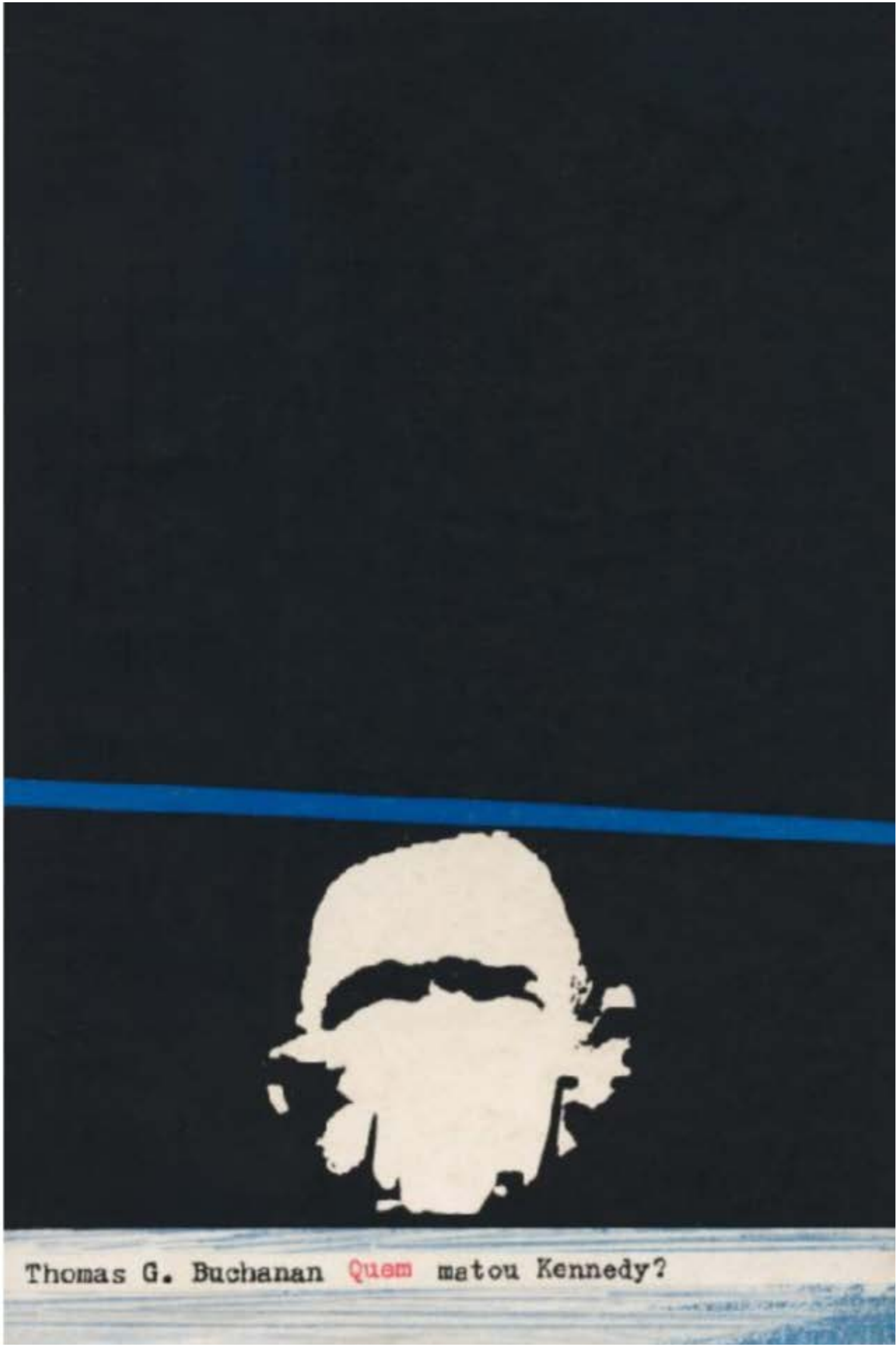
[1]	Tiro da memória Esdras do Nascimento	1965
[2]	O grupo Mary McCarthy	1965
[3]	Tarnovska, a condessa libertina Hans Habe	1965
[4]	Boa noite, professor Eneida	1965
[5]	O muro Sartre	1965
[6]	Os diamantes são eternos Ian Fleming	1965



[1]



[2]



[3]

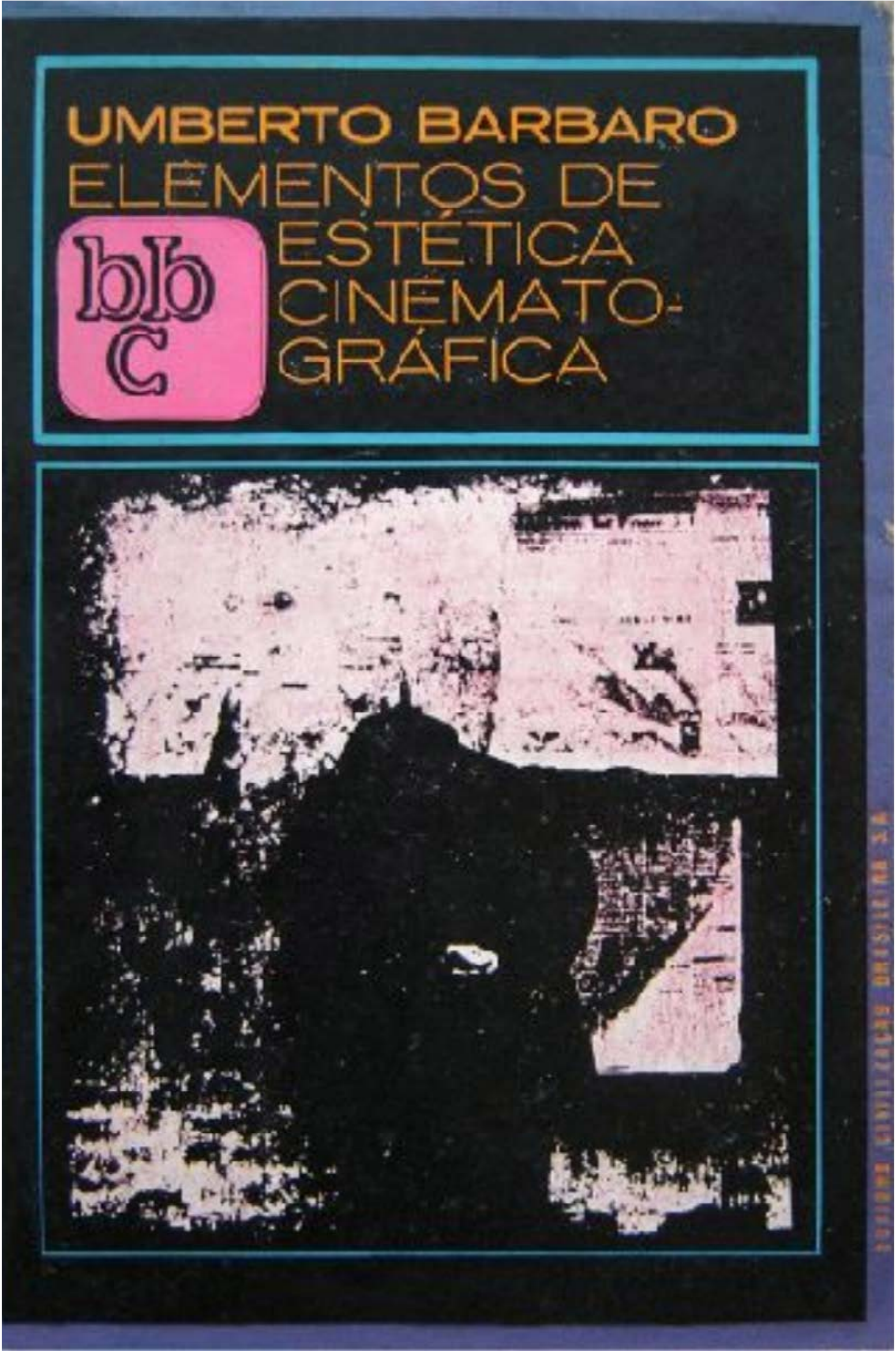
[1]	Filho do homem Augusto Roa Bastos	1965
[2]	Razão do poema José Guilherme Merquior	1965
[3]	Quem matou Kennedy? Thomas G. Buchanan	1965



[1]



[2]



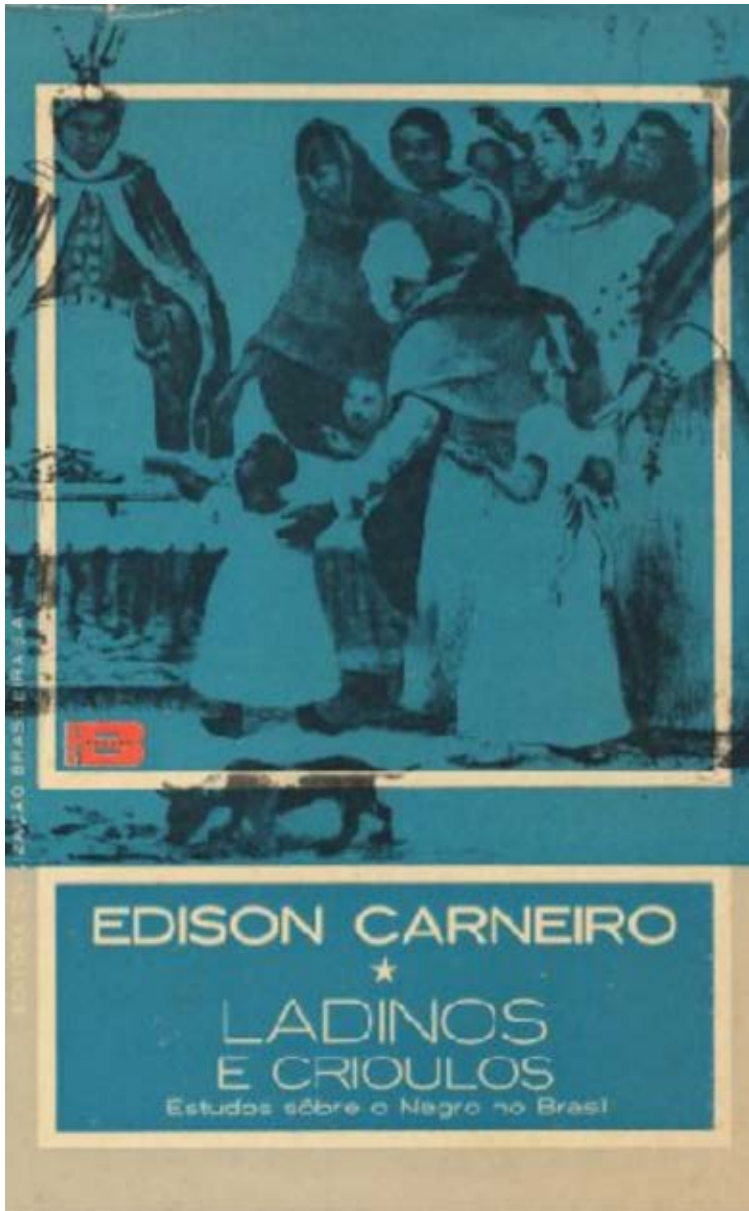
[3]

[1]	O golpe de abril Edmundo muniz	1965
[2]	Conciliação e reforma no Brasil José Honório Rodrigues	1965
[3]	Elementos da estética cinematográfica Umberto Barbaro	1965

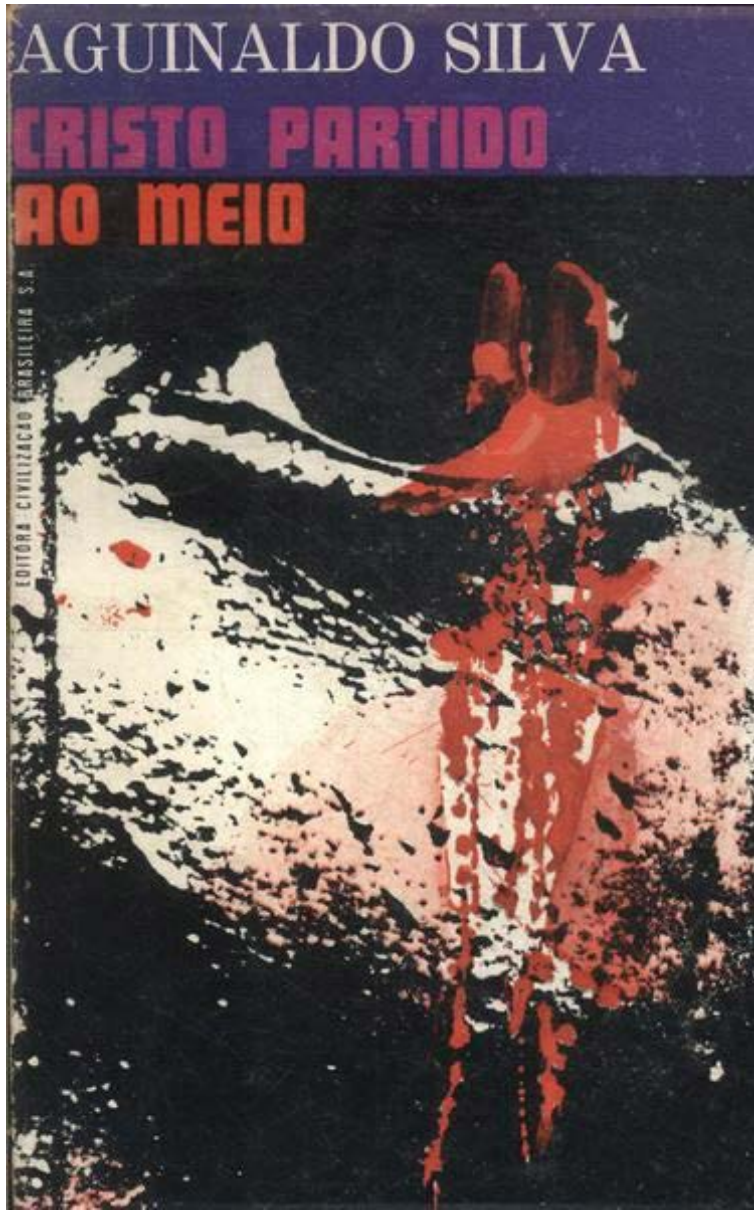
[1]



[2]



[3]

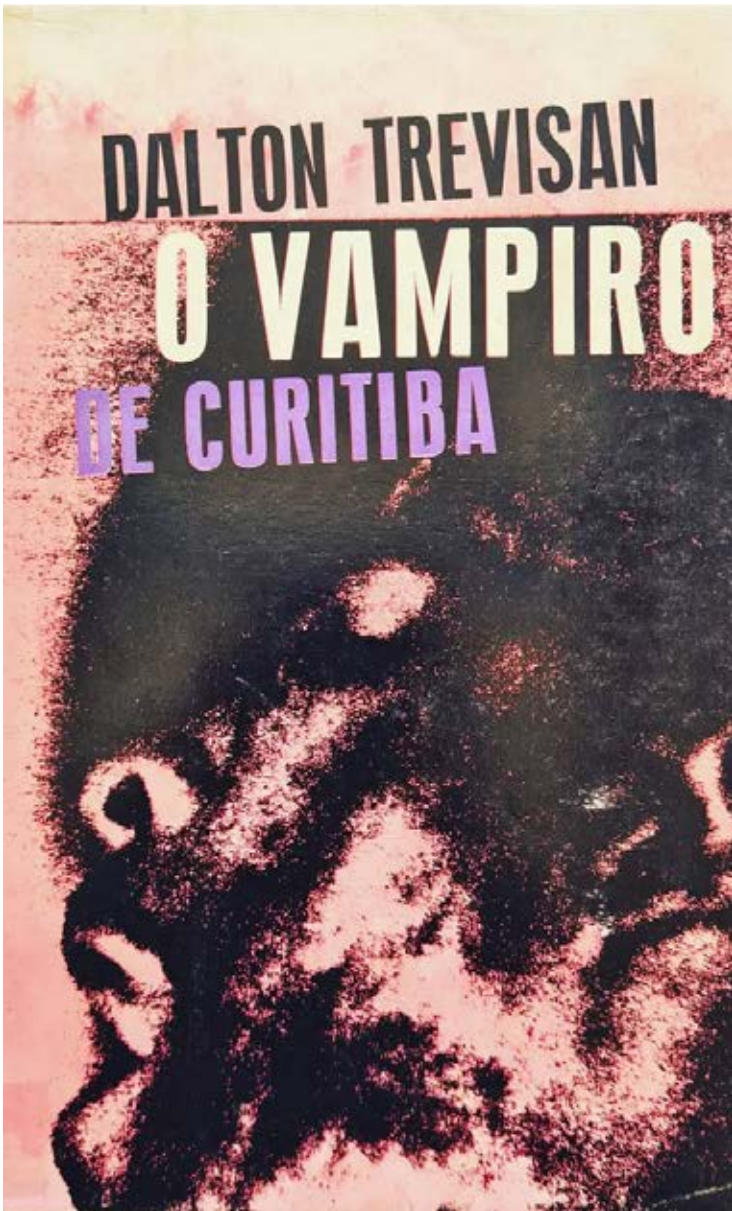


[4]

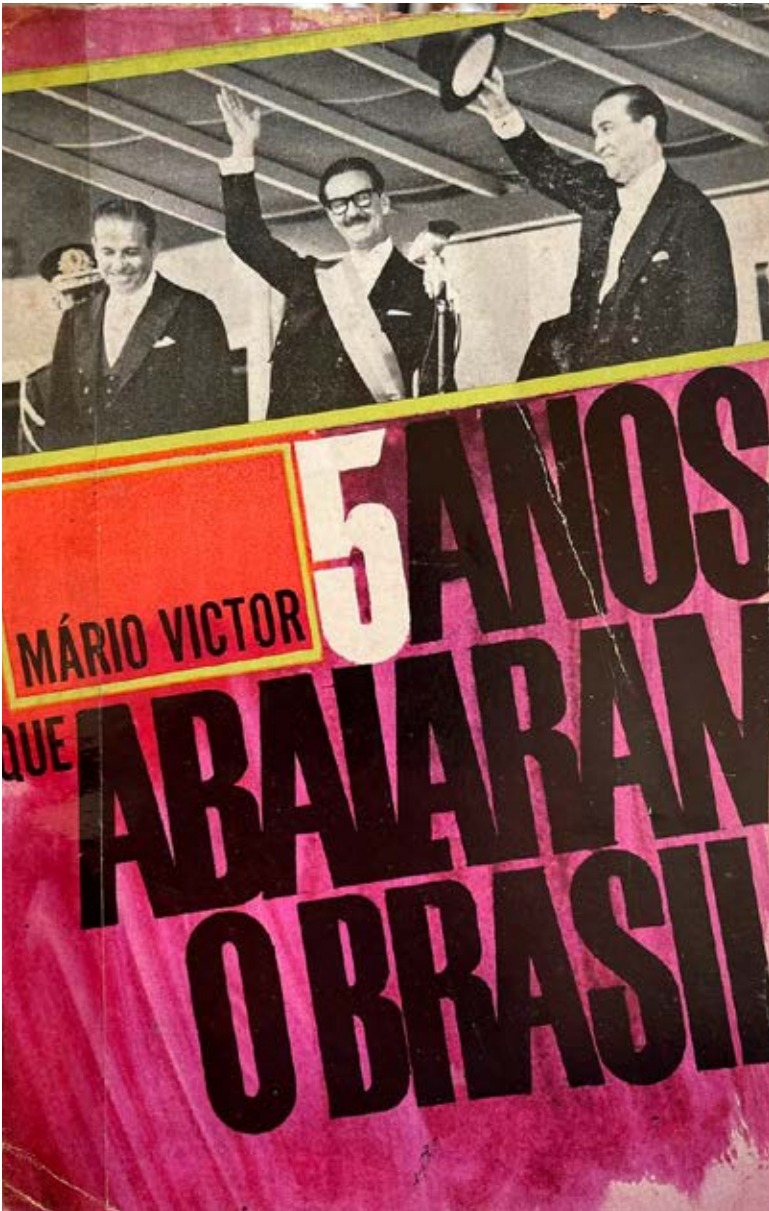


[1]	Um Deus dormiu lá em casa Guilherme Figueiredo	1965
[2]	Latinos e crioulos - Ume estudo sobre o negro no Brasil Edson Carneiro	1965
[3]	Cristo partido ao meio Aguinaldo Silva	1965
[4]	Lugar público José Agrippino de Paula	1965
[5]	O vampiro de Curitiba Dalton Trevisan	1965
[6]	5 anos que abalaram o Brasil Mário Victor	1965
[7]	Guia poético da cidade do Rio de Janeiro Luiz Paiva Castro	1965

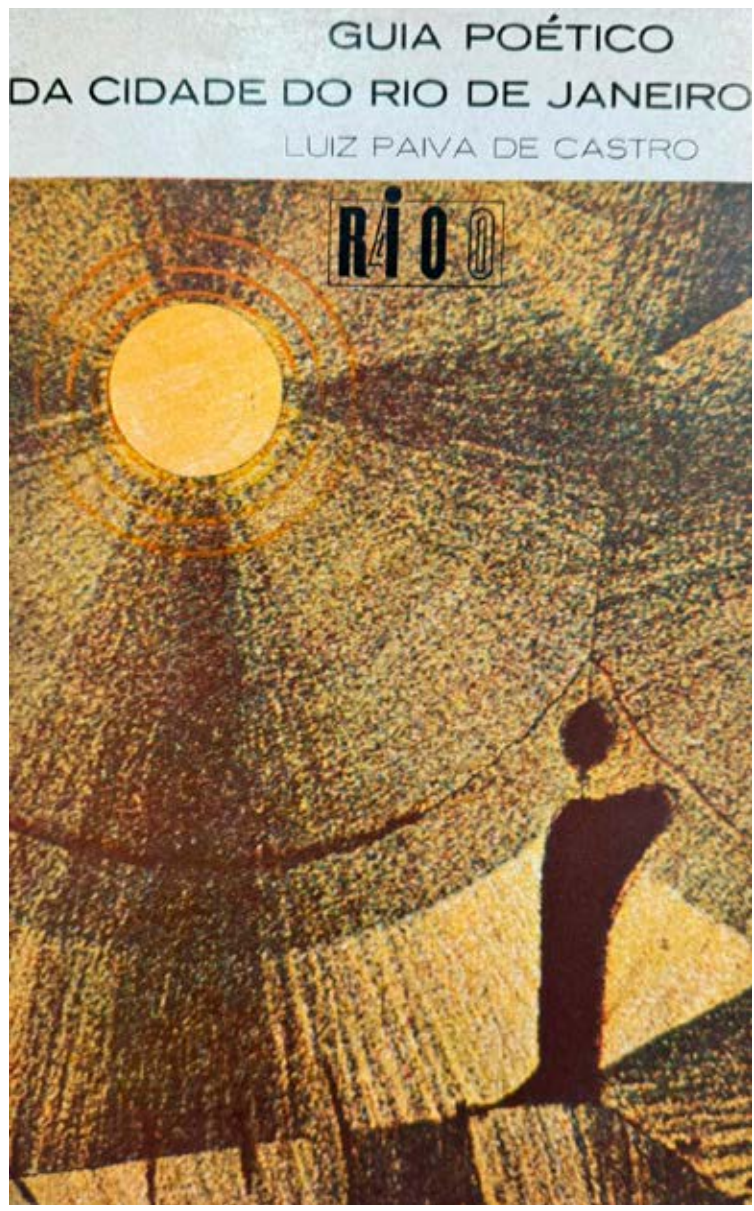
[5]



[6]



[7]



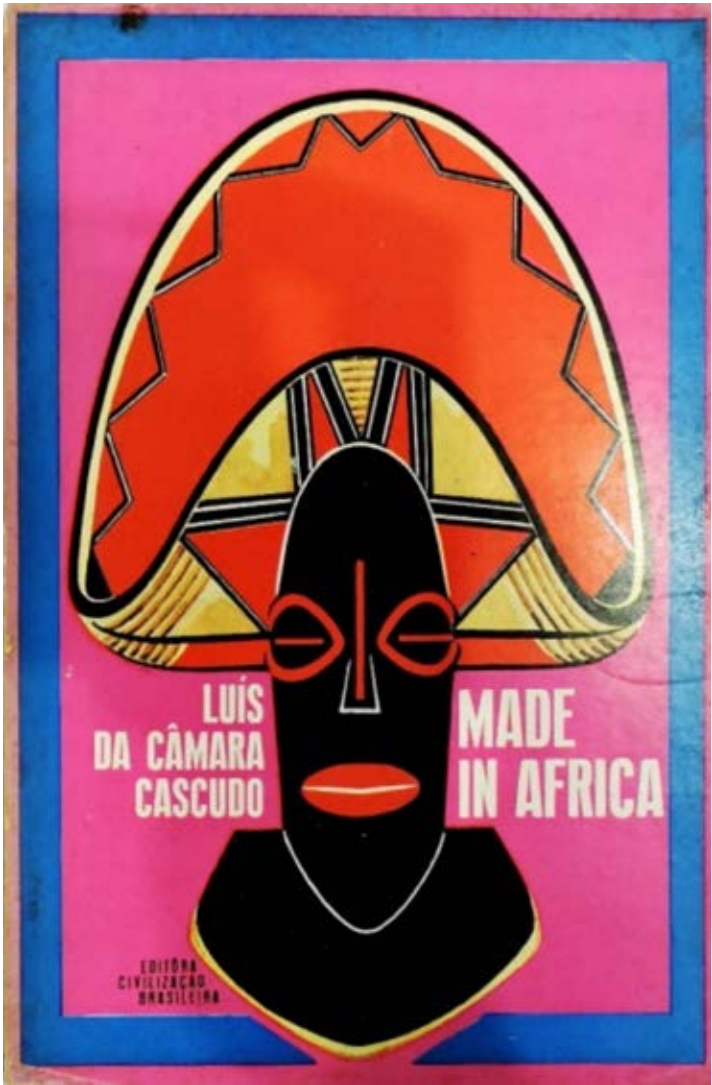


CONTOS DE HEMINGWAY

1965
Contos de Hemingway
Ernest Hemingway



[1]



[2]



[3]



[4]

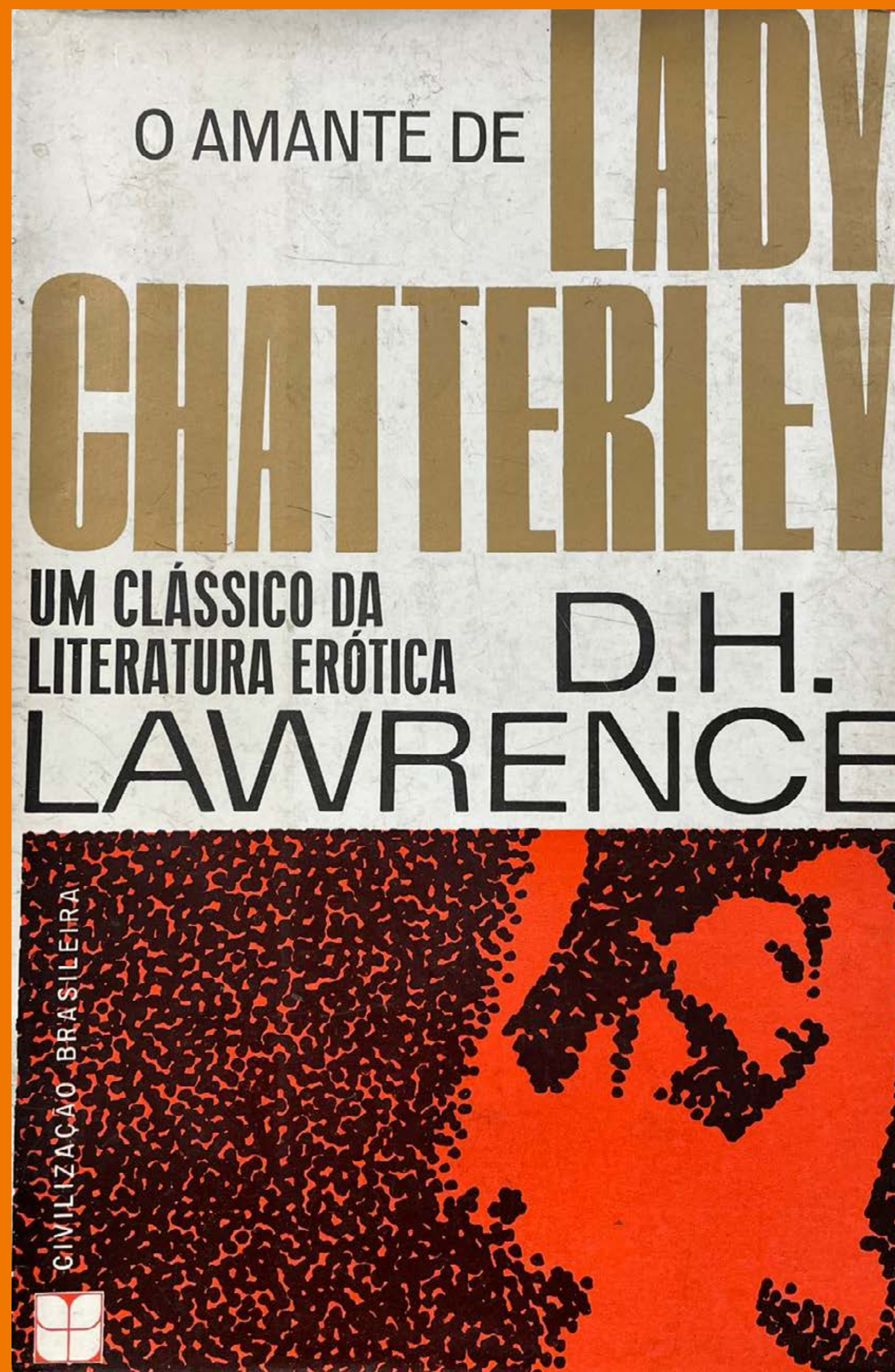
[1]	As sementes da liberdade Santos Lima	1965
[2]	Made in Africa Luís da Câmara Cascudo	1965
[3]	O grande Gatsby F. Scott Fitzgerald	1965
[4]	Balé branco Carlos Heitor Cony	1965



A PROSTITUTA RESPEITOSA



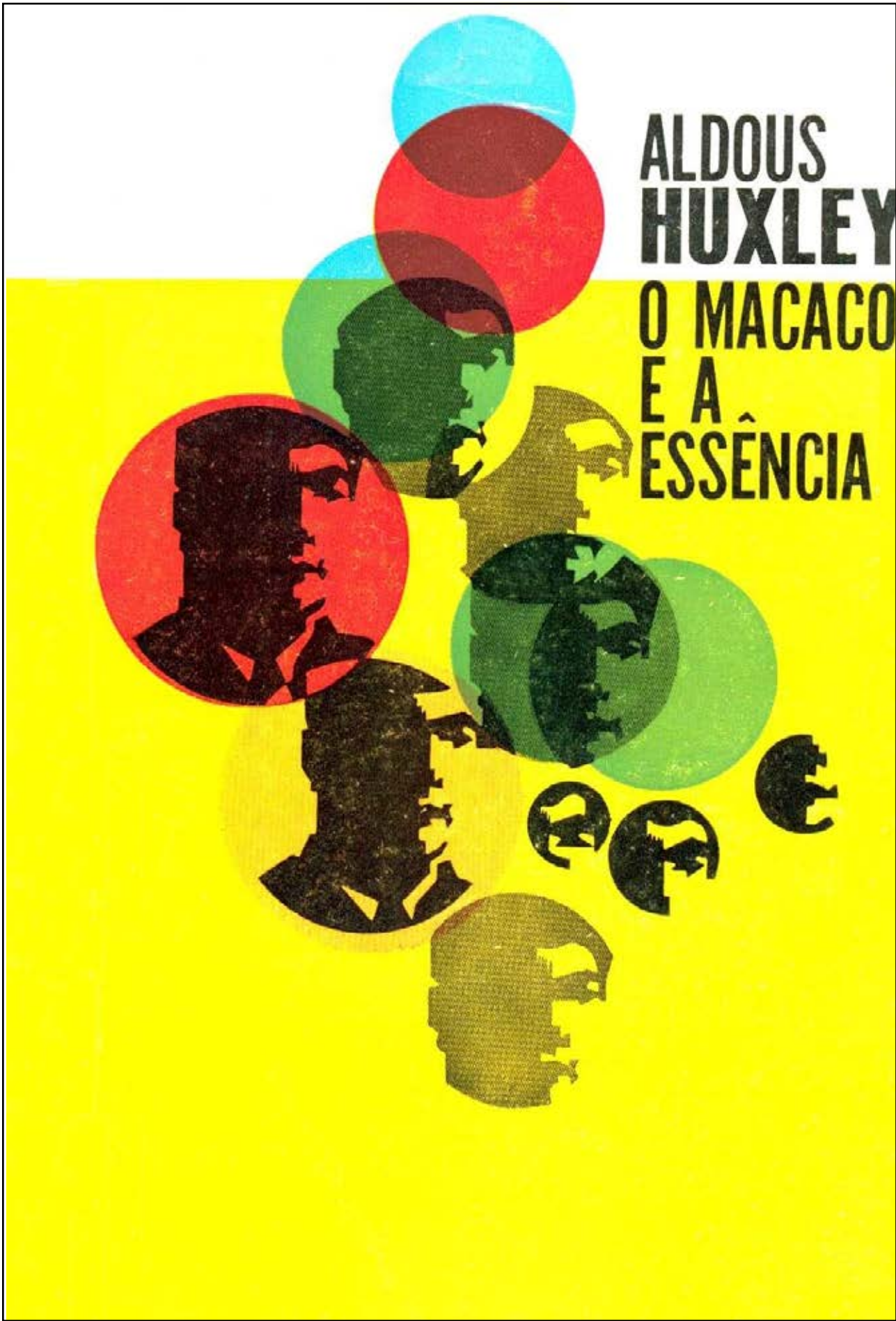
1966
A prostituta respeitosa
Sartre



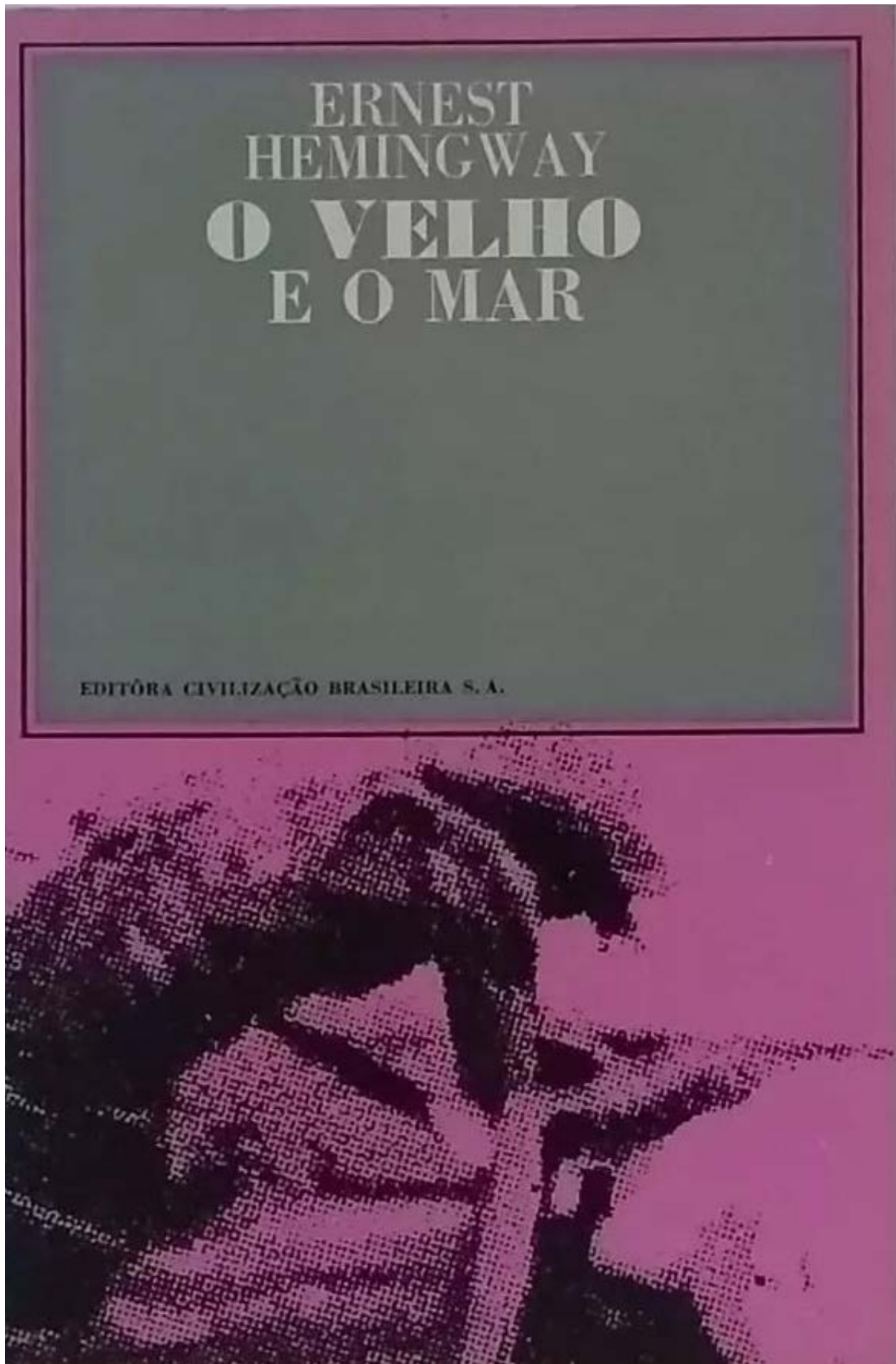
1966
O Amante de Lady Chatterley
D.H. Lawrence

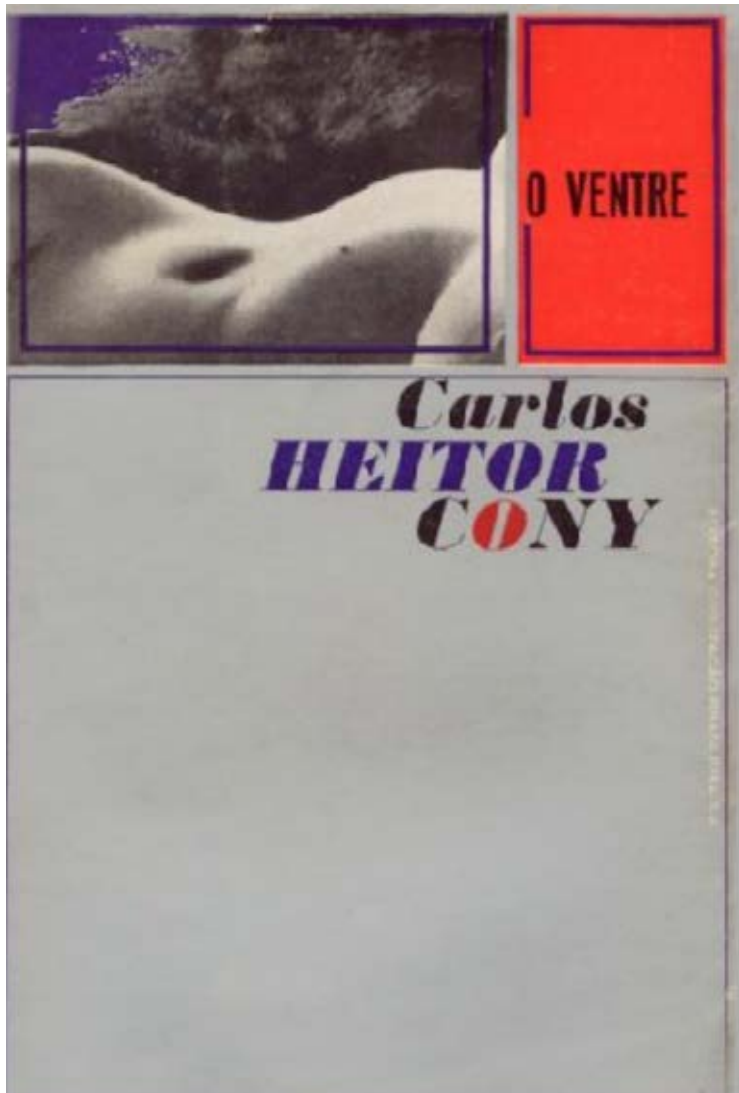
[1]	O macaco e a essência Aldous Huxley	1966
[2]	O velho e o mar Ernest Hemingway	1966

[1]

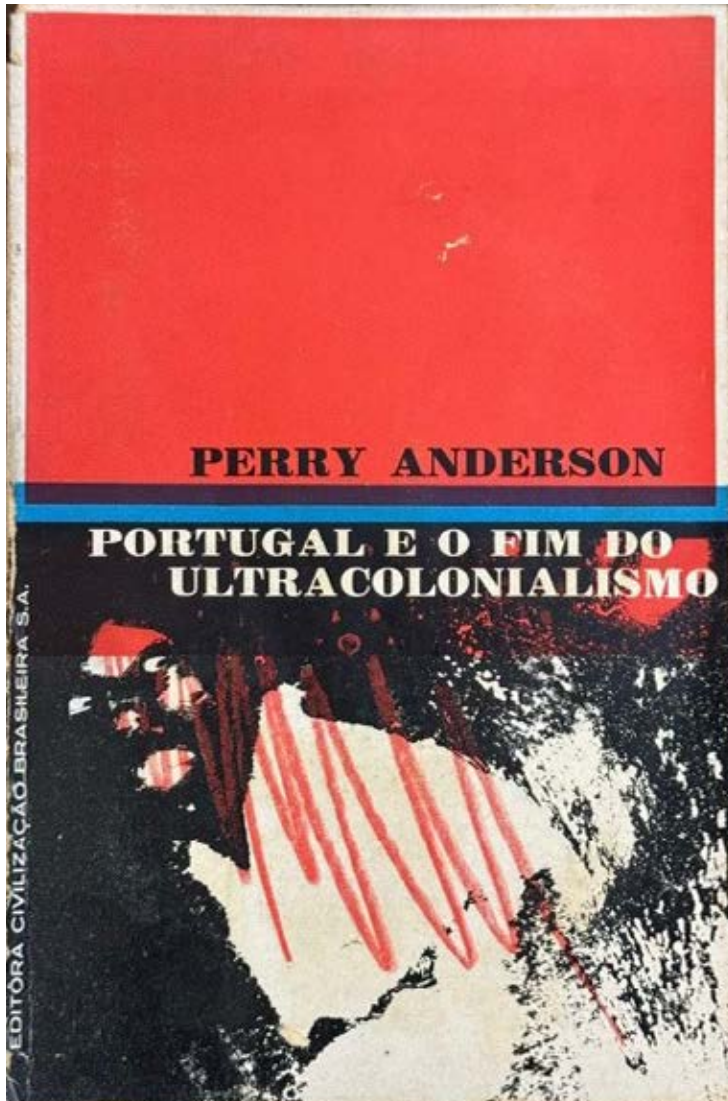


[2]

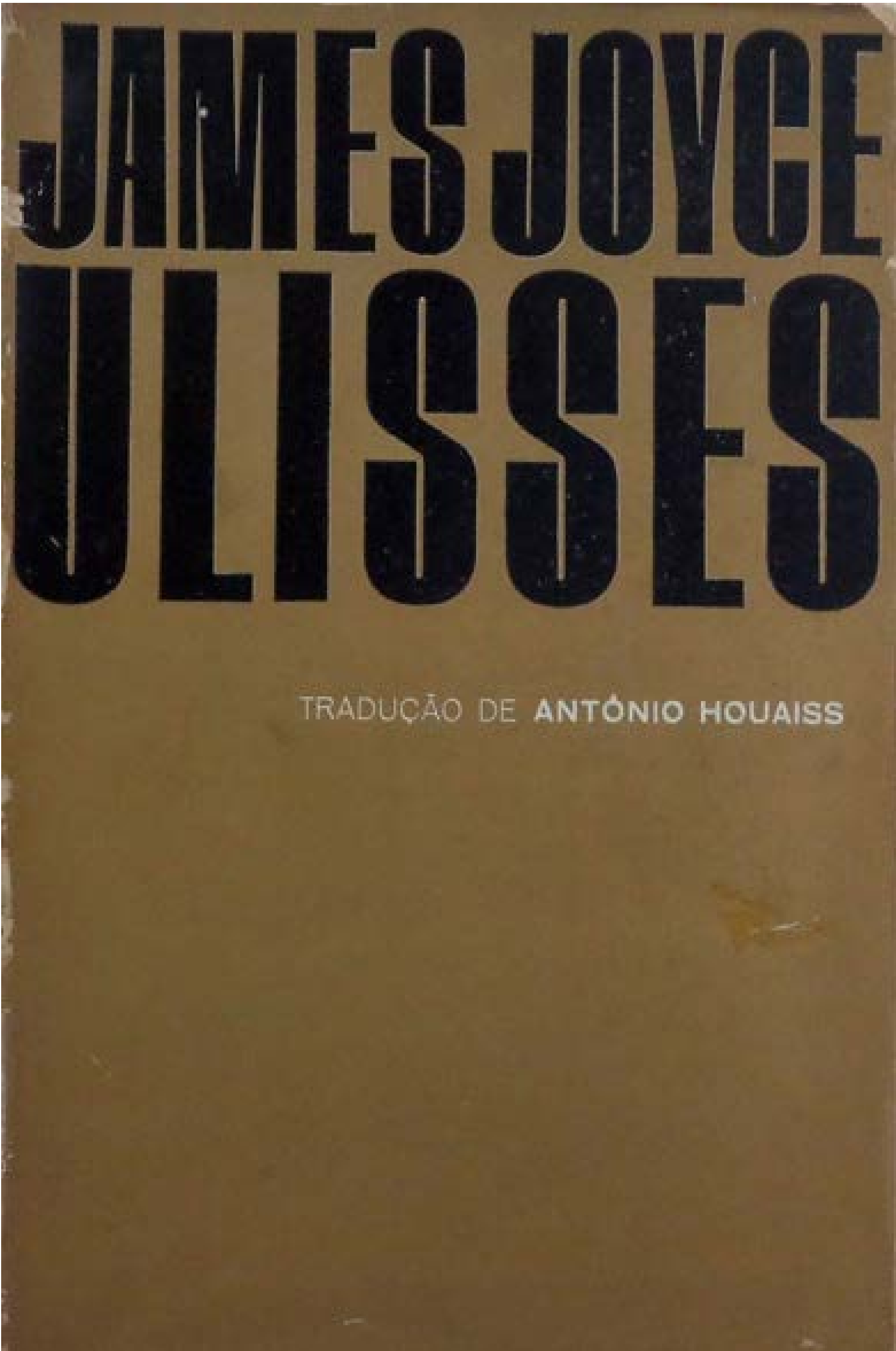




[1]



[2]



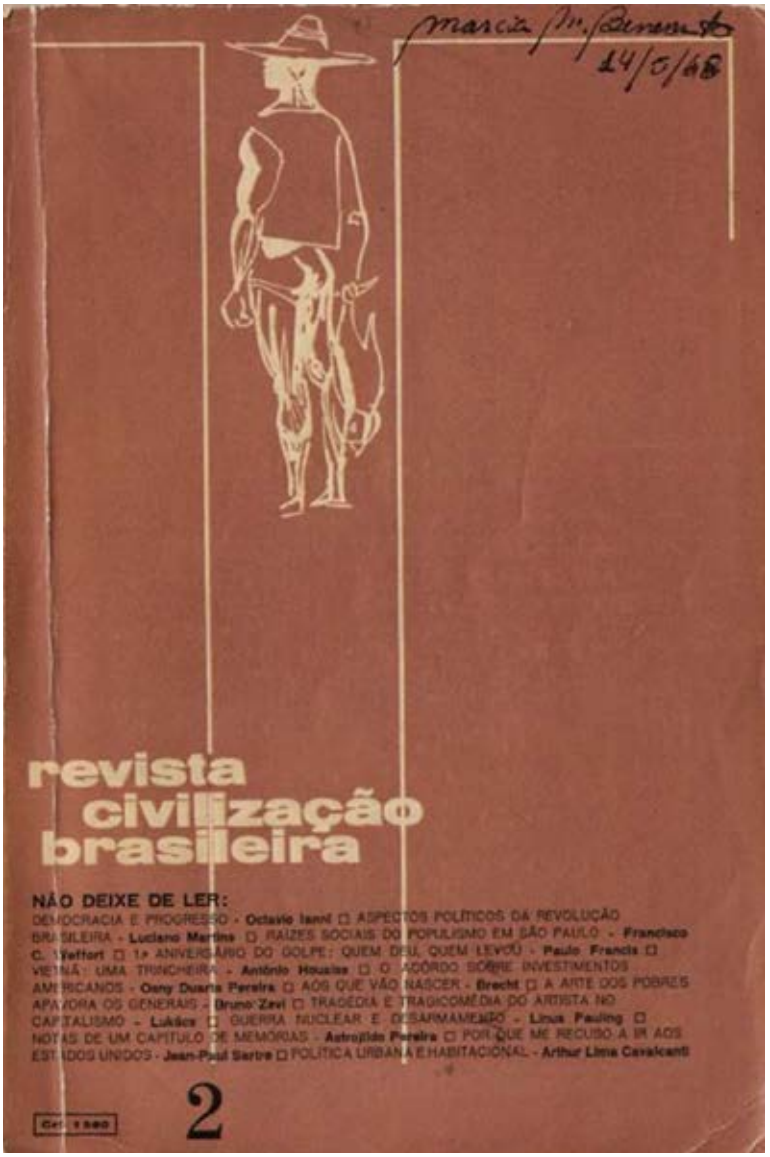
[3]

[1]	O ventre Carlos Heitor Cony	1967
[2]	Portugal e o fim do ultracolonialismo Perry Anderson	1966
[3]	Ulysses James Joyce	1967

[1]



[2]



[3]



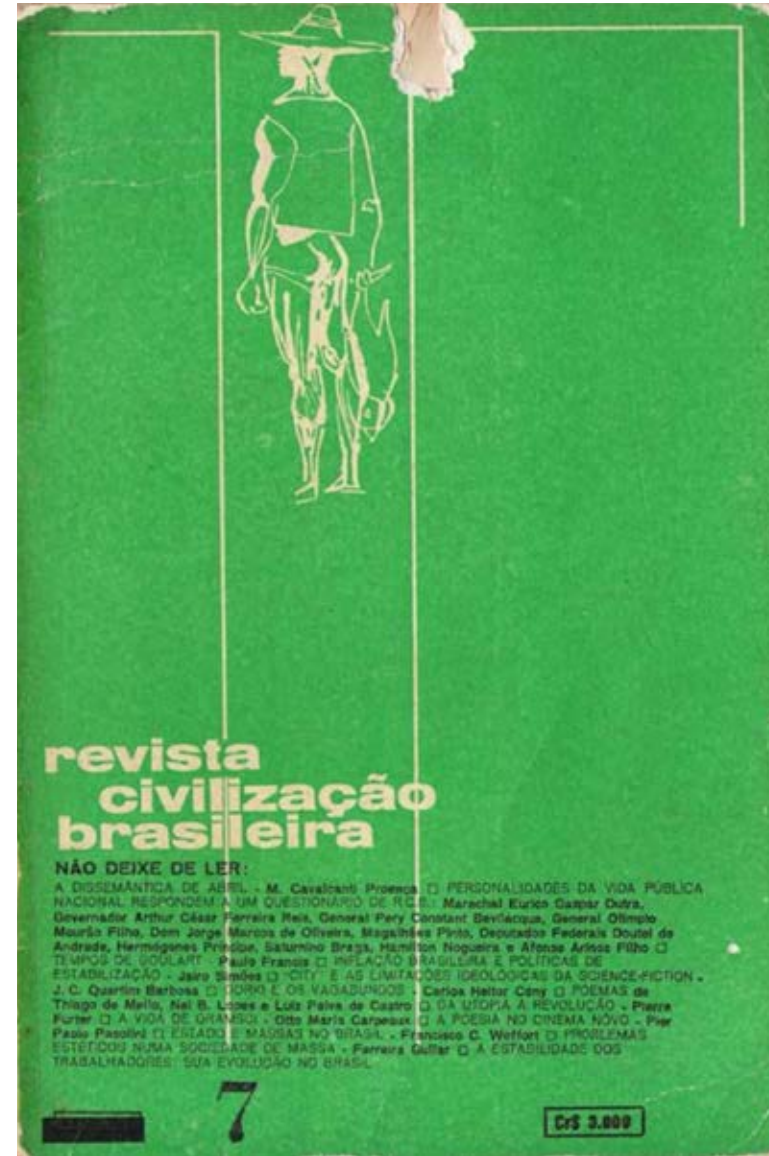
[4]



[5]



[6]



[7]



[1]	Revista Civilização Brasileira 1	1968
[2]	Revista Civilização Brasileira 2	1968
[3]	Revista Civilização Brasileira 3	1968
[4]	Revista Civilização Brasileira 4	1968
[5]	Revista Civilização Brasileira 5-6	1968
[6]	Revista Civilização Brasileira 7	1968
[7]	Revista Civilização Brasileira 8	1968

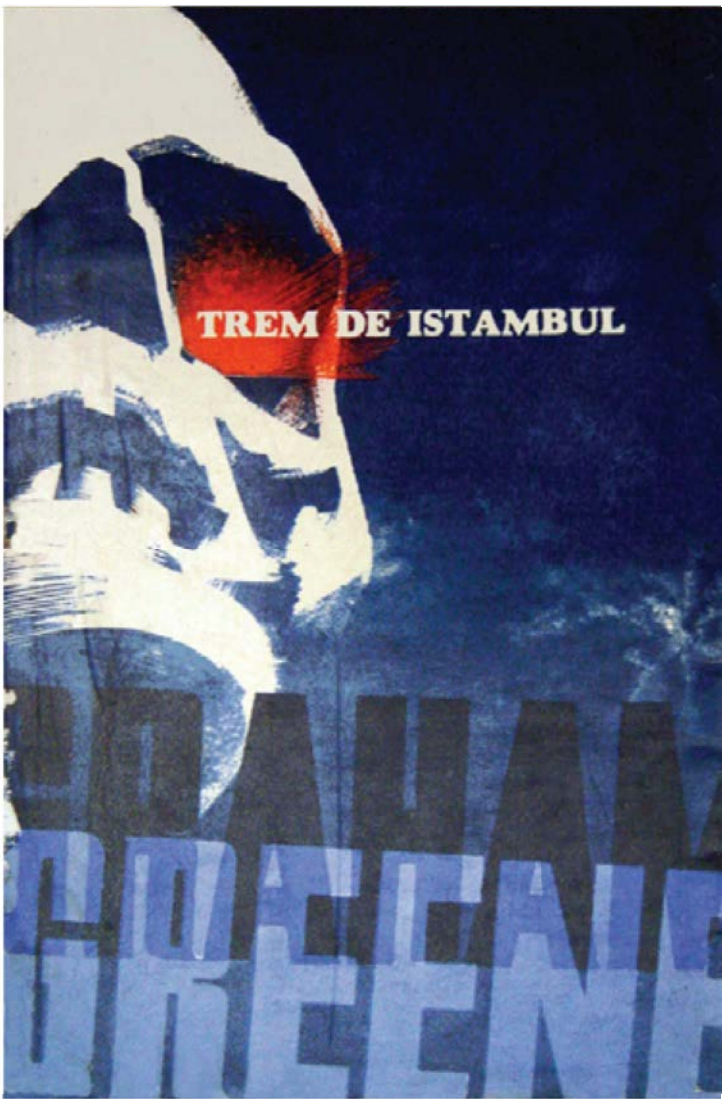
[1]	Revista Civilização Brasileira 9-10	1968
[2]	Revista Civilização Brasileira 11-12	1968

[1]

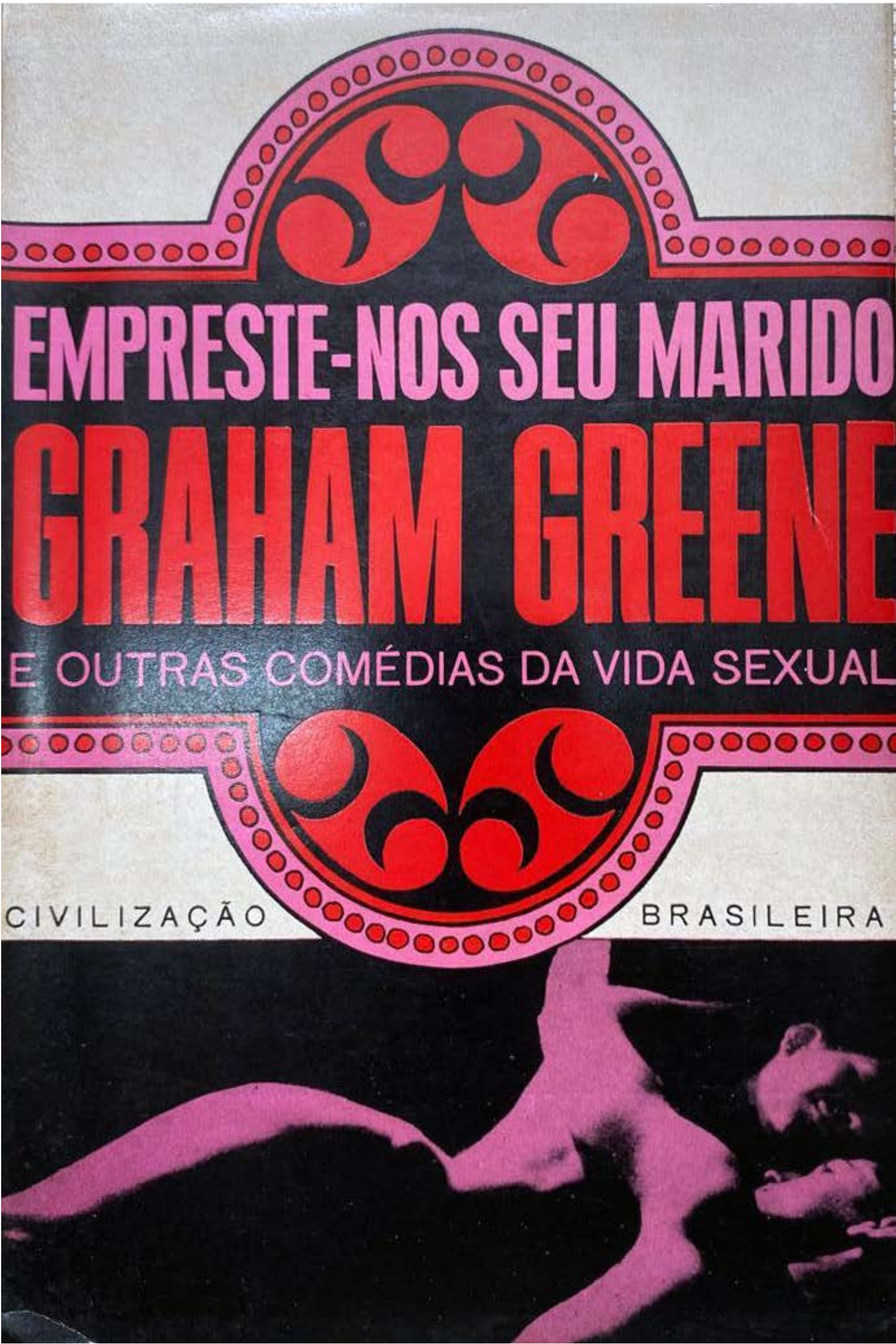


[2]





[1]

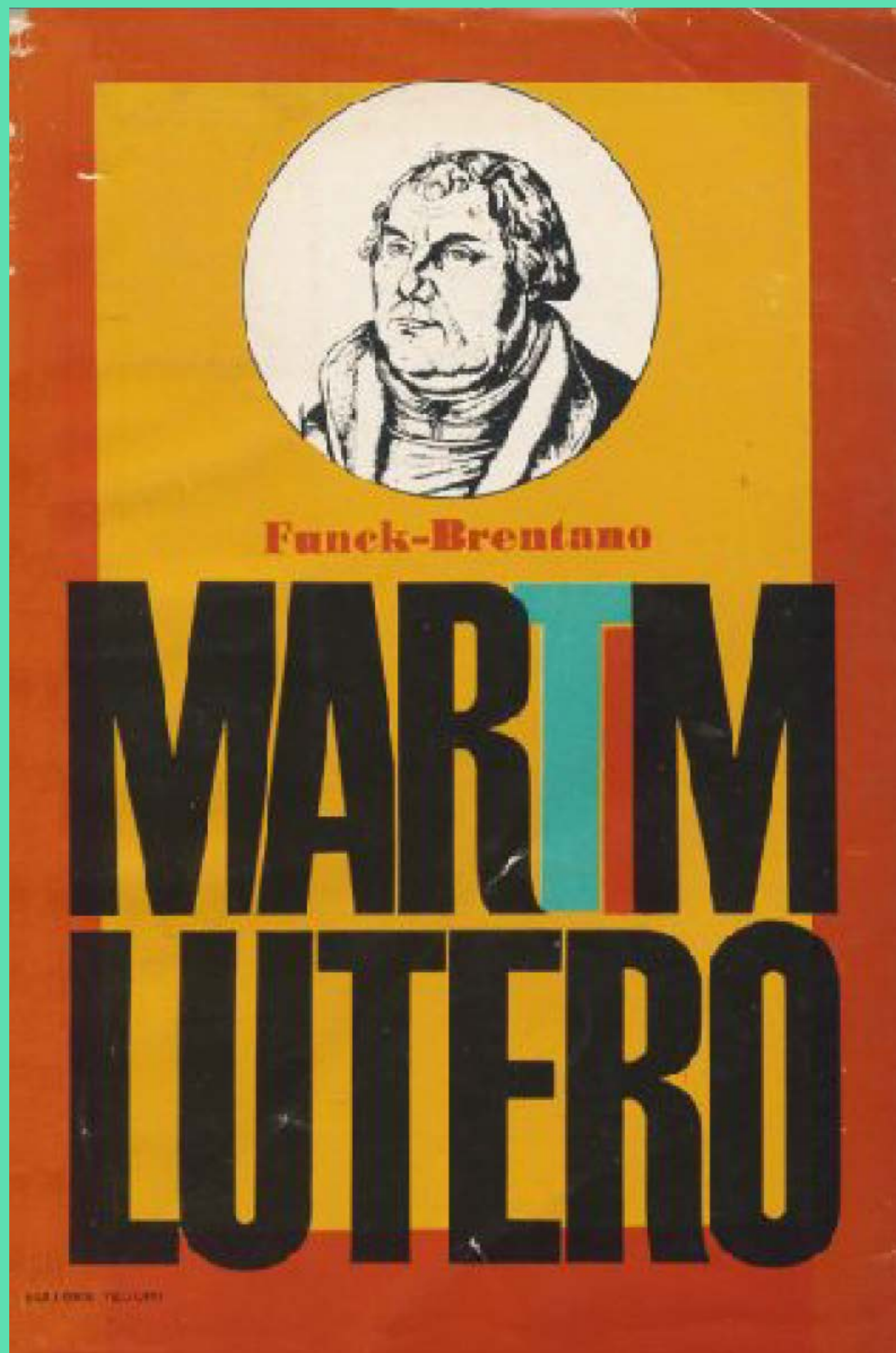


[3]



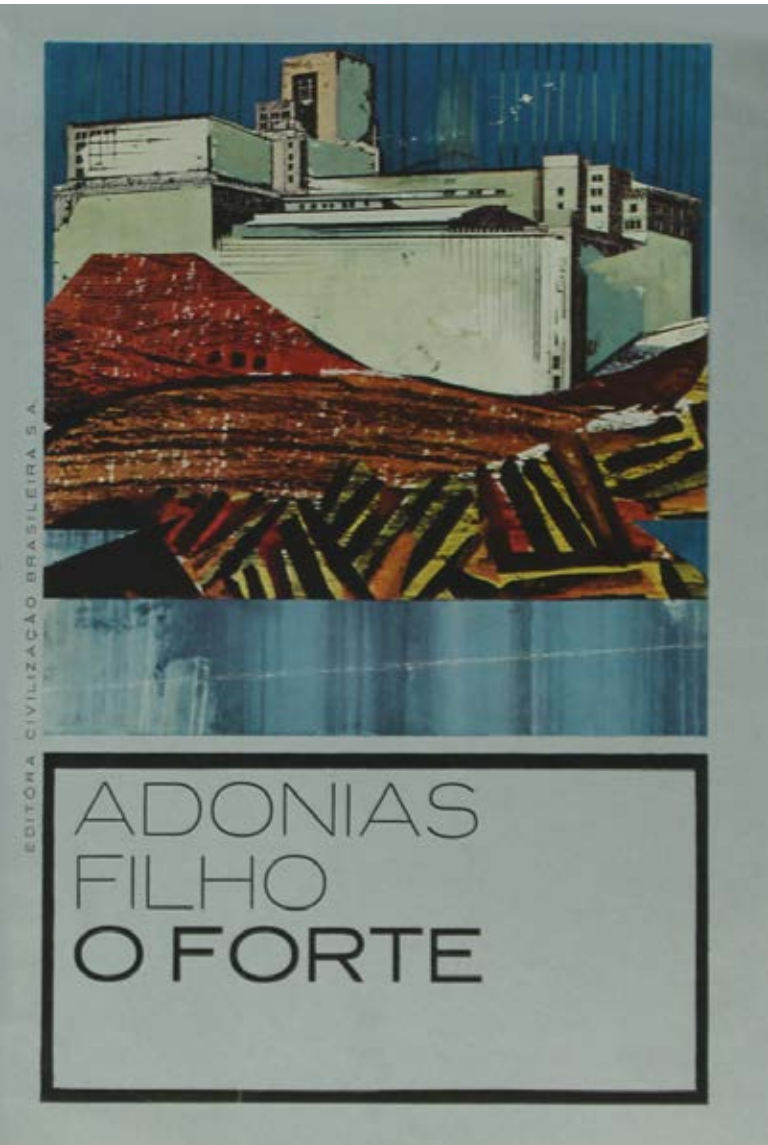
[2]

[1]	Trem de Istambul Graham Greene	1968
[2]	Atrocidade Katzetnik	1968
[3]	Empreste-nos seu marido Graham Greene	1968

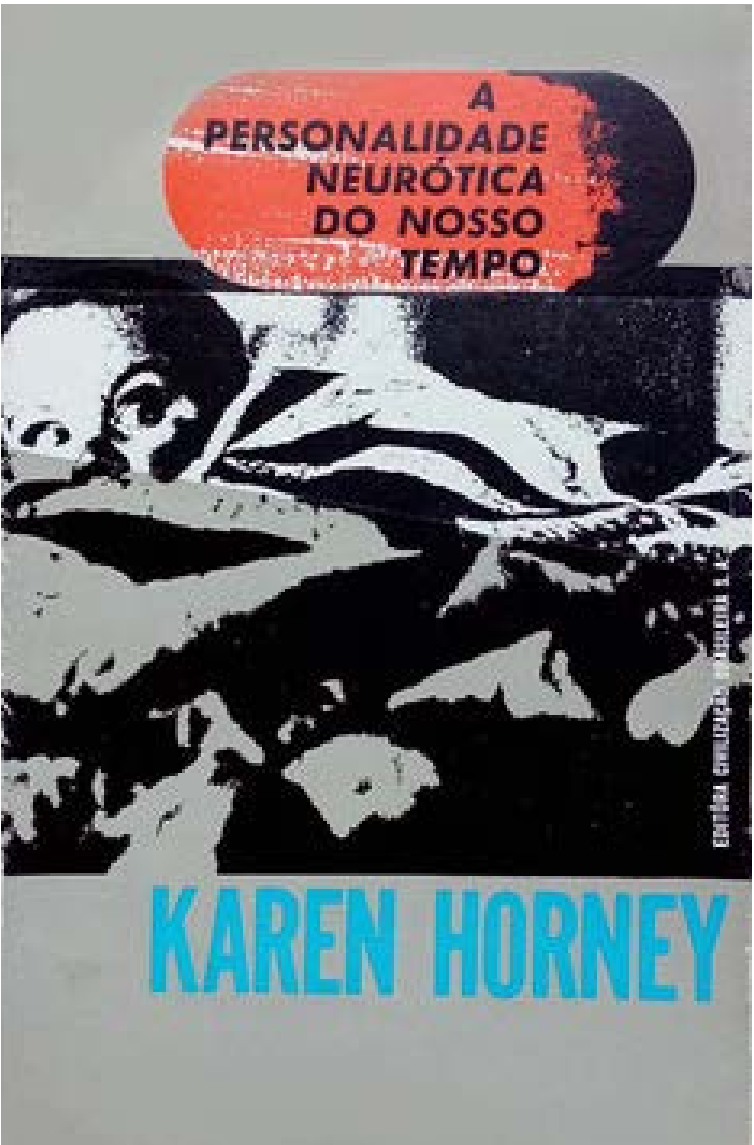


1968
Martim Lutero
Frantz Funck-Brentano

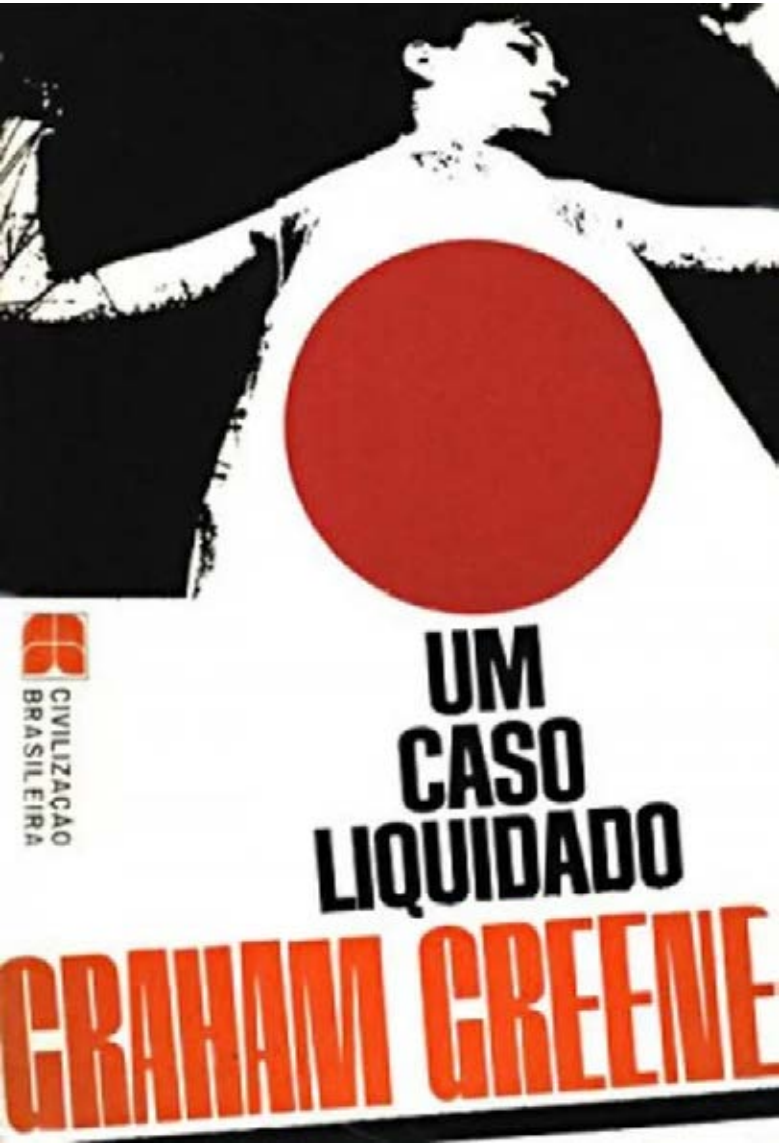
[1]



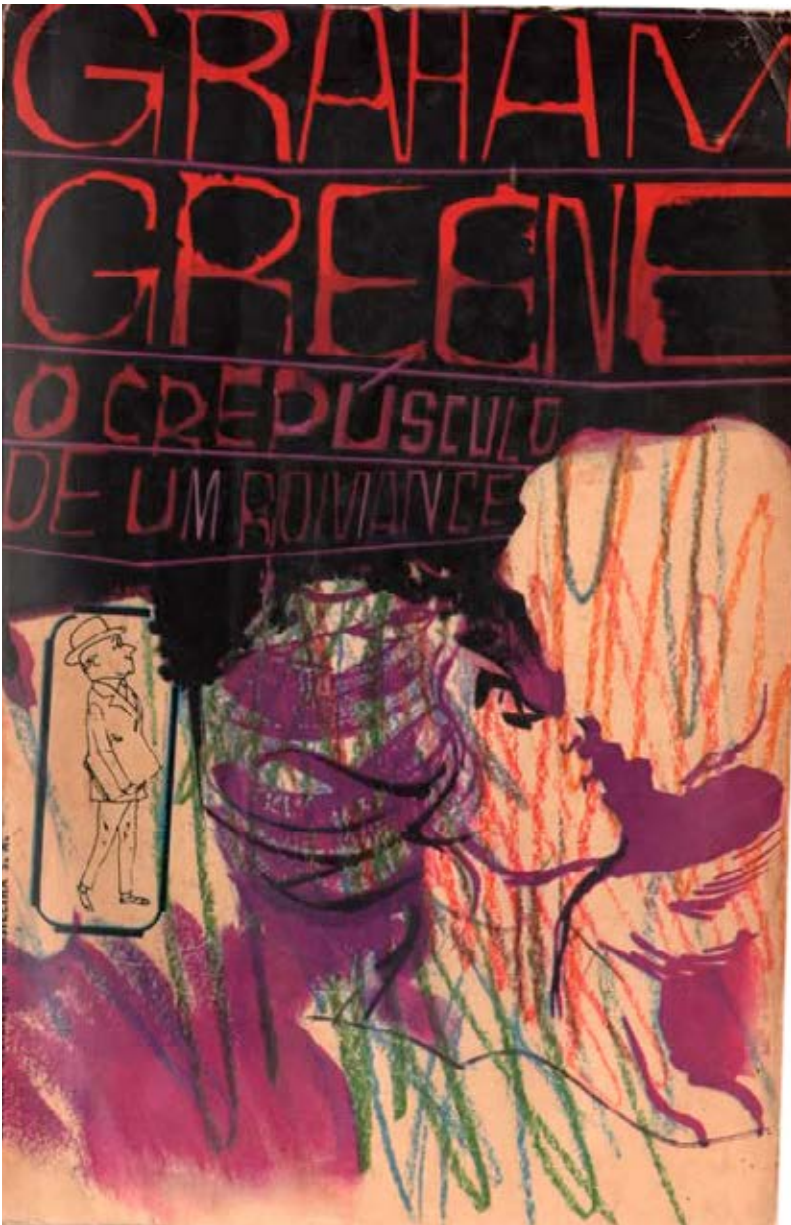
[2]



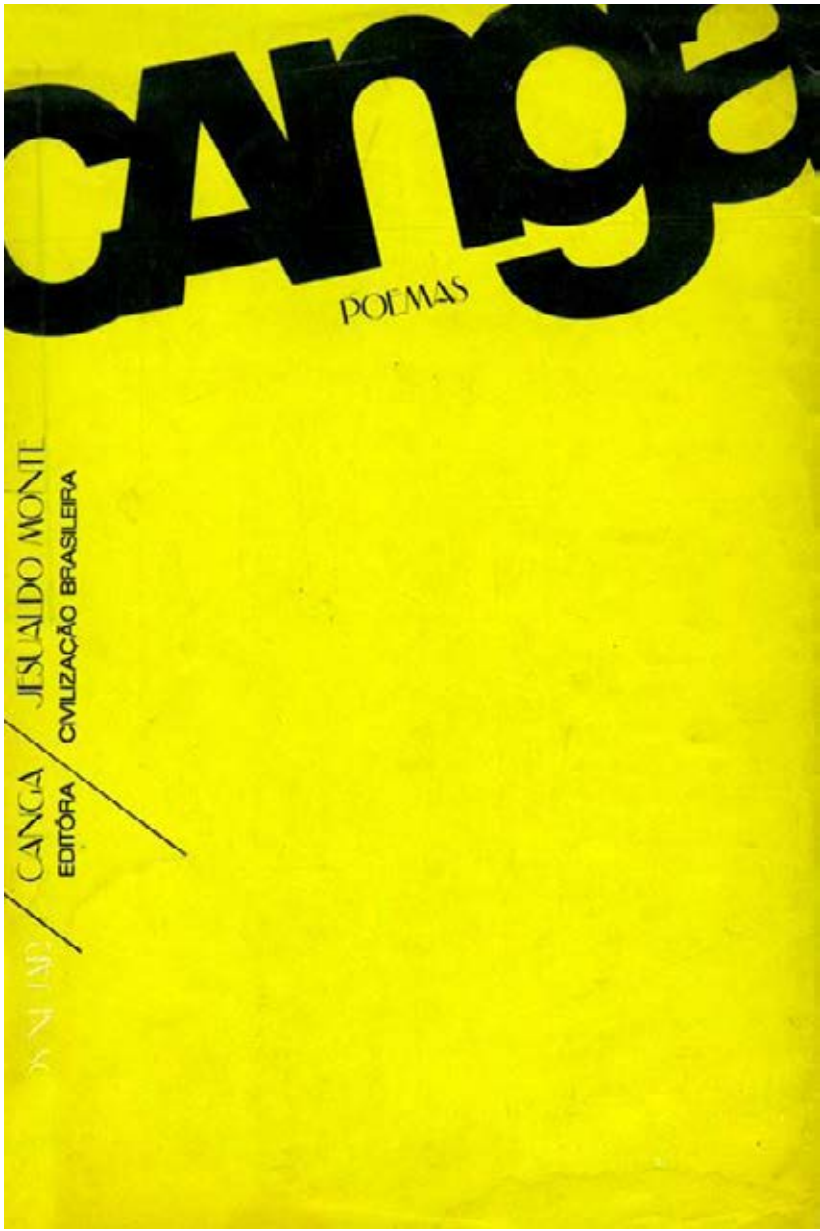
[3]



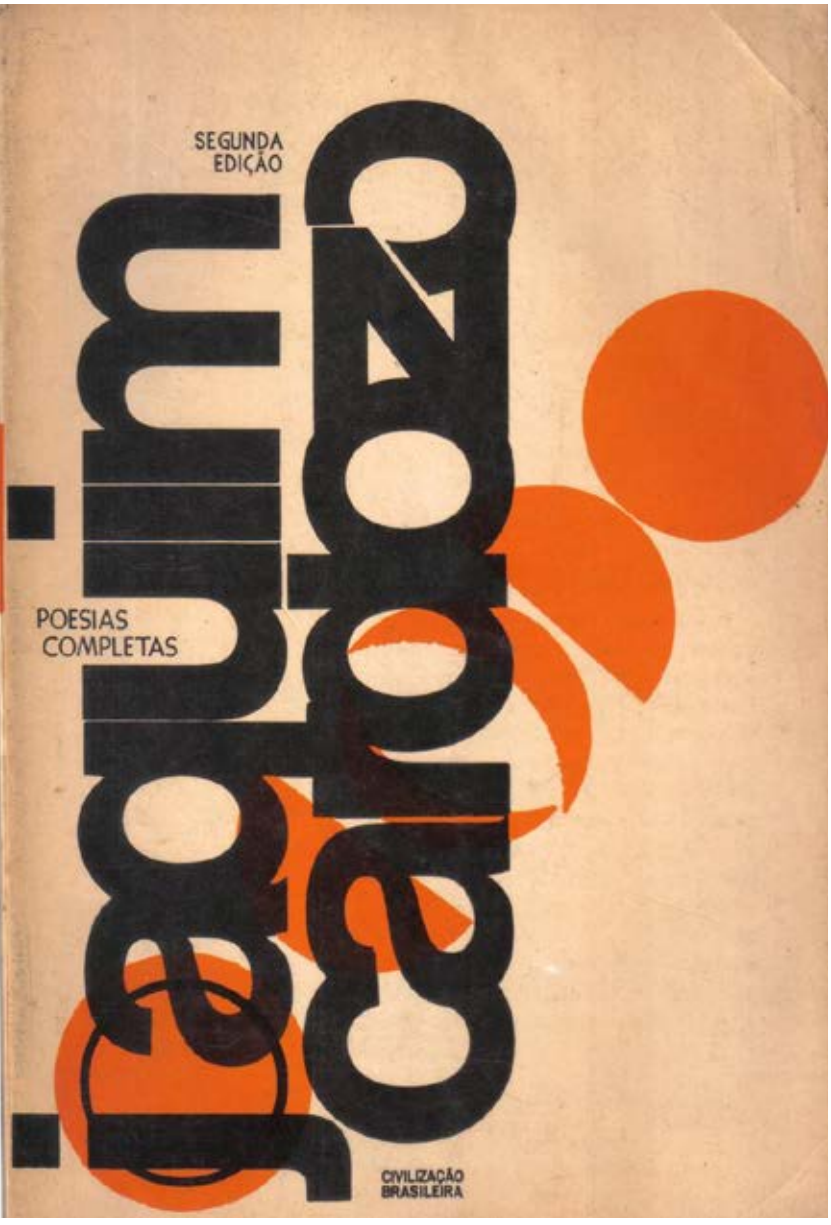
[4]



[5]



[6]



[1]	O forte Adonias Filho	1969
[2]	A personalidade neurótica do nosso tempo Karen Horney	1969
[3]	Um caso liquidado Graham Greene	1969
[4]	O crepúsculo de um romance Graham Greene	1969
[5]	Canga poemas Jesualdo Monte	1971
[6]	Poesias completas Joaquim Cardoso	1971

[1]	Histórias de cronópios e de famas Julio Cortázar	1972
[2]	Poesia comprometida com a minha e a tua vida Thiago de Mello	1972
[3]	Na vertigem do dia Ferreira Gullar	1976
[4]	A república dos assassinos Aguinaldo Silva	1976
[5]	A vida privada da Monalisa Pierre La Mure	1977
[6]	Amazônia: A ilusão de um paraíso Bett J. Meggers	1977

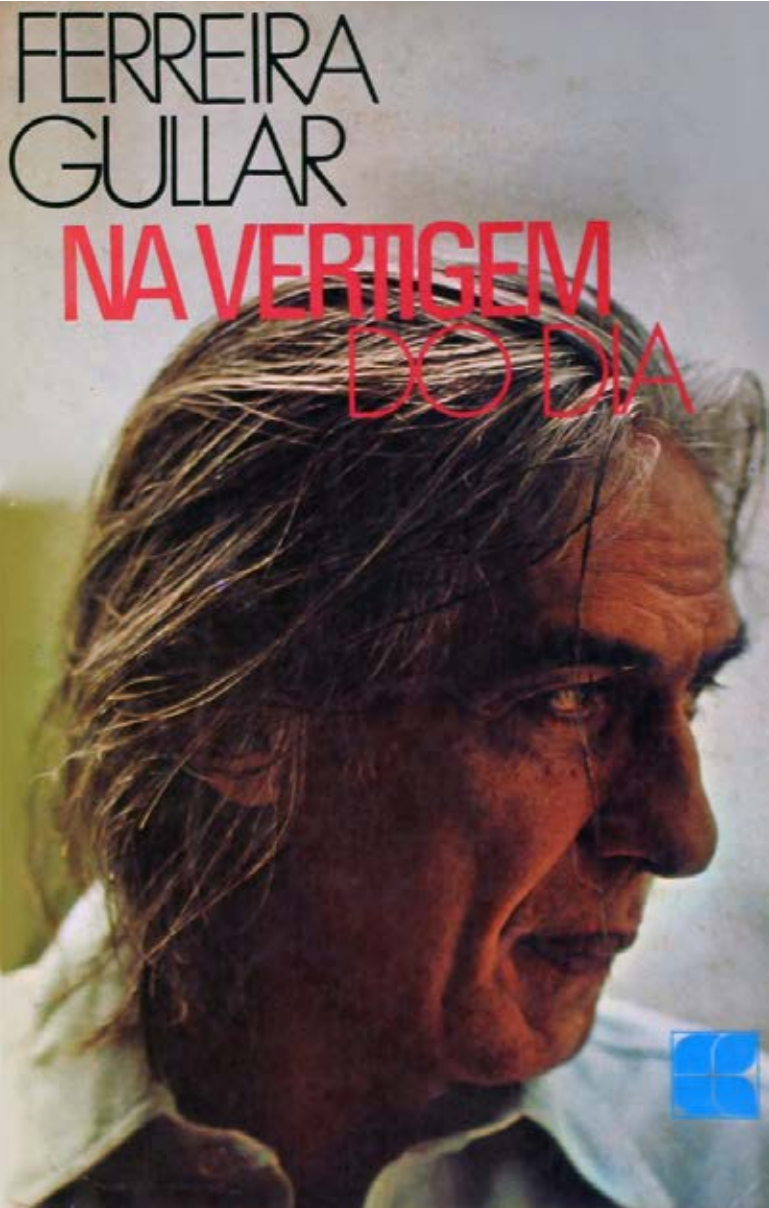
[1]



[2]



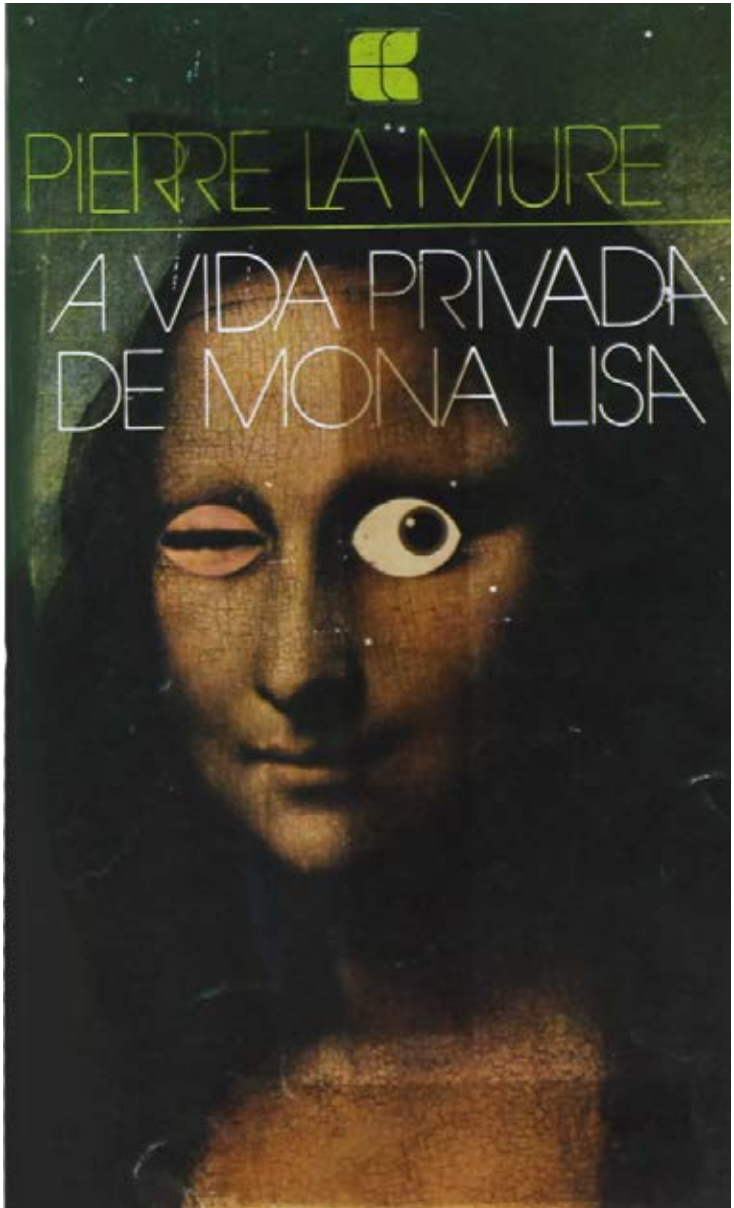
[3]



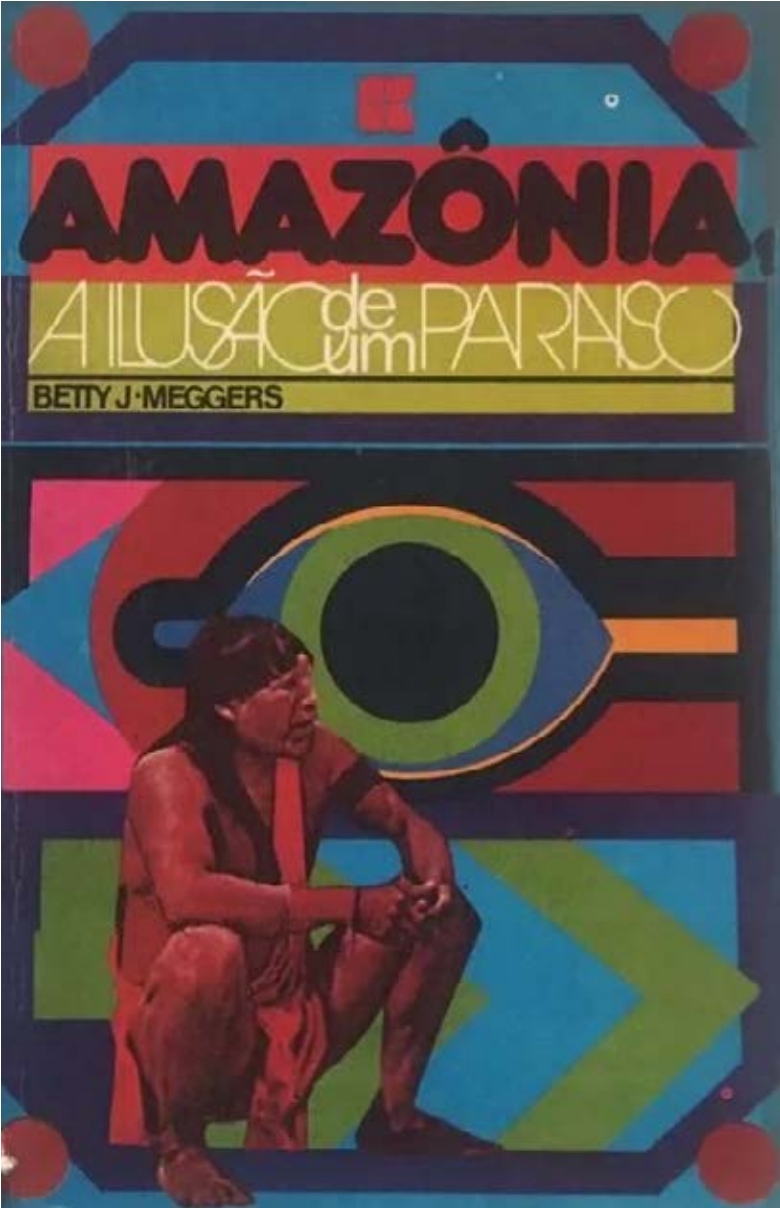
[4]



[5]

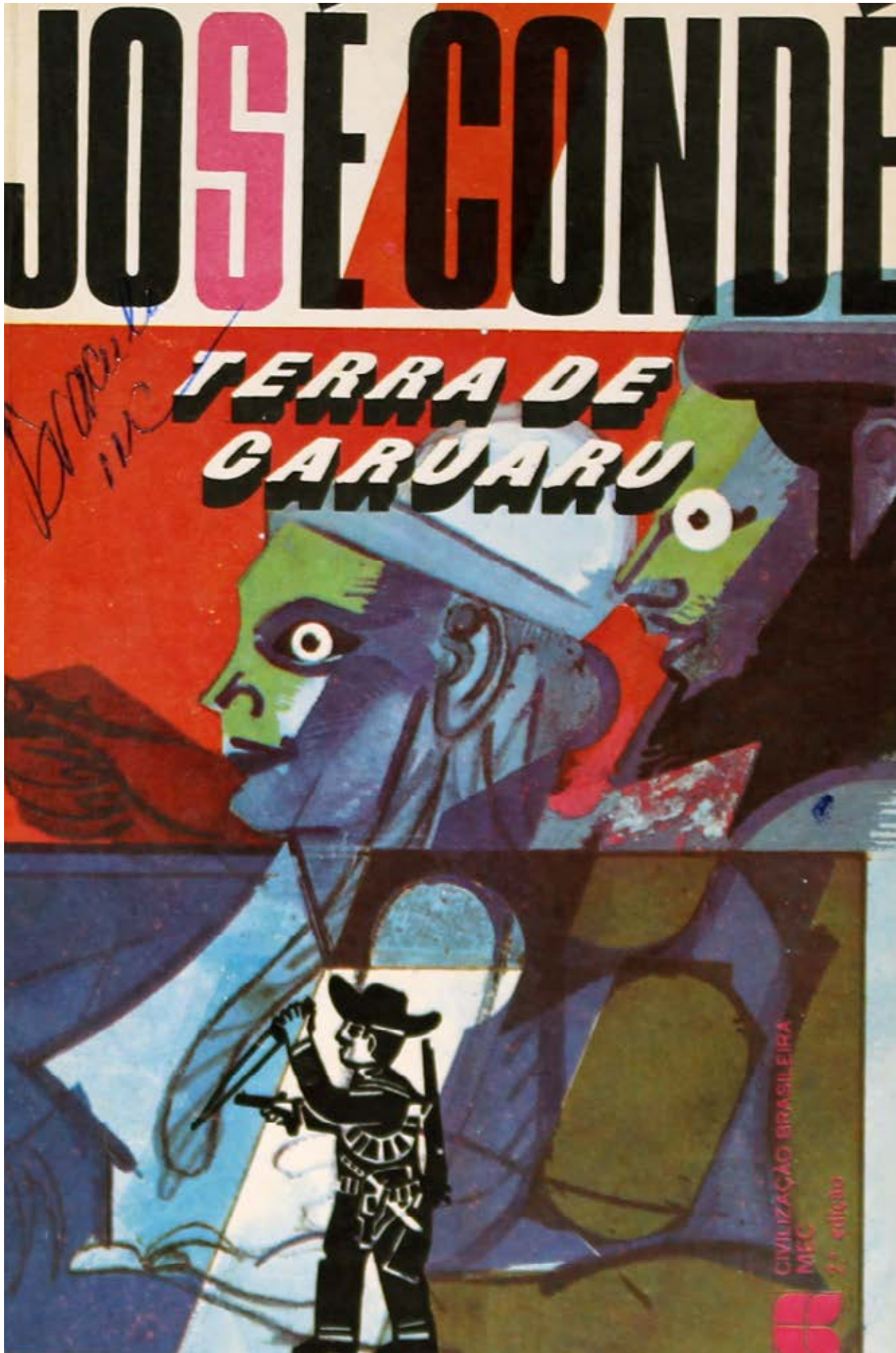


[6]

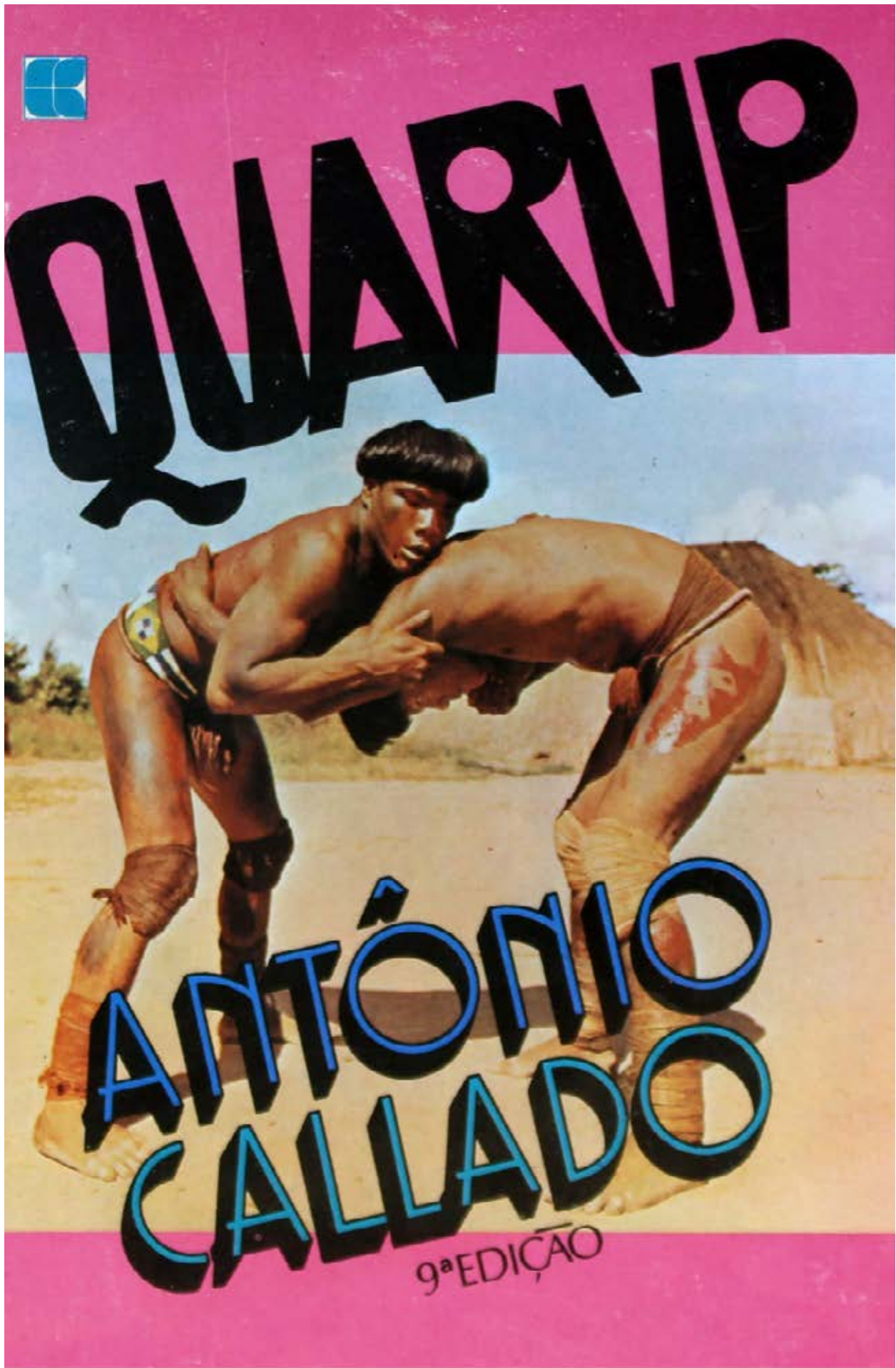


[1]	Terra de Caruaru José Condé	1977
[2]	Quarup Antônio Callado	1978

[1]

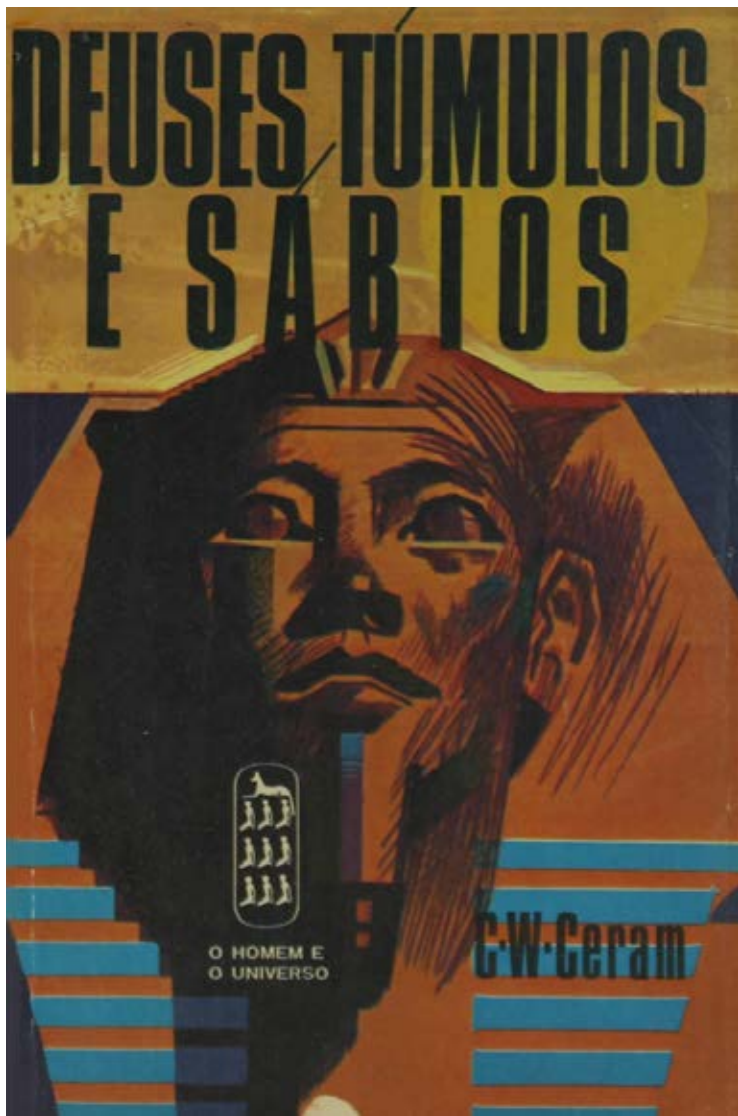


[2]

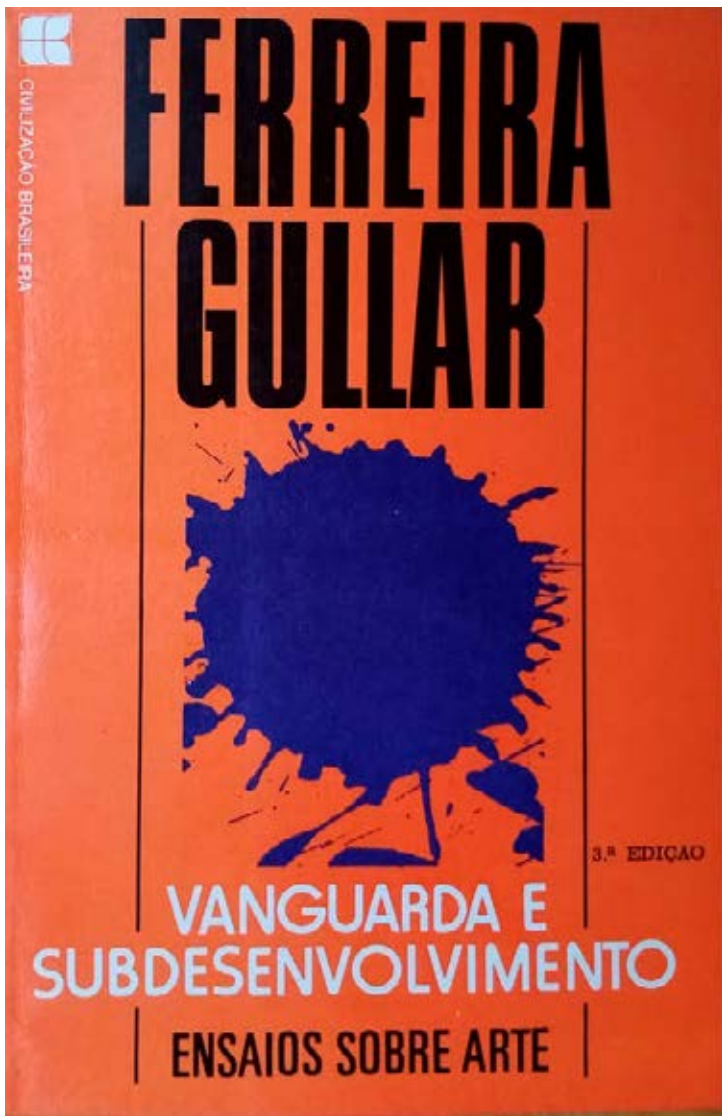




[1]



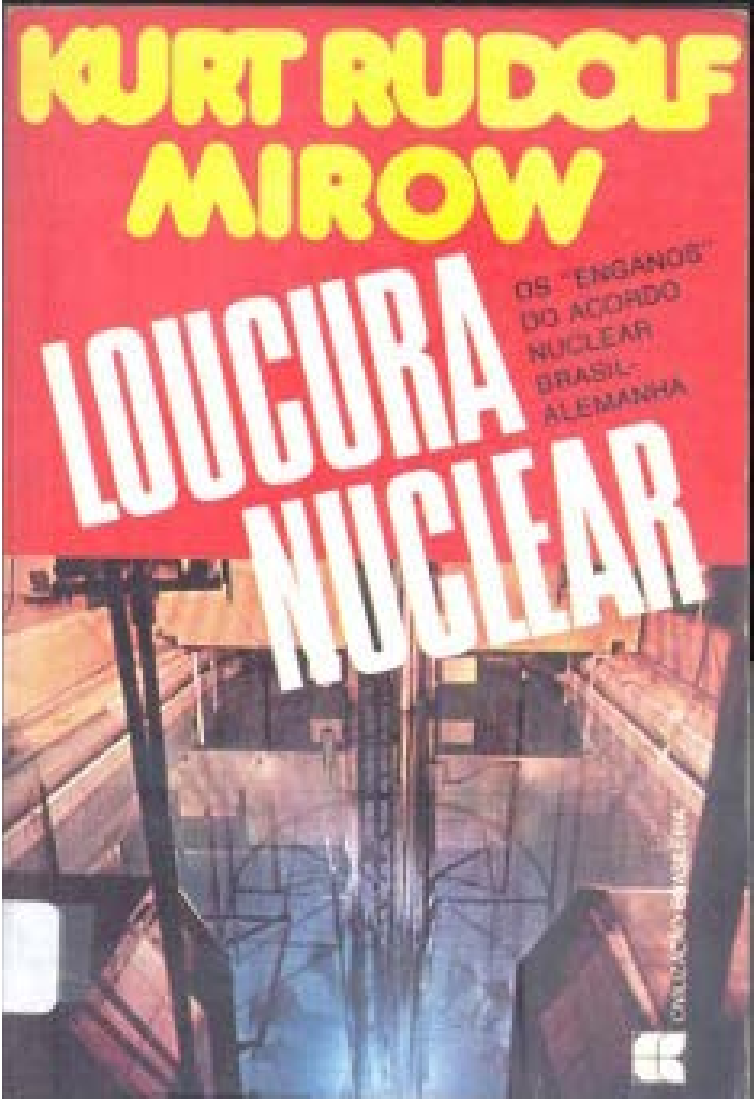
[2]



[3]



[4]



[5]

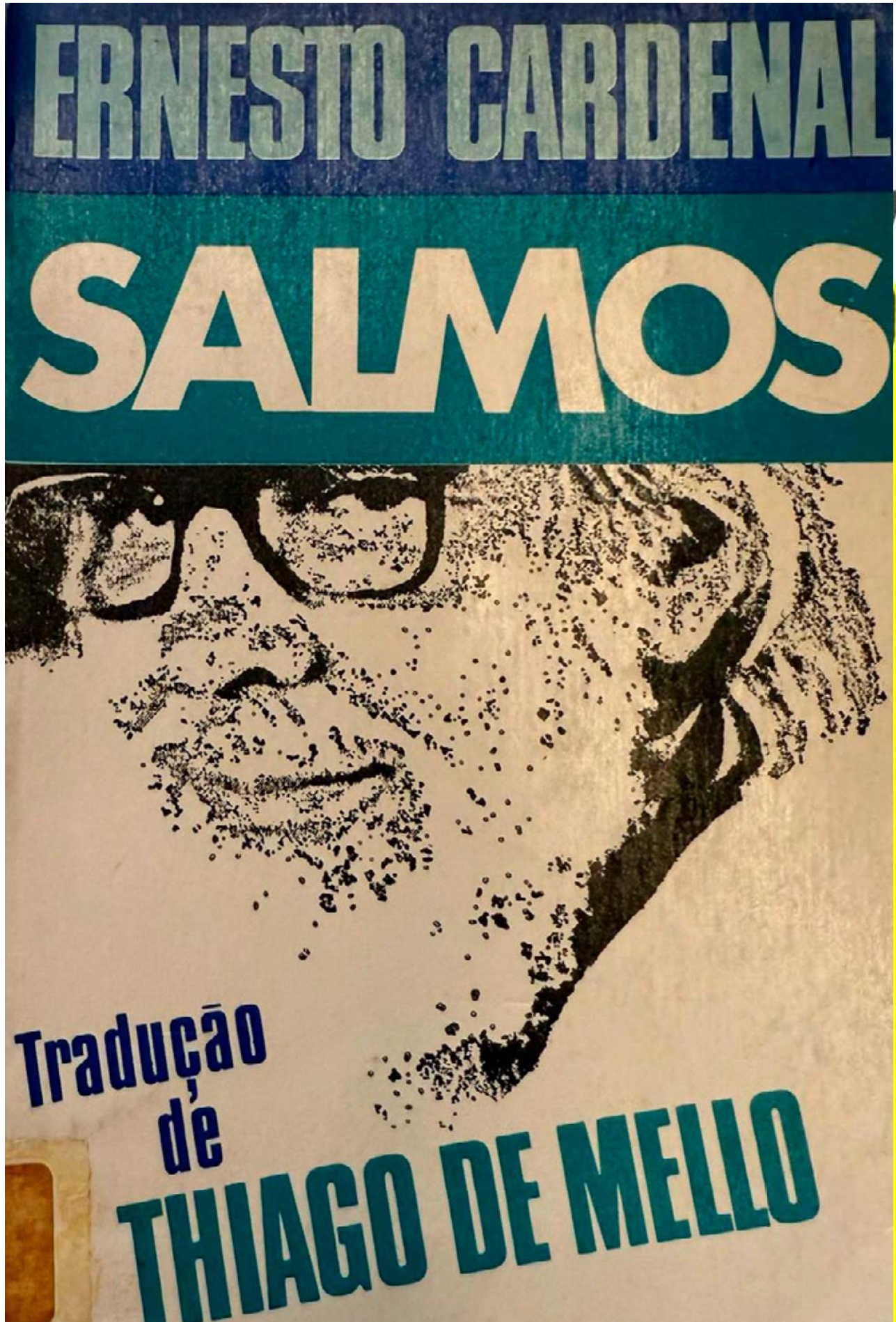


[6]

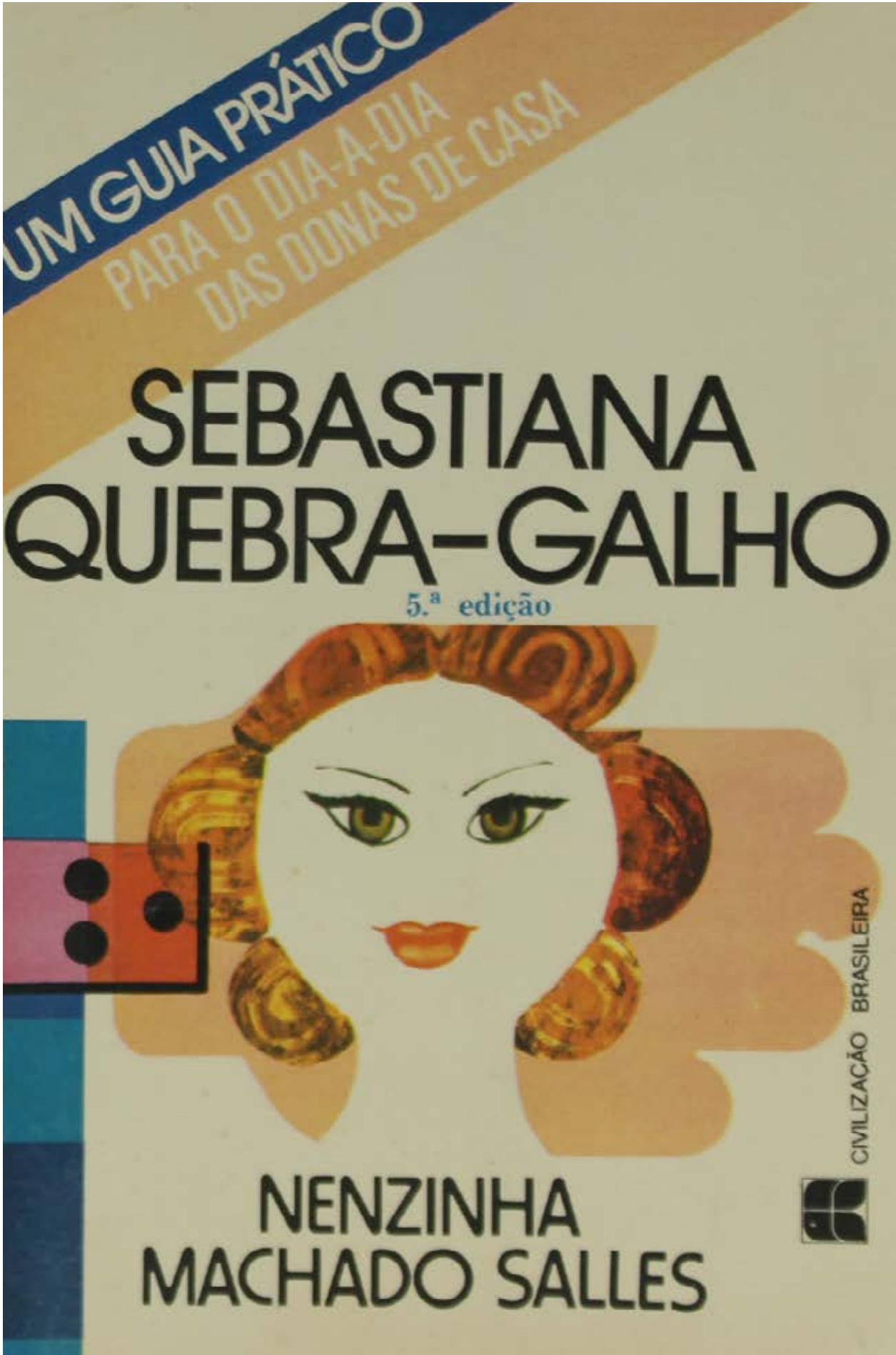
[1]	Marco zero: a revolução melancólica Oswald de Andrade	1978
[2]	Deuses, túmulos e sábios C.W. Ceram	1978
[3]	Vanguarda e subdesenvolvimento Ferreira Gullar	1978
[4]	Julgado do vento Ruy Espinheira Filho	1979
[5]	Loucura nuclear Kurt Rudolf Mirow	1979
[6]	Manuscrito do heróico empregadinho de bordel Mário Lago	1979

[1]	Salmos Ernesto Cardenal	1979
[2]	Sebastiana quebra-galho Nenzinha Machado Salles	1980

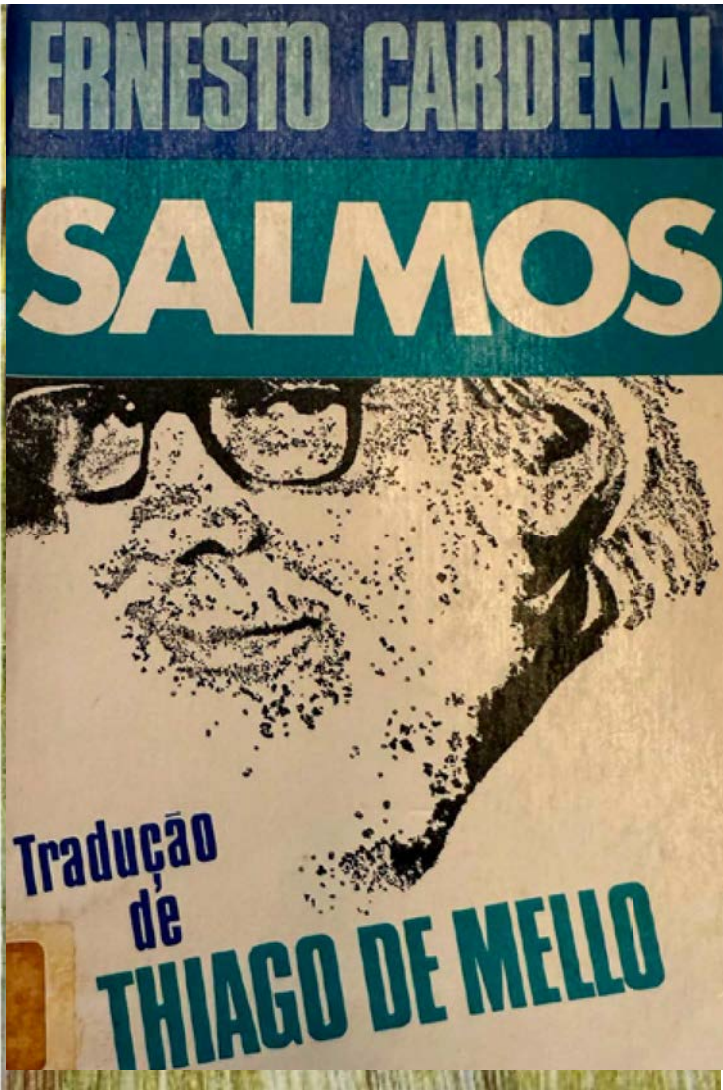
[1]



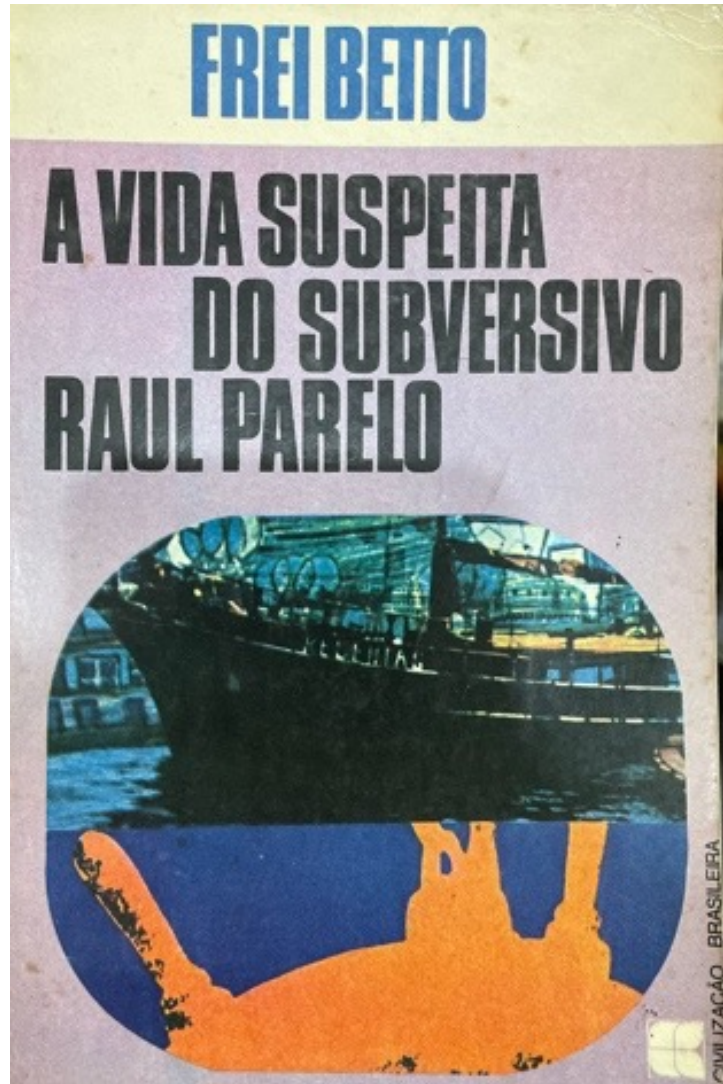
[2]



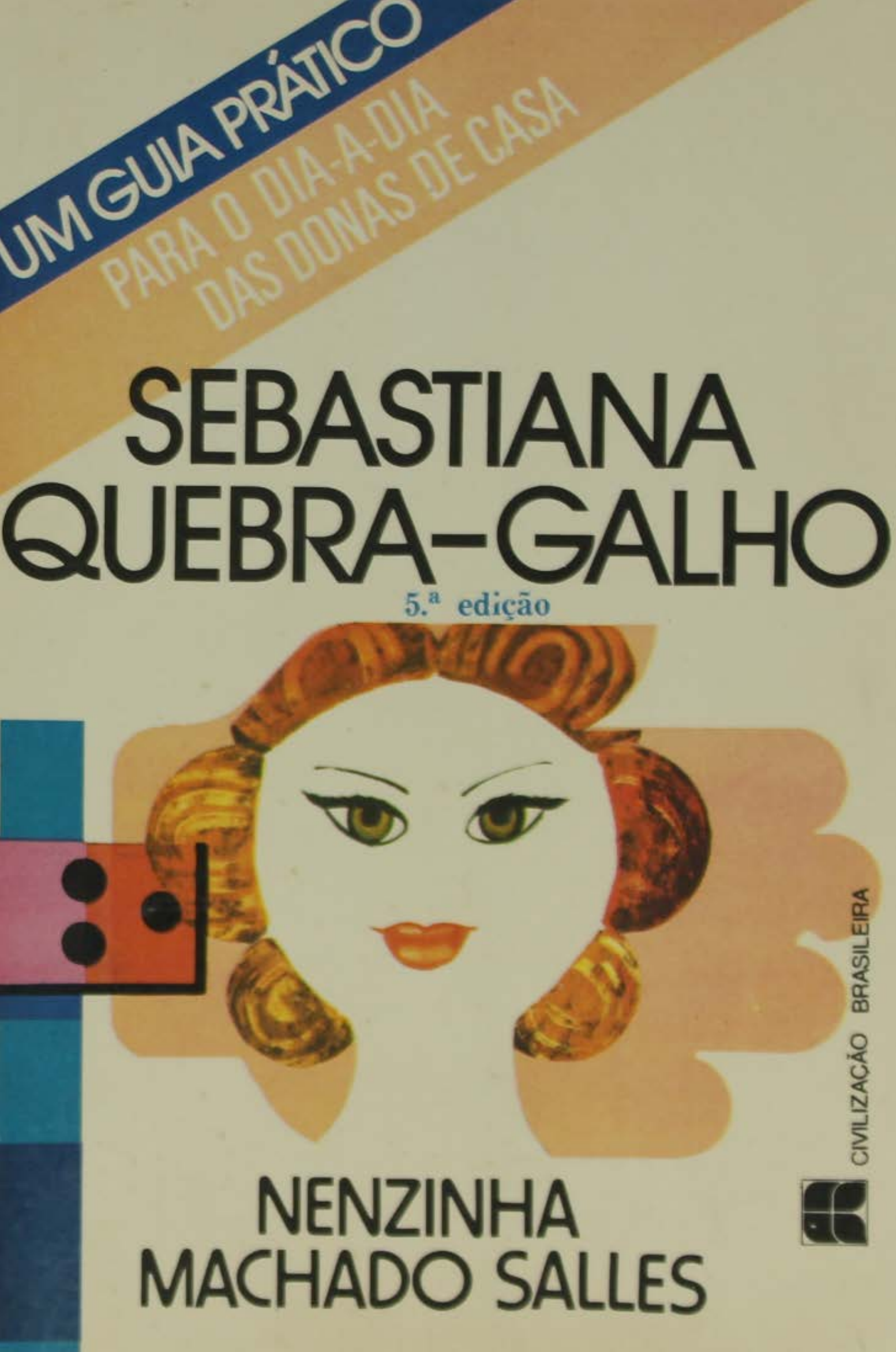
[1]	Salmos Ernesto Cardenal	1979
[2]	A vida suspeita do subverso Raul Paralelo Frei Betto	1979
[3]	Sebastiana quebra-galho Nenzinha Machado Salles	1980



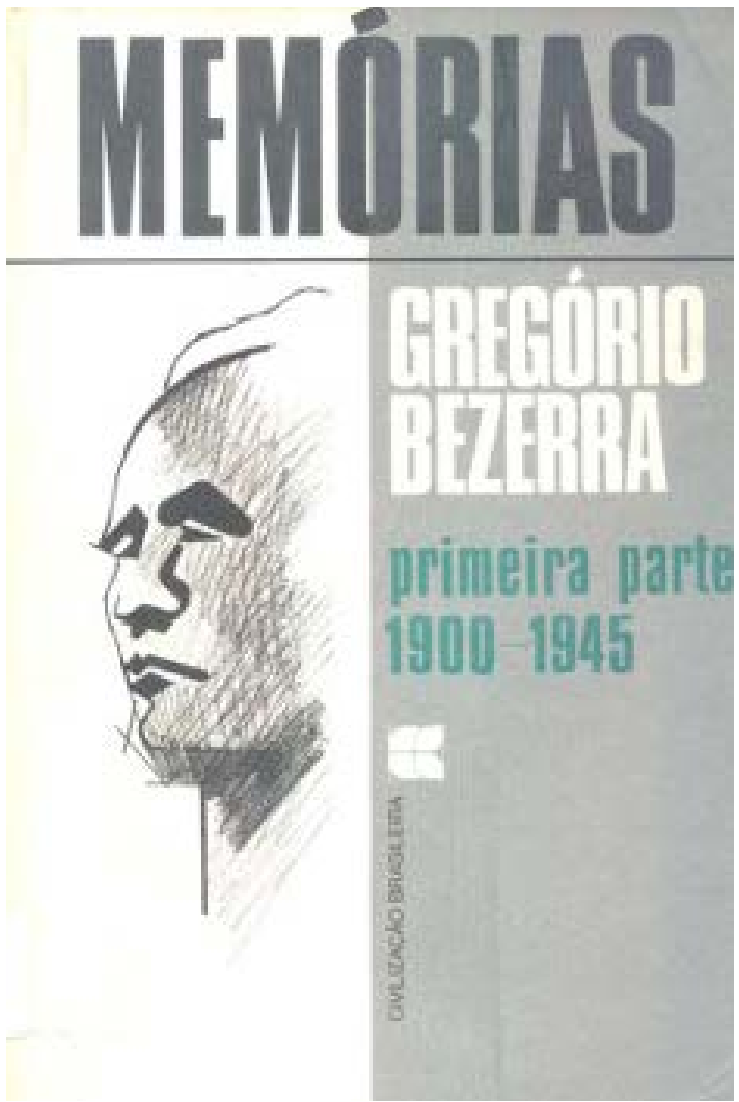
[1]



[2]



[3]



[1]



[2]

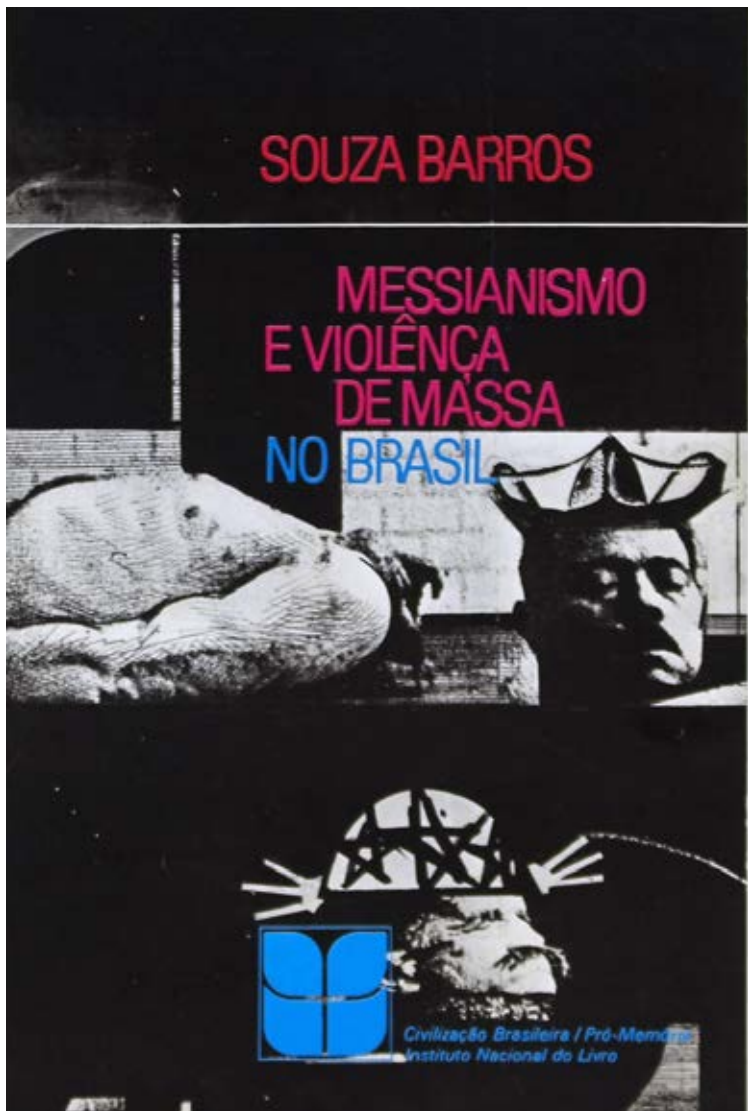


[3]

[1]	Memórias - Primeira parte 1900-1945 Gregório Bezerra	1979
[2]	O PCB no quadro atual da política brasileira Armeno Guedes	1980
[3]	Uma telha de menos Herberto Sales	1980



[1]



[2]



[3]

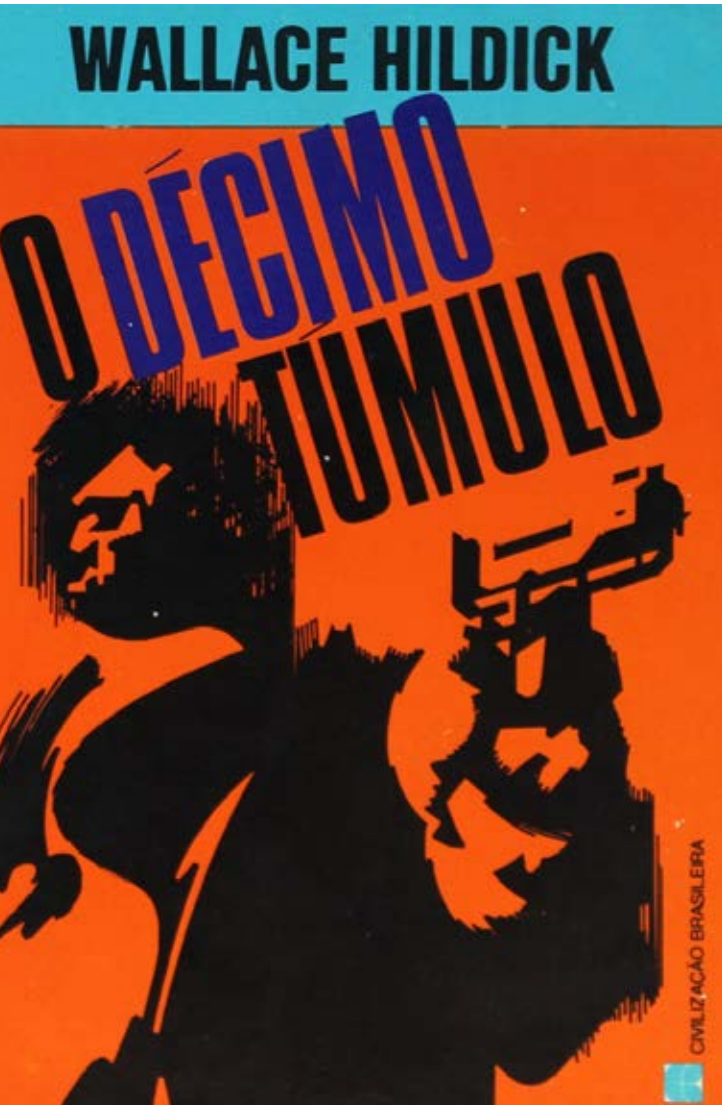
[1]	Kaputt Curzio Malaparte	1985
[2]	Messianismo e violência no Brasil Souza Barros	1986
[3]	Os meninos da guerra das malvinas Daniel Kon	1986
[4]	Ditadura e agricultura Octavio Ianni	1992
[5]	O colecionador John Fowles	1964
[6]	O décimo túmulo Wallace Hildick	1978



[4]



[5]



[6]

[1]	Metamorfose Franz Kafka	1963
[2]	A filha do capitão Alexandre Puchkin	1963
[3]	Contos norte americanos Edgar Allan Poe e outros	1963
[4]	A data fatal R.I.P Philip Macdonald	1963
[5]	Os sete enforcados Andreier	1963
[6]	Nosso homem em Havana Graham Greene	1964

A Biblioteca Universal Popular – BUP foi uma coleção de livros de bolso (10,5 x 17cm) publicada entre 1963 e 1968 pela Civilização Brasileira, embora não levassem a assinatura da editora. Foi coordenada por Ênio Silveira e financiada pelo banqueiro José Luiz de Magalhães Lins, em uma das diversas iniciativas das editoras brasileiras de se fazer valer do formato menor para conquistar novos mercado, apostando em edições de baixo custo e grande alcance. As três letras do logotipo formam um desenho contínuo e fluido, ao mesmo tempo que sua aplicação nas capas seja absolutamente sistemática. Um ponto colorido, dentro do logotipo, indicava a temática do livro: Ficção estrangeira, Policial, Artes e Técnicas, Poesia, Divulgação científica, etc.



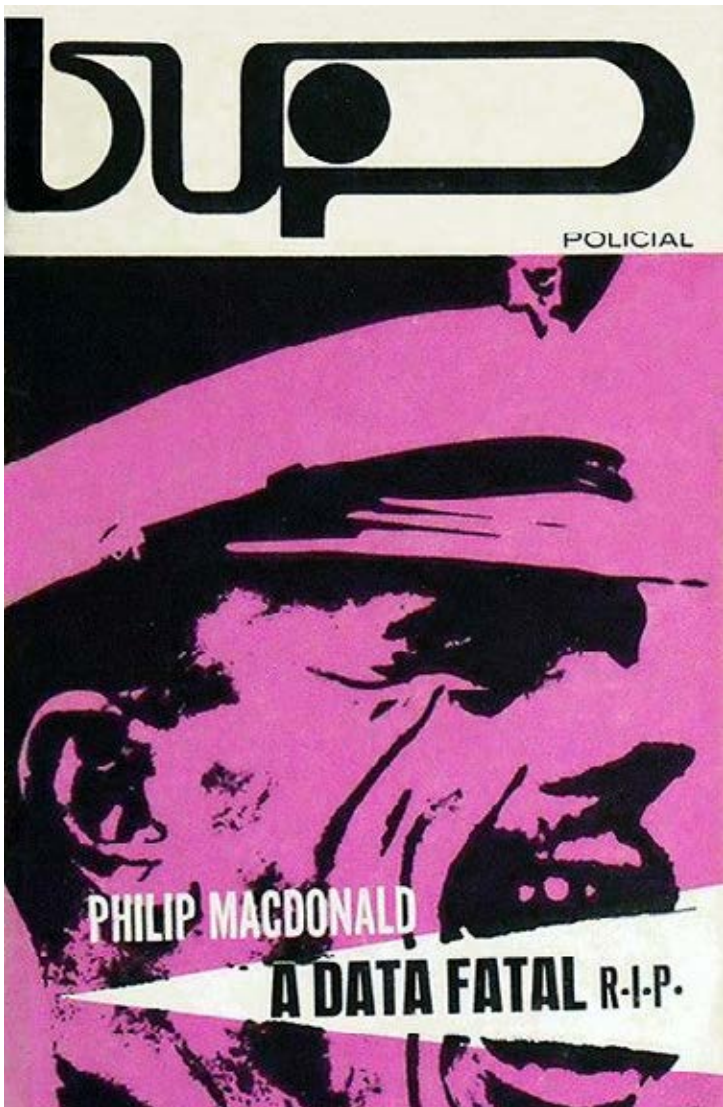
[1]



[2]



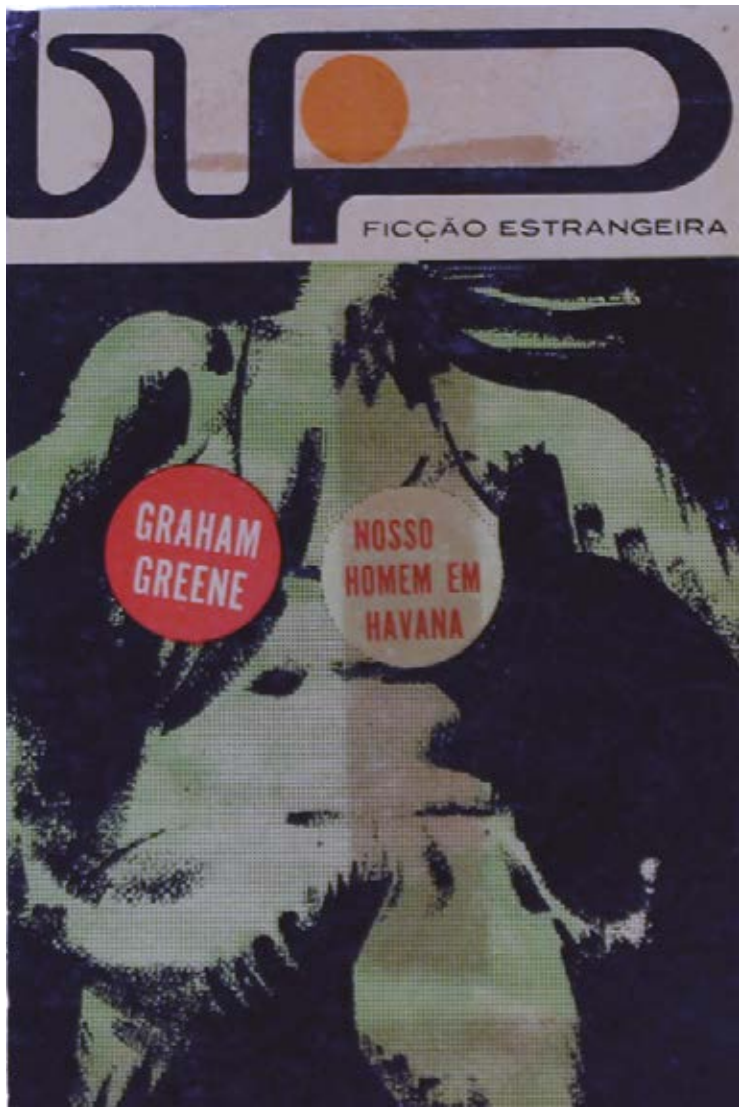
[3]



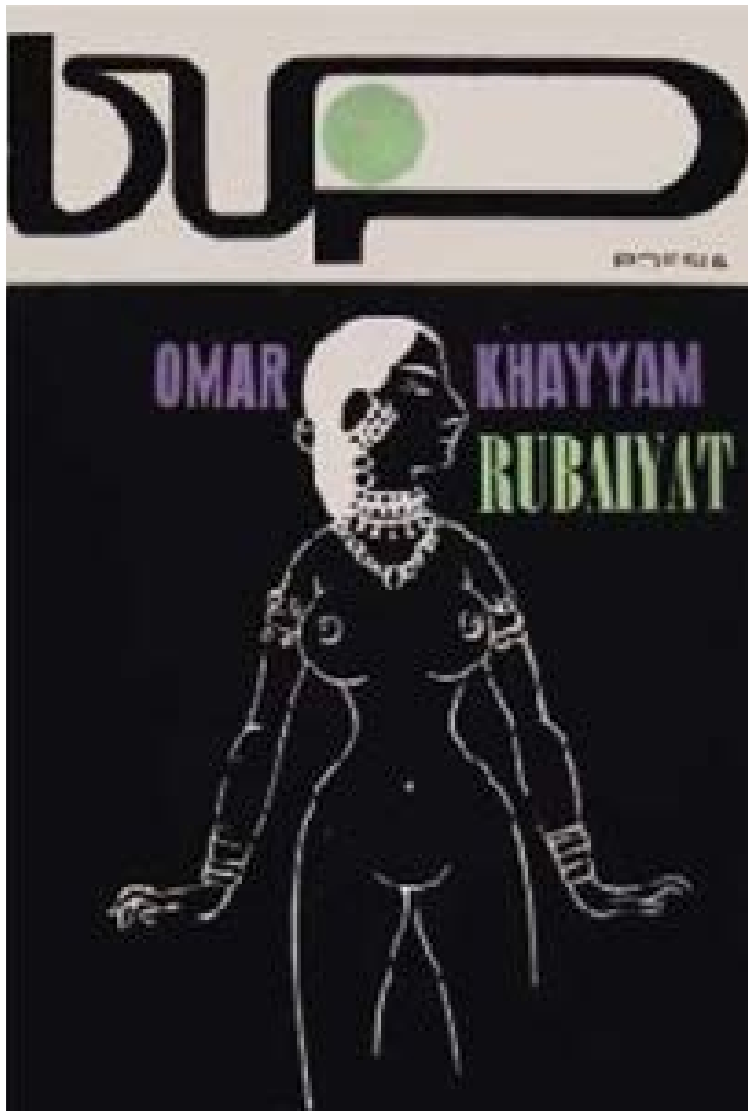
[4]



[5]



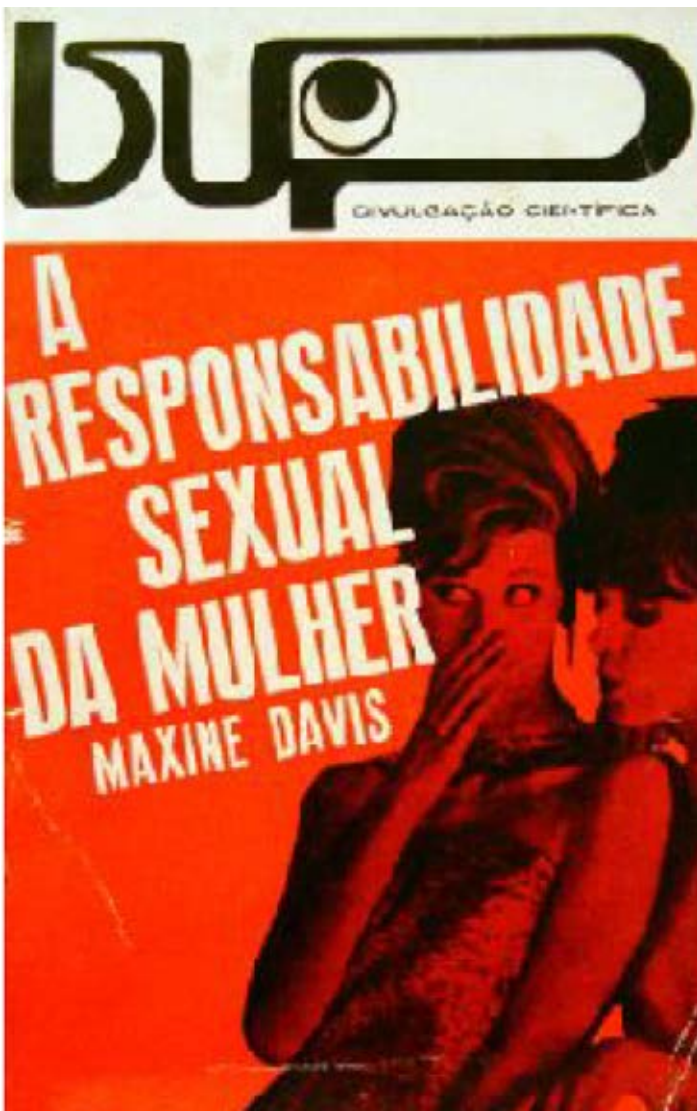
[6]



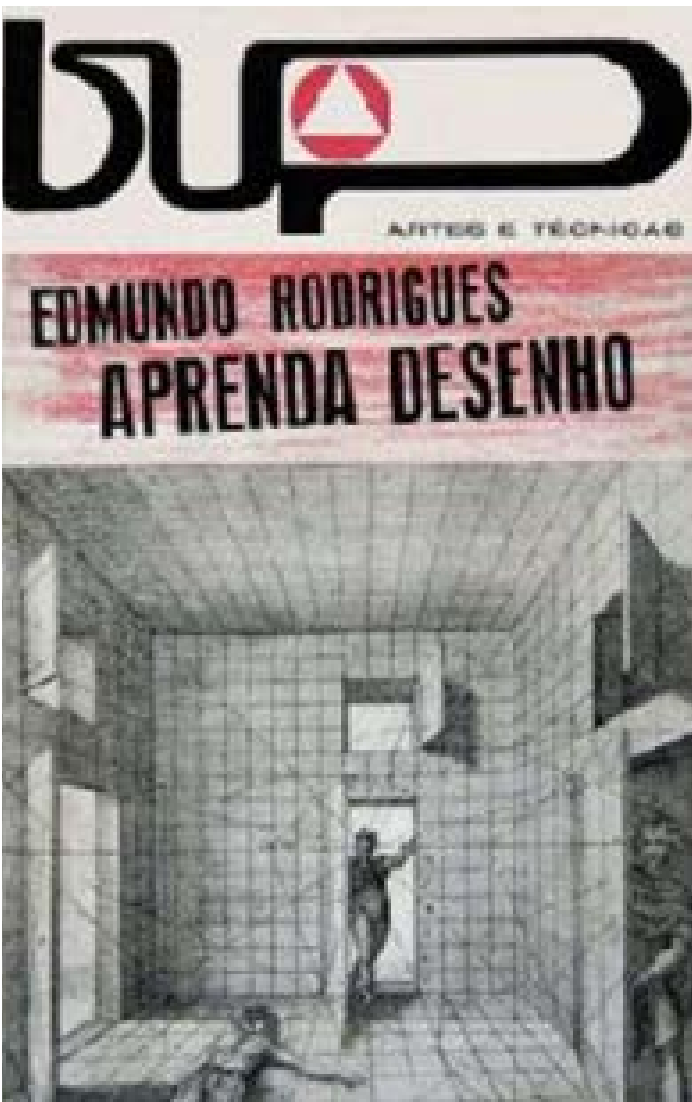
[1]



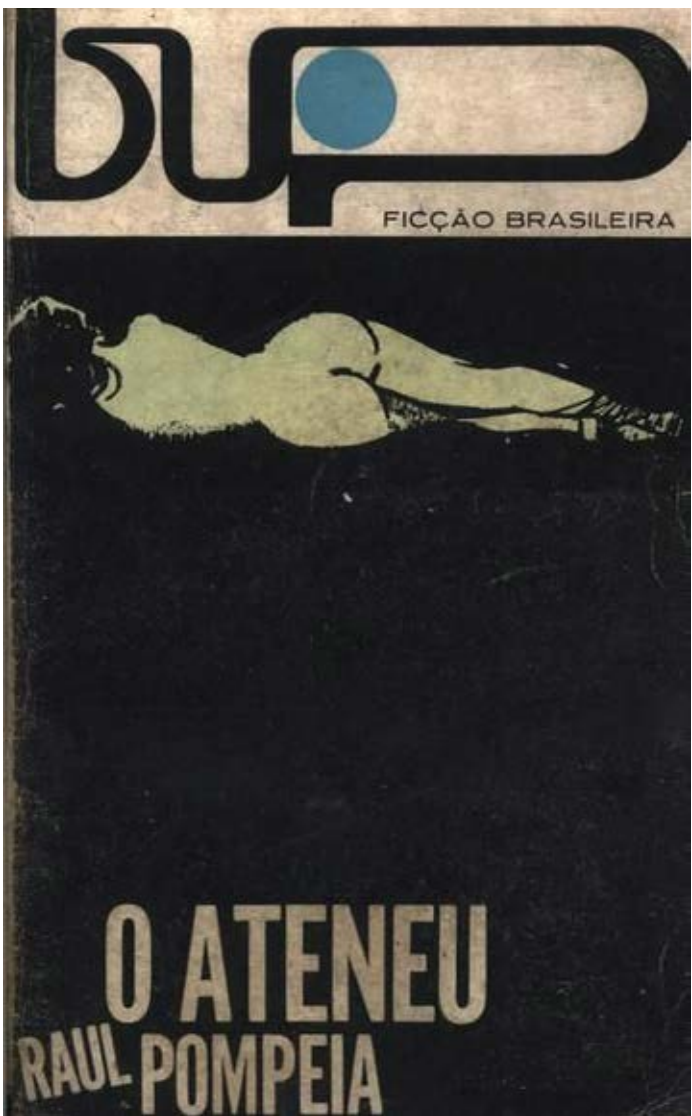
[2]



[3]



[4]



[5]

[1]	Rubaiyat Omar Khayyam	1964
[2]	A relíquia Eça Queiroz	1964
[3]	A responsabilidade sexual da mulher Maxine Davis	
[4]	Aprenda desenho Edmundo Rodrigues	
[5]	O ateneu Raul Pompeia	

José Olympio

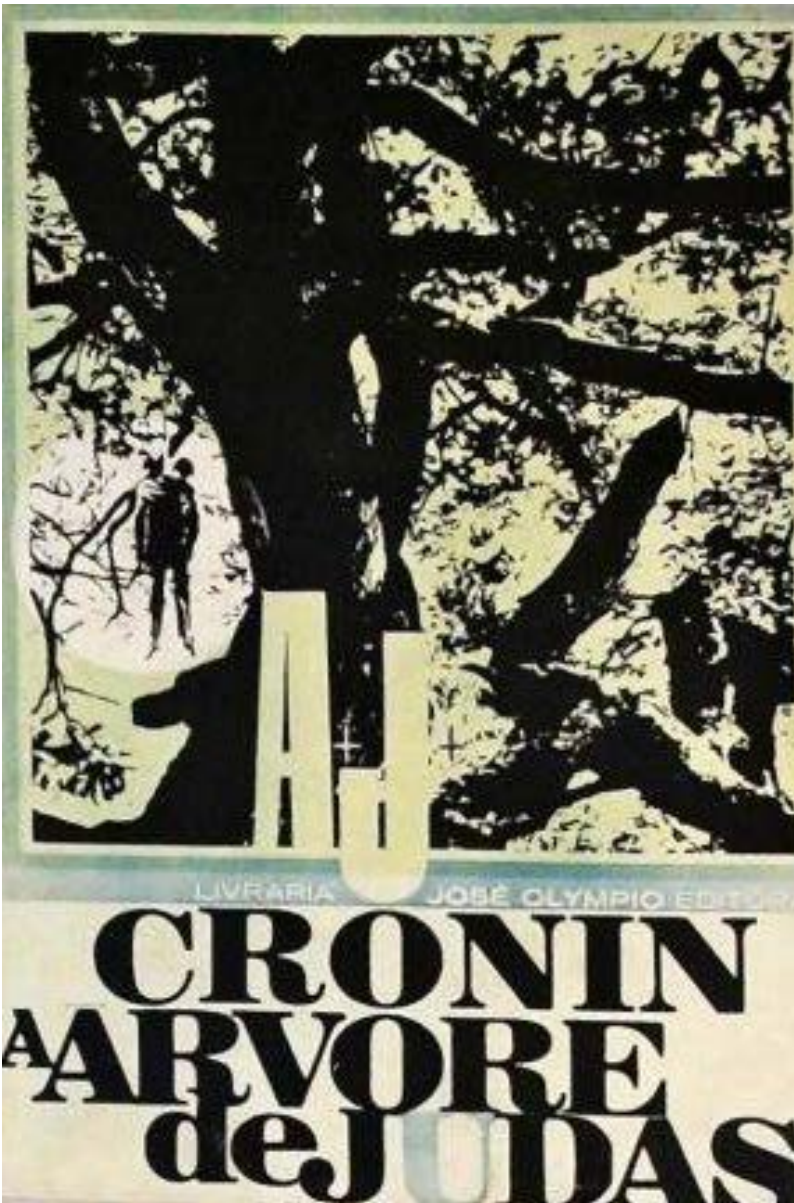
A Livraria José Olympio Editora foi fundada, por um visionário livreiro e editor que lhe deu seu nome, em São Paulo em 1931, mas de fato ganha vida no Rio de Janeiro a partir de 1933, quando rapidamente se tornou um dos pilares da cultura literária brasileira. A casa editorial desempenhou papel decisivo na consolidação de uma literatura nacional moderna, reunindo em seu catálogo grandes nomes da época. Sob seu selo, autores como Jorge Amado, Graciliano Ramos, Gilberto Freyre, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira encontraram espaço para publicar obras que definiriam o imaginário brasileiro do século XX.

Verdadeiro centro de efervescência intelectual, sua livraria, localizada na rua do Ouvidor, nº 110, no Centro do Rio, tornou-se ponto de encontro de escritores, jornalistas e pensadores, funcionando como uma espécie de salão literário informal. A editora também foi responsável por trazer ao Brasil traduções de grandes clássicos da literatura universal, como Dostoiévski,

Balzac e Tolstói, ampliando o horizonte dos leitores e contribuindo para a formação de uma cultura literária cosmopolita.

No trabalho de Eugênio Hirsch para a José Olympio, em grande volume produzido na década de 1970, percebe-se uma preferência (talvez até encantamento) deste designer pelas letras “display” ou “fantasia” oferecidas, nesta época, em folhas de letras transferíveis. Projetadas para causar impacto visual, estas fontes tipográficas geralmente são excessivamente decoradas ou têm formas muito peculiares, tornando-se muito marcadas (e datadas). Exemplos claros são os nomes das autoras Lygia Fagundes Telles e Dinah Silveira de Queiroz nos seus livros de 1977, mas todo o conjunto de capas para a J.O., de uma maneira geral, vai privilegiar a composição tipográfica em relação à ilustração e, principalmente, em relação às experimentações gestuais características do seu trabalho na Civilização Brasileira.

[1]



[2]



[3]

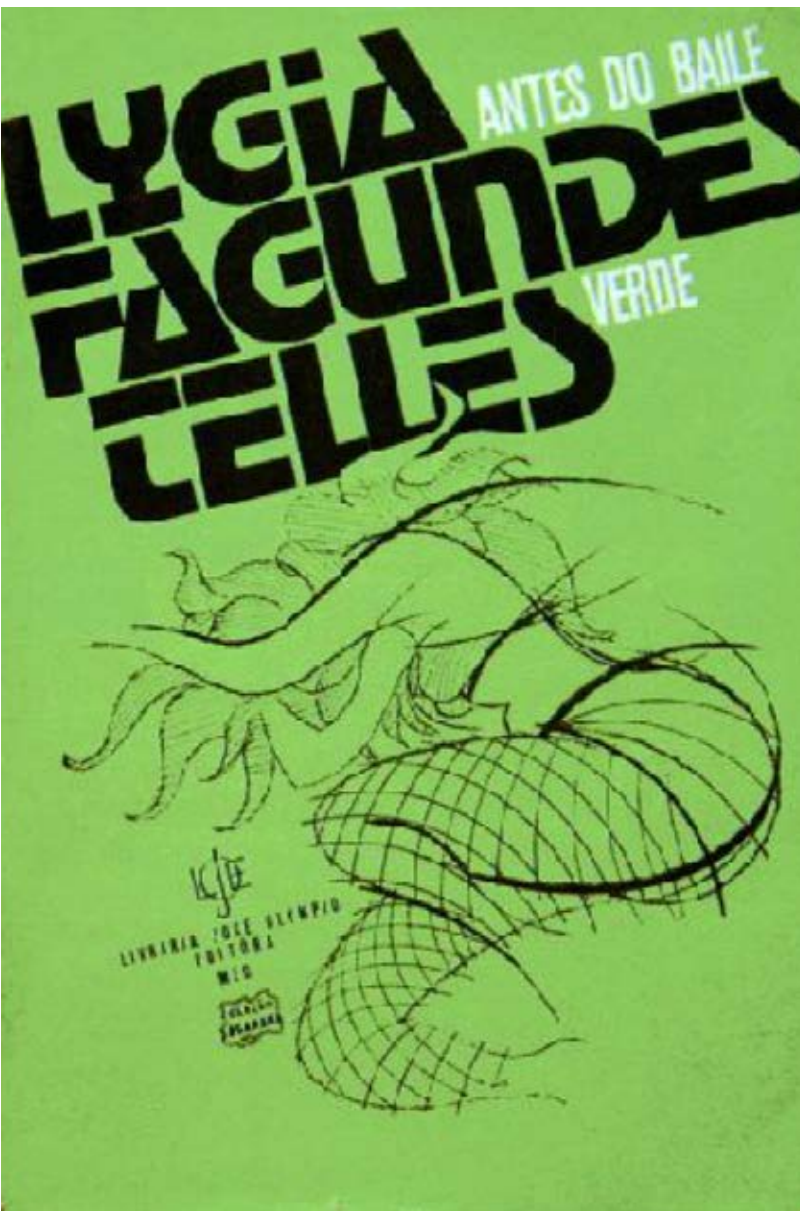


[4]

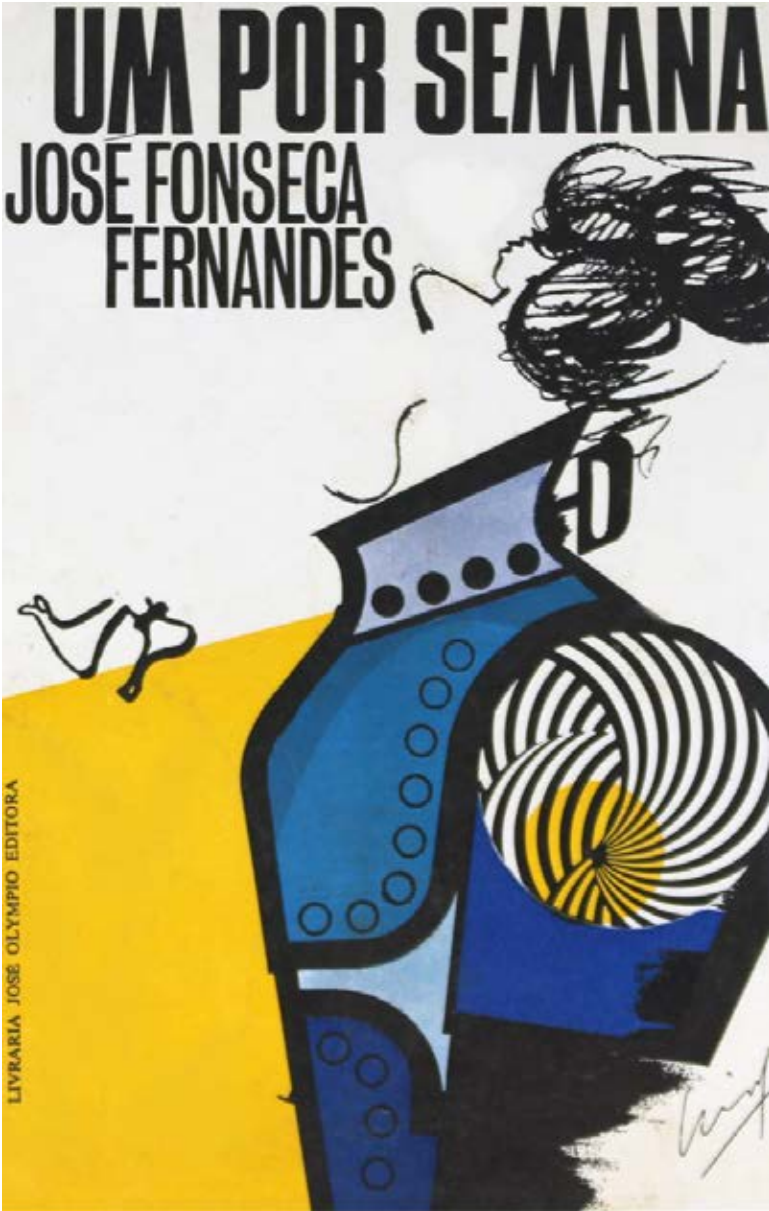


[1]	A árvore de Judas AJ	1963
[2]	Dona Sinhá e o filho padre Gilberto Freyre	1964
[3]	Conjuração das opressões capitalistas e comunistas Paulo Nogueira	1965
[4]	Rio de Janeiro em prosa e verso Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade	1965
[5]	Antes do baile verde Lygia Fagundes Telles	1971
[6]	Um por semana José Fonseca Fernandes	1972
[7]	Romance D'a pedra do reino Ariano Suassuna	1972

[5]

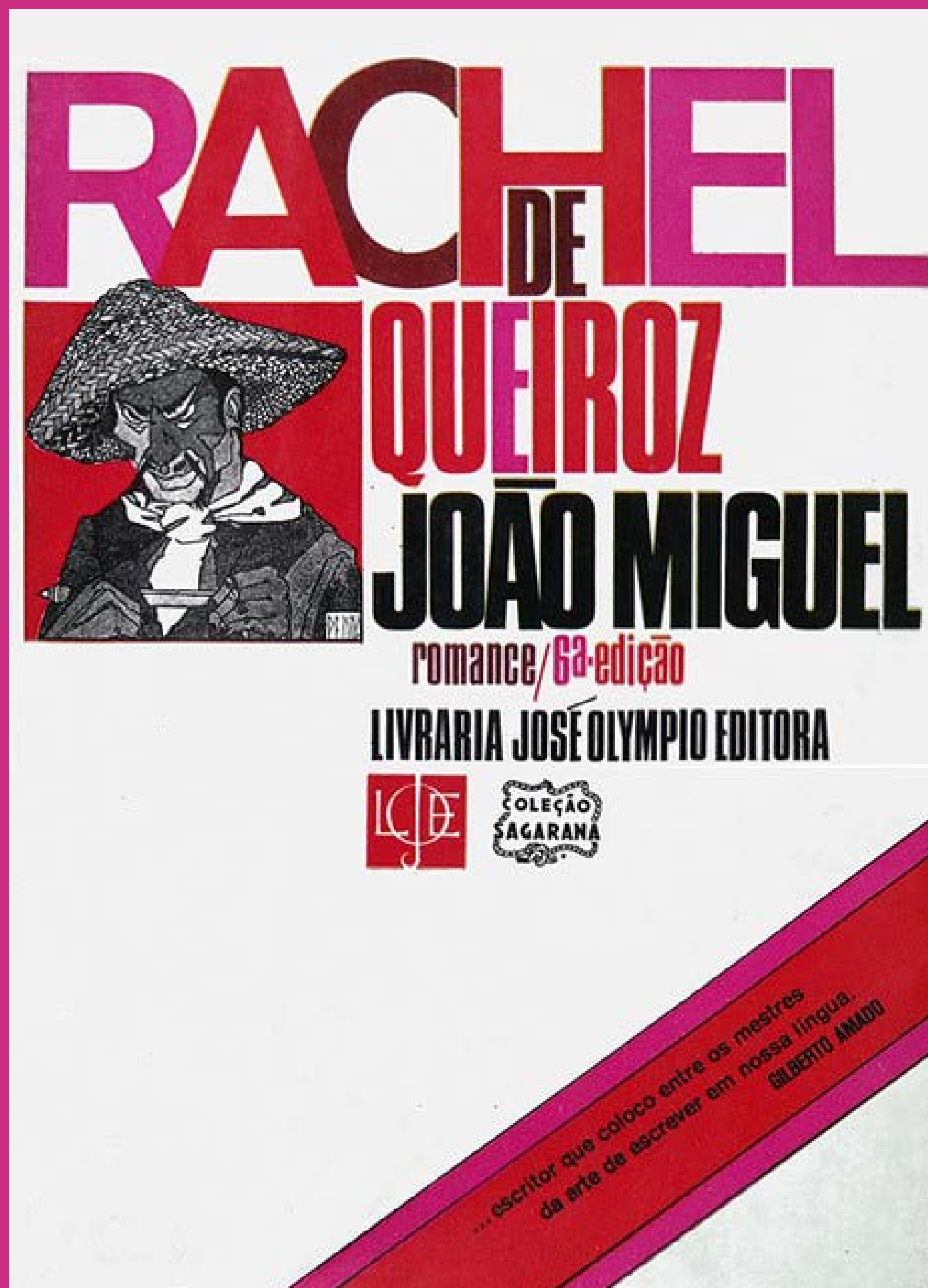


[6]



[7]





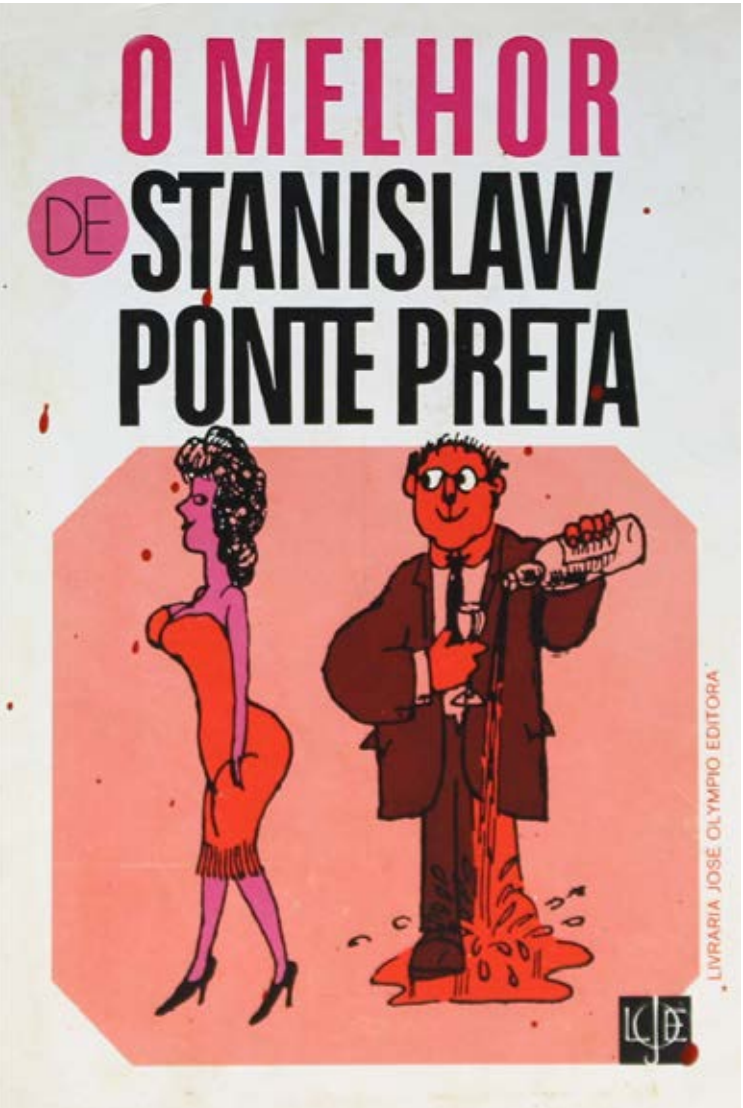
1966

João Miguel

Rachel de Queiroz



[1]

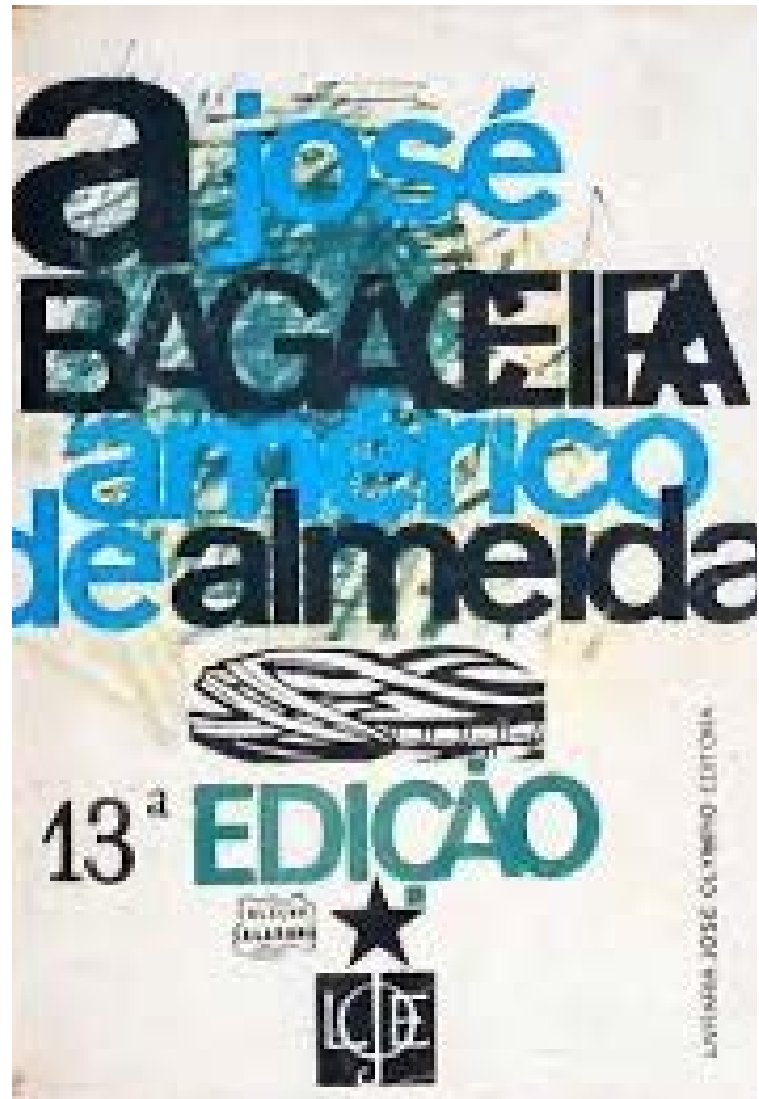


[2]

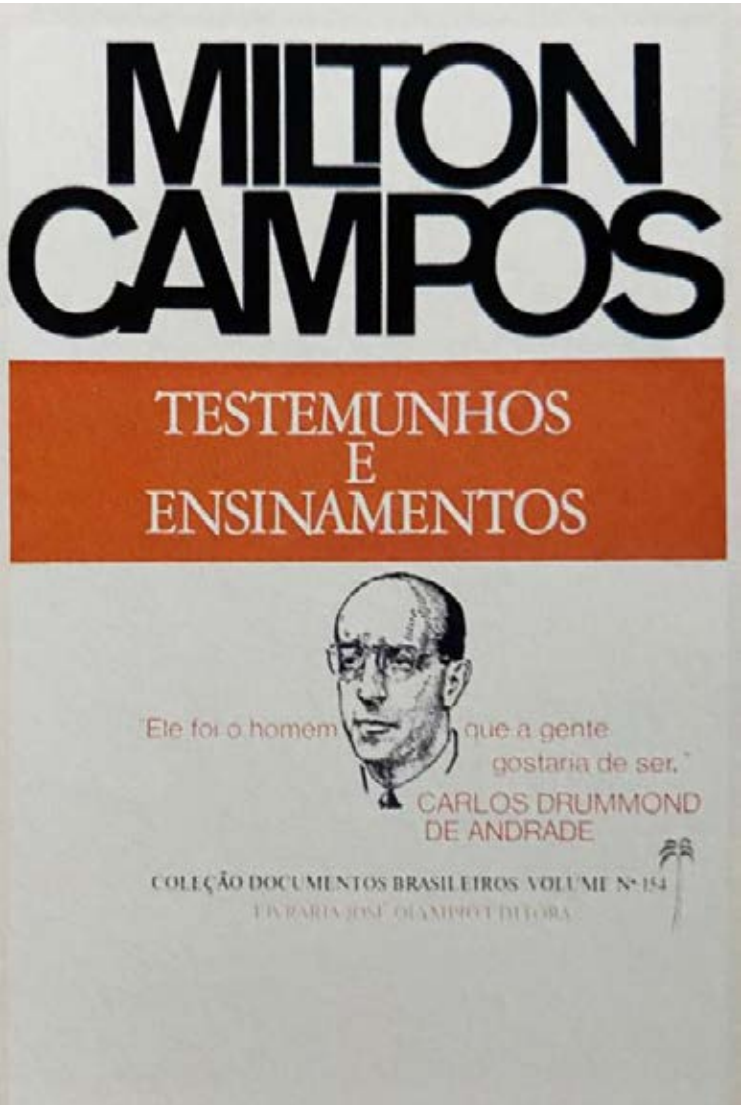


[3]

[1]	Erosão Adalgisa Nery	1972
[2]	O melhor de Stanislaw Ponte Preta Stanislaw Ponte Preta	1972
[3]	O evangelho de Lázaro Orígenes Lessa	1972
[4]	A bagaceira José Américo de Almeida	1972
[5]	Testemunhos e ensinamentos Milton Campos	1972
[6]	Contagem regressiva Cândido Motta Filho	1972



[4]



[5]



[6]

Reprodução Julio Cesar Giacomelli Nogueira, 2009.
(quarta-capa, lombada e capa)

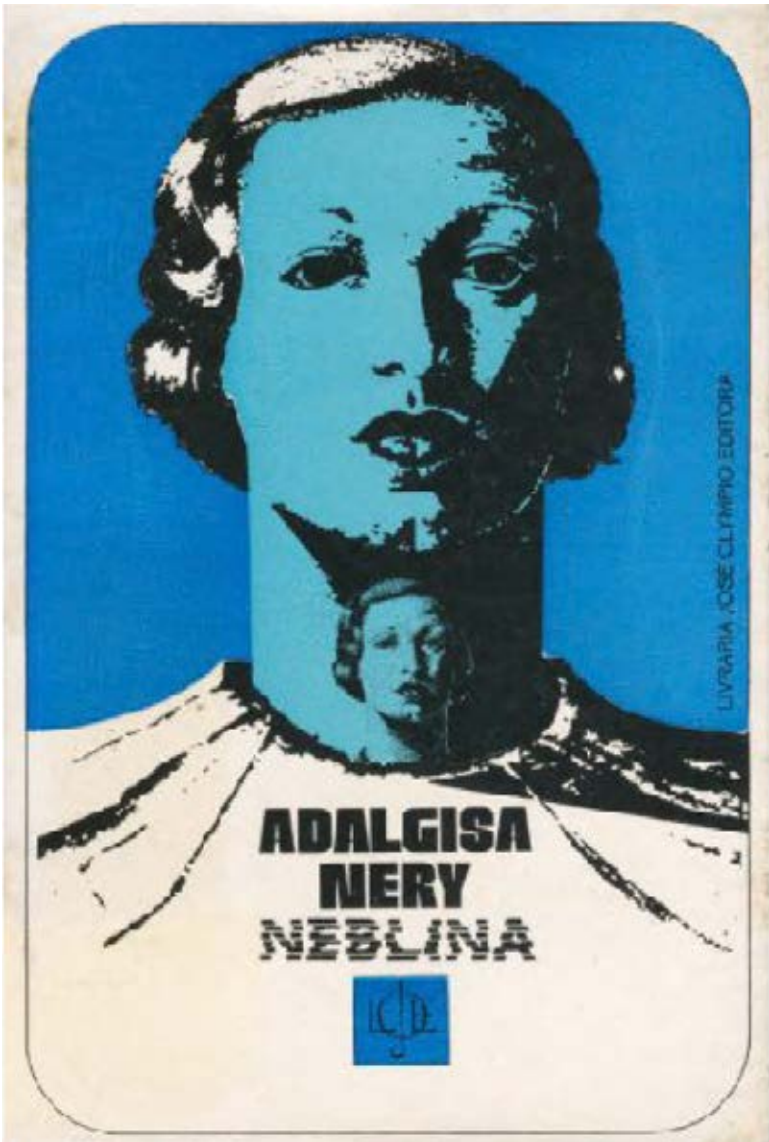


1972
Ninguém mata o arco-íris
José Cândido de Carvalho

[1]



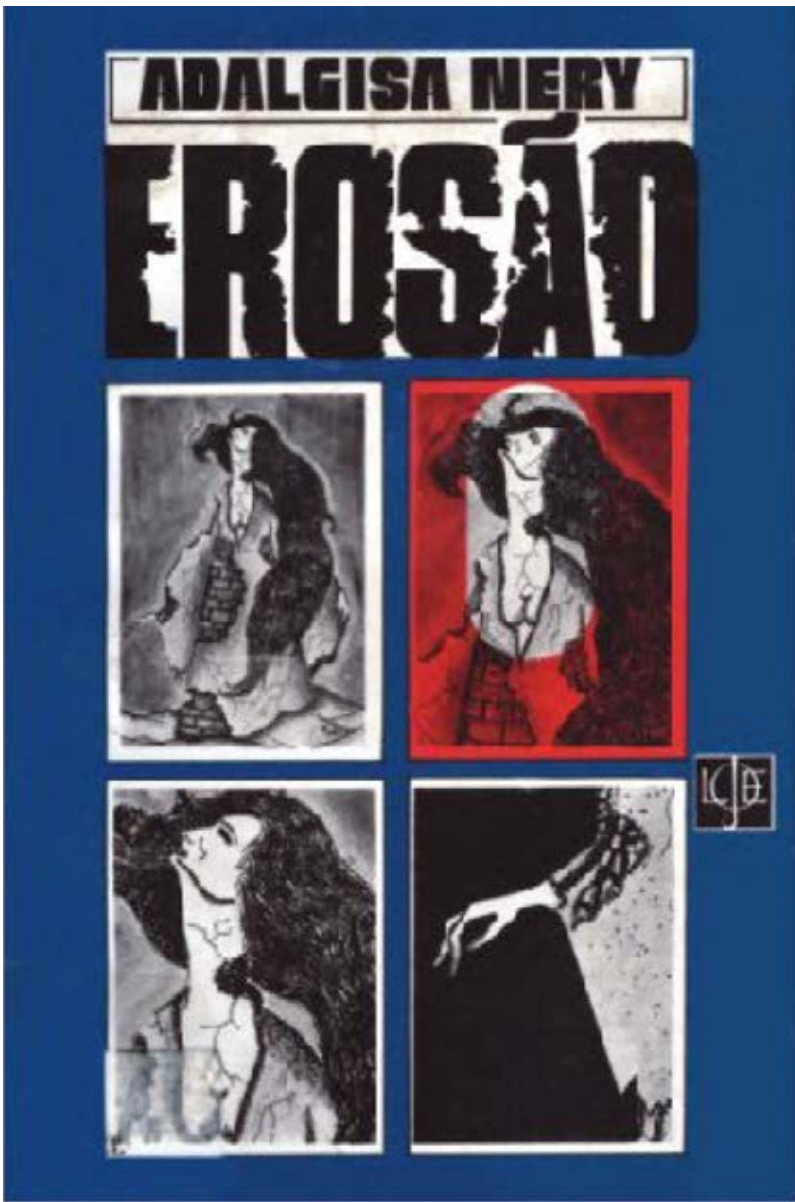
[2]



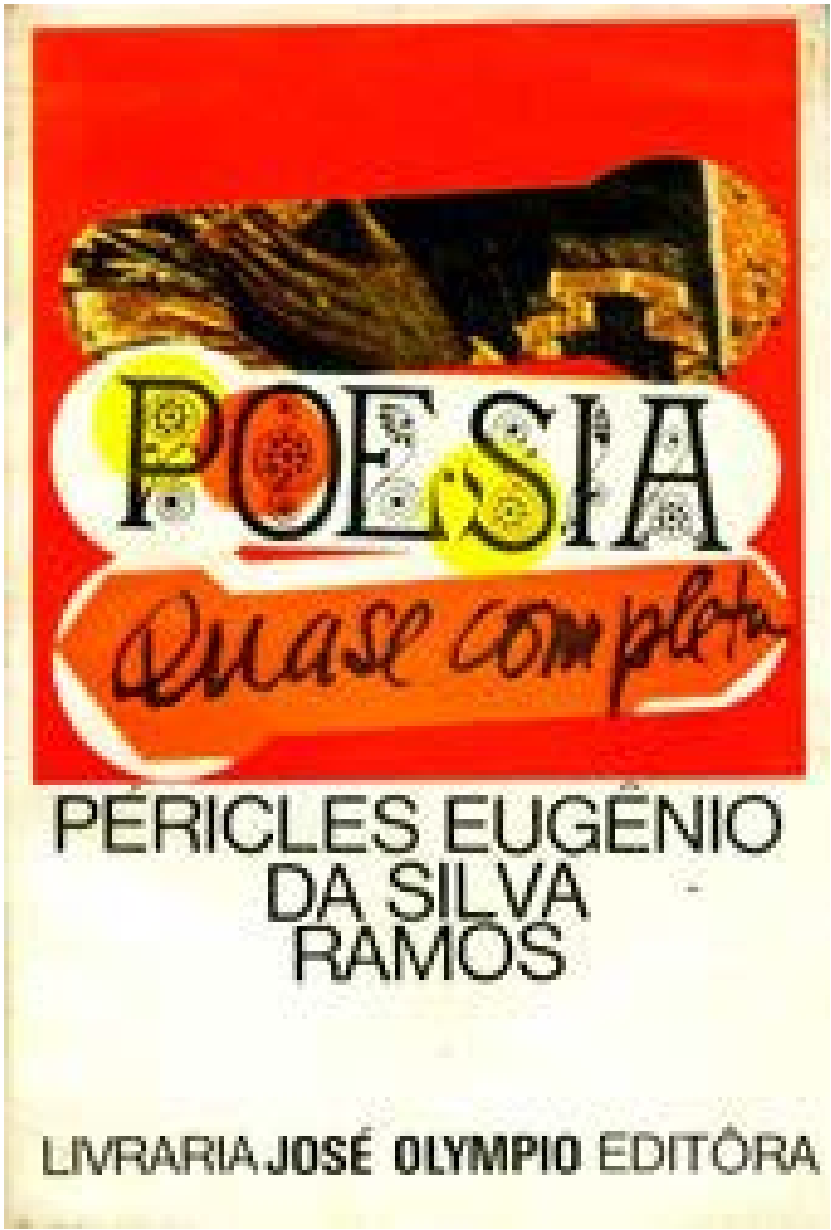
[3]



[4]



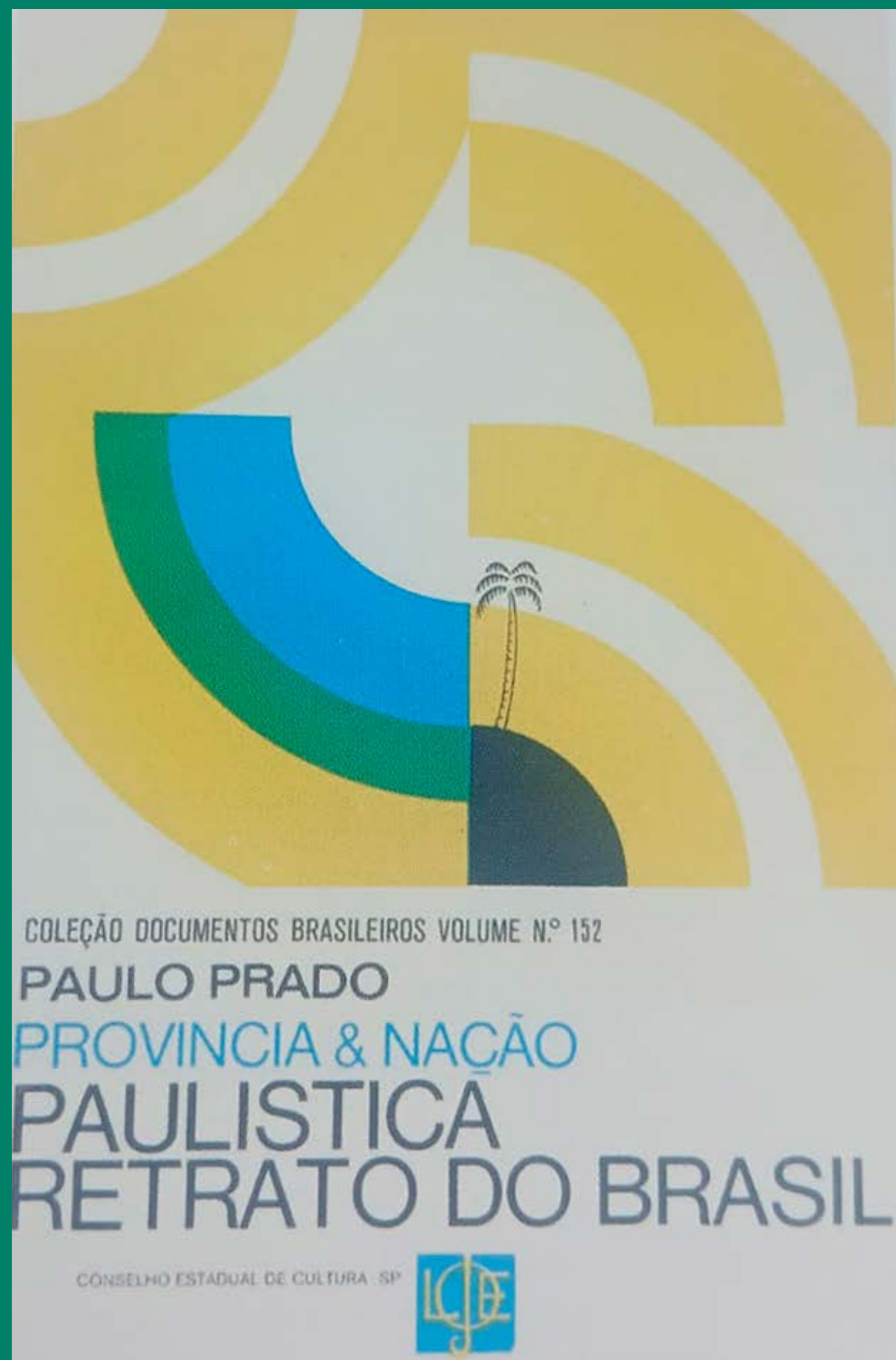
[5]



[6]



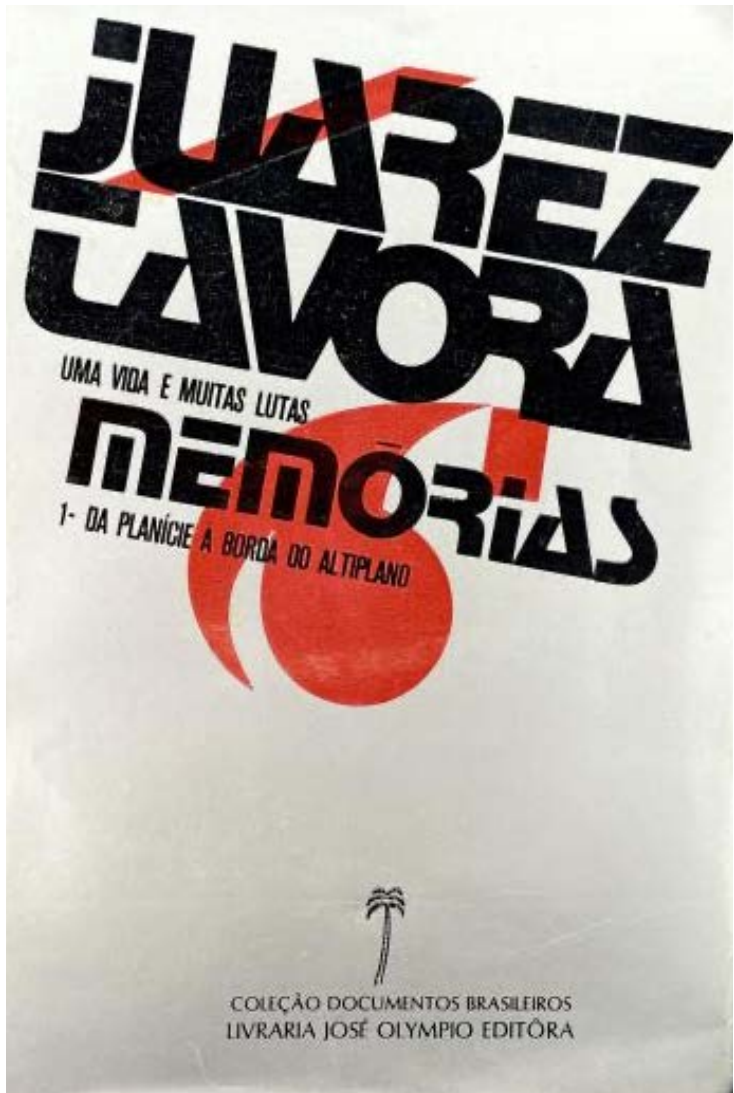
[1]	Finisterra Lêdo Ivo	1972
[2]	Neblina Adalgisa Nery	1972
[3]	O sinal semafórico Lêdo Ivo	1972
[4]	Erosão Adalgisa Nery	1972
[5]	Poesia quase completa Péricles Eugênio da Silva Ramos	1972
[6]	A Amazônia Misteriosa Gastão Cruls	1973



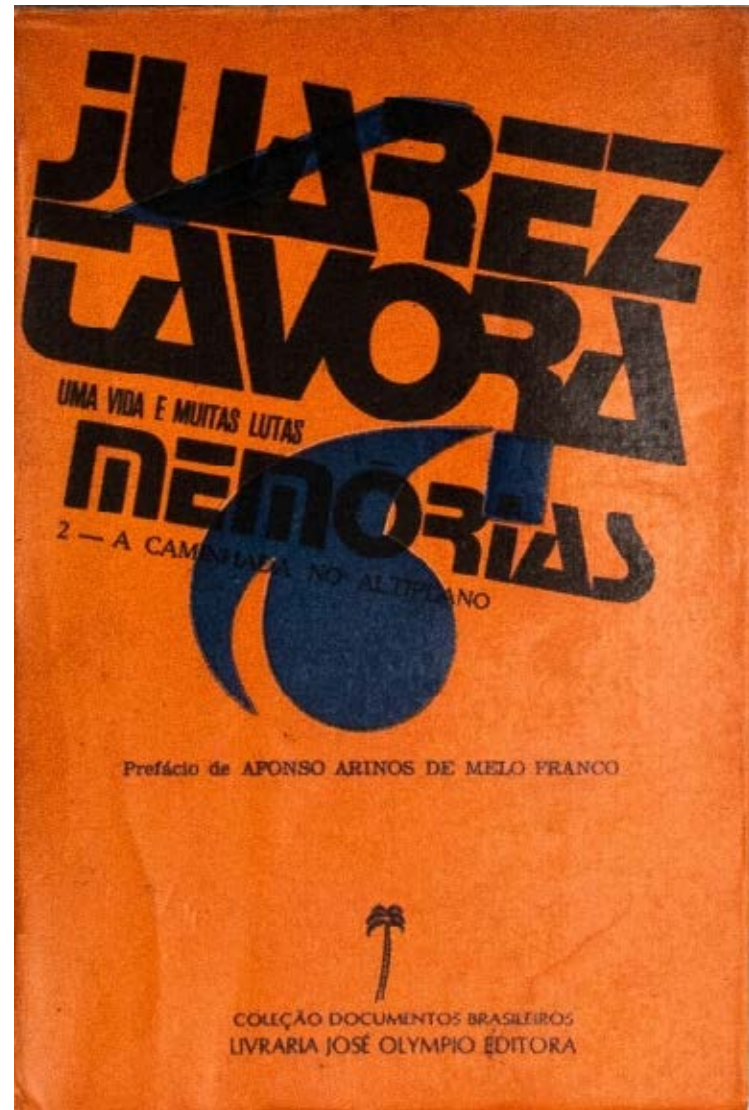
1972

**Província & nação paulista:
retrato do Brasil**

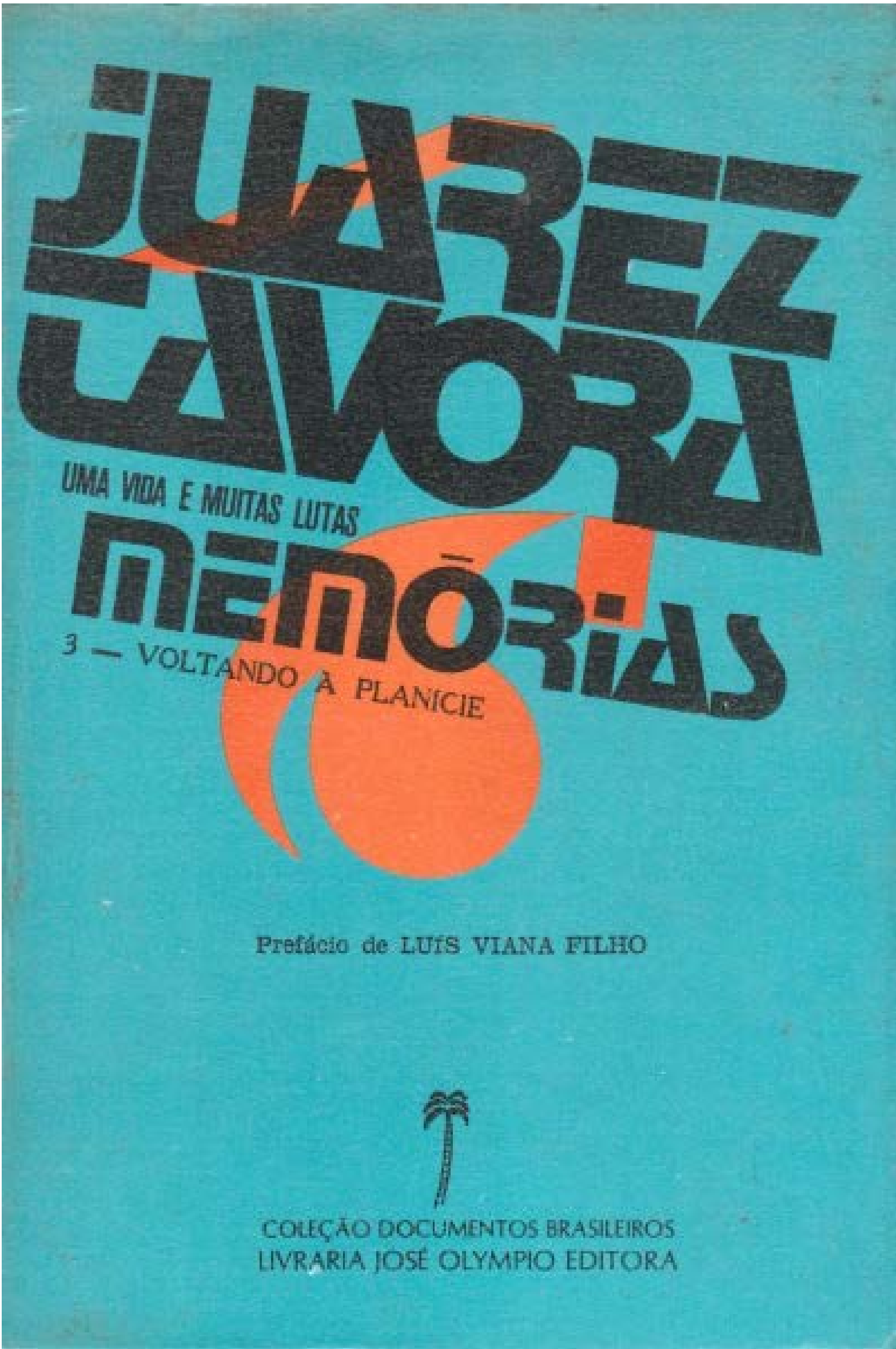
Paulo Prado



[1]



[2]



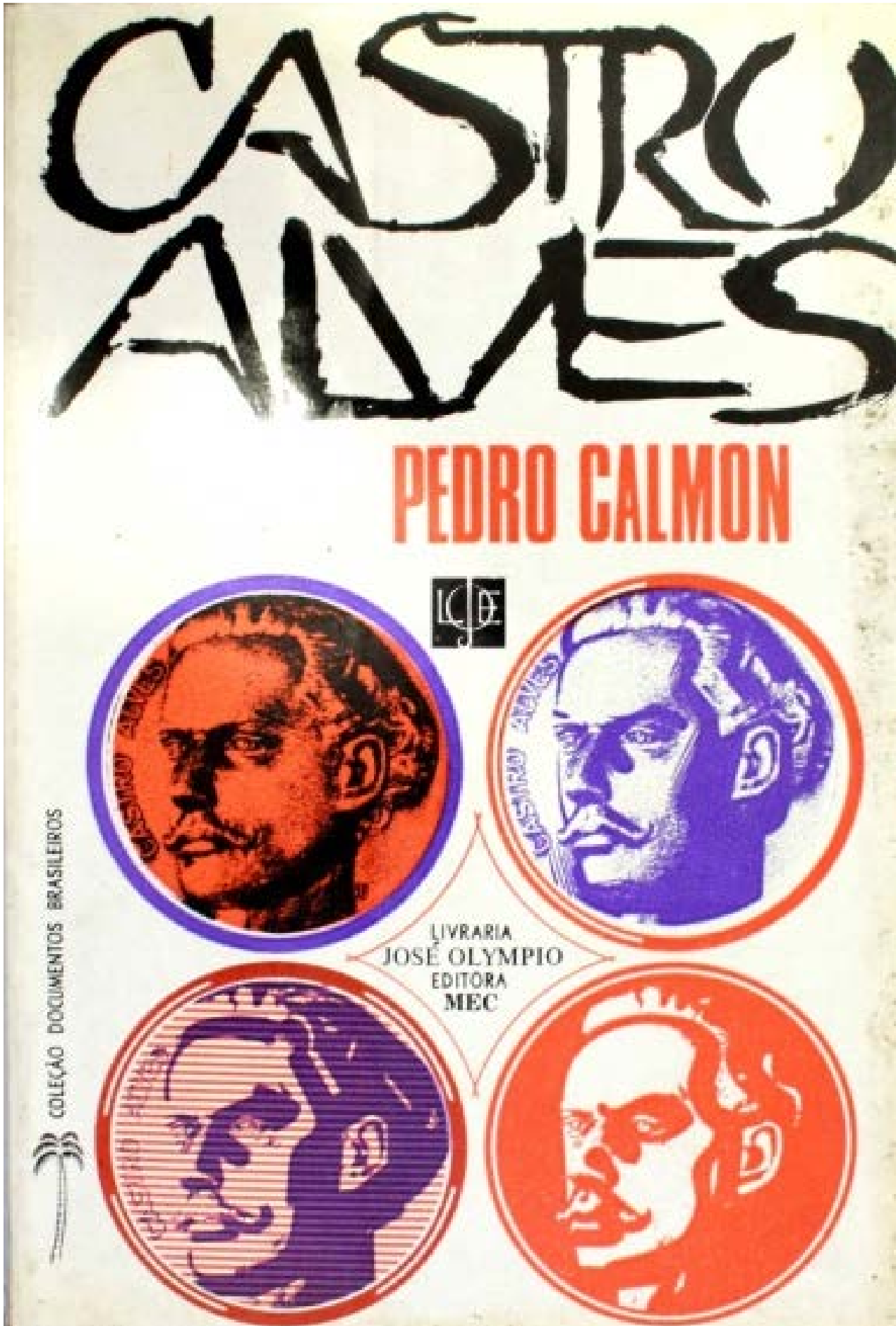
[3]

As capas da trilogia das memórias de Juarez Távora (1973, 1974 e 1976) inauguram uma verdadeira paixão de E.H. pela tipografia nelas usadas. Trata-se da fonte Stop, desenhada por Aldo Novarese em 1970, e disponibilizada em folhas de transferências, como as da marca Letraset, muito usada pelos artistas gráficos brasileiros nos anos 1970. Novarese, criador de mais de 100 fontes, concebeu a Stop para usos comerciais como slogans, nomes de produtos e marcas. Ela aparecerá repetidas vezes no trabalho de Hirsch – não só para a J.O. (ver Editora Sabiá, na seção Outras Editoras), e não só em capas de livro (ver folders da Didacta, na seção de Miscelânea deste catálogo).

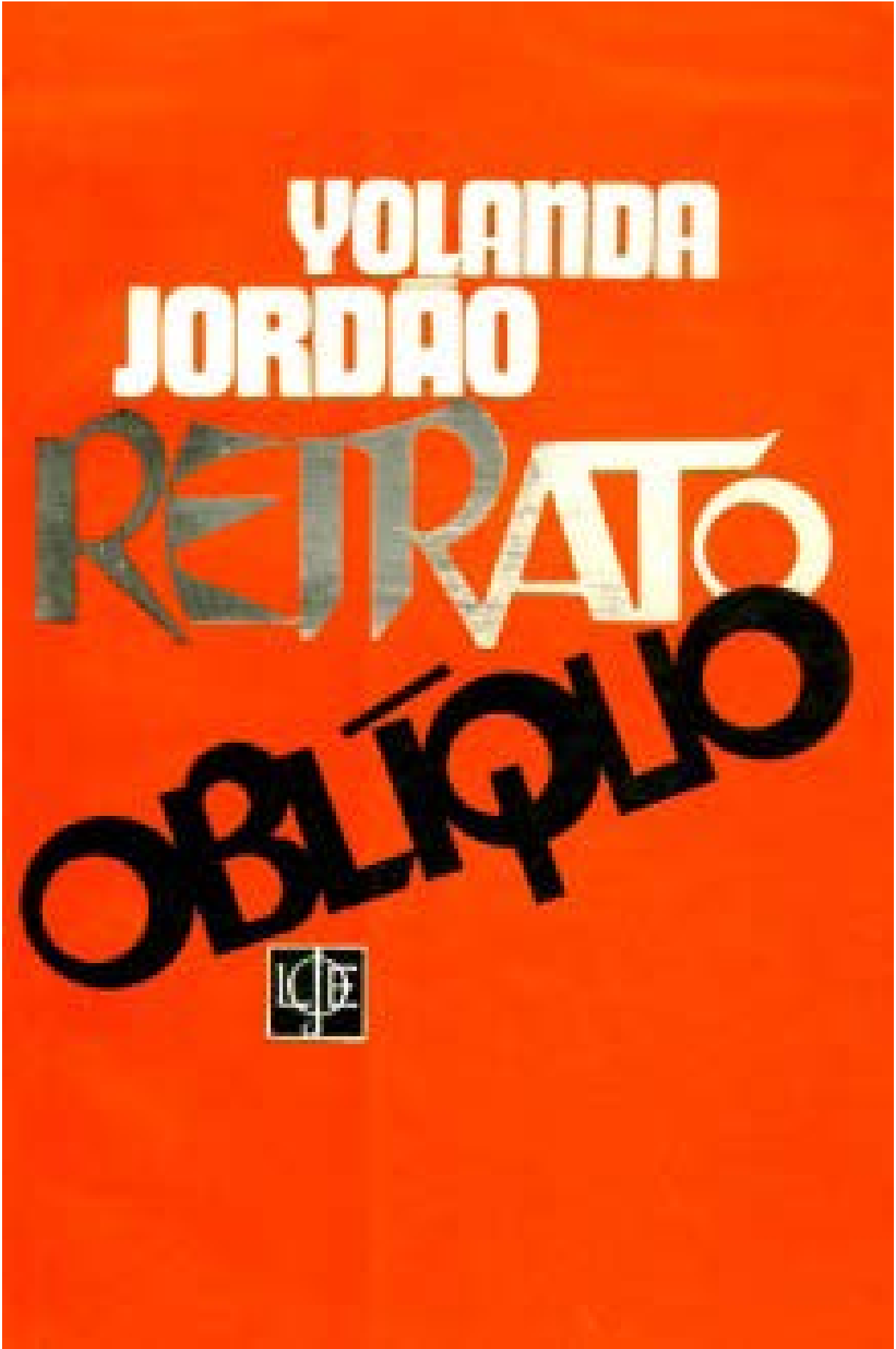
[1]	Uma vida e muitas lutas: Da planíce à borda do antiplano - Memórias 1 Juarez Távora	1973
[2]	Uma vida e muitas lutas: A caminhada no antiplano - Memórias 2 Juarez Távora	1974
[3]	Uma vida e muitas lutas: Voltando à planíce - Memórias 3 Juarez Távora	1976

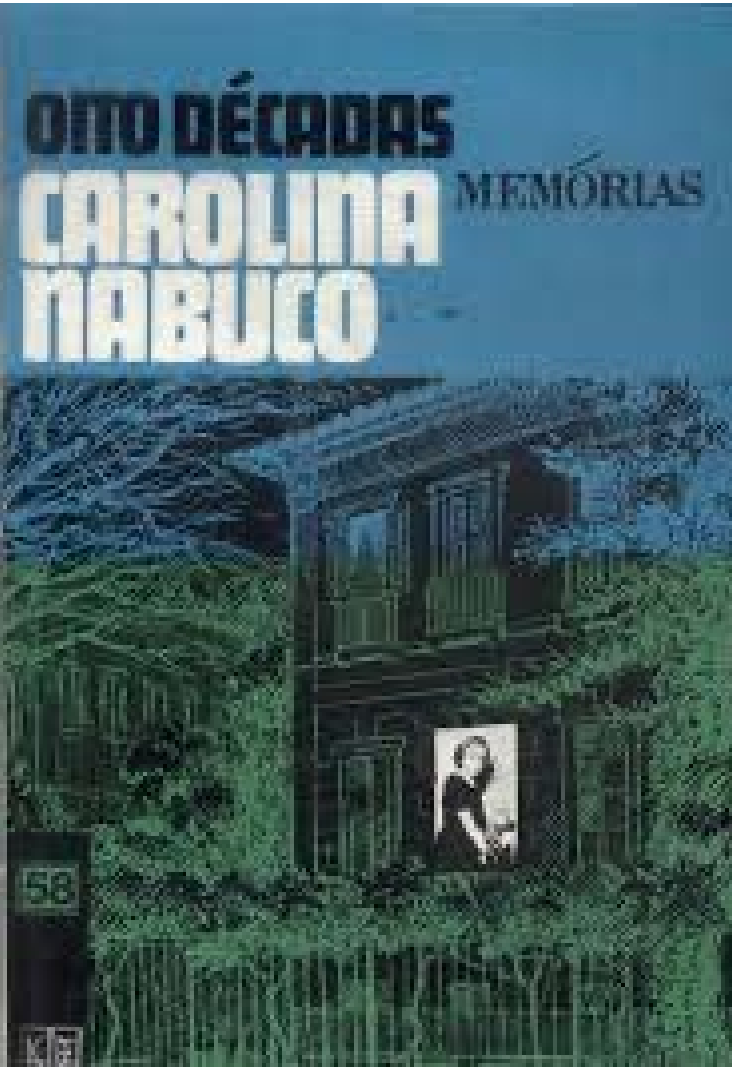
[1]	Castro Alves Pedro Calmon	1973
[2]	Retrato Oblíquo Yolanda Jordão	1973

[1]

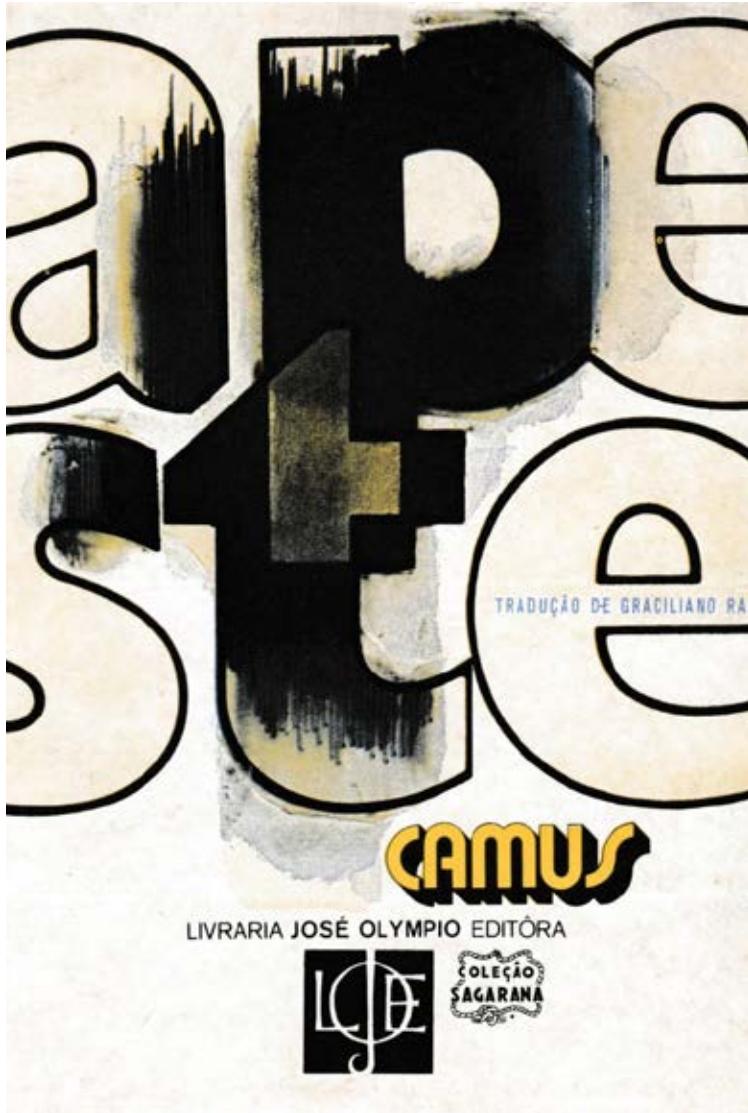


[2]

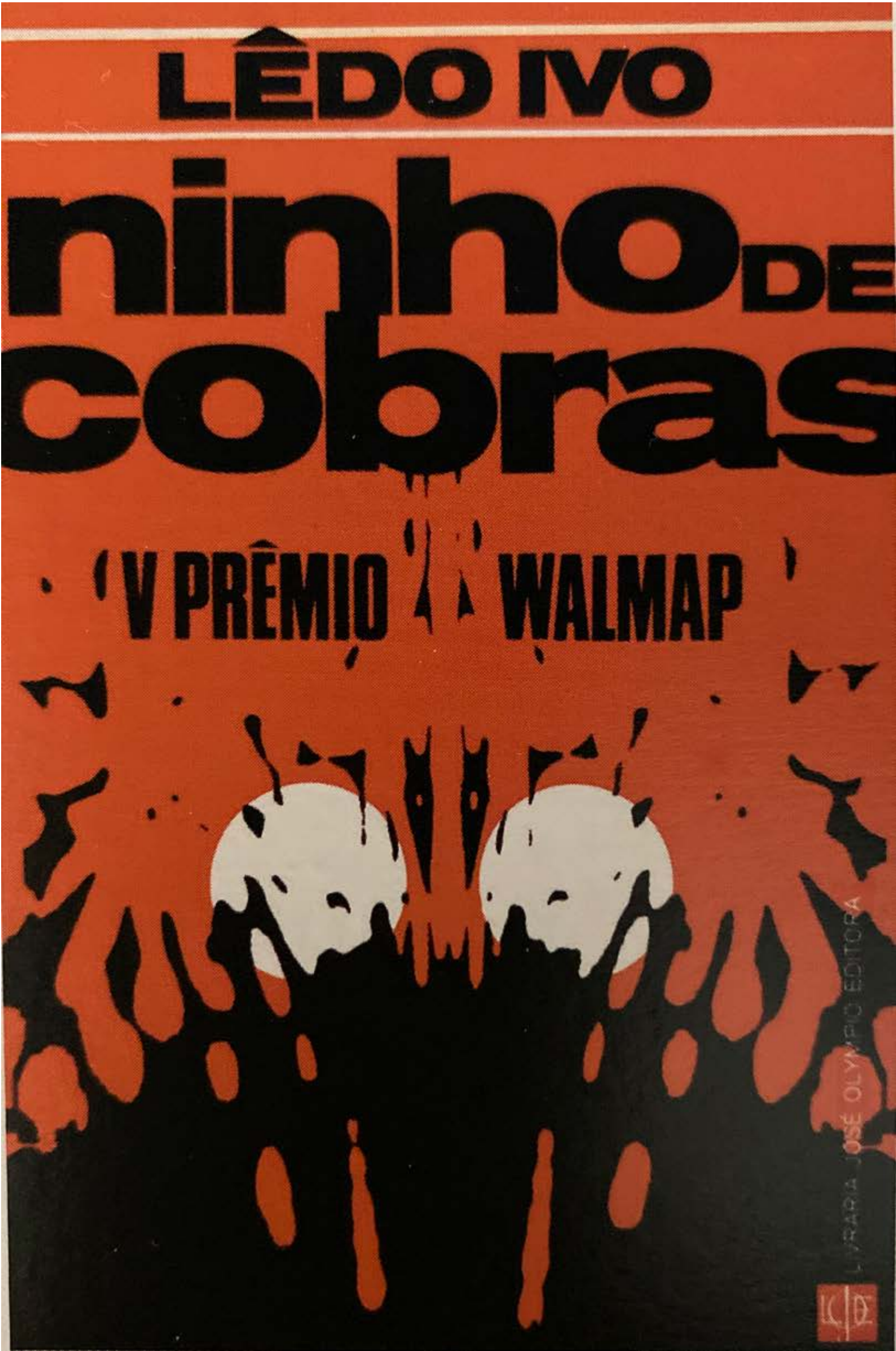




[1]

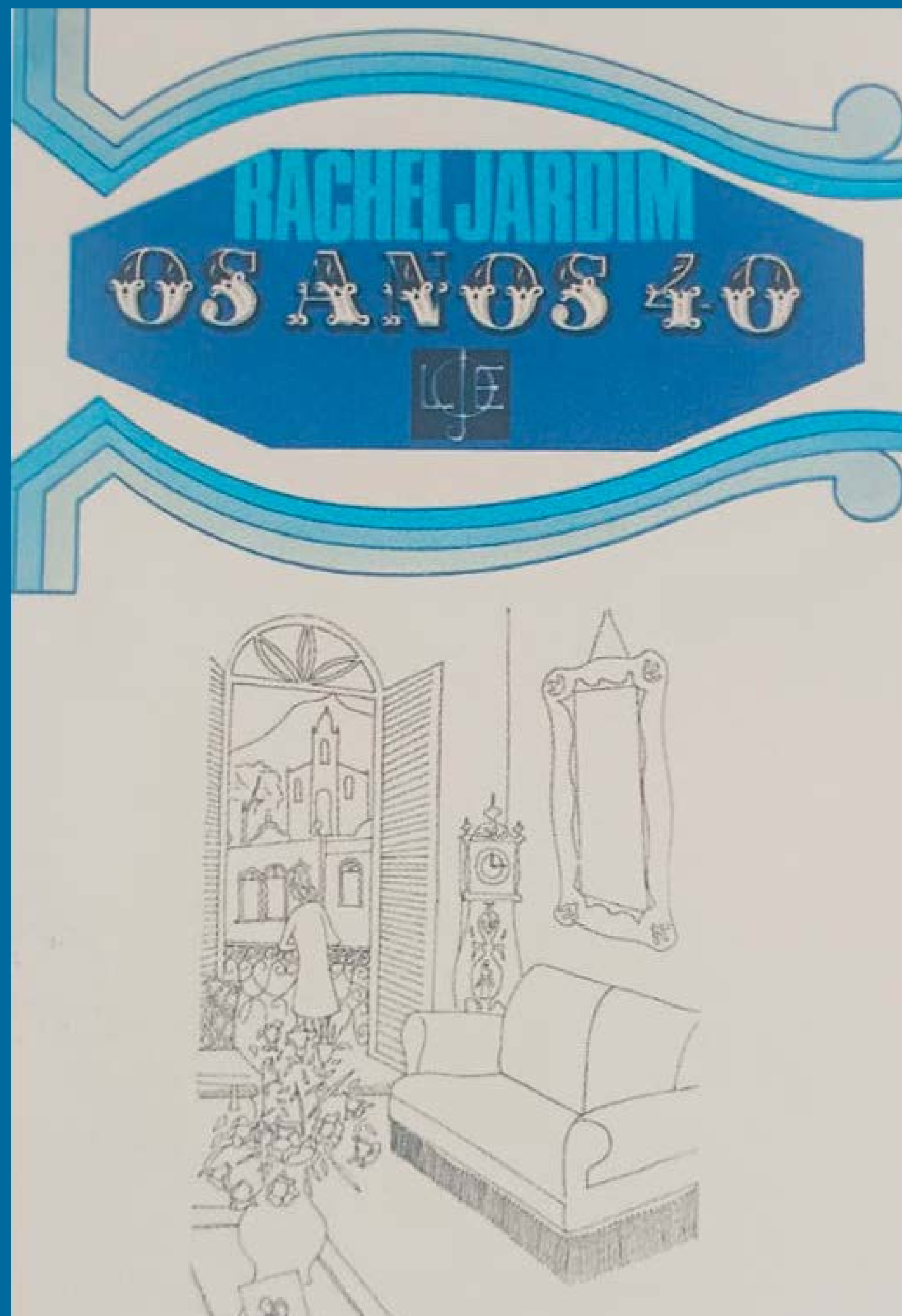


[2]



[3]

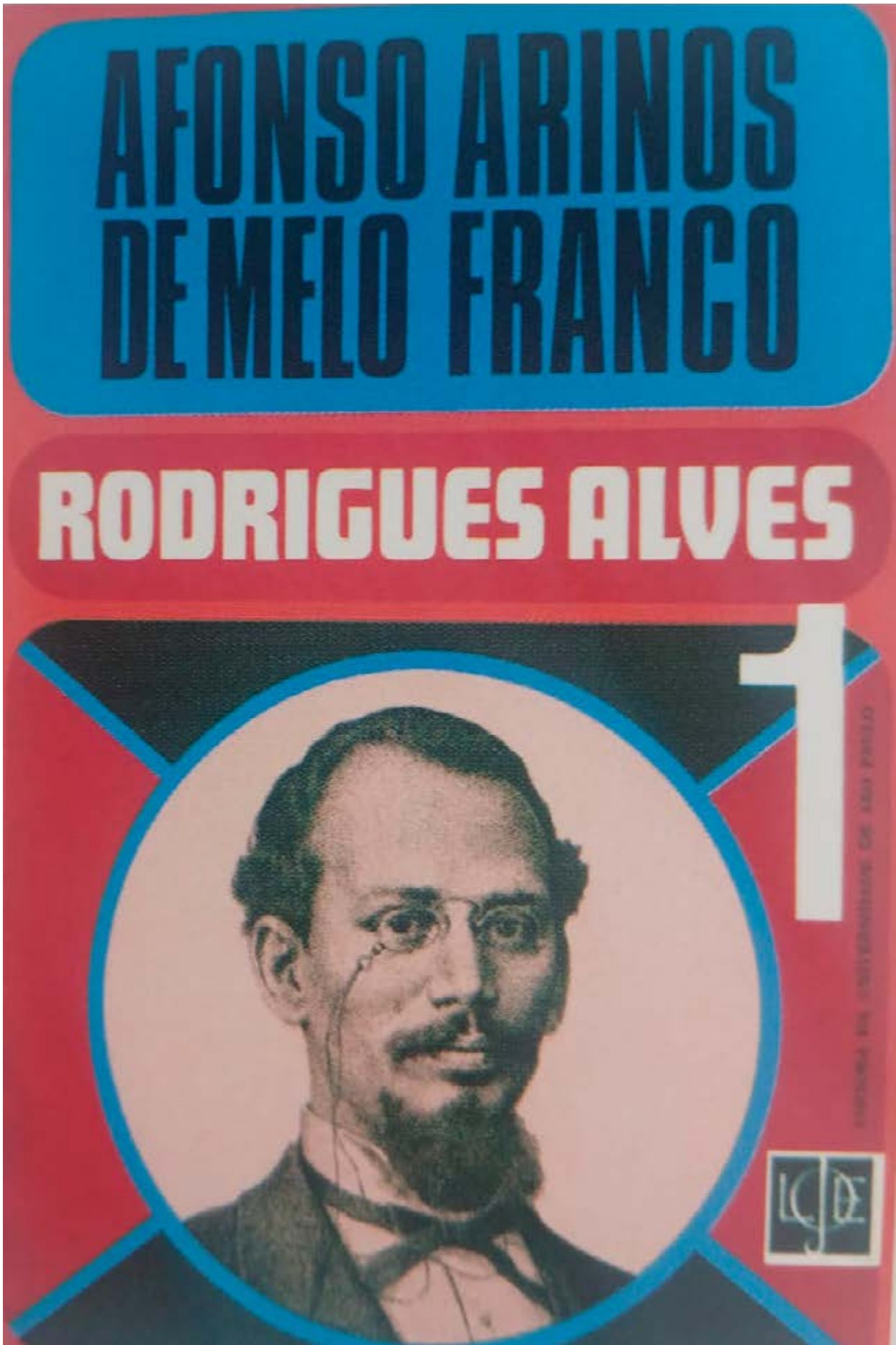
[1]	Oito décadas Carolina Nabuco	1973
[2]	A peste Albert Camus	1973
[3]	Ninho de cobras Lêdo Ivo	1973



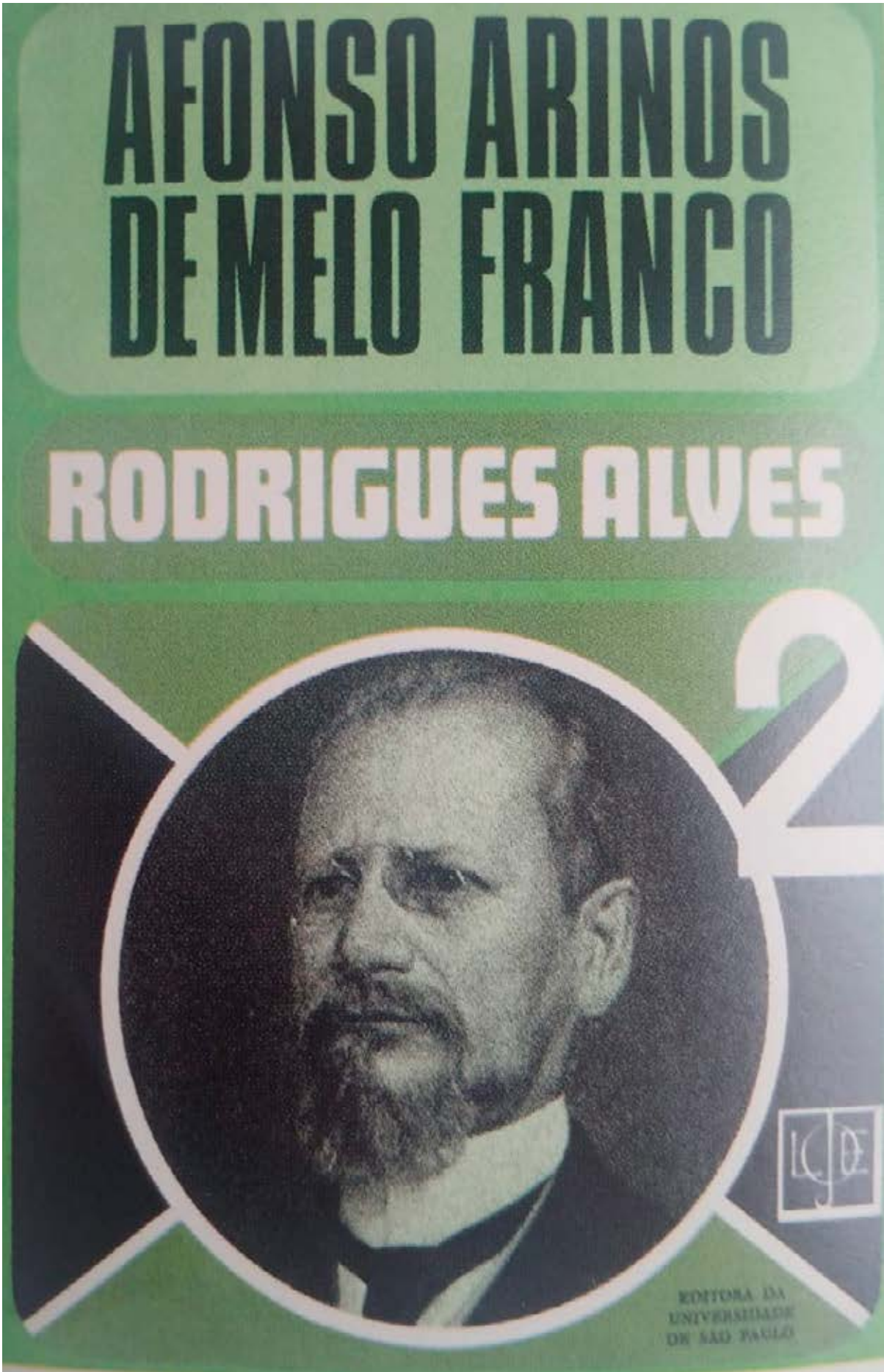
1973
Os anos 40
Rachel Jardim

[1]	Rodrigues Alvez 1 Afonso Arinos de Melo Franco	1973
[2]	Rodrigues Alvez 2 Afonso Arinos de Melo Franco	1973

[1]



[2]

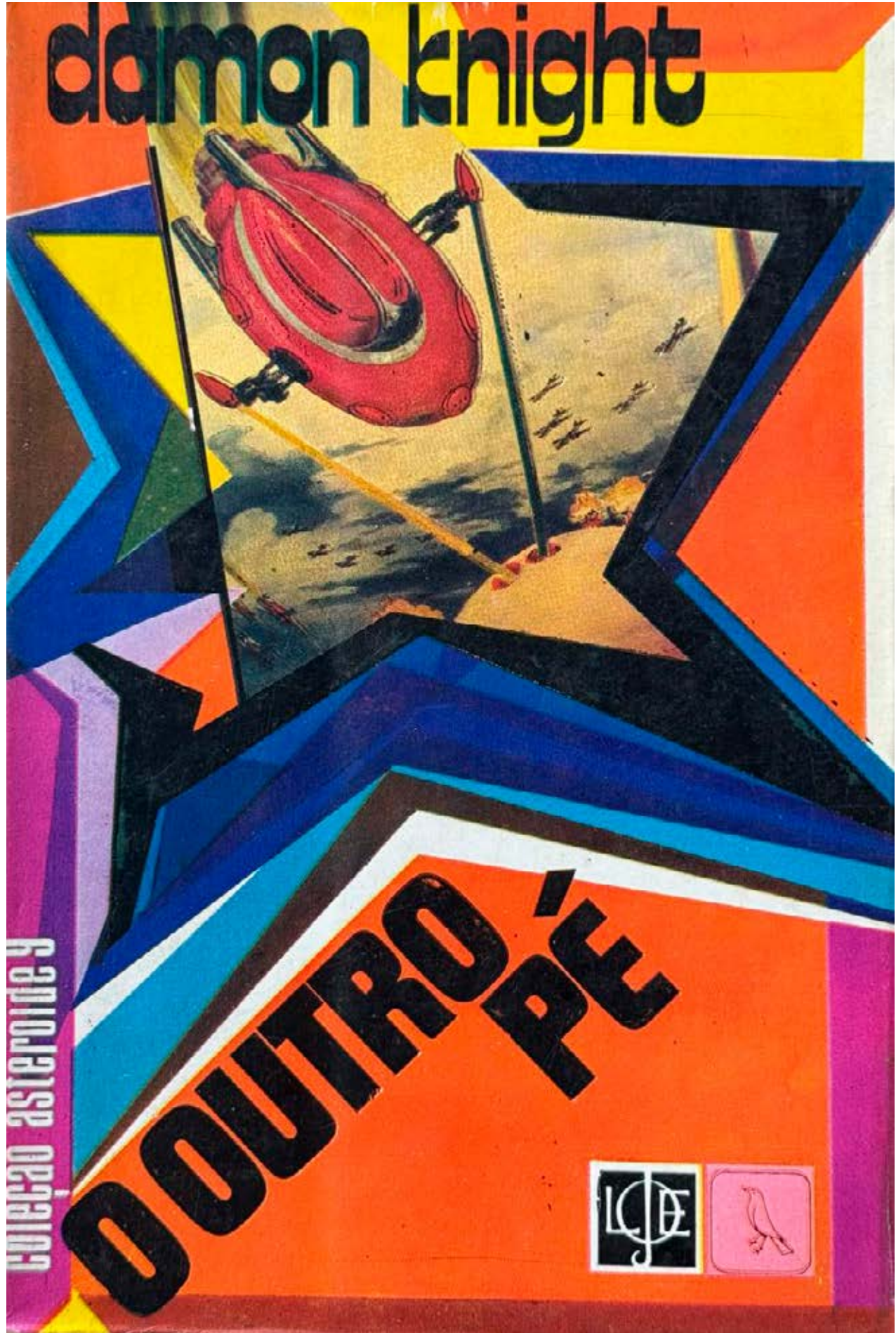


[1]	O ser assassino Kate Wilhelm	1973
[2]	O outro pé Damon Knight	1974

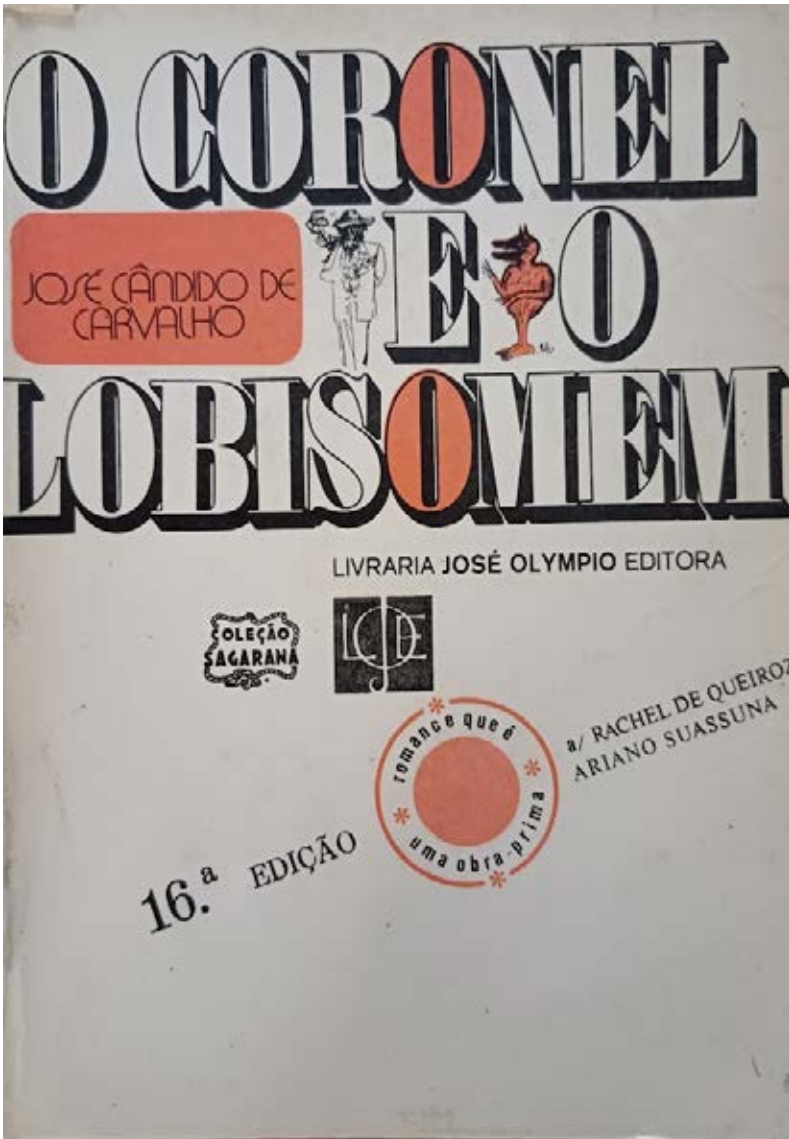
[1]



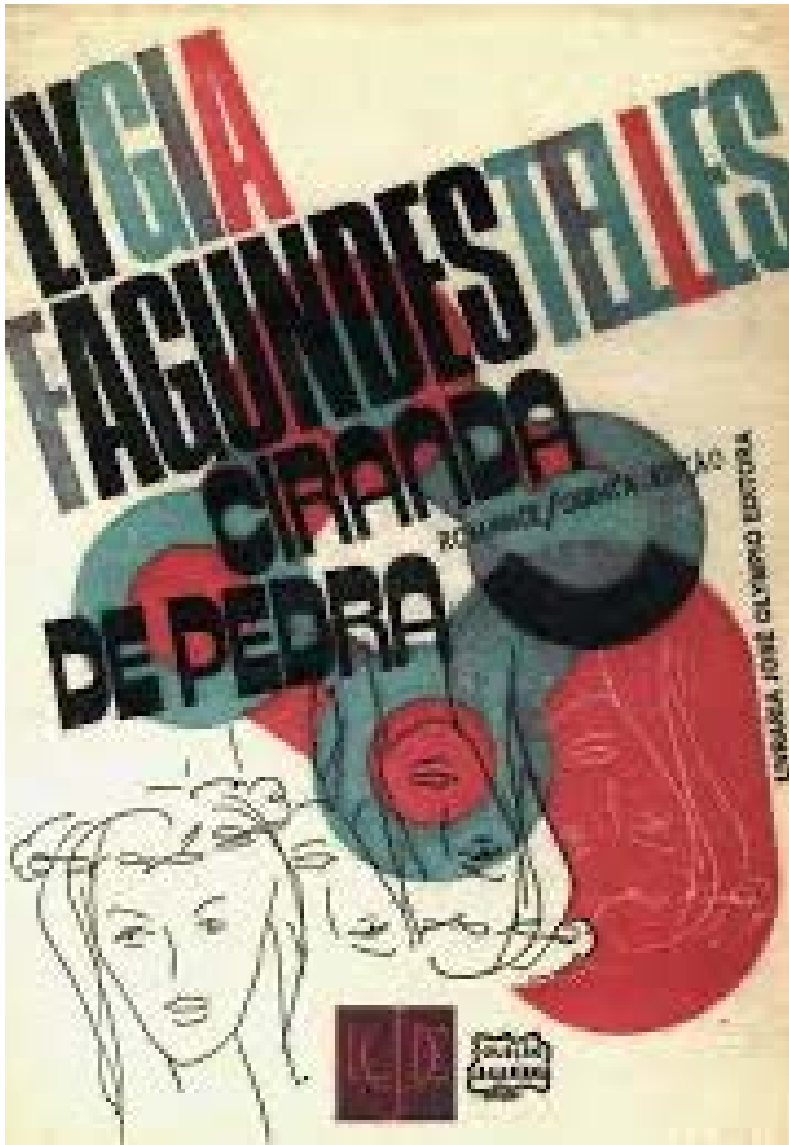
[2]



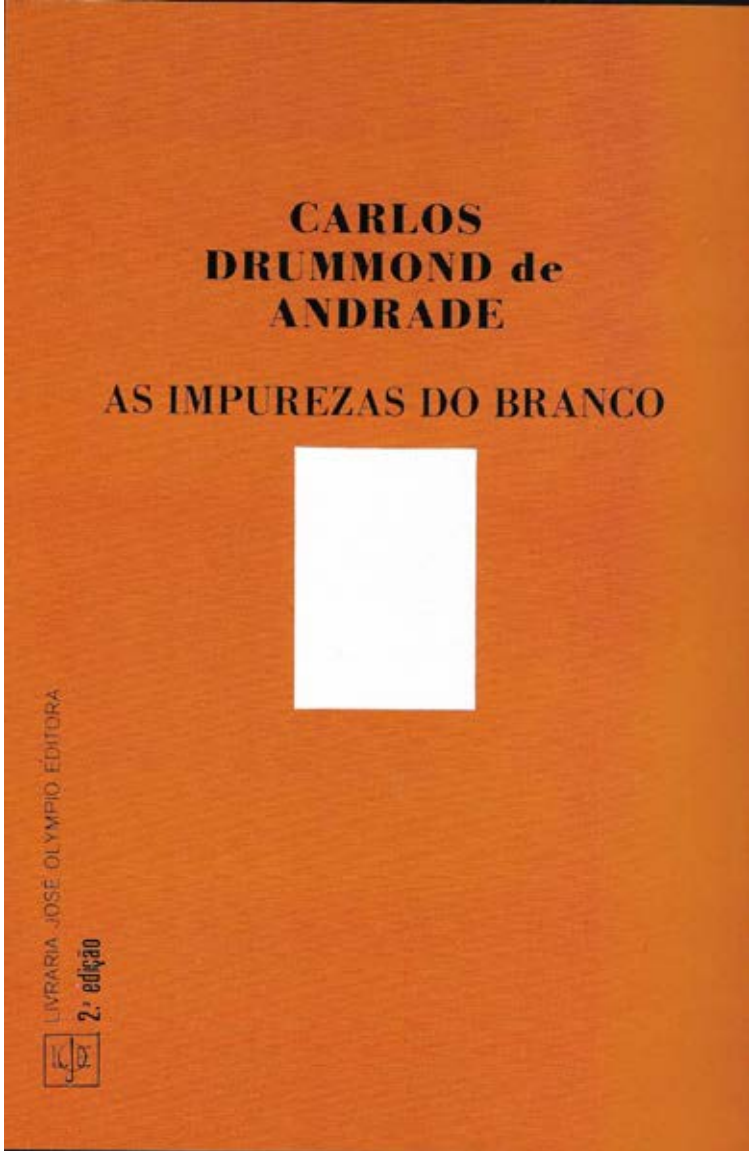
[1]



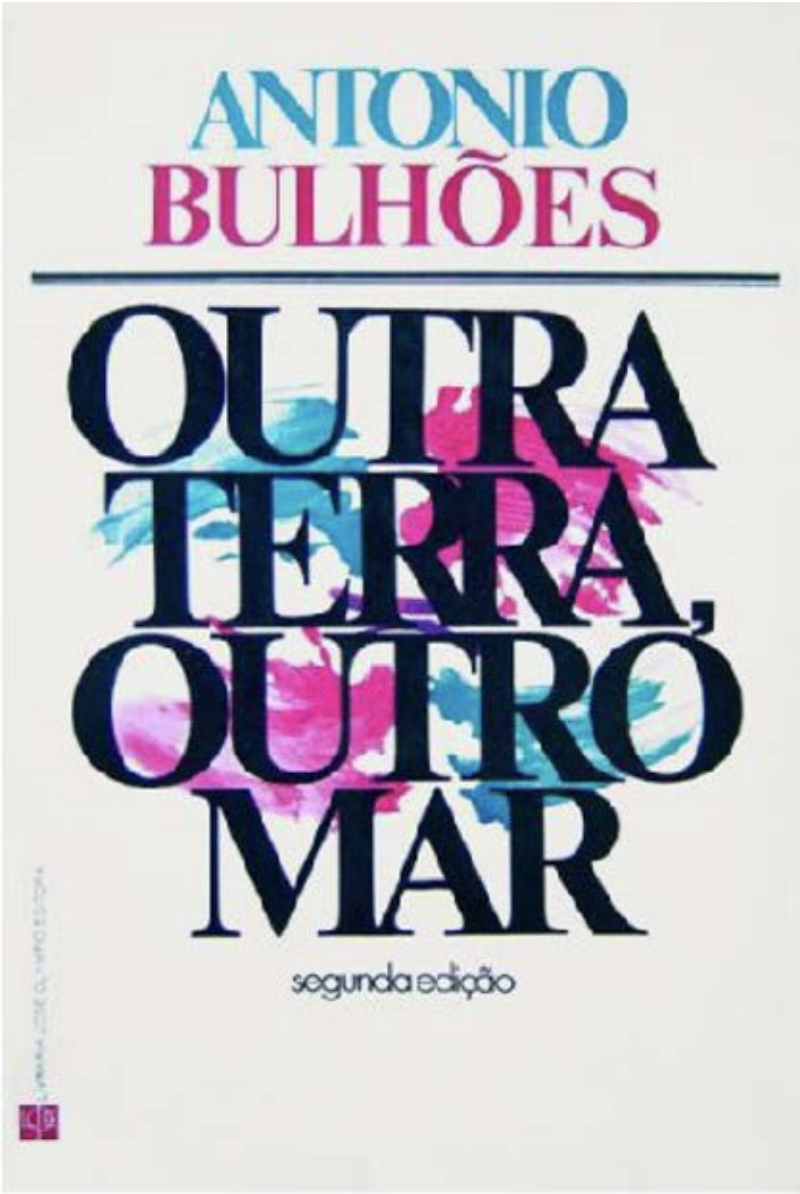
[2]



[3]



[4]



[5]

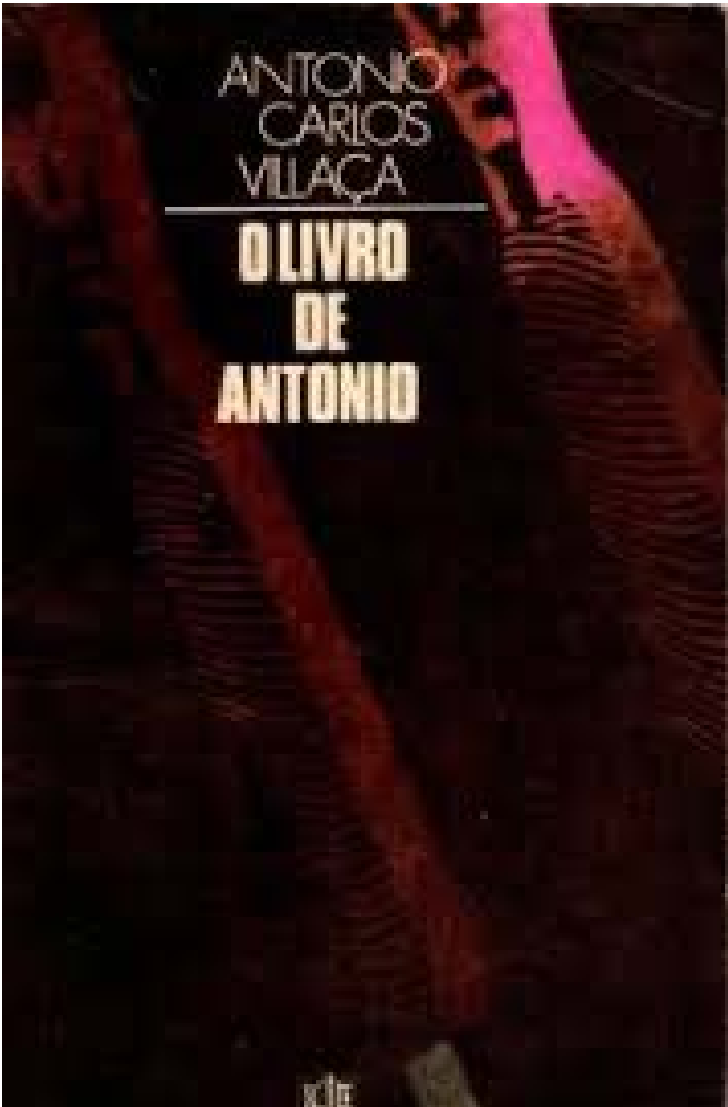


[6]

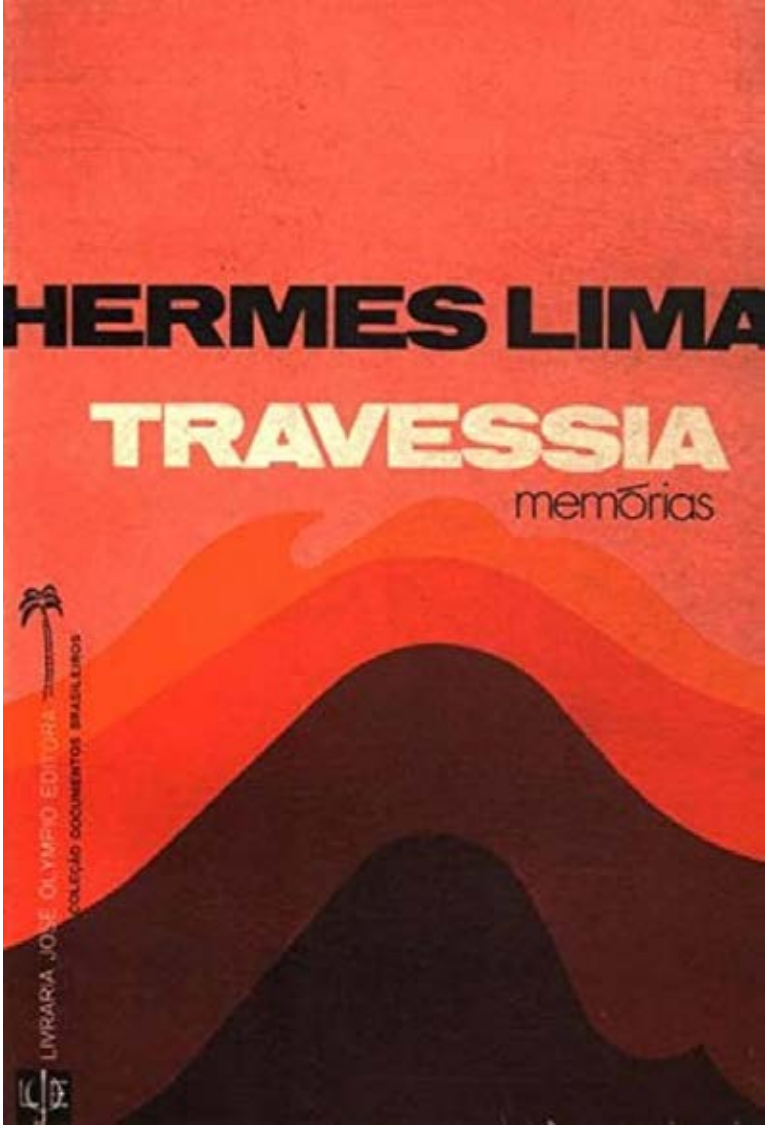


[1]	O coronel e o lobisomem José Cândido de Carvalho	1974
[2]	Ciranda de pedra Lygia Fagundes Telles	1974
[3]	As impurezas do branco Carlos Drummond de Andrade	1974
[4]	Outra terra, outro mar Antonio Bulhões	1974
[5]	Comportamento íntimo Desmond Morris	1974
[6]	Jogando com Pelé Edson Arantes	1974

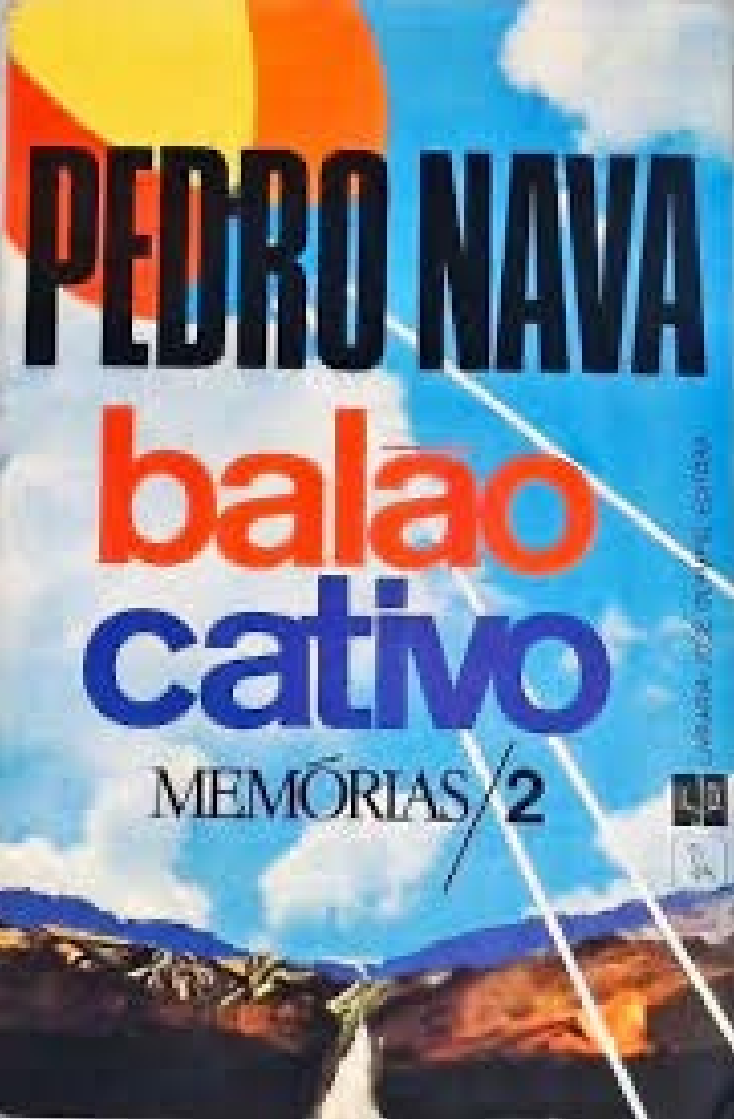
[1]	O livro de Antônio Antonio Carlos Vilela	1974
[2]	Travessia Hermes Lima	1974
[3]	Balão cativo: Memórias 2 Pedro Nava Capas de EH sobre colagem do autor	1974
[4]	Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon José Cândido de Carvalho	1974
[5]	O santo e a porca Ariano Suassuna	1974
[6]	Casa-grande e senzala Gilberto Freyre	1975



[1]



[2]



[3]



[4]



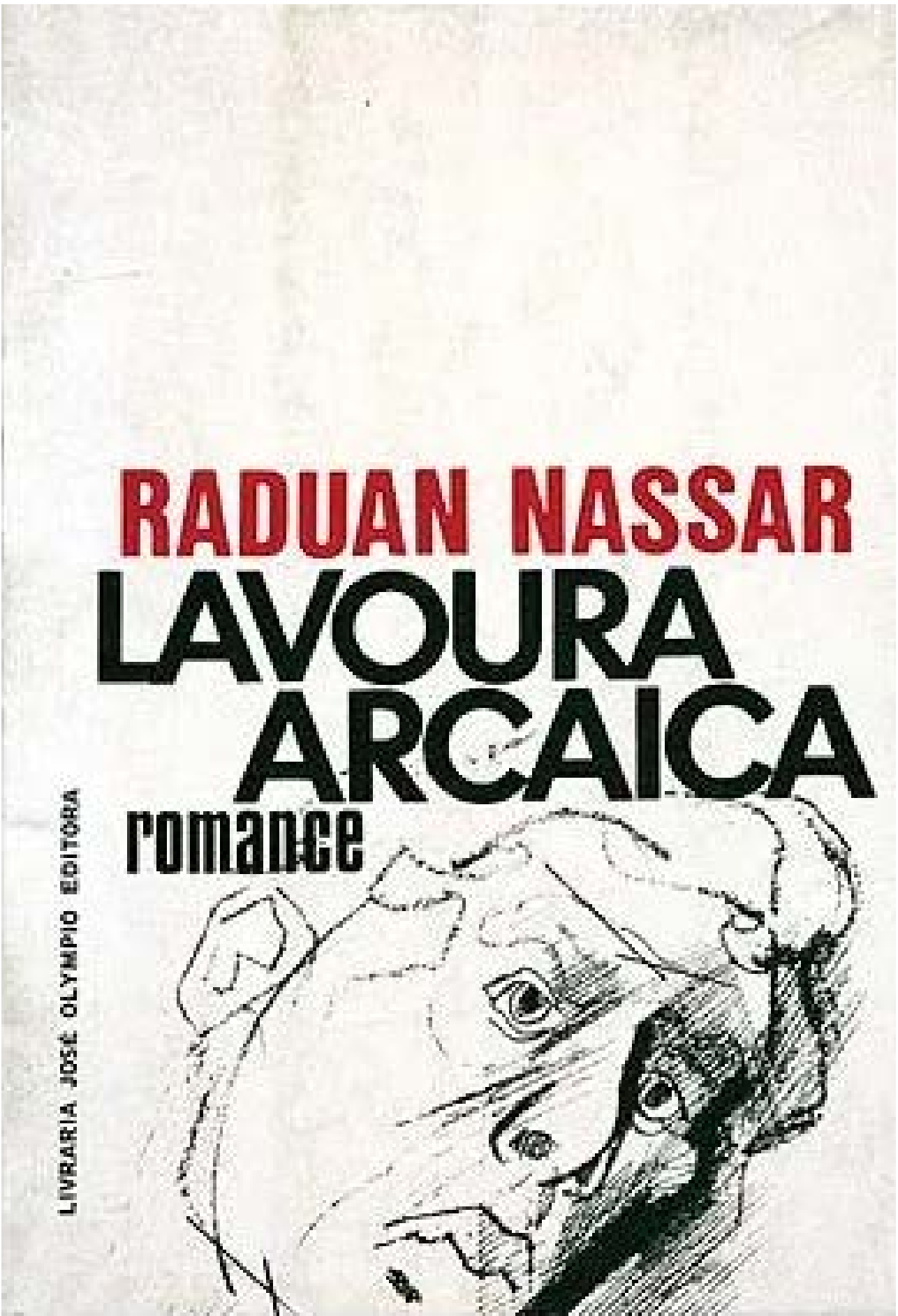
[5]



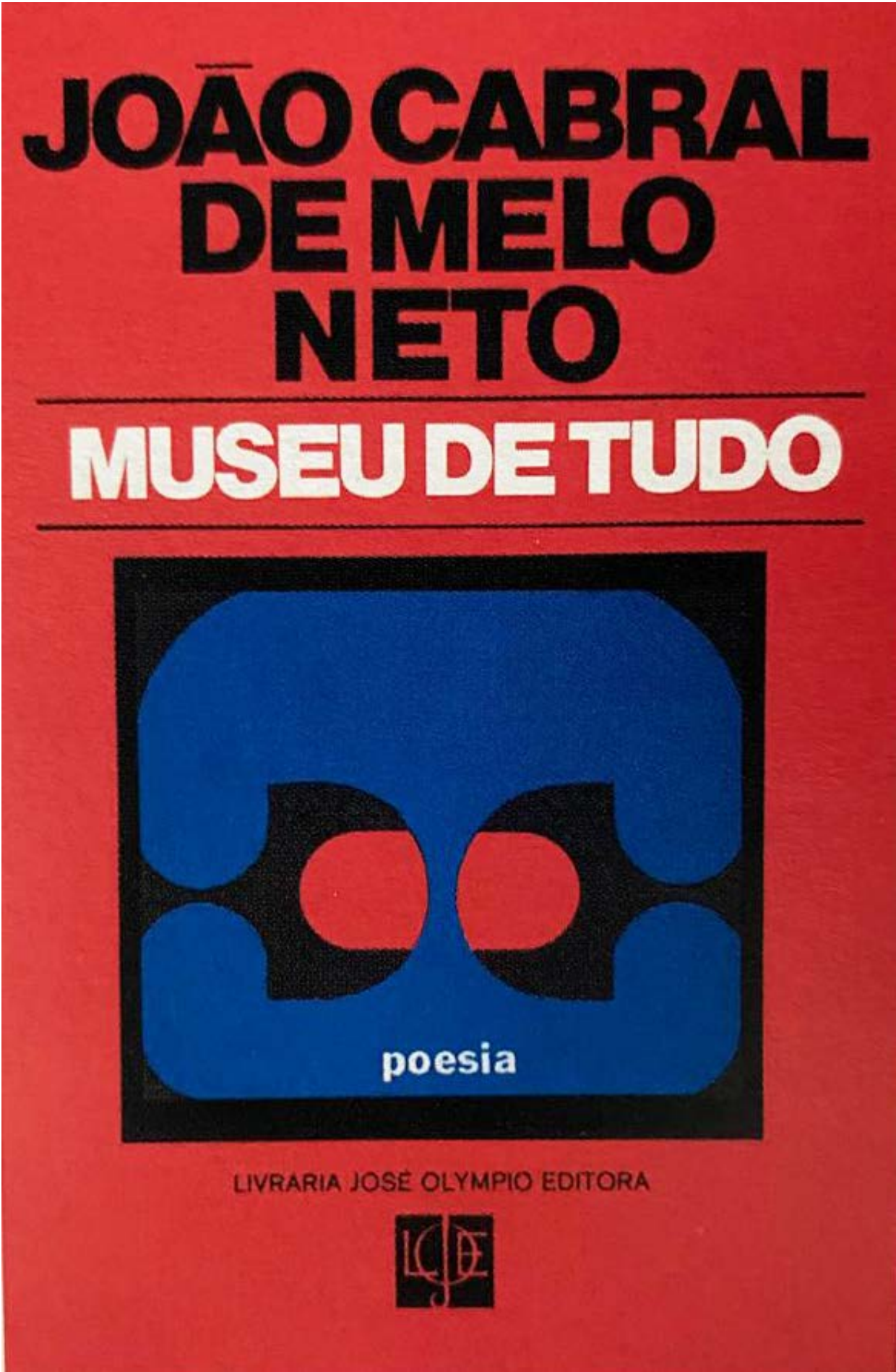
[6]

[1]	Lavoura Arcaica Raduan Nassar	1975
[2]	Museu de tudo João Cabral de Melo Neto	1975

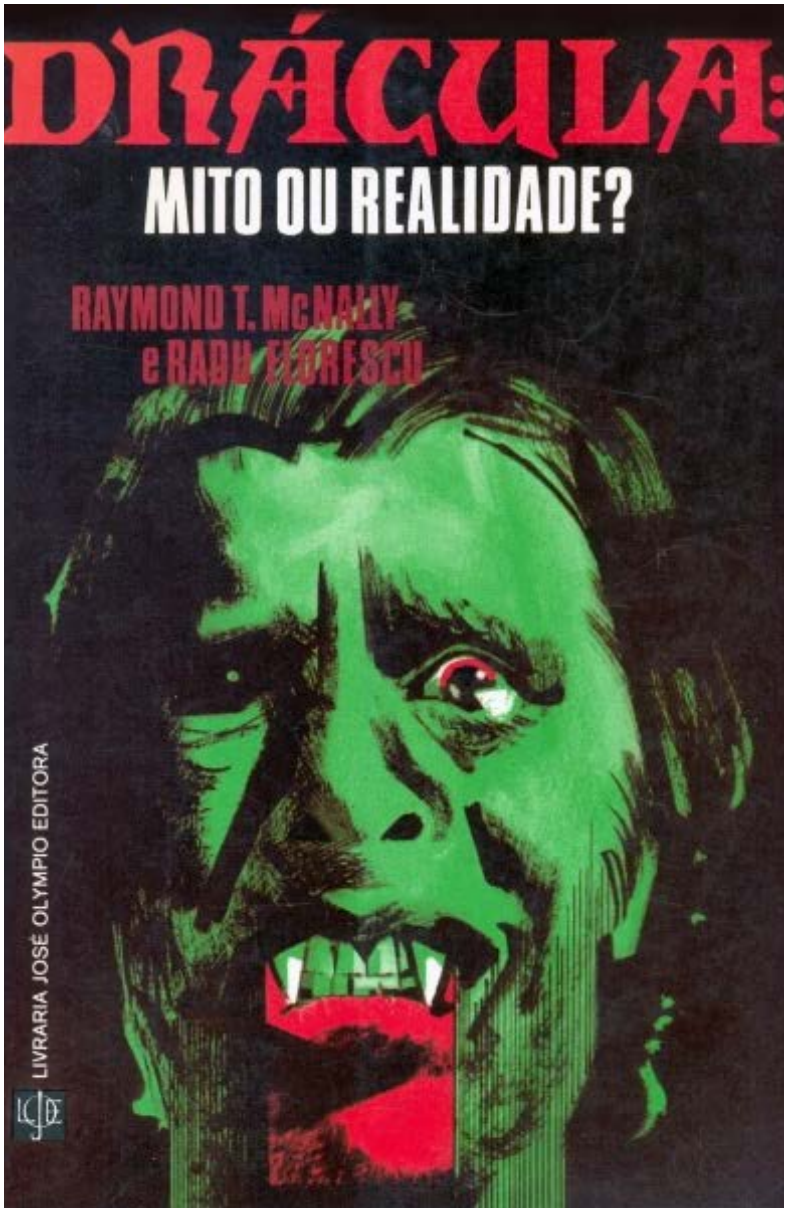
[1]



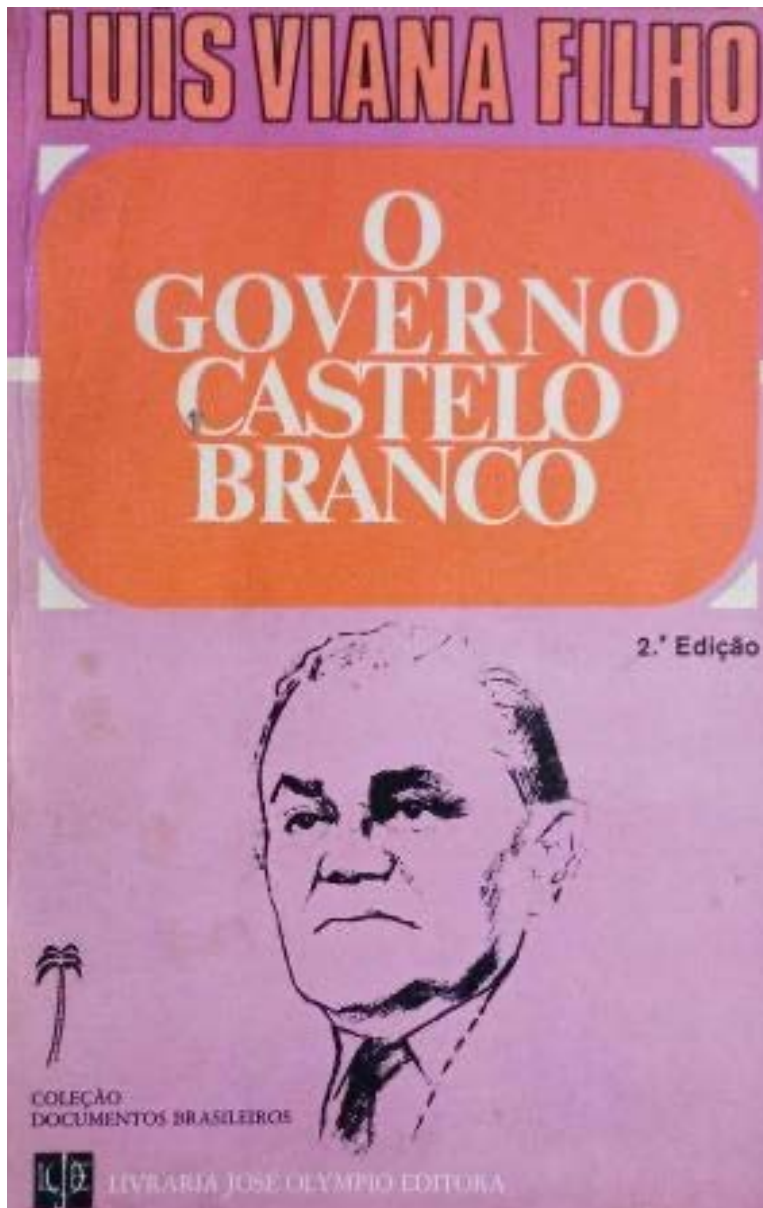
[2]



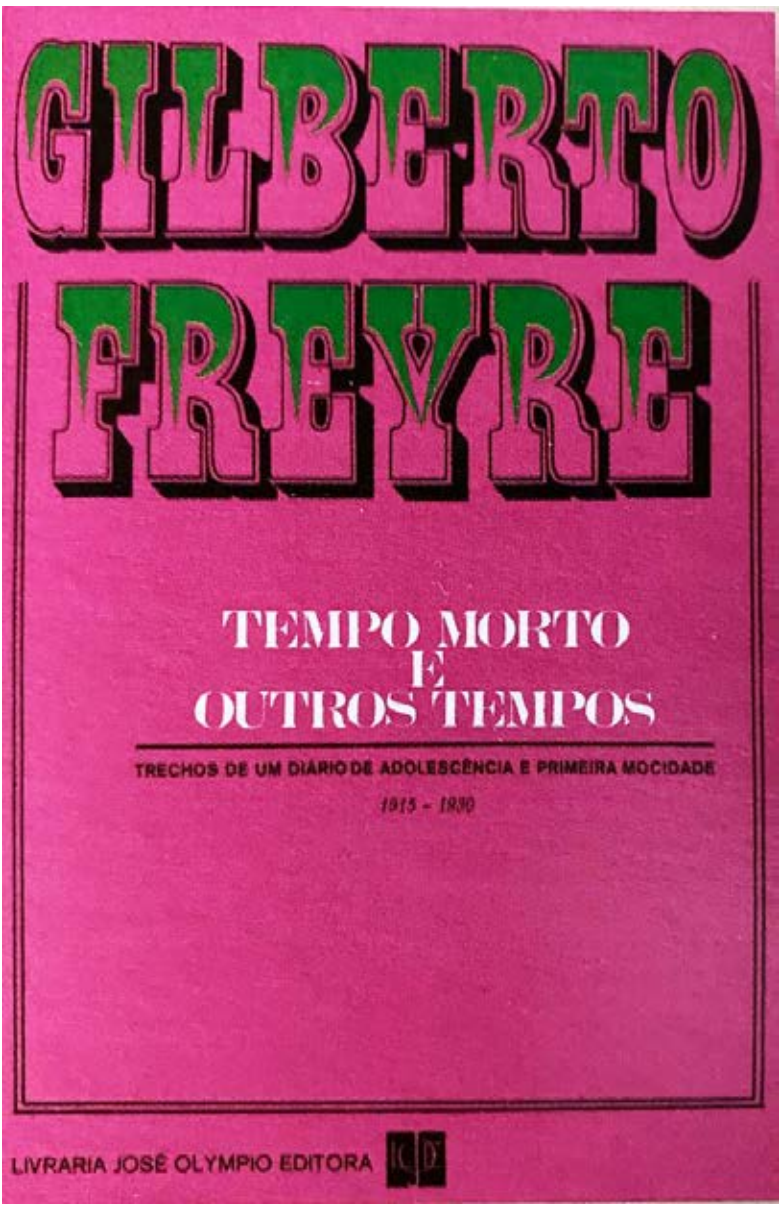
[1]



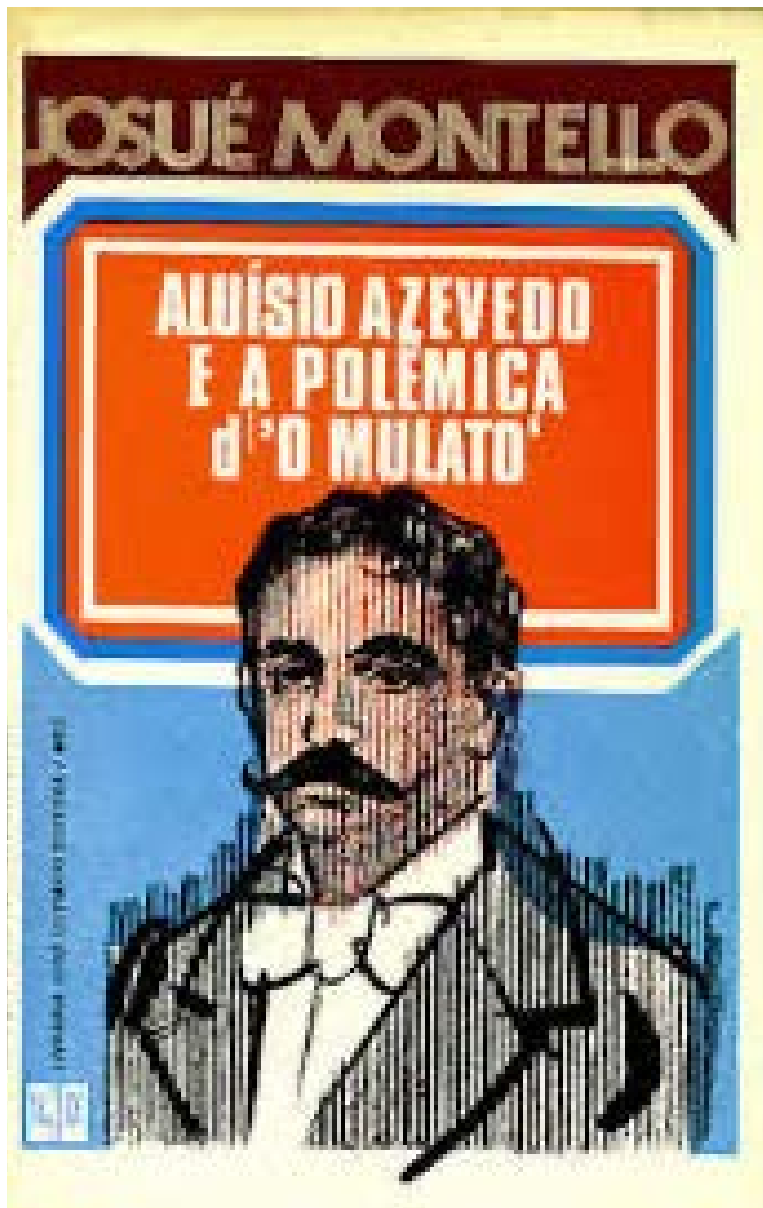
[2]



[3]



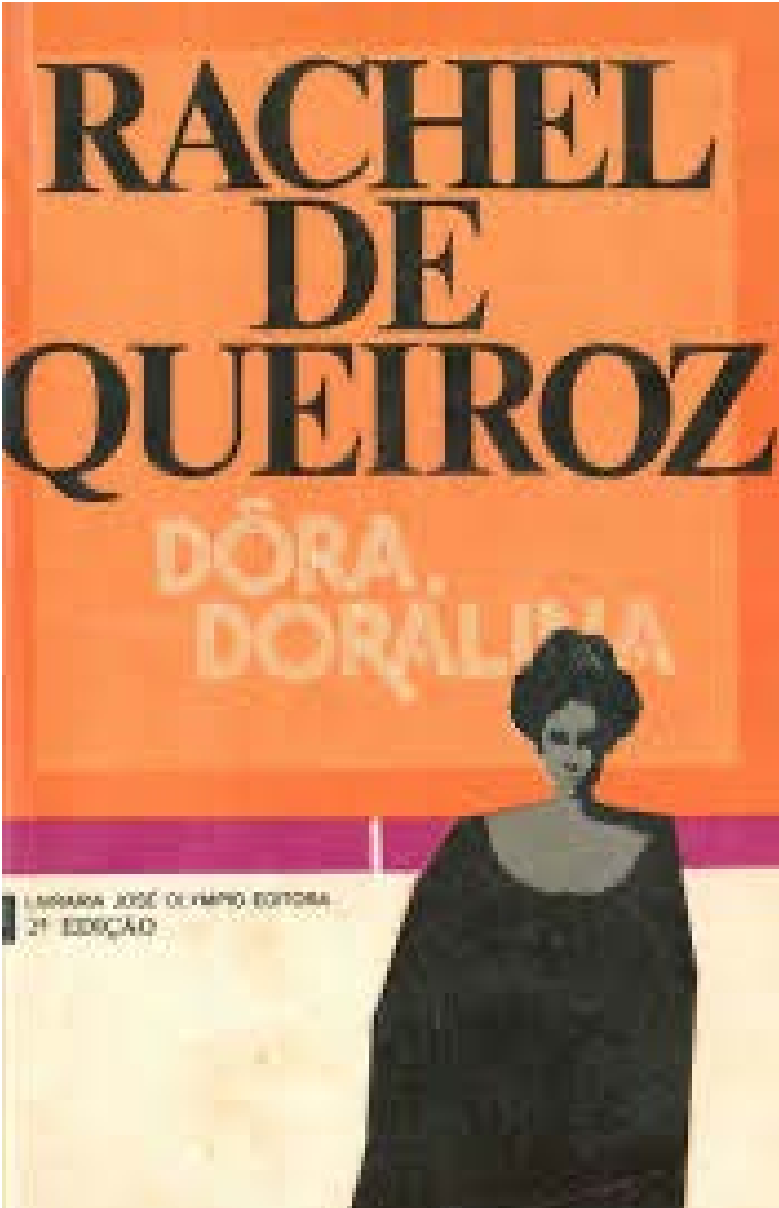
[4]



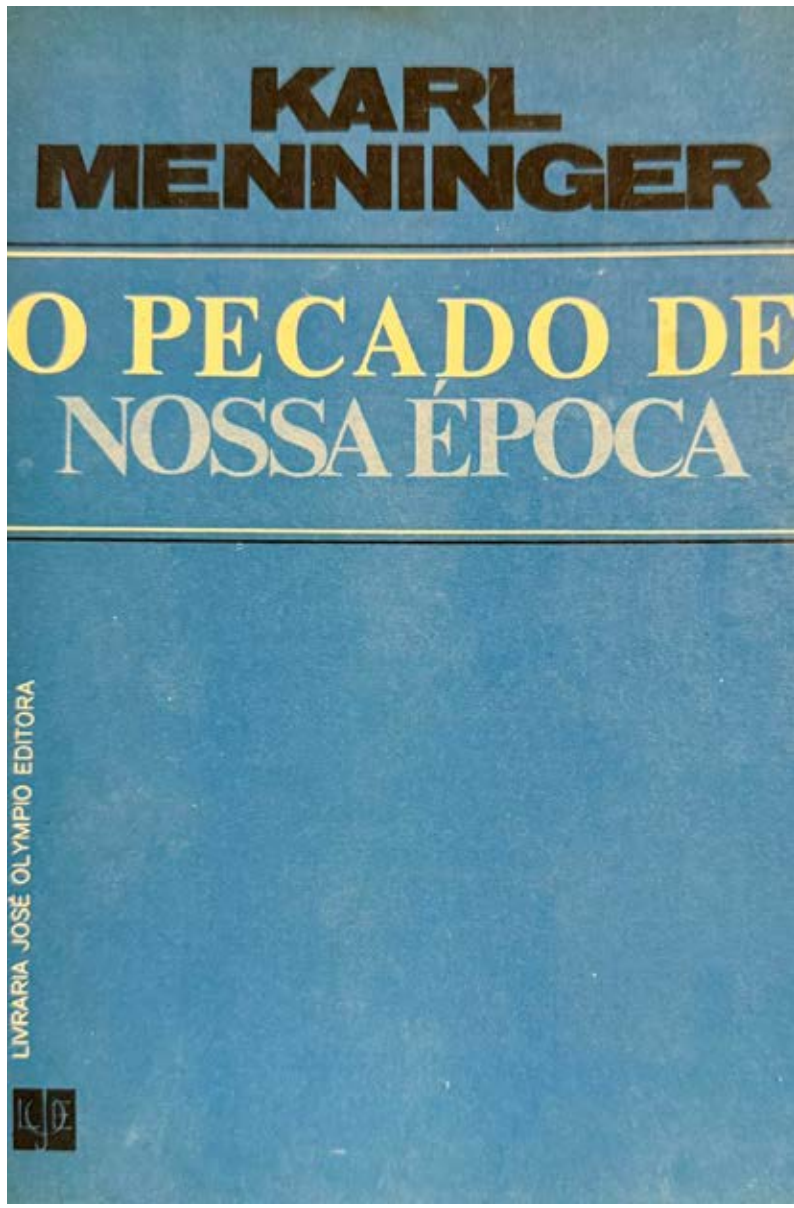
[5]



[6]



[7]

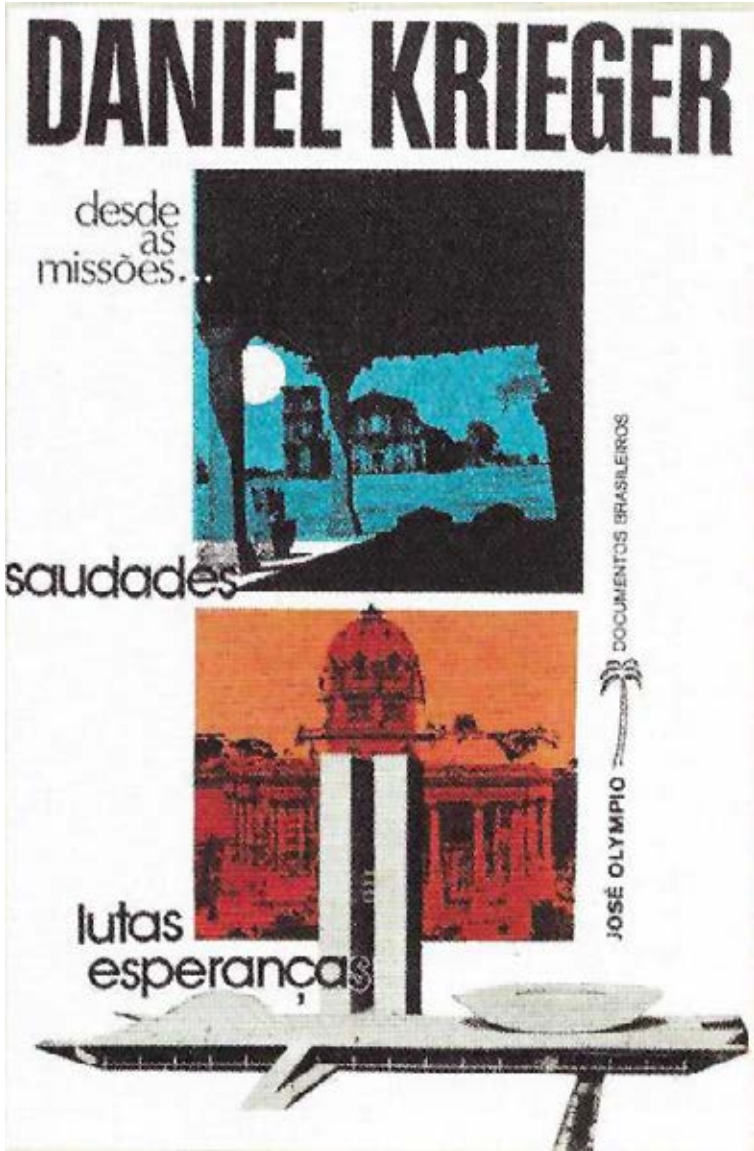


[1]	Drácula: mito ou realidade? Raymond McNally e Radu Florecu	1975
[2]	O governo Castelo Branco Luis Viana Filho	1975
[3]	Tempo morto e outros tempos Gilberto Freyre	1975
[4]	Aluísio Azevedo e a polémica d'O Mulato Josué Montello	1975
[5]	Verso universo em Drummond José Guilherme Merquior	1975
[6]	Dora Doralina Rachel de Queiroz	1975
[7]	O pecado de nossa época Karl Meninger	1975

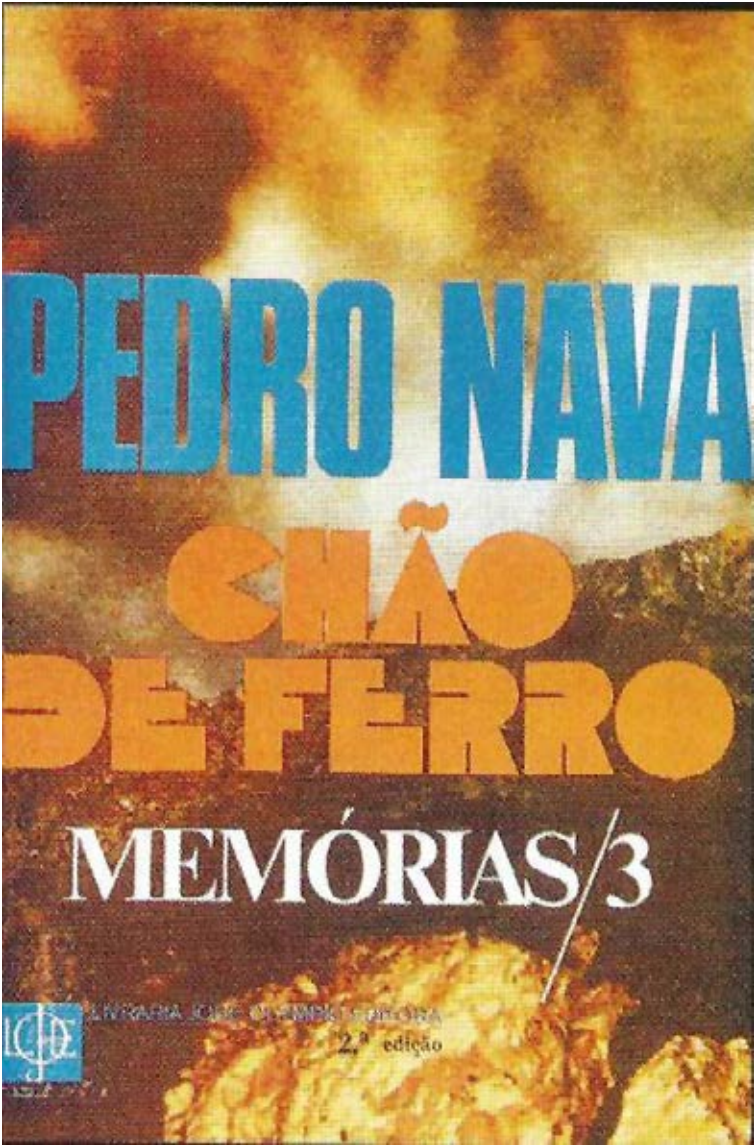
[1]



[2]



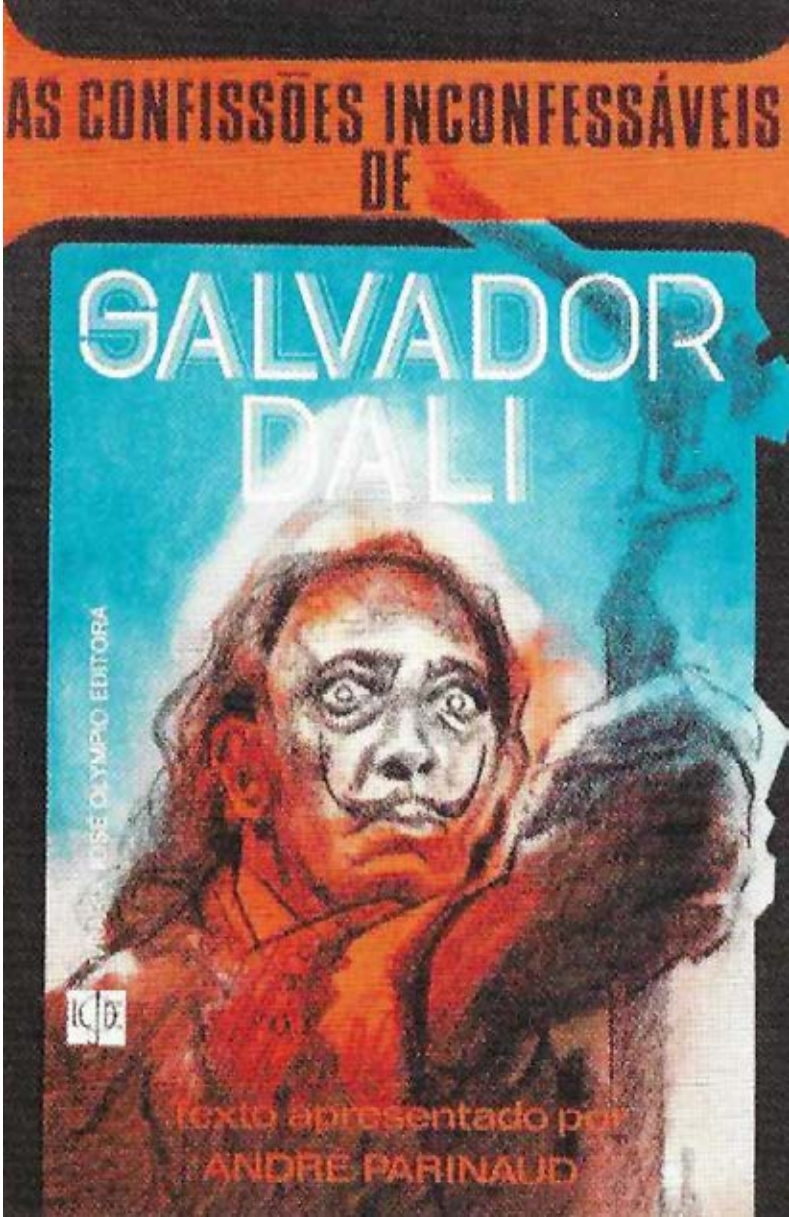
[3]



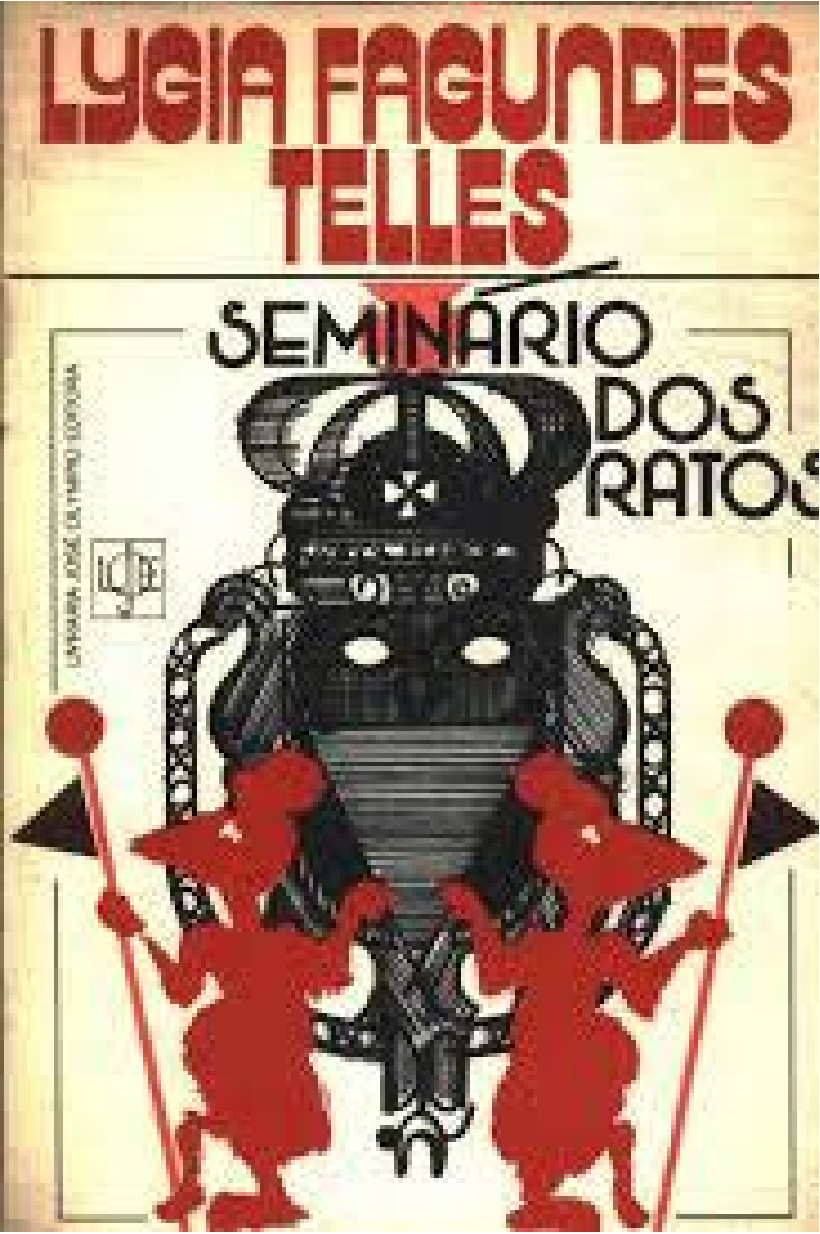
[4]



[5]



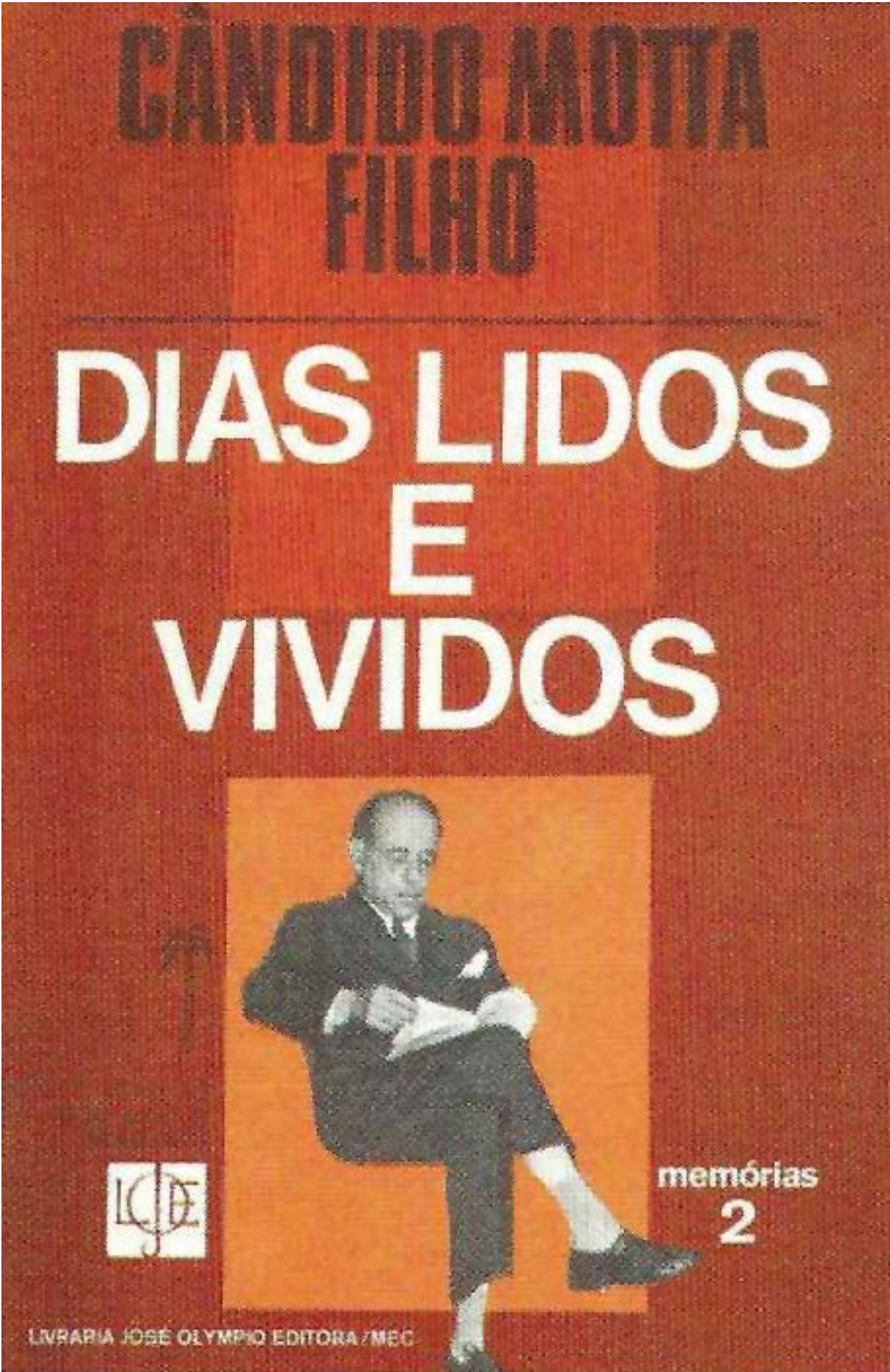
[6]



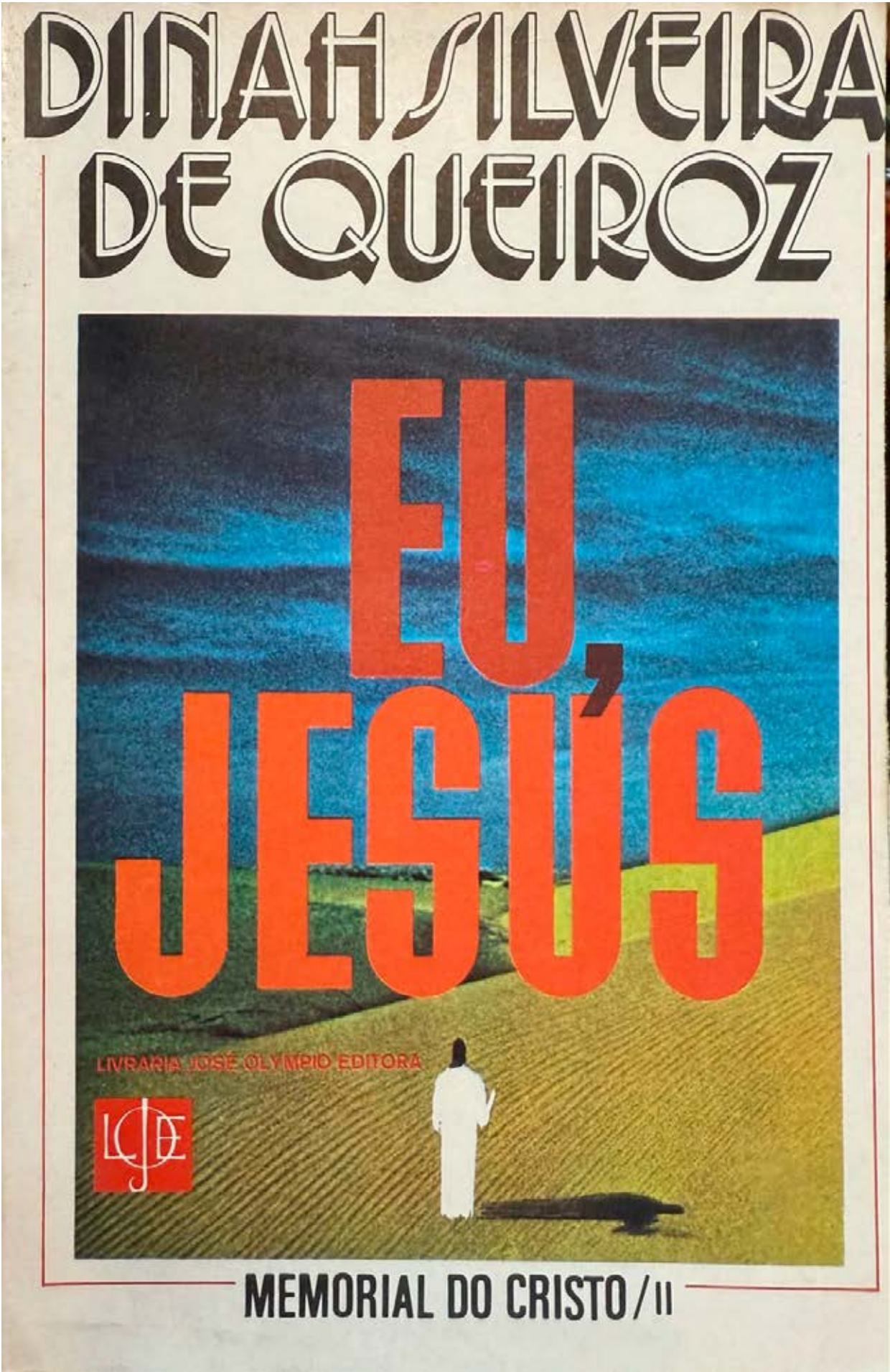
[1]	A morte da porta-estandarte e Tati, a garota e outras hitórias João Aníbal Machado	1976
[2]	Desde as missões; Saudades; Lutas esperança Daniel Krieger	1976
[3]	Chão de Ferro: Memórias 3 Pedro Nava Capas de EH sobre colagem do autor	1976
[4]	Maria perigosa Luís Jardim	1976
[5]	As confissões inconfessáveis de Salvador Dali André Parinaud	1976
[6]	Seminário dos ratos Lygia Fagundes Telles	1977

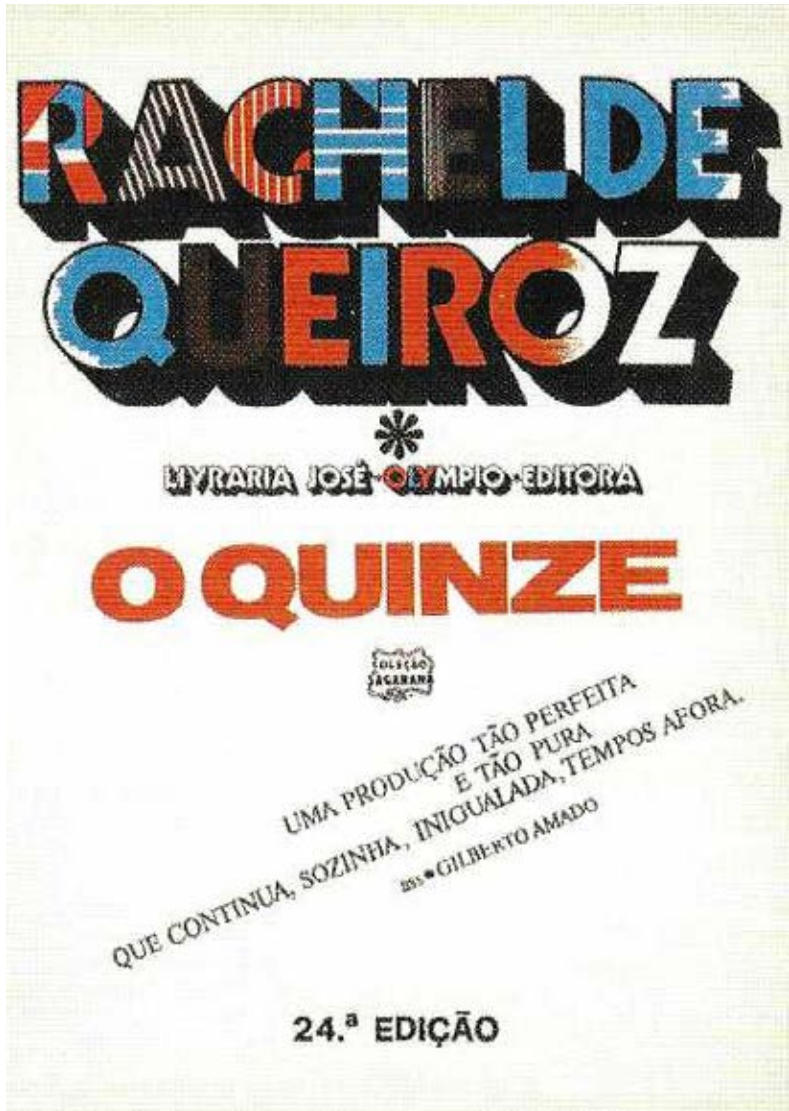
[1]	Dias lidos e vividos Cândido Motta Filho	1977
[2]	Eu, Jesus Dinah Silveira de Queiroz	1977

[1]



[2]

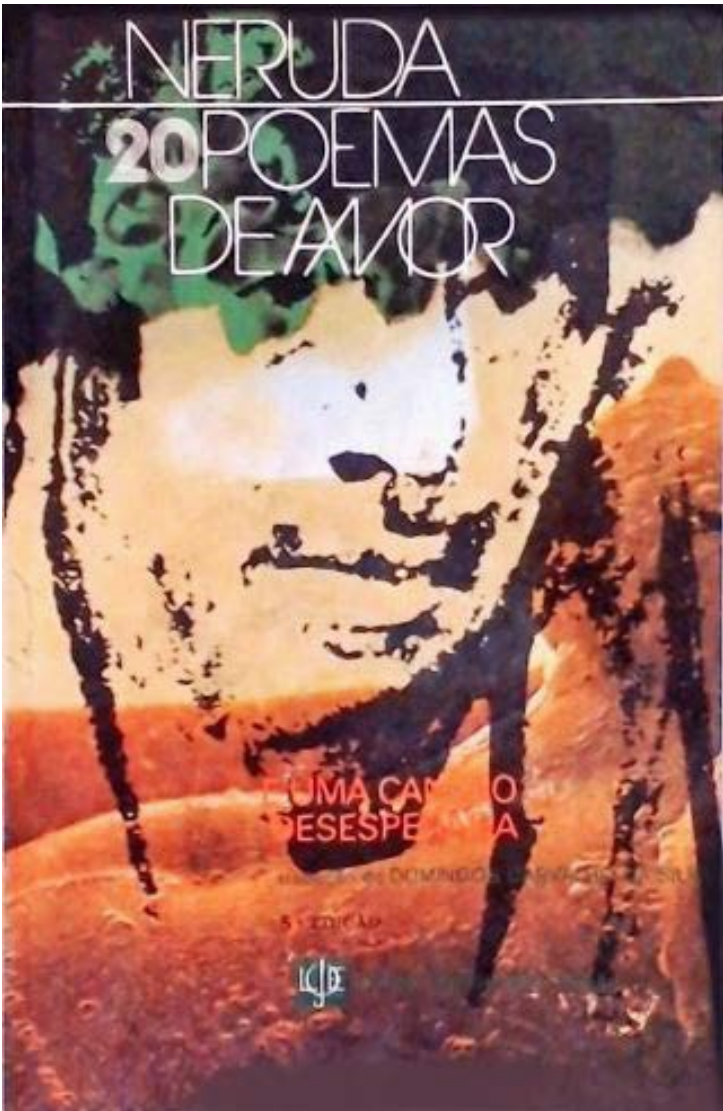




[1]

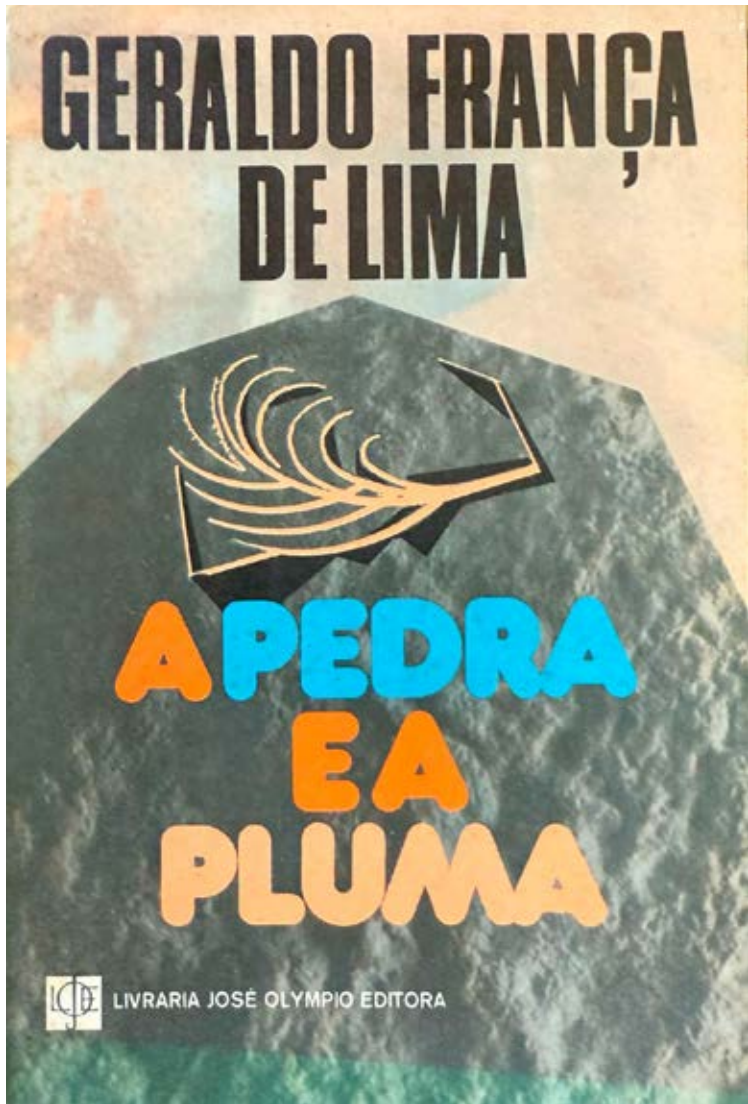


[2]



[3]

[1]	O quinze Rachel de Queiroz	1978
[2]	As meninas Lygia Fagundes Telles	1978
[3]	20 poemas de amor e uma canção desesperada Pablo Neruda	1979
[4]	A pedra e a pluma Geraldo França de Lima	1979
[5]	Pássaro da insônia Marta Gonçalves	1979
[6]	Verão no aquário Lygia Fagundes Telles	1980



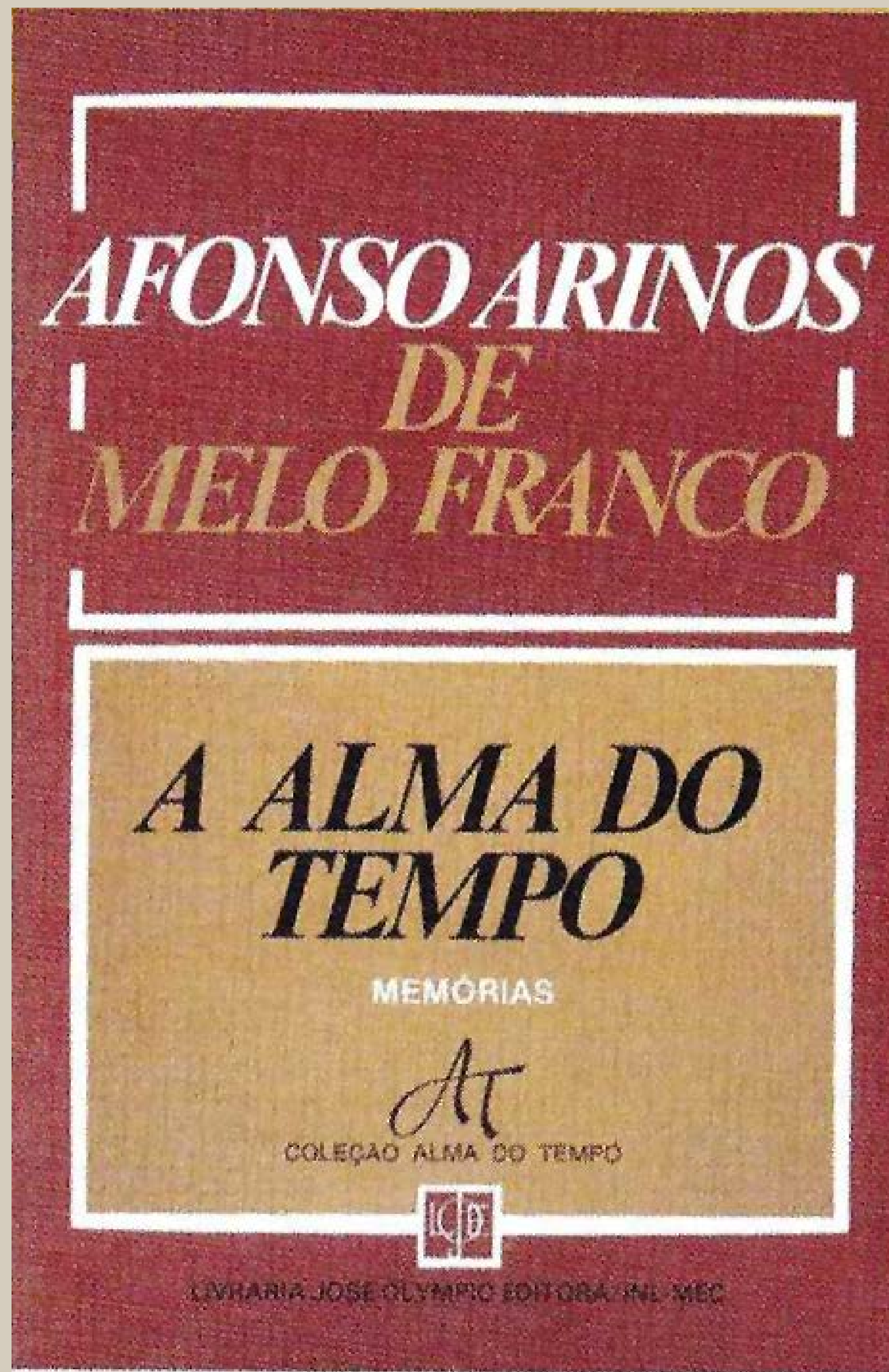
[4]



[5]



[6]

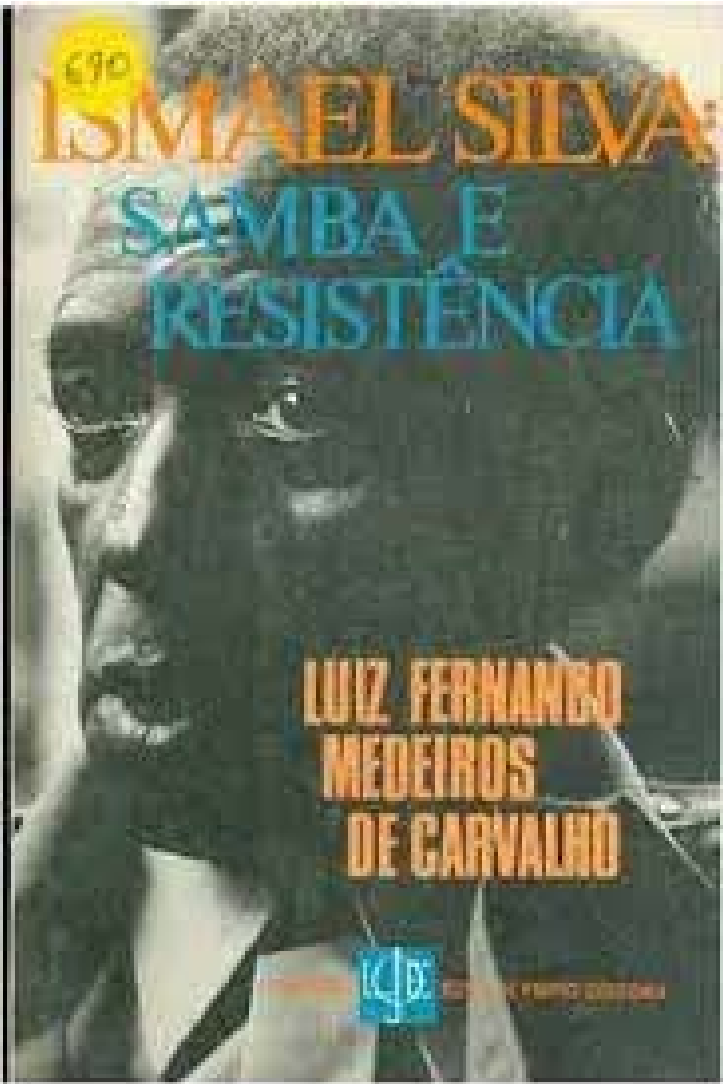


1979

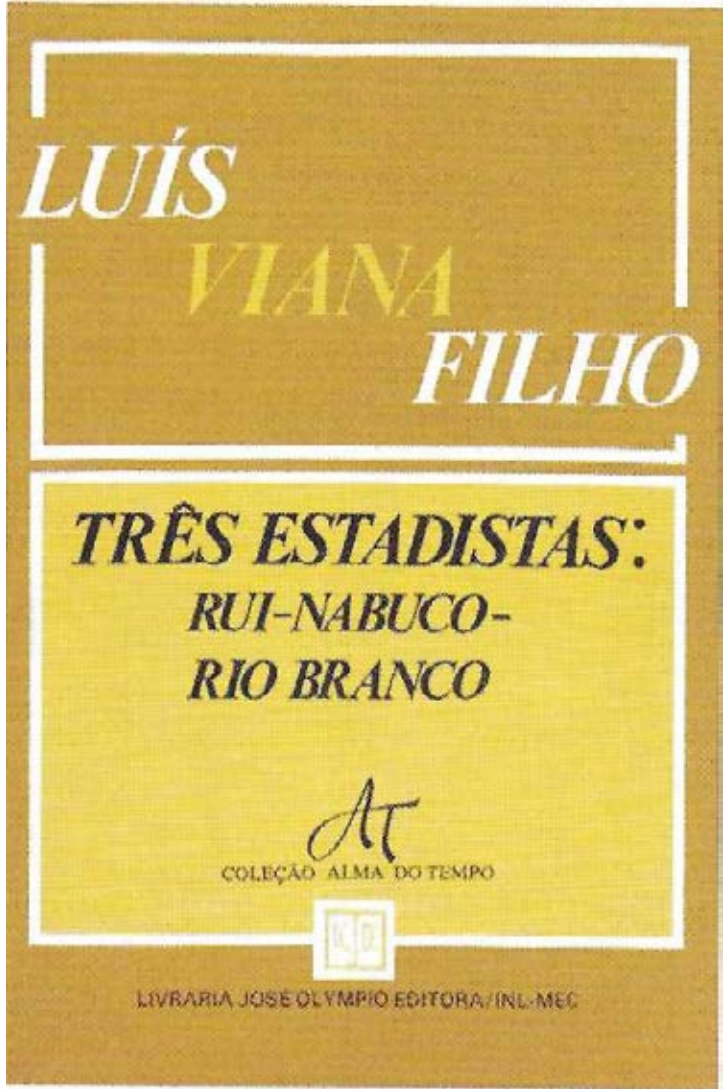
A alma do tempo

Afonso Arinos de Melo Franco

[1]	Ismael Silva samba e resistência Luiz Fernando Medeiros Carvalho	1980
[2]	Três estadistas: Rui, Nabuco, Rio Branco Luís Viana Filho	1981
[3]	Olhe para o céu, Frederico José Cândido de Carvalho	



[1]



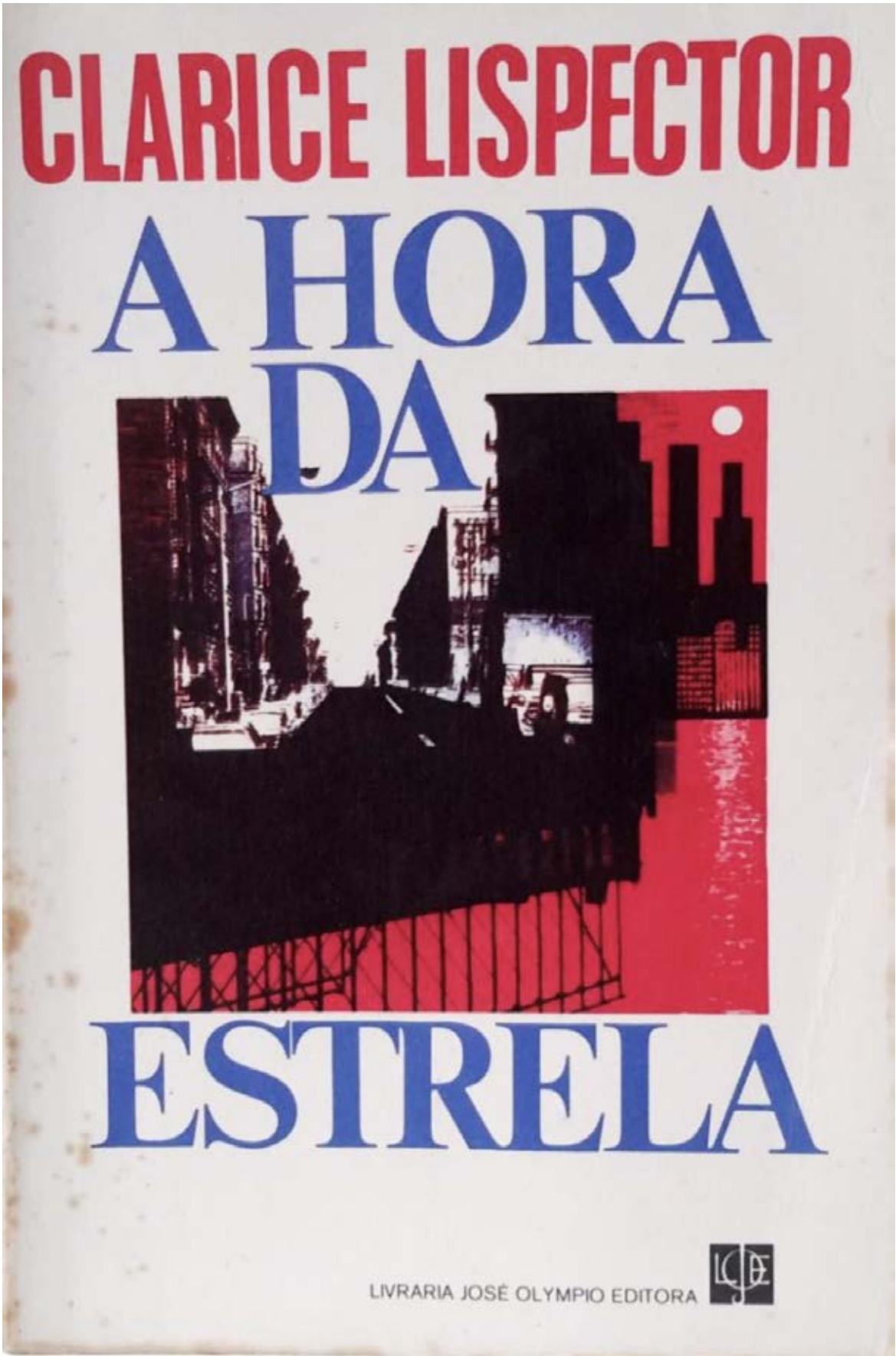
[2]



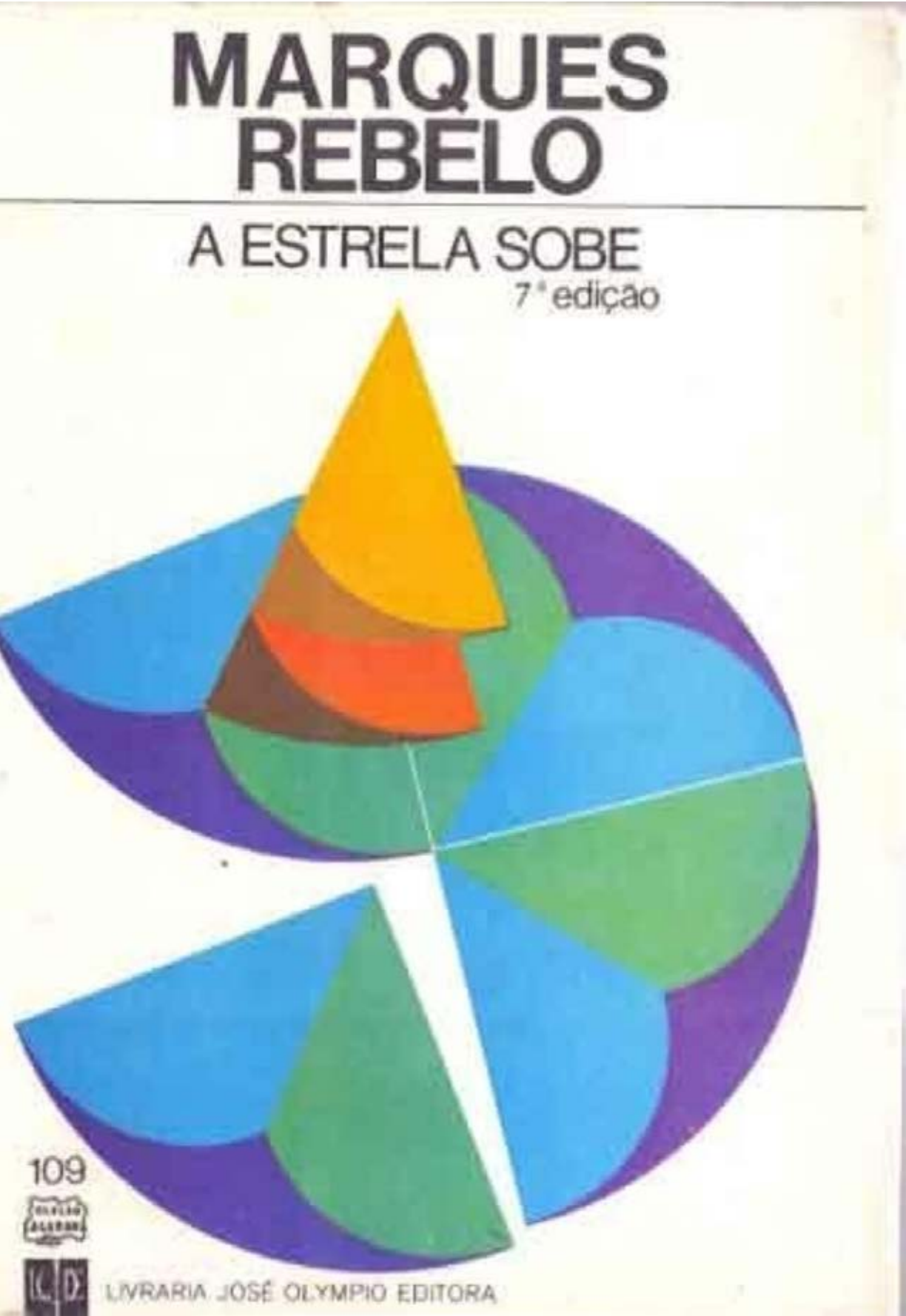
[3]

[1]	A hora da estrela Clarice Lispector	1977
[2]	A estrela sobe Marques Rebêlo	1978

[1]



[2]



[1]	Menino de engenho José Lins do Rêgo	1972
[2]	Usina José Lins do Rêgo	1973
[3]	Fogo morto José Lins do Rêgo	1976
[4]	Doidinho José Lins do Rêgo	1976
[5]	O moleque Ricardo José Lins do Rêgo	1978



[1]



[2]



[3]



[4]



[5]

Companhia Editora Nacional

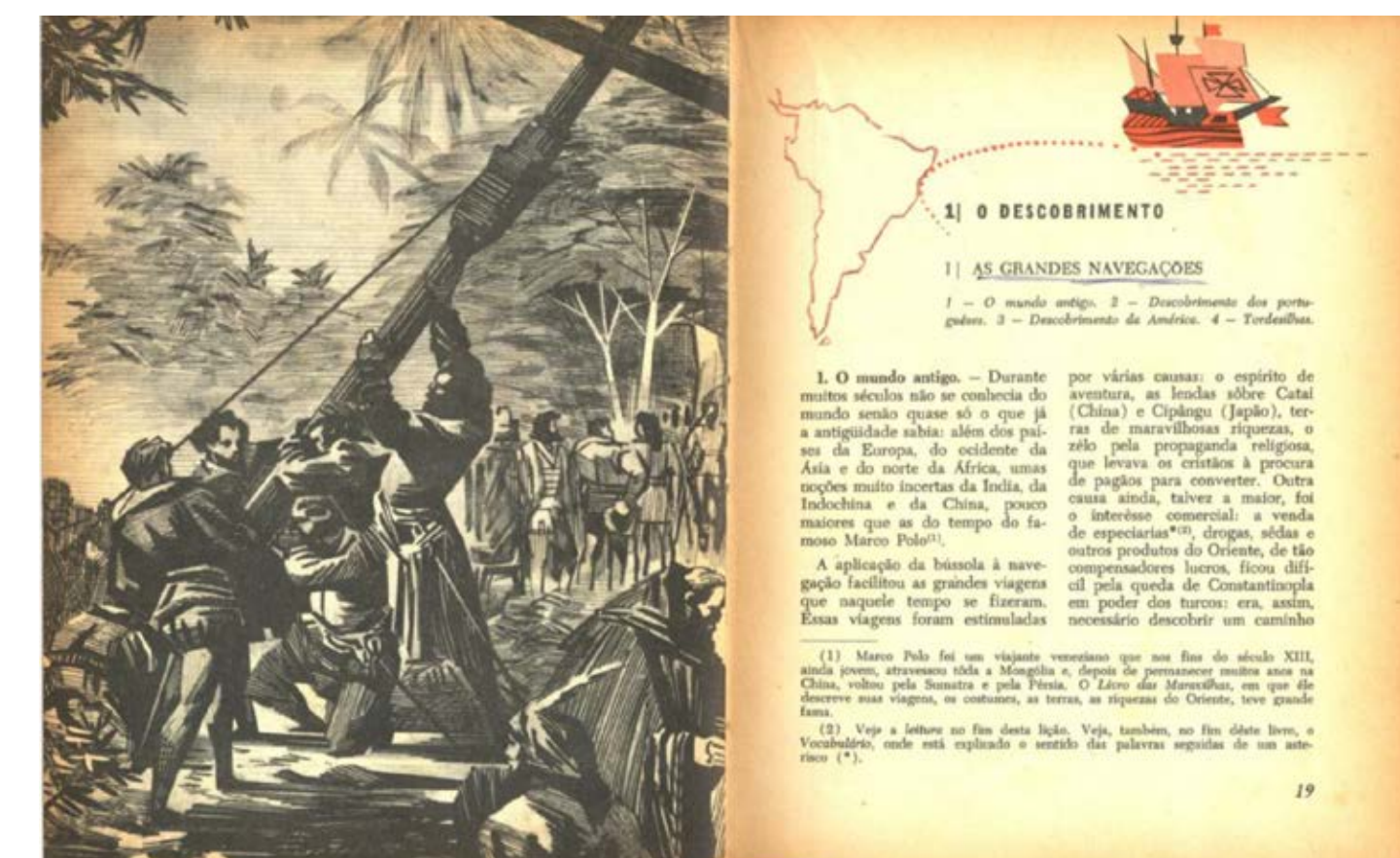
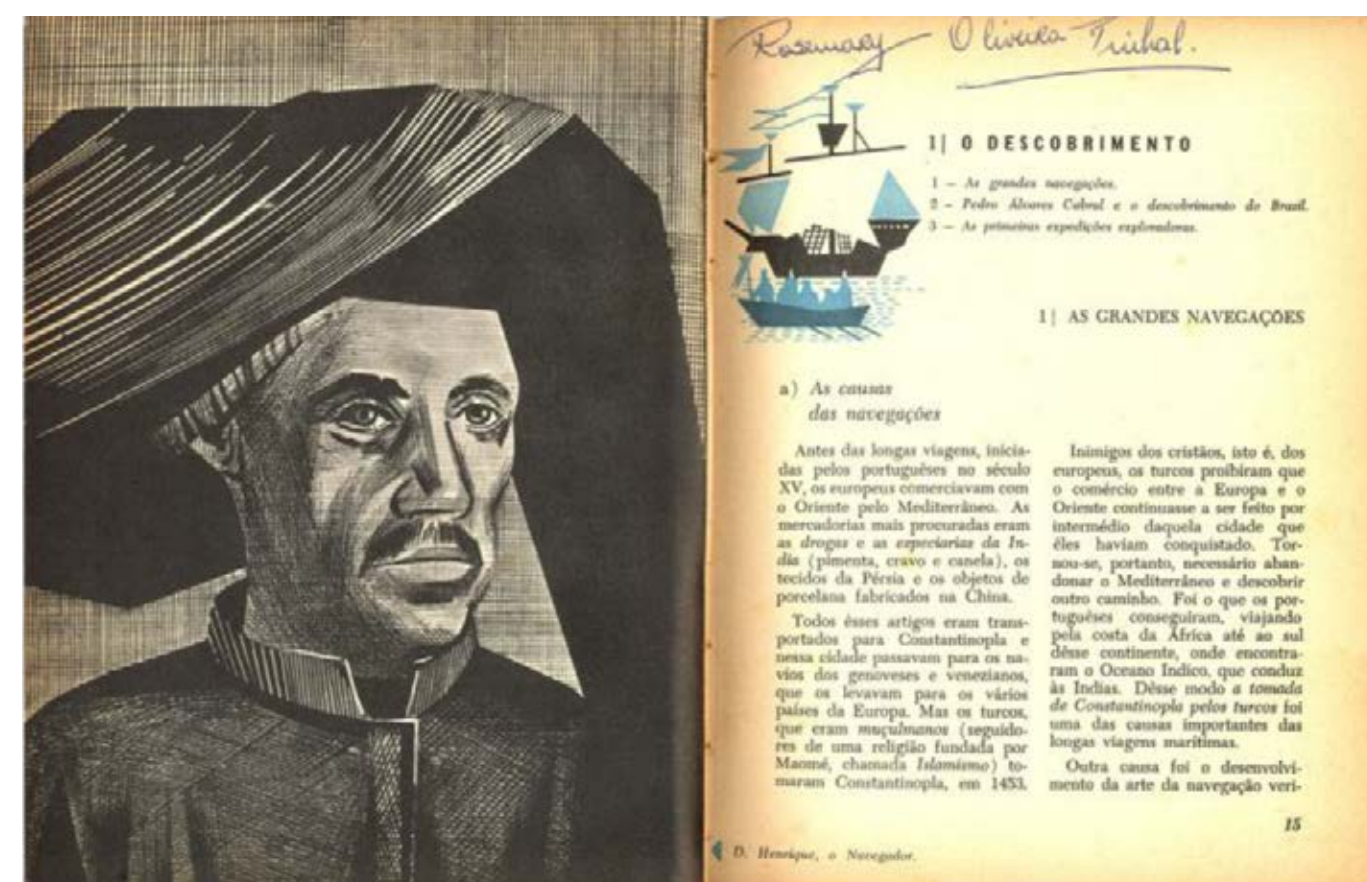
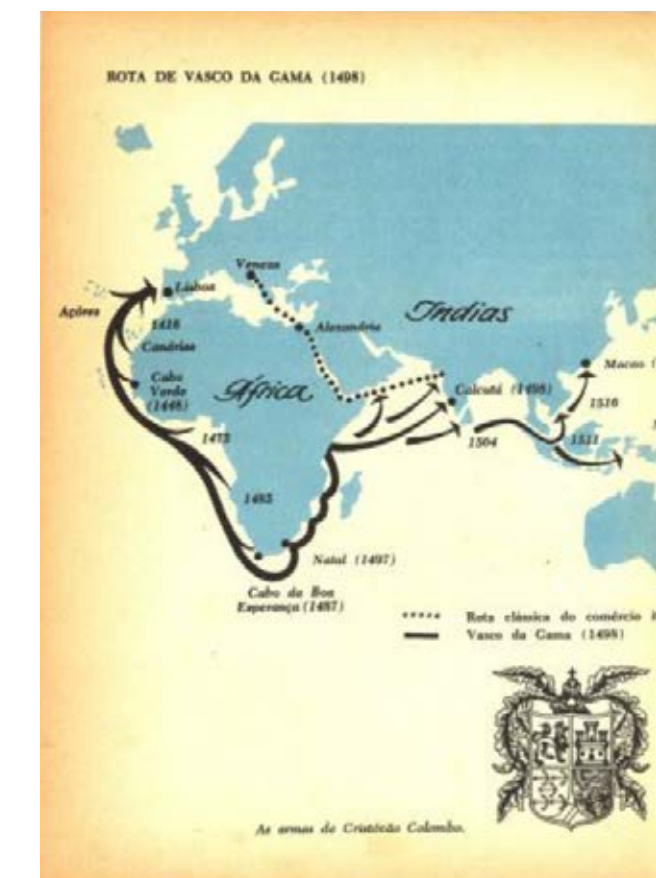
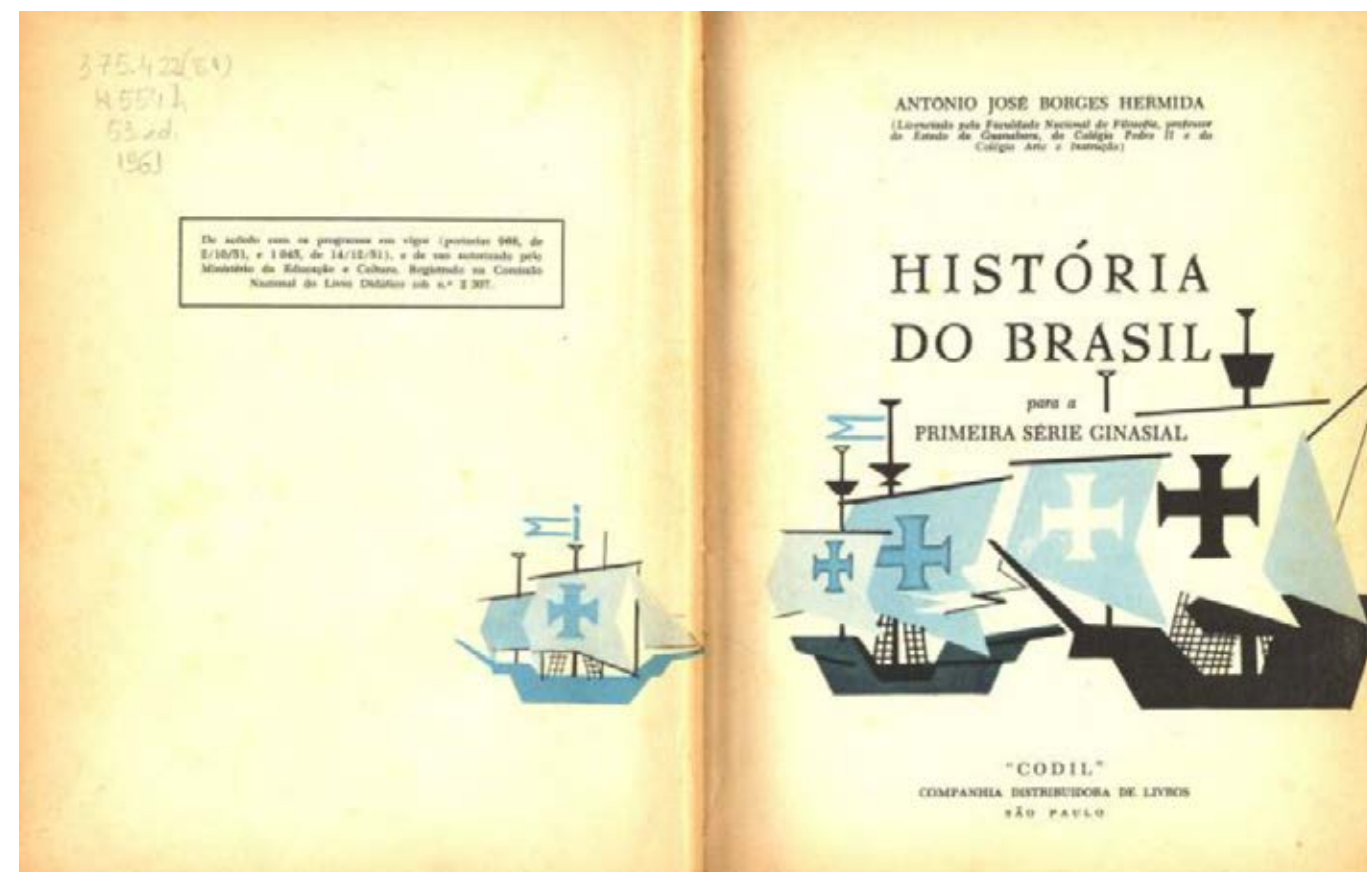
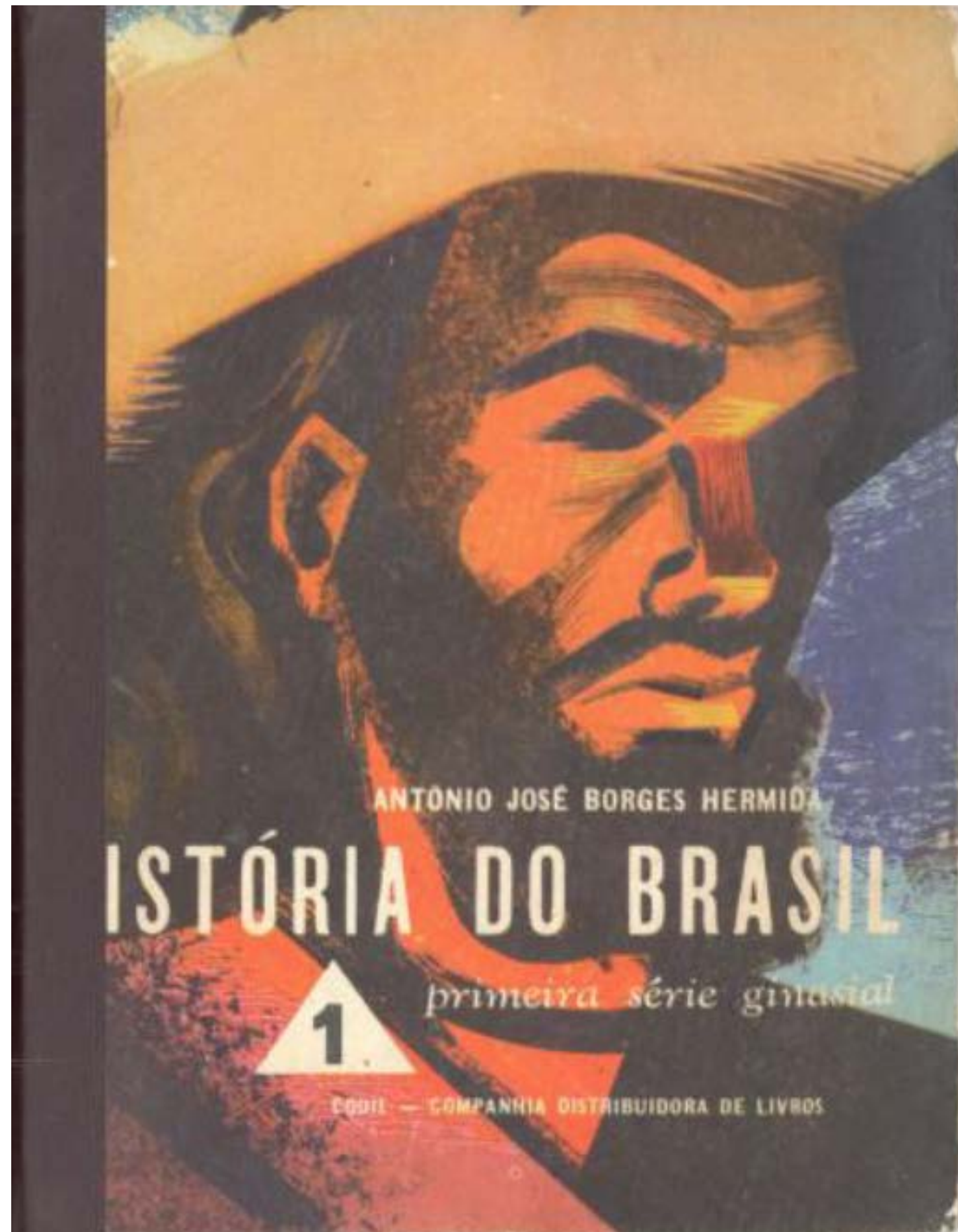
Fundada em 1925 por Monteiro Lobato e Octalles Marcondes Ferreira (auxiliar do primeiro na antiga Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato), a Companhia Editora Nacional surgiu com o propósito de transformar o cenário editorial brasileiro, apostando na valorização da cultura nacional e na difusão do conhecimento. A coleção Brasileira, por exemplo, tornou-se um marco ao reunir obras fundamentais sobre a história, geografia e cultura do Brasil, escritas por intelectuais renomados como Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior.

Foi a maior editora de livros didáticos do país, nos anos 1950 e 1960, mas além de seu papel educacional, a Companhia Editora Nacional também foi responsável por publicar obras literárias relevantes, incluindo livros do próprio Monteiro Lobato que marcaram gerações com personagens como Emília e Visconde de Sabugosa. A CEN ainda contribuiu para a consolidação

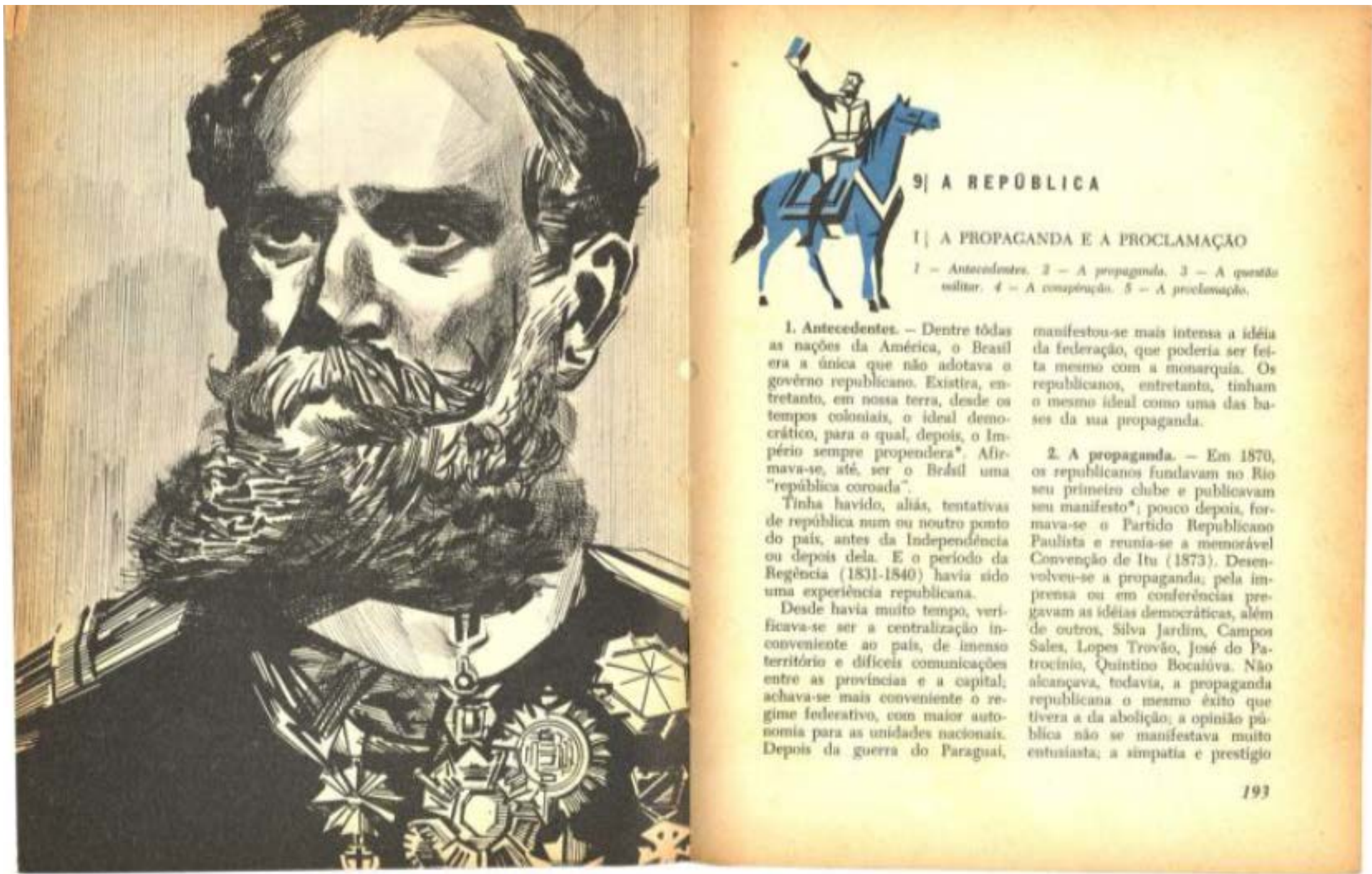
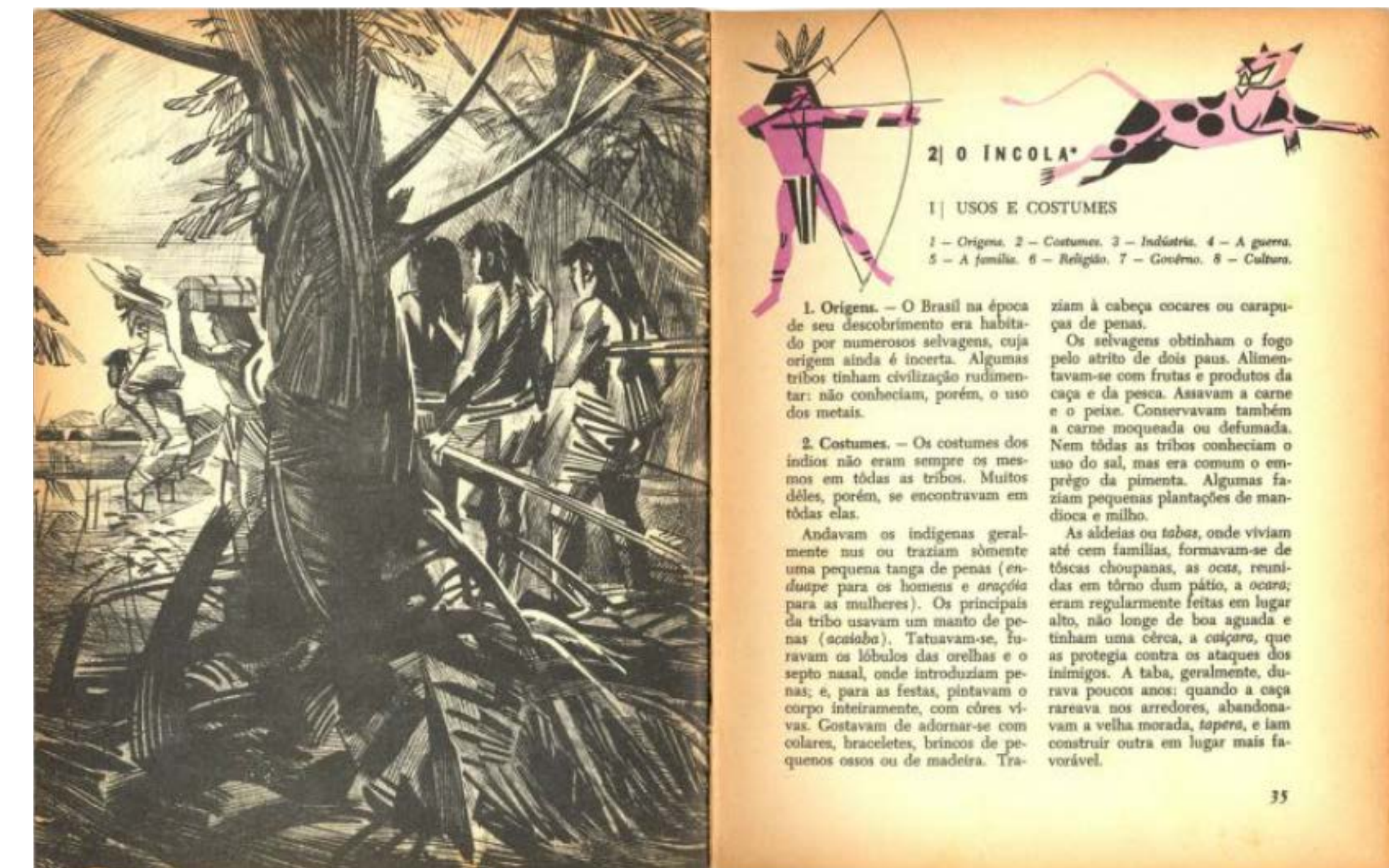
de uma identidade literária brasileira, promovendo autores nacionais e incentivando o pensamento crítico. Seu catálogo refletia uma preocupação com a formação intelectual do leitor, sem abrir mão da qualidade estética e editorial. Ao longo das décadas, passou por transformações, mas manteve sua essência voltada para a valorização da cultura e da educação.

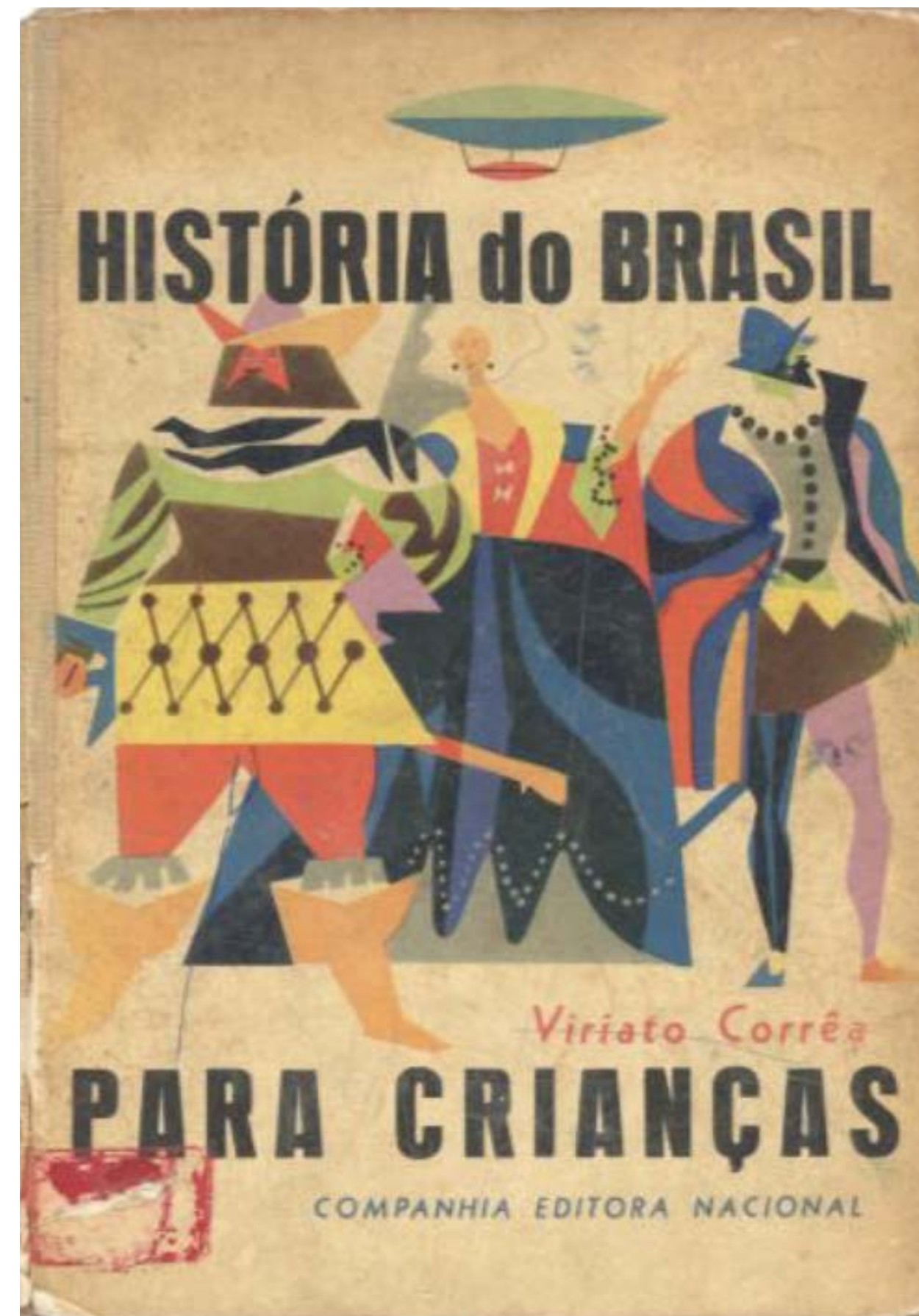
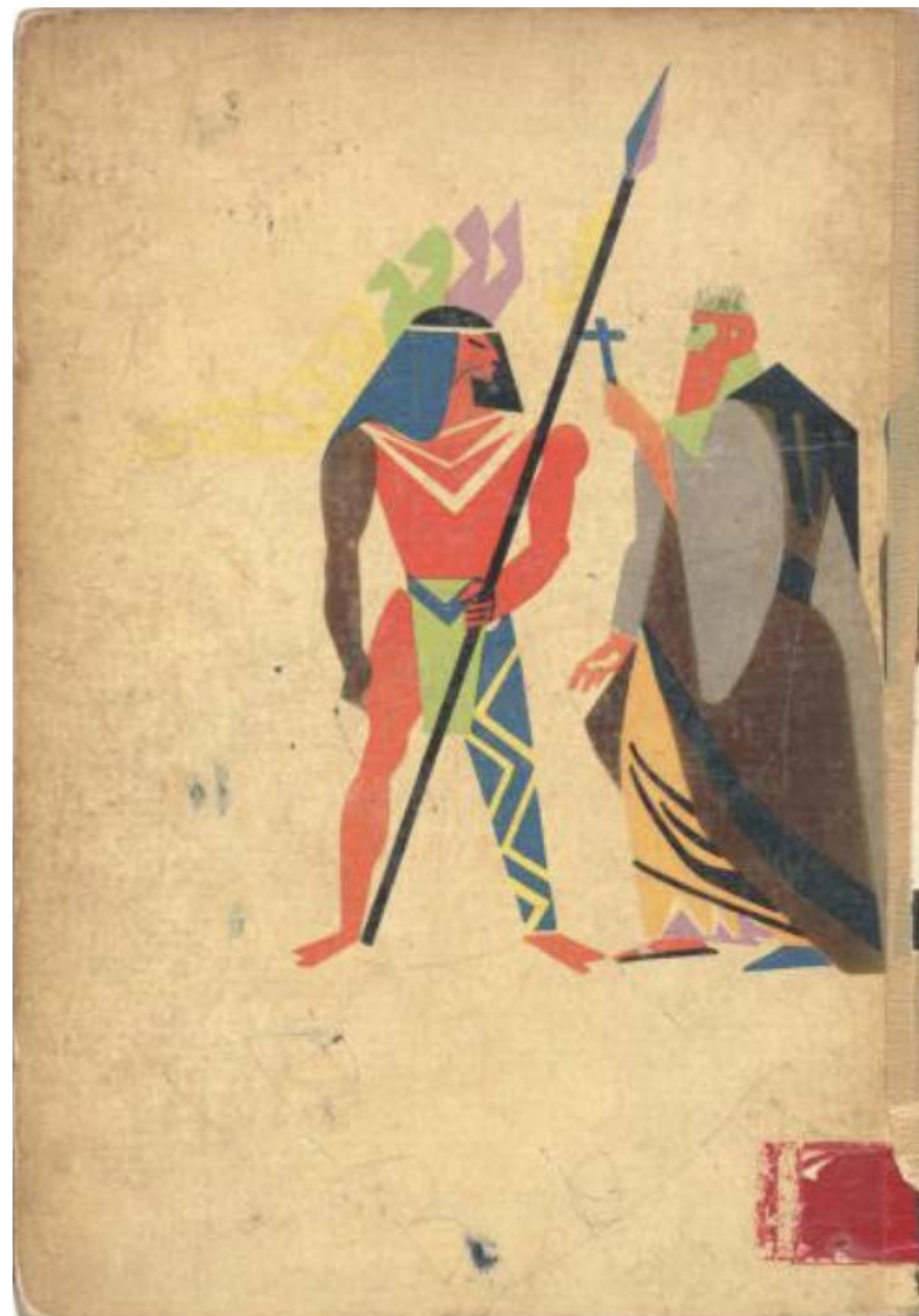
Embora sumária, e pouco conhecida, a contribuição de Eugênio Hirsch aos livros didáticos da CEN é significativa. Segundo Didier Dias de Moraes ⁶ (2018), “o designer introduziu linguagens gráficas e de ilustração inéditas nesse segmento editorial, bem como procedimentos projetuais então raros na edição de livros”.

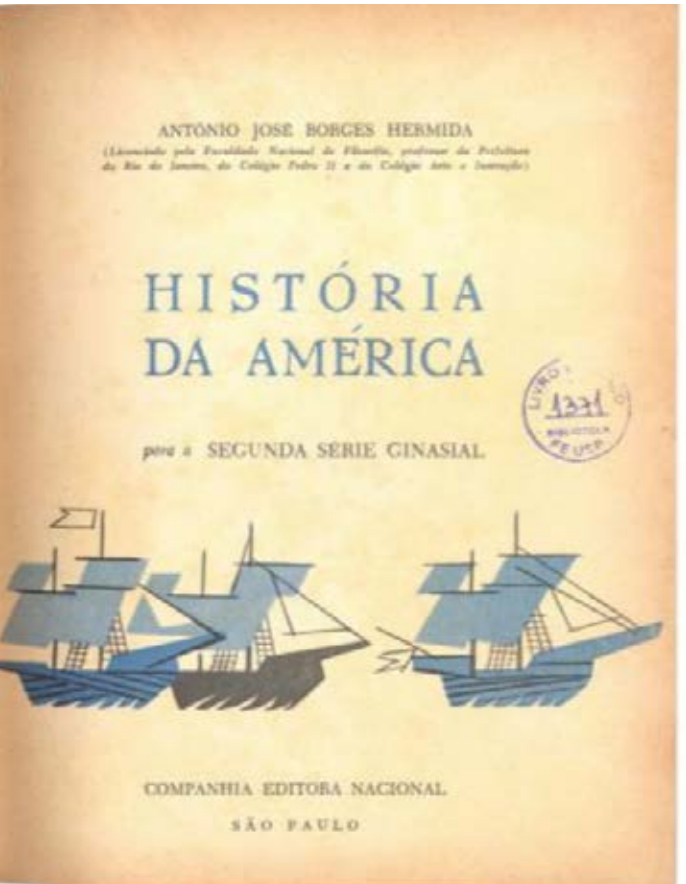
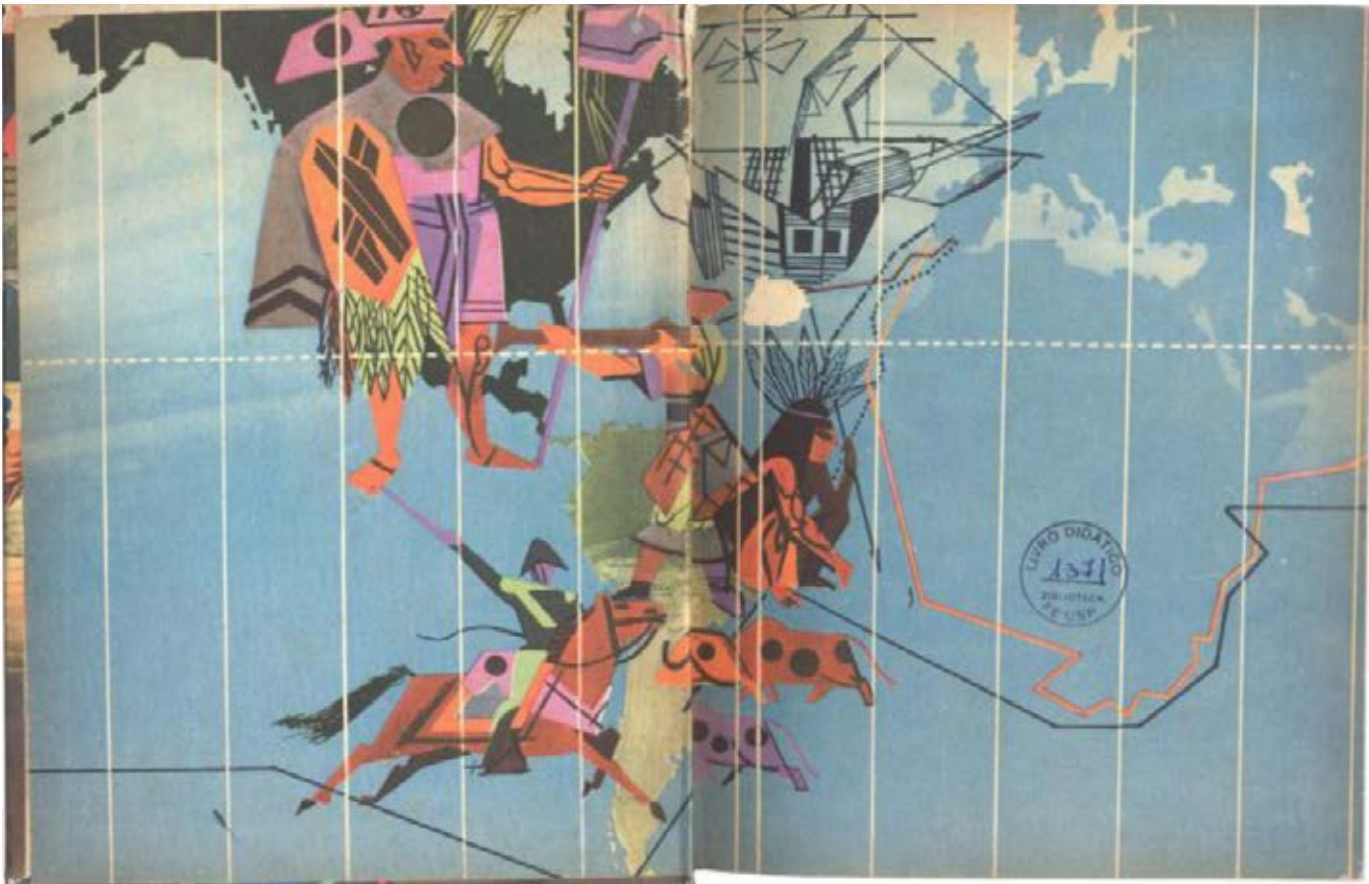
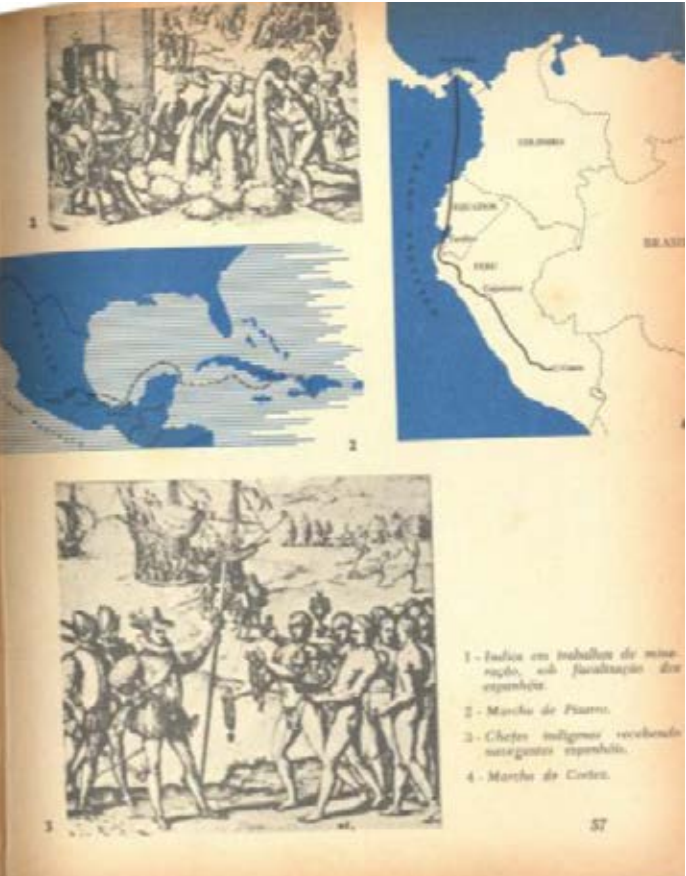
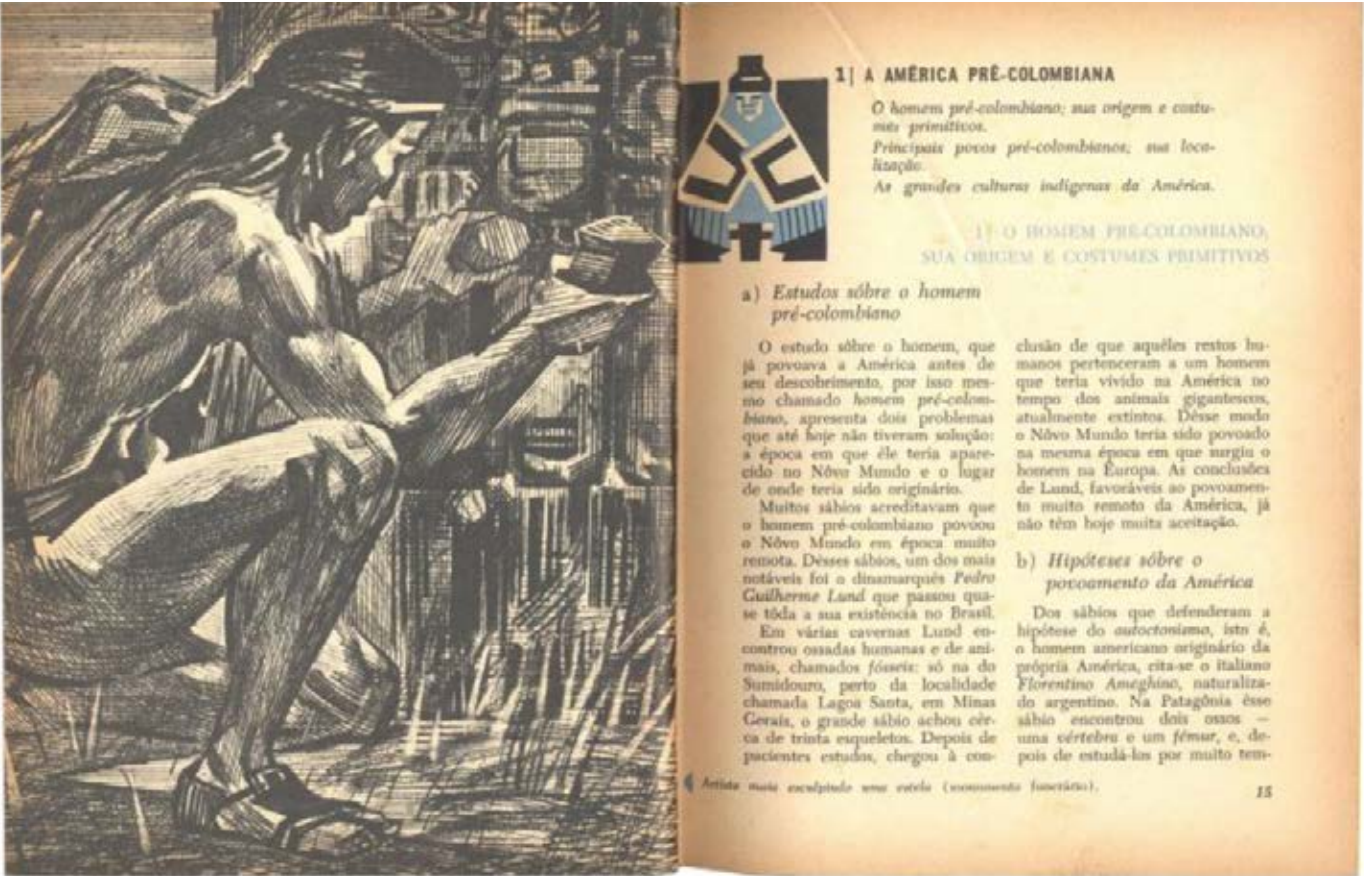
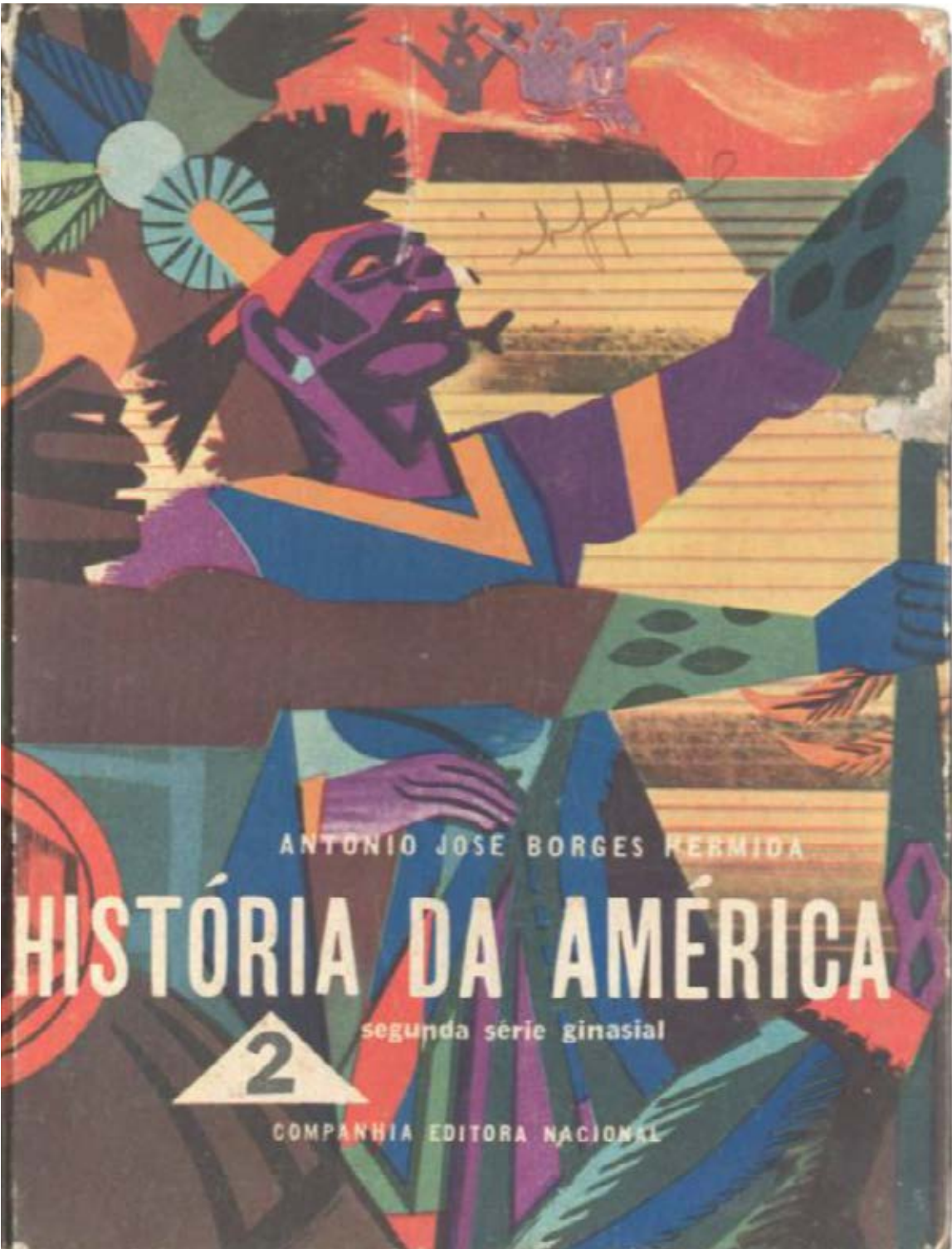
⁶ Moraes, Didier Dias de (2018). **O design de Eugênio Hirsch para livros didáticos da Companhia Editora Nacional**. Estudos em Design Rio de Janeiro: v. 26, n. 1 [p. 132 – 153].



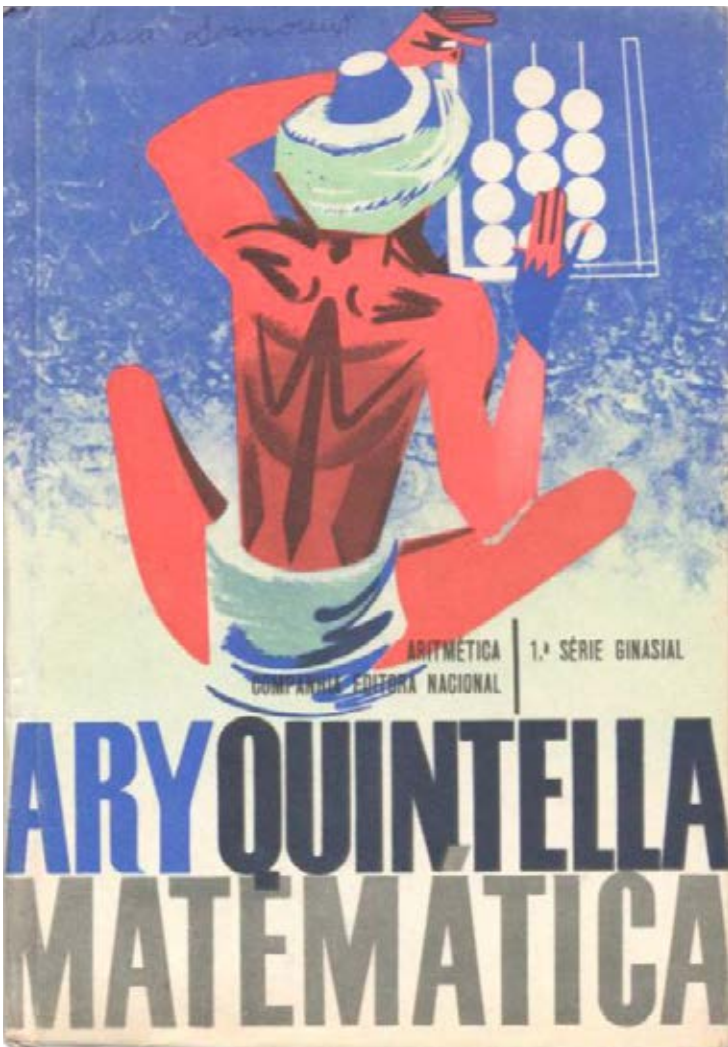




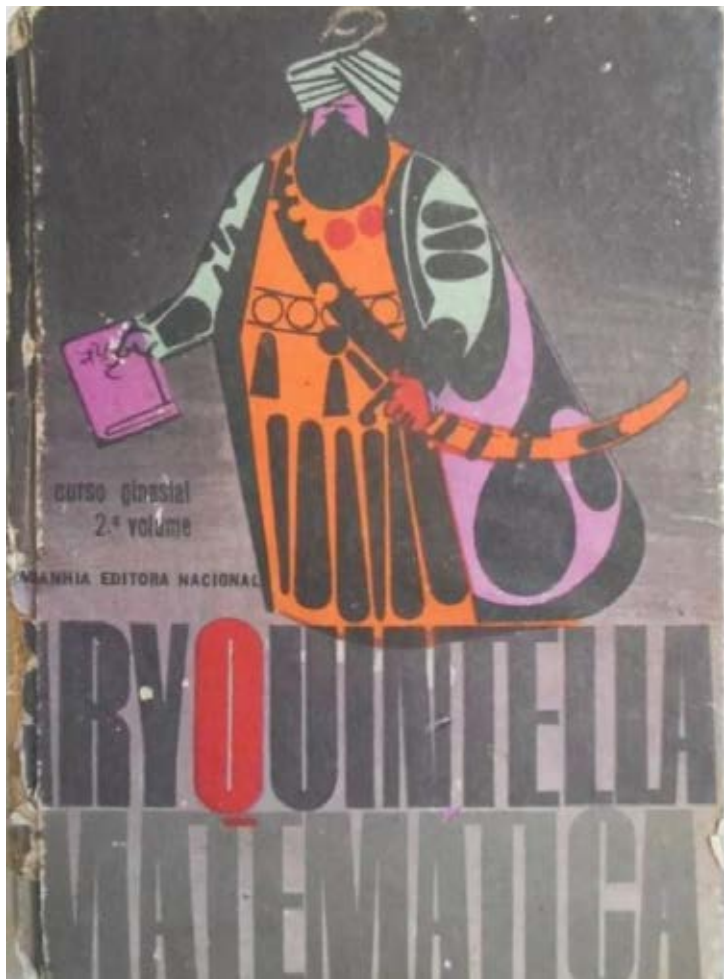




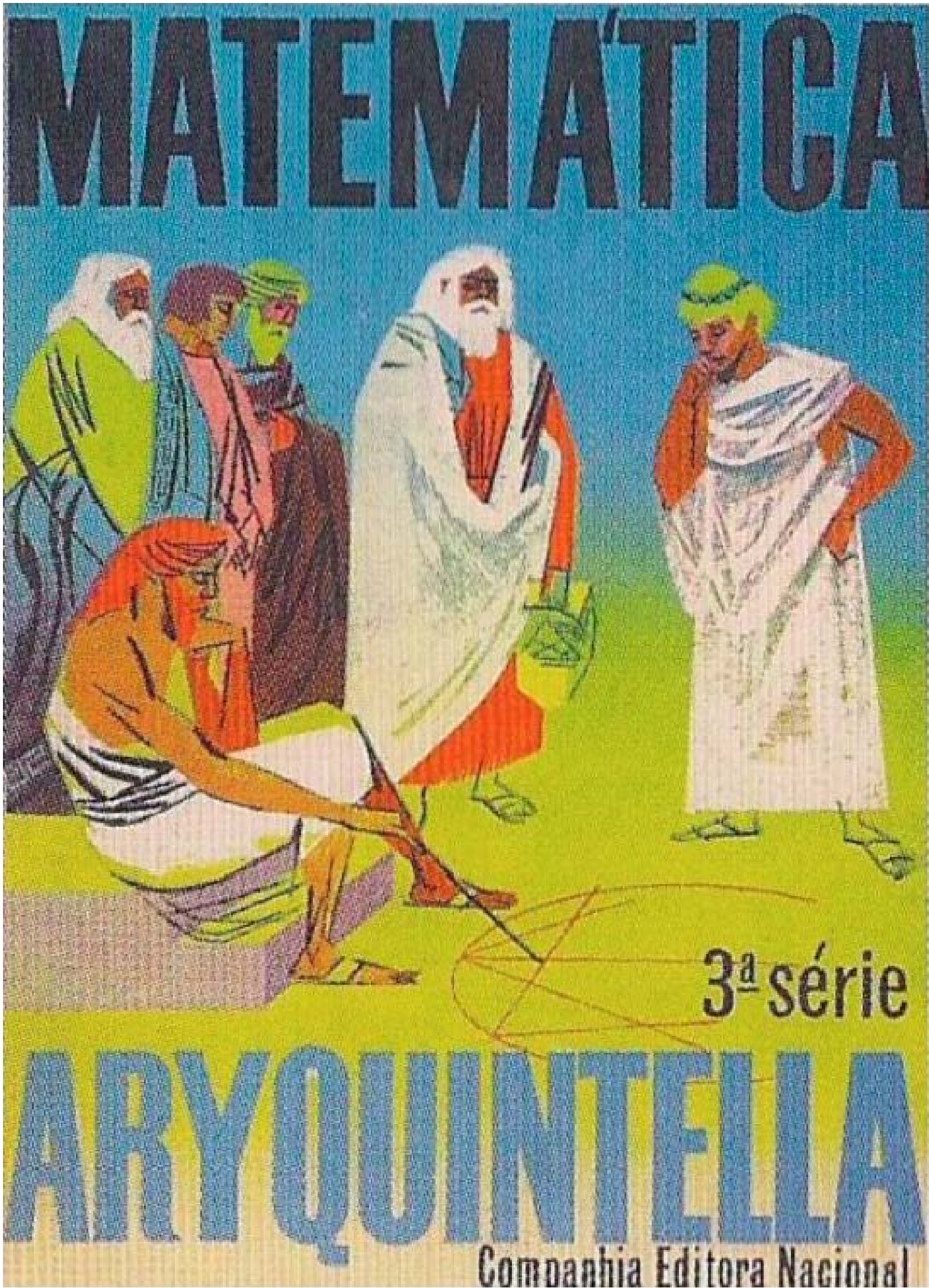
Reprodução: Didier Dias de Moraes, 2018.



[1]



[2]



[3]

[1]	Matemática 1ª série Ary Quintella	1965
[2]	Matemática 2ª série Ary Quintella	1965
[3]	Matemática 3ª série Ary Quintella	1965

Editora Codex

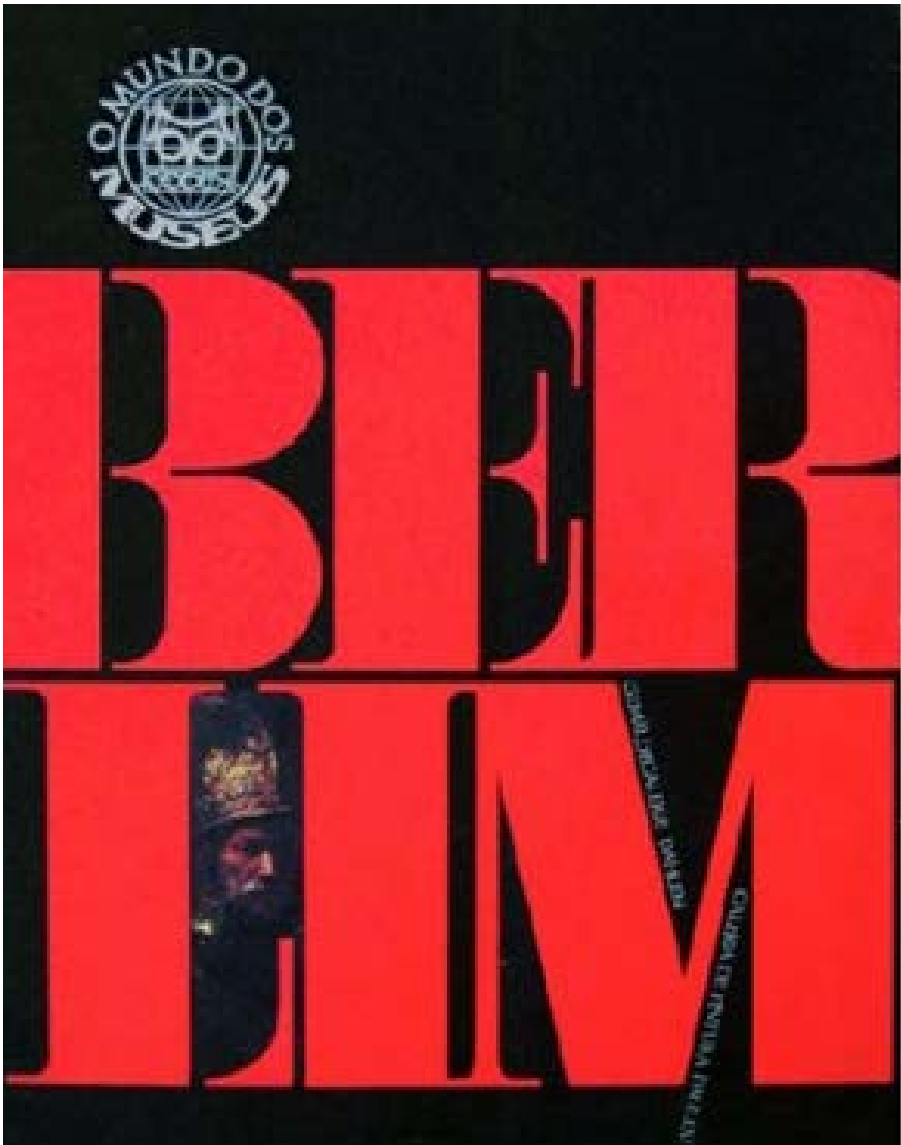
A editora espanhola Codex destacou-se nas décadas de 1960 e 1970 por seu empenho em democratizar o acesso à arte e à cultura por meio de publicações de alta qualidade gráfica e editorial. Entre seus projetos mais reconhecidos está a coleção O Mundo dos Museus, uma série que buscava aproximar o público leigo das grandes obras e instituições artísticas do mundo. Com volumes dedicados a instituições como o Louvre, o Prado, o Hermitage e o Metropolitan, a coleção oferecia não apenas reproduções primorosas das obras, mas também textos acessíveis e informativos, que contextualizavam historicamente e esteticamente cada

peça. Cada volume era cuidadosamente editado, com atenção especial à iconografia e ao design. O convite para organizar esta coleção chegou em 1965, fazendo com que o “cigano” mudasse temporariamente para Madri. Para o designer João Baptista de Aguiar é impressionante como naquela época E. H. já estava pesquisando materiais como tintas fosforescentes, e para João de Souza Leite, nesta coleção estava um novo designer: “rigoroso, distante daquela visualidade dramática, quase expressionista, os tempos da Civilização Brasileira” (Revista Design & Interiores, nº 25, junho/agosto 1991).

[1]



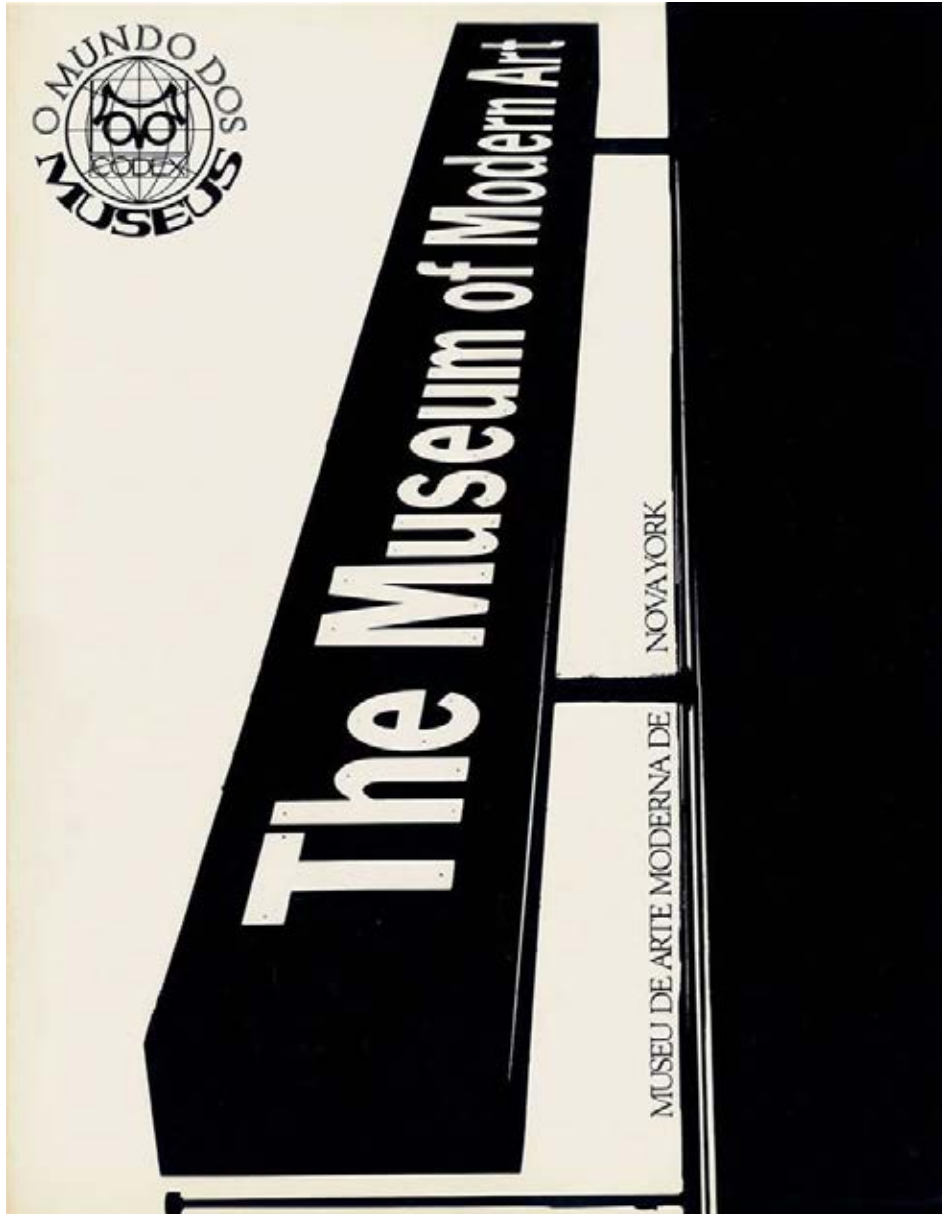
[2]



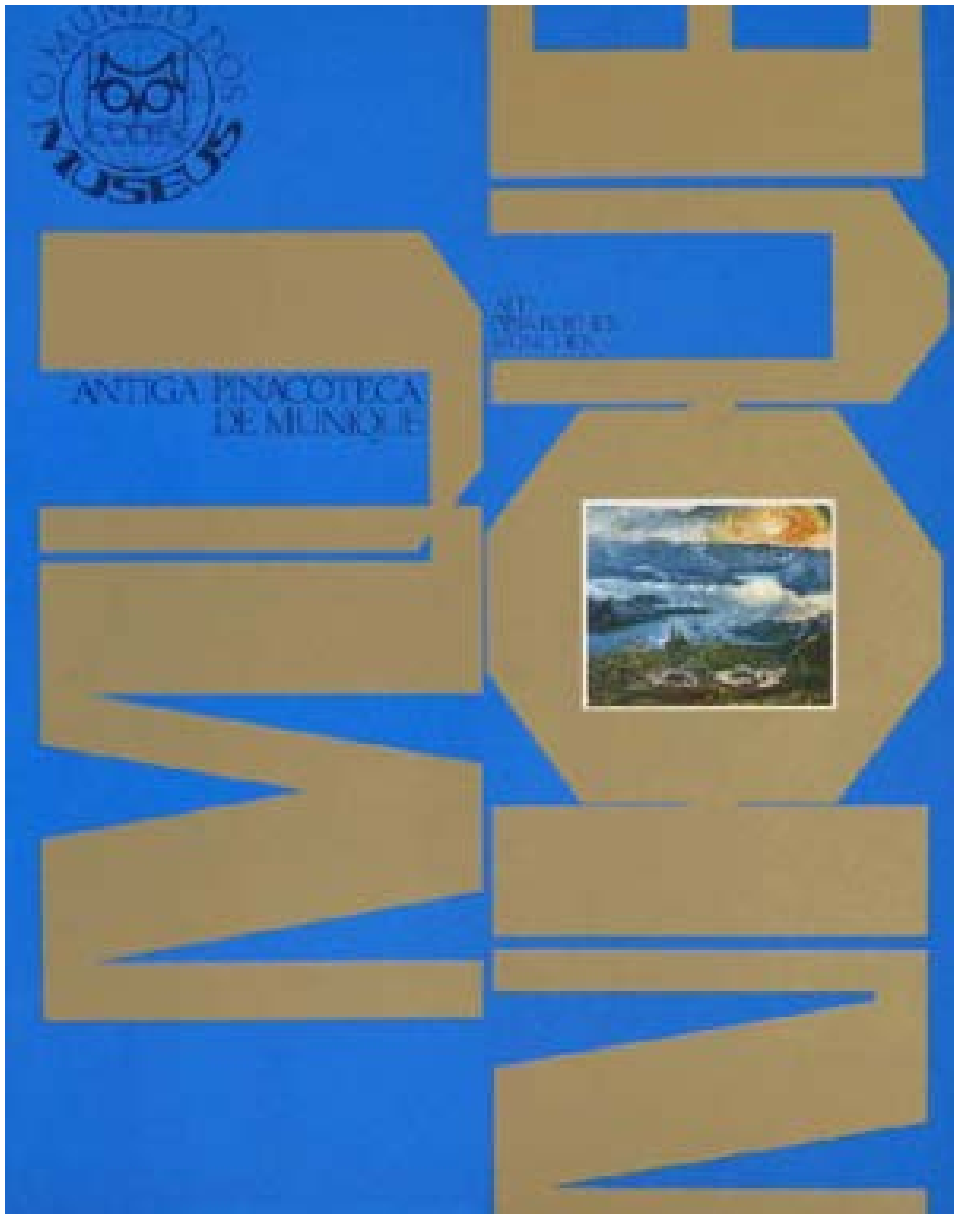
[3]



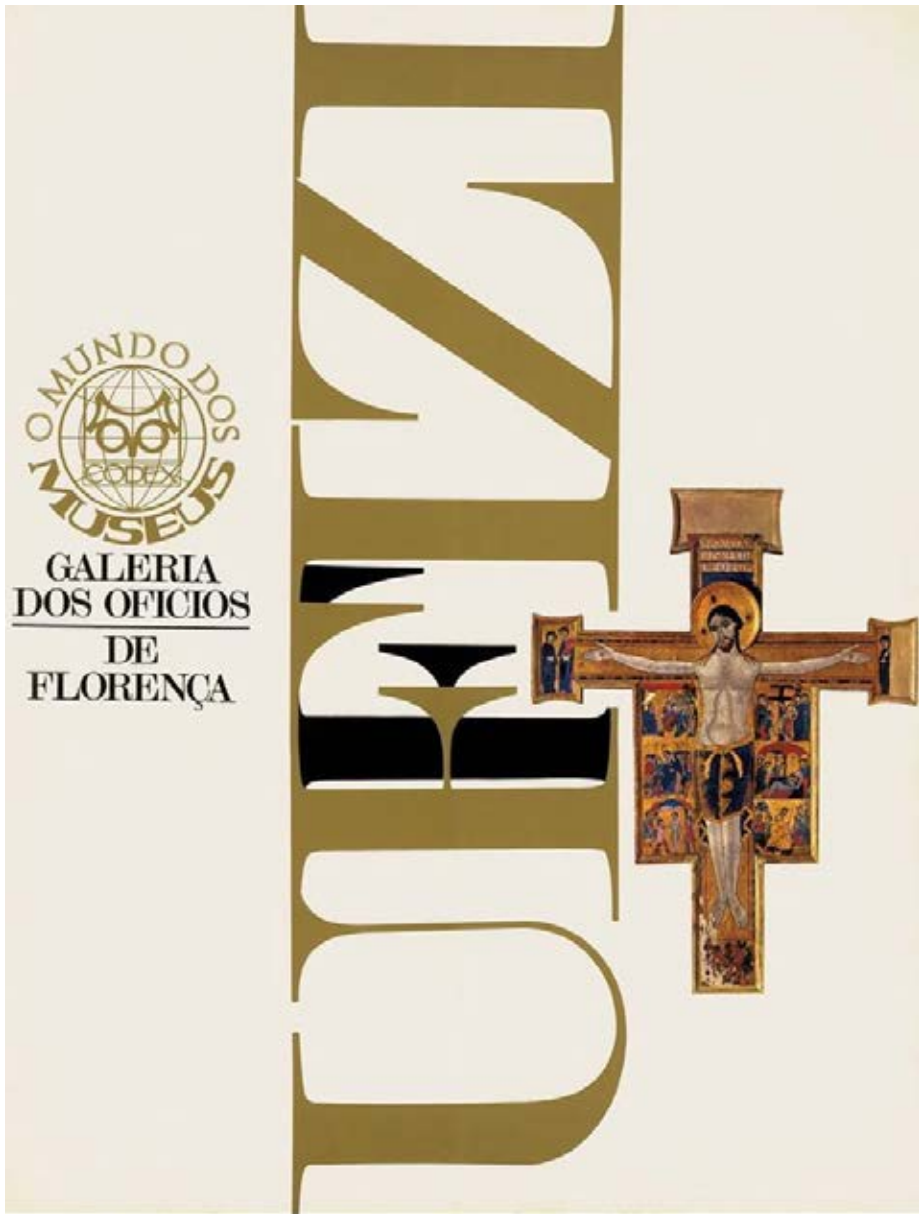
[4]



[5]



[6]



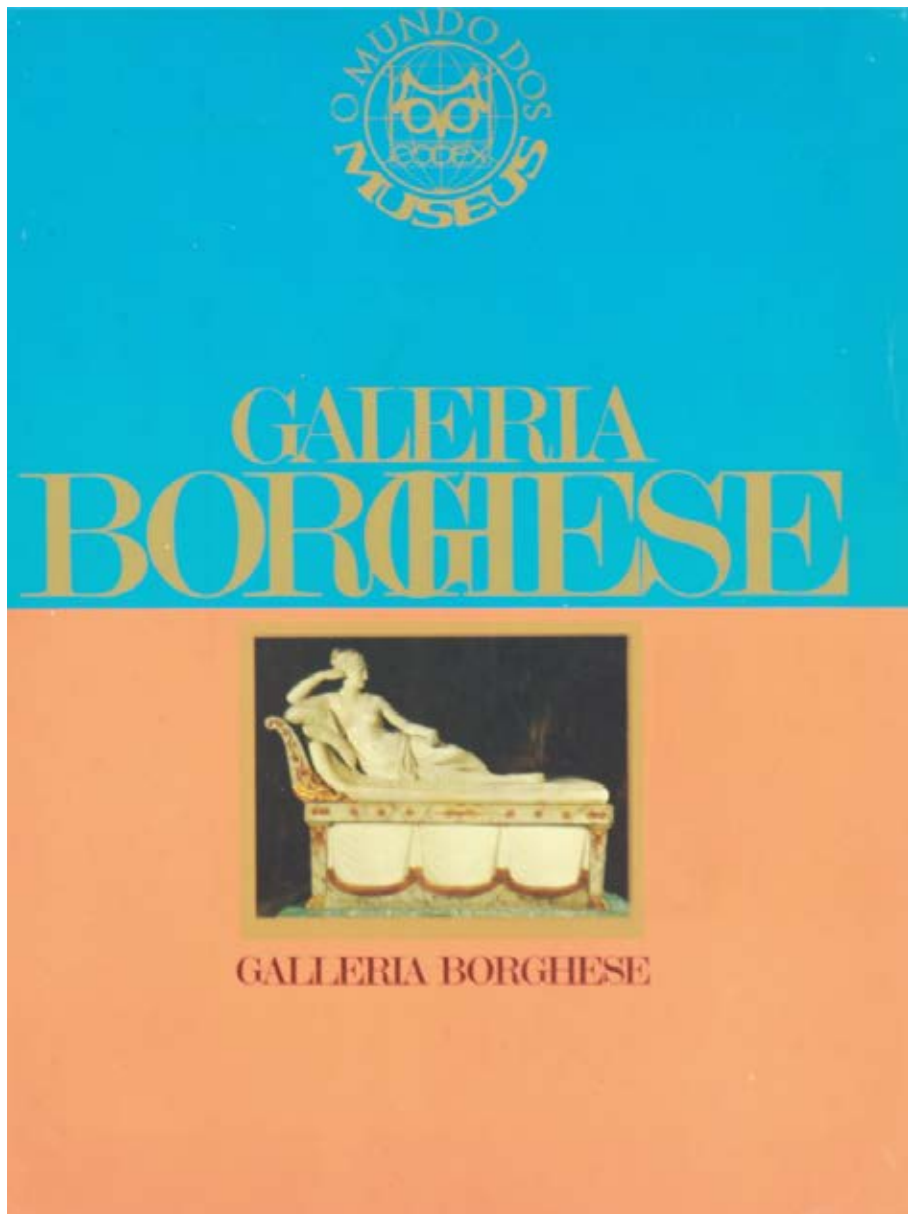
Acervo Lembrar

[1]	Galeria da Academia de Veneza	1967
[2]	Galeria de Pintura de Berlim	1967
[3]	Museu dos Impressionistas	1967
[4]	Museu de Arte Moderna de Nova York	1967
[5]	Antiga Pinacoteca de Munique	1967
[6]	Galeria dos Ofícios de Florença	1967

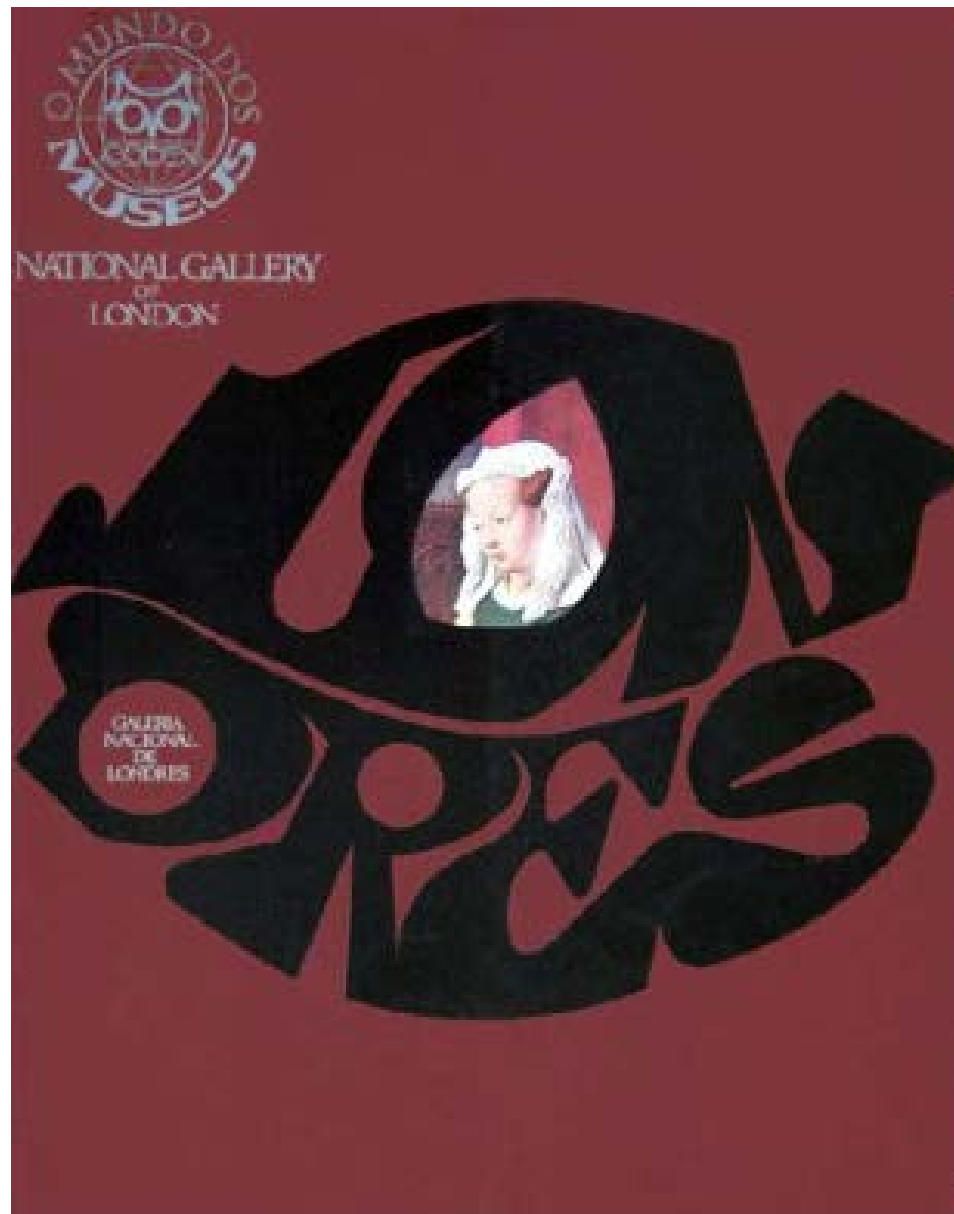
[1]



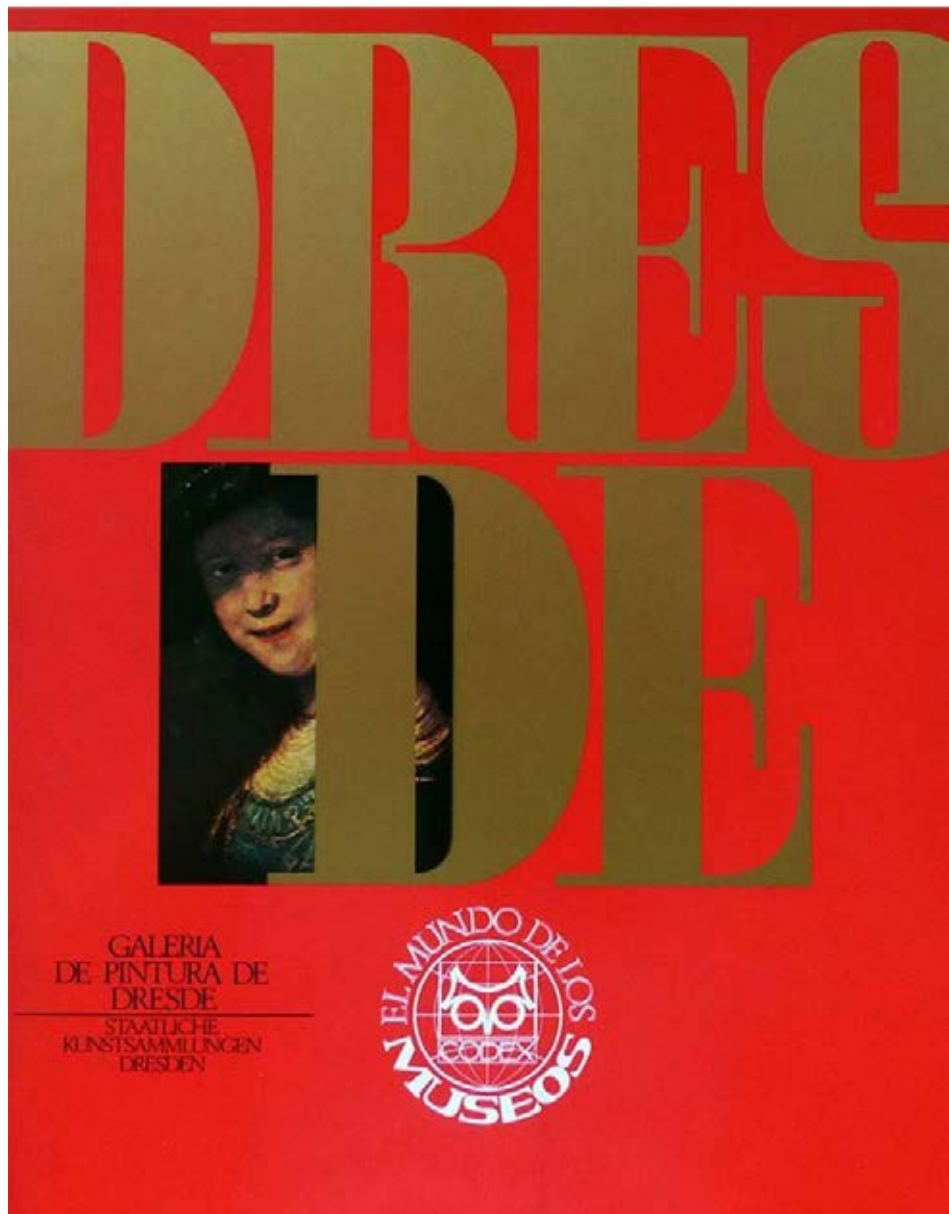
[2]



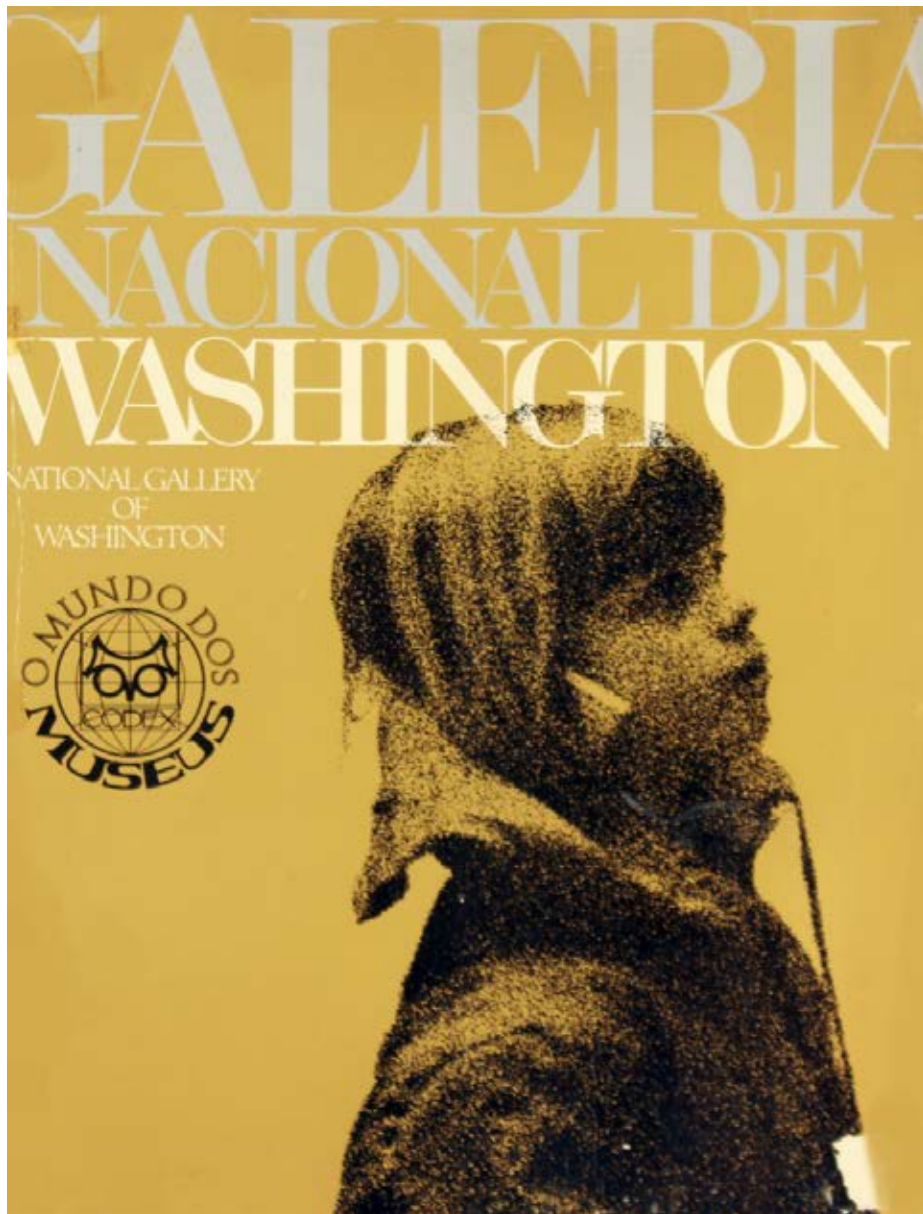
[3]



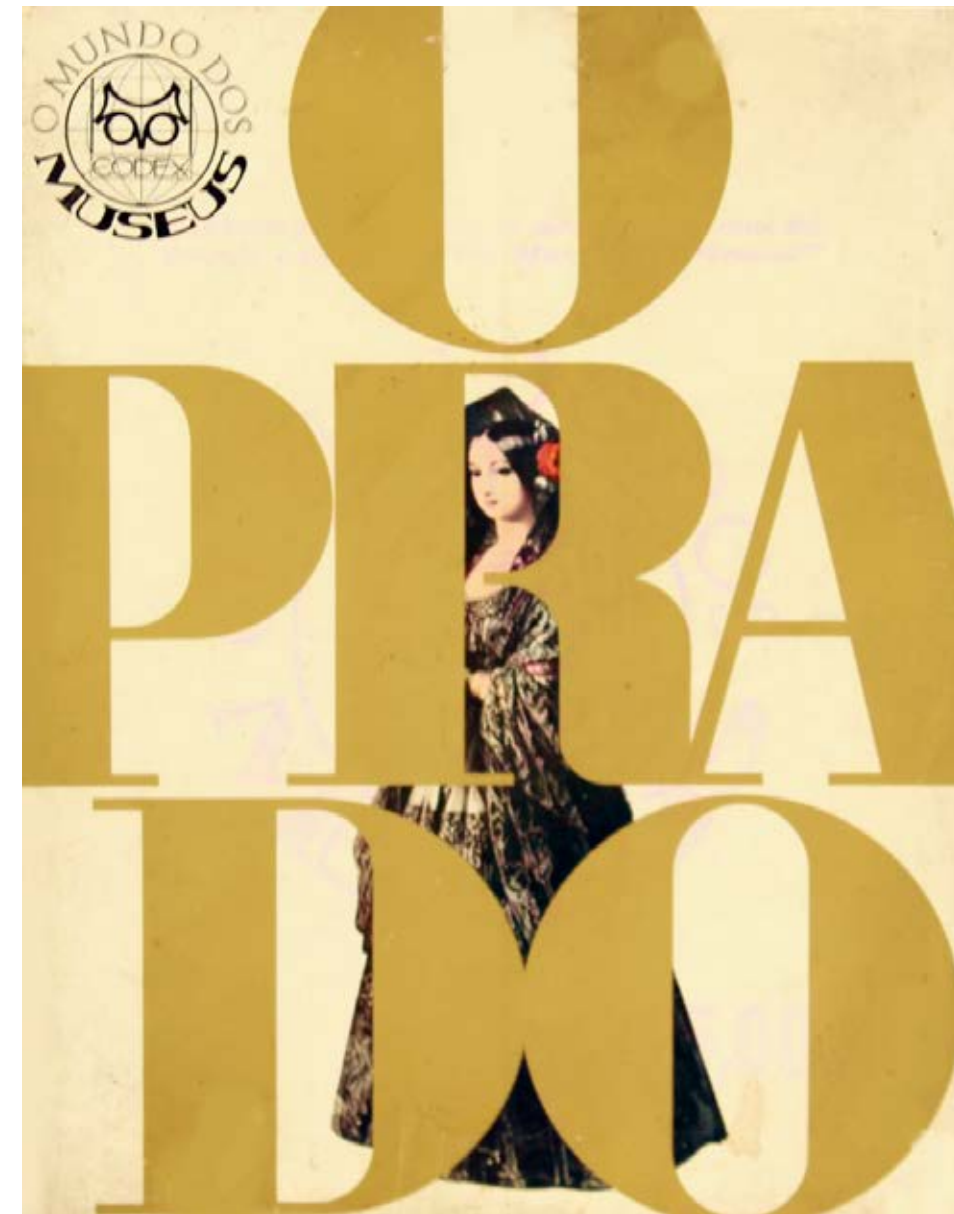
[4]



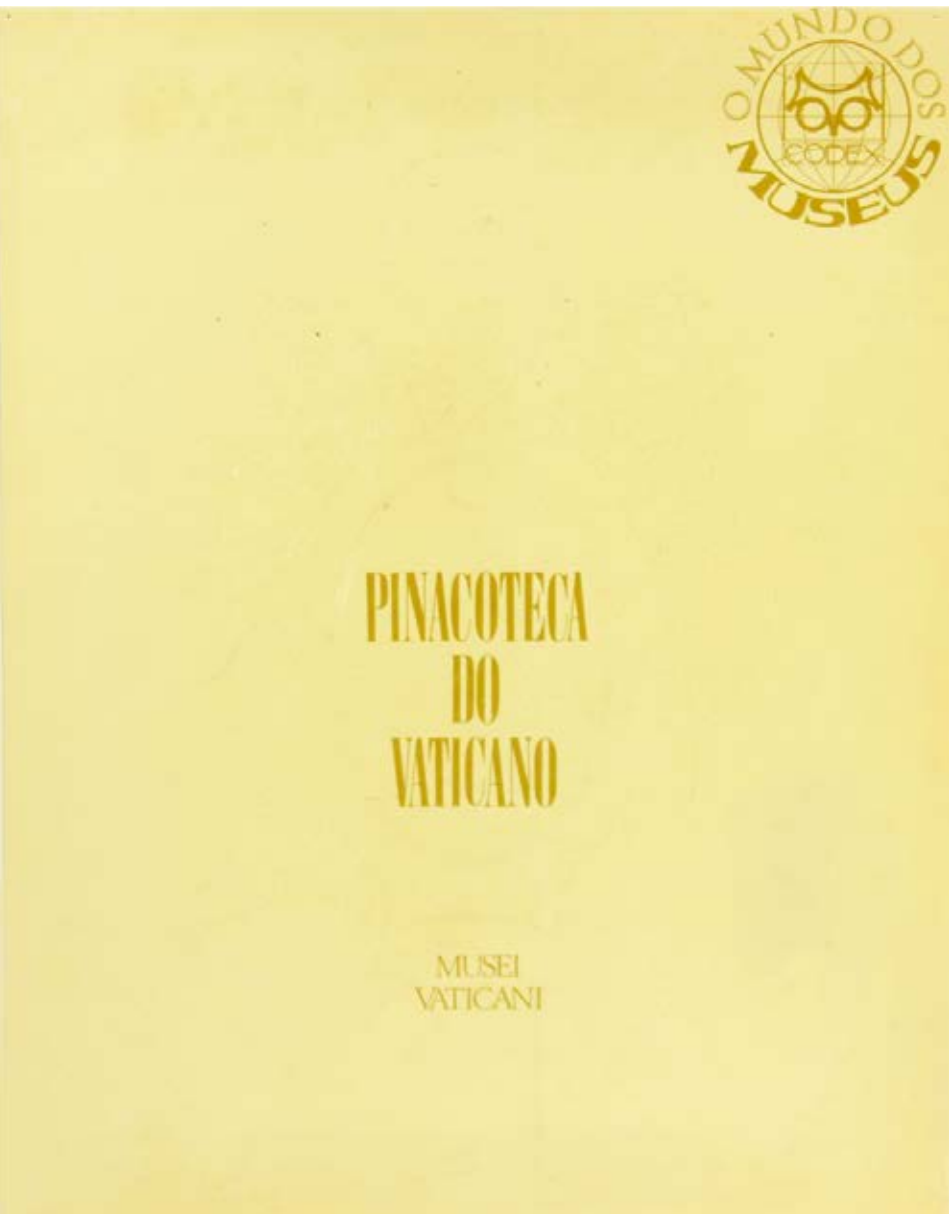
[5]



[6]

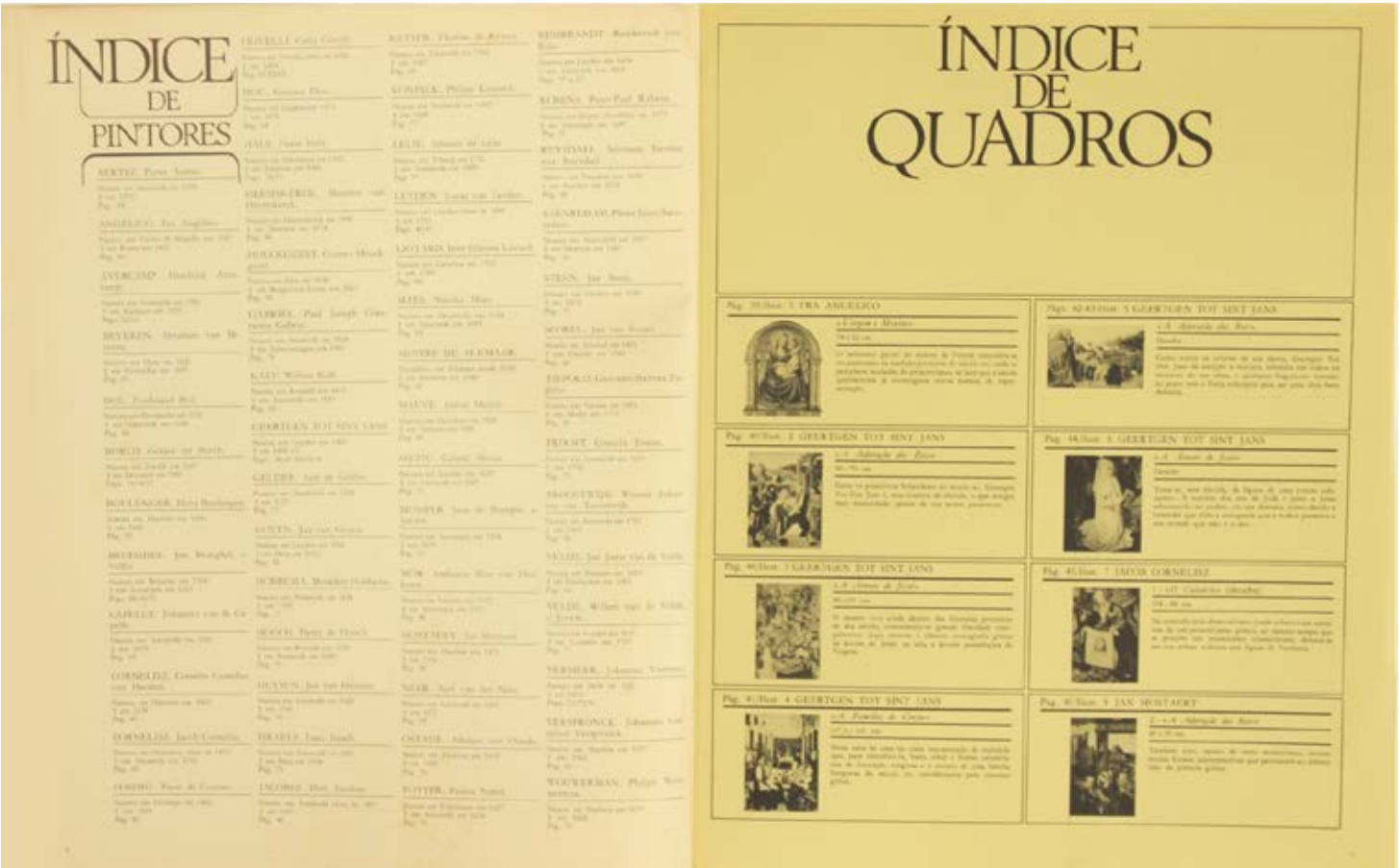
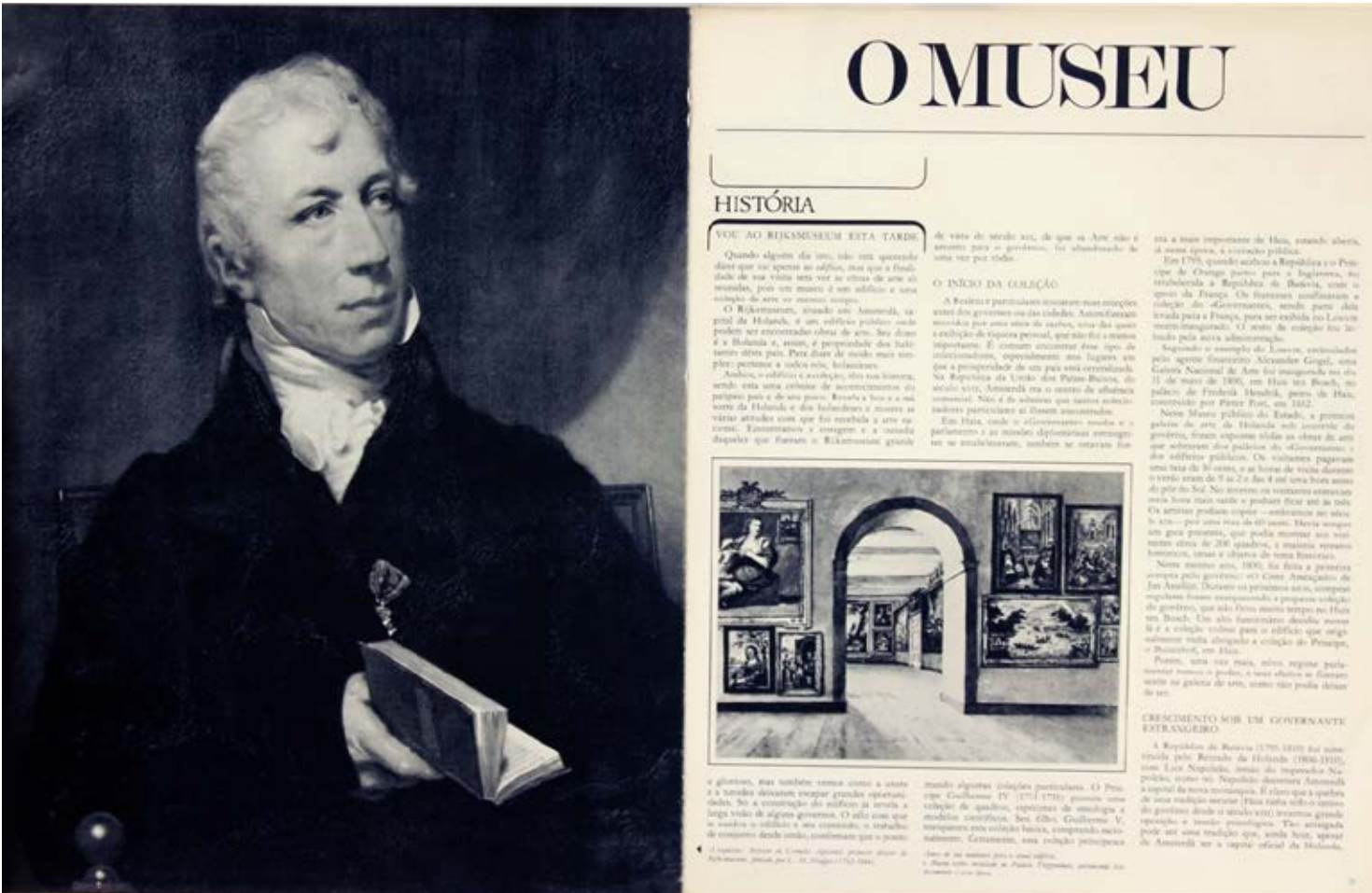
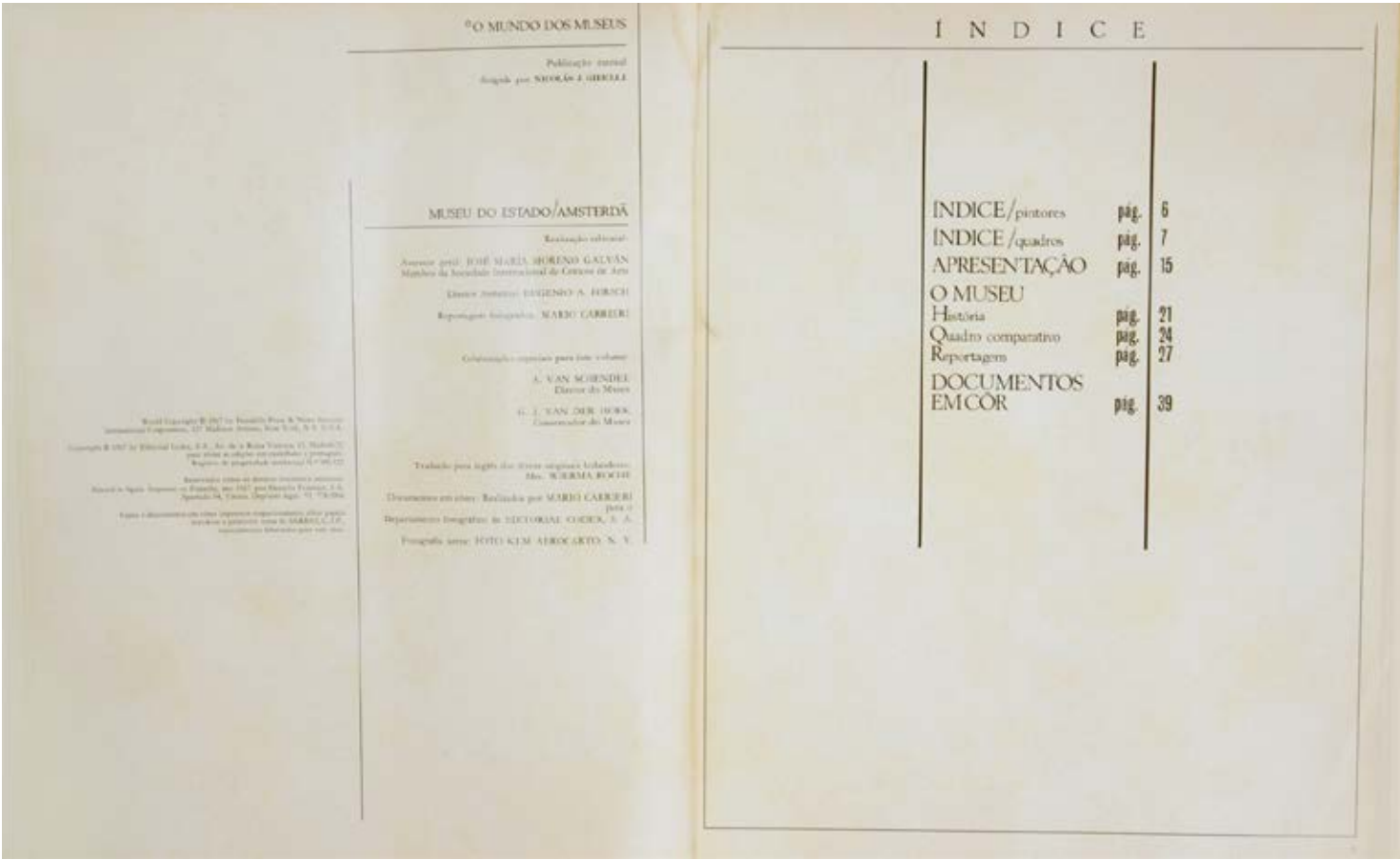


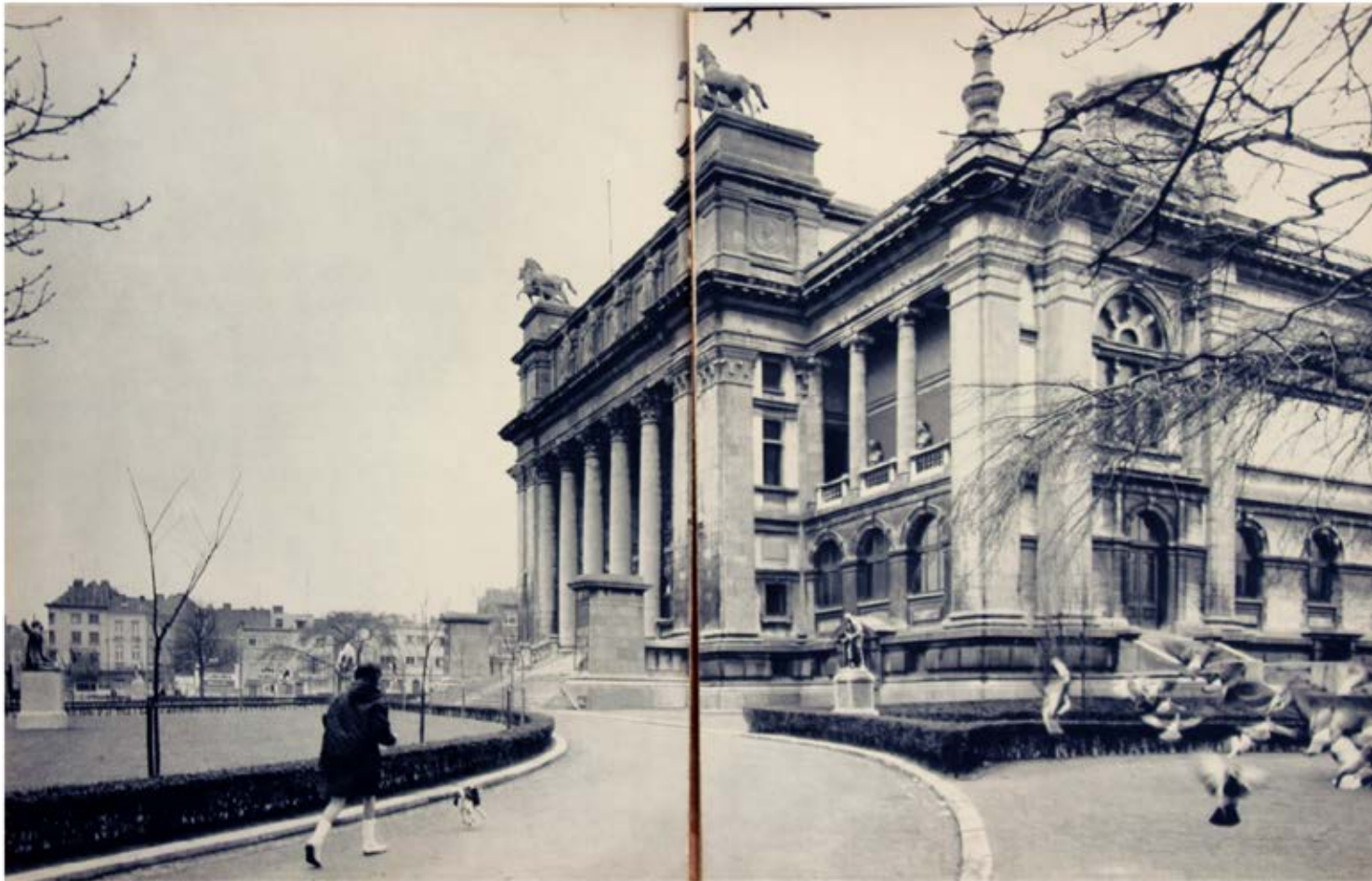
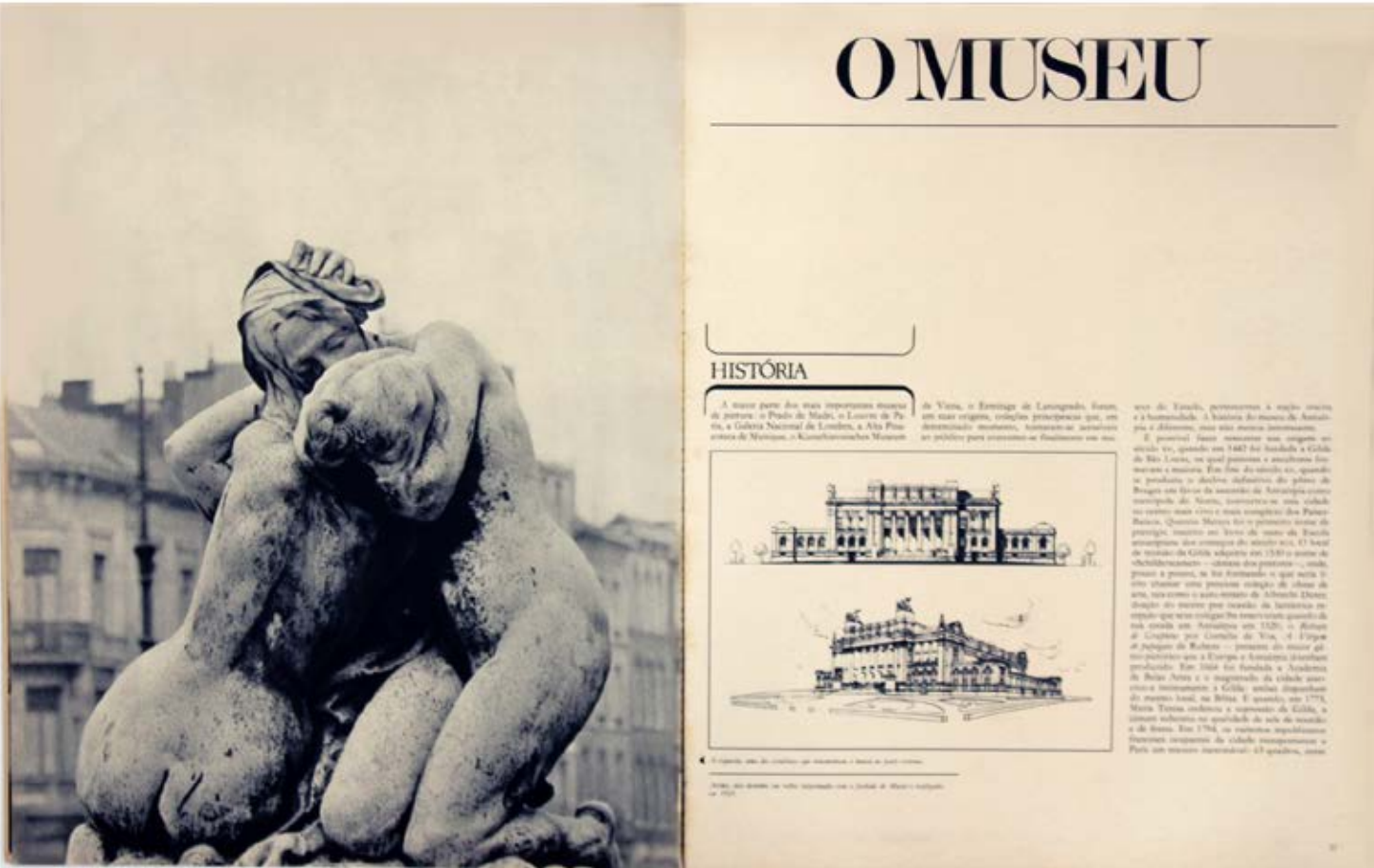
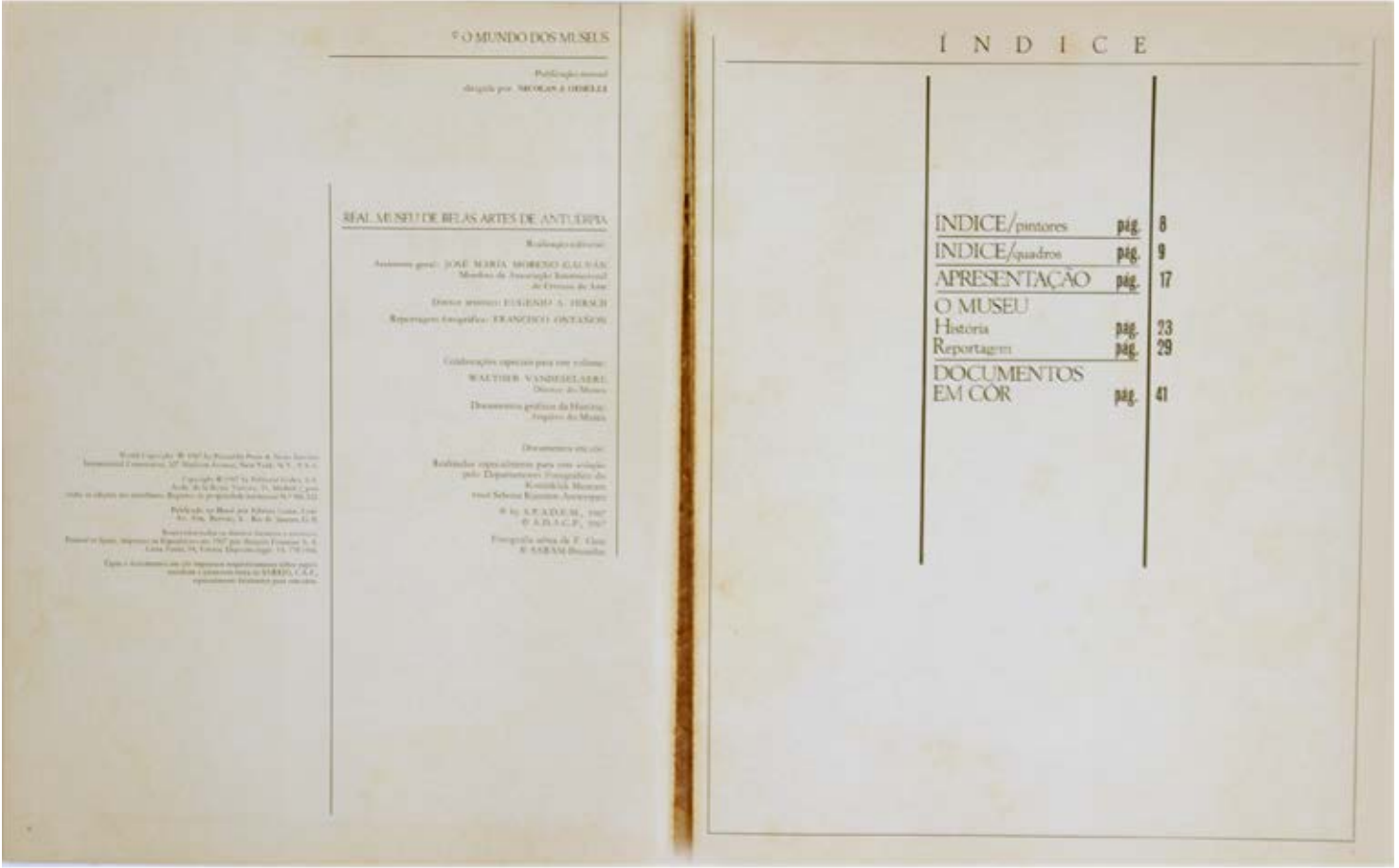
[7]

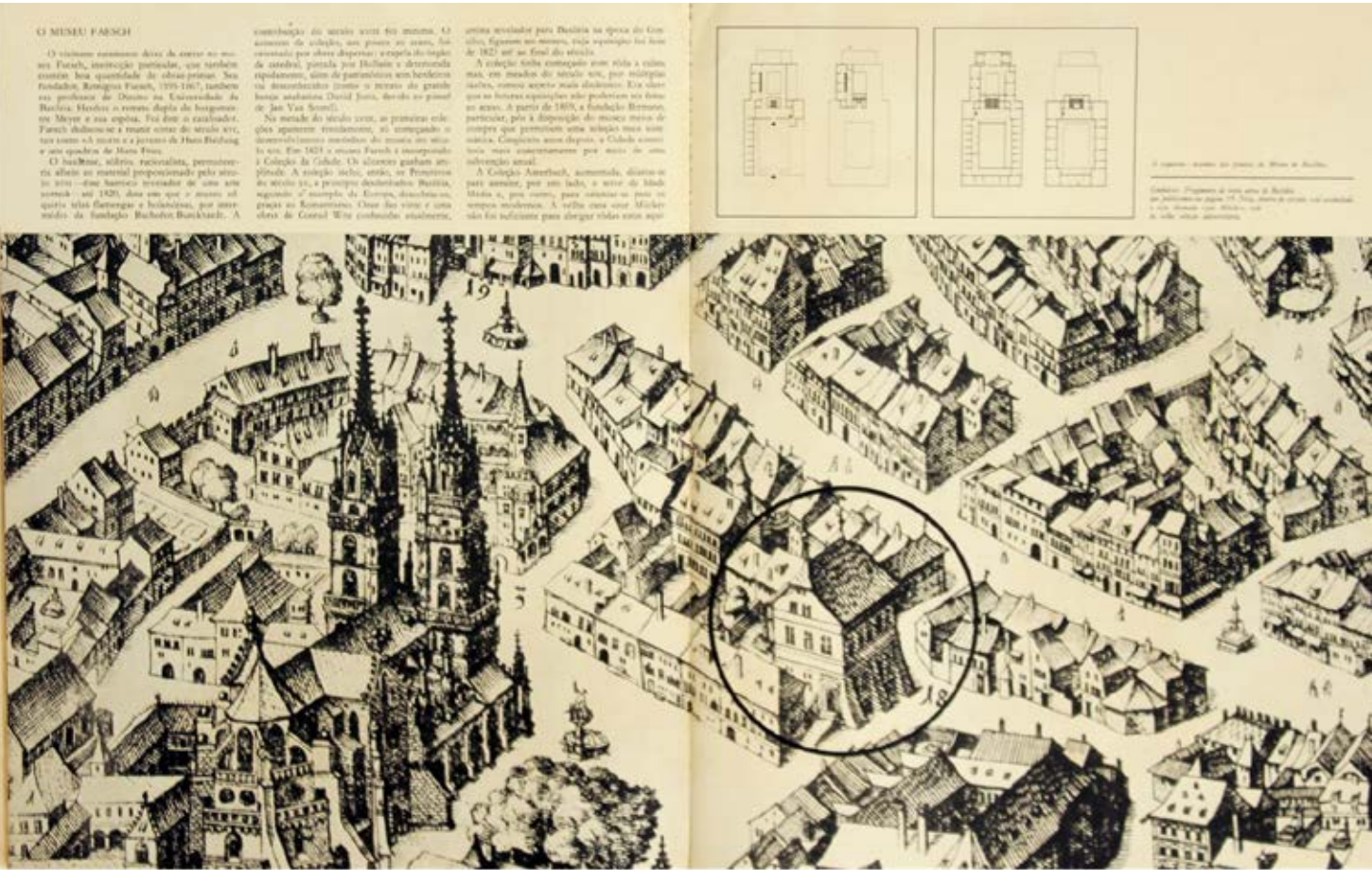
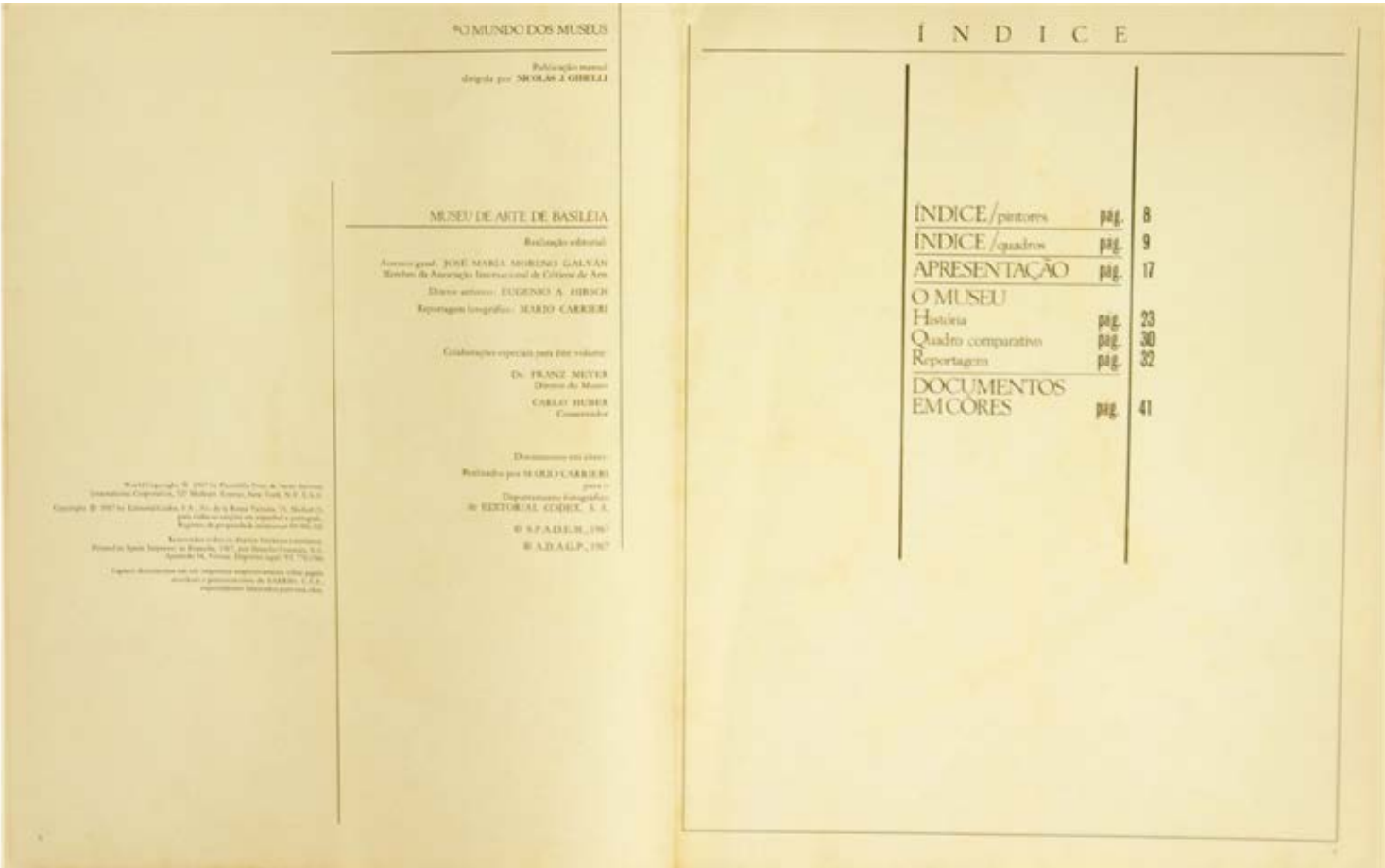


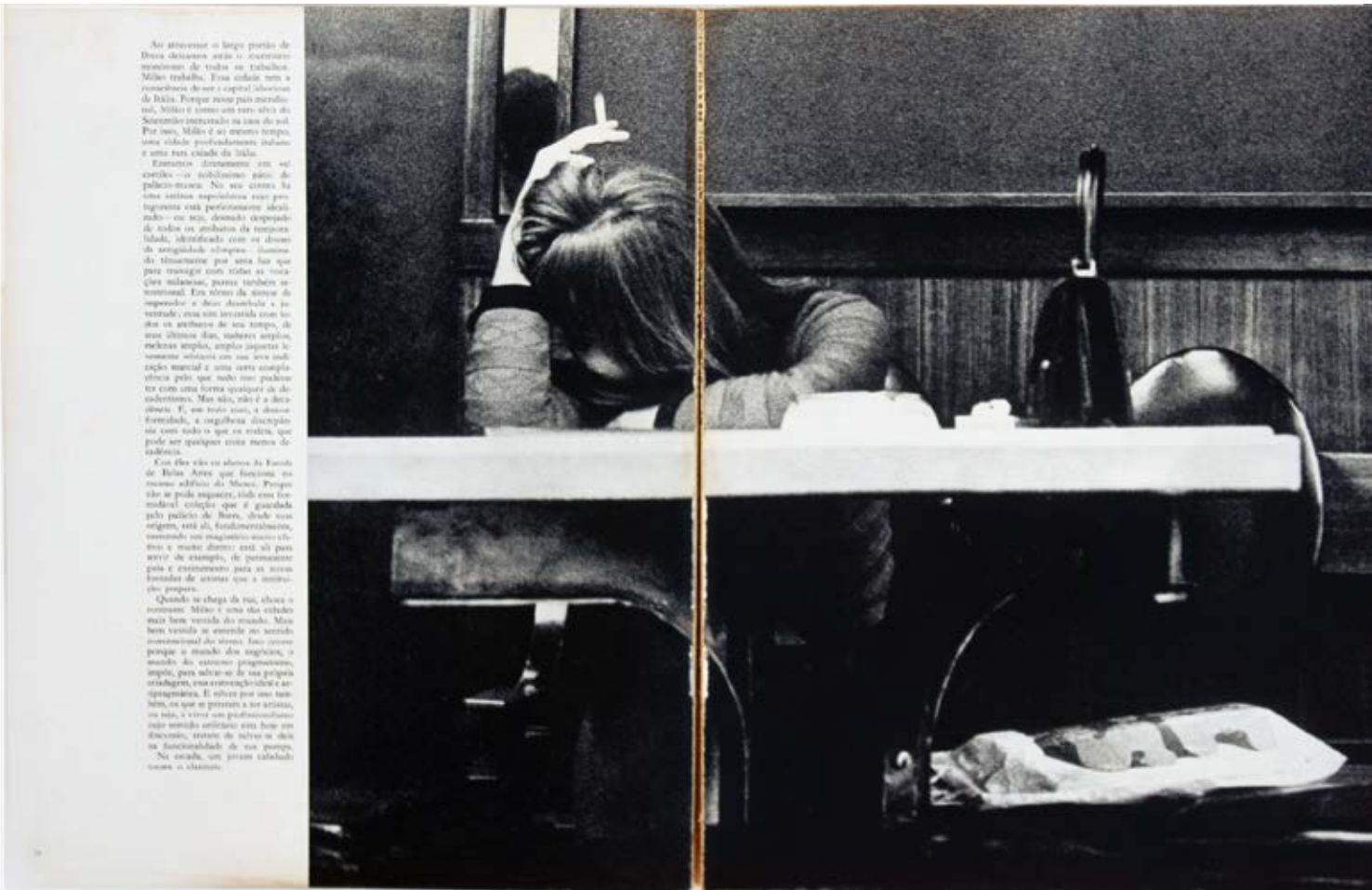
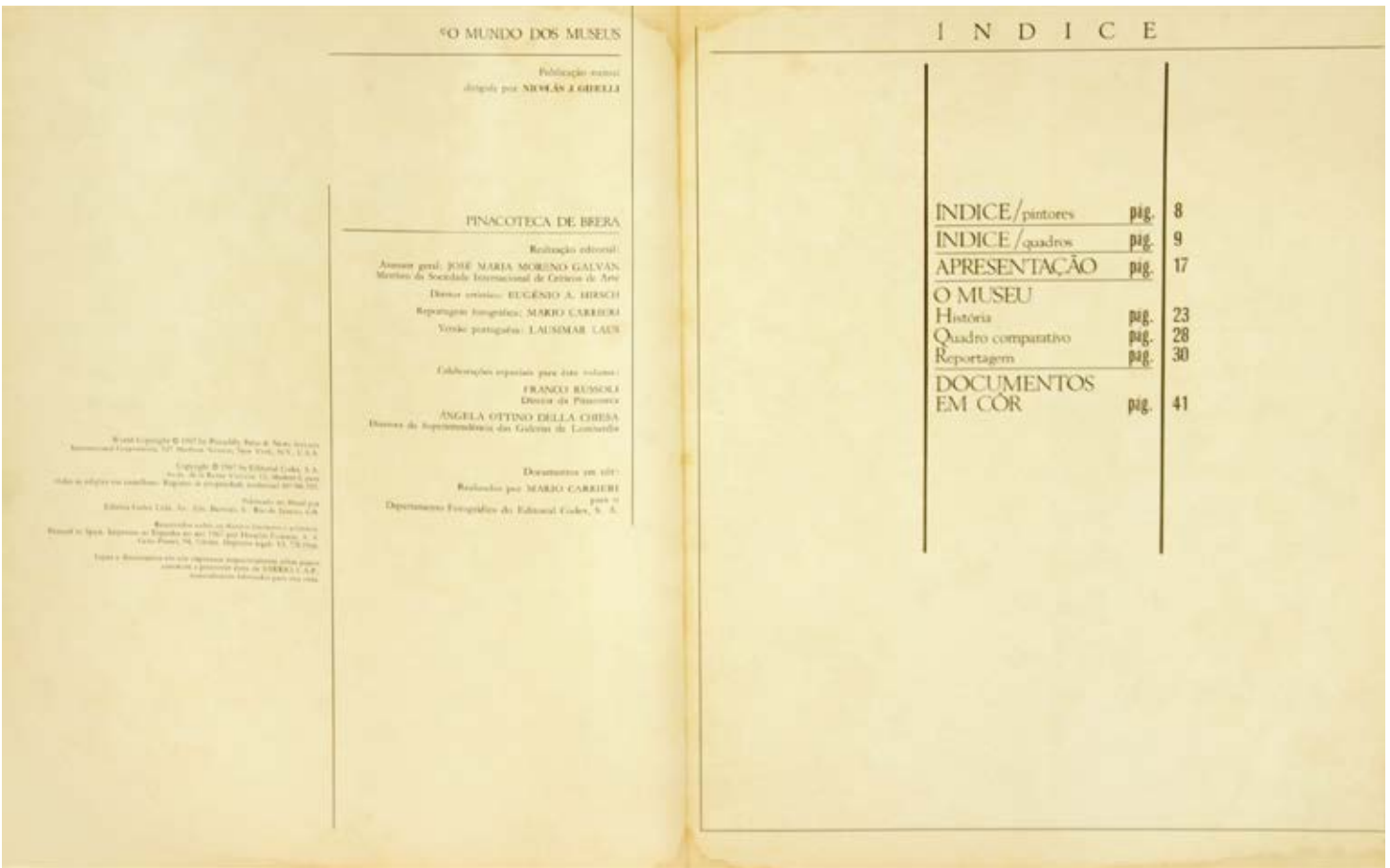
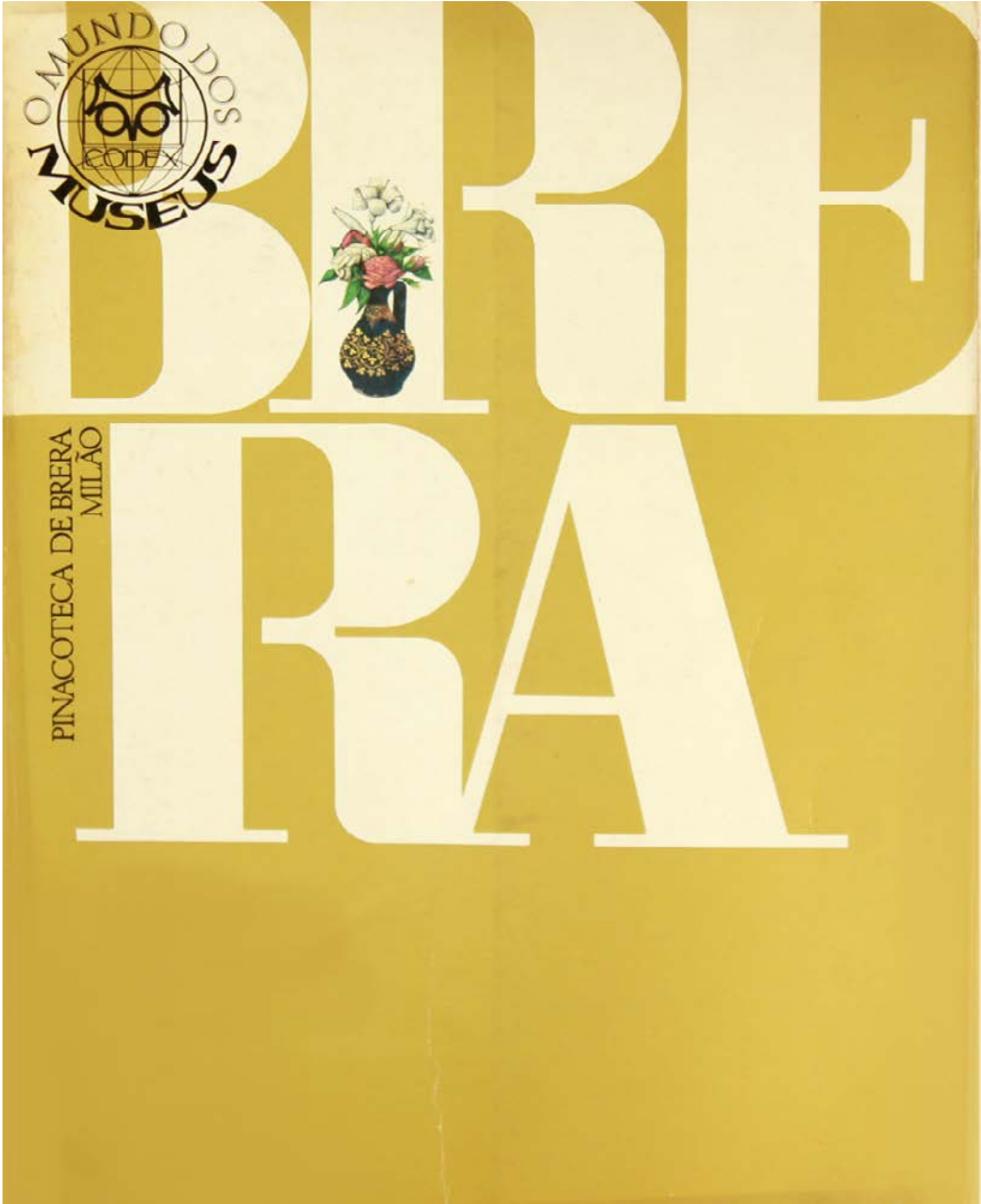
Acervo Lembrar

[1]	Le Musée du Louvre	1967
[2]	Galleria Borghese	1967
[3]	National Gallery of London	1967
[4]	Galeria de Pintura de Dresde	1967
[5]	Galeria Nacional de Washington	1967
[6]	O Prado	1967
[7]	Pinacoteca do Vaticano	1967









Outras editoras

Desde o seu período na Civilização Brasileira, até os últimos anos em que esteve profissionalmente ativo, E.H. prestou serviço para várias editoras, embora em proporção menor do que a que foi apresentada na Civilização Brasileira, na José Olympio e na Codex. Assim como no trabalho realizado para esta última editora (a direção de arte de uma coleção), neste novo conjunto que se apresenta aqui reunido, muitas vezes a sua entrega foi além das capas, correndo pelas páginas dos livros – fosse criando ilustrações, fosse no projeto da página textual.

Em seu memorial/currículo, dos anos 1990, Hirsch exalta o trabalho que vinha desenvolvendo para a Editora AC&M, que além de folhetos e relatórios diversos, incluía livros dedicados

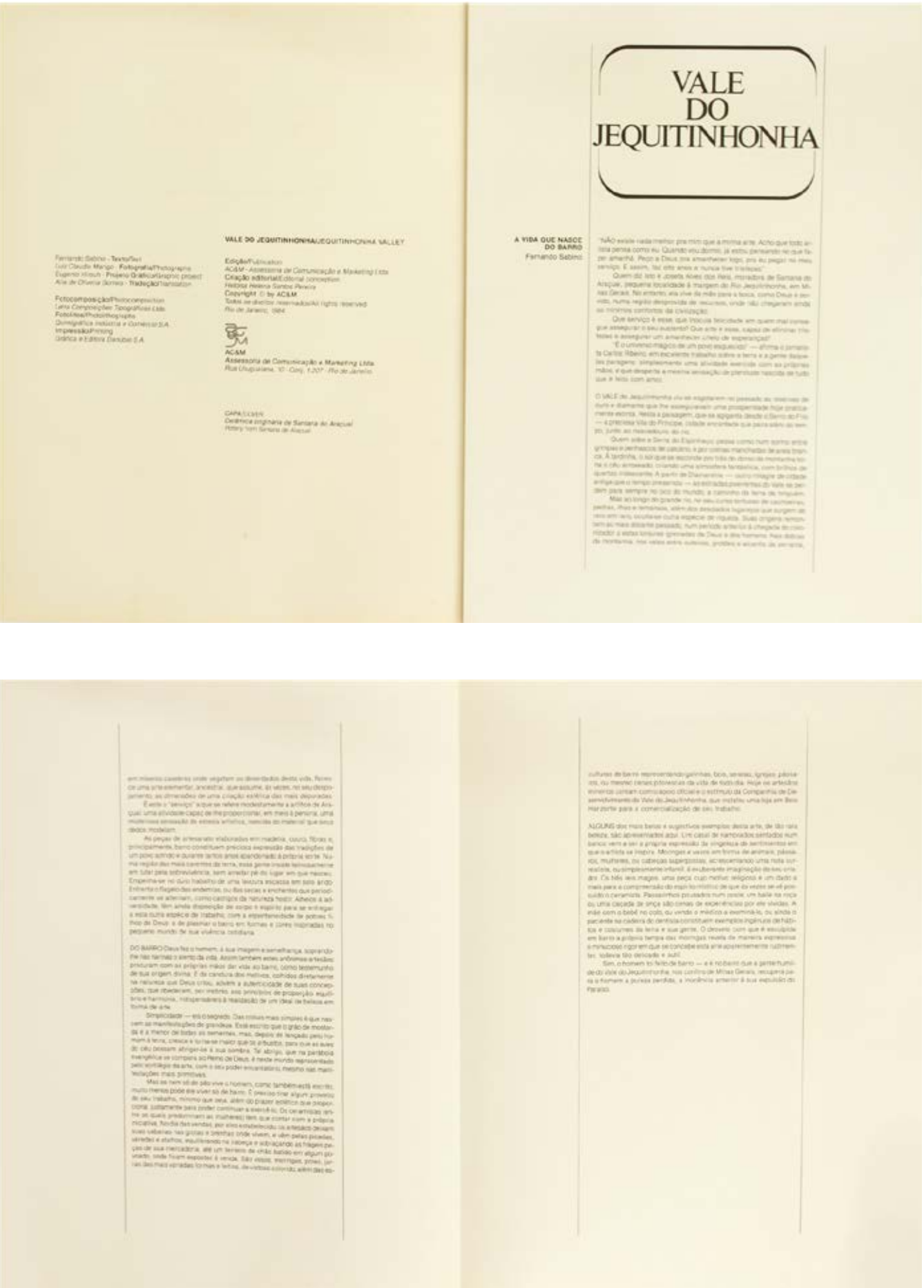
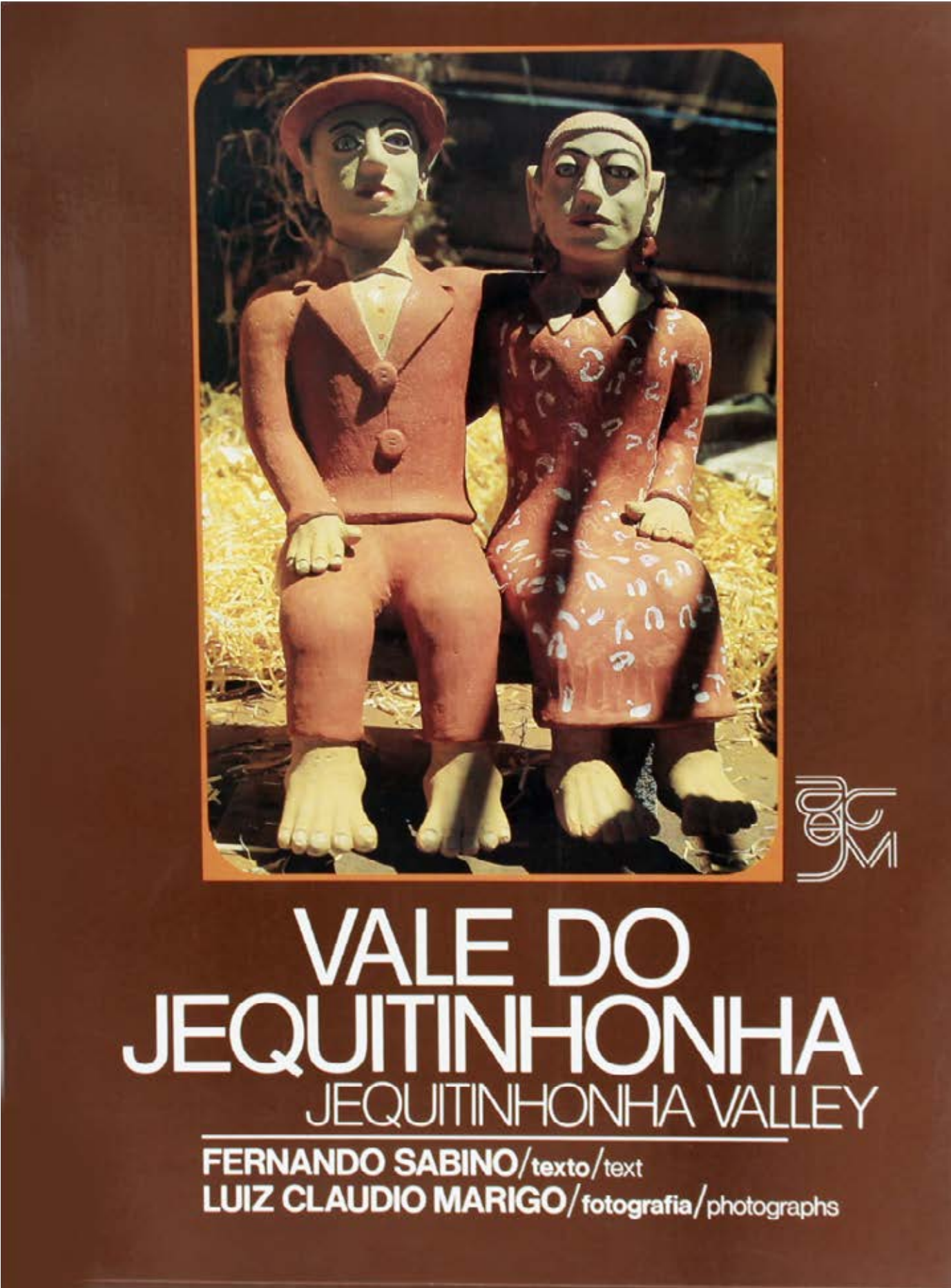
a lugares do Brasil – alguns centrados na produção artística local, outros no ambiente natural destes territórios: “Hoje trabalho com a maior editora ecológica do Brasil, Heloisa Helena Santos Pereira, com a qual temos feito livros maravilhosos”. É, então, com o portfolio da AC&M que começamos esta seção do catálogo.

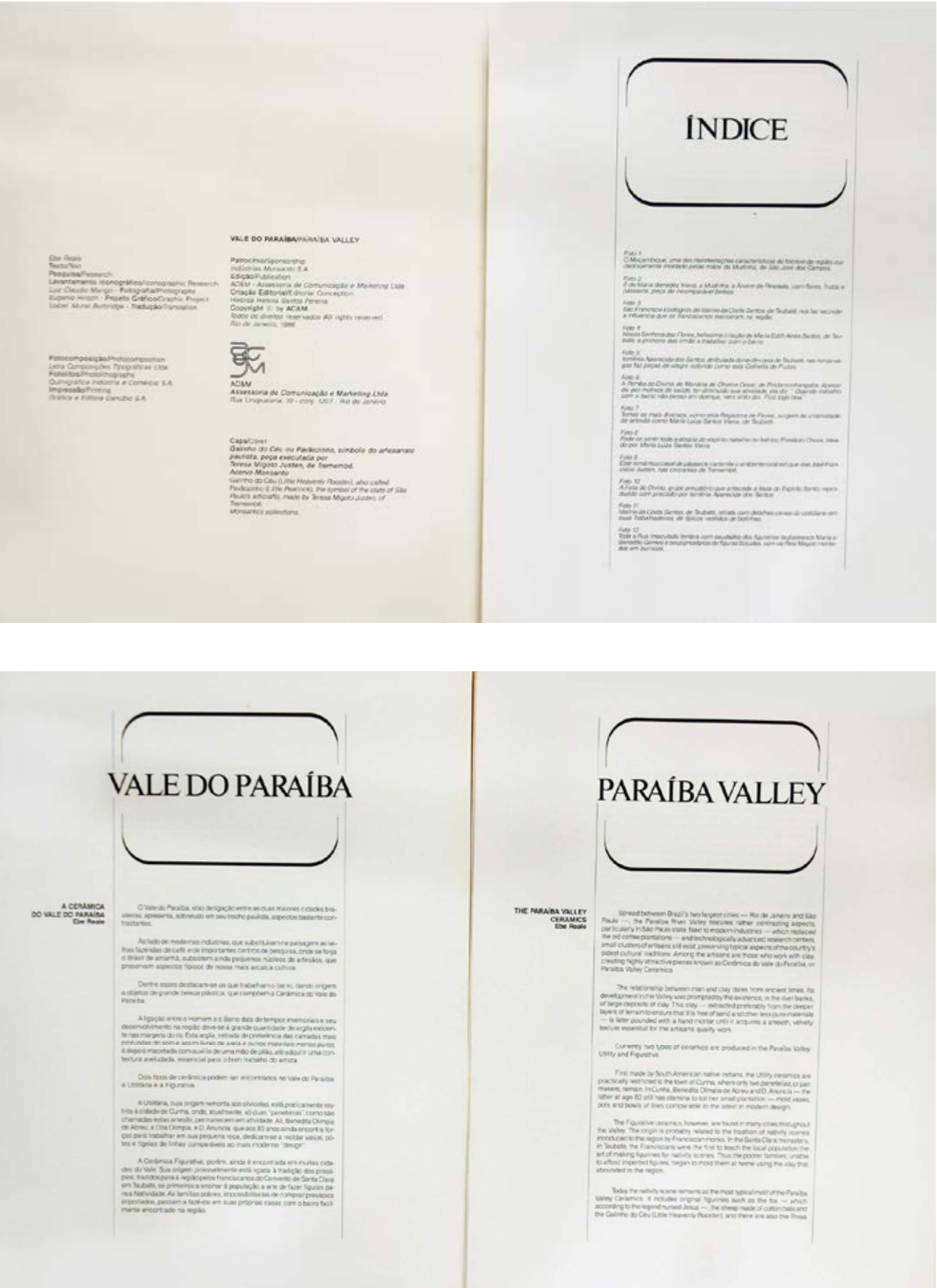
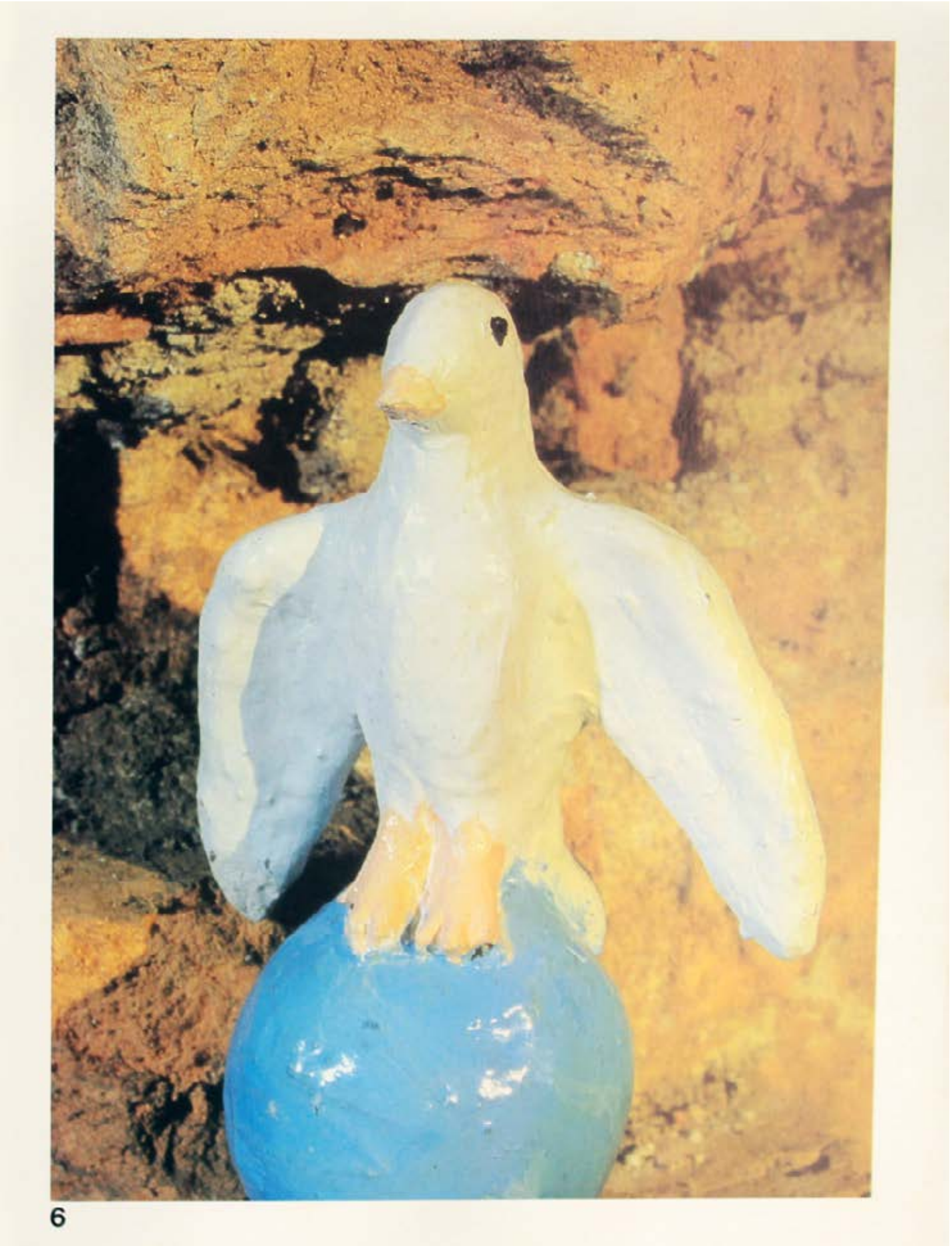
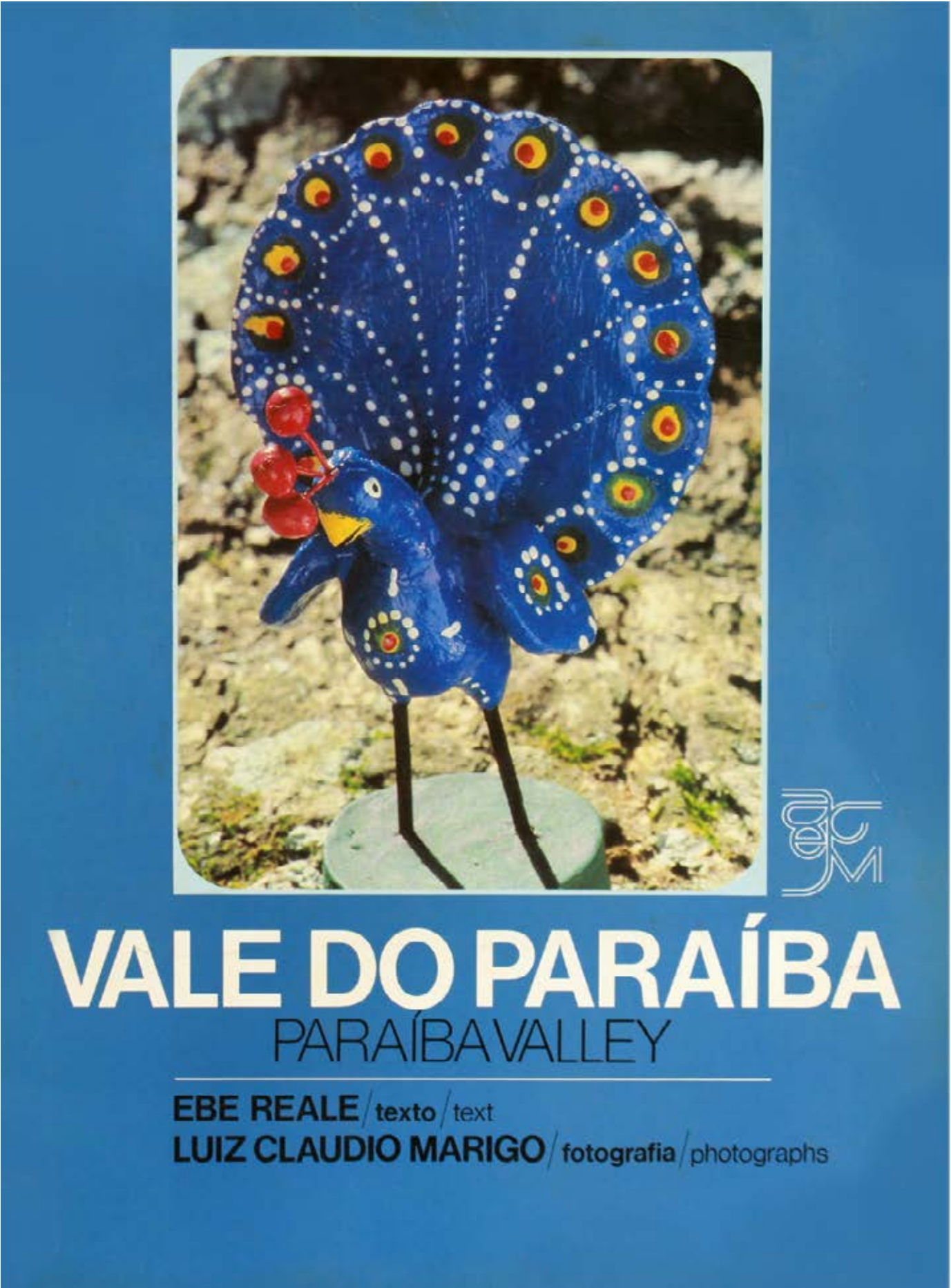
A linguagem gráfica do conjunto de peças aqui apresentadas é bastante diversa. Vai desde o trabalho desconstruído para a Editora Philobiblion, que lembra aquele realizado nos seus primeiros tempos de Civilização, até um raro layout de Hirsch com características inspiradas na escola suíça, produzido para a Editora Bloch, nos anos 1960.

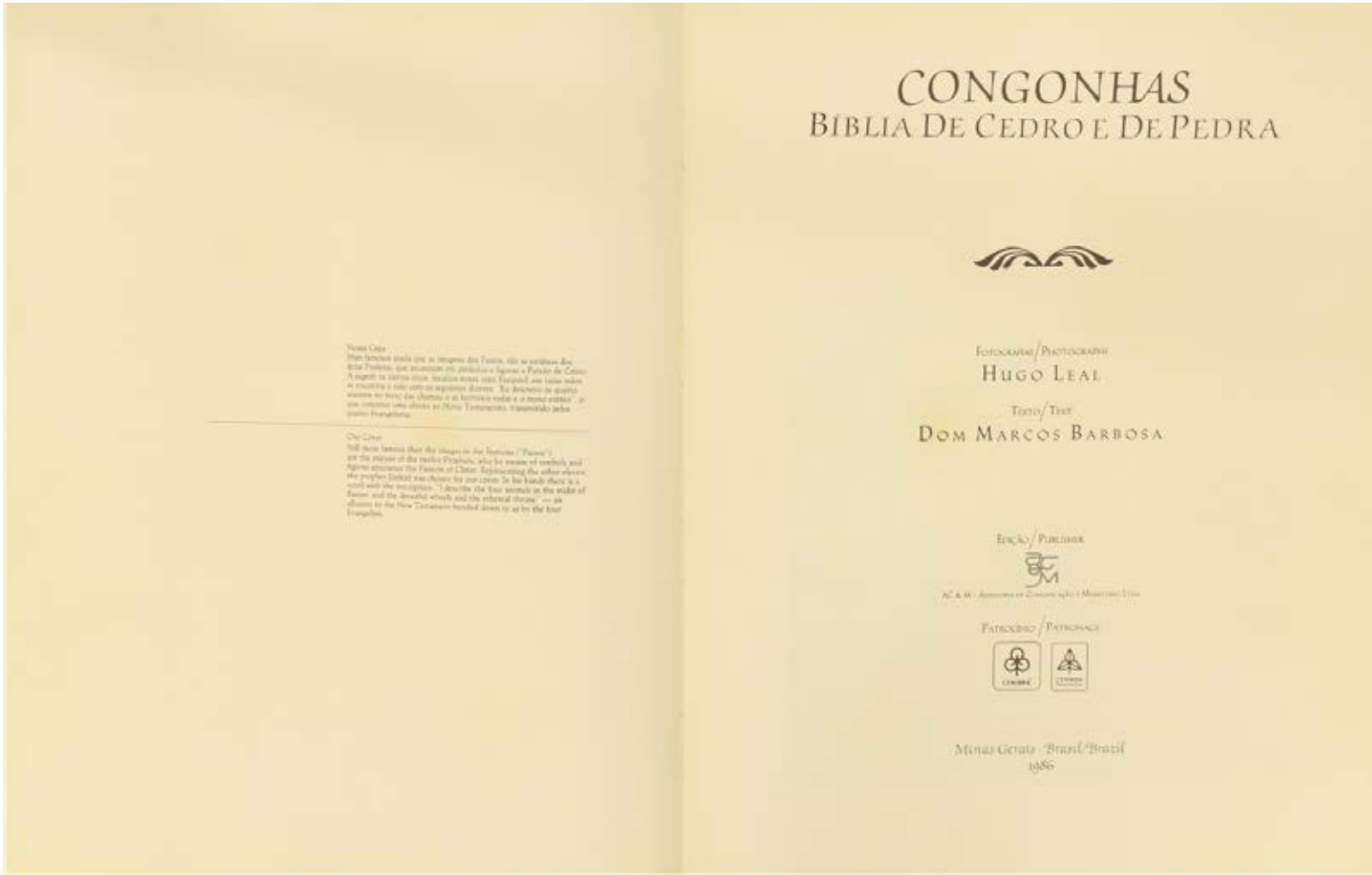
Editora AC&M

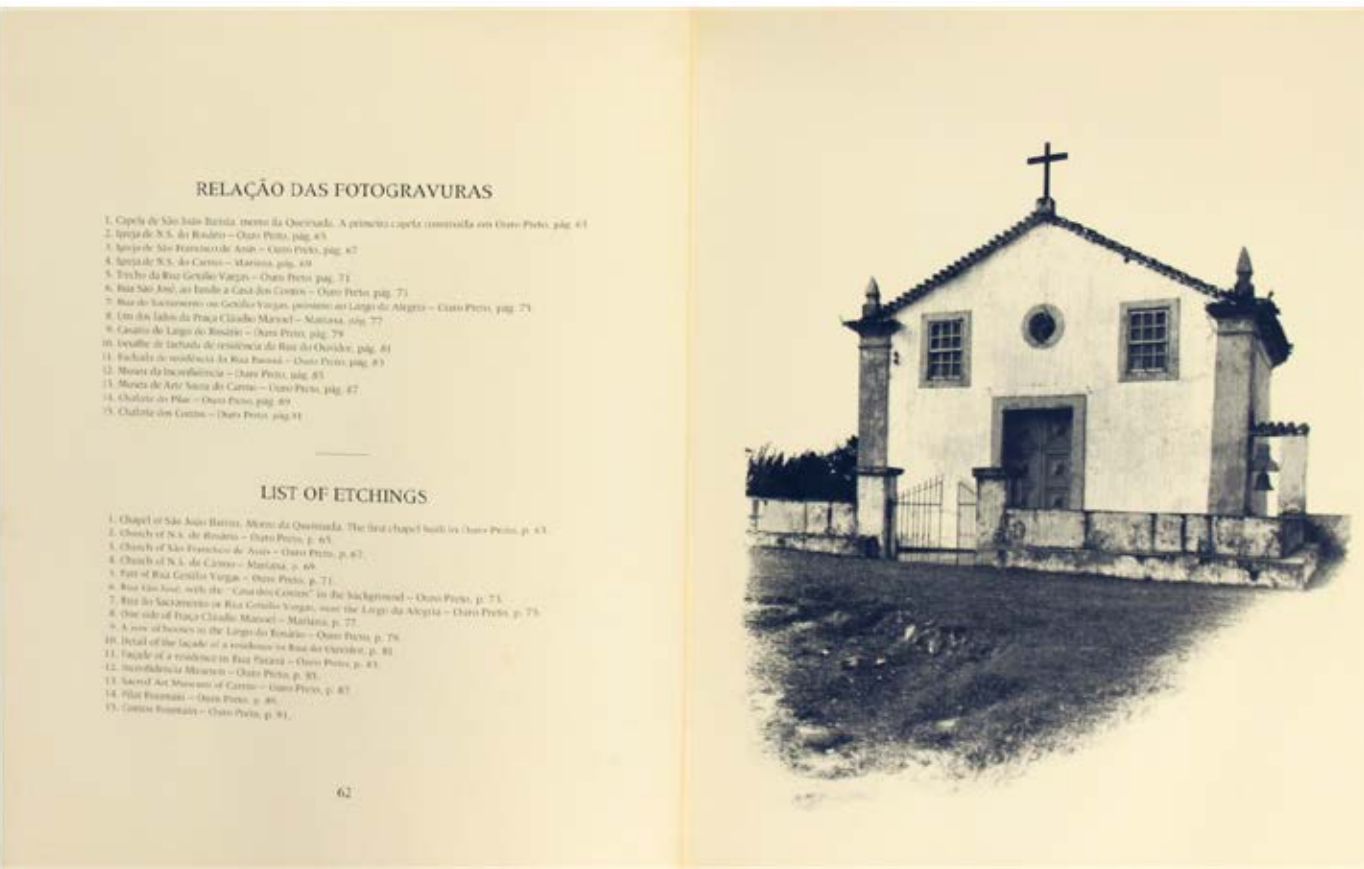
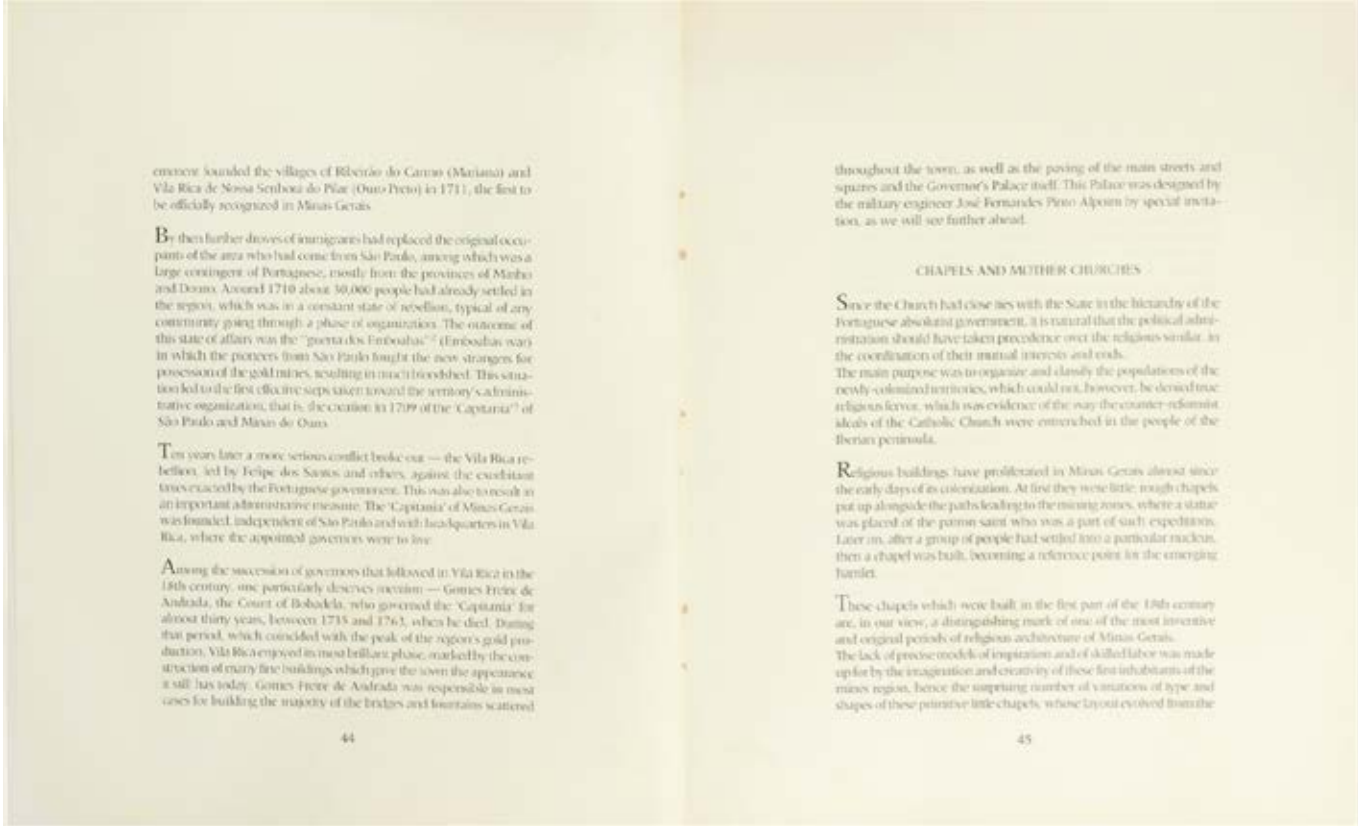
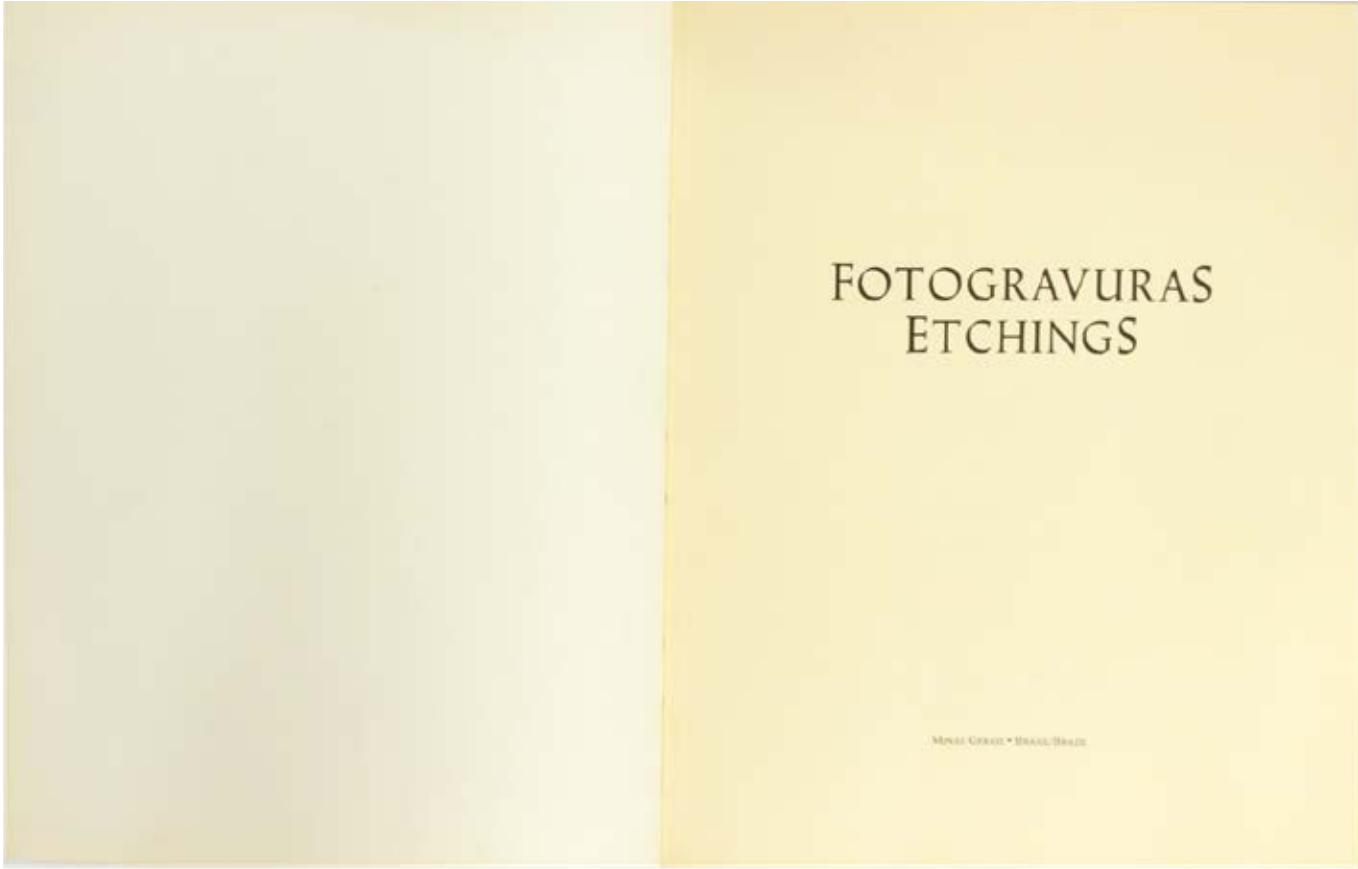
Vale do Jequitinhonha
Fernando Sabino

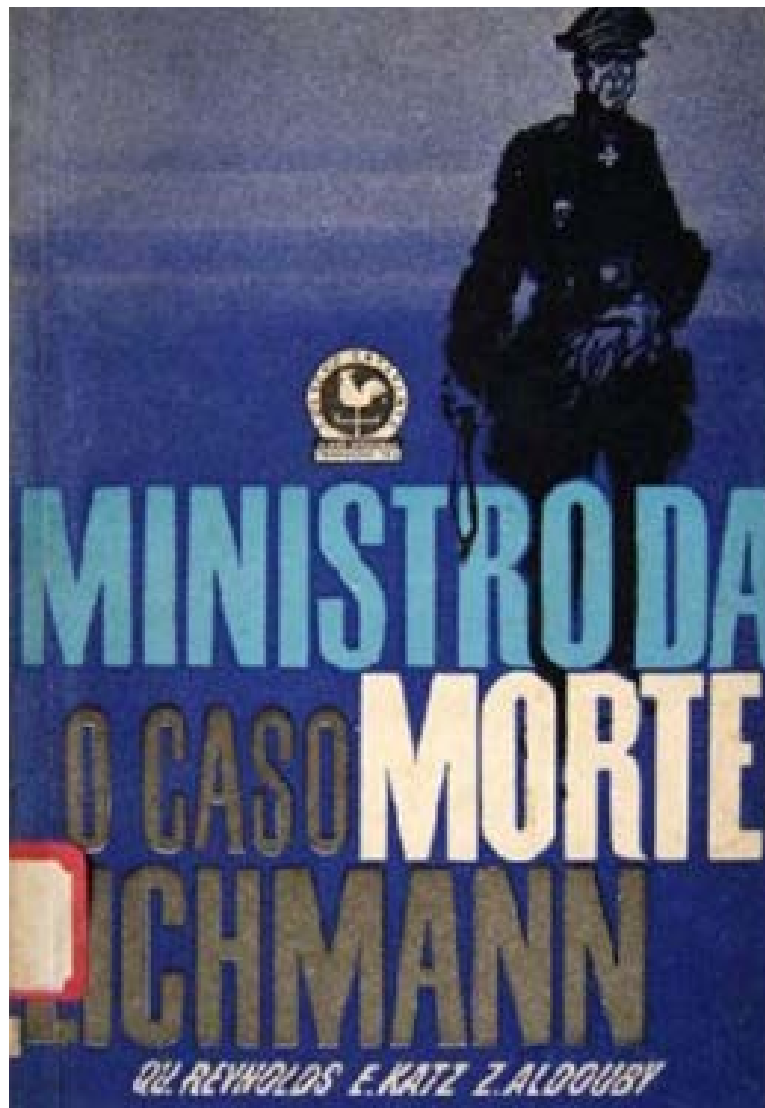
1984



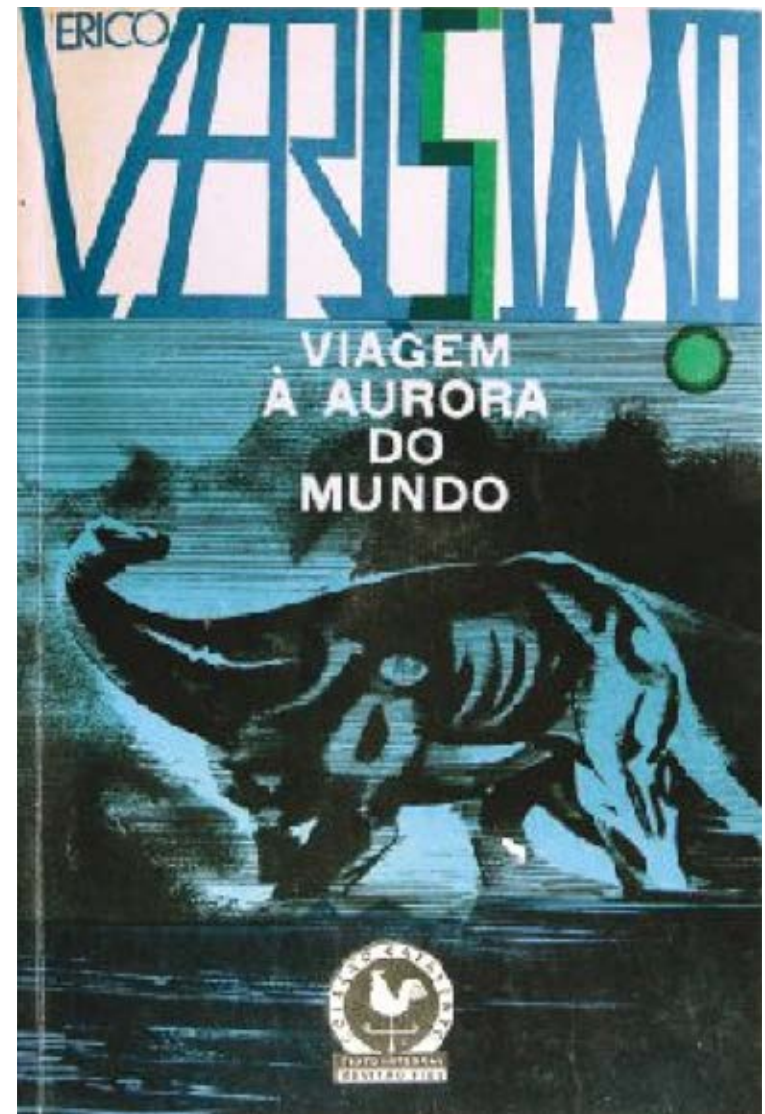




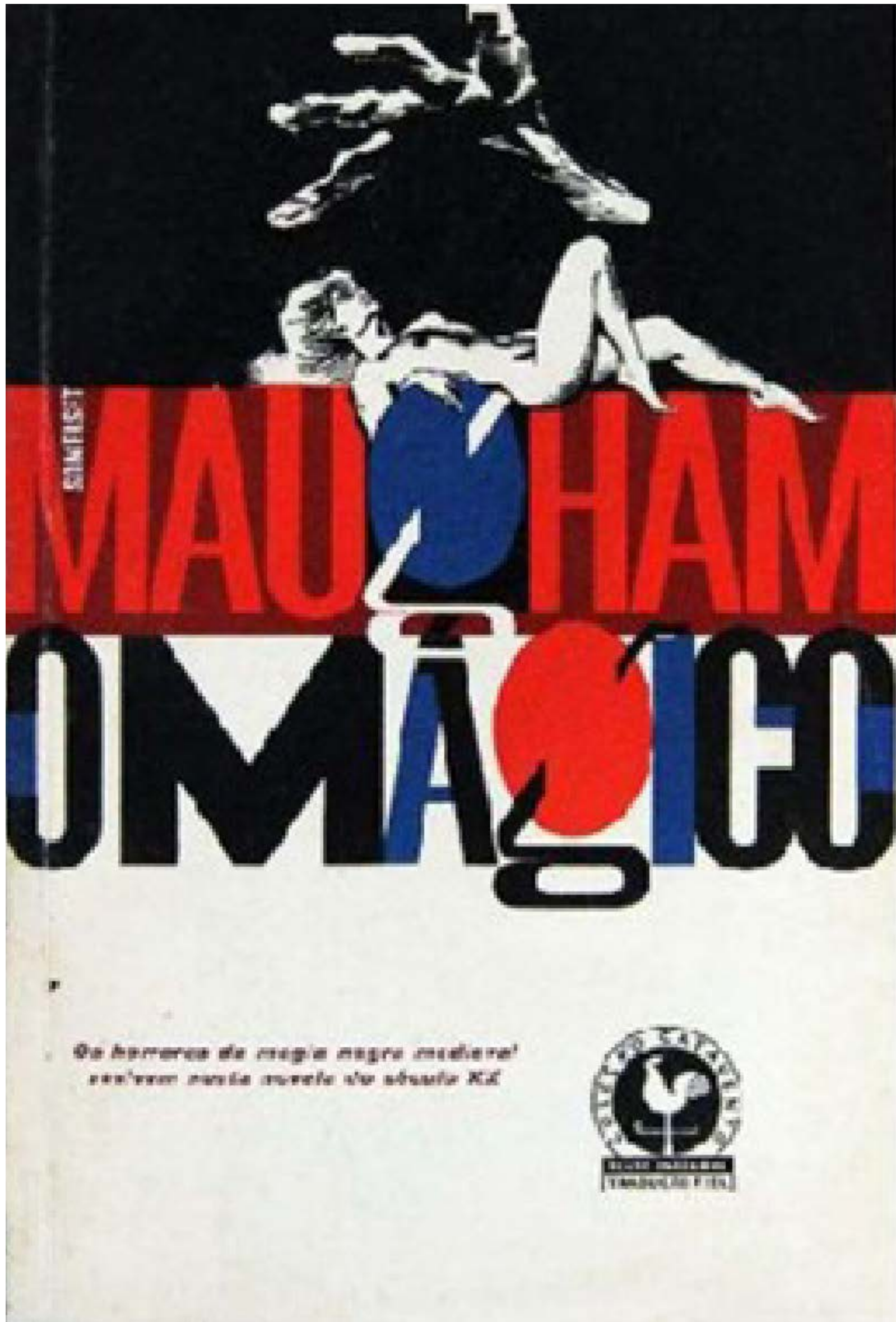




[1]



[2]



[3]

Editora Globo

[1]	Ministro da morte o caso Lichmann Qu. Reynolds E. Katz Z. Aldouby	1961
[2]	Viagem à aurora do mundo Erico Verissimo	1962
[3]	O mágico Somerset Maugham	1962

Editora
Globo



1963

O falcão maltês

Dashiell Hammett

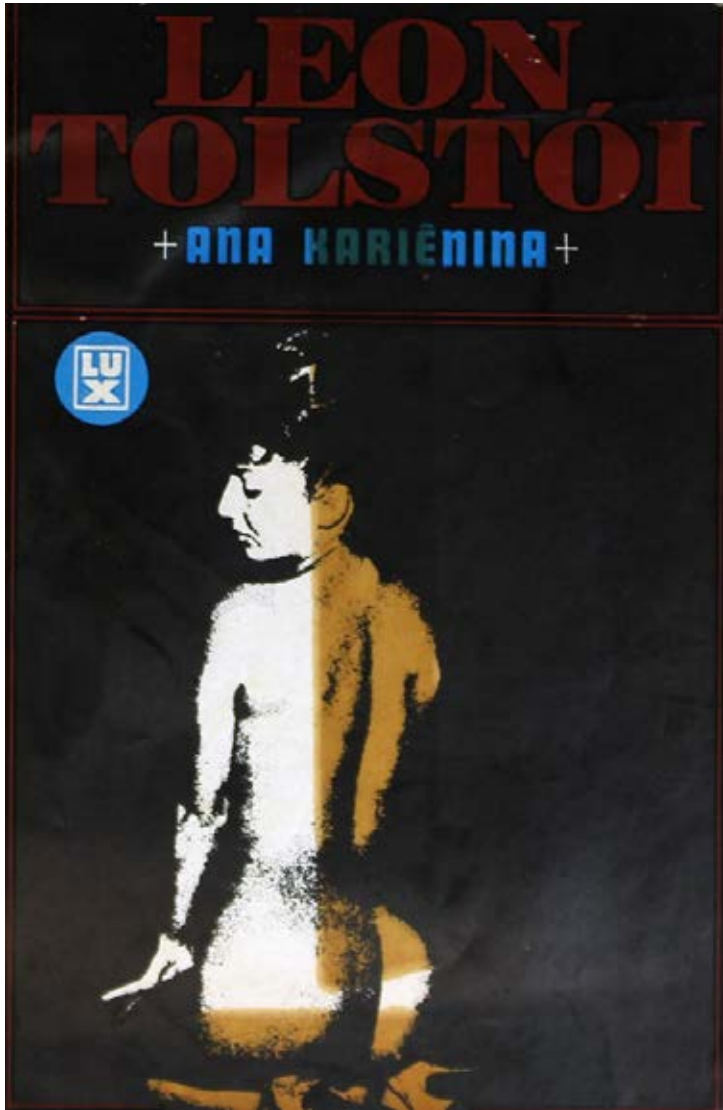
Editora Lux



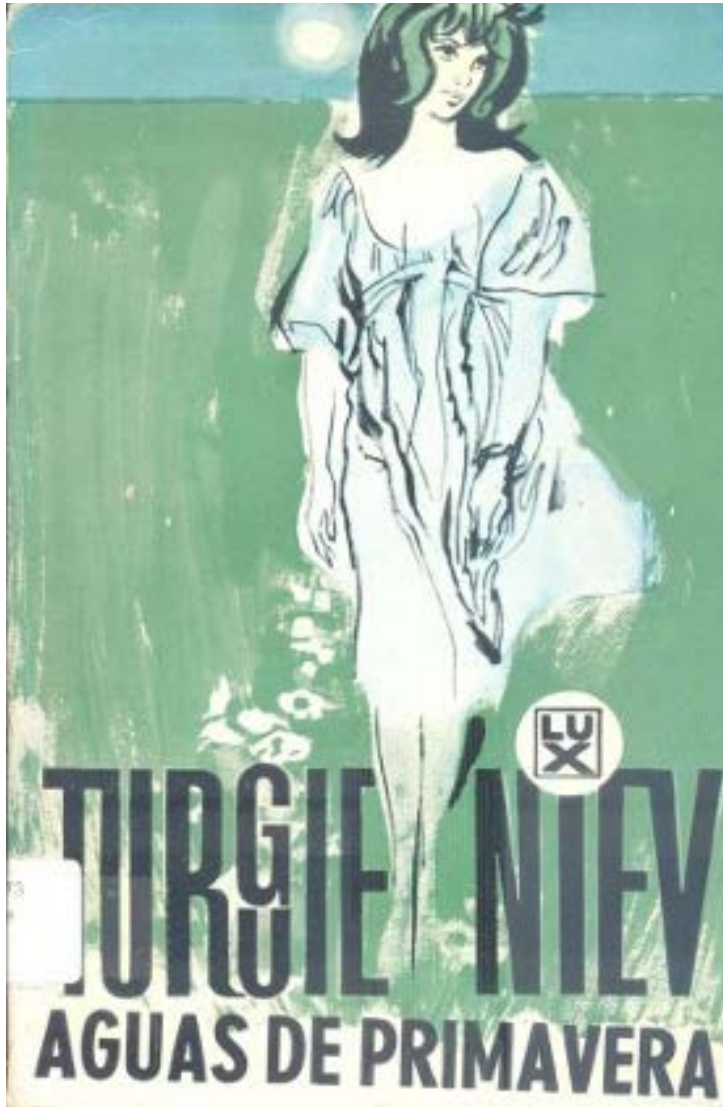
[1]



[2]



[3]



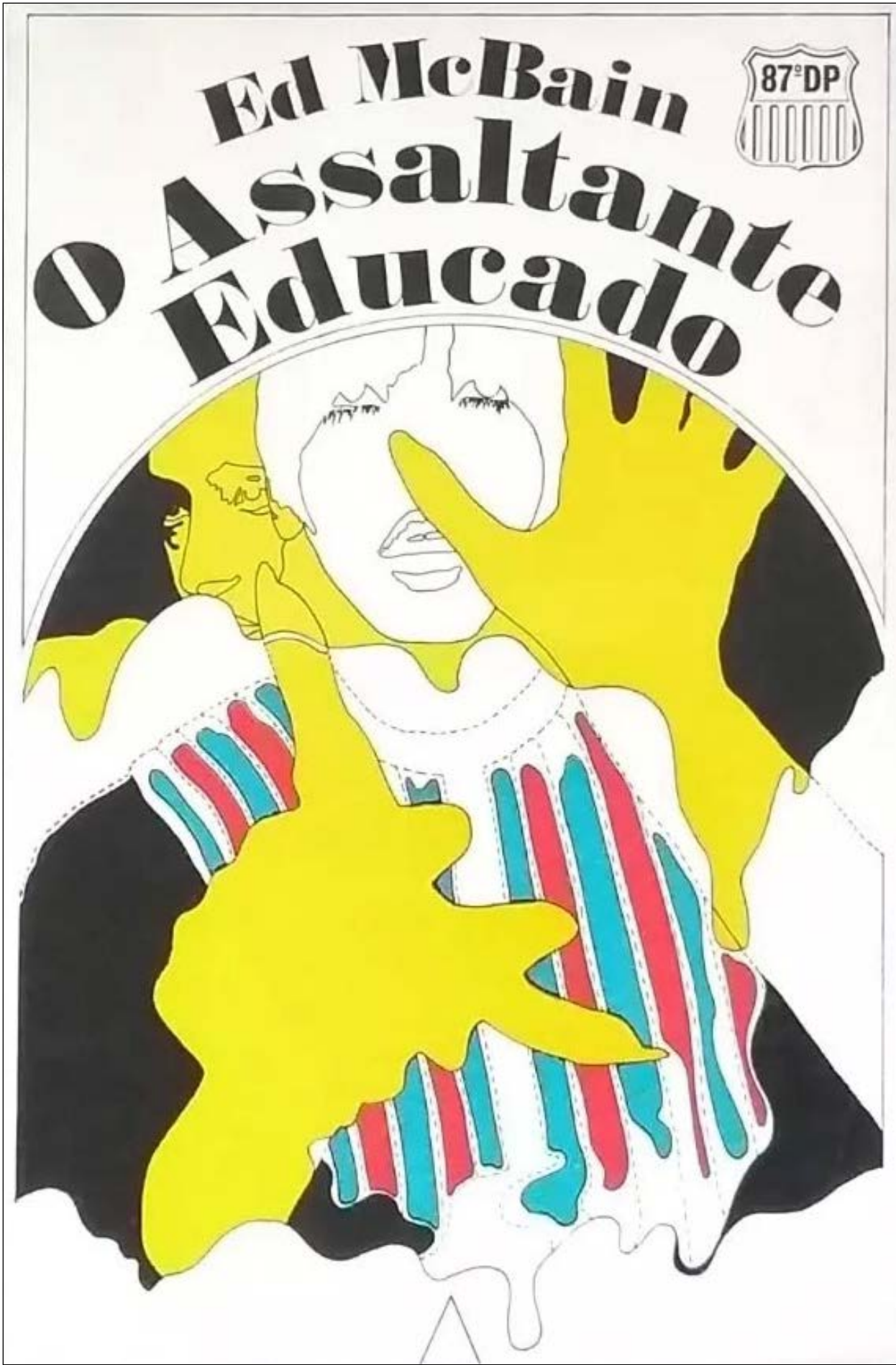
[4]

[1]	Grito da caatinga da terra Ciro de Carvalho Leite	1964
[2]	Rúdin Ivan Turgueniev	1962
[3]	Anna Kariênina Liev Tolstoi	1964
[4]	Águas de primavera Turgie Niev	

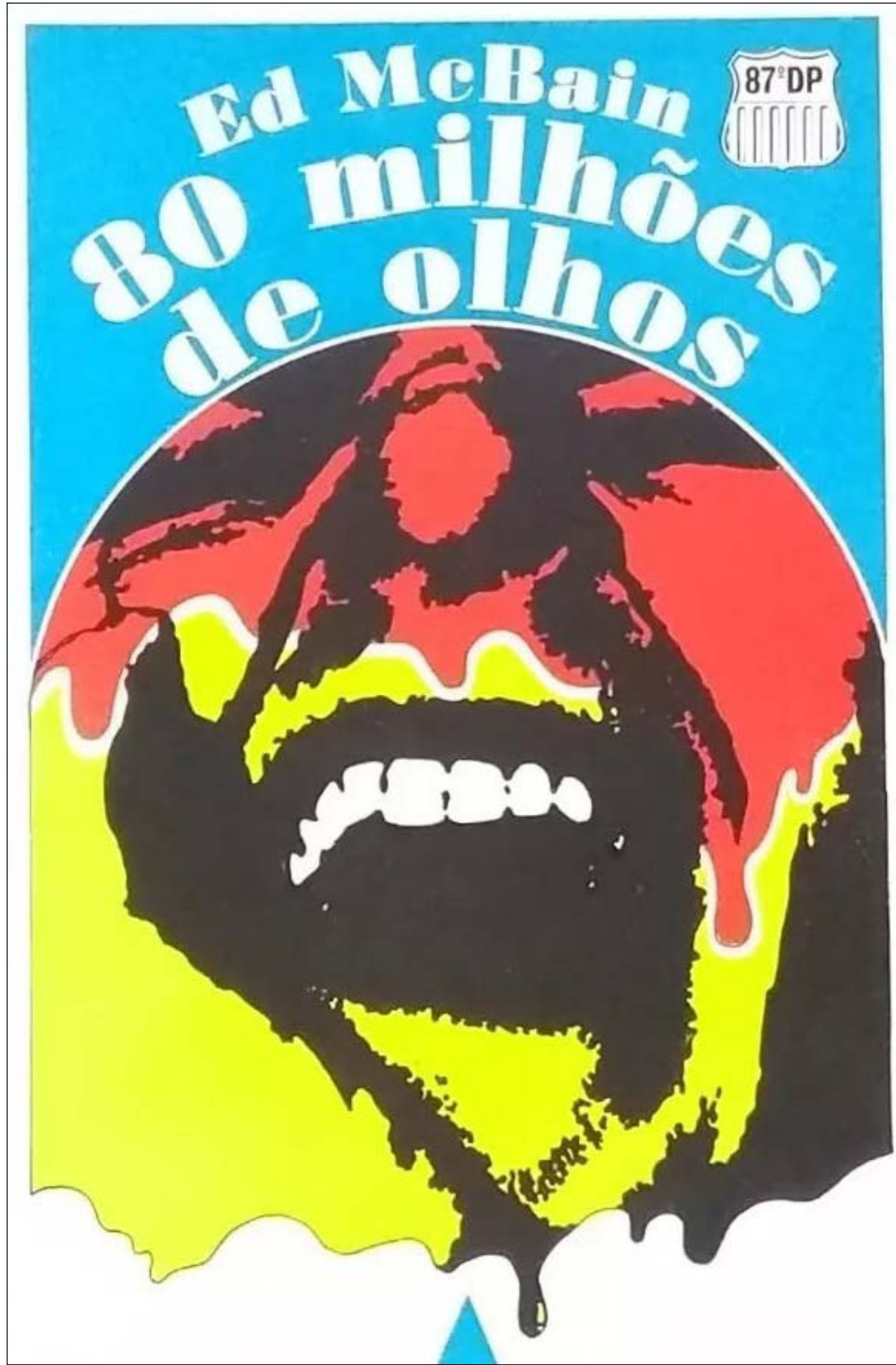
Editora Nova Fronteira

[1]	O assaltante educado Ed McBain	1965
[2]	80 milhões de olhos Ed McBain	1968

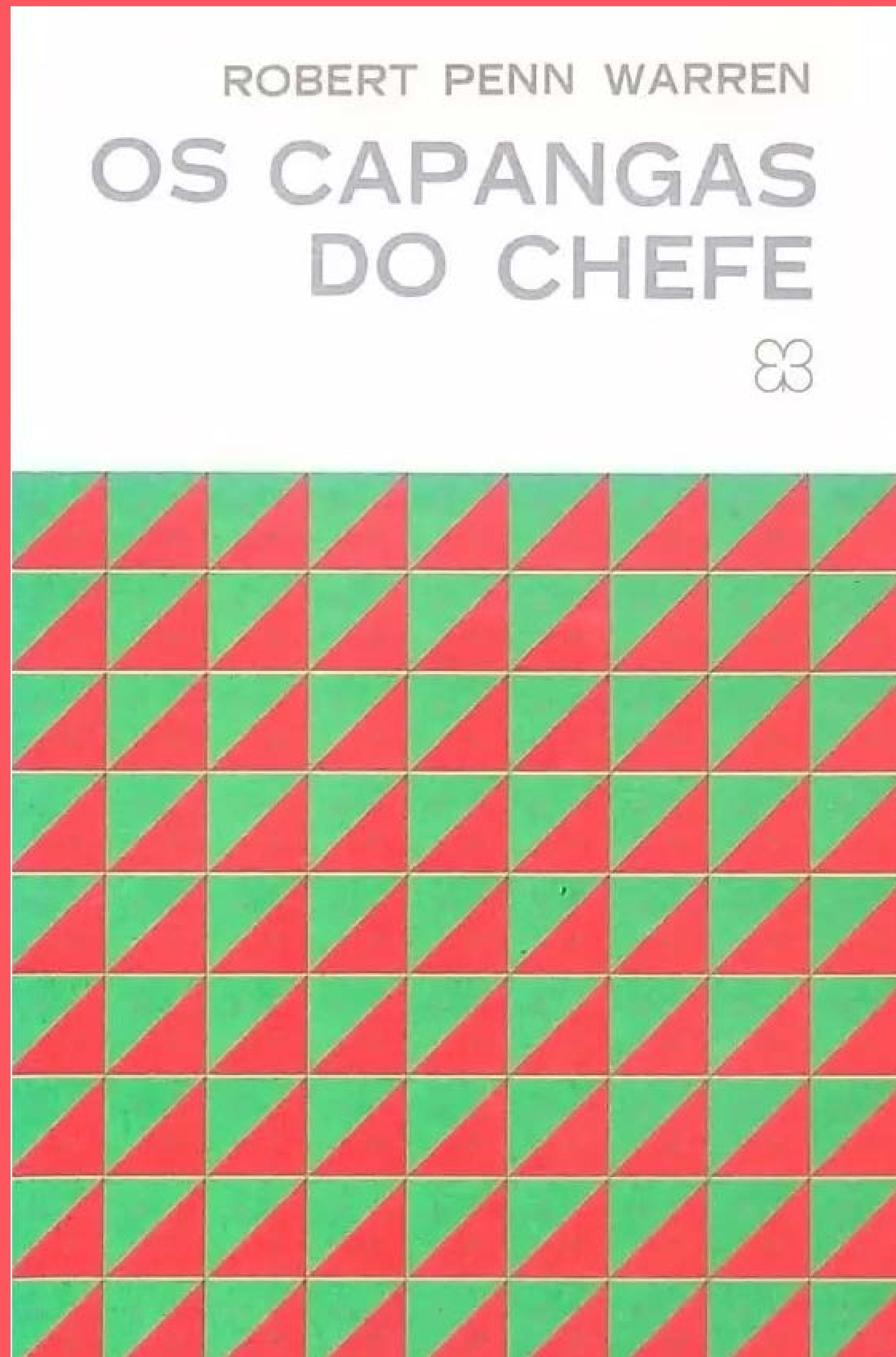
[1]



[2]



Editora Bloch



1968

Os capangas do chefe
Robert Penn Warren



[1]



[3]

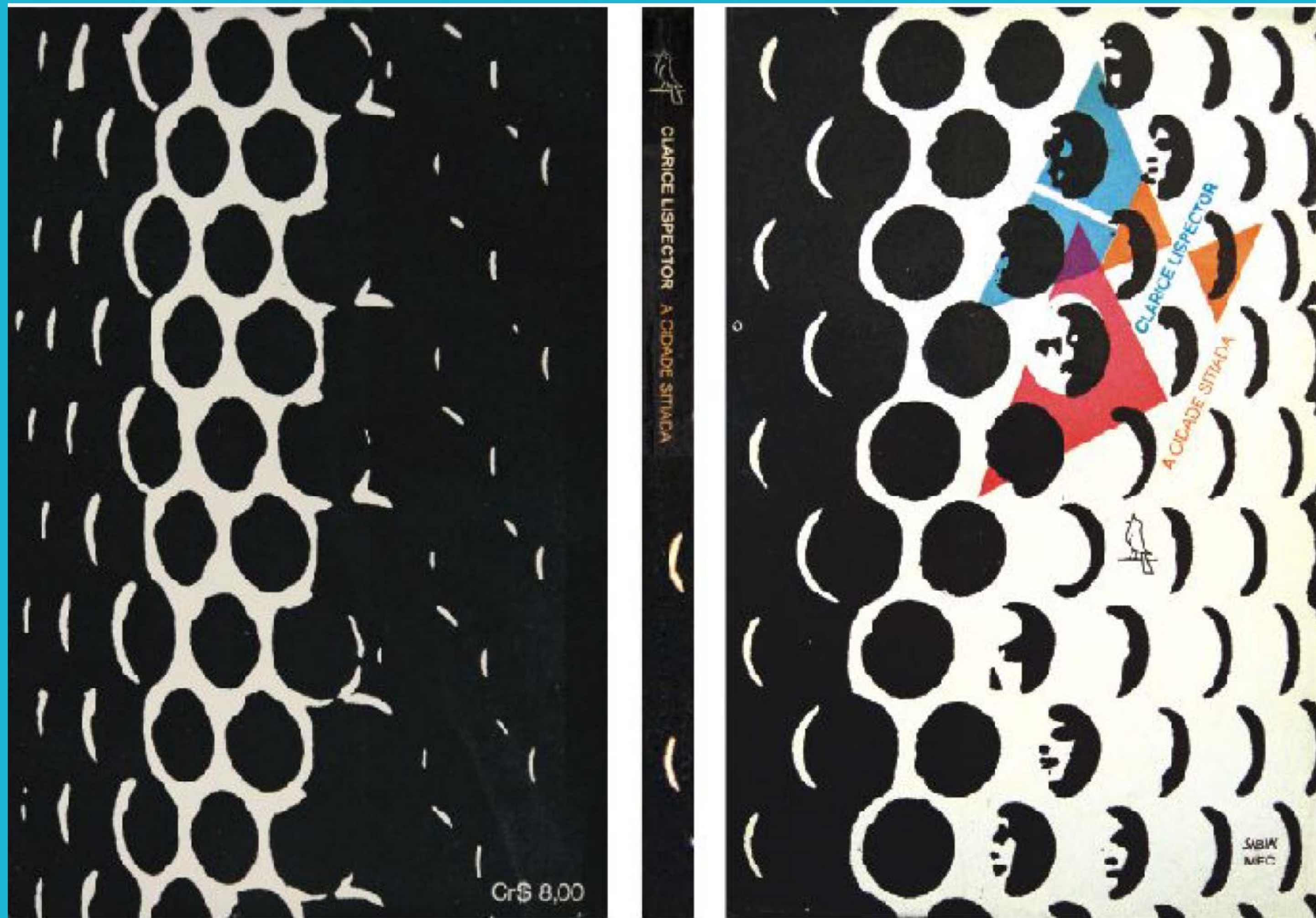


[2]

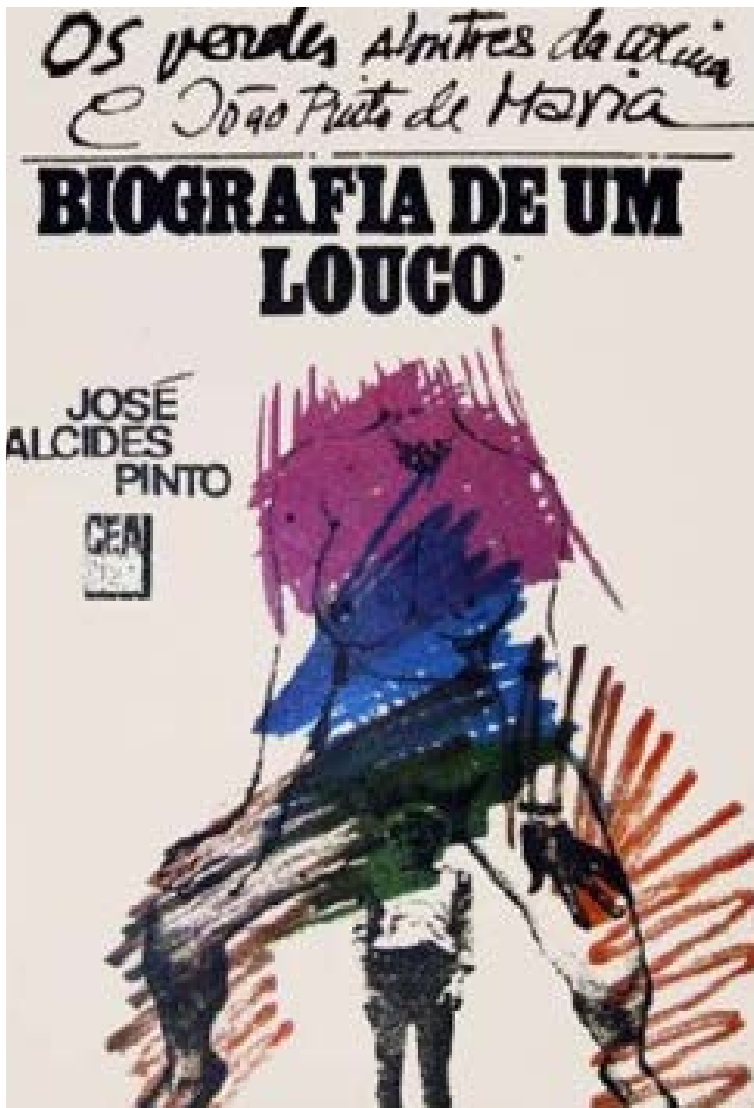
Editora Sabiá

[1]	O retrato na gaveta Otto Lara Resende	1969
[2]	O homem sintético Theodore Sturgeon	1971
[3]	O homem macaco Oswaldo França Jr	1974

Reprodução Julio Cesar Giacomelli Nogueira, 2009.
(quarta-capa, lombada e capa)



1972
A cidade sitiada
Clarice Lispector



[1]



[2]



[3]

Companhia Editora Americana

[1]	Biografia de um louco Jose Alcides Pinto	1974
[2]	Projeto para uma revolução em Nova-Iorque Alain Robbe-Grillet	1975
[3]	Boy Chistine de Rivoire	1975

Editora Francisco Alves

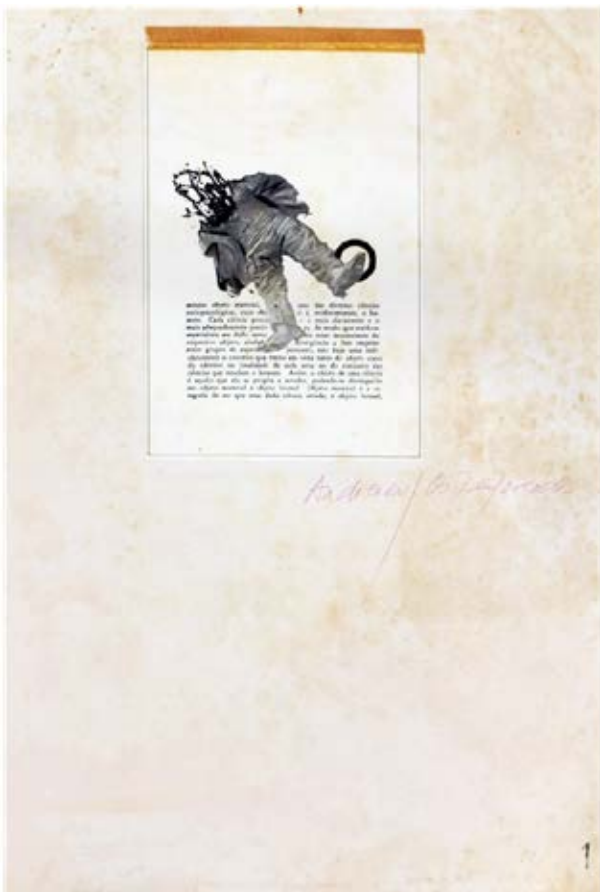
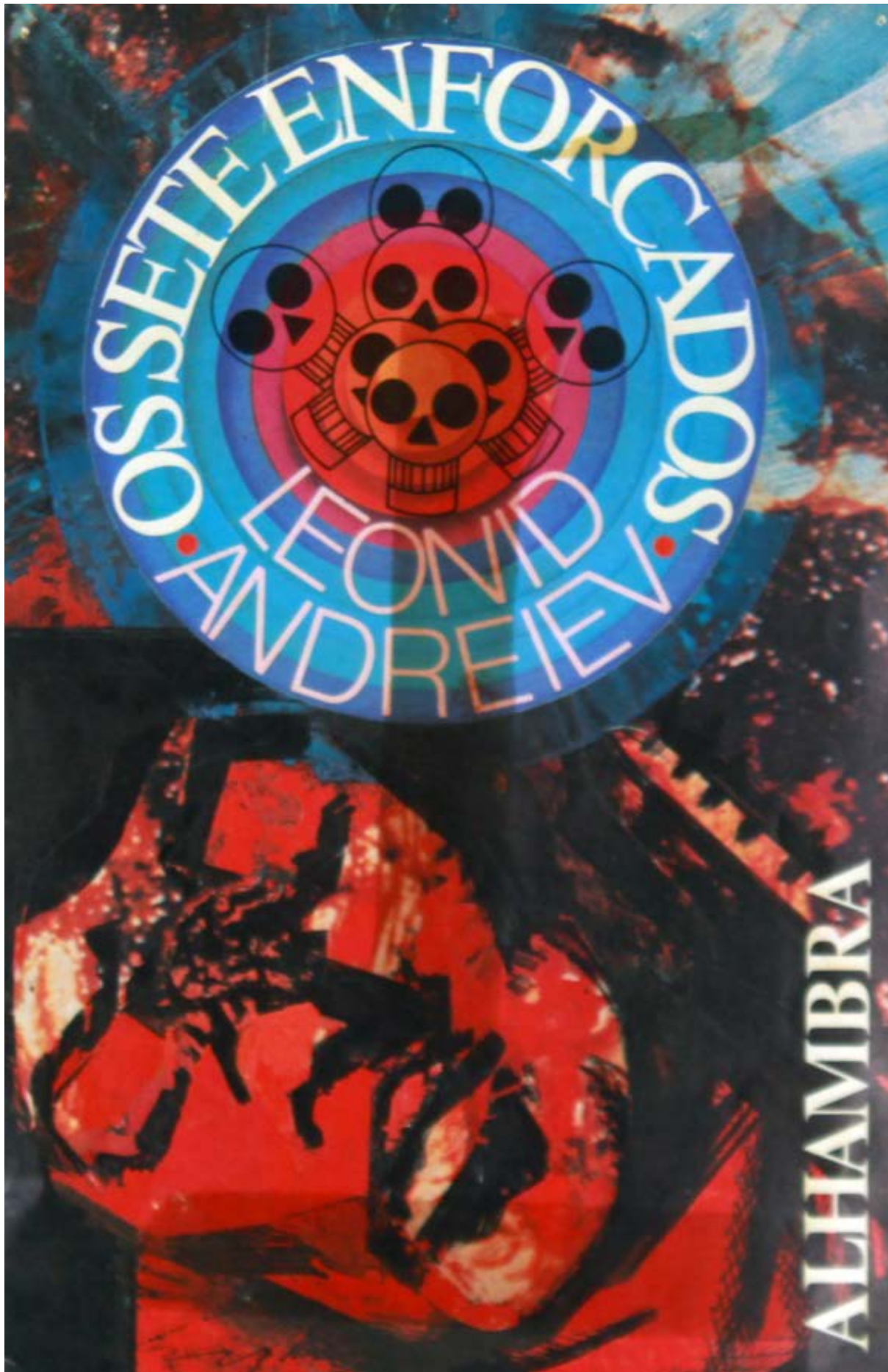
[1]	Todos os homens do presidente Carl Bernstein e Bob Woodward	1976
[2]	Os meninos do Brasil Ira Levin	1976

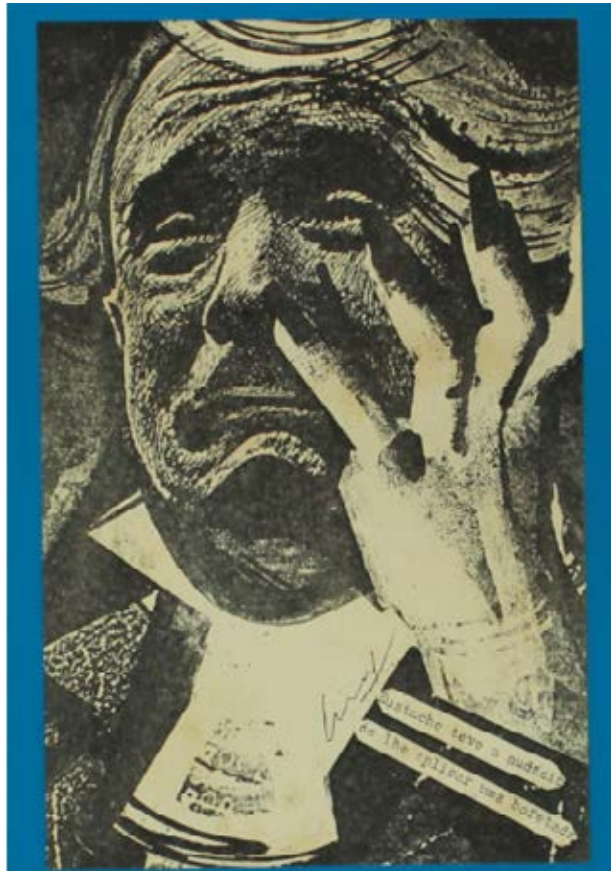
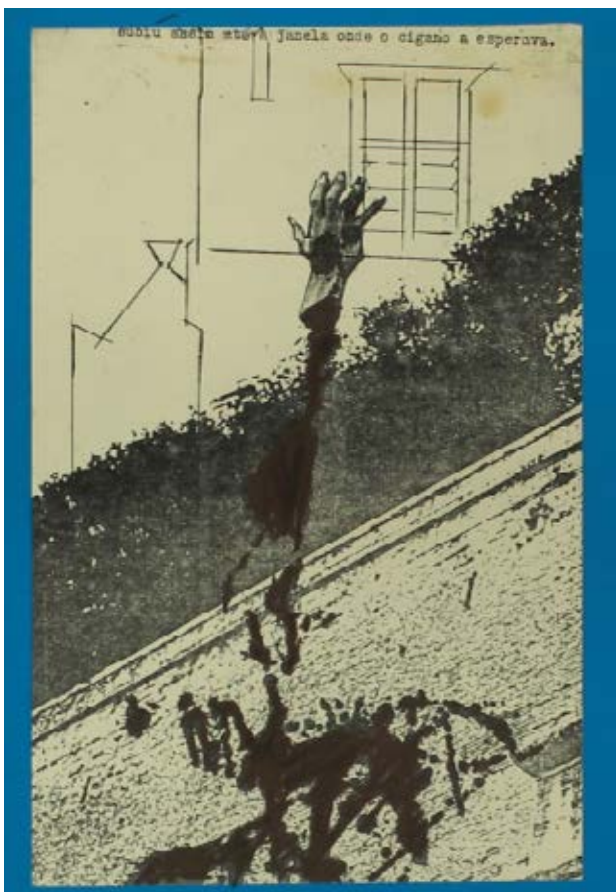
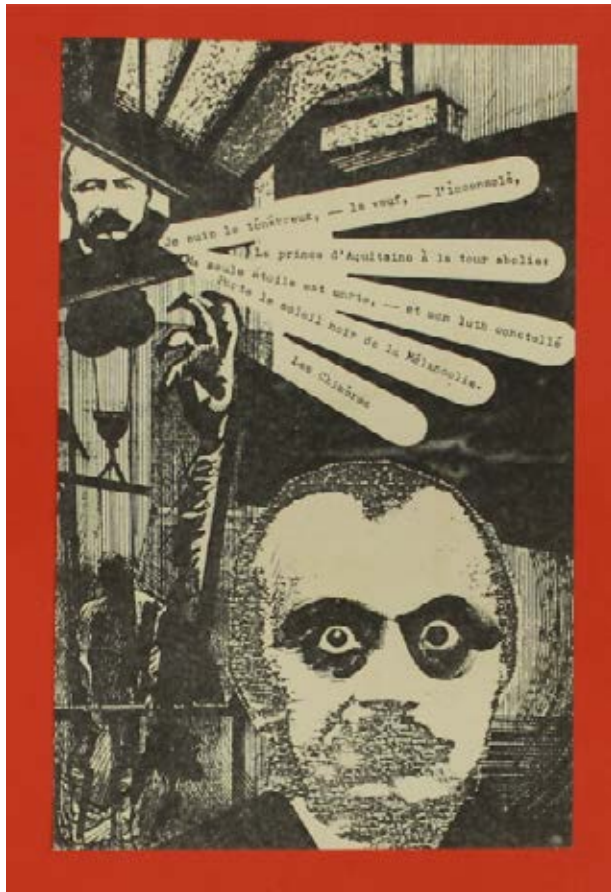
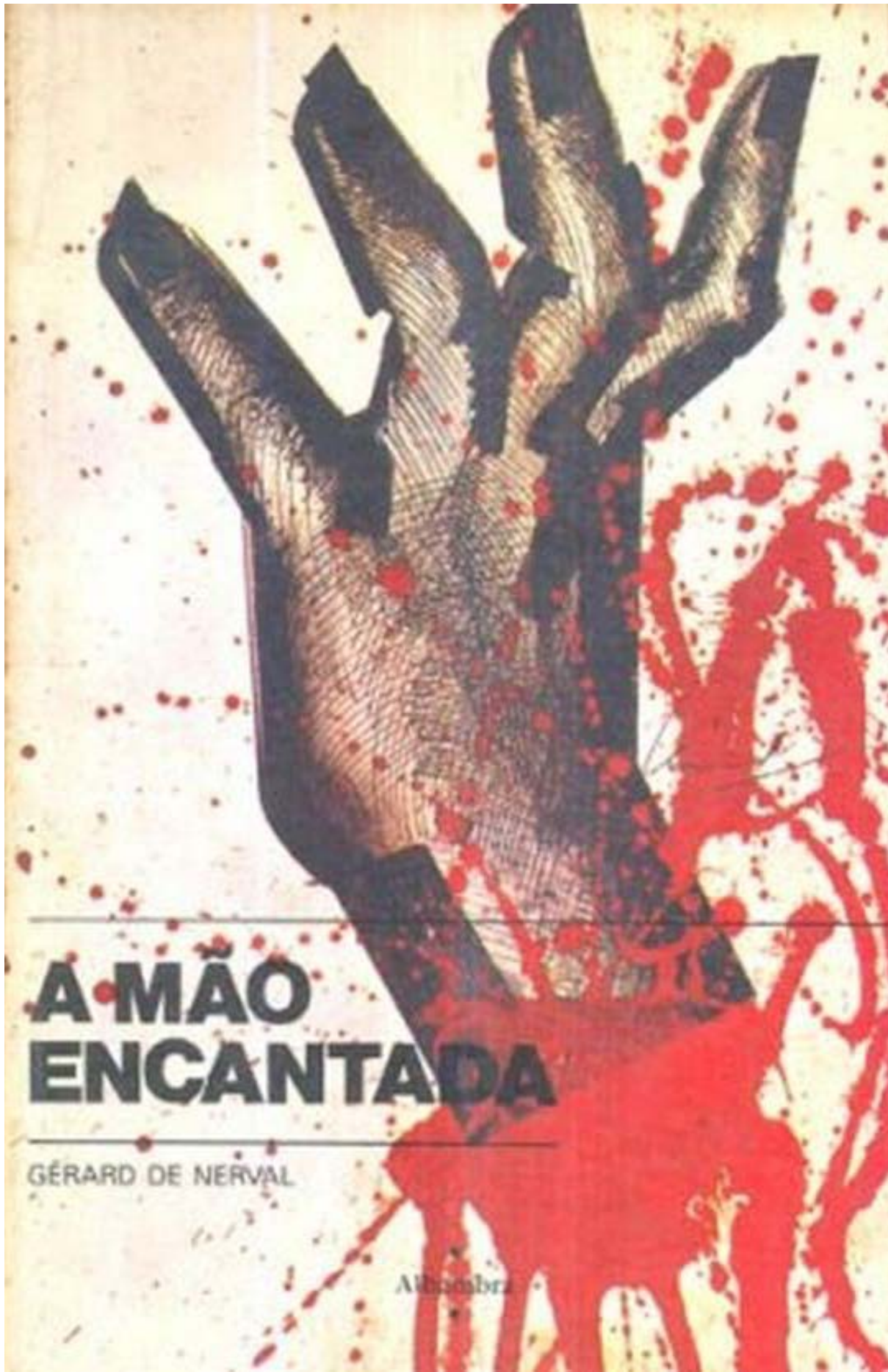
[1]

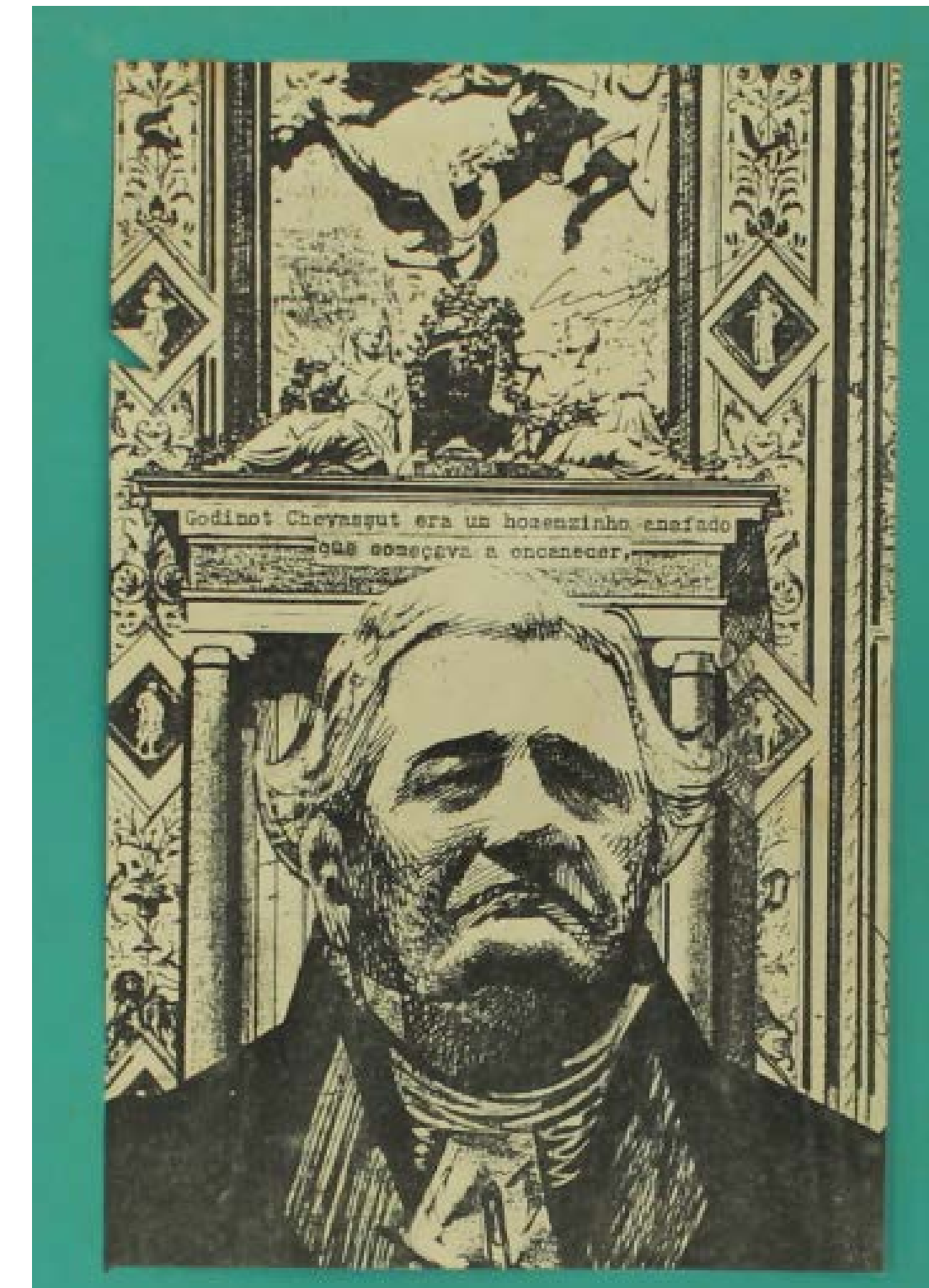
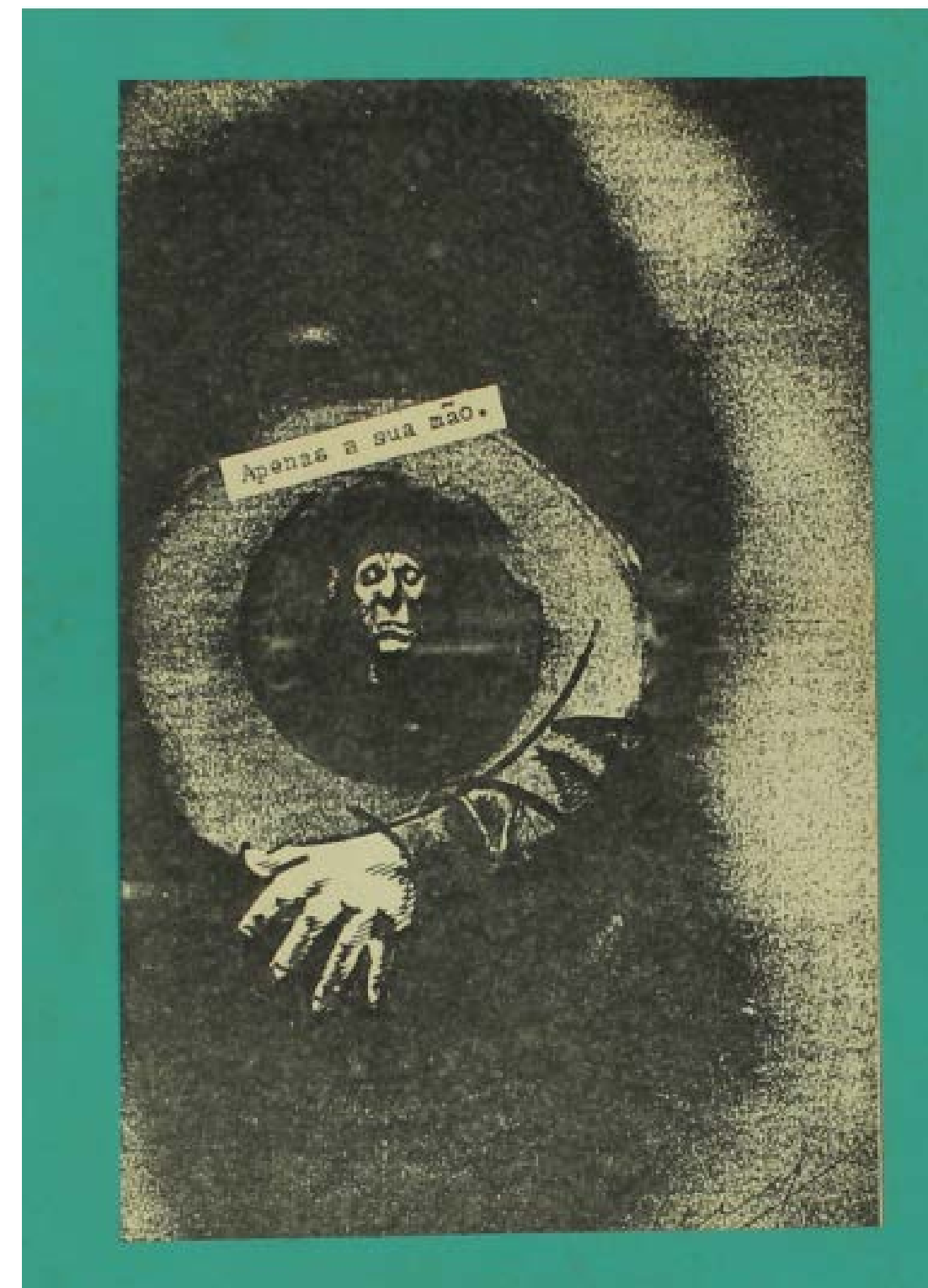
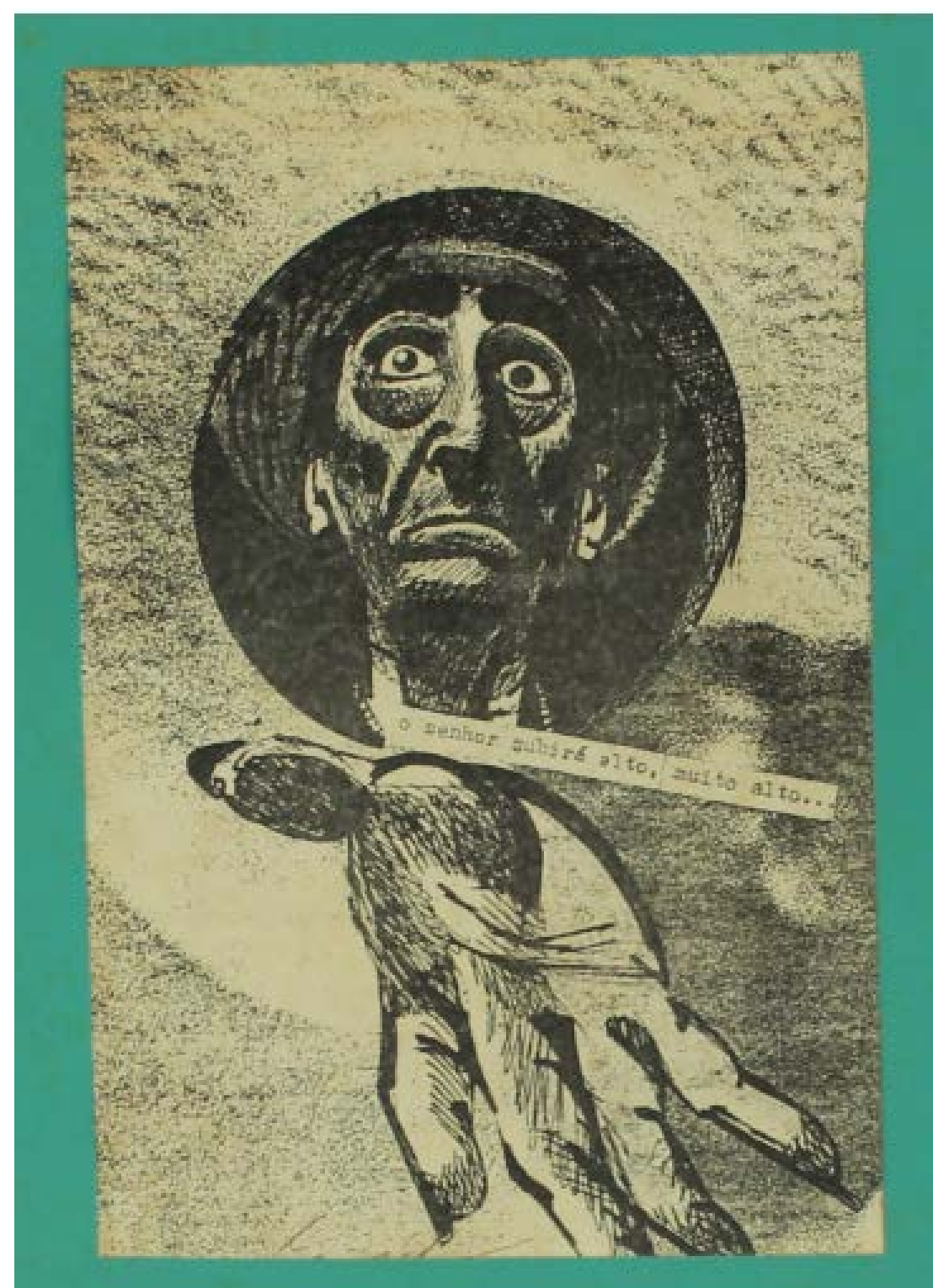


[2]





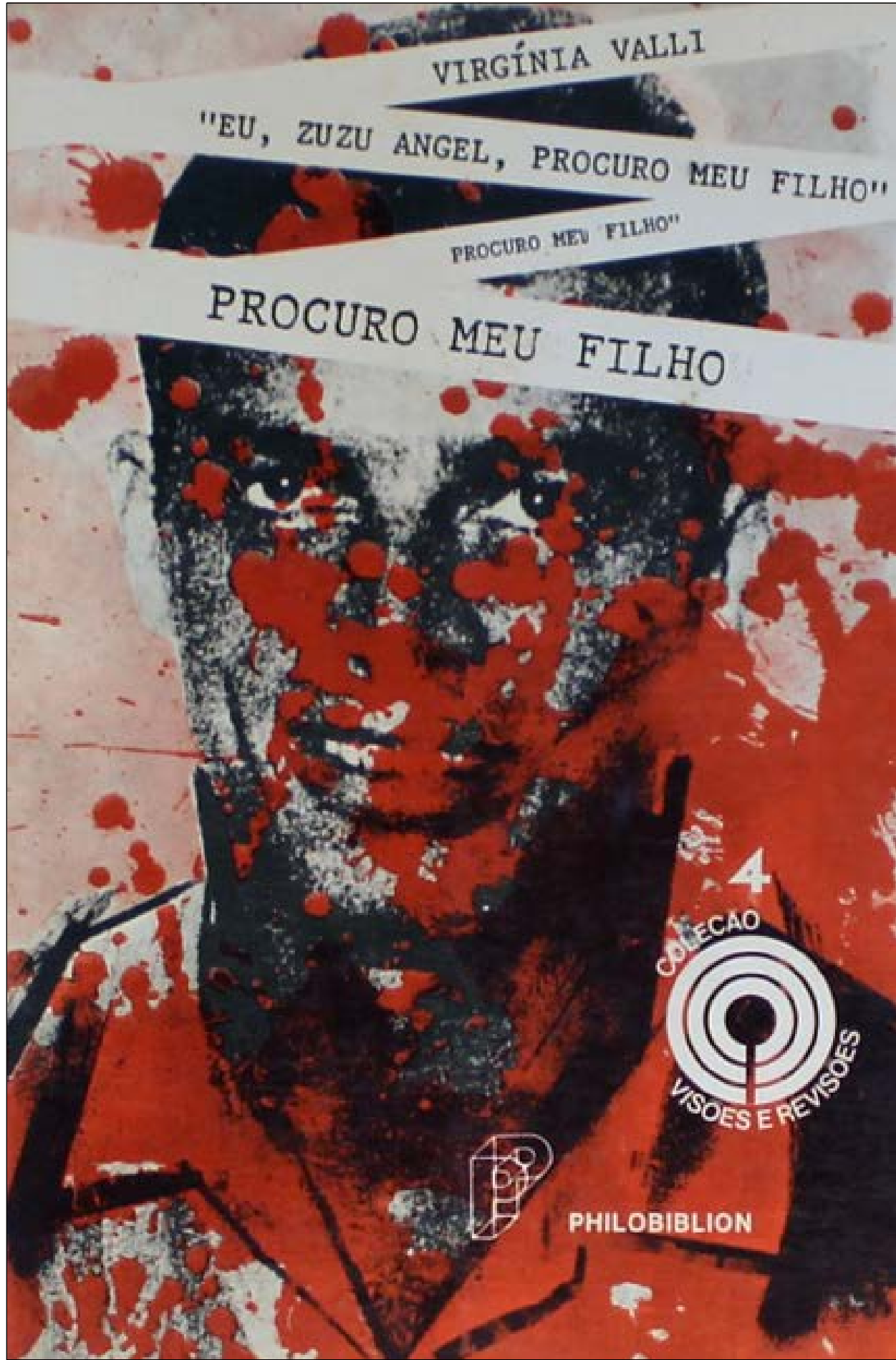




Editora Philobiblion

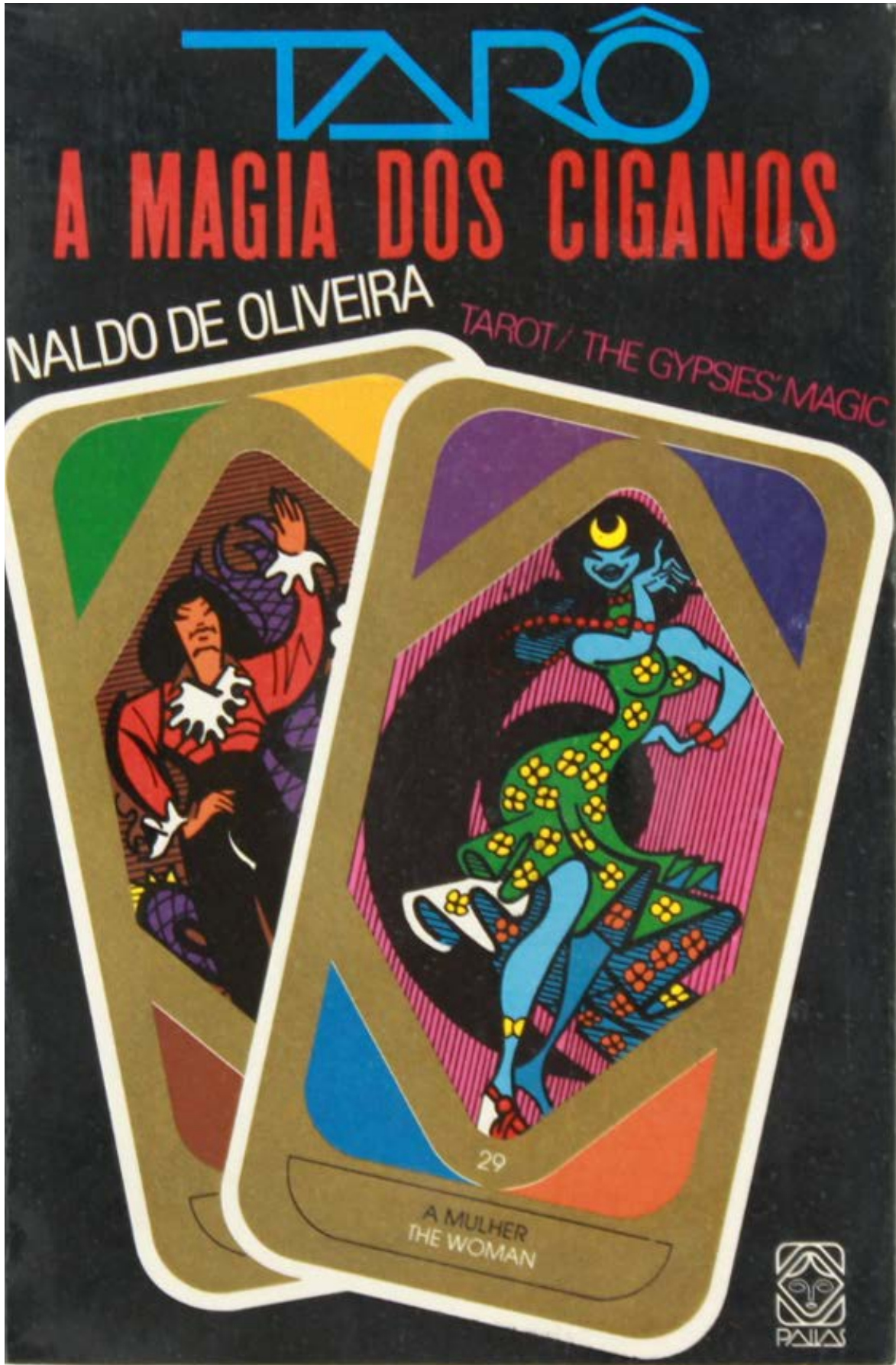
[1]	Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho Virginia Valli	1986
[2]	Sonogoro Consogo e outros poemas Nicolás Guillén	1986

[1]



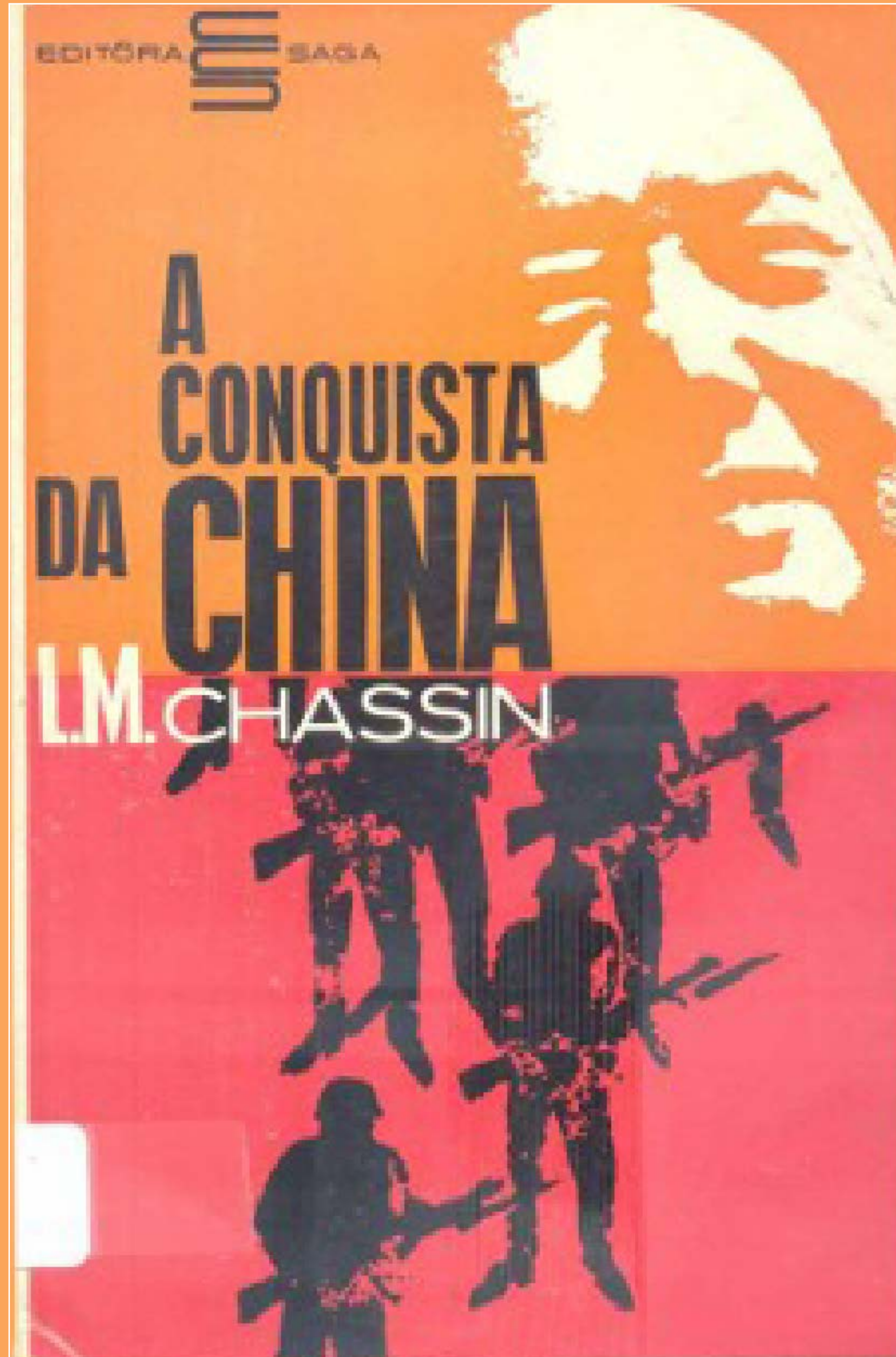
[2]







Editora Saga

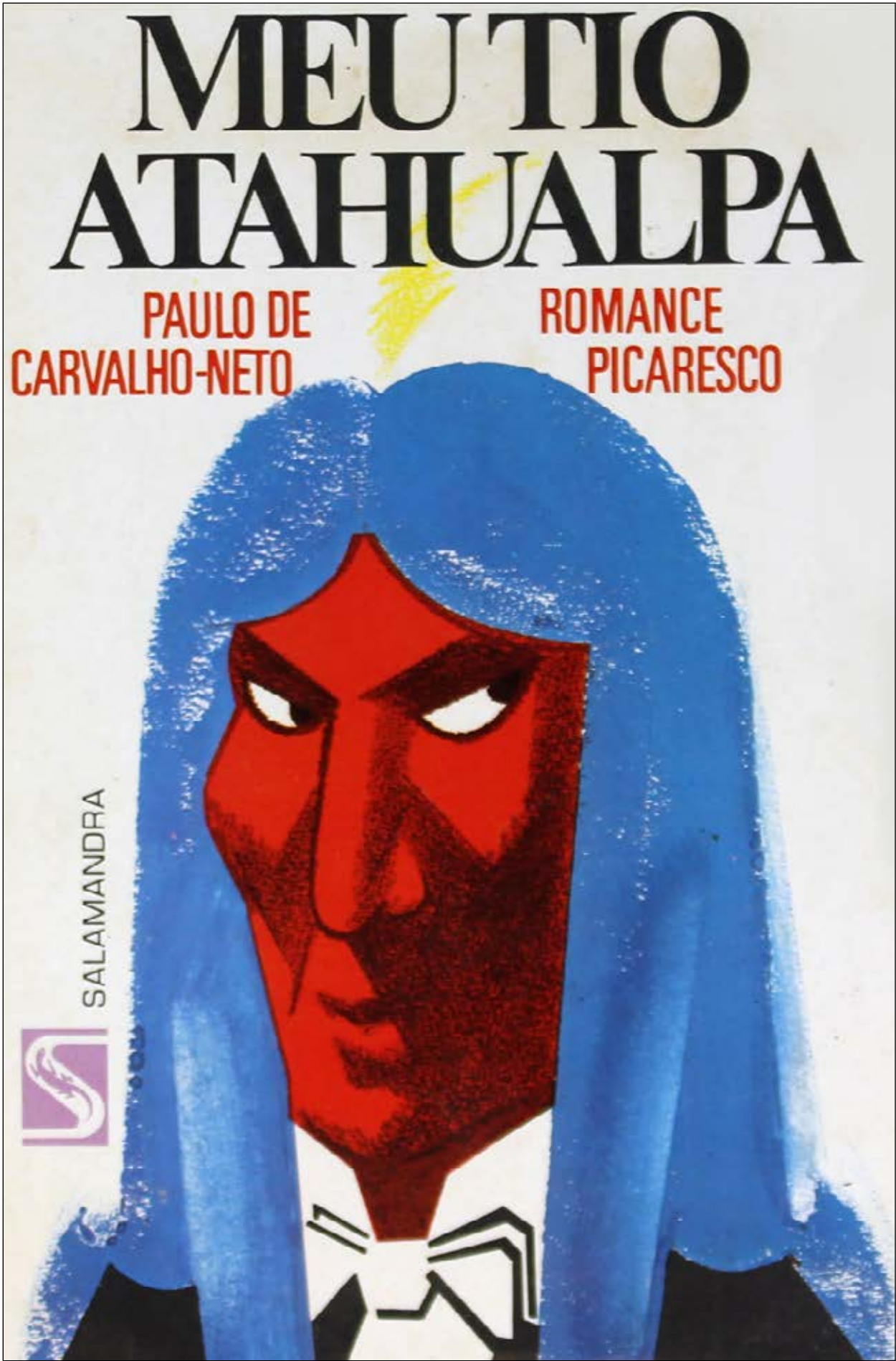


1995
A conquista da China
LM. Chassin

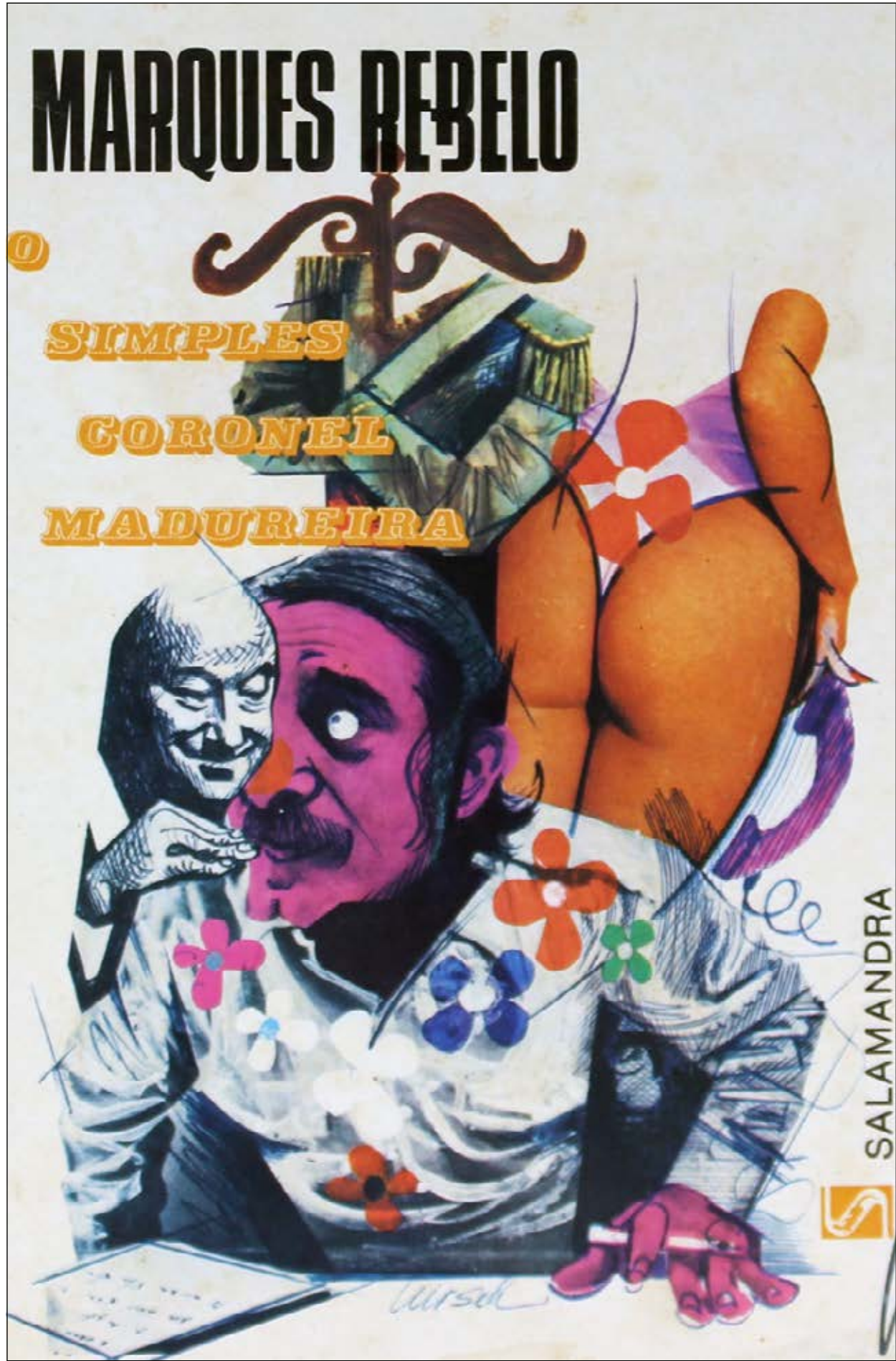
Editora Salamandra

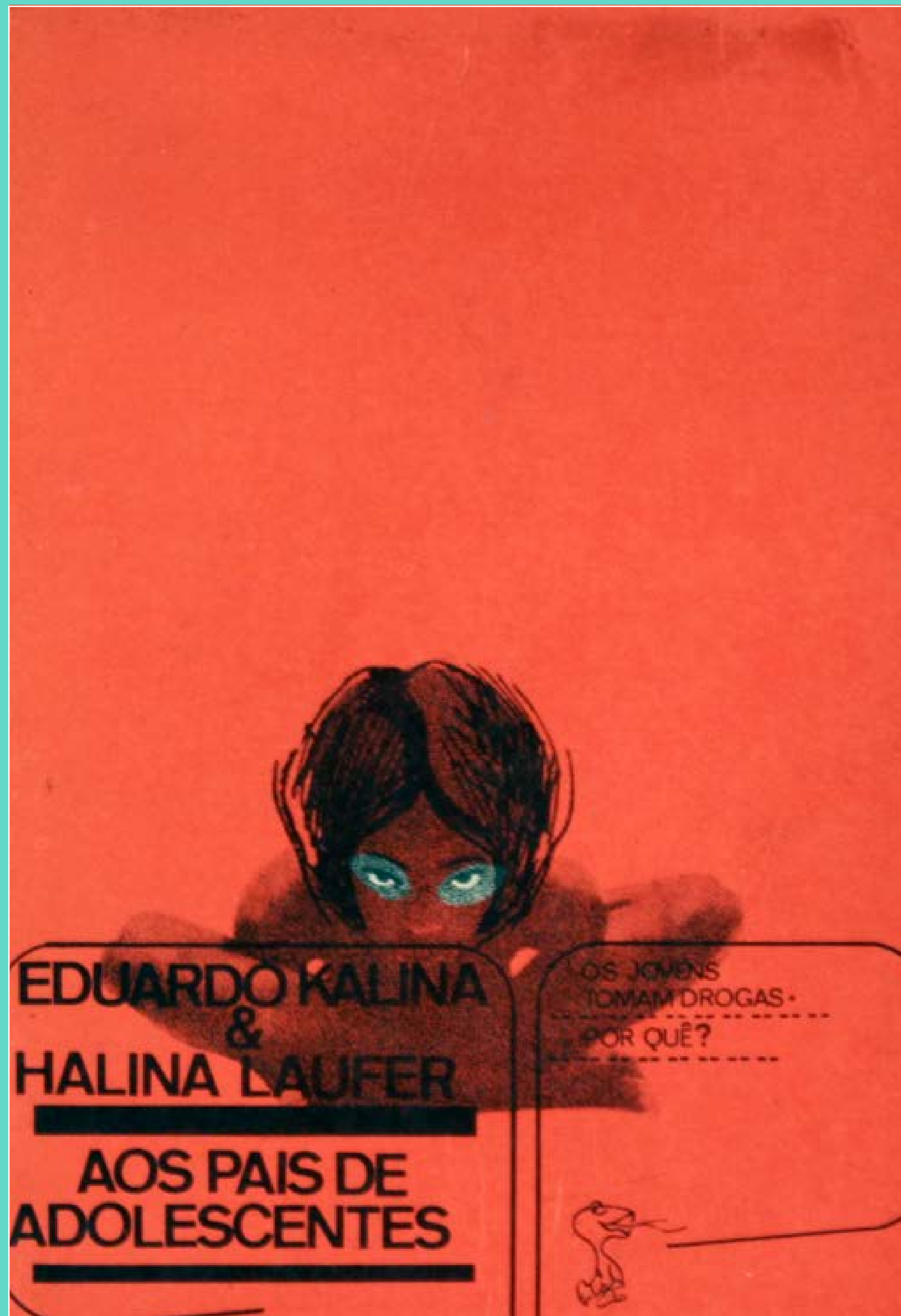
[1]	Meu tio Atahualpa Paulo de Carvalho Neto	1978
[2]	O simples coronel Madureira Marques Rebelo	1969

[1]

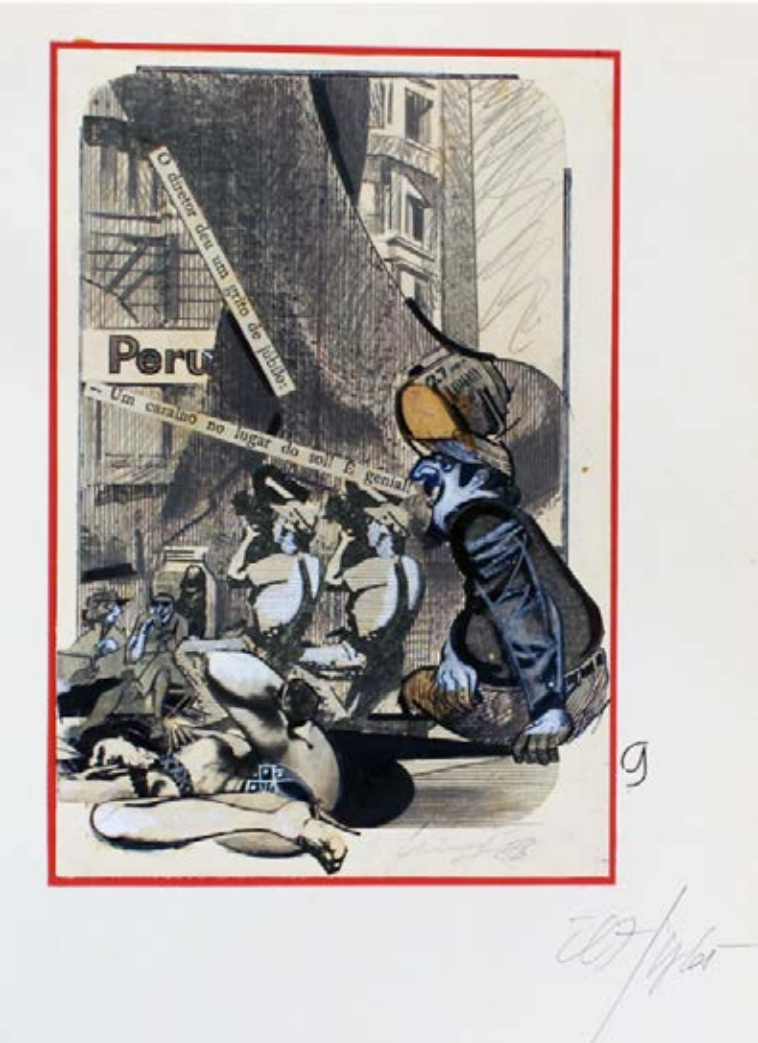
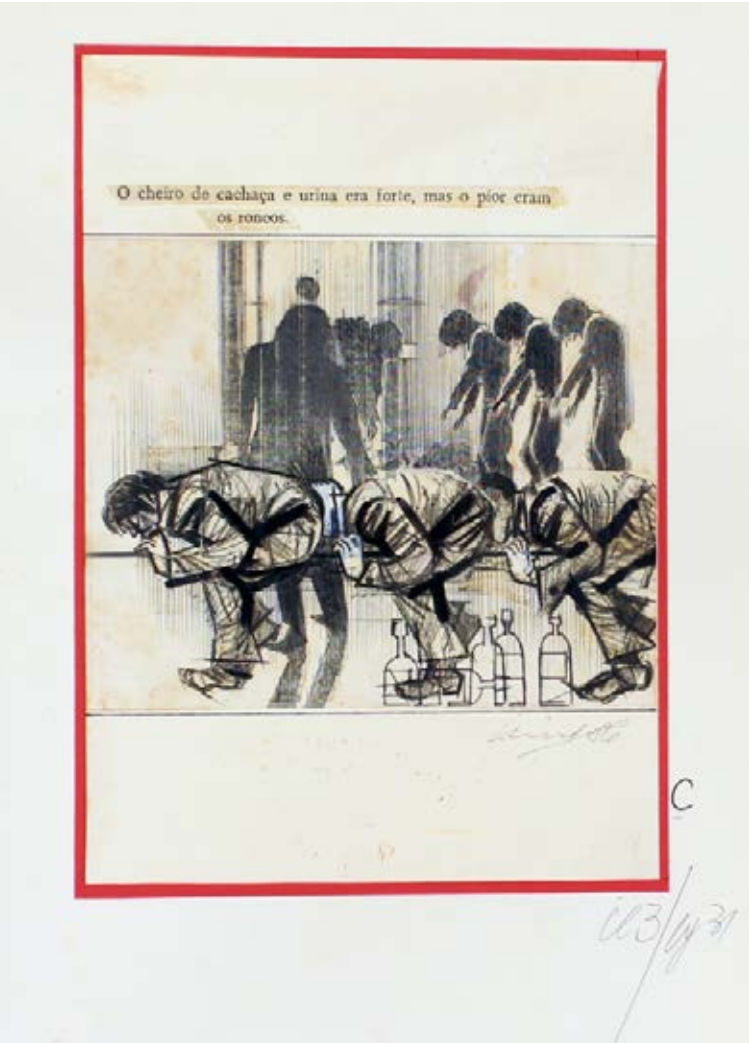


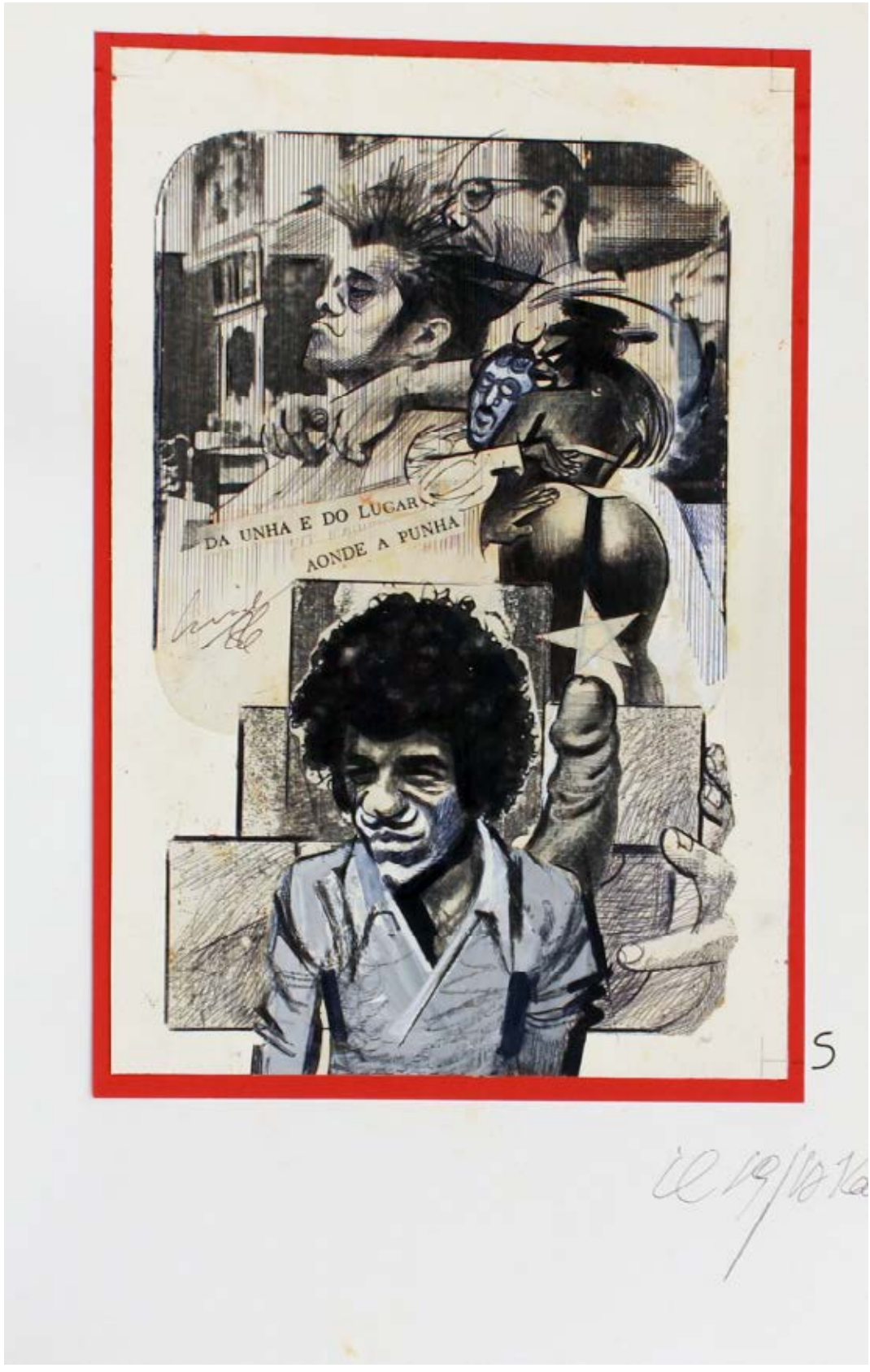
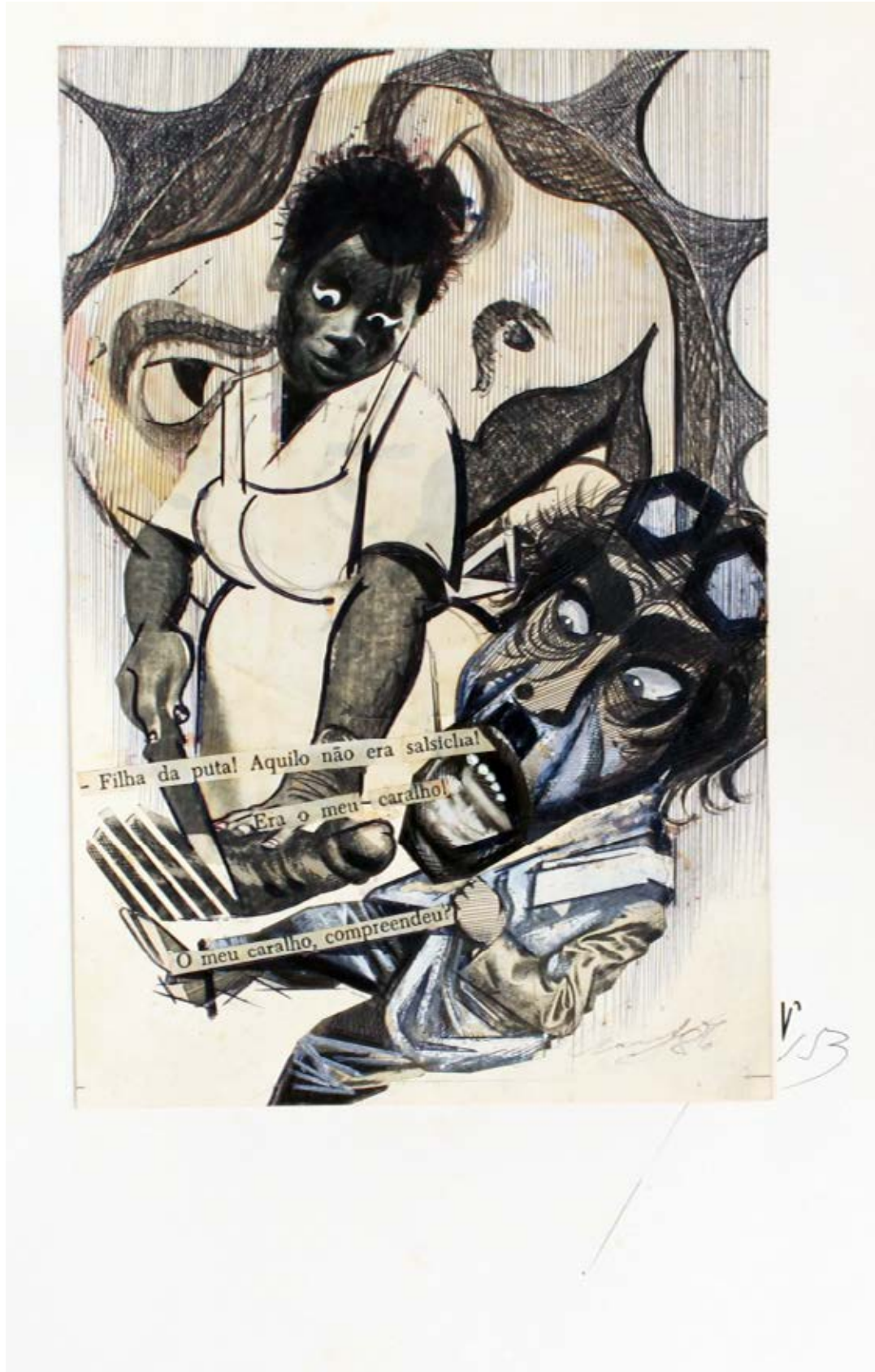
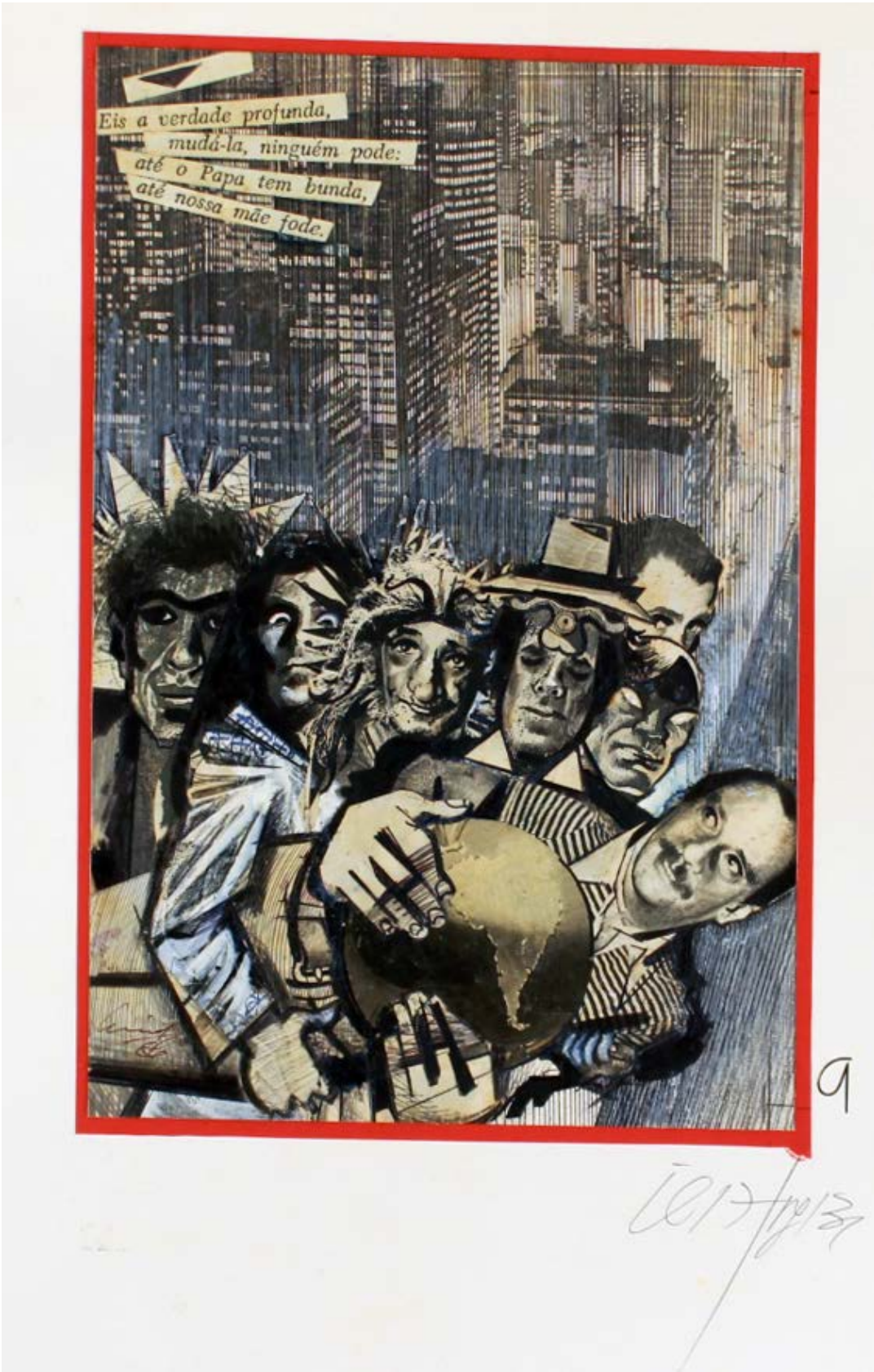
[2]

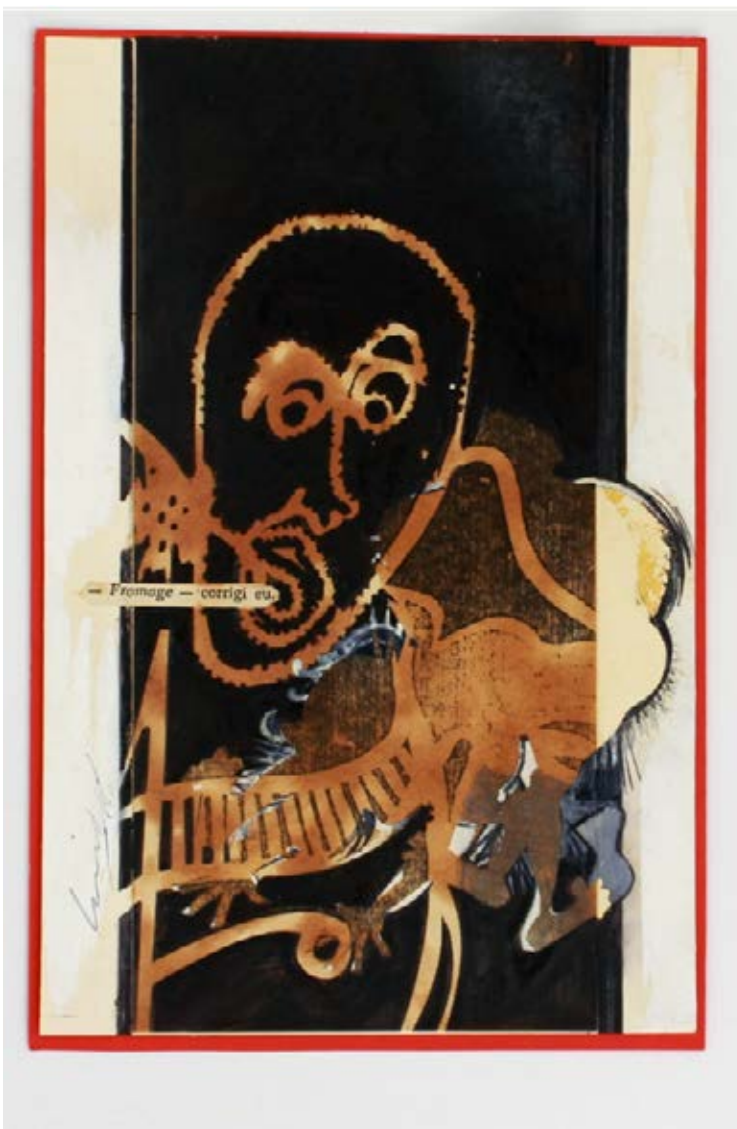




2006
Aos pais de adolescentes
Eduardo Kalina e Halina Laufer



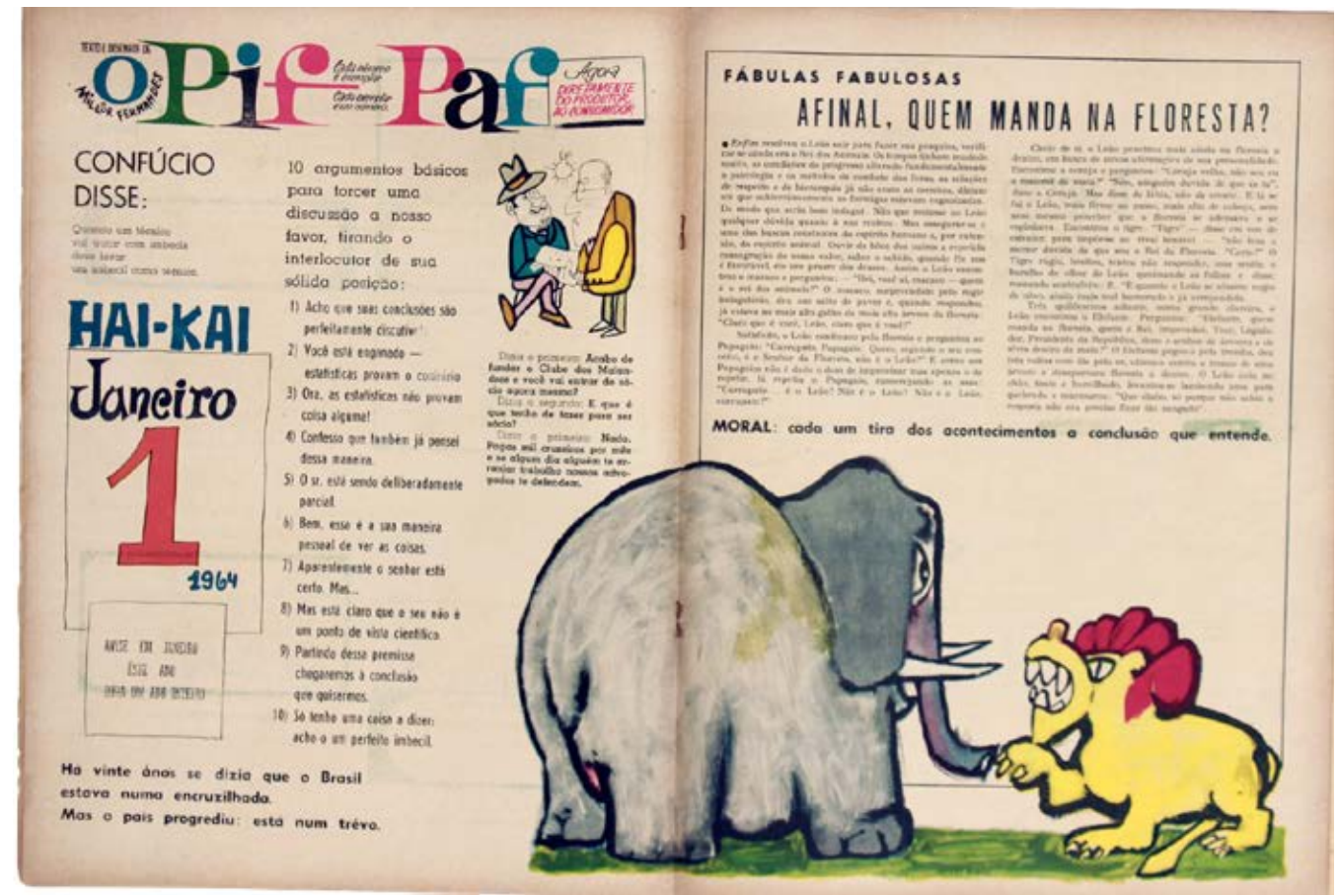
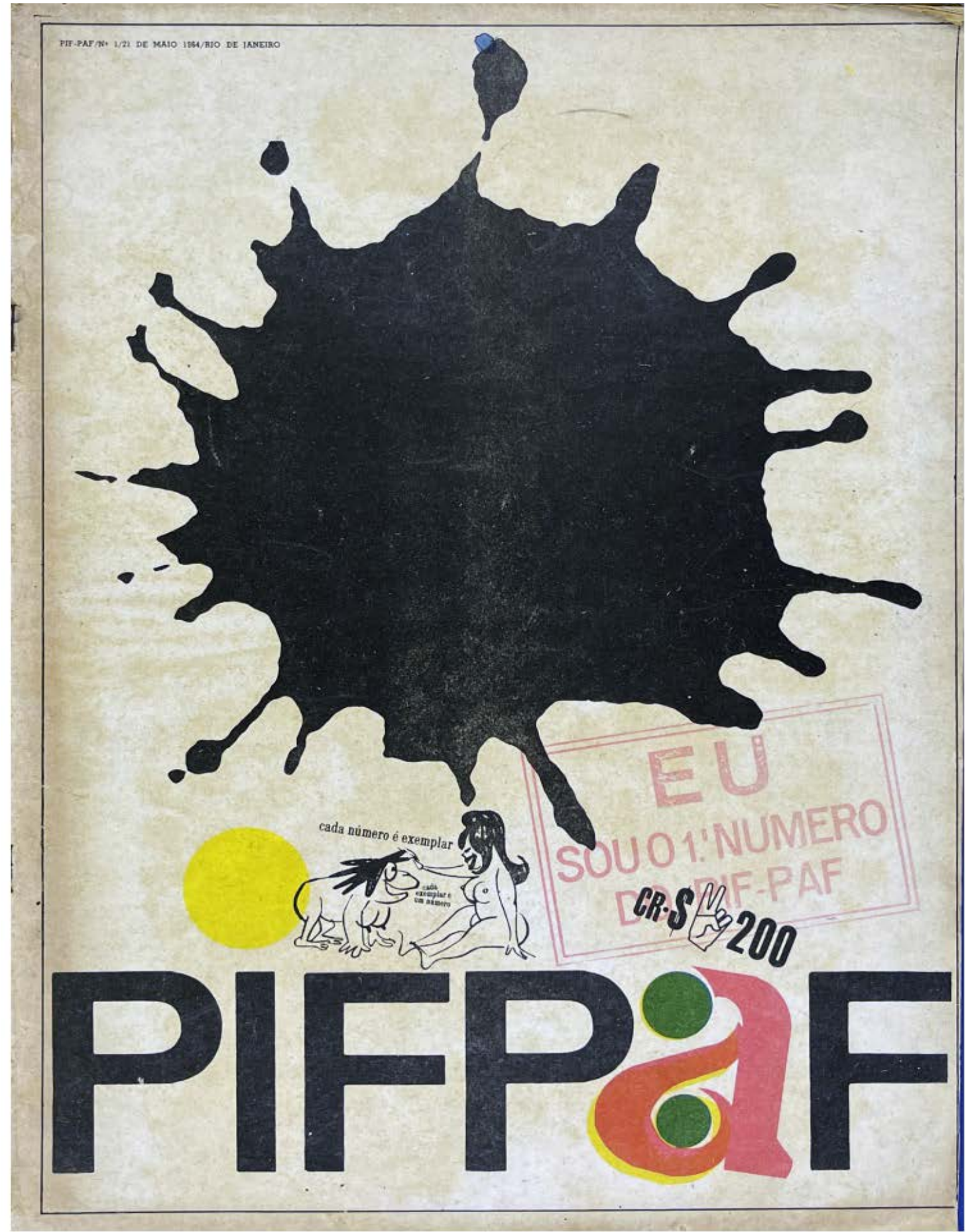




Revista Pif Paf

A revista *Pif Paf* surgiu em 1964 como uma resposta irreverente e corajosa ao clima de repressão instaurado pela recém-instalada ditadura militar no Brasil. Criada por Millôr Fernandes, a publicação nasceu a partir da seção homônima que o autor mantinha na revista *O Cruzeiro*. Com apenas oito edições lançadas entre maio e agosto daquele ano, a revista adotava o formato tabloide, era impressa em cores e reunia um time de colaboradores de peso, como Ziraldo, Jaguar, Stanislaw Ponte Preta, Claudius Ceconi e Reginaldo Fortuna, entre outros.

Apesar de seu tom humorístico e visual descontraído, a *Pif Paf* não se furtava a tratar de temas sérios. Mesmo censurada, a revista deixou um legado importante como precursora da imprensa contestatória no Brasil, abrindo caminho para iniciativas como *O Pasquim*, e permanecendo como símbolo da liberdade criativa em tempos de censura. E, sim, as mulheres em corpos erotizados estavam aqui também.



ENTÃO construíam para cima — como num jogo de crianças, pondo cubinho sobre cubinho — e era preciso muita engenharia para o conjunto não vir abaixo. Mas fácil caíam uns trecozinhos, que achavam aquilo meio de suicídio, e outras que pretendiam um meio de vida; auidares porém aprendizes de pedreiro, banais sinceras para todo serviço porém falsas vesezonias, jamais um exclusivamente técnico em antenas de tv.

De graça, no uma vez uma criança. A razão foi que, naquelas alturas, não se construíam mais quintais.

Dito assim é como se os donos das terras tivessem esquecido as próprias raízes ou de terem sido crianças também. Mas era realmente impraticável construir quintais no ar. Já Nabucoodonoso o máximo que conseguiu foram umas jardins, e olhe que era um imperialista babilônico. A atmosfera do meu tempo só pôde ser lotada, incorporada, para fins estritamente funcionais.

Foi quando madame deu um grito e passou a cacarejar: "ponham grades em vossas janelas, perdam grades em vossas janelas". Aquilo a princípio souu mal, mesmo aos ouvidos menos puniceiros, devido a um certo sentimentalismo ainda existentes nas camadas inferiores, que associava grade a prisão. A matéria enciclopédica, entretanto, já cuidava que uma ideia assim, que tão de perto tocava e mesmo enquadra a criança, não fosse porta em prática sem antes meditar-se a extensão de suas consequências na formação psicológica do indivíduo, pois partiria de peioa leiga no assunto, como seja, uma mãe.

Lentes mais excelentes foram consultados e por sua vez consultaram Freud, e também seus analistas, e concluíram que os rubinhos constituíam realmente uma limitação à natureza atroz da criança, mas que, em face da superprodução das mesmas, decorrente do estresseamento progressivo dos cubinhos para casa, o acidente tendia a multiplicar-se, devendo residir a preocupação primeira na salvaguarda da sobrevivência física, sem a qual não é possível a sobrevivência amônica — e consequentemente a sobrevivência dos médicos psicanalistas —, razão porque a Psicanálise não apenas aconselhava a grade na janela, como se punha ao inteiro dispor para os casos de tranças decorrentes de grade na janela.

No meu tempo

memórias da FORTUNA

Assim o cacarejo de madame, que atingira elevado índice de audiência de tanto martelar os condutos auditivos da opinião pública, dentro da melhor técnica publicitária, agora com tão douto testemunhal atingiu o ponto de venda. Firmes sólidas, na especialidade de vergalhões, encomendaram desenhos de grades a seus projetistas e três modelos distintos foram lançados na praça e nas janelas dos edifícios circunjacentes:

- 1) de barras horizontais;
- 2) de barras verticais;
- 3) de barras verticais e horizontais, ou horizontais e verticais, conforme fossem instaladas.

Predominava então o gosto pelo enxutismo e qualquer arboreto de imaginação era podido por excessivo. Ao mesmo tempo cultivava-se o amor à matéria, e a preferida foi o aço, cujas estrías de fabricação, provenientes da passagem do metal uandente pelas moldes, apresentavam um paralelismo genial, com um azul nos intervalos que era da gente vibrar no microscópio.

Atrás das grades as crianças cresceram em segurança e dessa geração assim acondicionada surgiram importantes caixas de bancos, presidiários, pintores de quadros, escritores de palavras cruzadas e leitores de histórias em quadros.

Cada janela com uma grade, você sabia que atrás era o riso de uma criança. Elas se escurayavam ao sol, em pe sobre os parapeitos dos compartimentos pressurizados, o que dantes, com todo o sol, só um pensar dava arrepios. Era bom vê-las aferradas às barras de aço, muito mais firmes do ponto de vista educativo do que as das salas, a vida lá em baixo —

automovíveis e brinquedinhos que não eram de brinquedo — era bom ver as crianças a salvo da vida. Certo ou errado, no meu tempo se pensava que a face da terra fosse o lugar ideal para morar e se construía para o espaço e sua era. Não era como nessas cidades-abrigos-anti-rádio-ativo de hoje, em que a garotada se fila para a matilha infantil de solarização artificial.

Já que todo o mundo deseja educar a povo, o PIF-PAF também entra no povo e apresenta a sua

ISTO SÃO 2 (DOIS) NACIONALISTAS

O Nacionalista não é um larado.
Existem Nacionalistas dos outros países?
Não, os Nacionalistas dos outros países são todos a favor de seus próprios países.
É por isso que o Nacionalista quer ter o Município de todos os municípios.

ISTO É UM COMICIDIO

Um Comício é uma reunião de gente
Cada um vai lá só pra ver
como é o Comício.
No momento vai ler o Comício
então não há comicid
O Comício não é o País-de-Açúcar.
Se alguém vai ver o País-de-Açúcar,
o País-de-Açúcar continua lá.

ISTO SÃO (DOIS) GERAIS

Uma general é um soldado do povo.
O General da sociedade é o importante.
O general da direita é o mau.
O general esquerdo é aquele todo a bem
para o povo americano.
O general sempre encontra a felicidade
da terra: Paiz.
São, é o tipo do homem guerreiro, feroz.

umapo para certa e imediatamente apresentada pela política.

cartilha para o povo

ISTO É O PRESIDENTE DA REPÚBLICA

O Presidente governa o país.
Quem elegeram tem o cargo do Presidente!
O cargo do Presidente é muito nobreza.
O Presidente se levanta muito cedo para ir trabalhar e trabalhar muito para o país.

ISTO É UM LASHADO

Não, largo sorriso e os olhos.
Não, largo sorriso e os olhos.
Basta saber da política!
Não, não basta ser da política e filiar
na política.
Então levantamos algo de novo
na política!
Sim, se antes não tinha quem acordar,
come o Brasil.

ISTO É O CONGRESSO

No Congresso tem muita coisa.
O Congresso é uma coisa maravilhosa!
Mas, o Congresso é de um a unidade:
O Congresso é de um a unidade:
Mas, o Congresso é de um a unidade:
O Congresso é de um a unidade:
O Congresso é de um a unidade:

A EQUIPE DO PIF-PAF APRESENTA

O JOGO DA DEMOCRACIA

DESENHO DE ZIRALDO

- Neste número do Pif-Paf, o Jogo da Democracia é apresentado pela primeira vez completamente institucionalizado.
- Este Jogo da Democracia é um jogo eminentemente nacional. Não há Jogo da Democracia igual a este em nenhum outro país.
- Qualquer cidadão pode entrar no Jogo da Democracia. Basta para isso armar o dado que damos acima, depois de colá-lo cuidadosamente em cartolina. Se o interessado no Jogo da Democracia desejar mais parceiros é só comprar mais exemplares e fazer tantos dados quantos sejam os parceiros. (Em geral as pessoas que entram no Jogo da Democracia preferem jogar sózinhas).

Jogue hoje! Jogue agora mesmo! O Jogo da Democracia pode ser proibido a qualquer momento!

(Vide regras do Jogo da Democracia na pág. 21)

34	35	36 ENCONTRA UM RINOCERONTE. FIGUE COM ELE DURANTE 3 JOGADAS.	37 ENCONTRA RINOCERONTE. FIGUE COM ELE DURANTE 3 JOGADAS.
33	32	31	30
29	28	27	26
25	24	23	22
21	20	19	18
17	16	15	14
13	12	11	10
9	8	7	6
5	4	3	2
1	0	0	0

compre PIFPAF e entre no JOGO DA DEMOCRACIA

PIFPAF Nº2/ RIO DE JANEIRO/ CR\$ 200,00

38	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	100
----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	-----

Regras fundamentais para o JOGO da DEMOCRACIA

II - O Jogo da Democracia é um jogo de cartas. Cada jogador recebe 17 cartas, mais duas de reserva. As cartas são numeradas de 1 a 100. As cartas de reserva são numeradas de 101 a 117. O jogo é jogado com um dado de 100 faces. O jogador que tirar o número 100 ganha o jogo. O jogador que tirar o número 101 perde o jogo. O jogador que tirar o número 102 ganha o jogo. O jogador que tirar o número 103 perde o jogo. O jogador que tirar o número 104 ganha o jogo. O jogador que tirar o número 105 perde o jogo. O jogador que tirar o número 106 ganha o jogo. O jogador que tirar o número 107 perde o jogo. O jogador que tirar o número 108 ganha o jogo. O jogador que tirar o número 109 perde o jogo. O jogador que tirar o número 110 ganha o jogo. O jogador que tirar o número 111 perde o jogo. O jogador que tirar o número 112 ganha o jogo. O jogador que tirar o número 113 perde o jogo. O jogador que tirar o número 114 ganha o jogo. O jogador que tirar o número 115 perde o jogo. O jogador que tirar o número 116 ganha o jogo. O jogador que tirar o número 117 perde o jogo.

UM PONTO DE VISTA CARIOCA

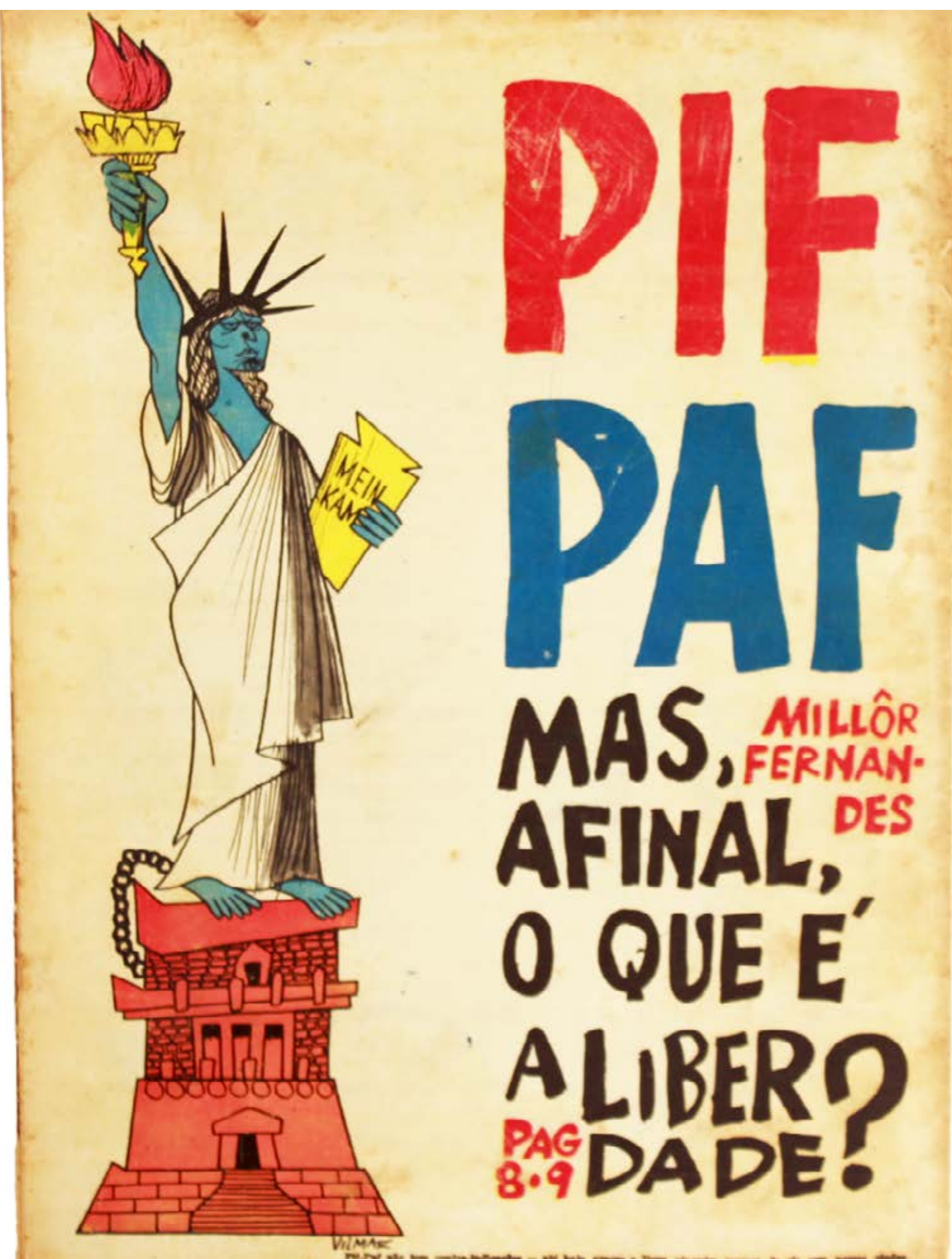
PENSAMENTO

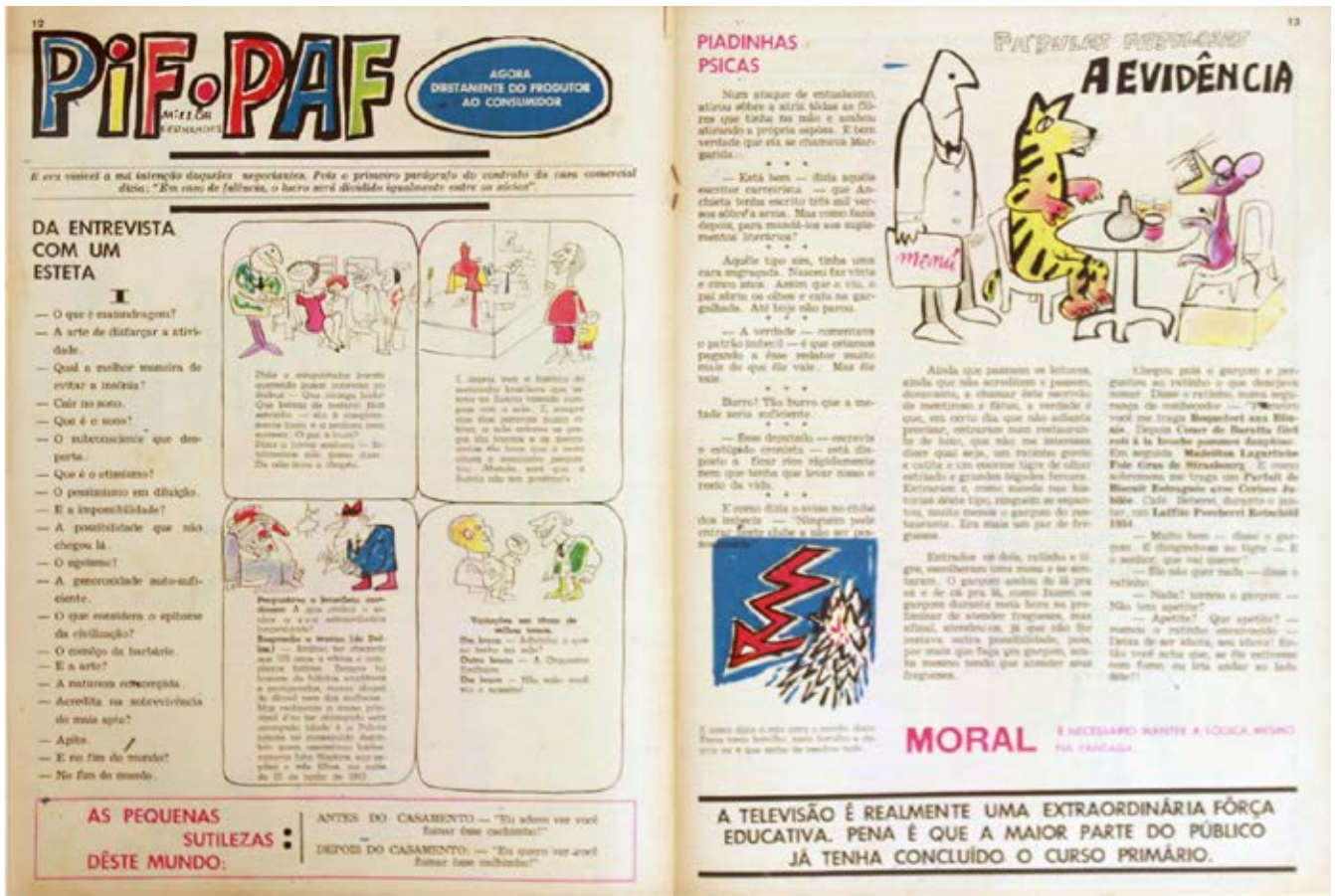
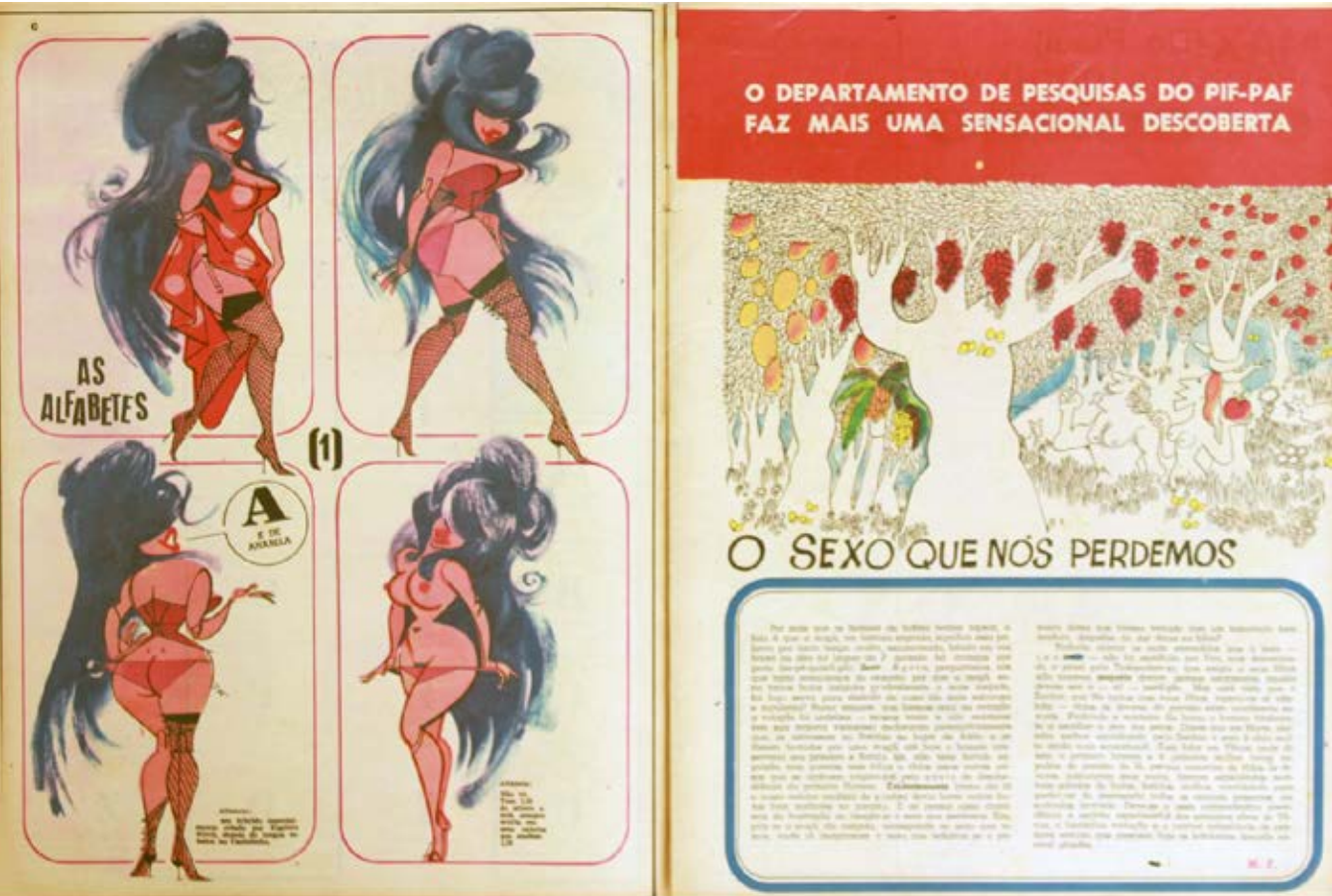
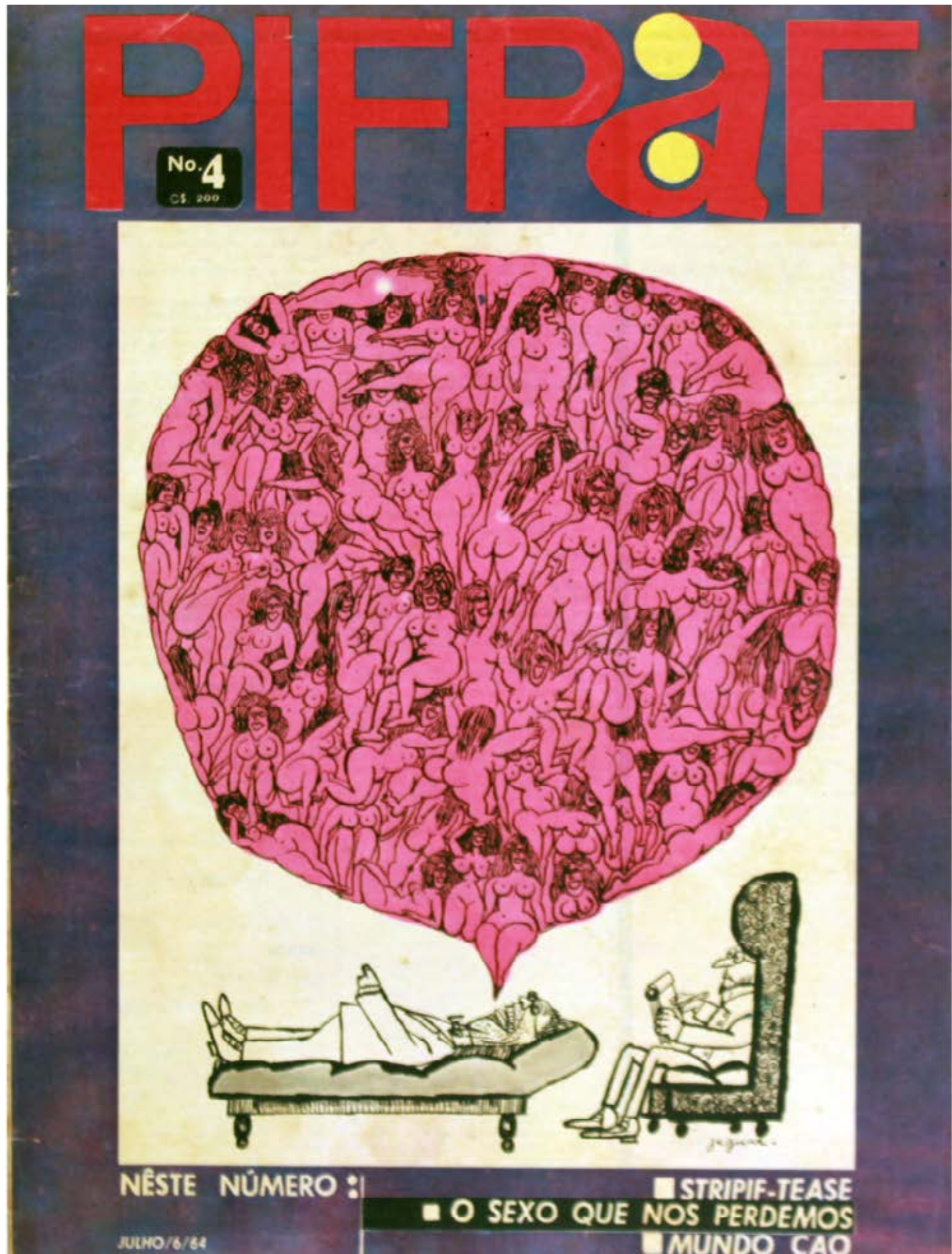
em resumo

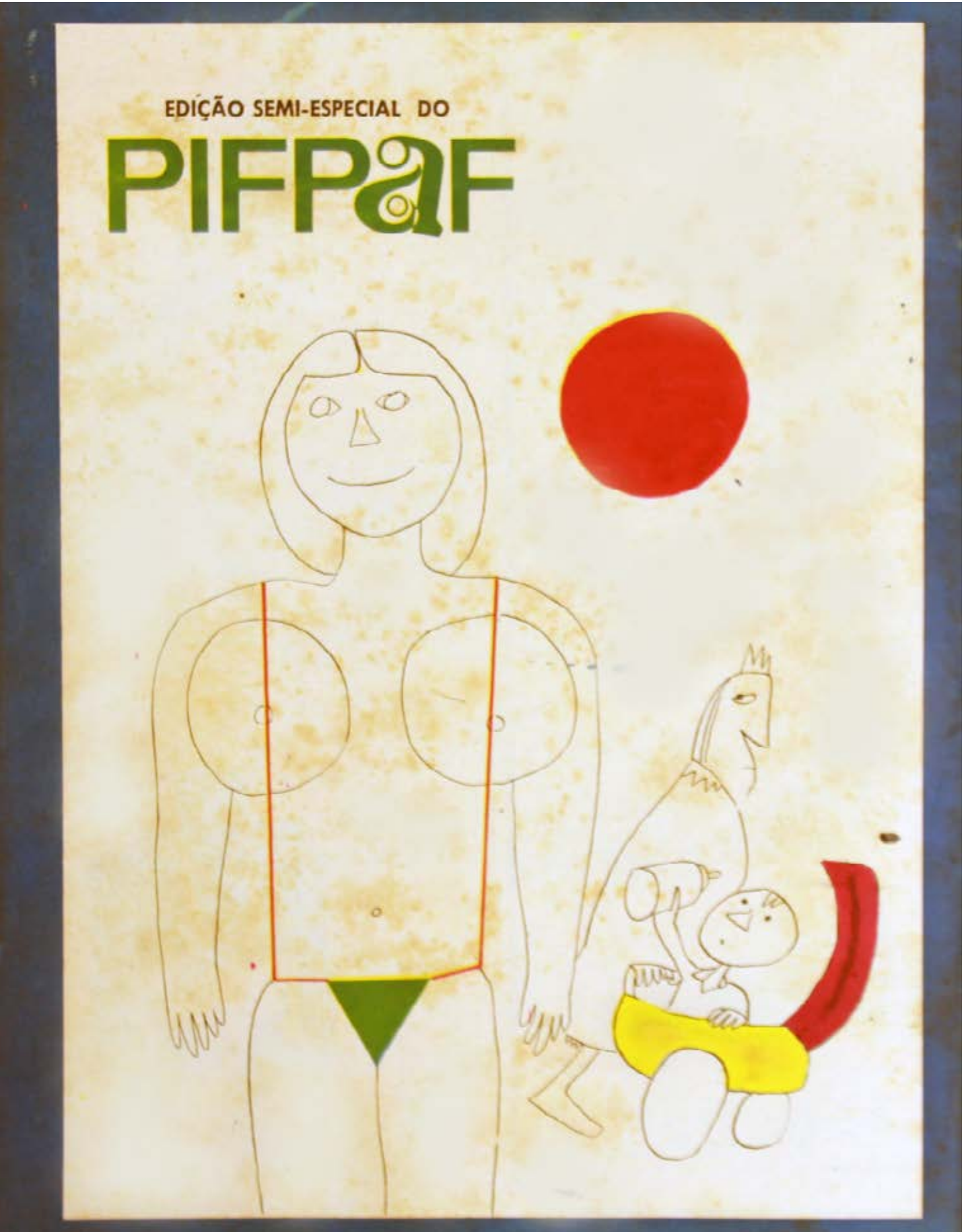
O CAPITÃO

PIFPAF lança 2 HUMORISTAS DO PIAUI

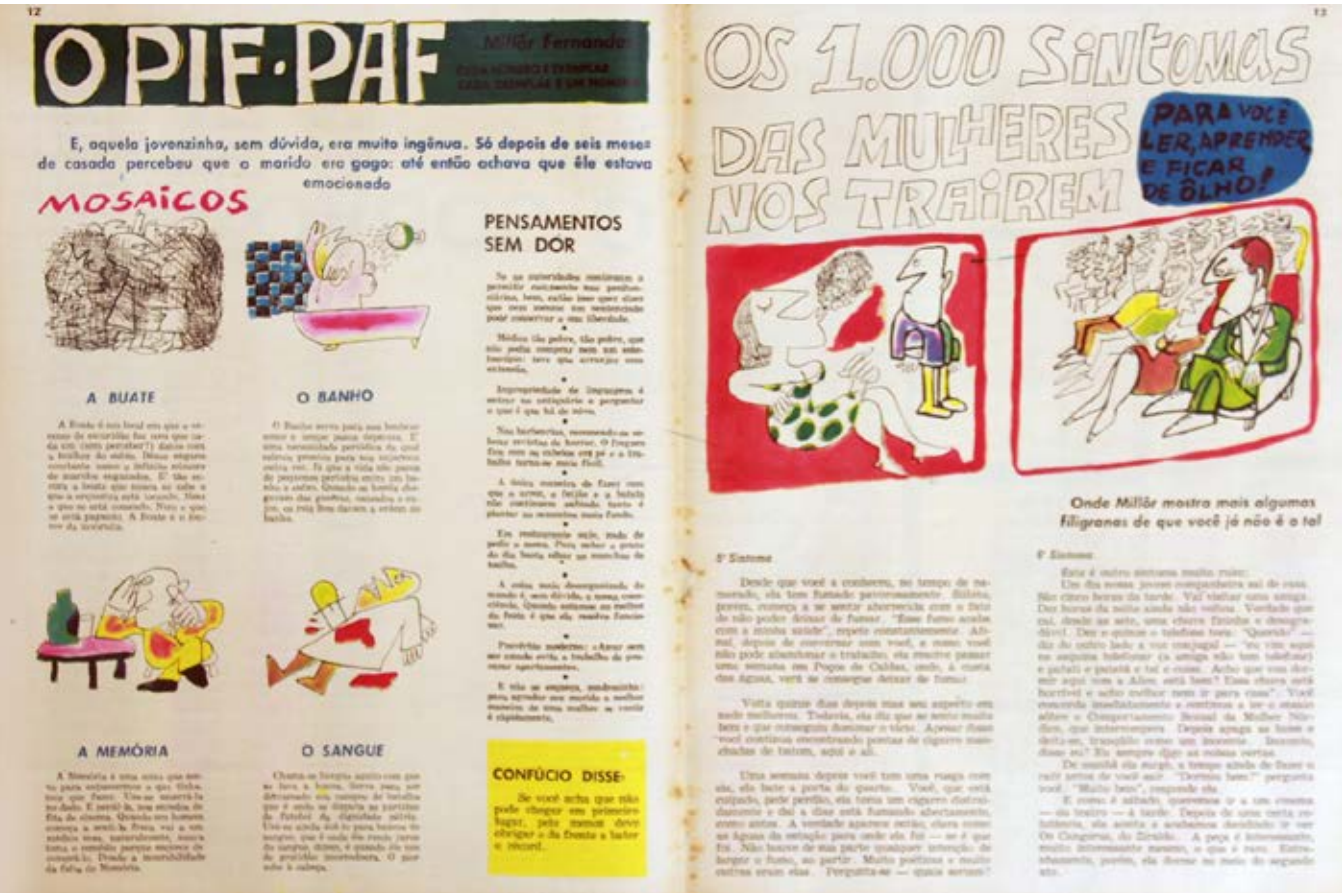
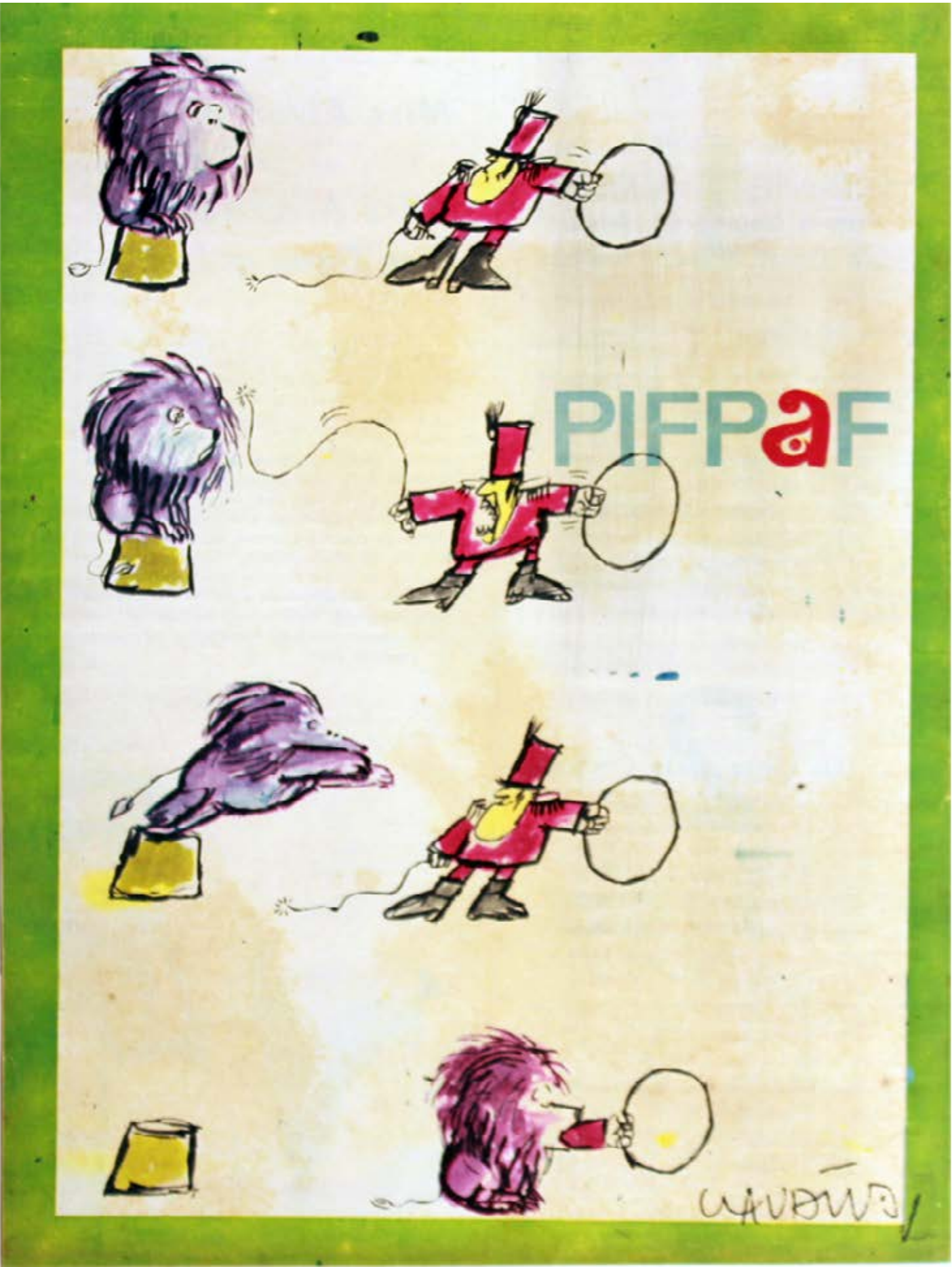
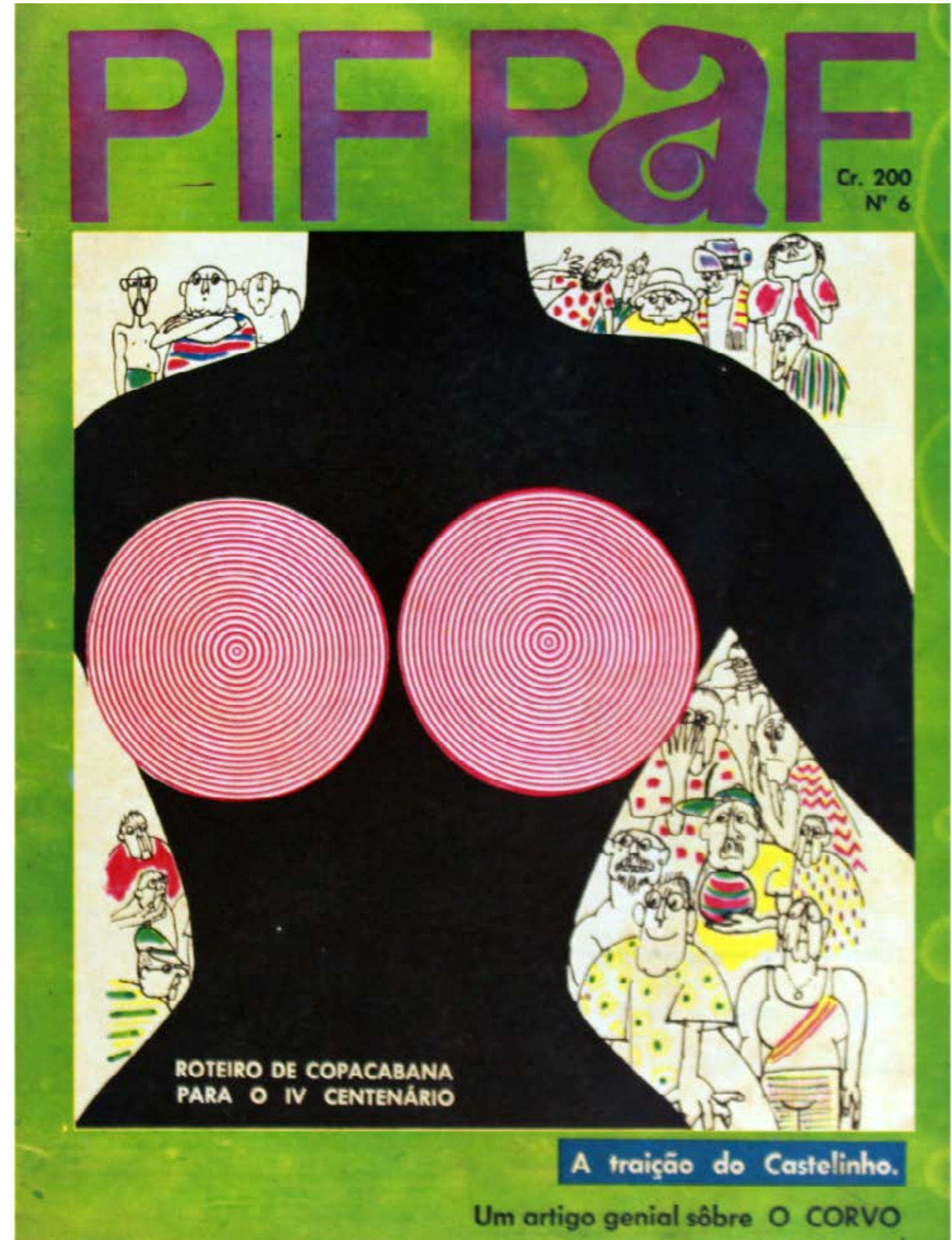
O CORAÇÃO E O AMOR

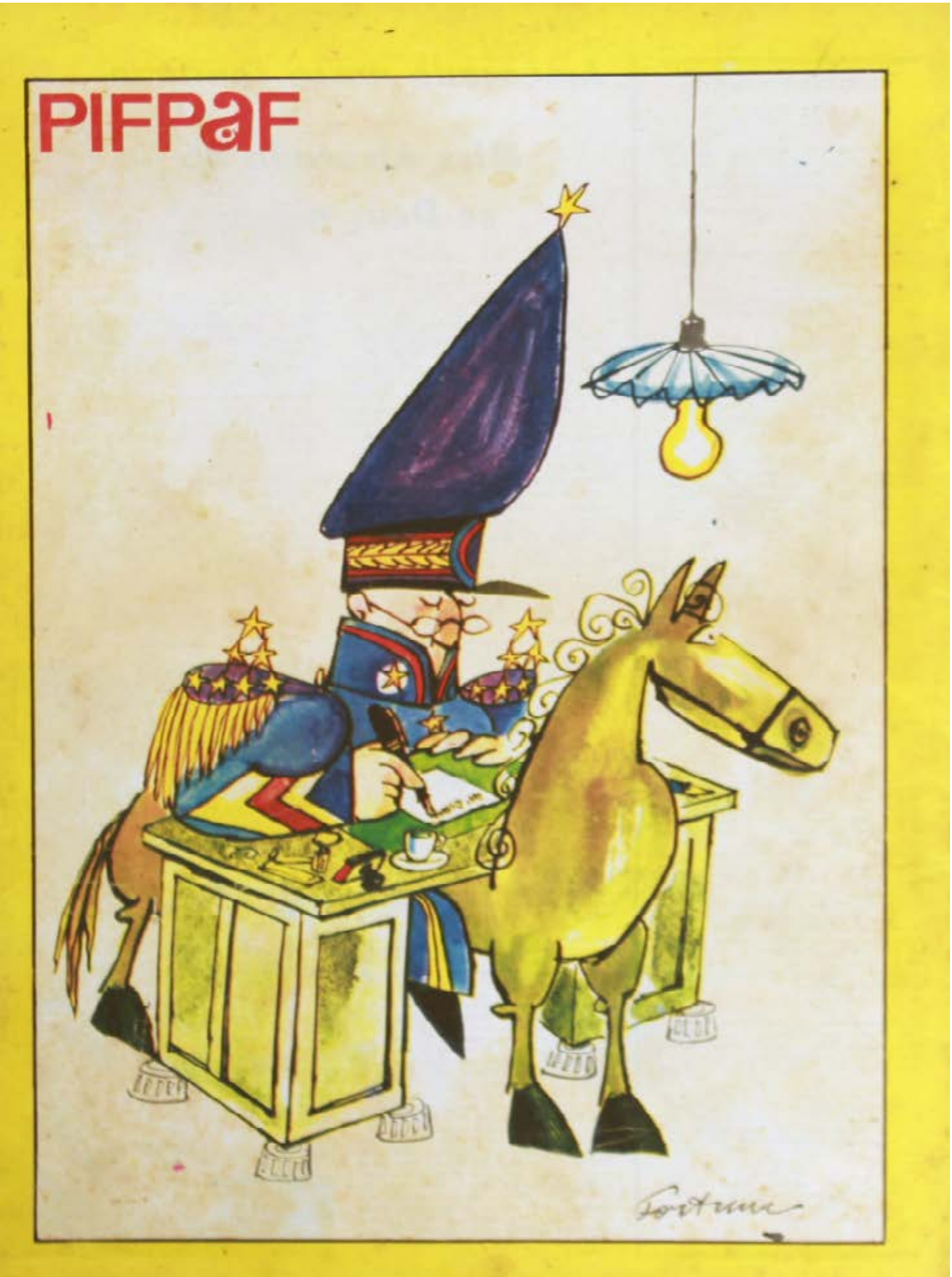






[illegible][illegible]





ALFABETE, mi-
natura de cultura
l e t e r a r i a
com aul do A-
poodor, n u m a
vaco de Euph-
nie Hirsch.

AS ALFABETES (2)

B
de Baby

BABY, abreviatura de um
tome de mulher, se si me-
ma tem pequena (1,35 de
altura) cora e disposta
ainda mais com manto de
colaba (1,35) e de laci-
dada.

CÃO! CÃO! CÃO!

Abriu a porta e viu o amigo
que há tanto não via (1). Es-
tranhou que ele viesse acom-
panhado por um cão (2). Cão não
muito grande, mas bastante for-
te, de raça indefinível, saltitante
e com um ar alegremente agres-
sivo. Abriu a porta e cumprimen-
tou o amigo, pois, efusivamente

quer coisa (4). O dono da casa
reconheceu as orelhas. O ami-
go visitante, porém, nem nada.

"Ora, veja você, a última vez que
nos vimos foi em...". "E você,
casou também?". (5). O cão
passou pela sala, entrou no quar-
to e novo barulho, desta vez de
coisa definitivamente quebrada.

Houve um sorriso amarelo por
parte do dono da casa, mas per-
feta indiferença por parte do vi-
sitante. "Quem morreu foi o...
você se lembra dele?". "Lembro,
ora era o que mais..." O cão

salto sobre um móvel, derrubou
um abajur, logo trepou as patas
e saiu no sofá e deixou a marca
digital e indelével de seu crime.
Os dois amigos, tensos, agora fin-
giram não perceber.

Max, por fim, o visitante se
foi. Se despediu efusivamente
como chepara, e se foi. Já ia sain-
do, quando o dono da casa per-
guntou: "Não vai levar seu cão?"
"Cão? Ah, cão? Oh, agora entou
percebendo. Não é meu não.
Quando eu entrei ele entrou co-
migo, naturalmente. Pensei que
fosse seu."

MORAL: QUANDO NOTARMOS DEFEITOS NOS AMIGOS CONVIEM TER UMA CONVERSA ESCLARECEDORA

1) Outros há que abrem a porta
e, como o personagem de Pó, de-
param com um corvo meio ri-
dículo. 2) Cão, quatro patas, lati-
dos apud os graves, senhor da

casas onde mora, mortal criatura
toda como o melhor amigo do
homem. Até, caem! 3) O tempo
se passara. A efusividade era
falsa. A amargura do reencontro

era maior. Os dois se olharam e
sustaram que tinham conhecido,
o rosto marcado pelas dissabores
das alegrias. 4) Elewatar, uma
caso Watson. 5) Casara, ai!

Milôr Fernandes.

Banco Nacional de Minas Gerais S.A.
— o Banco que está a seu lado

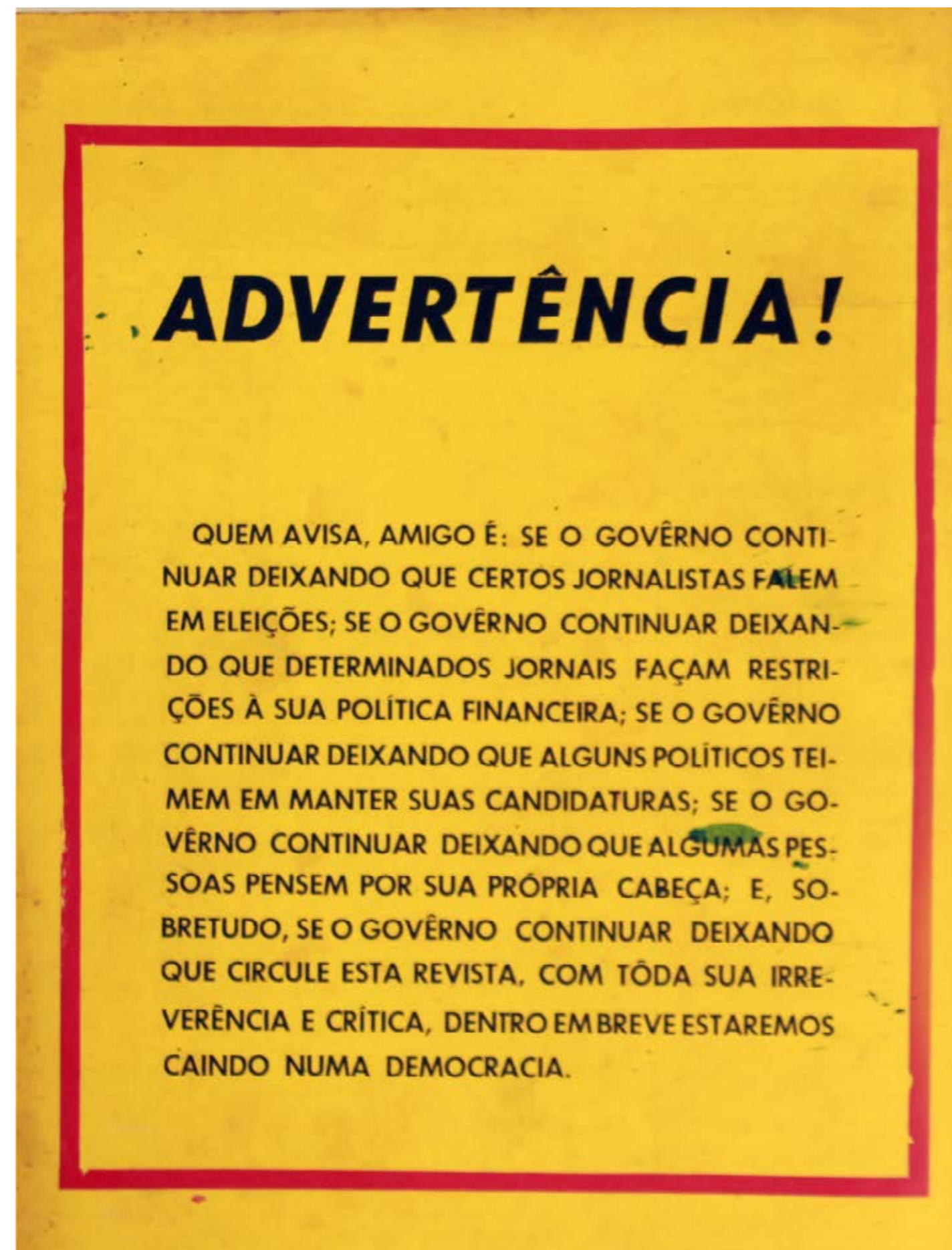
ZIRALDO e o governador

GLUB **IUP** **BARCOU**

OS AMERICANOS VÃO À LUA

1. Fugir do Imposto de Renda?
2. Fazer amigos e influenciar pessoas?
3. Distribuir leite em pó e outros excedentes de produção através da Aliança Para o Progresso?
4. Porque a lua é boa aplicação de capital?
5. Fazer levantamento aerofotogramétrico de suas riquezas minerais?
6. Defender a Democracia Cristã e Ocidental?
7. Apagar aquela YANKEES GO HOME que escreveram lá?

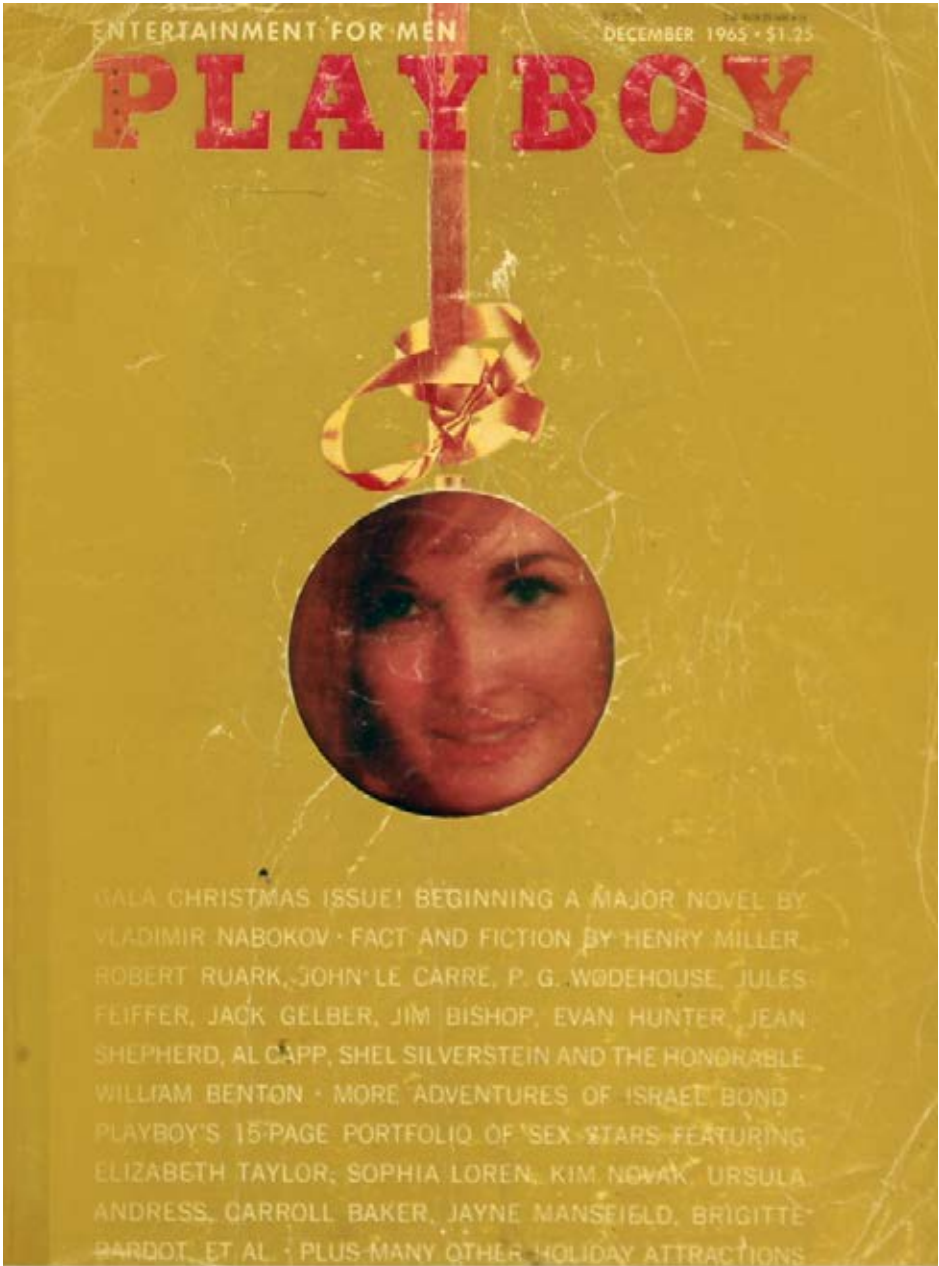
Responda certo e ganhe uma miniatura de Coca-Cola tamanho família

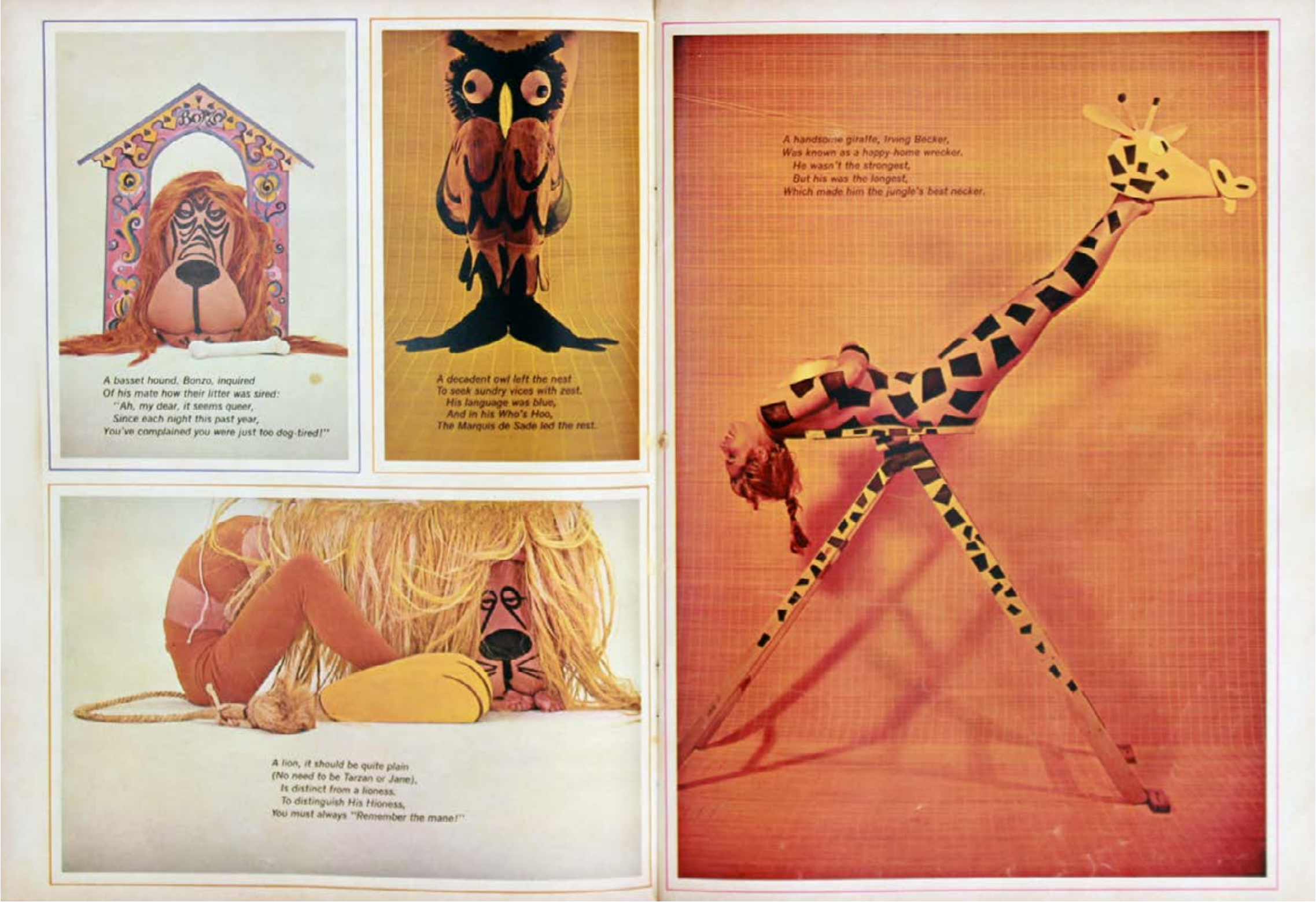


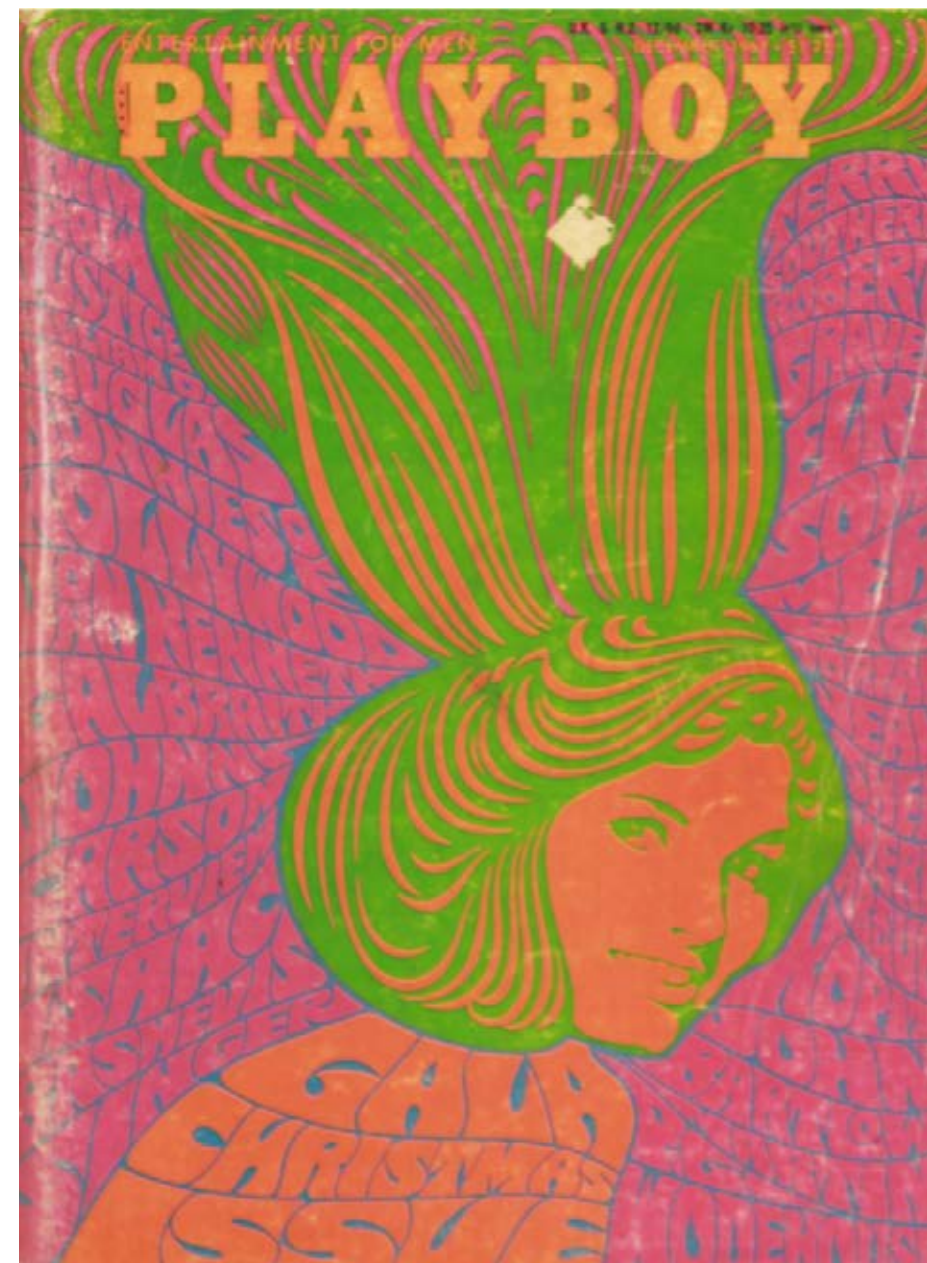
Revista Playboy

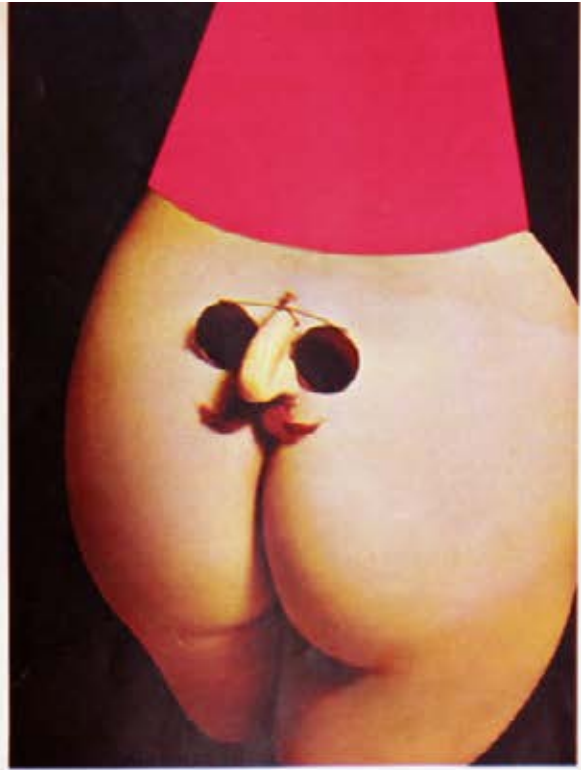
A revista *Playboy* surgiu em Chicago, nos Estados Unidos, em dezembro de 1953, criada por Hugh Hefner, um jovem de 27 anos que acreditou em uma publicação voltada a homens sofisticados e modernos. No Brasil, foi lançada em 1975, e rapidamente se tornou um ícone da cultura masculina, combinando erotismo, jornalismo de qualidade e um estilo visual sofisticado. A publicação construiu ao longo das décadas uma identidade editorial sólida que reunia entrevistas com figuras públicas, ensaios fotográficos ousados e colunas de comportamento

onde o homem moderno era representado como culto, bem-sucedido e sexualmente ativo. Eugênio Hirsch fez colaborações para edições americanas e brasileiras. Sobre seu primeiro trabalho para o veículo, em 1964, (*“The Lass Menagerie”* / A pequena coleção de animais), em que mulheres davam forma a animais, disse: “por uma vaca, quase perco minha quarta mulher”.









Farouk, a king of great wealth,
Through lechery ruined his health.
With women he frequently
(Often times piquantly)
Made quite an ass of himself.



The Italians, despite all calamity,
Are a people of brilliance and amity.
So this counterfeiter Caesar
They put in the freezer,
Restoring their country to sanity.



Stalin means steel in the Russian,
And Joe's toes reposed quite a cushion,
But not much is said
About Stalin in bed,
Though it's rumored his style was peccation.



In the People's Republic right now,
The gods find life boring and how!
For it's no fun in bed
With a lover whose head
Is filled with the masses of Mao.





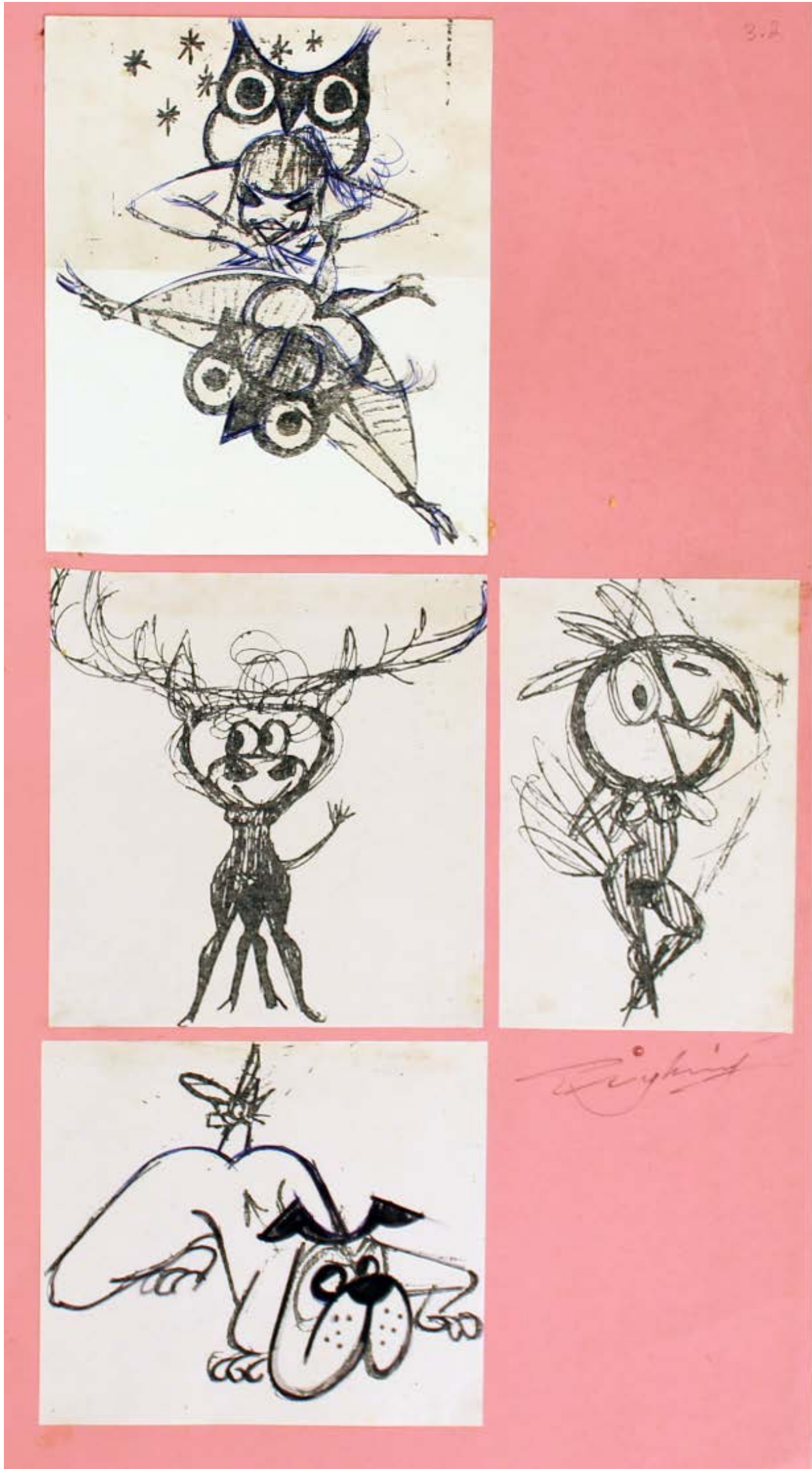
Eros

Esta seção reúne vários trabalhos do acervo do artista que nos foi doado, que não foram exatamente identificados, mas que se destacam pelas suas características eróticas. Alguns destes trabalhos estavam em papel (com técnicas mistas de desenho e colagem), outros em negativos.

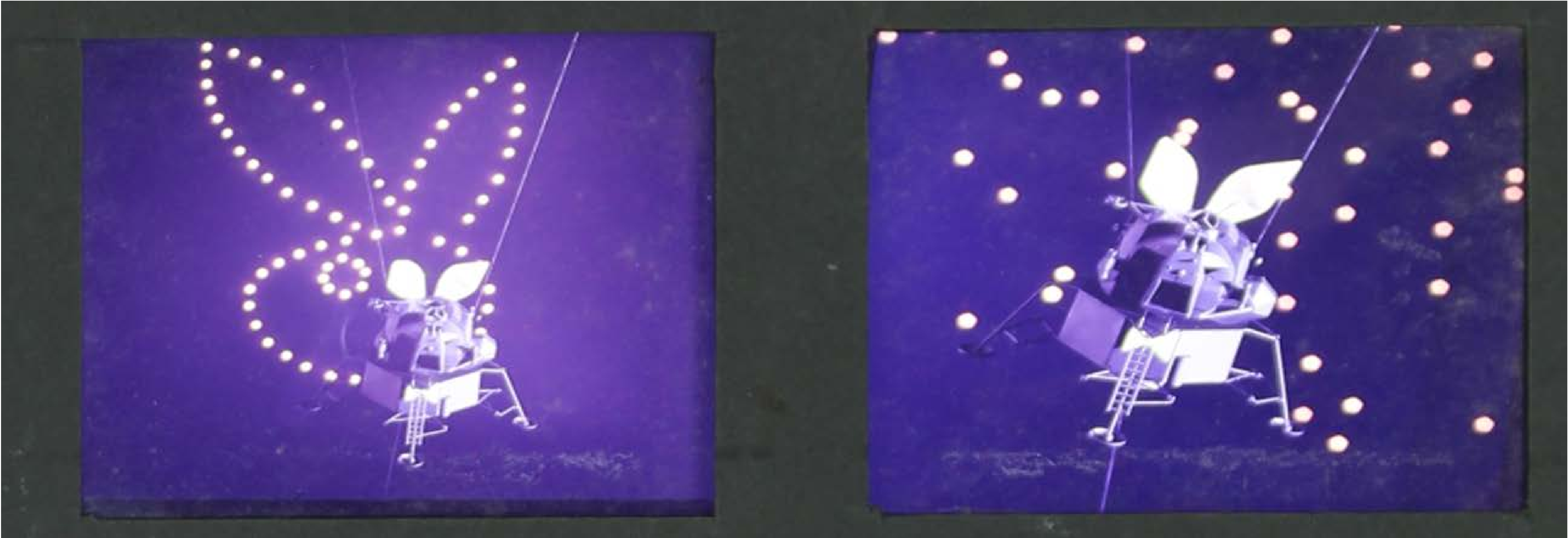
A sua verve erótica já foi destacada, neste catálogo, especialmente nas capas da Civilização Brasileira e nos trabalhos para a revista Playboy. Em entrevista à Ethel Leon (revista *Design & Interiores*, 1991), o artista se orgulha de ter levado “o primeiro bumbum feminino” para uma capa de livro (*O amante de Lady Chatterley*, de D.H. Lawrence, 1959). No mesmo depoimento,

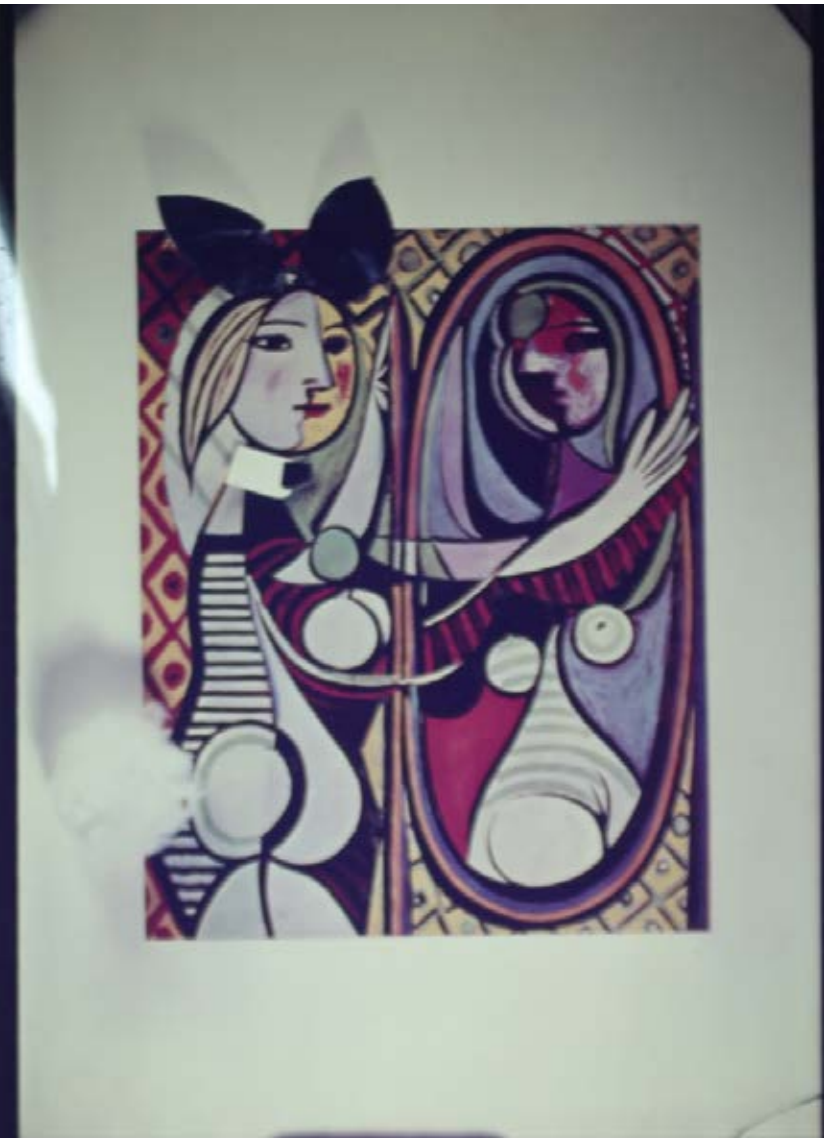
contou que em 1937, ainda menino em Viena, já tinha sido expulso do colégio por fazer desenhos pornográficos, e ainda que, na editora Nova Fronteira, não conseguiu emplacar seus nus, mas que, em seu pequeno escritório à época, tinha pilhas de desenhos de mulheres.

Embora inteligente, burlesco e espirituoso, o seu machismo também aflora muitas vezes. Não exatamente ao representar a “mulher brasileira” em nu explícito, escancarado, oferecido e vulgar, mas – por exemplo – quando representa a “mulher ideal para um carioca” sem cabeça e com nádegas em dobro.

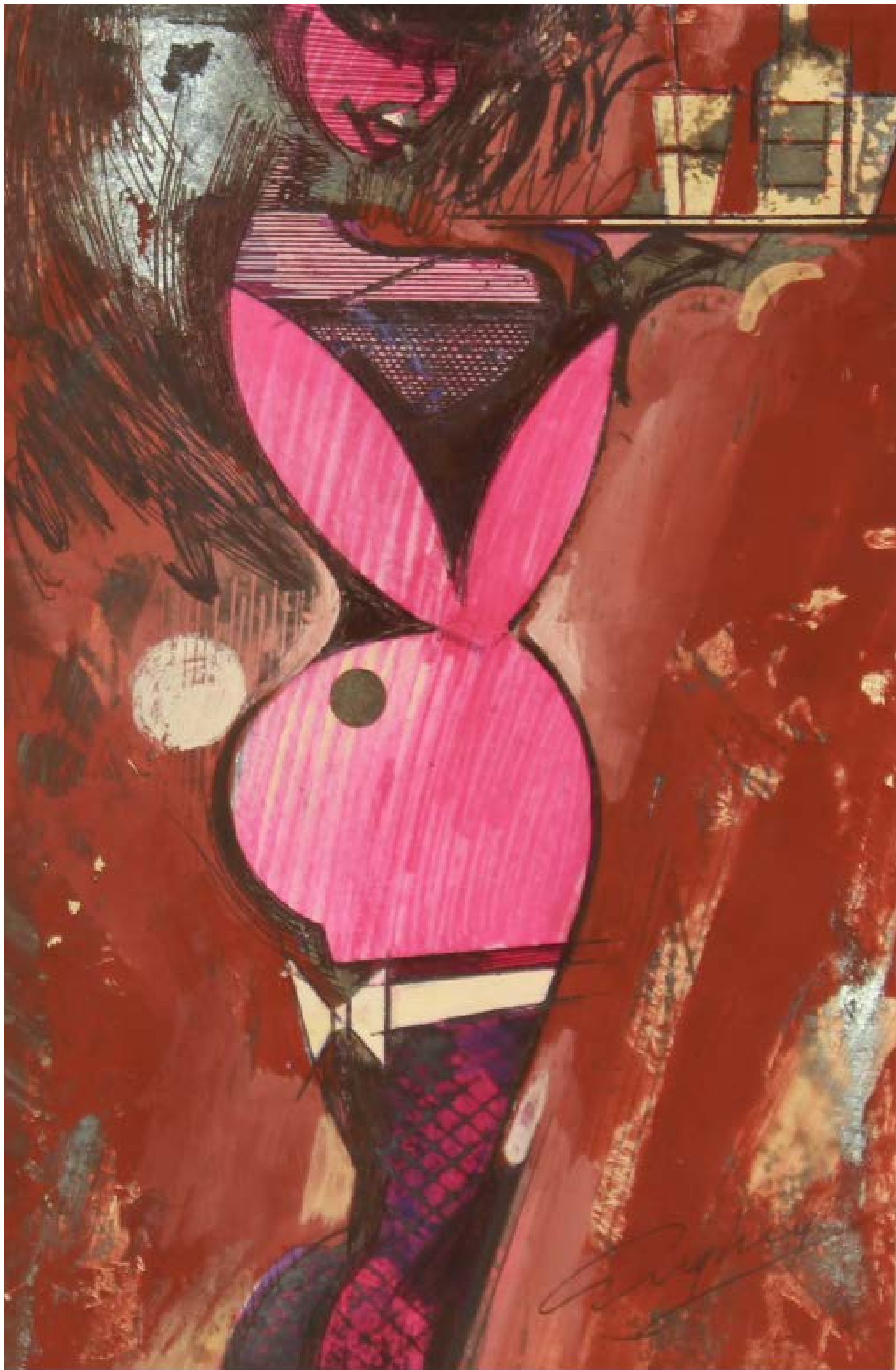








Play-Girls



AS NINFETAS PERFEITAS

1. Para uma cocktail-party

. Gêmeas

2. Para um executivo

. ninfeta com óculos, em pasta 007, aberta tocando pequena máquina de escrever e computador.

3. Para um dançarino

. com peito e poupança de frente.

4. Para um motociclista

. atinge 90km em 2 segundos

5. Para um jogador de cartas

. em forma de rainha do baralho

6. Para um nudista

. uma freira

7. Para um gourmet

. pelada, servida como faisão.

8. Para um gato com stress

. ninfeta sexy, analista, com cara de Sigmund Freud.

9. Para um expert em Karatê

. Mua, com casco medieval e luvas de aço, corrente - em posição!

10. Para um stereo maníaco

. ninfeta com botões de controle conectados a 2, 4, e 8 alto-falantes

11. Para um computador *(respirada em ti)*

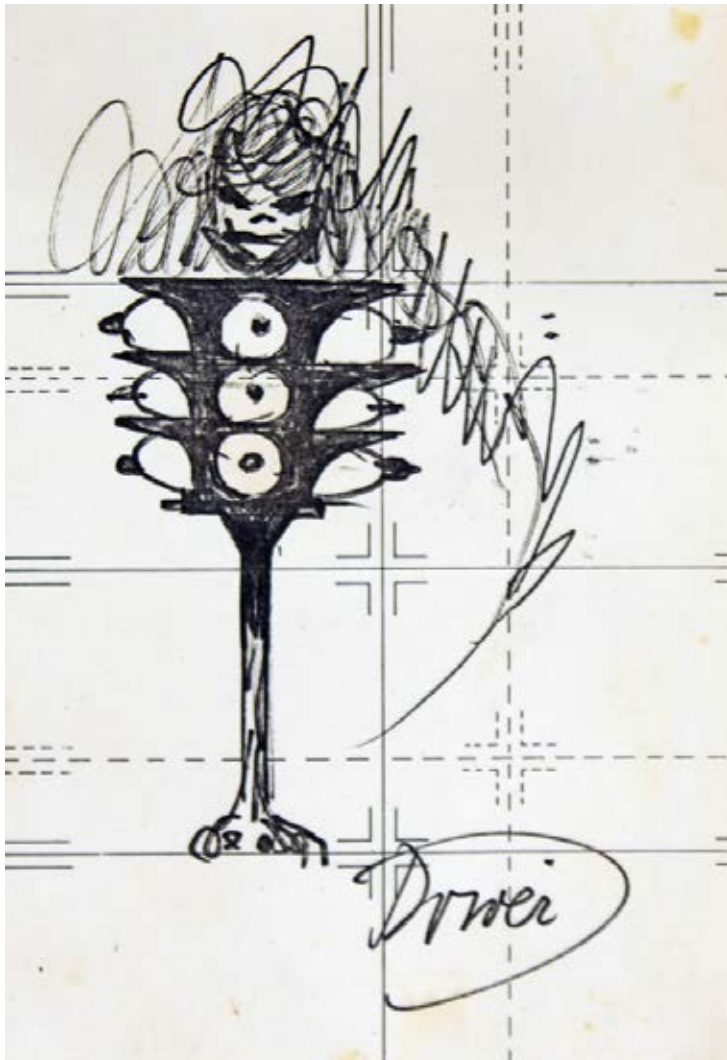
. desenhada em pontinhos, levantando a perna saindo da tela.

12. Para um extra terrestre

. pequena, verde e sem xoxota

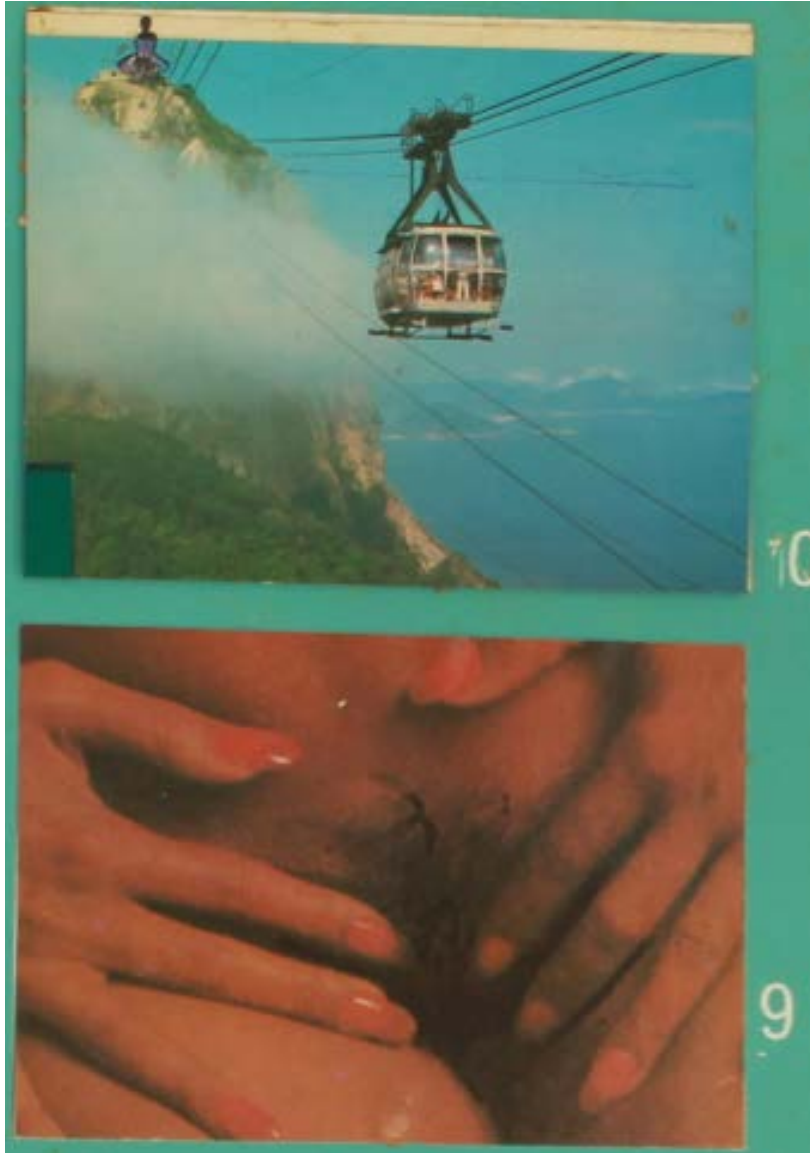
NINFETAS PERFEITAS

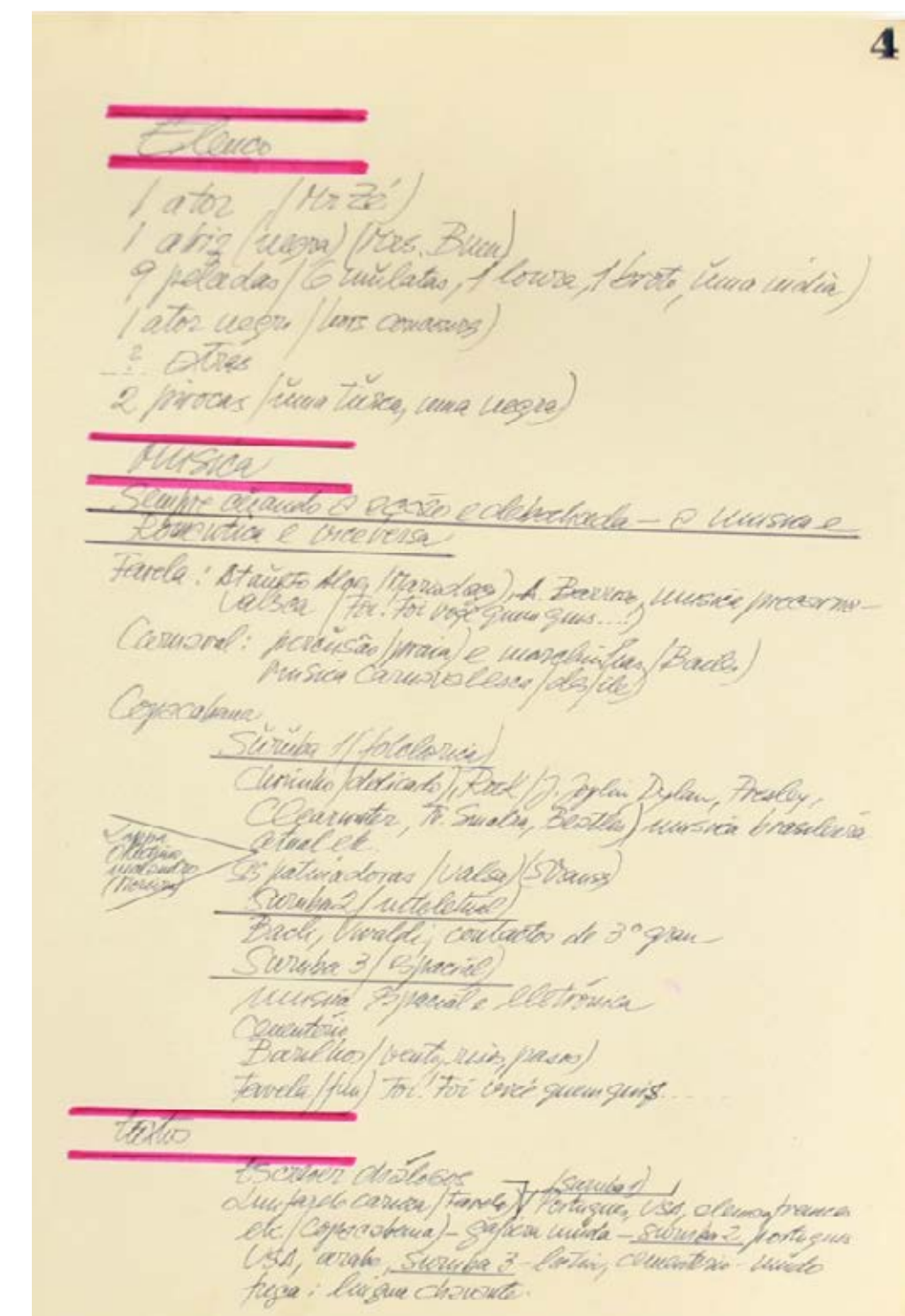
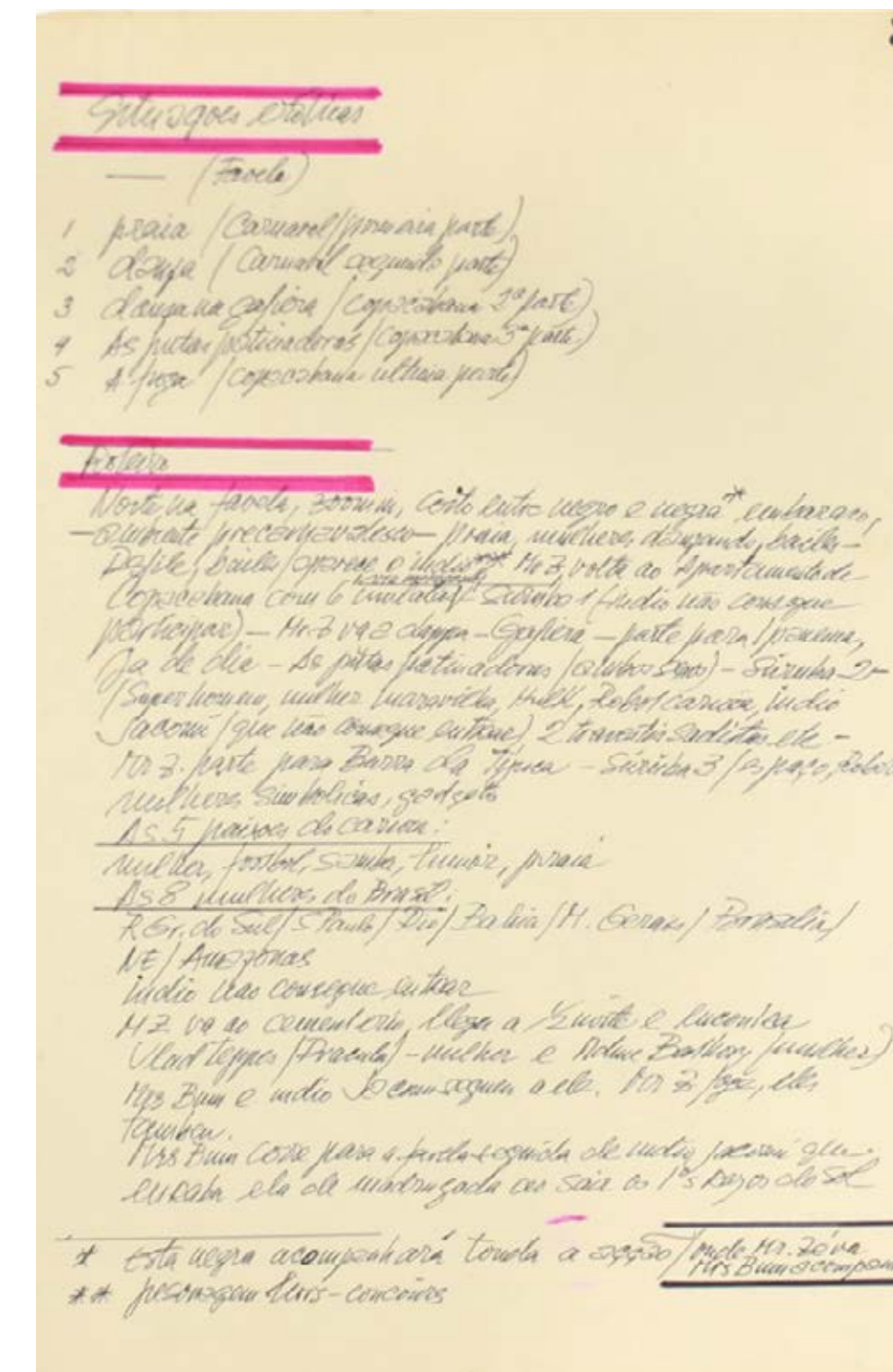
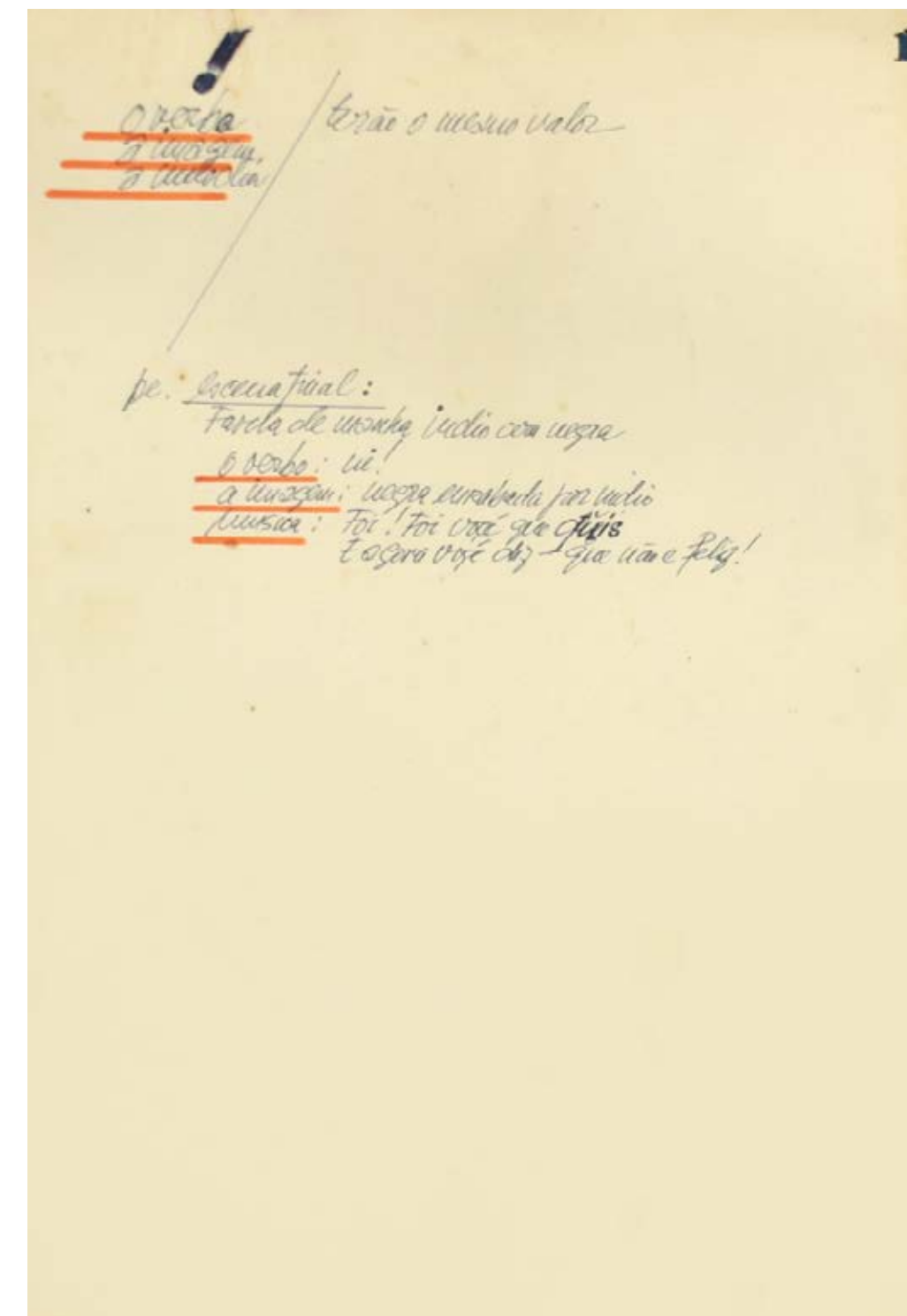
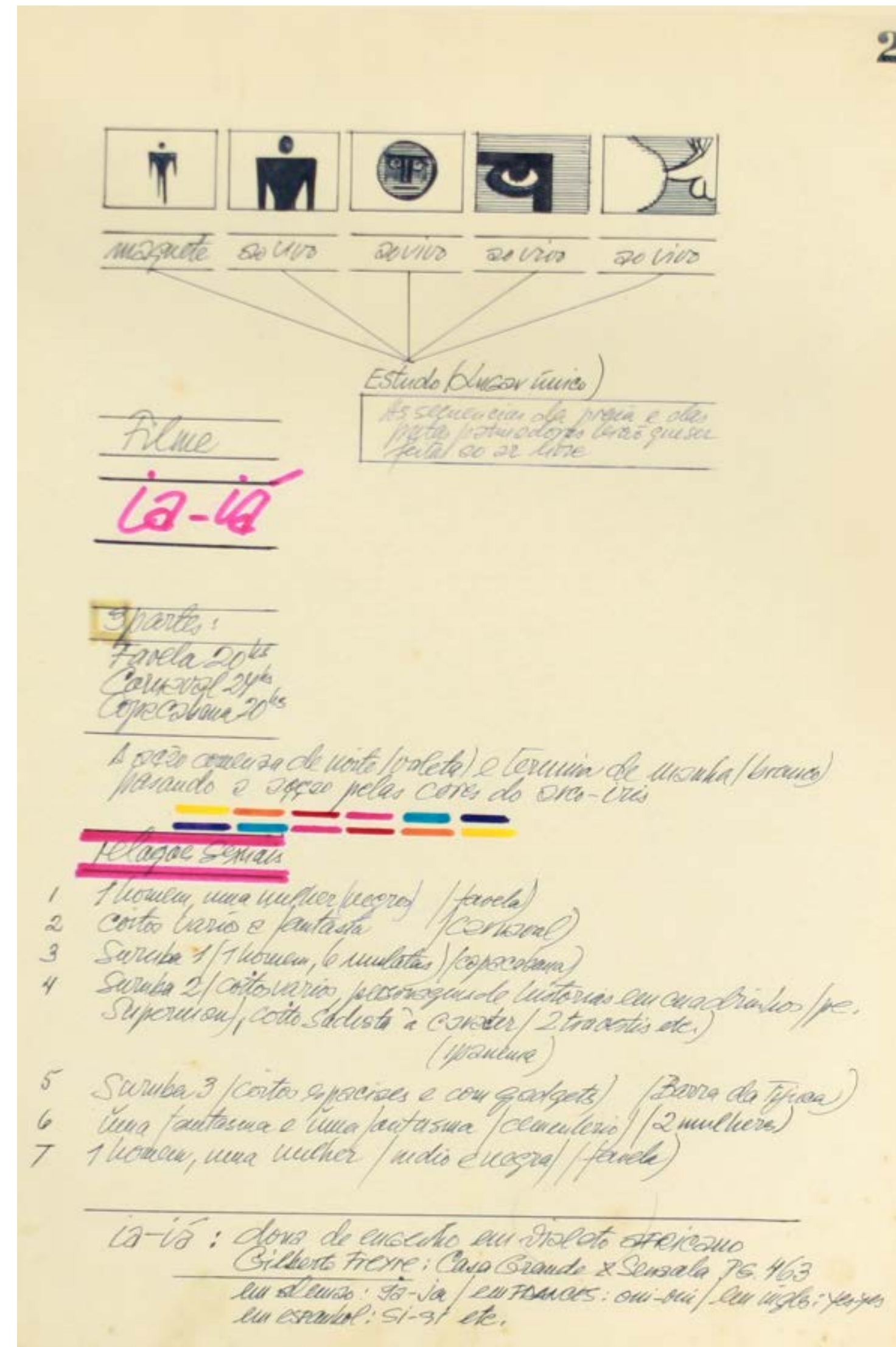
Feature, fotografia

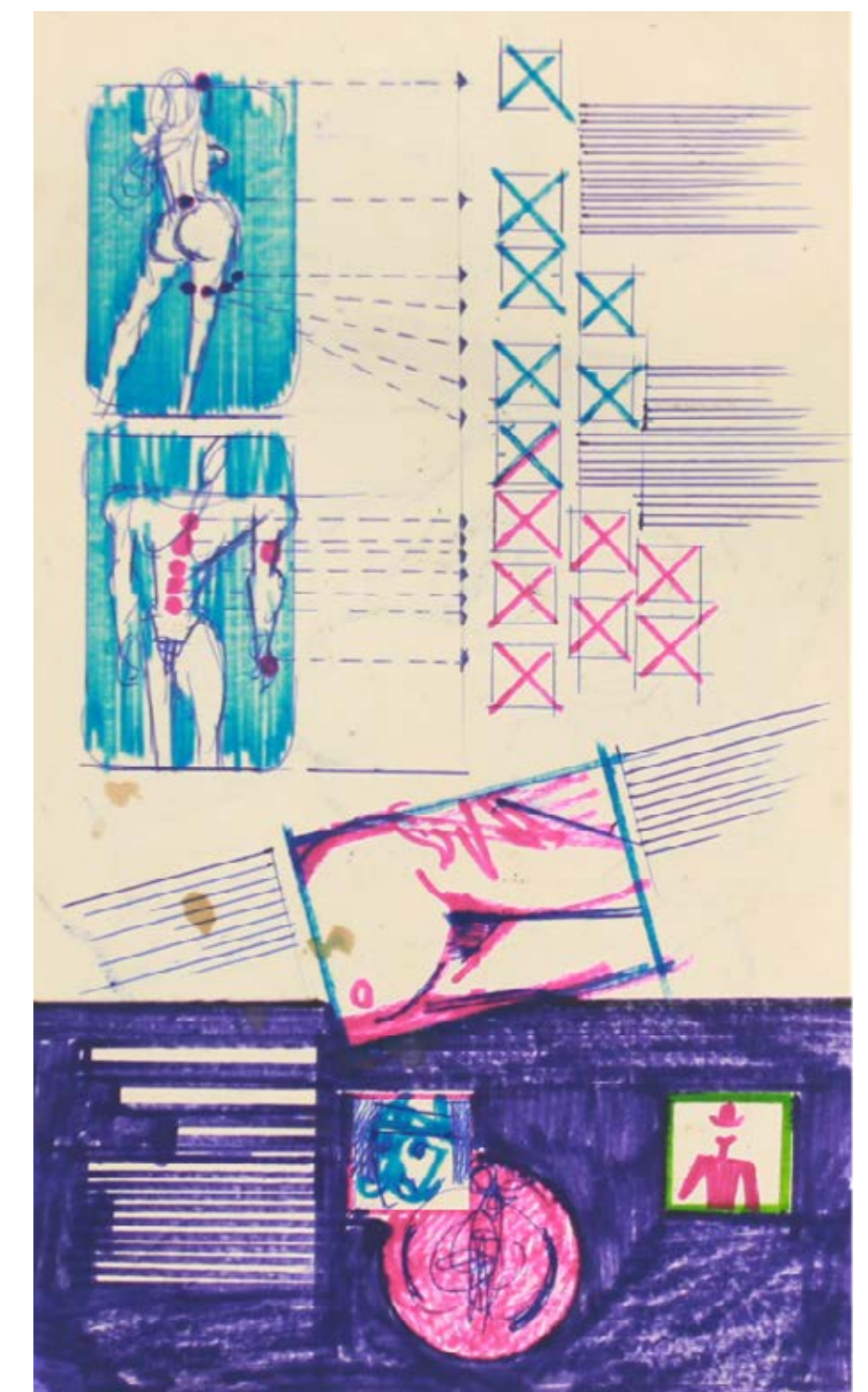
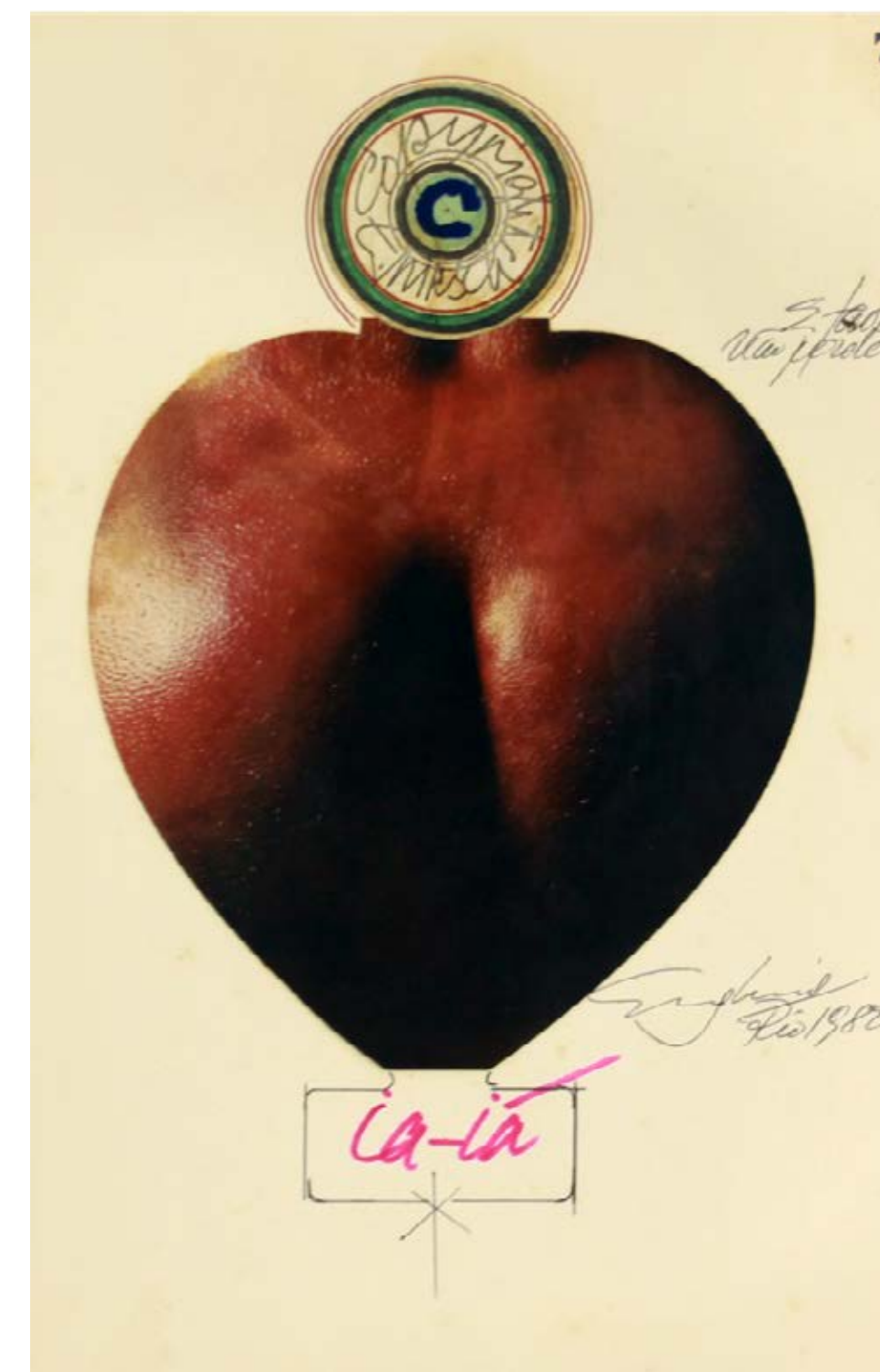
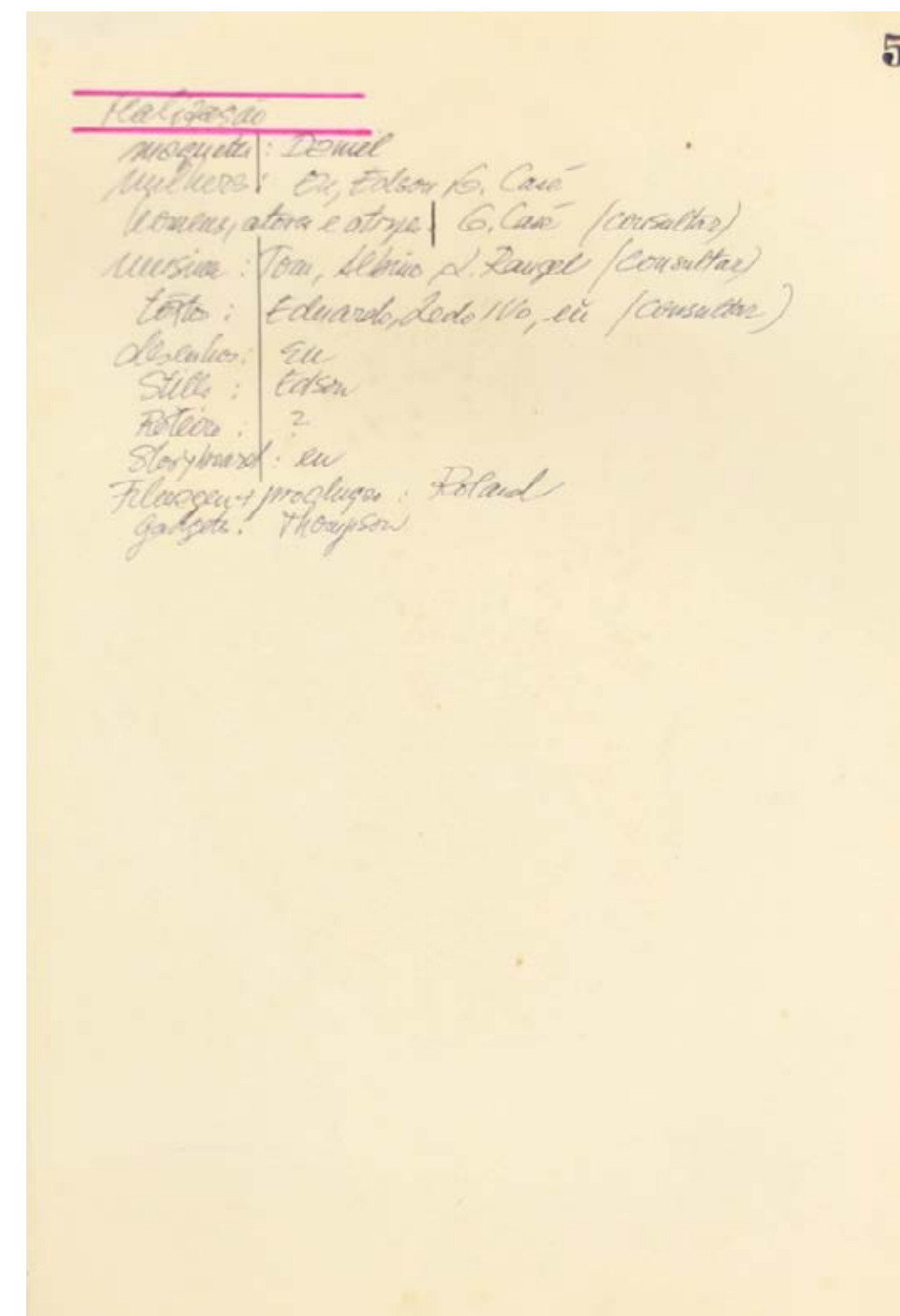
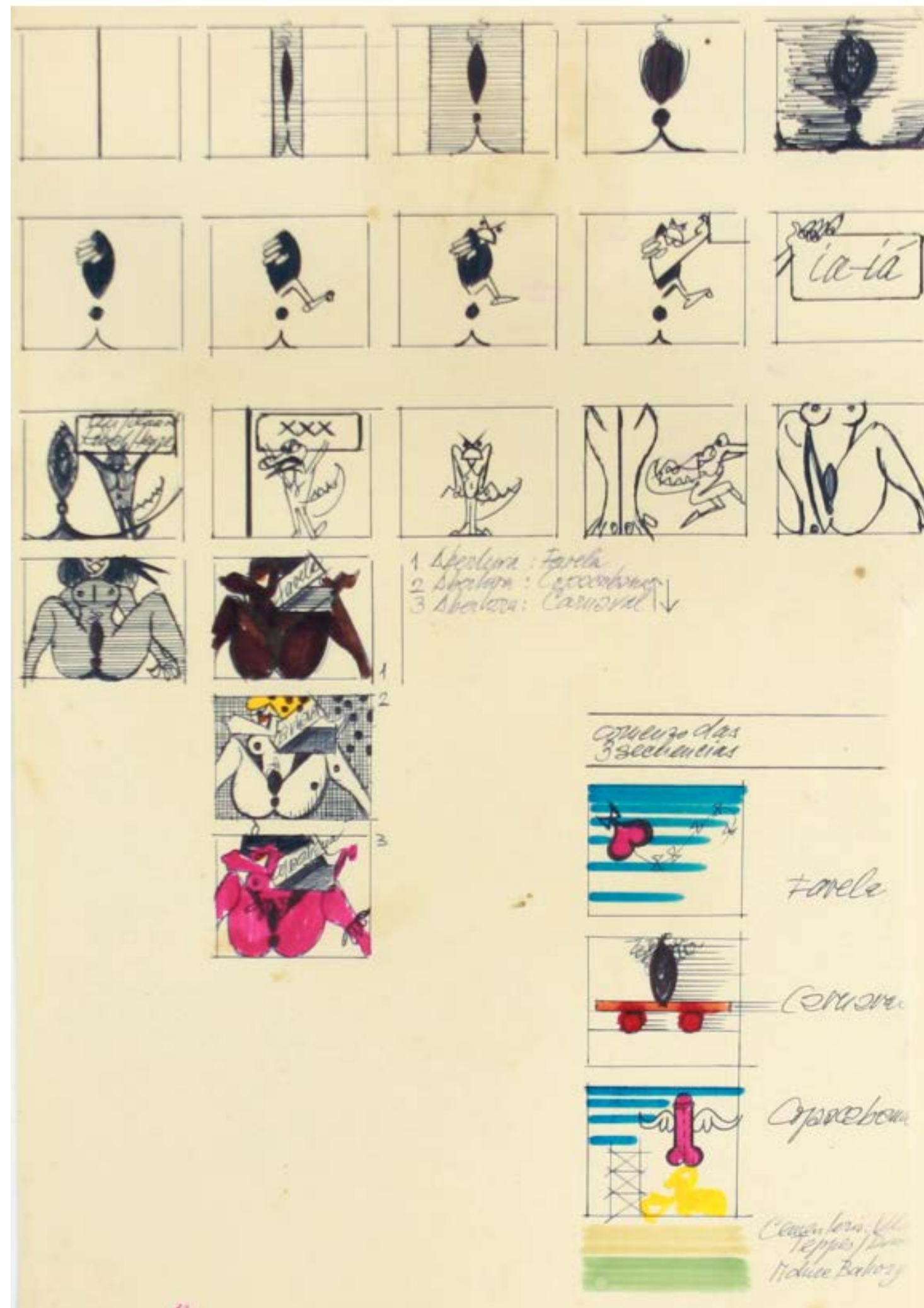












EROS

— a criação de um novo conceito —
na abertura —

— o universalismo da cotidianeidade —

Var forma inteligente e culta do ambiente
mutuamente crítico do corpo e físico, o solo
do universo, estivo, entretido, físico, botis
TV, teatro, música, espetáculo, rompas, falas, e
bebidas, quicadas — eu fui um clare — para o seu
investimento condicionado para o SAXI

EROS
universo al estivo

Atos:
Vila
Pólar
Cão
+ Cópia/fechada

1. Criação e registro o. da prova
Cria XXX de capital

2. Exp. Y+H+GT+E
Onde m. Y. leuam ao telão
pelos e sobre o EROS e seu
sua subordinação e bem-estar
oferecimento

3. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

4. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

5. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

6. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

7. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

EROS! JA ERA!

SOLUCIONAR
Além:

1. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

2. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

3. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

4. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

5. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

6. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

7. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

EROS
universo al estivo

Atos:
Vila
Pólar
Cão
+ Cópia/fechada

1. Criação e registro o. da prova
Cria XXX de capital

2. Exp. Y+H+GT+E
Onde m. Y. leuam ao telão
pelos e sobre o EROS e seu
sua subordinação e bem-estar
oferecimento

3. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

4. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

5. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

6. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

7. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

EROS! JA ERA!

SOLUCIONAR
Além:

1. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

2. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

3. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

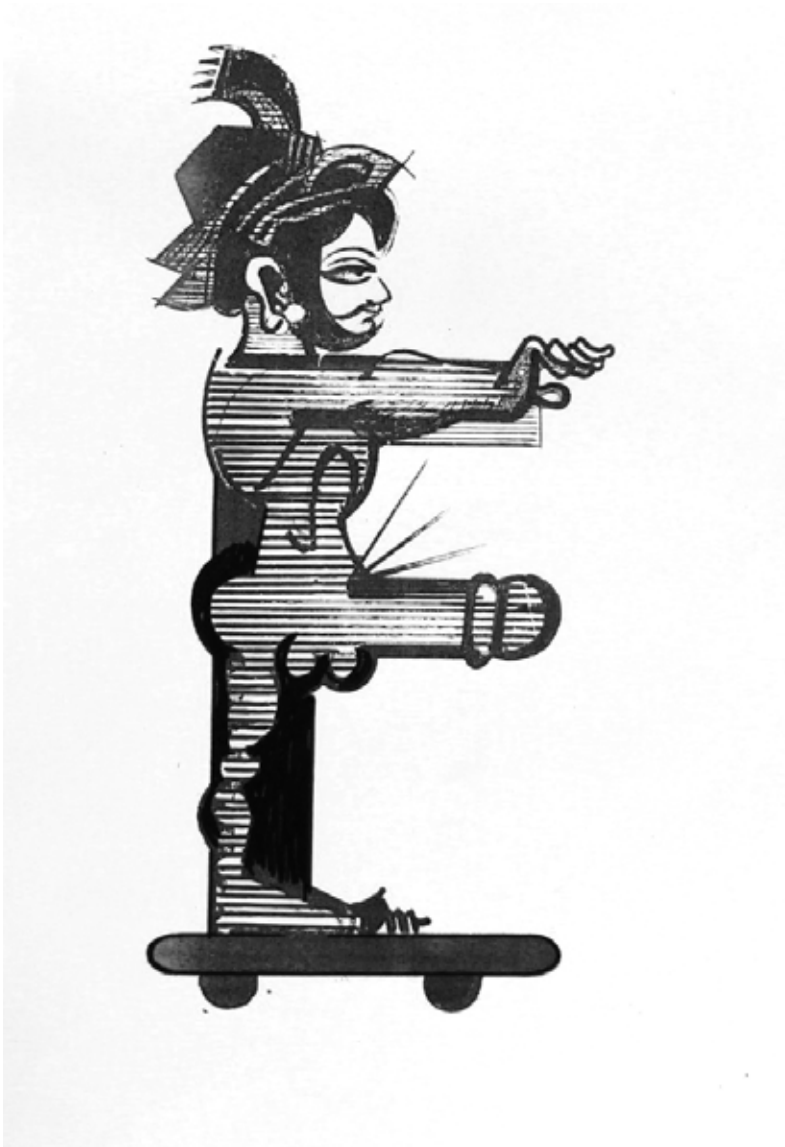
4. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

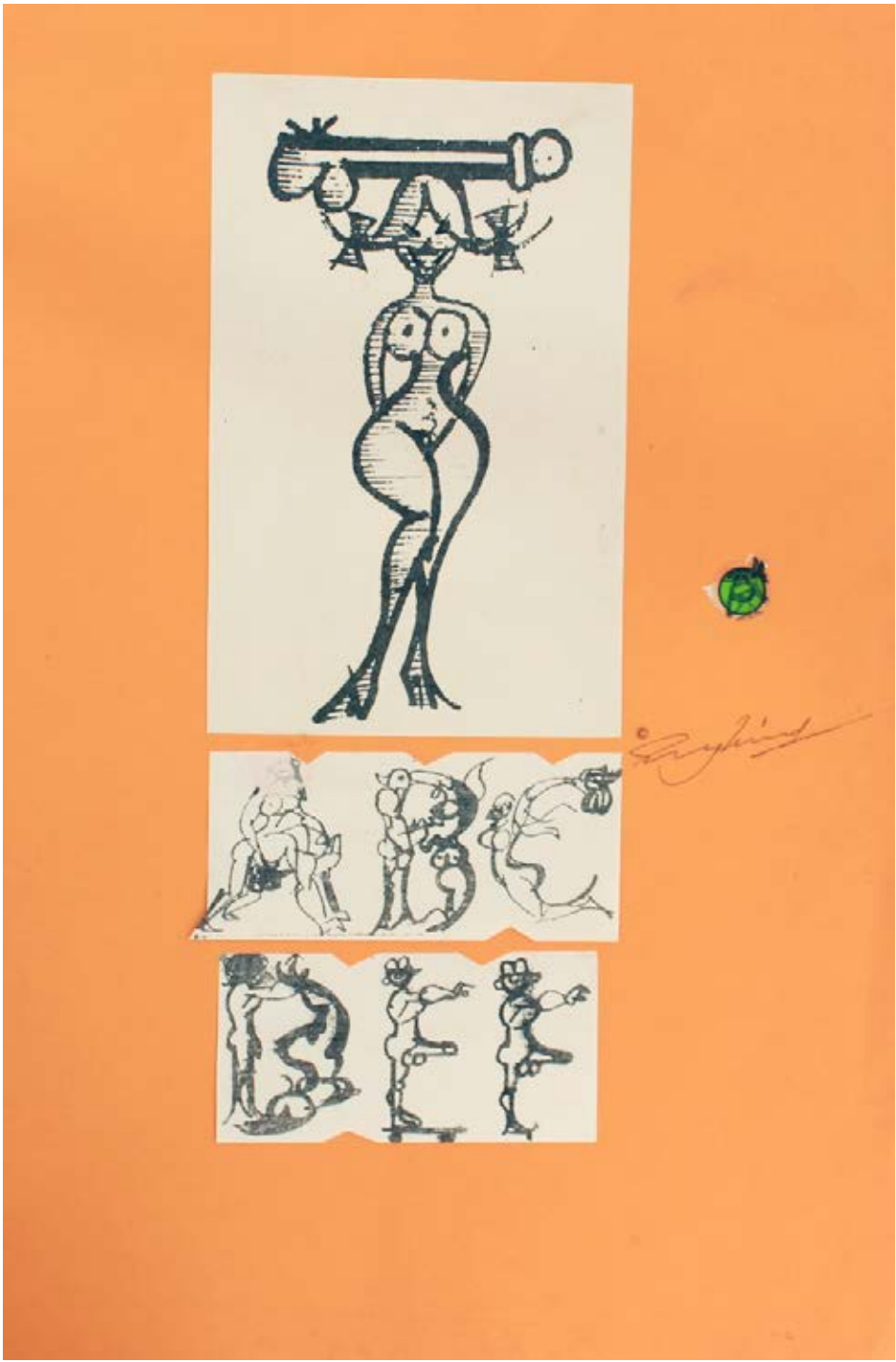
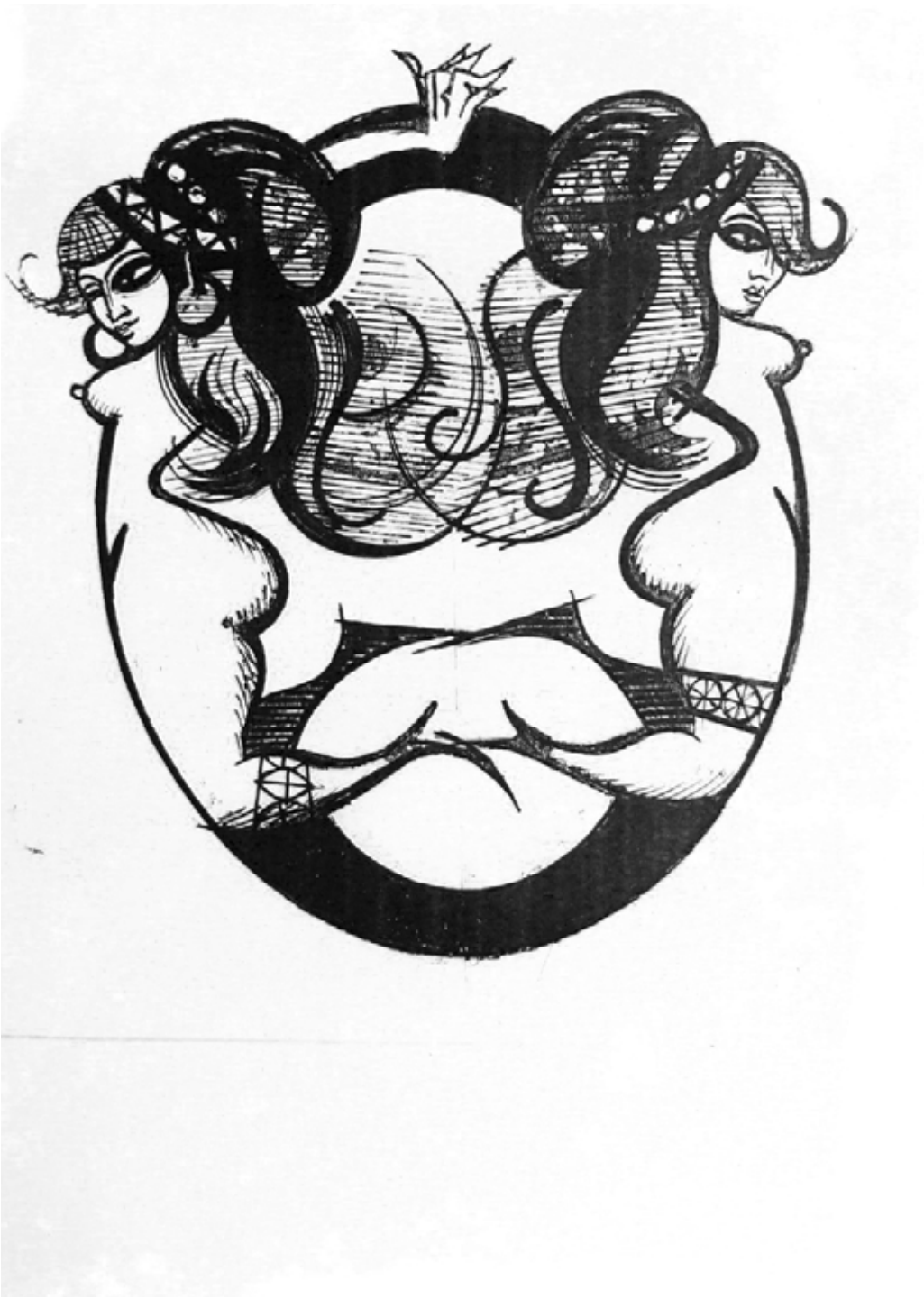
5. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

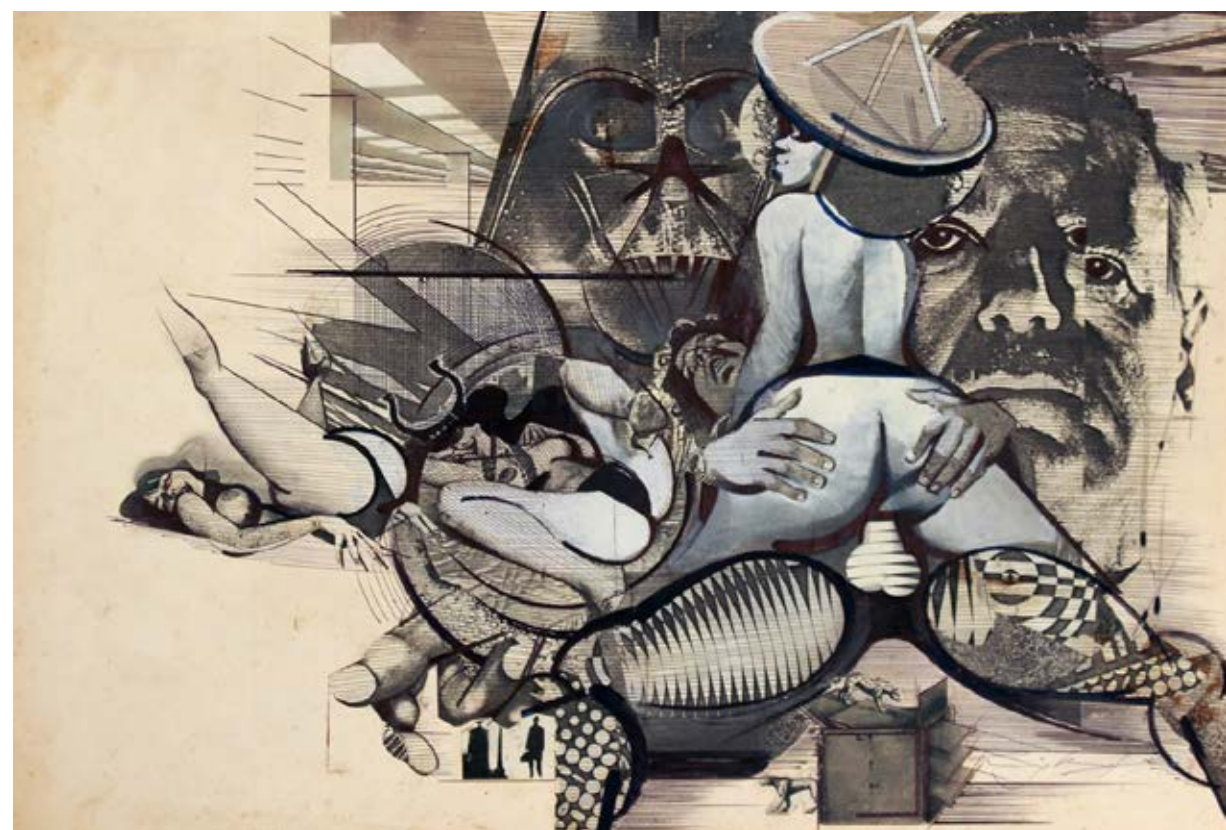
6. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS

7. Criação de um novo conceito
Trabalho de da EROS











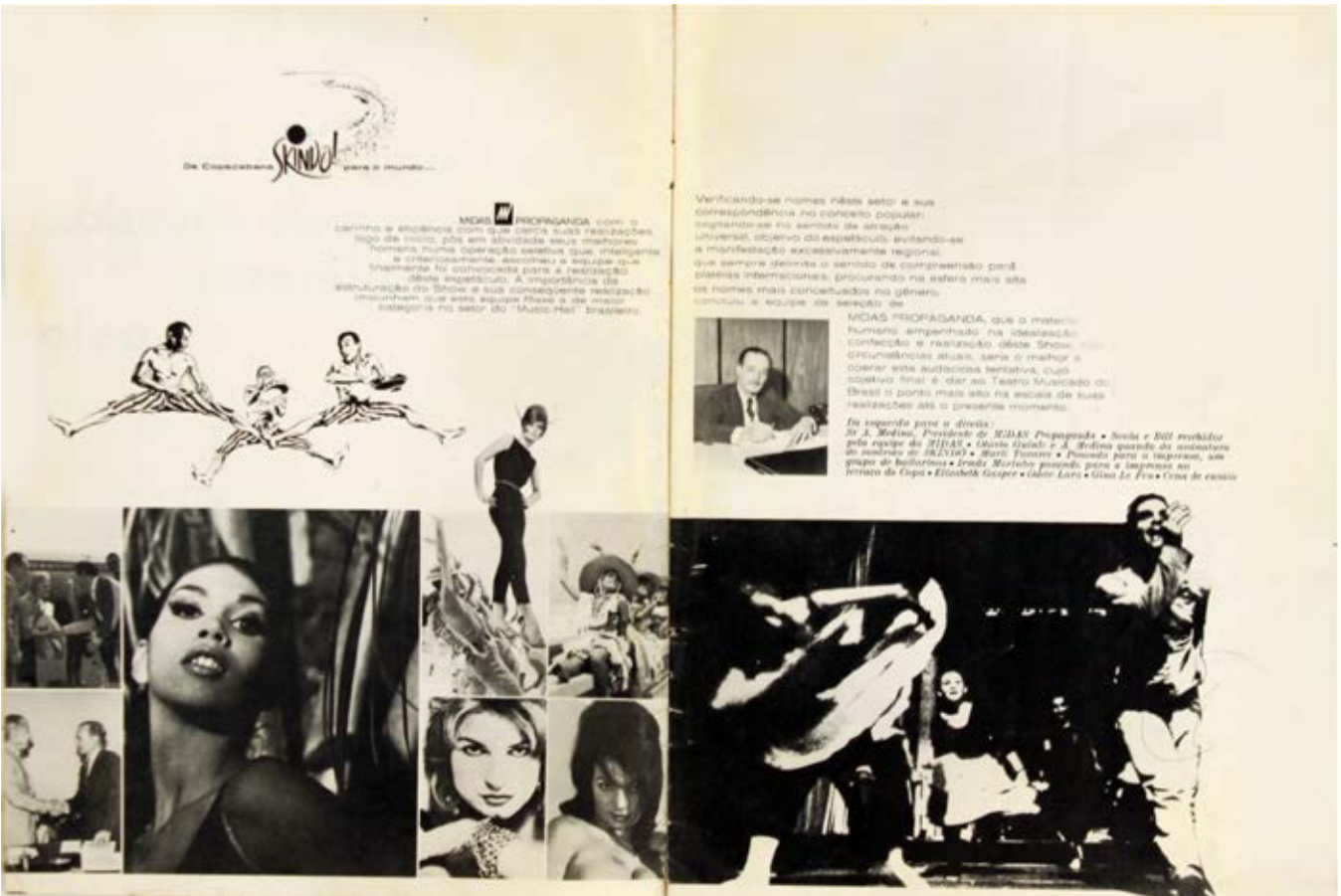
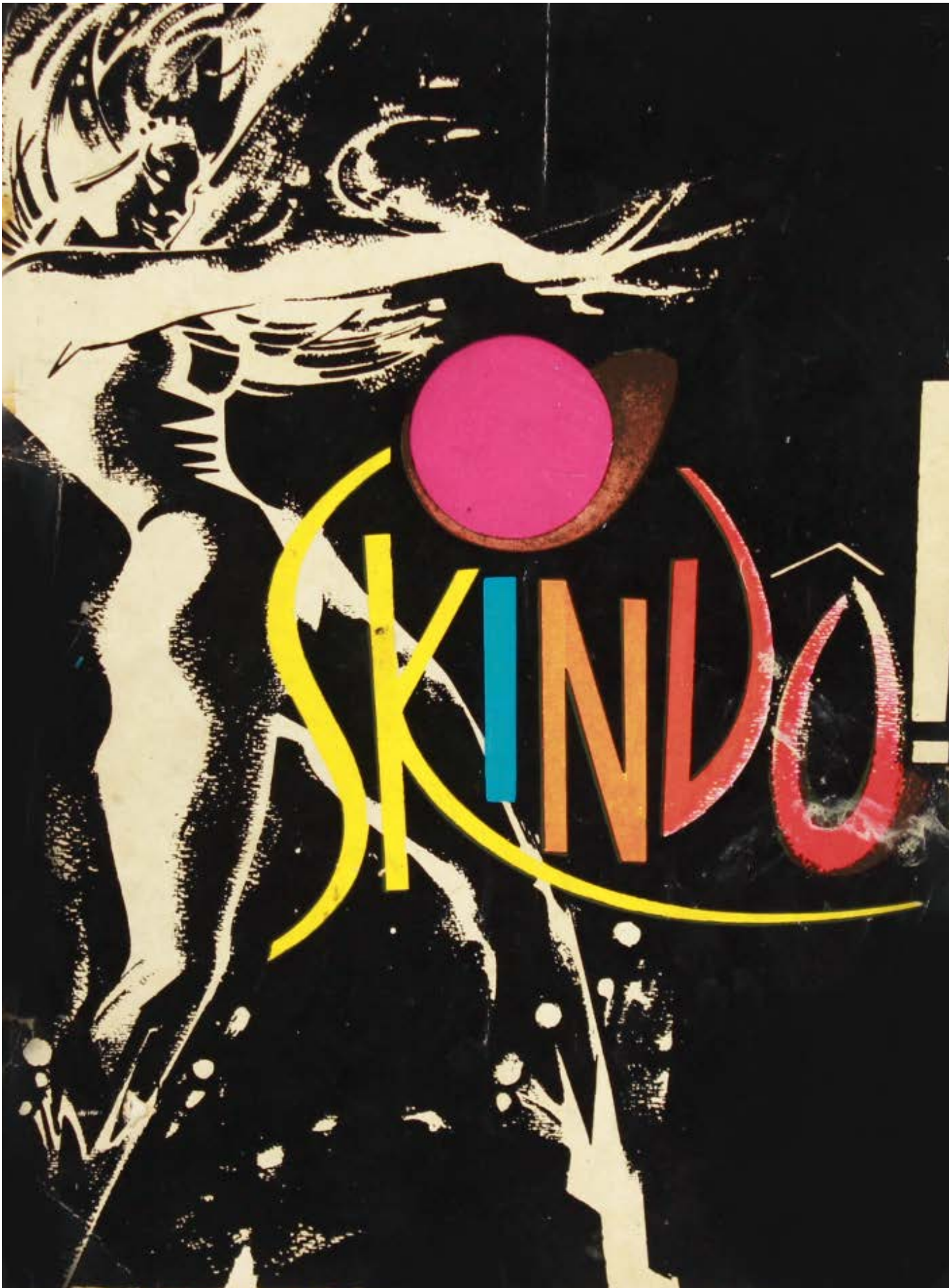
Miscelânea

Midas Propaganda

Acervo Lembrar

Programa de show Skindô

1962

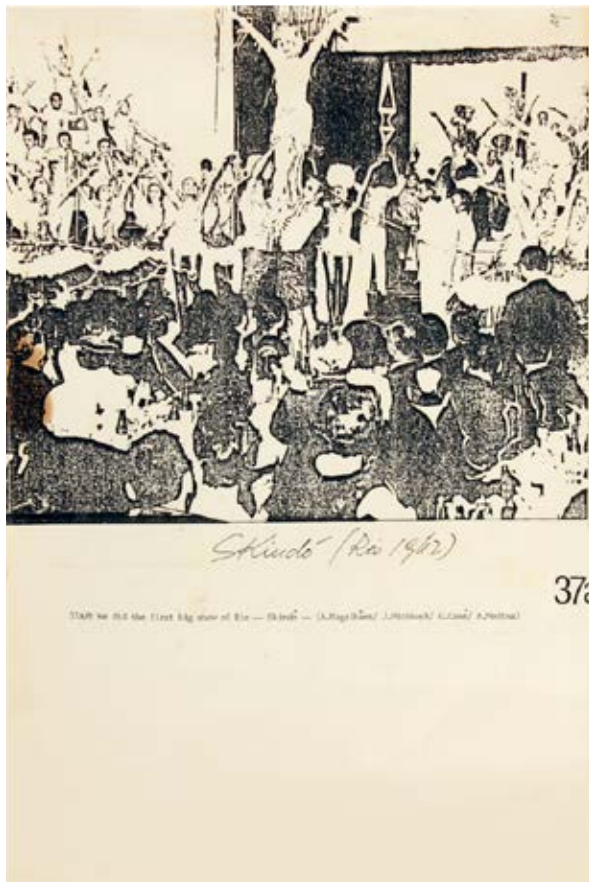
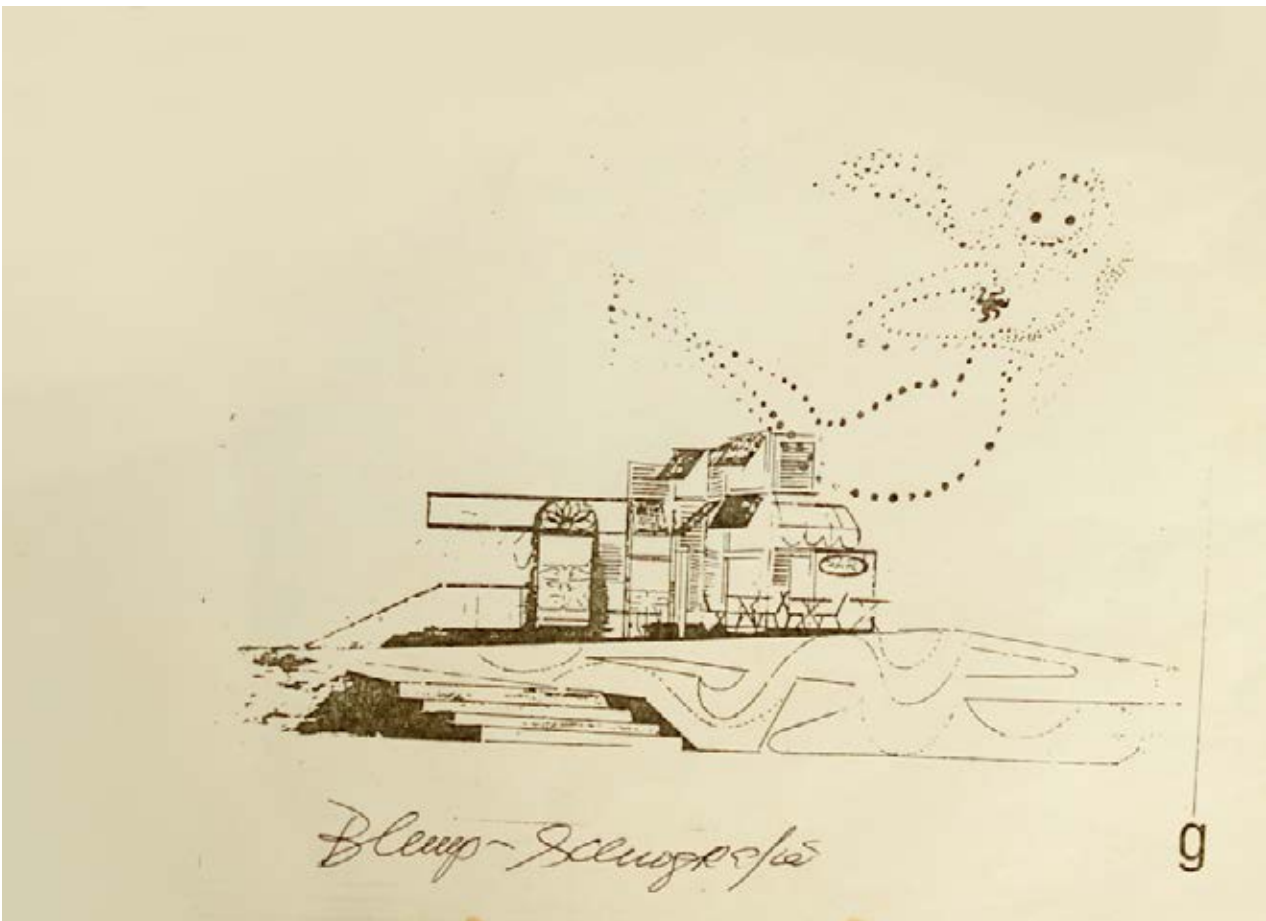
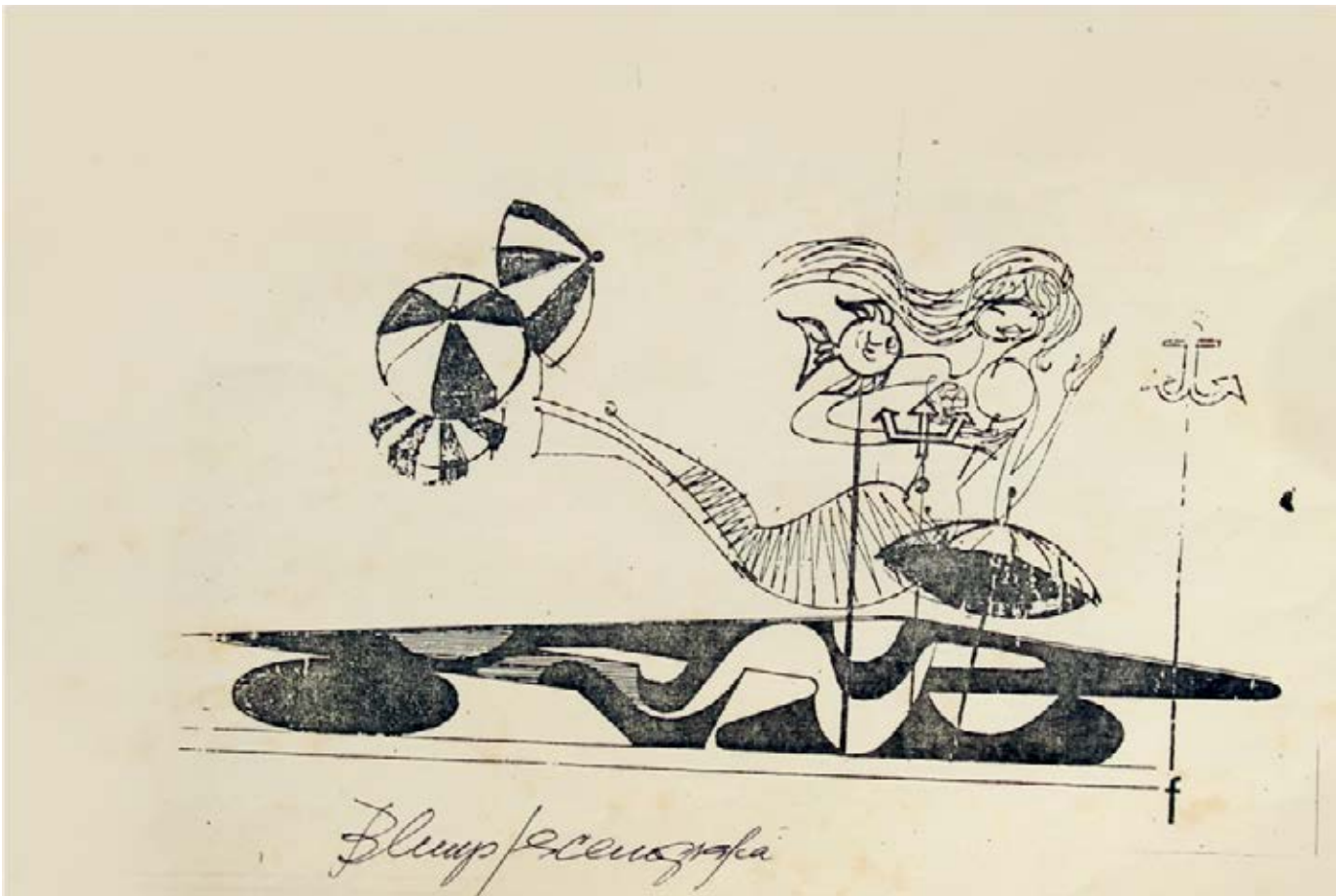


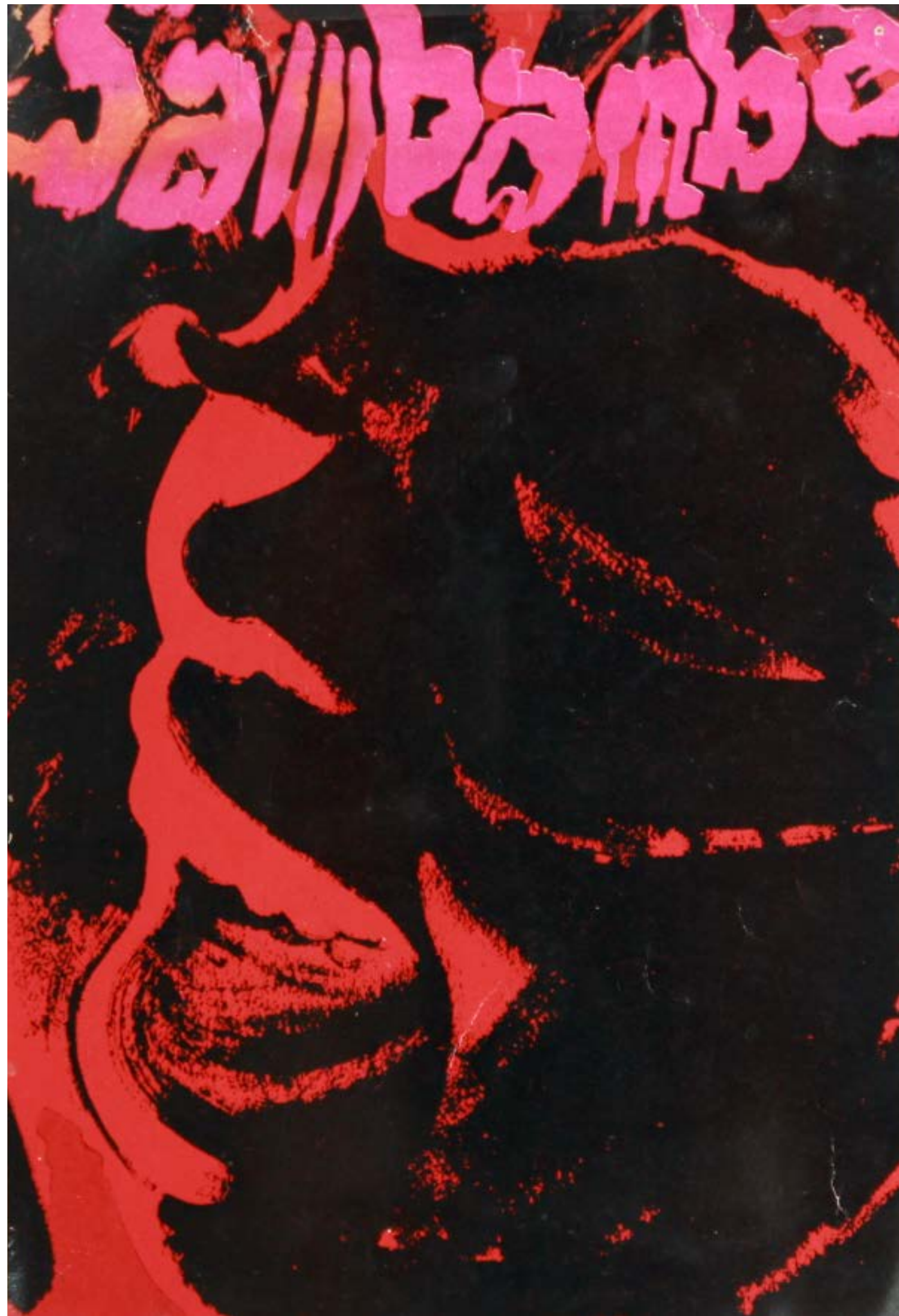
Midas Propaganda

Acervo Lembrar

Programa de show Blimp

1962





Midas Propaganda

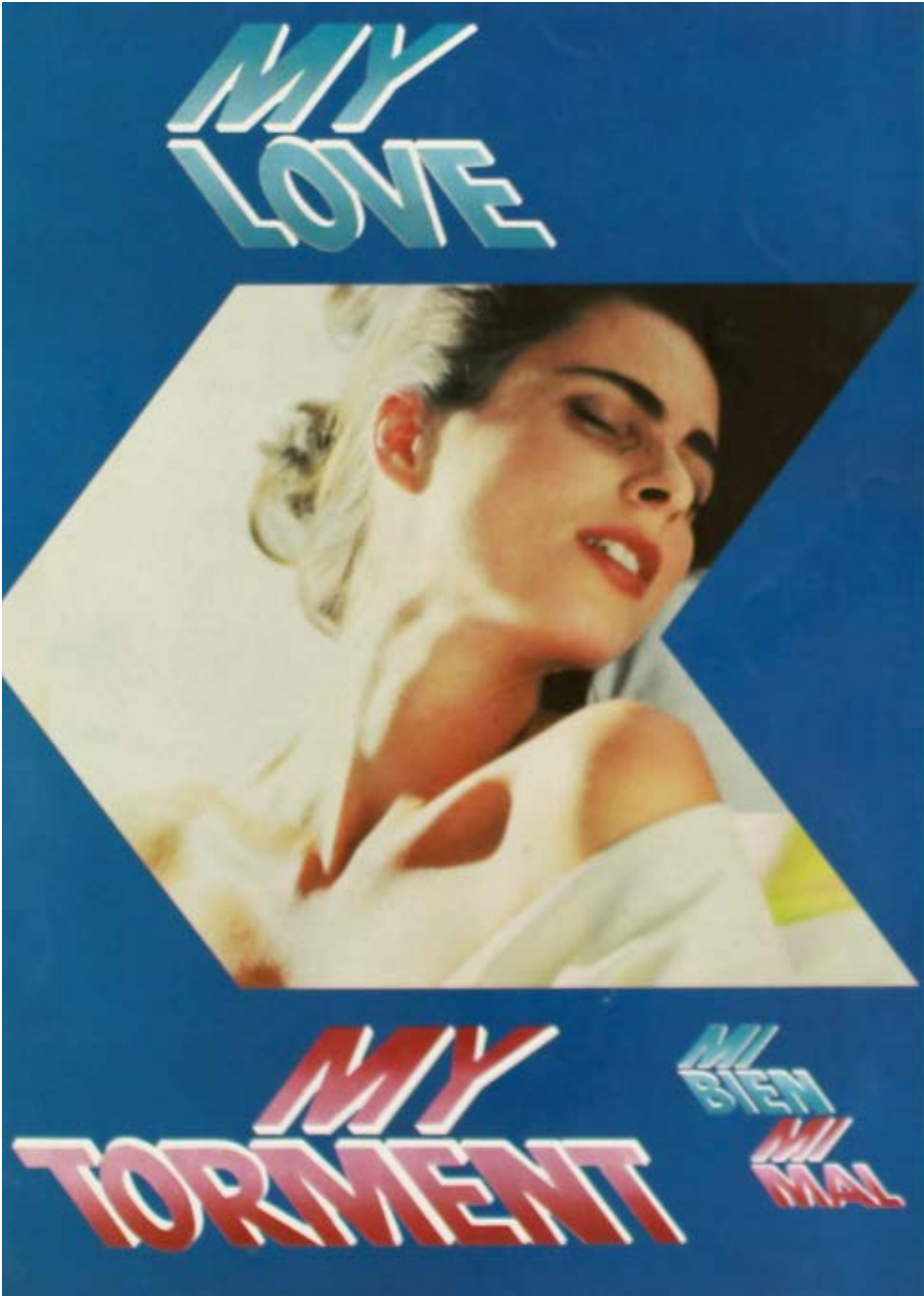
Acervo Lembrar

1963
Sambamba
Diretor de arte

Impressos

[1]	My love my torment		
[2]	Baile de carnaval do América	1981	

[1]



[2]





TEREZINHA

TEREZINHA

*“Ajustou-se mais ao outro corpo . . .
Daquelas janelas, daqueles
edifícios a estavam olhando. Não
um, mas dois homens, com seus
binóculos a viam, aproximada
e acesa . . . Antes de senti-lo afundar
e entregar-se, ainda
pensou: três cavalheiros.”*

UM CONTO DE RICARDO RAMOS

Entre o fim da tarde e o começo da noite, ao certo não sei, existe um instante que parece feito de silêncio. A luz ainda não se foi, nem a sombra nasceu, e no céu indefinido uns tons de laranja, de rosa, sujam-se contra as manchas das nuvens. Mesmo que haja edifícios, que o cenário seja a cidade, é um rompante da natureza forçando sua presença. Assim como nos chegam as estações, de repente. Nele, nesse pequeno espaço de tempo deserto, os sentidos se aguçam. E ouvimos a pausa e enxergamos além do opaco e o cheiro do asfalto nos assalta calado e nítido. Tudo com uma enraizada sensação de lugar, eu vim de longe mas agora estou aqui.

Foi num desses momentos que os dois amigos a viram. Tinham sentado fora, mesa de pista em bar de esplanada, o calçadão, a rua, o jardim, e bebiam sem pressa, sem nada a esperar que algum simples mistério noturno, ô primavera tão pouca e tardia, quando ela apareceu. Vinha solta, claro entre os passantes. Saliente, destacada, toda um relevo. E já surgiu ondulante e colorida e alongada a caminho, e eles a notaram no seu movimento e a receberam animada. Feita uma compassada visão ou dádiva chegando, pronta a desatar-se. No entanto ainda a distância.

O amigo mais velho a sentiu de longe e parou com o copo no ar, reconhecendo nela um antigo feitio, uma intimidade remota, e involuntário desvendou-a, e lembrou perdidas palavras, e afastou-as e as substituiu, pouco sutil, quase grosseiro, rápido na mudança capaz de atá-la ao presente e à ocasião, pois entendeu que o seu real era juventude.

O amigo mais moço a percebeu como um caçador, e furtivo posou o copo sobre a mesa, espreitando-a no seu passo arisco, elástico, armando armadilhas, imaginando engodos e cuidados para atraí-la, desejava prender, encantar essa presa que se aproximava, felina e morna e nova, até que afinal a rendesse parceira e afim.

Ela porque afeita divisou, a despeito de afastada e distraída, a atenção que despertara nos dois homens, e como percorrida por uma interna corrente endireitou-se mais, adelgada, palmeira, era como se reunisse seus temores ou incertezas para aquele efeito de aparente segurança. E o primeiro amigo lhe conheceu o frémito, não avistou mas distinguiu que ela se havia de talhe incorporado, tinha de ser, pois onde encontrar tamanha graça perfeição, mulher ao natural? E o outro amigo também captou o seu leve animar-se, estava a postos, e o traduziu em fluência, desfile, uma atitude pobre de exposição, a definiu modelo se deslocando em vários sentidos. E todos três, ela vindo e eles à espera, estavam para se encontrar no pôr-do-sol urbano, um perfeitamente comum e fortuito e esquecível momento que assumia o feitio de instante a rever, sem dúvida belo, uma coisa valorizada e de permanência. Neles e no ar que respiravam.

Aquele homem grisalho, senhor e distinto, de olhos experientes no entanto admirados, aquele rapaz moreno, tanta vontade reprimida, a me olhar assaltante e apesar, essa moça meu deus, que beleza de rosto e corpo e porte, assim de súbito como um acender de velhos fogos, aqui menina, venha, se deite, acabou a sua mostra, pode tirar a última peça e o cansaço, vamos juntos e só nós dois começar.

GABRIEL MARQUEZ
O NOVO CONTEÚTO EXCLUSIVO DE STATUS

STATUS

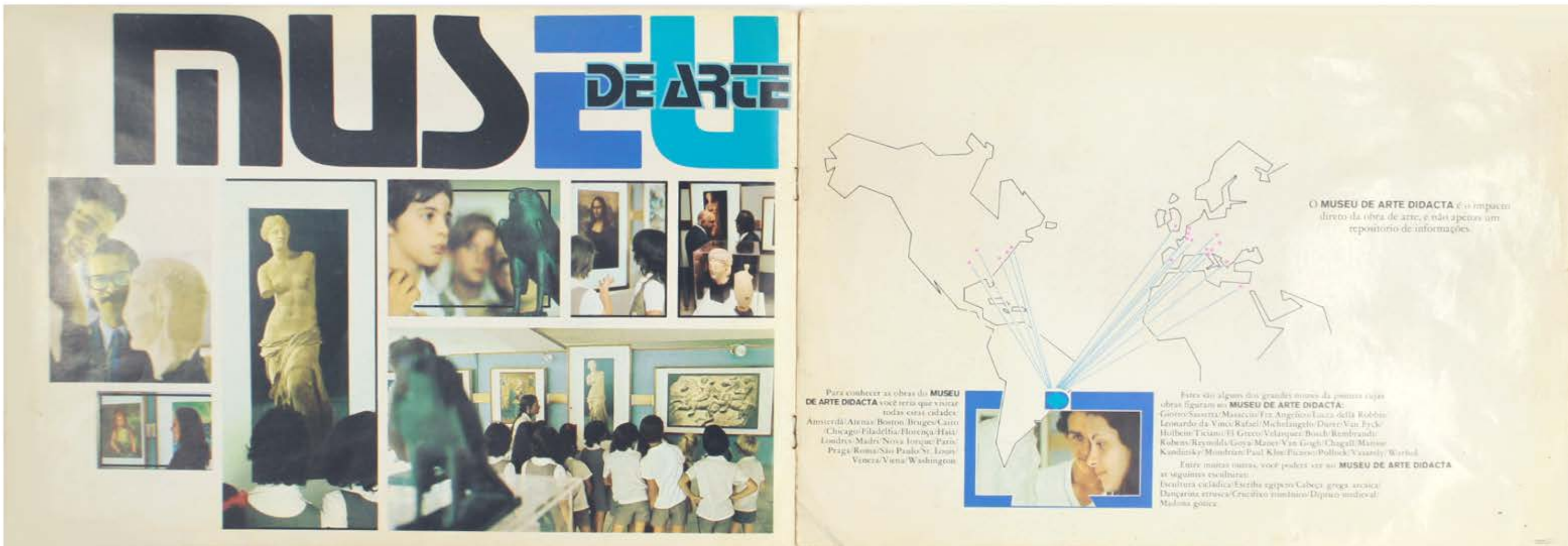
DEZEMBRO 1981
R\$ 9,90 C\$ 250,00

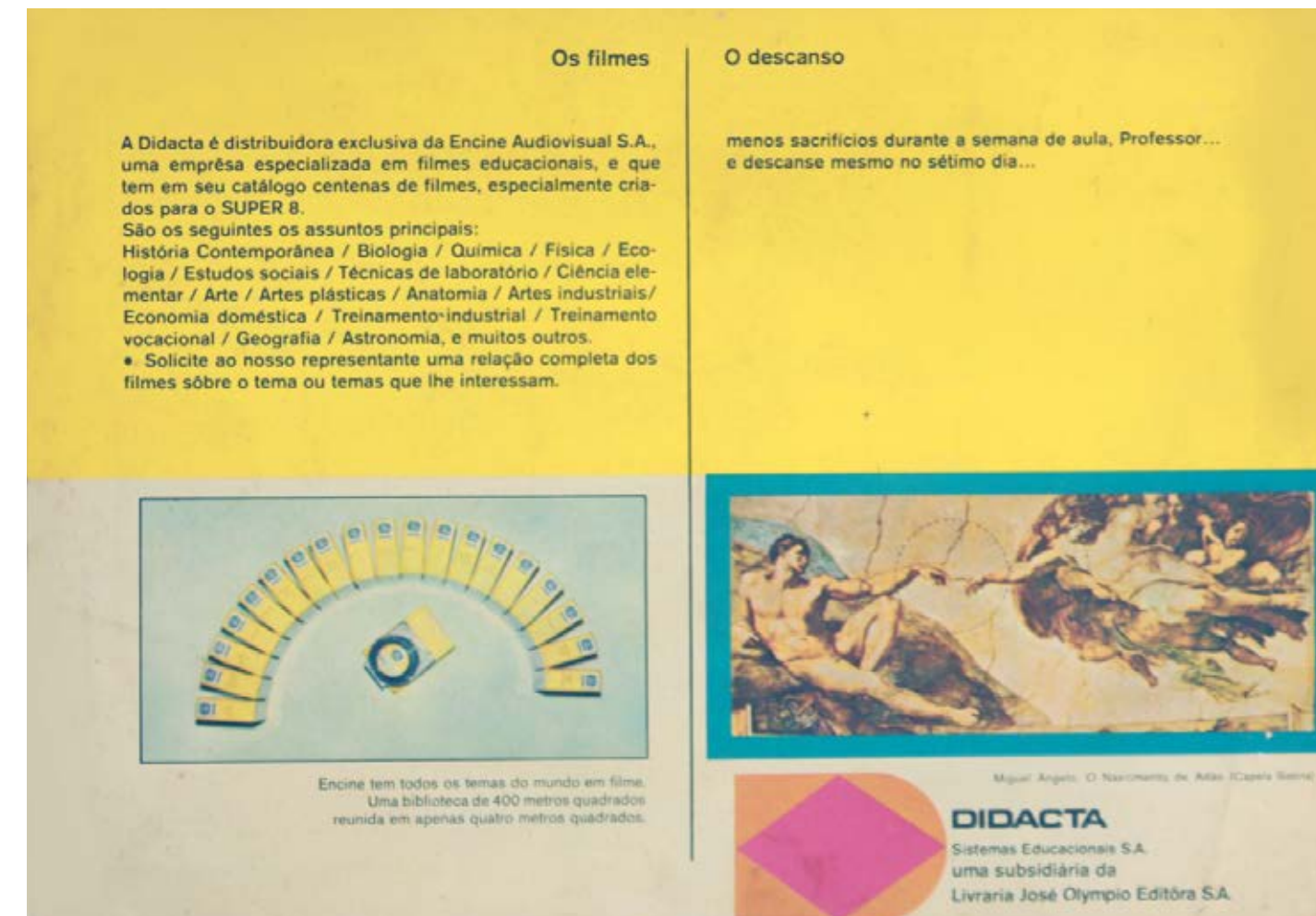
BRINDE ESPECIAL
UM BLOCO
DE NOTAS COM A
MARCA STATUS.
PARA SEUS
BILHETINHOS
MAIS ÍNTIMOS.

EXCLUSIVO: A
INTIMIDADE
DE
NAGI MAHAS,
O HOMEM QUE
ESTA
BALANÇANDO
AS BOLSAS
DO BRASIL.

PRESENTES
PARA VOCE
E PARA ELA:
DIAMANTES,
RELOGIOS,
SOM,
CARRO.

MULHERES
A ATRIZ ZAIRA BUENO.
LEILA E LISETTE,
DUAS CARIÓCAS
INAUGURANDO
O VERÃO.



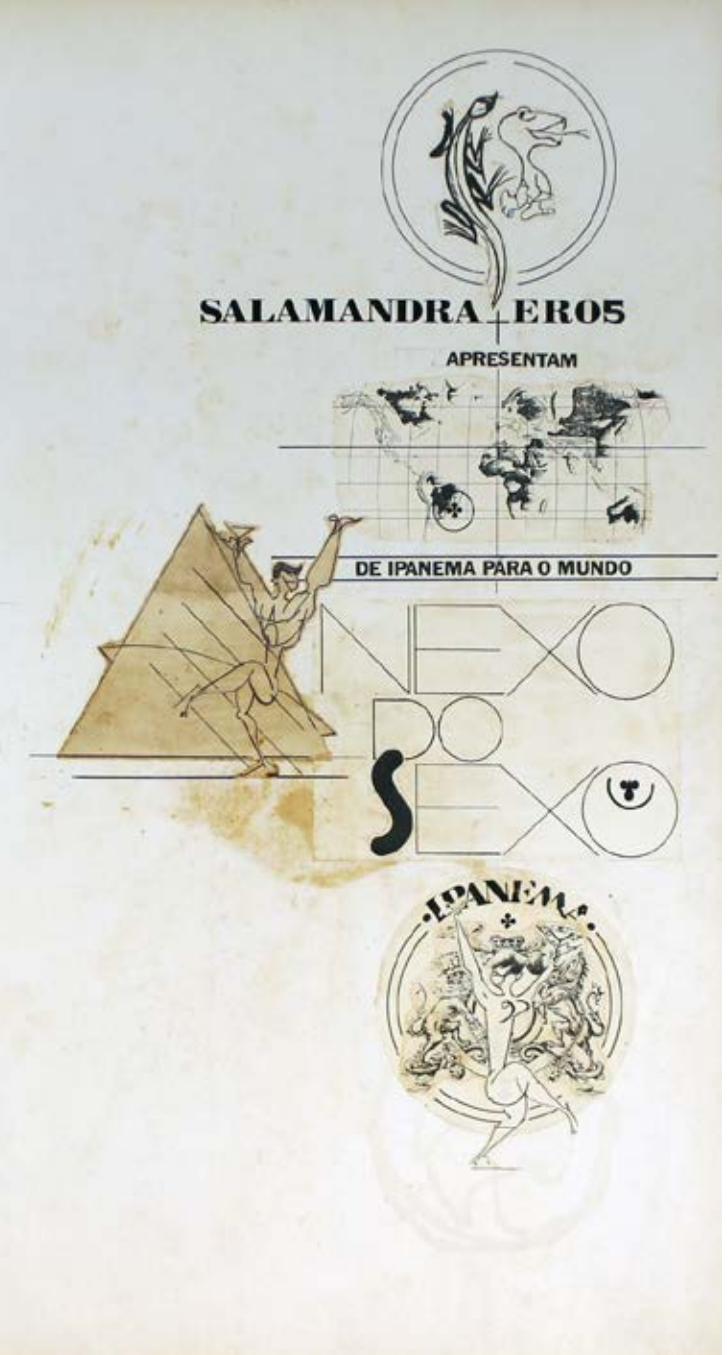
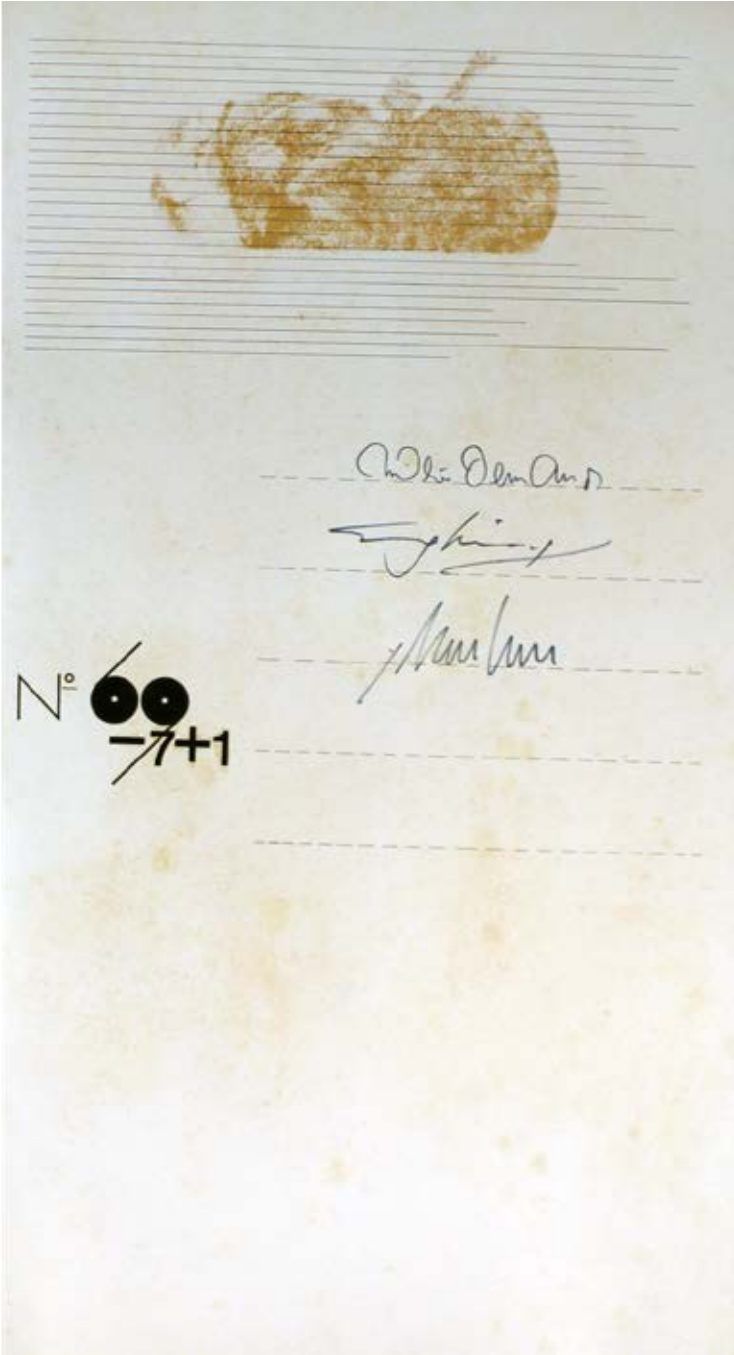


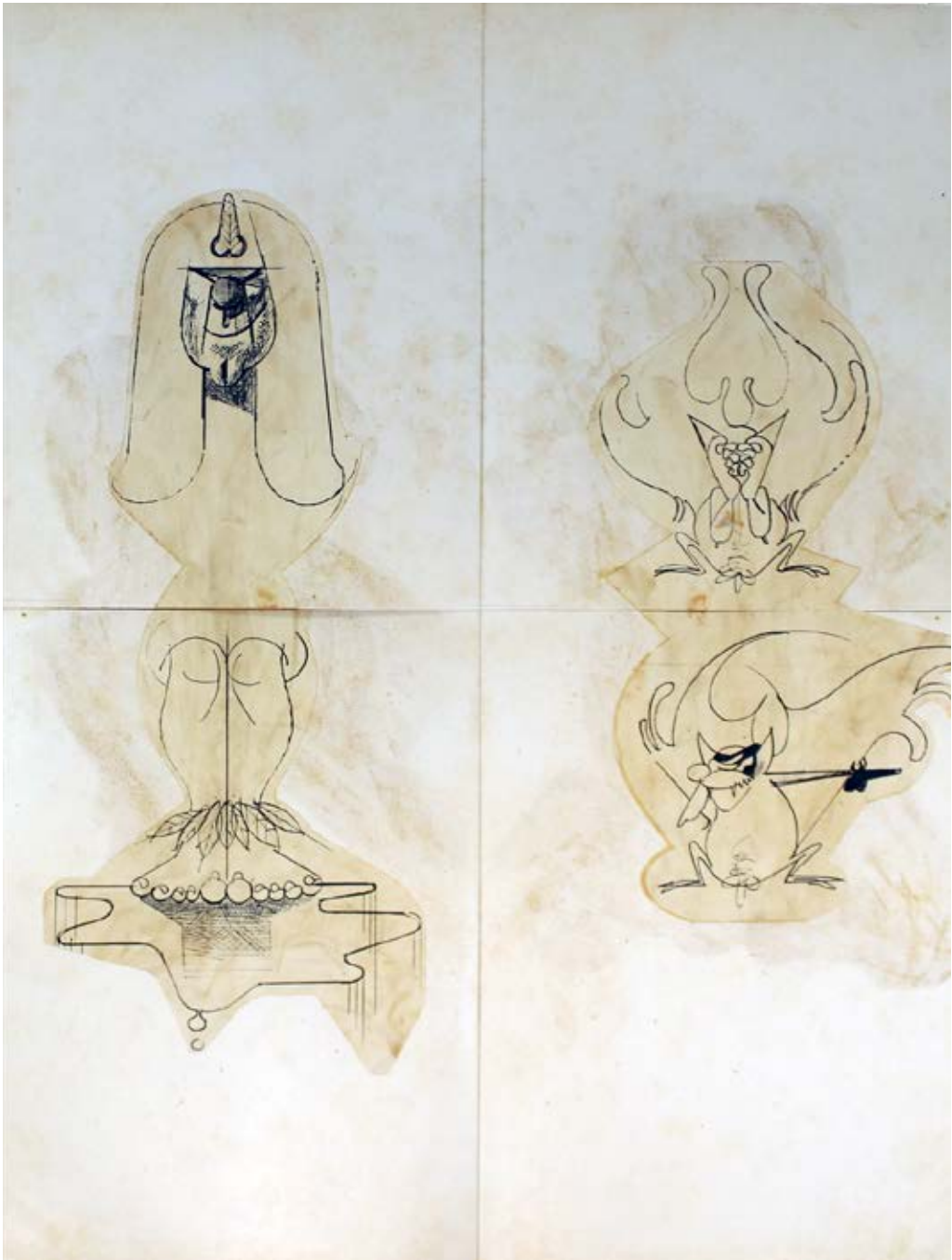
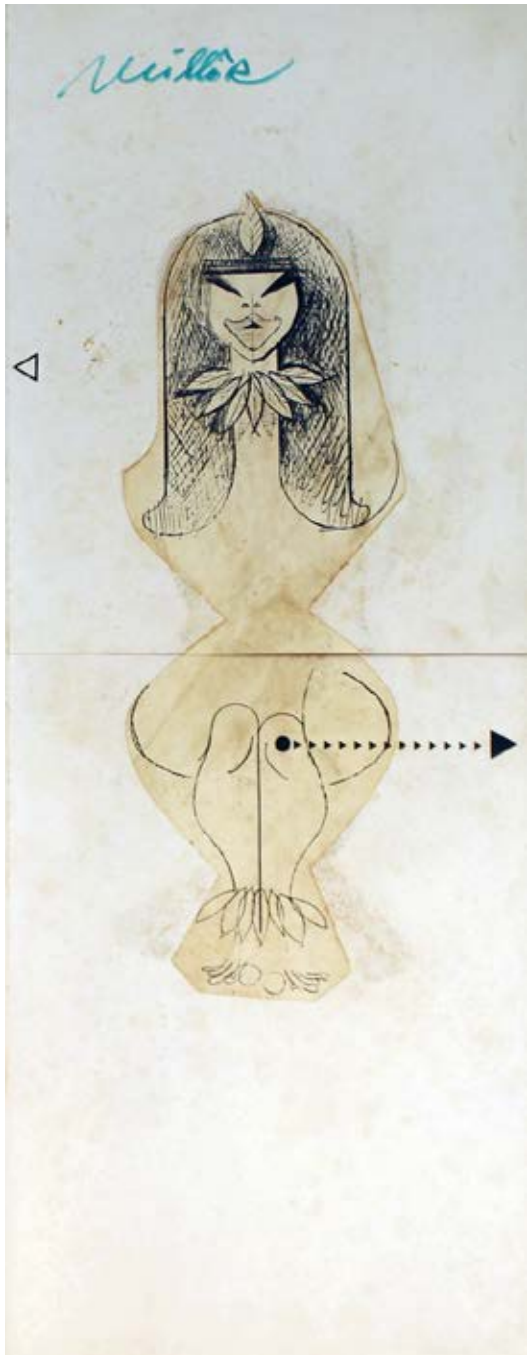
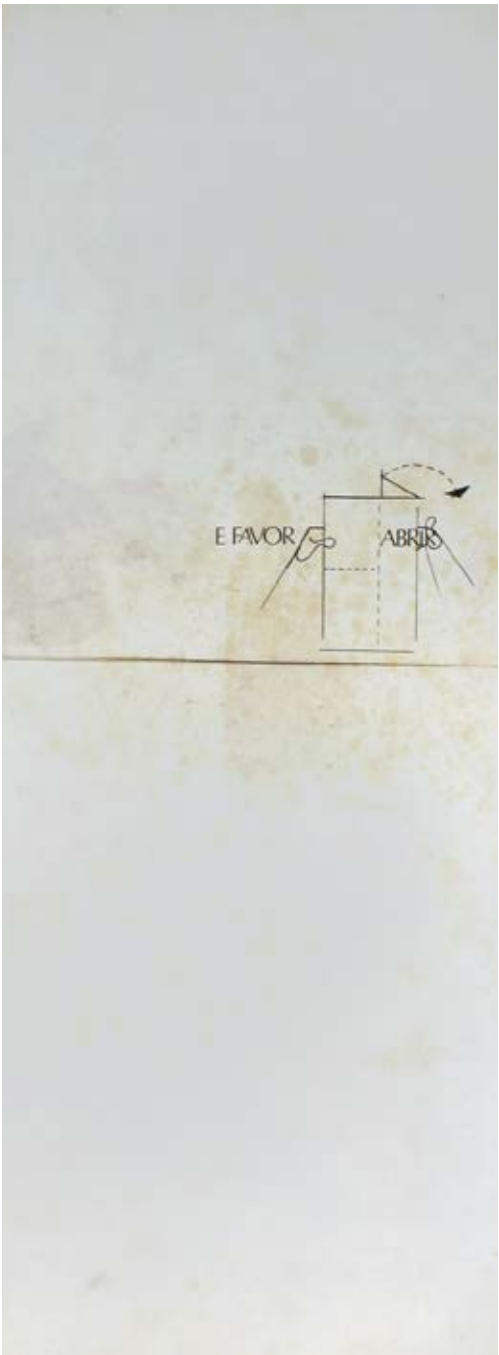


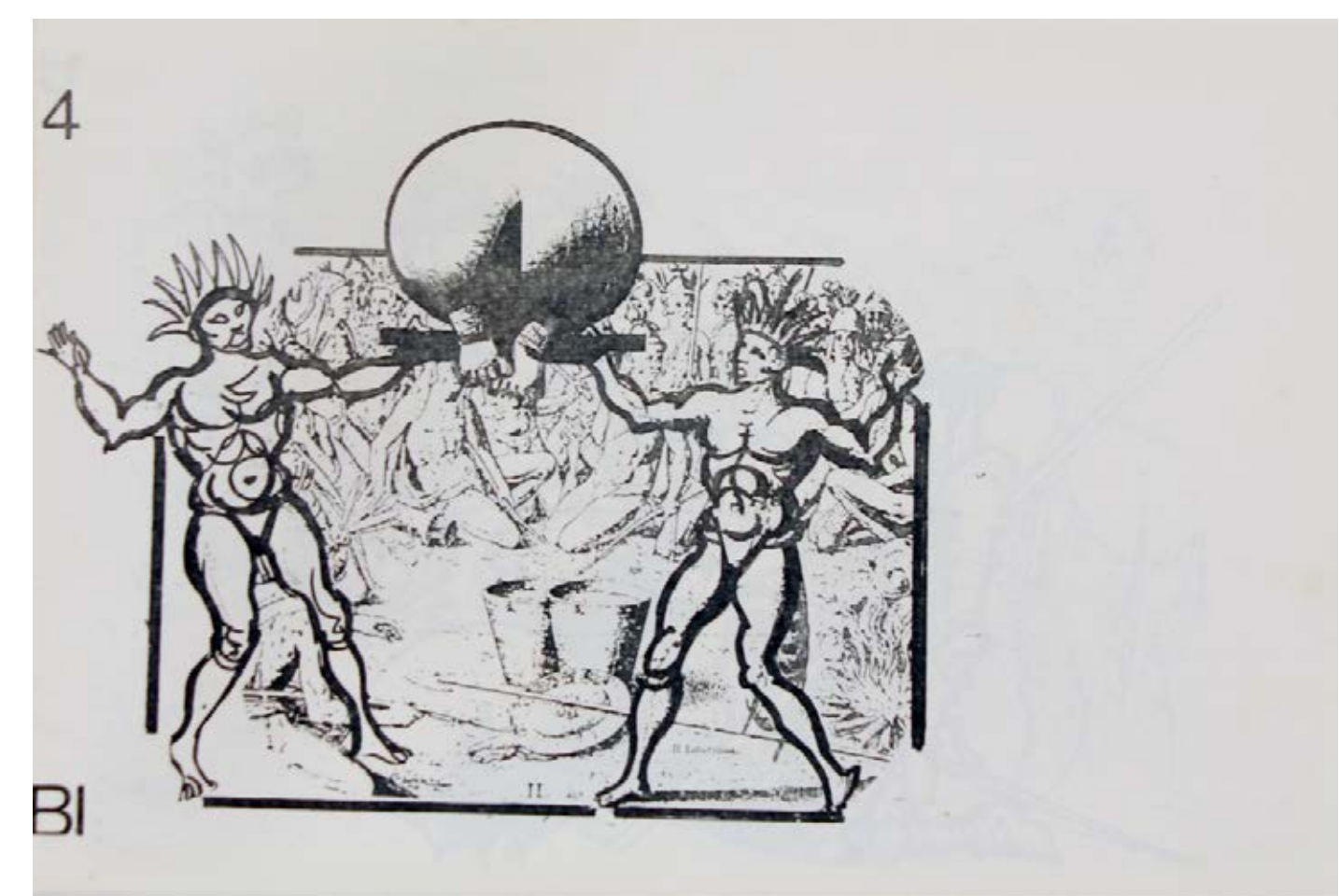
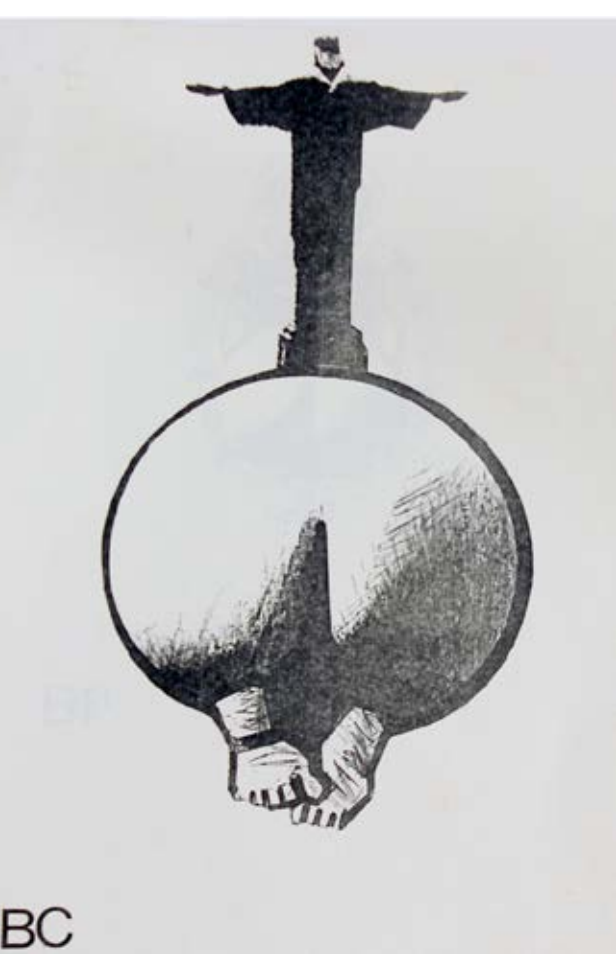
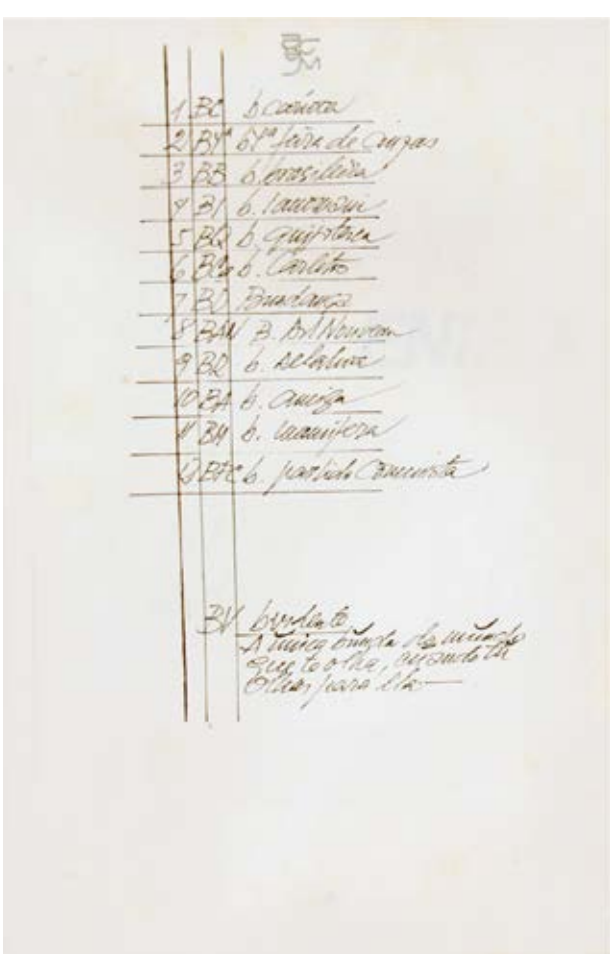
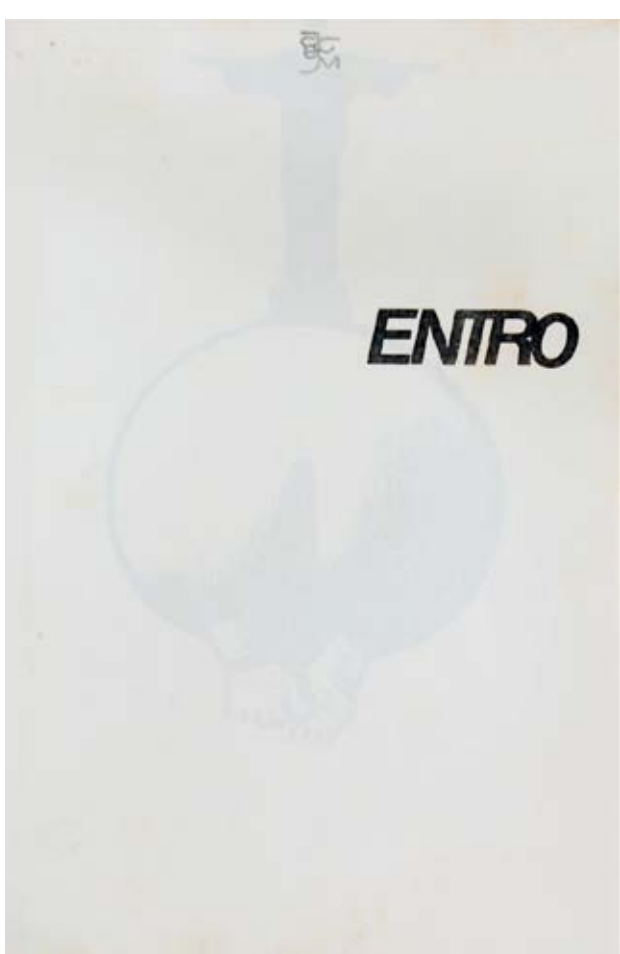
Garota FF

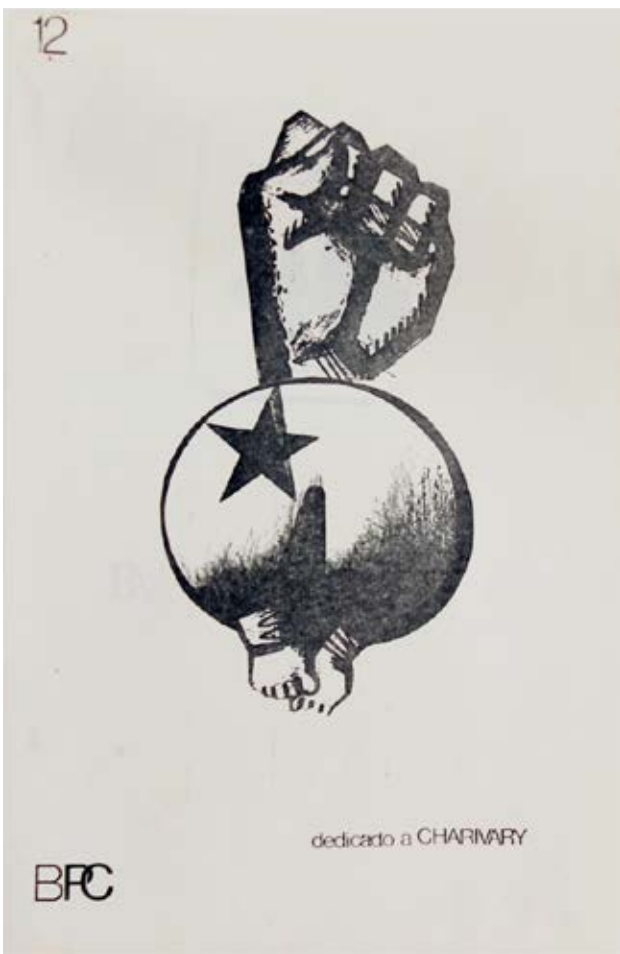
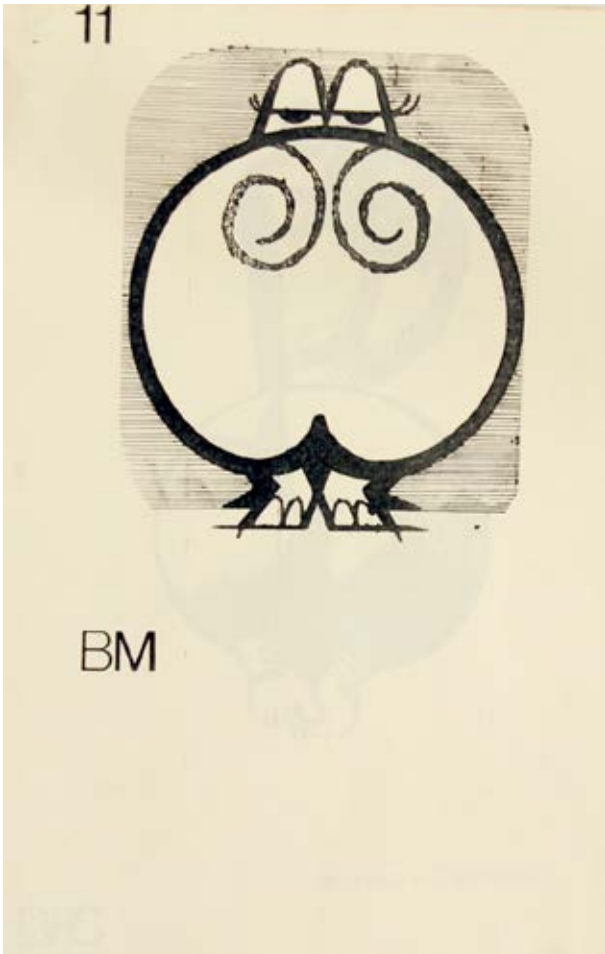
c.1961









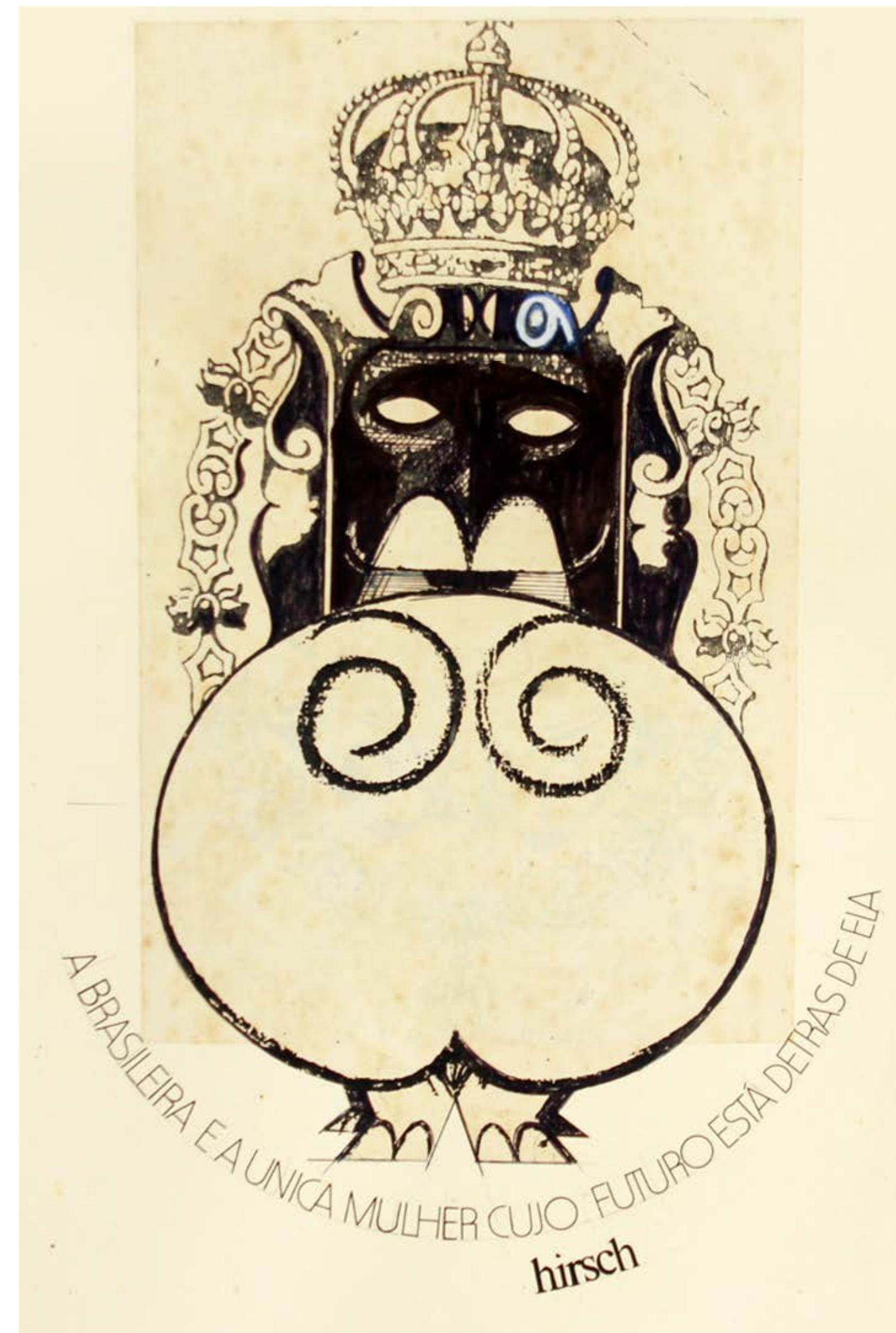




Hasselblad grávida

“Autorretrato”







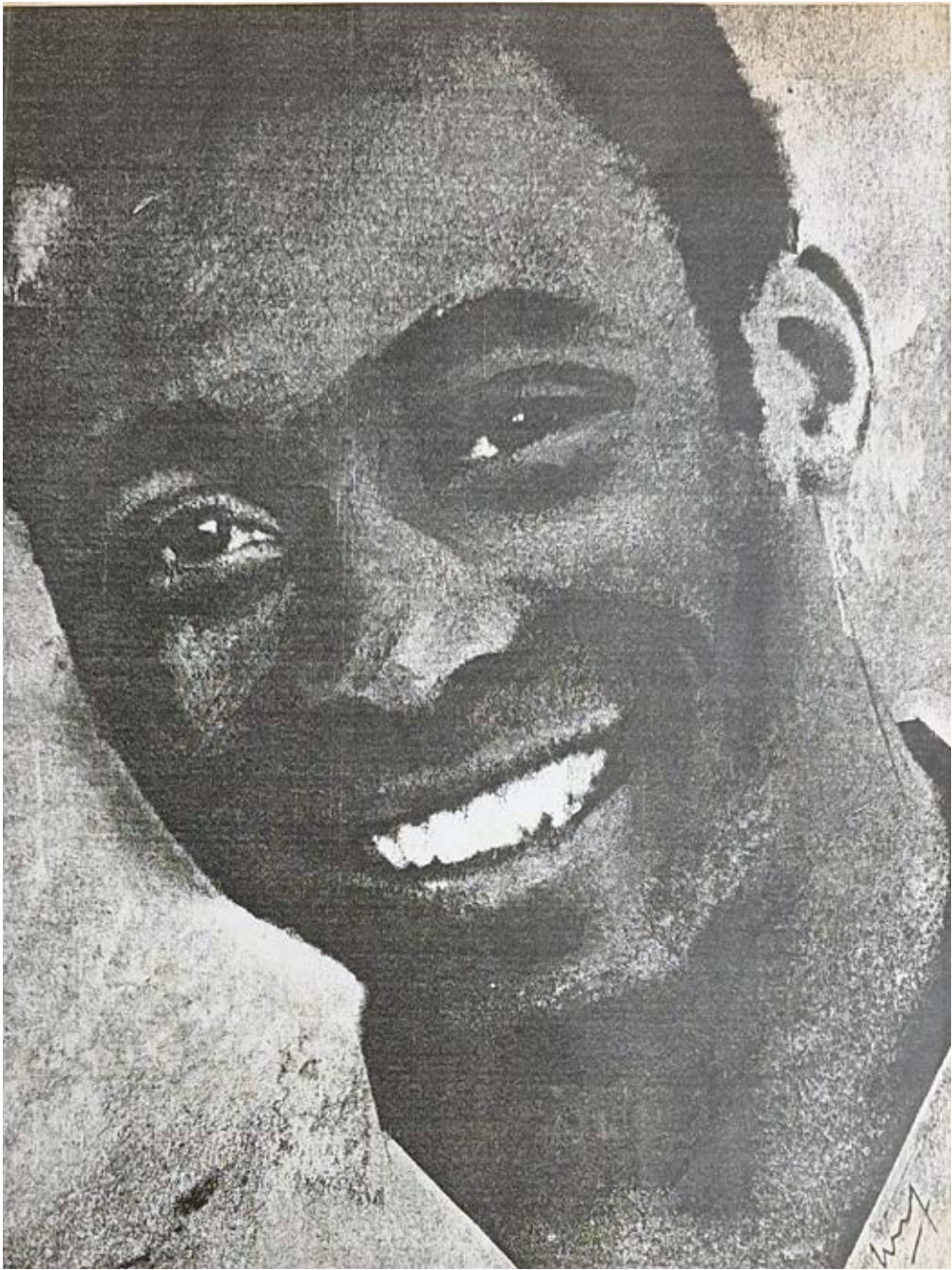
[1]



[2]



[3]



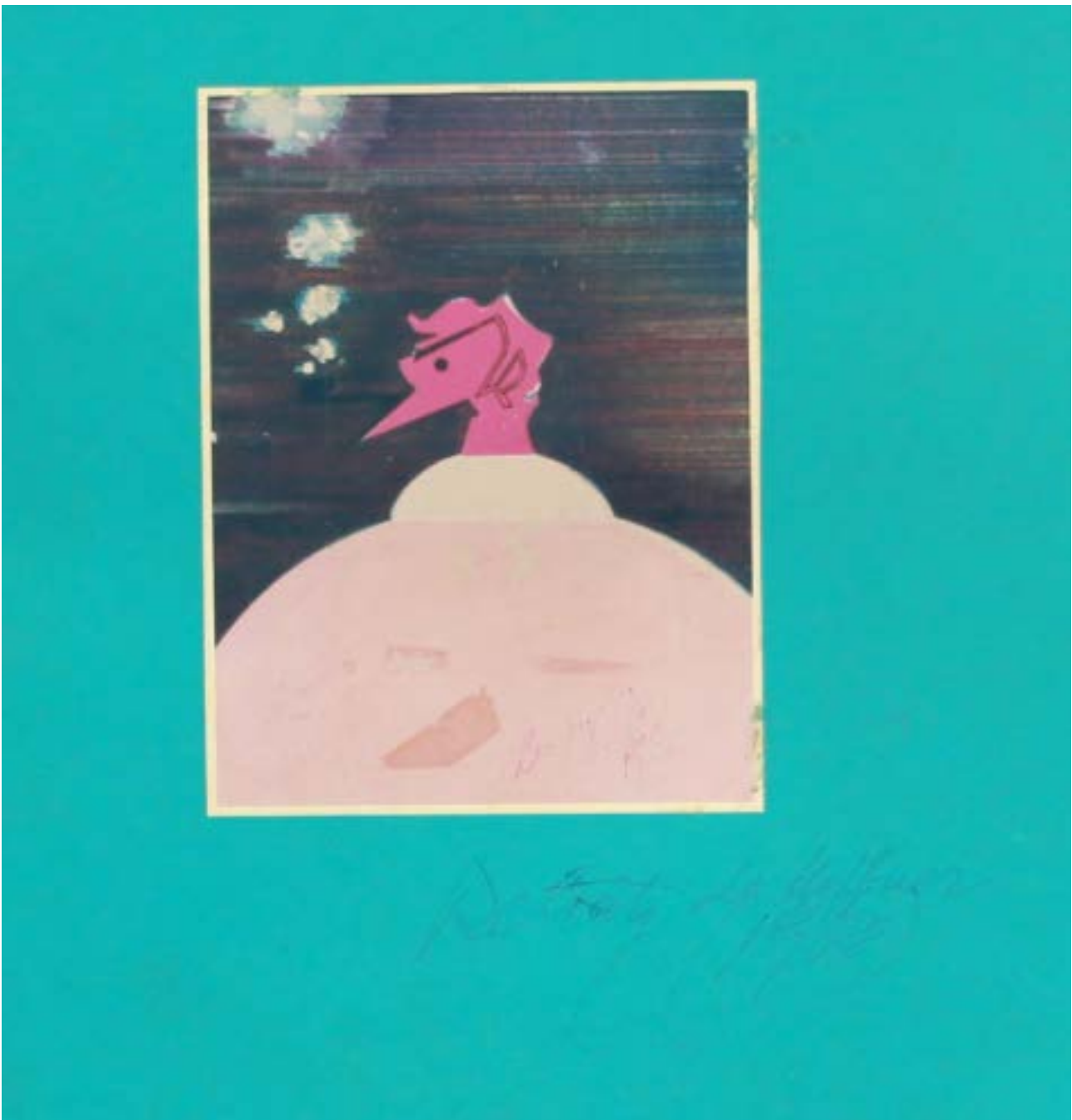
[4]



- | | |
|-----|-----------------|
| [1] | Eugênio Hirsch |
| [2] | Angélica |
| [3] | Pelé |
| [4] | Albino Pinheiro |



[1]



[2]

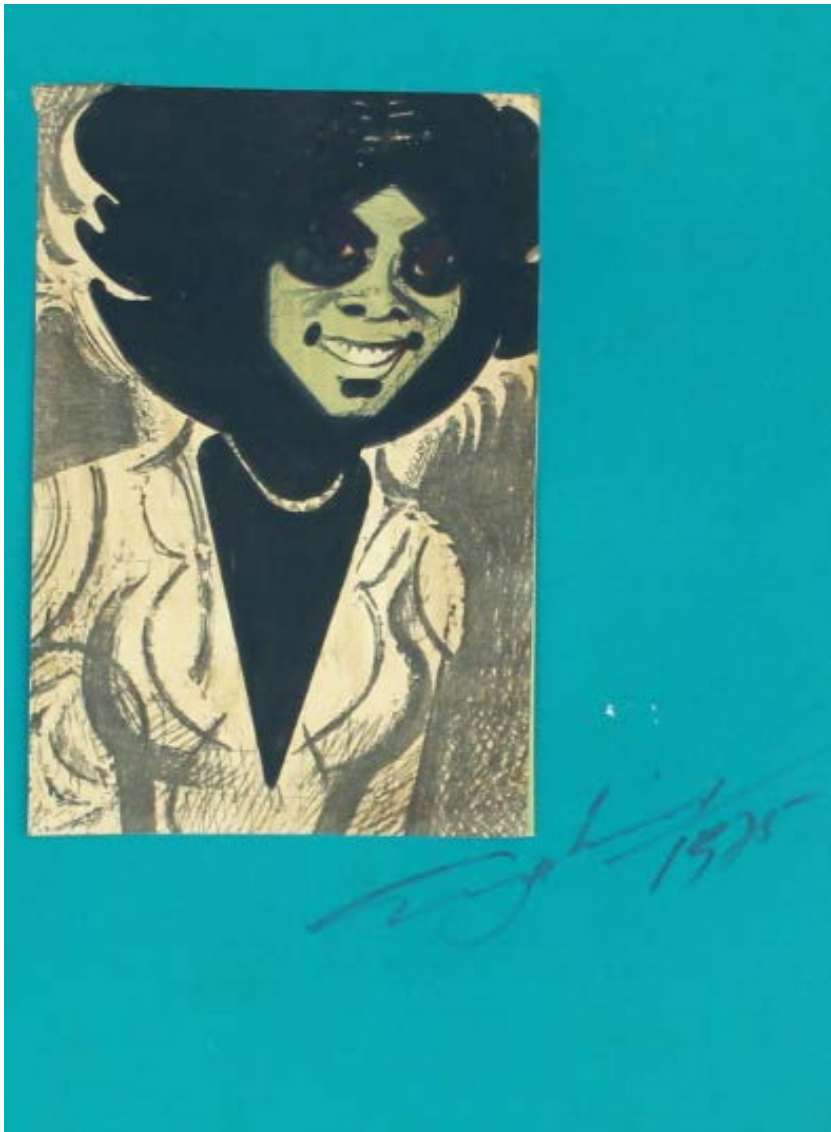
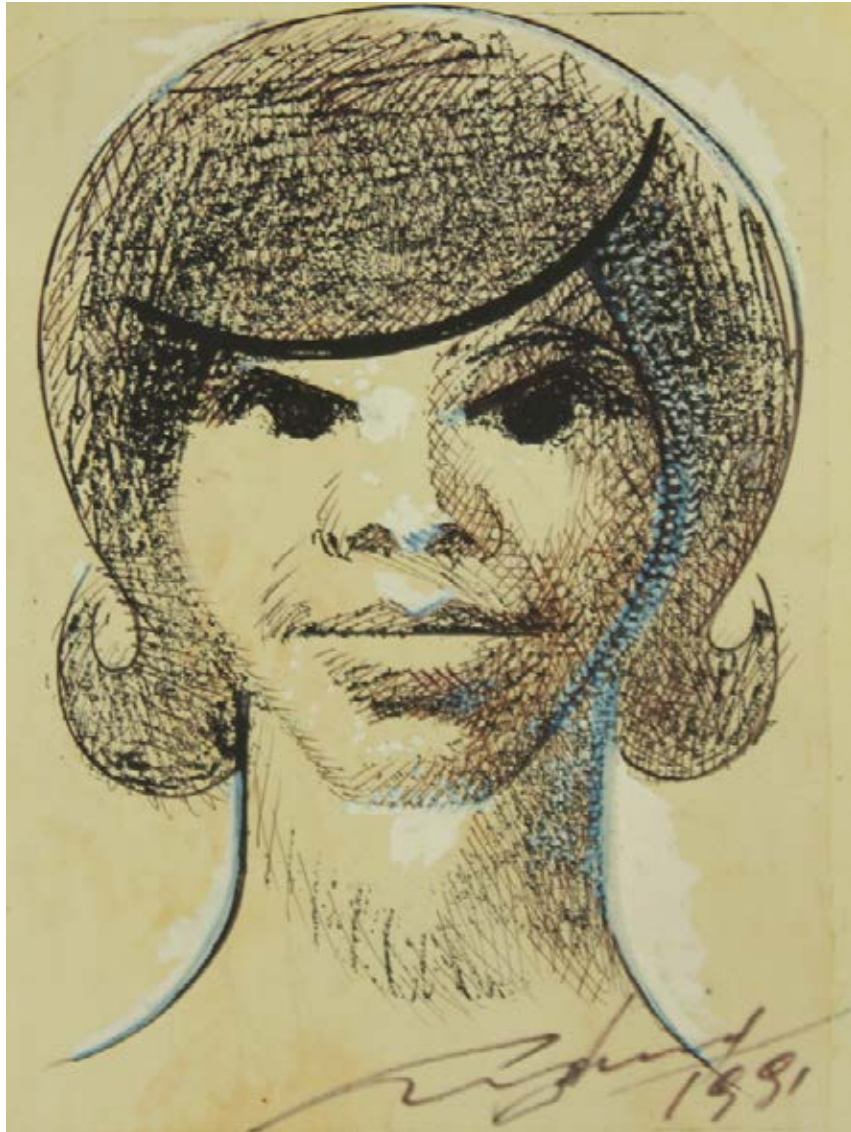


[3]

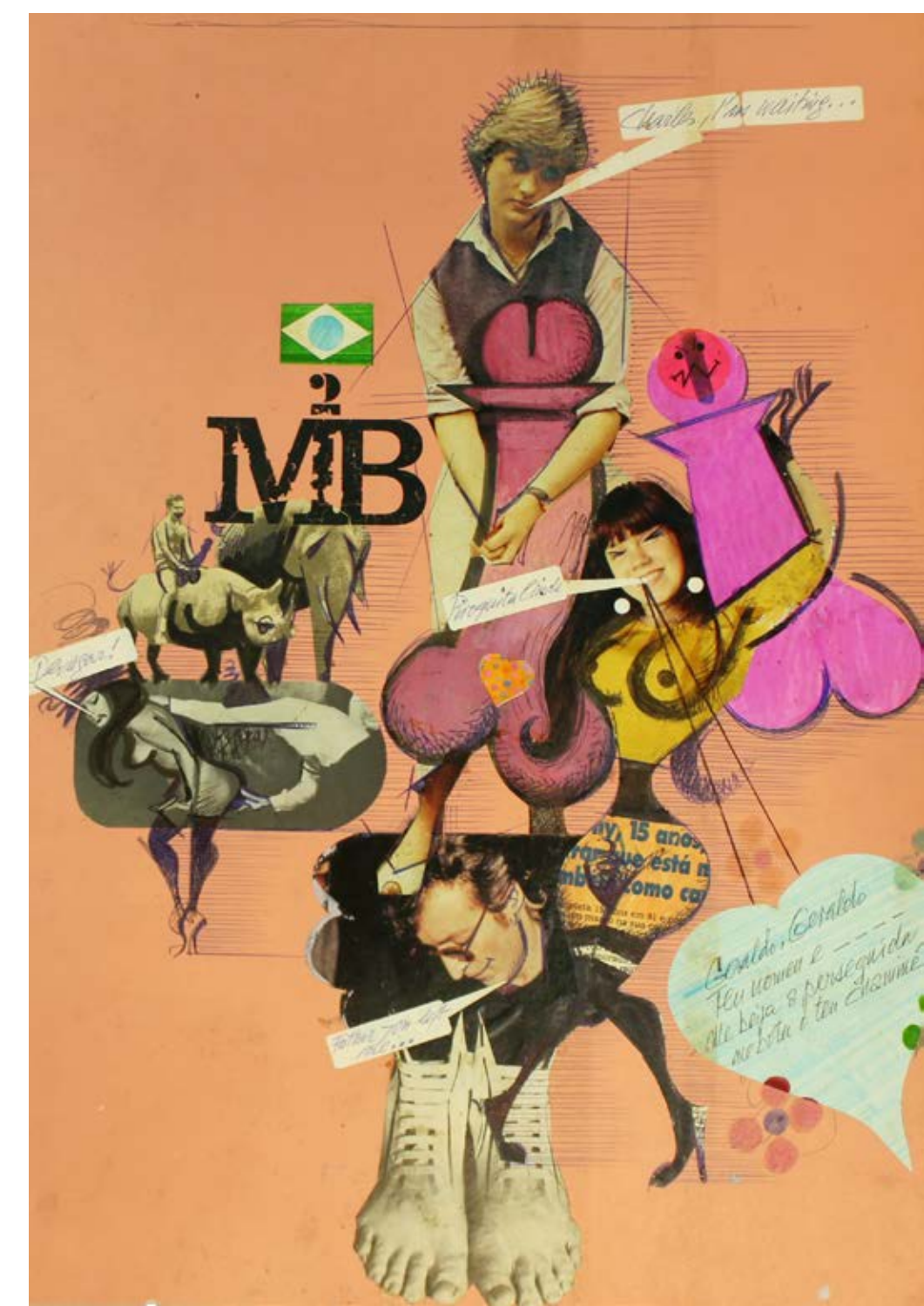


[4]

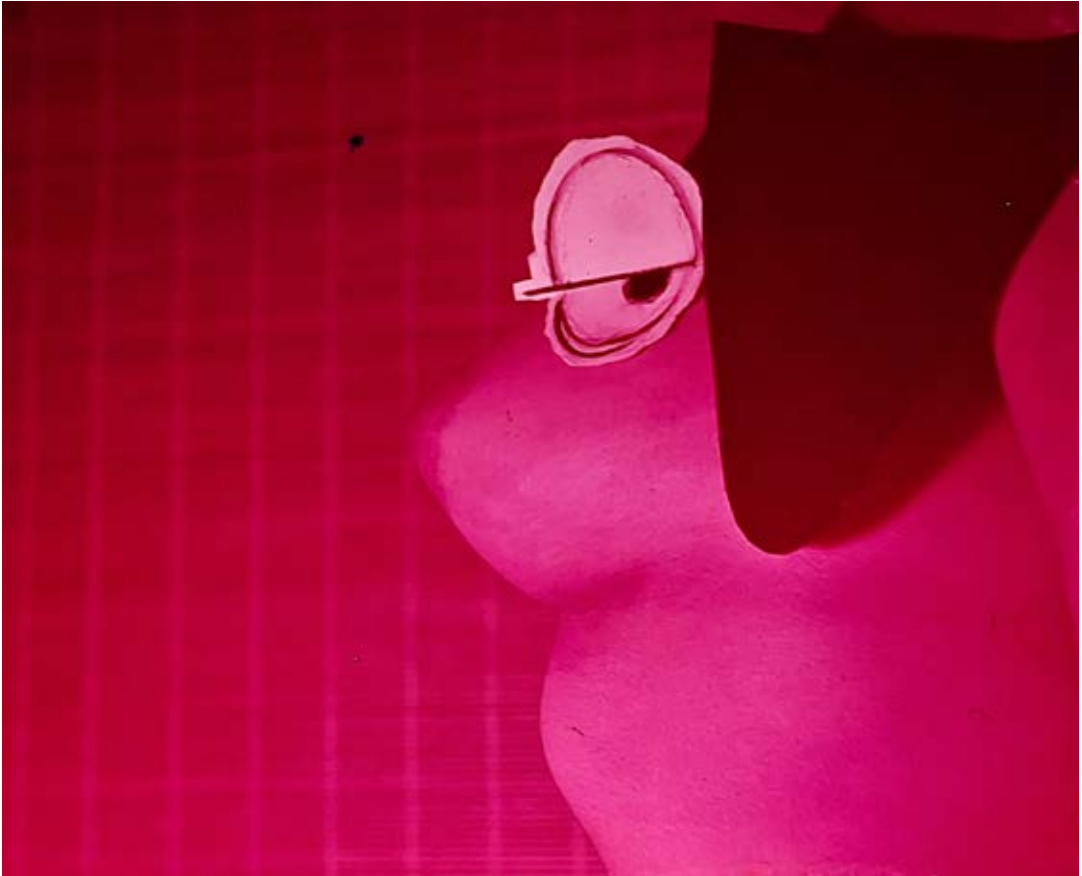
[1]	Roberta Medina	1990
[2]	Hugh Heffner	1968
[3]	Nanu	
[4]	Paco de Lucia	







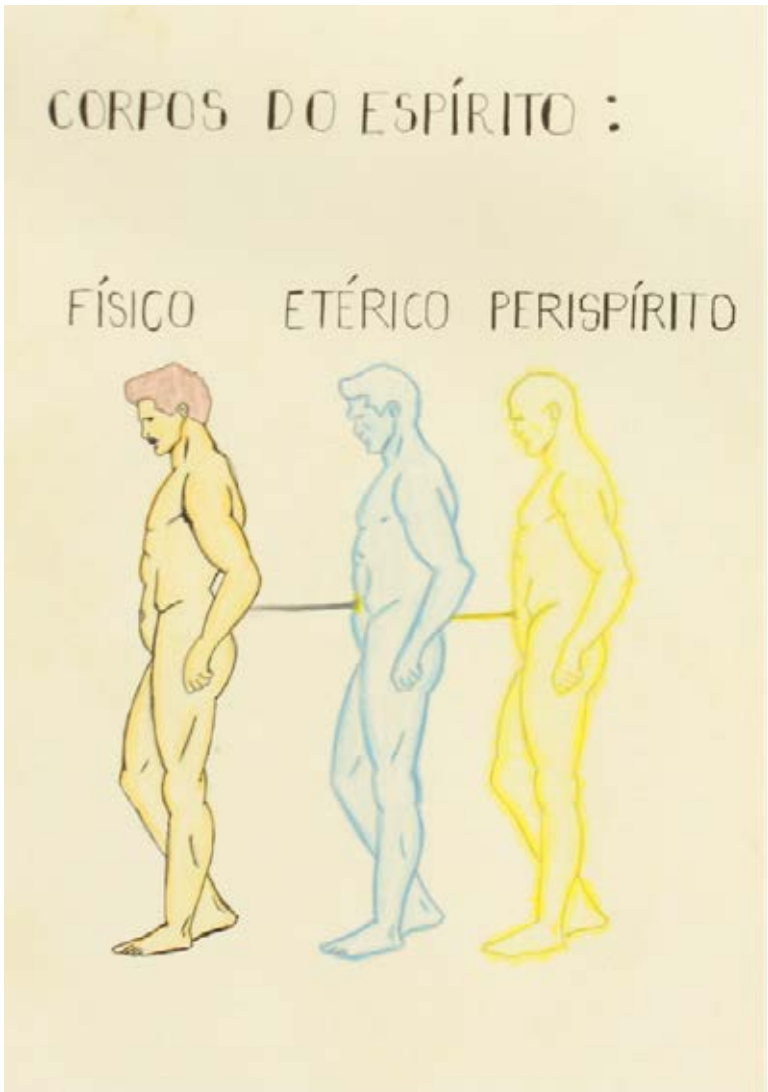
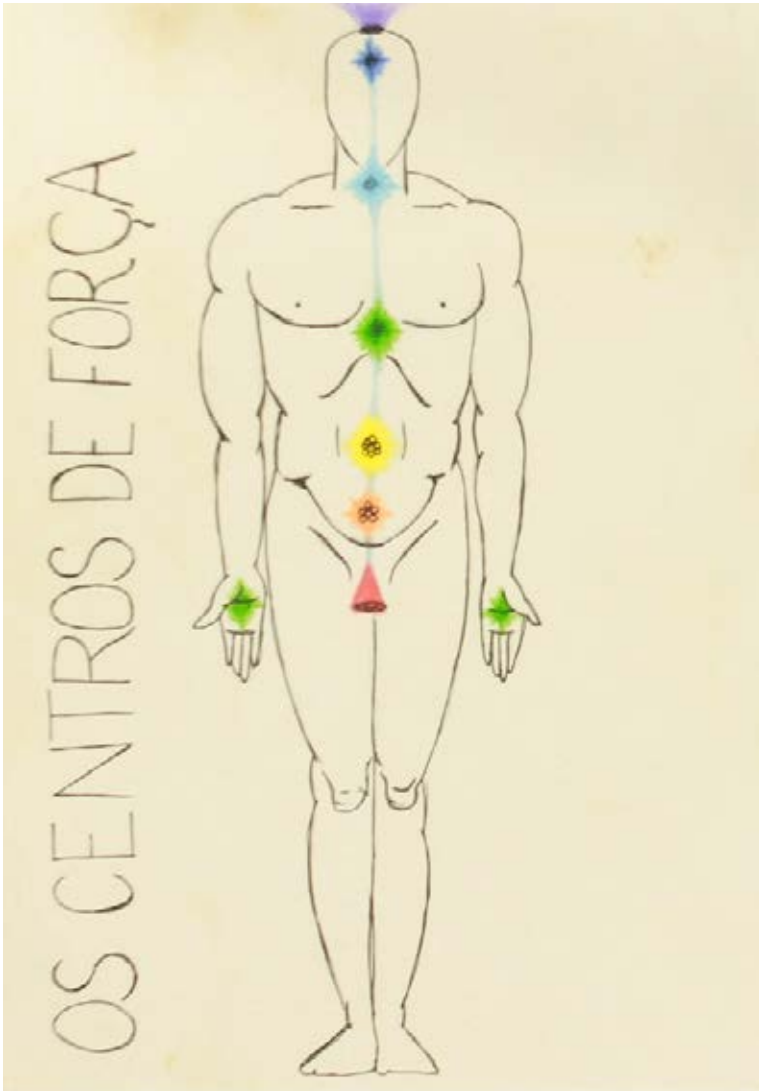
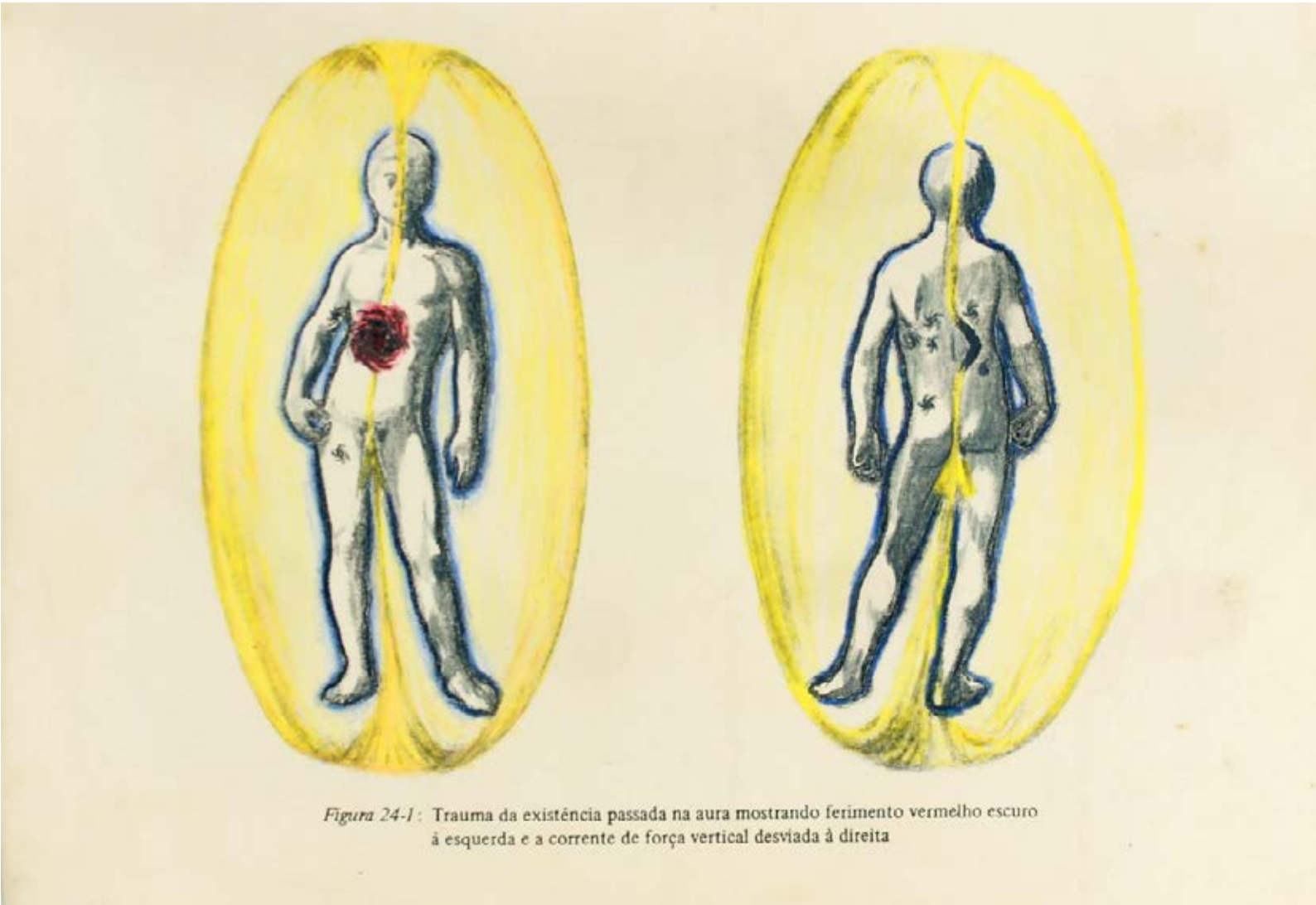
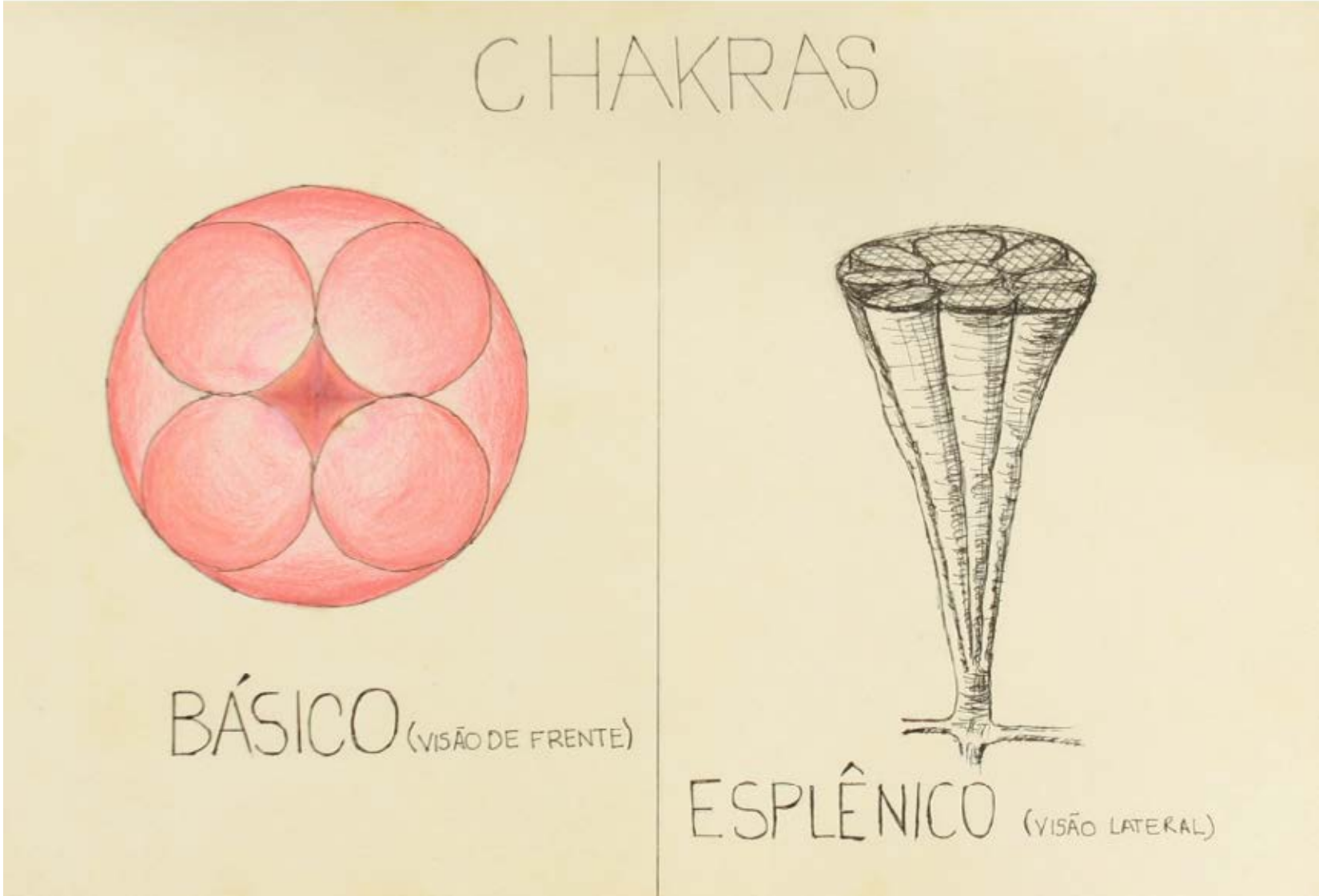
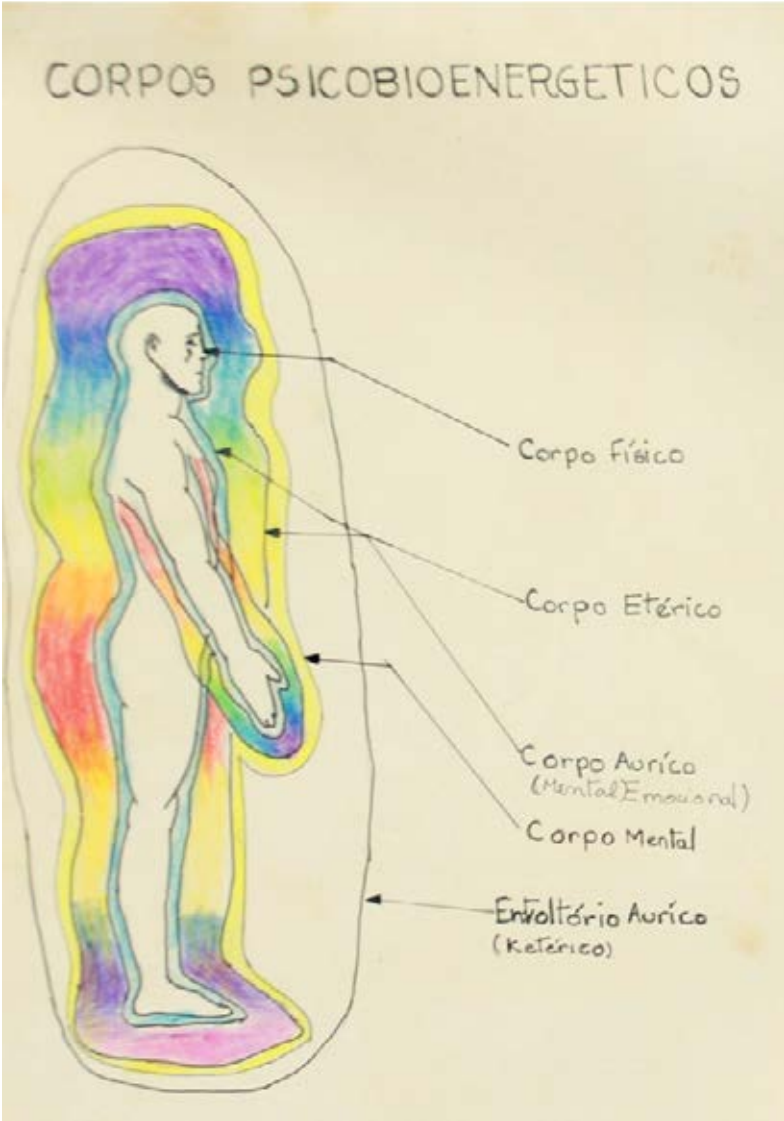












[1]	Brasil – país Autor não identificado
[2]	Cantalonge Vera Seabra Fagundes
[3]	Sem nome encontrado Affonso Romano de Sant’anna
[4]	20 anos depois Sérgio Pôrto
[5]	Espaço Maria Cecília Moreira de Almeida

[3]



[1]



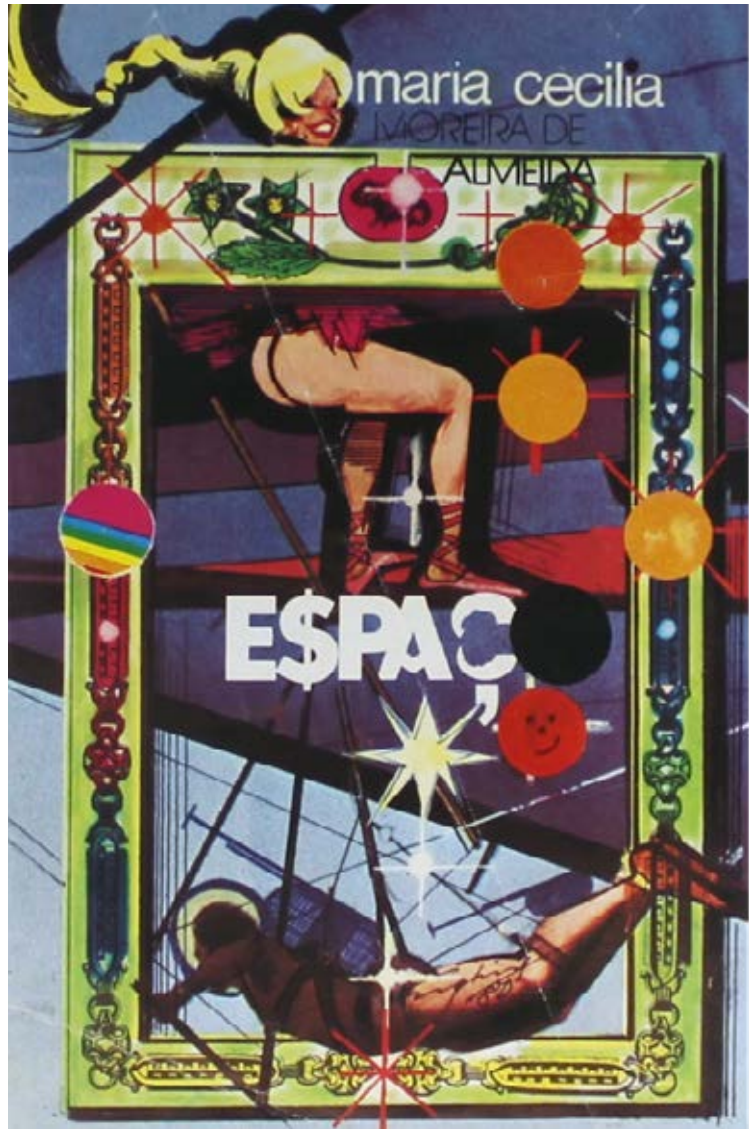
[2]



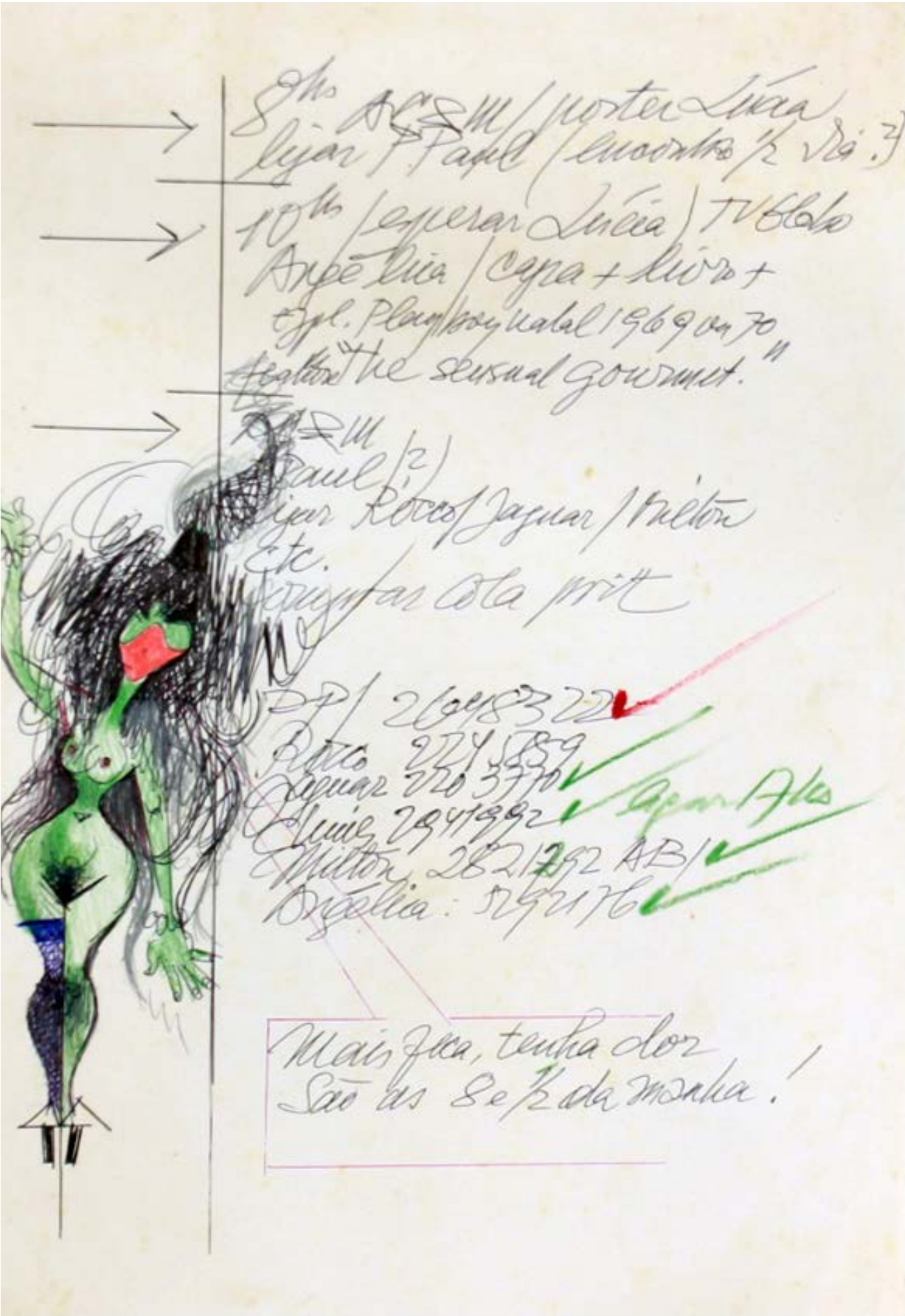
[4]

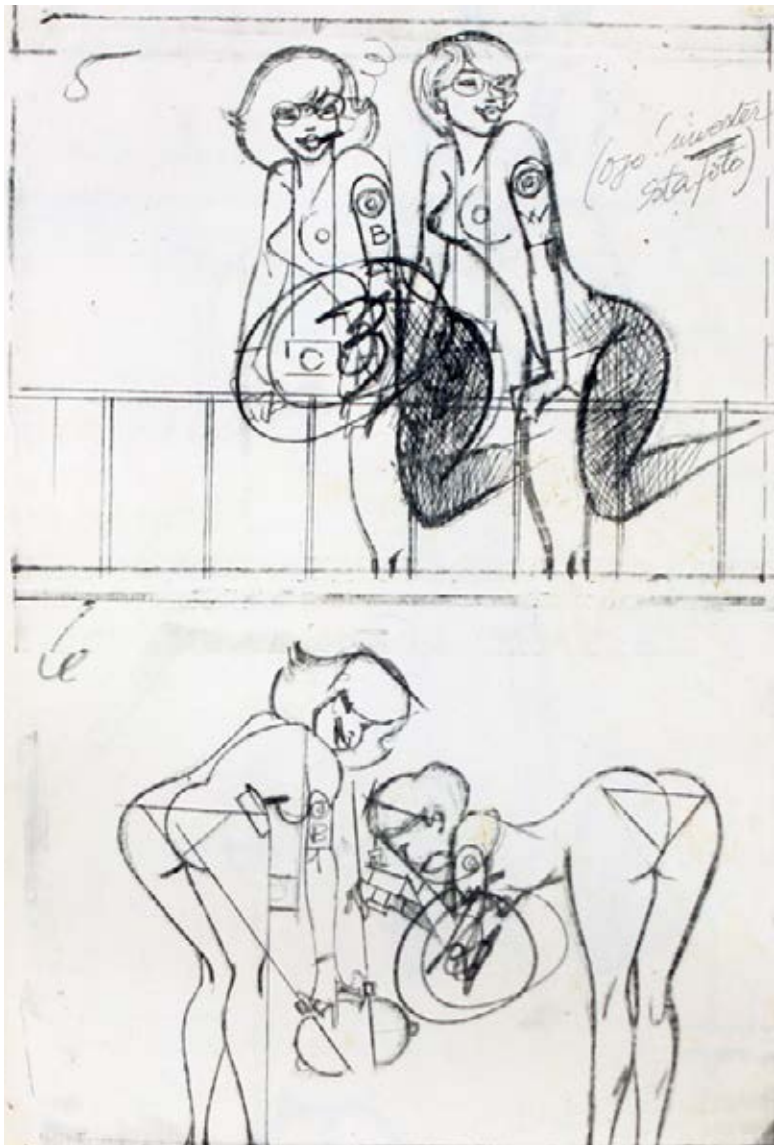


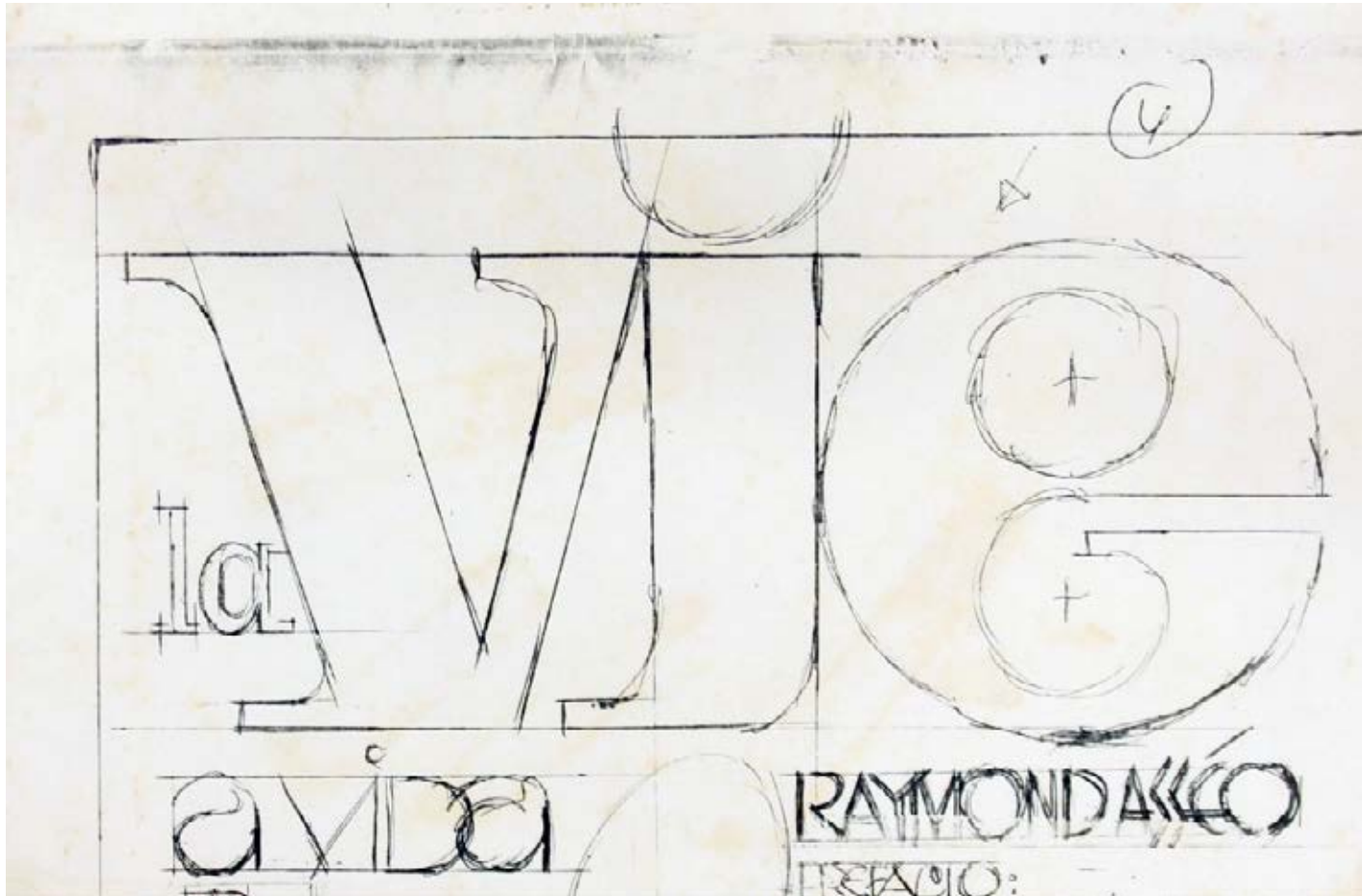
[5]



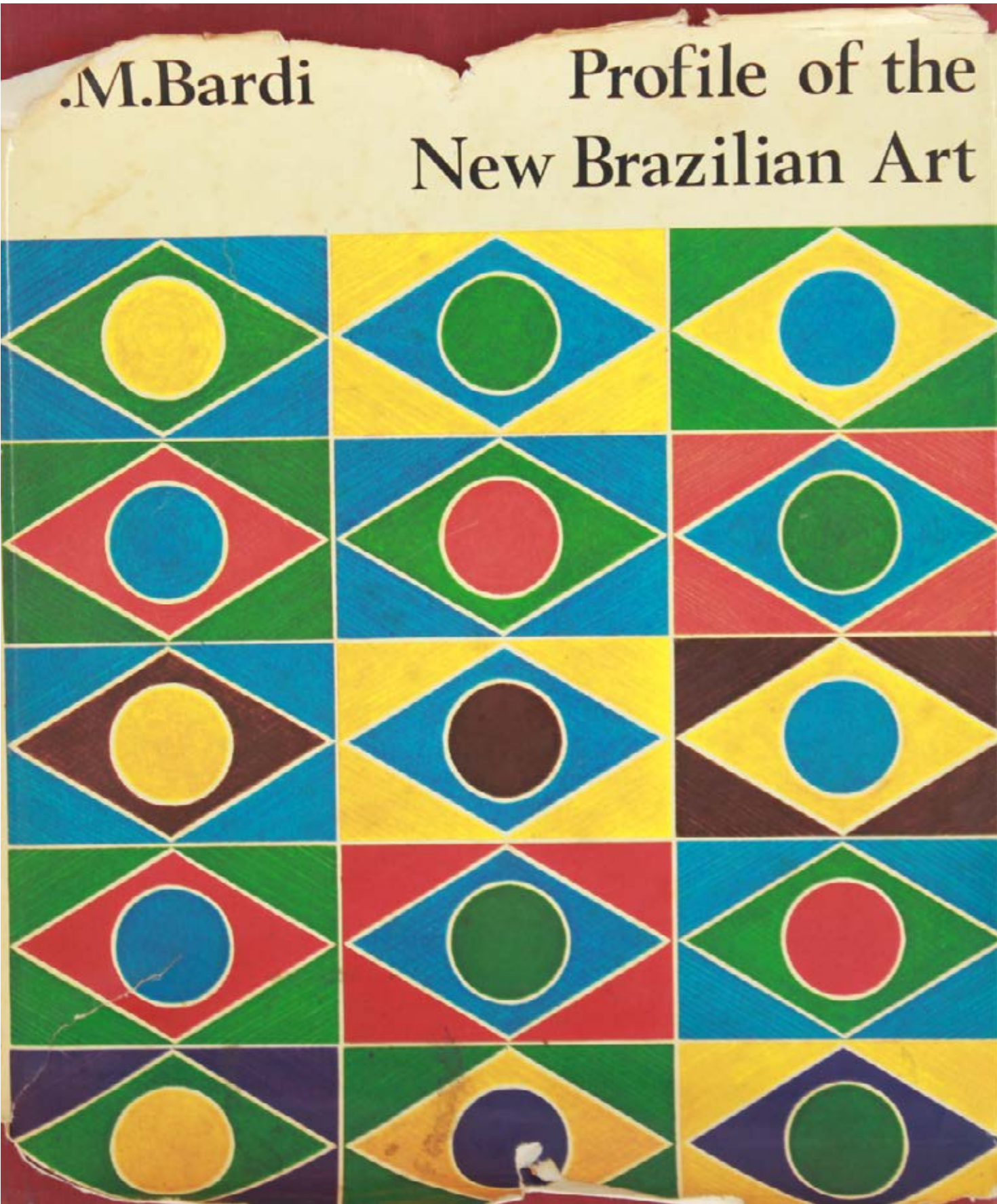








Currículo, biografia e outros registros



[1]	Jornal do Brasil	1972
[2]	O Globo	1977

206

[1] Folha de São Paulo 1991

[2] Jornal do Brasil 2002





Agência Globo

O ESTADO DE S. PAULO - D3

Como disse para Gene Lee, um velho amigo do saxofonista: "É bom saber que o sucesso não mudou Stan. Ele continua a ser o mesmo f.d.p. de sempre".





LIVROS

ESDRAS DO NASCIMENTO

Encontro com o capista

Eugênio Hirsch

☆ MINHAS RELAÇÕES PESSOAIS com Eugênio Hirsch — desenhista de capas da Editora Civilização Brasileira — se modificaram a partir daquela tarde em que ele soube que eu era do Piauí. Quando menino, Hirsch morava na Austrália e folheava, extasiado, as revistas estrangeiras que publicavam fotos de pretos. O seu maior sonho era ver de perto uma pessoa de cor. Um colega de escola disse-lhe que, numa cidade vizinha, havia um preto que trabalhava como porteiro de hotel. Hirsch fugiu de casa, naquela noite mesmo, para conhecê-lo. E, desde então, se interessa

por pessoas de cor. Há dois anos realizou um velho sonho, e se casou com uma moça da Bahia, de cor.

☆ O SEGUNDO SONHO de Eugênio Hirsch era ver um hipopótamo. Foi ao Jardim Zoológico, na Argentina, e se apaixonou pelos hipopótamos: "Eu gostaria de ser rico, bem rico, só para comprar uma fazenda num sítio, e lá, com um hipopótamo, eu me retiraria para o meu sítio, bem pequenino, ao lado do rio."

☆ O TERCEIRO SONHO de Hirsch é conhecer o Piauí. "Você é daqui de lá, hein? Jura?"

te da confirmação, me convida para jantar: "Precisamos conversar, homem. Você nasceu no Piauí?" — volta a perguntar. "Tenho loucura pelo Piauí. Não sousegarei enquanto não for até lá". E me faz nova confissão: "Eu gostaria de fazer um livro de erotismo sobre o Piauí. Arranjar por lá môças bonitas que quisessem posar para foto e desenhos, e descobrir depois um escritor do Piauí para fazer o texto. Tem sido uma luta. De tanto procurar alguém nascido no Piauí e não encontrar eu já estava desesperando. Talvez o Piauí não existisse... Vamos fazer o livro, nós dois?"

☆ HIRSCH mora num apartamento de frente, na praça Eugênio Jardim. Entra em casa entusiasmado, avisa à esposa: "Ele vai jantar conosco. Nasceu no Piauí, imagine só! Nós vamos fazer um livro de erotismo sobre o Piauí, nós dois. Imagine só!"

☆ DURANTE TODO O JANTAR Hirsch não para de falar. Pergunto se ele se considera o melhor desenhista de capas do País.

— O melhor — Hirsch me surpreende. — O melhor, não. Eu sou o melhor capista do Brasil. Não considero capista o su-

feito que faz uma capa de vez em quando, sempre dentro da mesma linha. Desenhista de capa para mim é o camarada que produz dez, vinte, trinta, quarenta, cinquenta, dentro de um bom padrão técnico, sem se repetir, e em gêneros diferentes. Veja só o meu trabalho atual: fiz a capa para o seu romance "Convite ao Desespero". Uma capa cheia de sensualidade e sugestões eróticas. Ao mesmo tempo, produzi para a Editora José Olympio, uma série de capas ingênuas, para uma coleção de romances tipo meninas-môças. Procuro dar boa qualidade aos dois trabalhos, com a preocupação de não me repetir. Creio que posso ser considerado um profissional sério. Ser profissional é isso: é trabalhar de acordo com as necessidades do cliente, sem baixar de padrão.

— Você consegue viver com os rendimentos de capista?

— De maneira alguma. Para viver, eu dou um dote que você nem pode imaginar. Das nove da manhã às sete da noite, trabalho no setor de arte de uma agência de publicidade. Chego em casa

estourado. O meu quarto sonho, sabe? É justamente esse: viver apenas de desenhar capas para livros. Se algum dia realizar esse desejo, morreréi feliz, pois já vi um hipopótamo, casei com uma môça de cor, e irei em breve ao Piauí.

— Quanto você cobra por uma capa?

— Uma miséria: vinte mil cruzeiros. Mas estou pensando em aumentar esse preço. A inflação...

— É verdade que você está liderando um movimento entre desenhistas, com o objetivo de ganhar direitos autorais sobre as capas dos livros reeditados?

— Mentira pura. Li essa notícia, na semana passada, num jornal, não sei quem inventou essa história. Preciso ganhar mais dinheiro, é claro, mas não acredito em movimentos desse tipo, e já mais converso com pessoas alguma a esse respeito. Um movimento organizado de desenhistas, a essa altura, não teria sentido.

— É tudo quanto você faz sem sentido?

— De certa maneira, sim. Os artistas não são

tão...

— Quando ando espalado por aí. Loucos, mas loucos pra valer, são os cientistas. Quando eu morava na Argentina, e trabalhava como professor de artes gráficas, na Universidade, convivi muito com cientistas. Que gente mais louca! Conheci um, que vivia preocupado com minhocas. Estudava minhocas dia e noite, terminou se separando da mulher: quando ia dormir, as minhocas saíam pelos bolsos do pijama, a mulher não pôde aguentar-lo mais, divorciaram-se.

☆ HIRSCH é muito da história. É um homem inquieto de cerca de quarenta e cinco anos. Nasceu na Austrália. Viveu lá até os quinze, foi para a Argentina, e mora no Rio há oito, aproximadamente. Sem favor, e o melhor desenhista de capas do País.

☆ CORRESPONDÊNCIA para esta coluna: Almirante Tamandaré, 32, apartamento 204, Flamengo, G.B.

MILLER HIRSCH NABOKOV

UM REVISTA

GENE

ASTE

O pintor e fotógrafo Danilo Miller Hirsch assumiu contato com a revista "Pif-Paf" para publicação de uma série de fotografias artísticas representando as principais figuras da literatura brasileira, de interesse não apenas artístico, mas também literário, e que os leitores serão apresentados por mulheres despidas e pintadas. Eugênio Hirsch está embebido, pois além deste contrato foi convidado pelo jornalista para representar o Brasil na Exposição de Artes Gráficas, a realizar-se próximo ao Rio de Janeiro, Hirsch e também

2

O PIF-PAF VAI SAIR

"Pif-Paf" agora é revista

Um humorista de alegria está prestes para a sua 21.ª edição, quando, de todos os lugares de paradas, o rio e a humorística e a revista da revista humorística Pif-Paf, a primeira deste gênero lançada no Brasil.

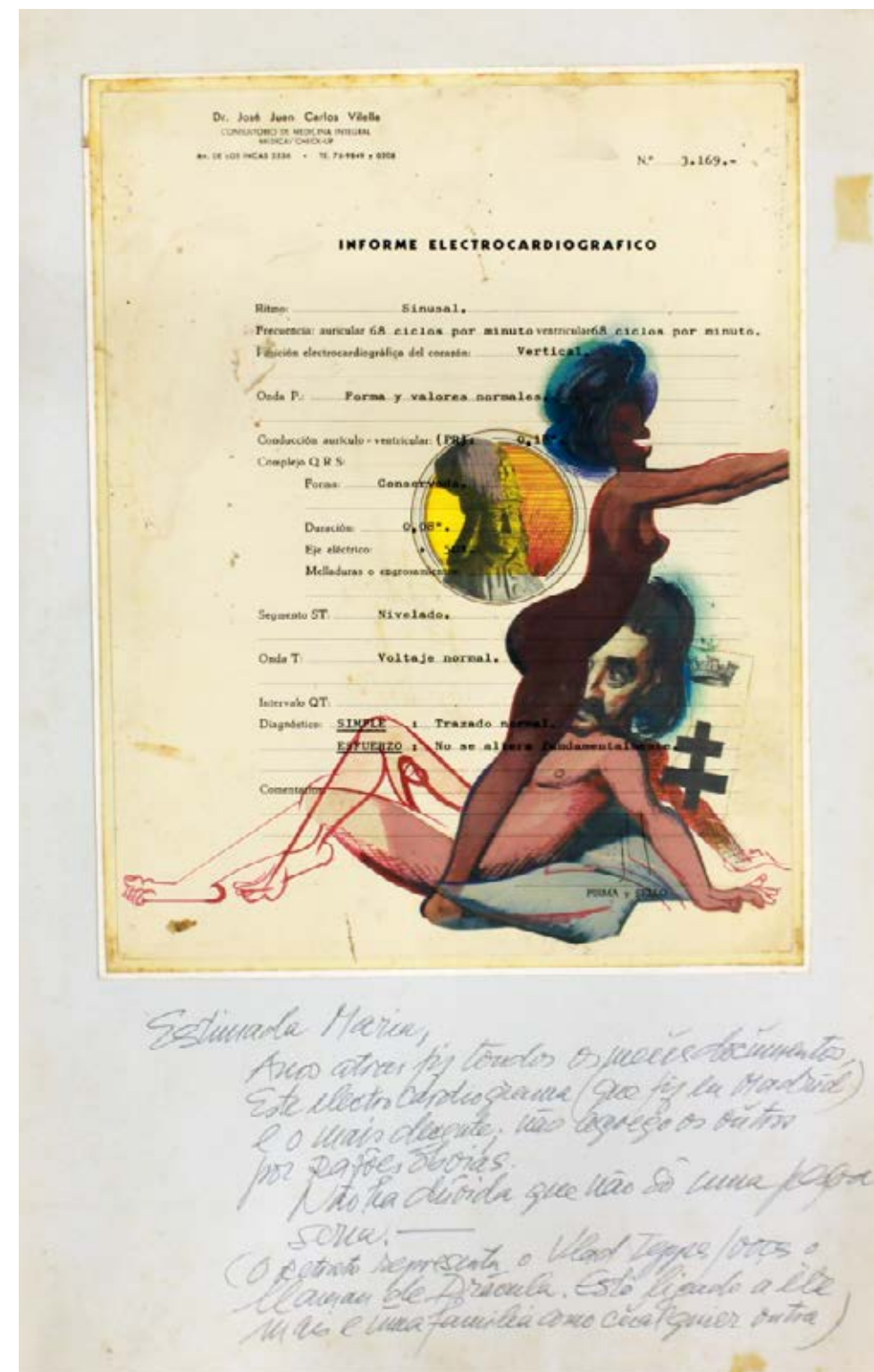
O humor ganha um pouco mais de dimensão, tornando-se da simples piada, devida ao gênio e ao espírito, é uma filosofia. O humor é, sobretudo, a visão sempre nova de todas as coisas, a Zen ocidental. Este, o humor que Miller Fernandes criou no Brasil em sua série Pif-Paf da revista O Cruzeiro, e que agora, ele e seus colaboradores trazem de volta ao público.

Não poderia haver momento mais feliz para lançar uma revista humorística: após períodos de tão dura realidade, os brasileiros têm vontade de rir, e precisam de ajuda. Para isso, o Pif-Paf tem tudo o que se pede, e mais do que se pede. Humor em textos, desenhos, versos, músicas; humor nas cartas e contrapontos, humor até mesmo no strip-tease que elegirá a garota pif de cada mês e a pif do ano. Humor inclusive para quem quiser fazer, pois os poemas que nascem com a revista oferecem condições para serem publicados.

No Pif-Paf, Miller Fernandes mantém sua antiga seção e, em volta dela, os humoristas Jaguar, Zorab, Claudio, Fortuna e Vão Gôgo, o humorista-tranquilista Marcos Vazquez, o humorista-tranquilista João Brilhante, o humorista-jornalista Sérgio Porto, e outros, entre outros, que se encontram ao fundo das suas séries profissionais desta praça, criando novas seções e novas coisas.

O livro de Eugênio Hirsch estará sobre a prateleira a qualquer preço de sua vontade.

As condições de todas as coisas, a revista Pif-Paf se propõe desde o início manter uma política política definida e inabalável, com data fixa, pois, quando uma revista Miller Fernandes, será de qualquer forma, segunda, quarta e sexta, e de quinta e sexta, quinta e sábado. No mês de julho, antes de tudo, a primeira edição da revista "Pif-Paf" humorística e a primeira edição da revista "Pif-Paf" humorística e a primeira edição da revista "Pif-Paf" humorística.

[illegible]


 REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
 BACHAREL
LUIZ LOUVINHA FONTELLA
 Oficial Interino do Registro Civil das Pessoas Naturais da 6.ª Circunscrição 3.ª Zona
 Freguesia de Santana do Estado da Guanabara
 LUIZ CARLOS FONTELLA
 Oficial Substituto

Certidão de Casamento

CERTIFICA que a fim de **13** do mês de **AGO** de **1963** às **15** horas

do Registro do Casamento noventa e sete **RUEN ALONIR HIRSCH** aos **IRACY**

RAMOS DOS SANTOS

que vivem e habitam-se

IRACY RAMOS HIRSCH

contraído perante o juiz

Sr. **José de Luna Magalhães**

e as testemunhas **Milton Souza** e **Maria Louisa da Câmara Fery**

no dia **10** de **maio** de **1963**

às **17** horas **30** minutos e em o registro

do **casamento de bens**

D.E. estado civil **solteiro**

profissão **comerciante**

Nacional **de Austria**

nascido a **primeiro** de **fevereiro** de **1923**

filho de **Jacobo Hirsch**

de **Maria Hirsch**

D.E. estado civil **solteira**

profissão **doméstica**

Nacional **do Estado da Bahia**

Rio.8.2.1994.

Amigo de Eugênio Hirsh há décadas (o que deu para nos perdemos, aqui e ali, um ou dois anos) desde sempre conheci-o louco, vivi com ele louco, sei que continua louco. Não digo graças a Deus porque não somos monoteístas, mas aos deuses, pluralistas, que, por serem muitos e pagãos, nos permitem uma saudável escolha.

Austríaco e cigano durante 15 anos, 20 anos argentino por força do destino (certas coisas fatalmente rimam), mais de 30 anos brasileiro por paixão (as pessoas ainda se apaixonam pelo Brasil?) , Eugênio vivia com Ponona no mais alto da av. Niemeyer (a entrada pelo hoje famoso nº 500) num casarão que tinha nome. Apropriadamente se chamava El Hogar. Claro que a tradução é O LAR, mas pode-se traduzir literalmente; O LUGAR. O que daria inapelavelmente o moderno O PEDAÇO. Eugênio foi sempre um precursor, sem saber ou se preocupar com sê-lo. Sua linguagem era espantosamente criativa e franca; Leila Diniz, muitos anos depois, teria corado ouvindo Eugênio falar, sempre em tom curiosamente poético, sobre intimidades várias.

Enquanto isso trabalhava incansavelmente - todas as capes da Civilização Brasileira, do Faio Silveira, cartazes para publicidade, bonecos para a Play-Boy, viagens pelos museus do mundo produzindo albums maravilhosos para a CODEX. Em 1 de maio de 1964, ~~uma semana~~ depois da Gloriosa tomar o poder, convidei-o, com o ordenado simbólico de 0,00 cruzeiros, a ser diretor artístico da revista PIF-PAF (naturalmente com o fríngido benefício de poder ser preso). Eugênio sorriu sem timbre (se timbreou eu não vi). Quem olhar a revista hoje - durou oito números até os m lílicos a empastelarem - poderá ter uma noção do avançado design do HIRSH.

E chega, por enquanto. Tenho toneladas a falar do homem, até de alguns dos seus vícios caseiros - o com Babalá me parece o mais notável - e do lançamento de um argentino doído (la Victor) que dançava pra nós vestido com meias coloridas, e acabou estourando em Paris como VICTOR GARCIA.

Não conheço ninguém que exemplifique melhor do que Eugênio Hirsh esta frase do meu discípulo (maestre por que? Só porque veio antes?) George Bernard Shaw:

"Todo homem de bom senso aceita o mundo como ele é. Só os loucos tentam modificar o mundo. Portanto todo progresso depende dos loucos."

ISABEL, ESCREVI MUITO POR CAUSA do japonês. e a variação do tamanho do letão também me tem grande a ver; a máquina falhou e eu não pude re-imprimi-la, mas não importa. sei. perdão e abraço. *Eugênio Hirsh!!*

Eugenio Hirsh

Austríaco, argentino, brasileiro, - homem de inúmeros países e principalmente um autêntico carioca, Eugênio é com certeza um dos mais importantes artistas gráficos do mundo.

Convivi profissionalmente com este incrível criador e cada ano que passa mais me deslumbro com sua inventividade.

Diretor da Codex, com os seus "Museus", colaborador assíduo de Hefner de Play-Boy e o inventor e inovador das capas no Brasil, Eugenio é um fenômeno! Ser humano e artista se compreendem em sua obra belíssima e extraordinária.

Viva! Evoé! Ave! Salve! - Hirsh.

Geraldo Casé

Quando conheci Eugênio Hirsch, ele estava fazendo duas coisas importantes: revolucionando as artes gráficas brasileiras e chocando Ipanema. Imagine! ~~Revolucionar as artes gráficas não chega a ser uma coisa das mais hercúleas~~ *para um cara de 30 anos* de sobrenome ~~Hirsch~~ e já vindo com o gênio no próprio nome. Agora... chocar Ipanema!... Mesmo naquela época já era um furor. Eugênio é um ser dionisíaco, ~~um fauno~~ *(não de Jardim, como os de Nelson Rodrigues, mas um fauno de verdade, é só* ~~dentro de um chafariz~~ *desenho de seu cabelo, negro, os pés de cabra escondido nos seus chinélos e a inequívoca cara).* Eugênio ~~é~~ *é maior,* incapaz de pensar ~~pra dentro~~ pra dentro: ele pensa alto, o tempo todo. Entrou pela redação do Playboy nos Estados Unidos e, em meia hora, já estava dando bronca no Paul Art, art-director da famosa revista. No Brasil ~~deu~~ *deu* guinada nos valores da nossa Arte Gráfica. ~~Tudo mundo caiu de quatro, quando Lolita~~ *estarreceu* nossos comportados leitores e a capa do Eugênio fez nossos artistas babarem de inveja. Eu, entre eles. Quer saber de uma coisa? Dados biográficos, informações sobre seu trabalho, sua importância internacional, a escola a que pertence, sua capacidade de inventar e de arrebentar, seu discurso único - vive conforme prega! - sua espantosa generosidade humana, ~~sua~~ *sua* sinceridade, ~~a~~ *a* ausência total de hipocrisia no que faz e no que vive, vou falar dessas coisas, não.

~~Peguei no Jaguar para contar as histórias da Ponona, do Catchorro e do Bicho Preguiça de velocidade supersônica. A Avenida Niemeyer nunca mais foi a mesma depois do trapézio do Eugênio sobre seu leito sempre nupcial. (Ziraldo)~~

Isabel
Quelques bévutes, ligue. Não tive tempo de escrever melhor. Z.

 EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.

A PRESENÇA DE EUGÊNIO HIRSCH

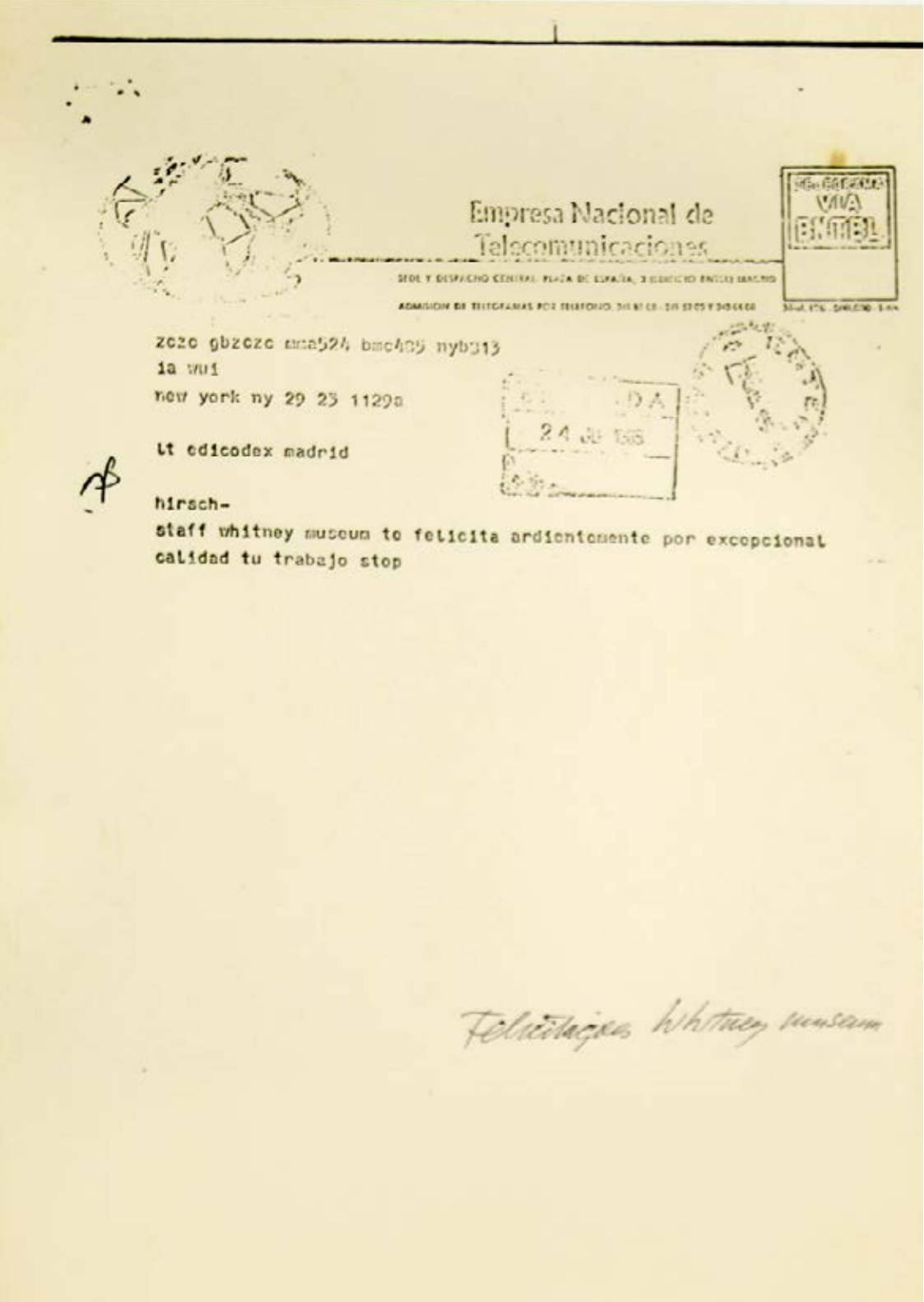
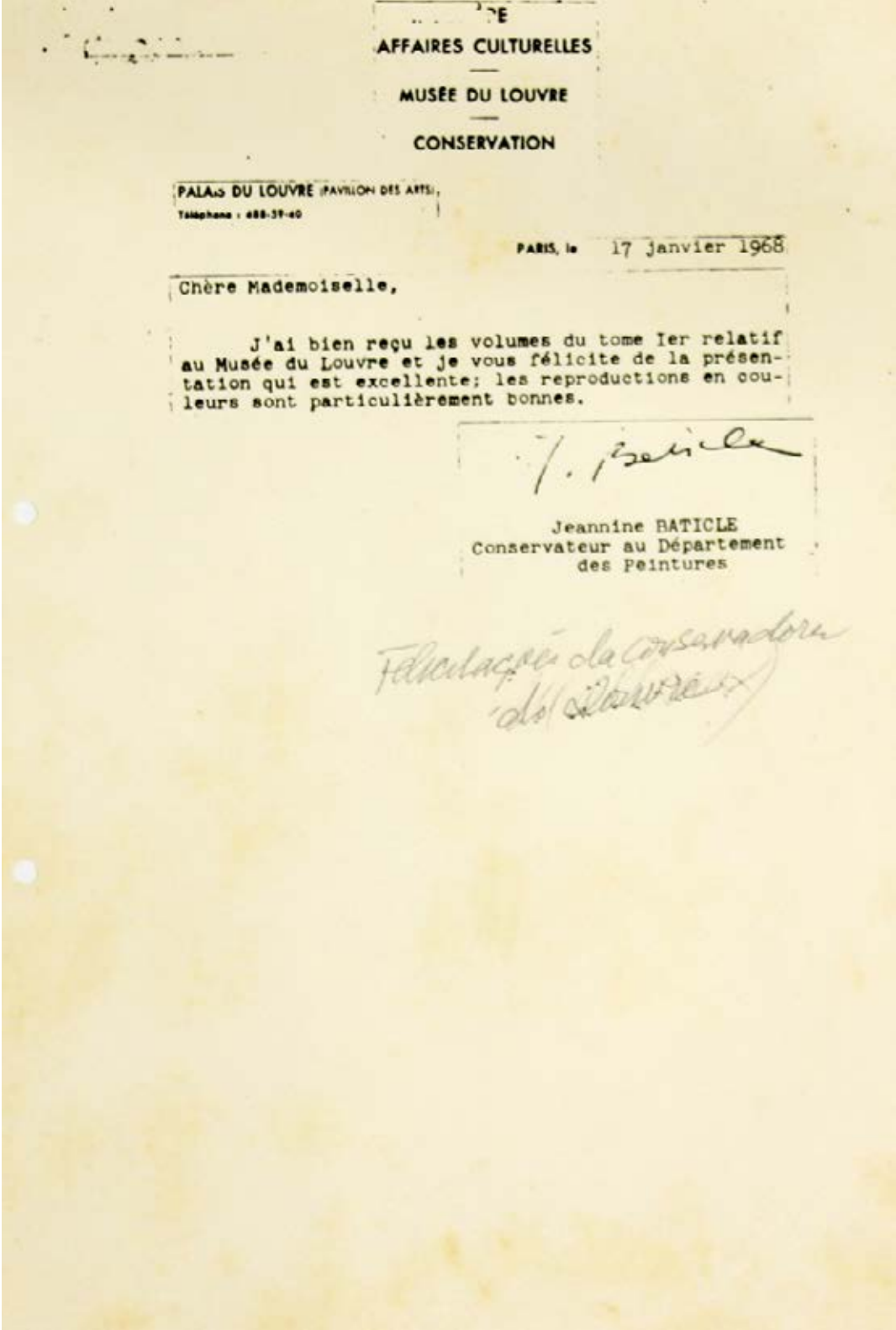
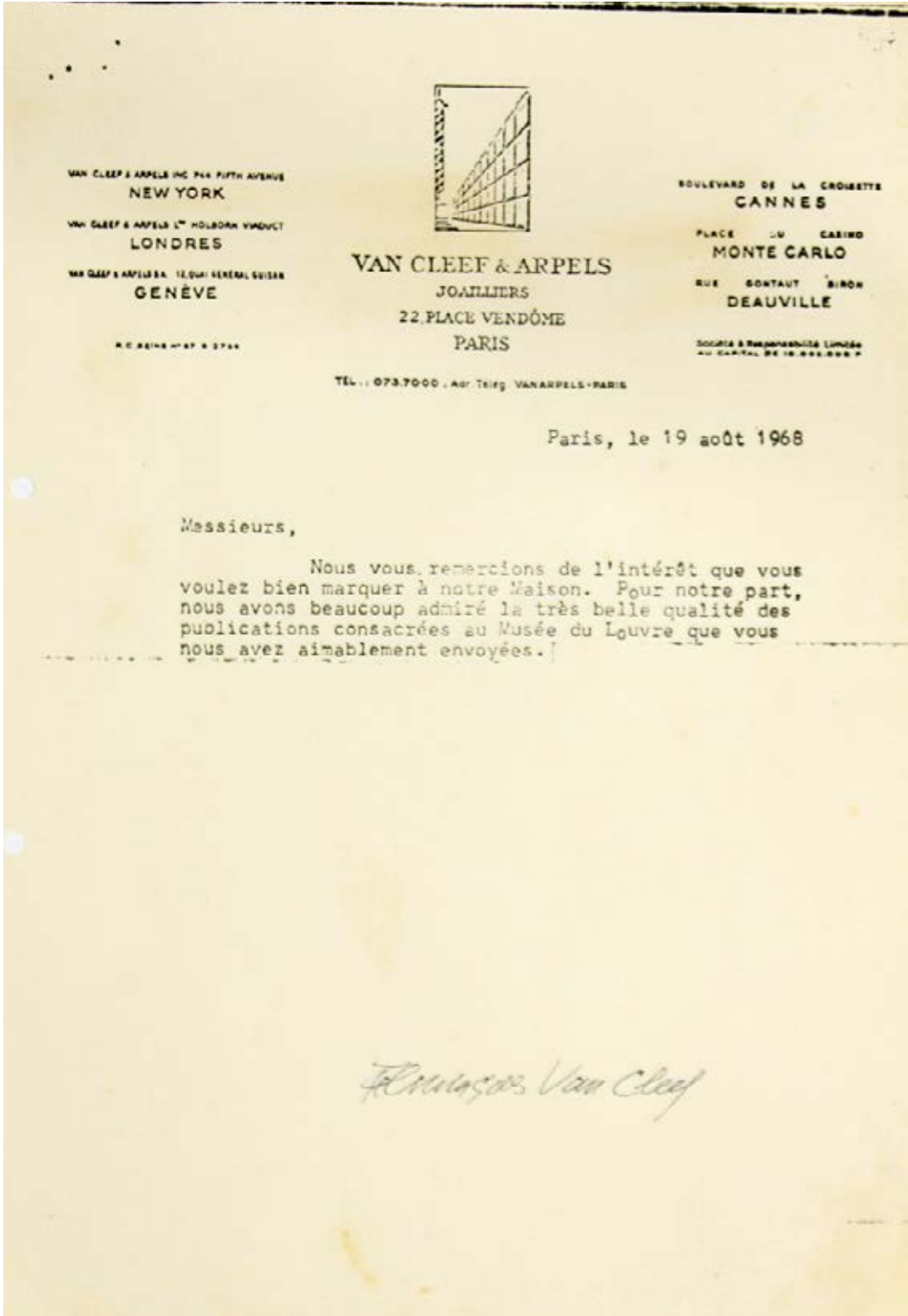
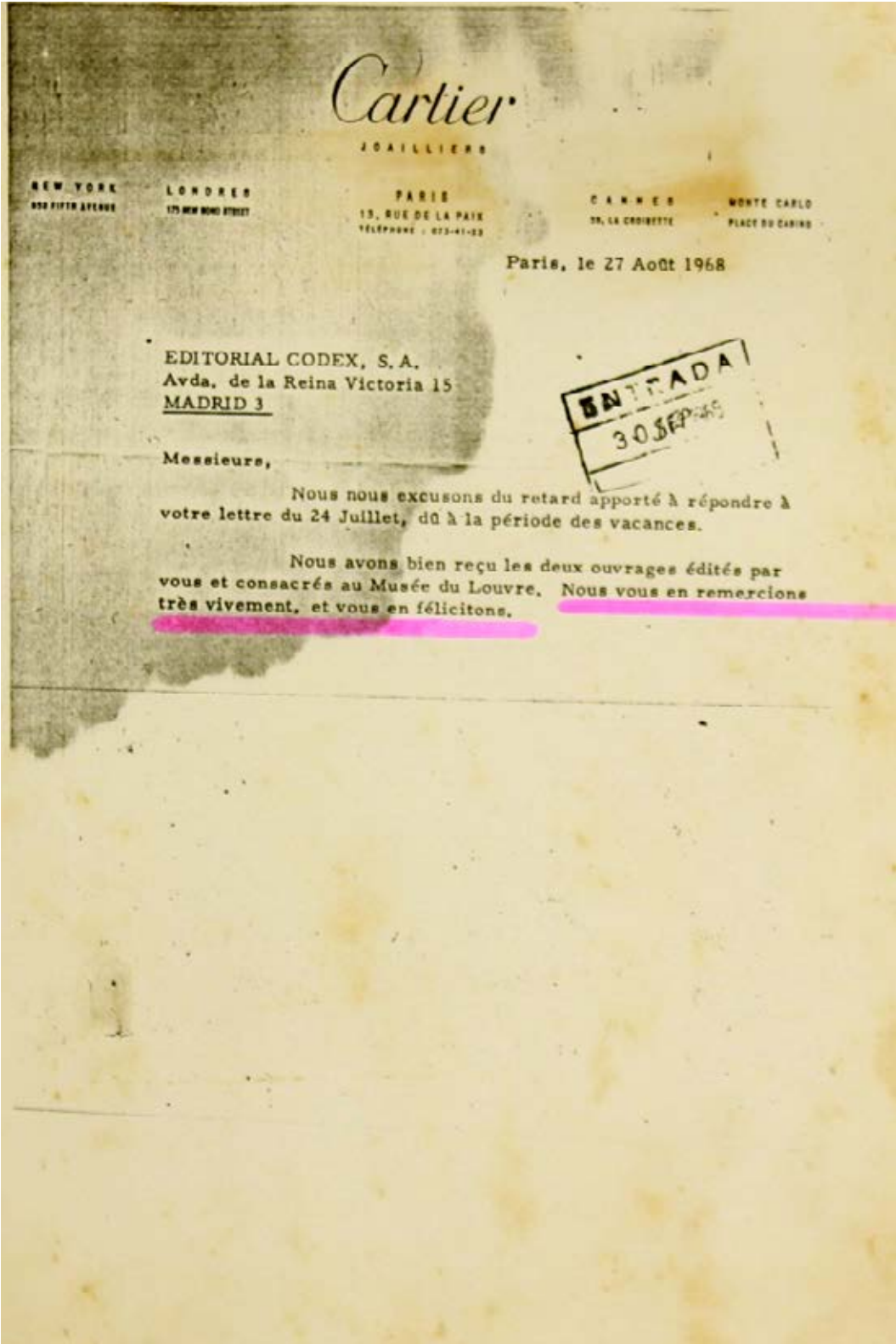
Lá pelo final da década de 50 Eugênio Hirsch (que também atende - ou atendia - pelo pomposo nome de Eugen Aloysius Hirsch) já se firmara como um dos mais criativos e inovadores designers em atividade no Brasil. Tendo feito capas de livros e projetos de programação visual para várias editoras nacionais, entre elas a Livraria José Olympio Editora S.A., foi contudo na Editora Civilização Brasileira S.A. que ele deu o máximo de si, contando com meu direto e entusiasmado apoio.

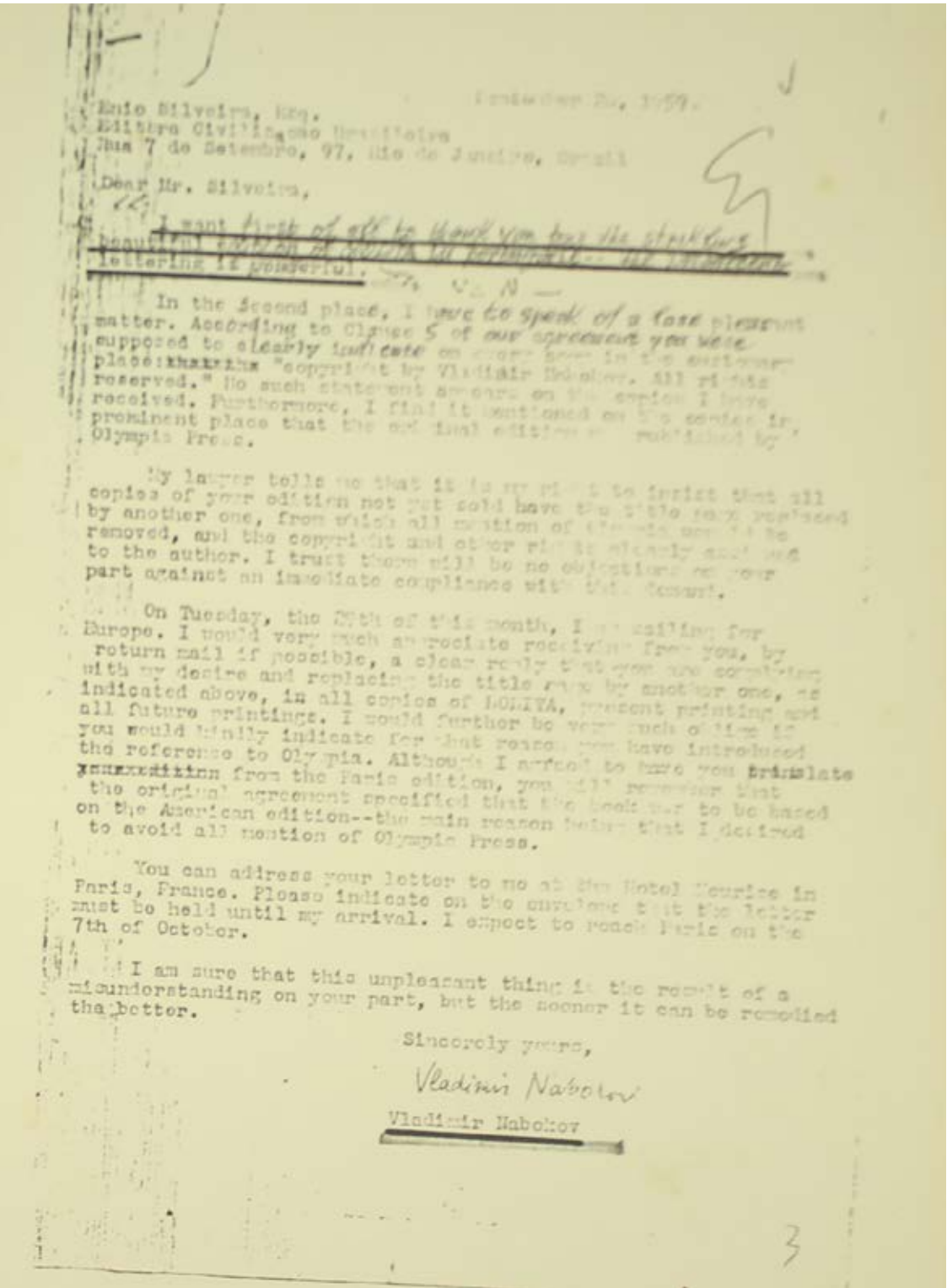
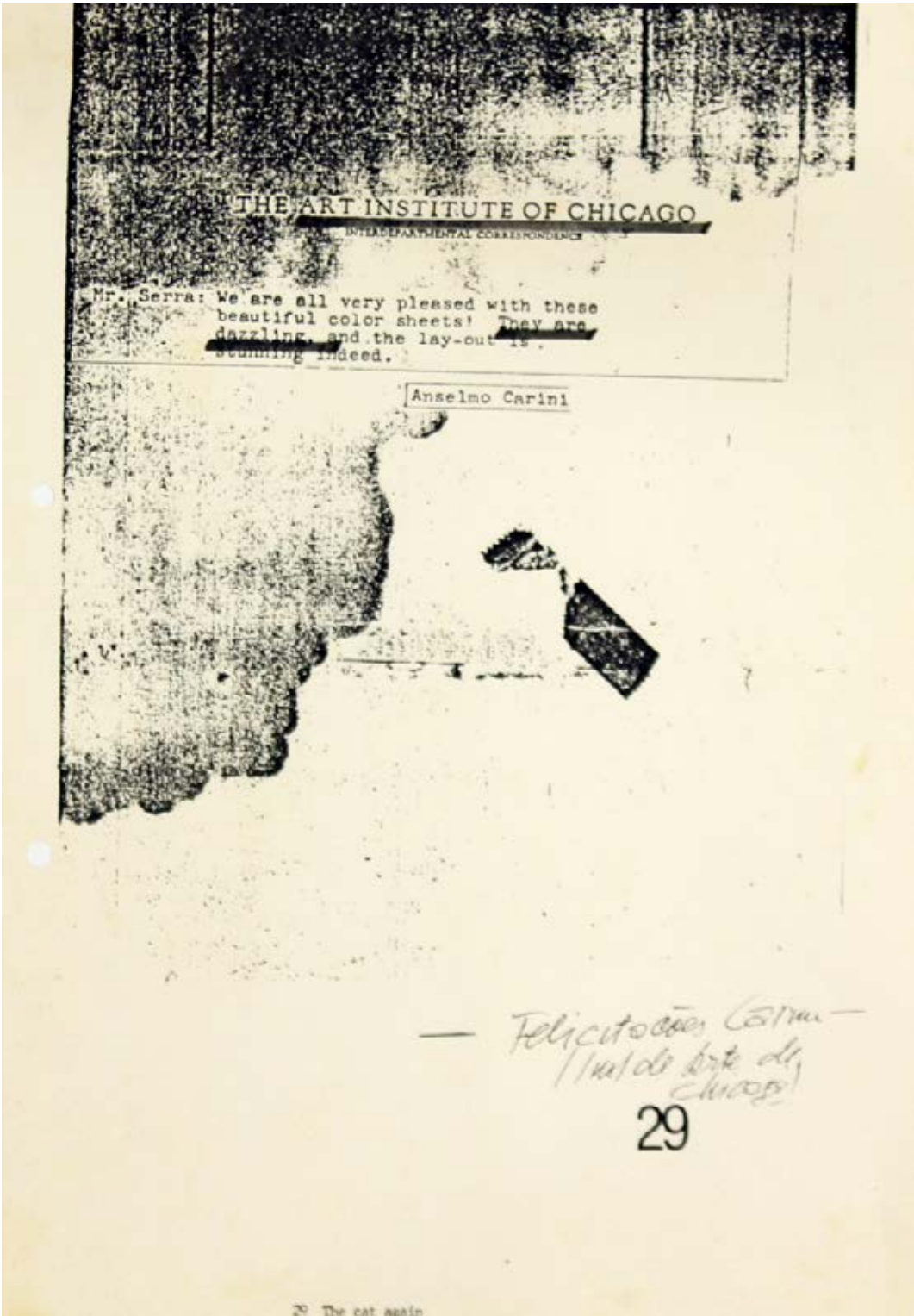
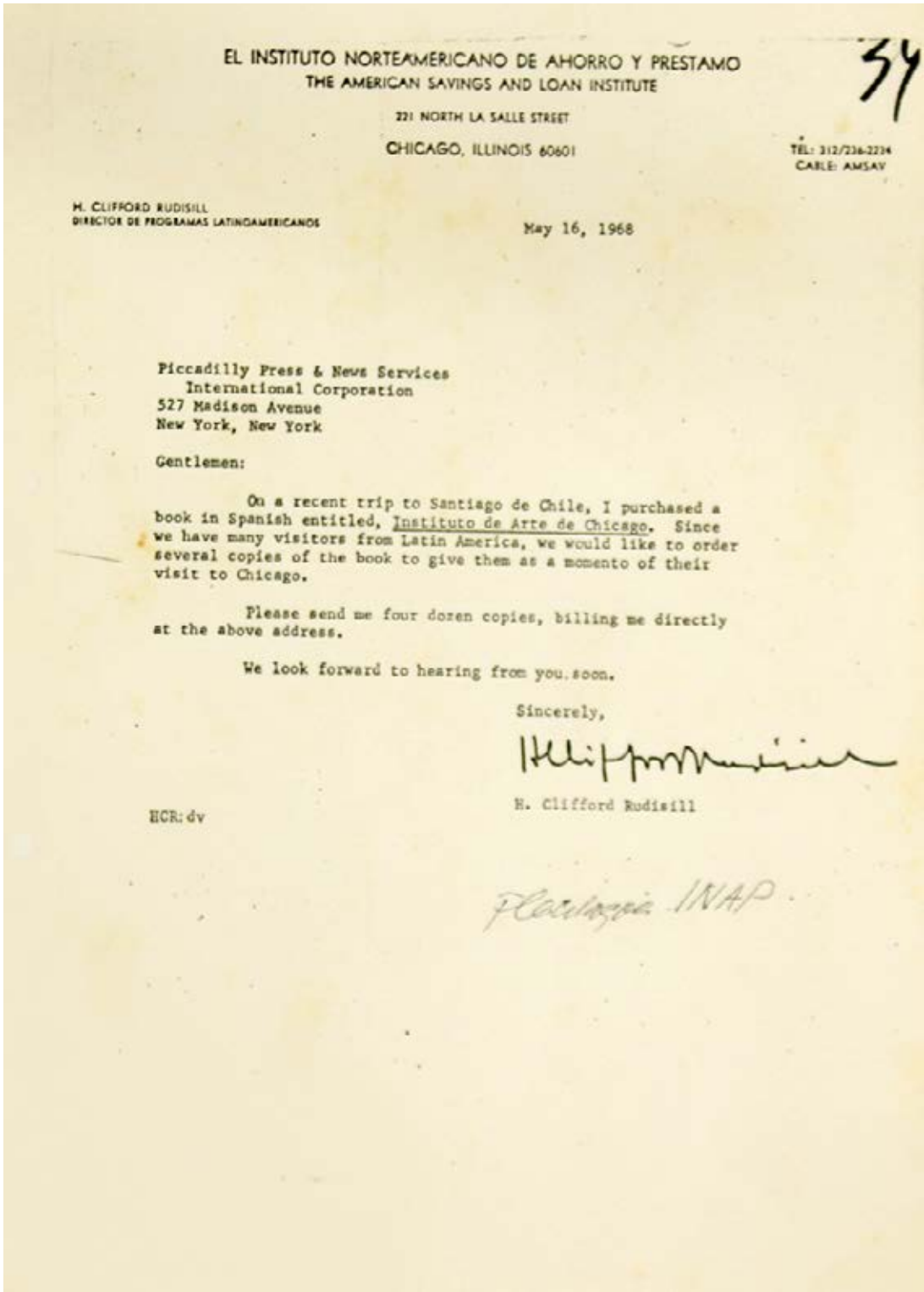
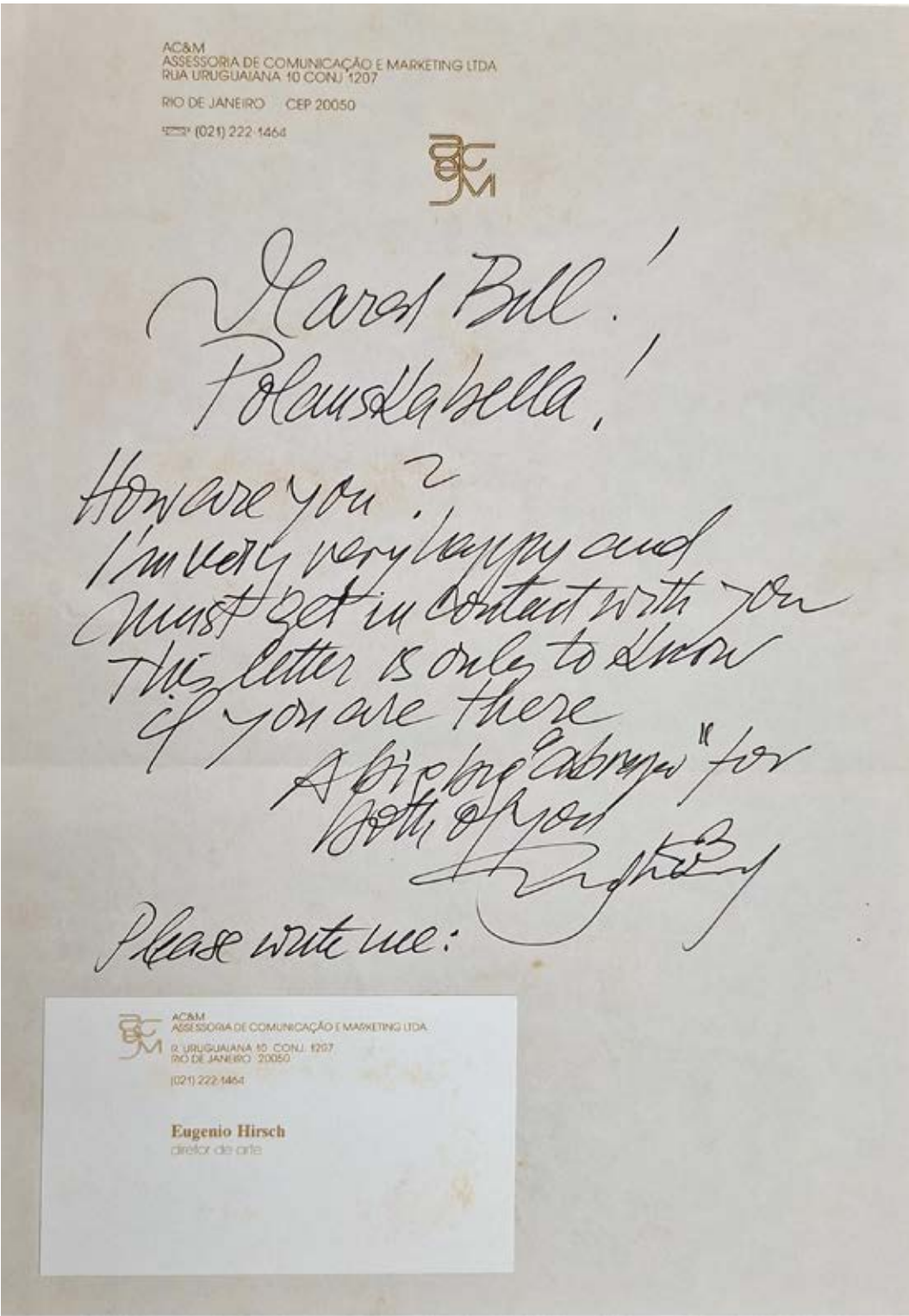
Adotando e proclamando com bom-humor que sua função não era a ~~de agredir~~ *de agredir, mas a* de agredir (verbo que usava como sinônimo de impactar, de atrair a atenção) Hirsch lançou mão de ilustrações, fotografias, foto-montagens e, sobretudo, de transcendente tipologia para dar ao livro publicado por nós uma personalidade distinta, característica, a tal ponto que, num dado momento, CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA e EUGÊNIO HIRSCH eram nomes inseparáveis e mutuamente referenciais.

ENIO SILVEIRA

8006 - Av. Rio Branco, 99 - 2º andar - 20.040 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (021) 283-2082 - Telex: (021) 33798 - Fax: (021) 283-6112

91004 - Av. Paulista, 2073 - Cxj. Nacional - Hora 1 -
Copa: 13011-382 - Conquistador
01311 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 285-4941 - Fax: (011) 287-6570/852-8904
Telex: (11) 37209





6921000

PLAYBOY

April 21, 1970

Mr. Eugenio Hirsch
Editorial Codex S.A.
Maipu 88
Buenos Aires, Argentina

Dear Eugenio:

Abrazo mi amigo! As you know, I've always called you a genius and your "Chicken a la Hippie" confirms it in my mind.

I liked it very much. So has everyone else here who has seen it.

Not only do I respect your perceptive eye but, also, I agree that Serafina Almada certainly did a great job and the photography was also top quality. All in all, magnifico!

Yes, I would like you to continue on this since I'm sure this will be a winner.

I've received the 24 suggestions you've submitted me. Obviously, this is, by far, too many. And I would want you to cut these down substantially. I think that the most we can run at one time would be between 8 to 10 different foods.

Since we're working this in a somewhat different manner, I'm not certain as to the best way to proceed. Previously, you made sketches or paste-ups of what you had in mind and we okayed some, rejected some and modified others. I've always liked this method. However, it is possible that, in working with a chef, this may be more difficult to pre-plan in this manner. And, if you find that this method would hinder the project, I am willing to let you go ahead on your own.

I would strongly suggest, however, that you stay away from names or concepts which are based strictly on things which may hit very sensitive areas. For example, I would wonder about the wisdom of a "Civil Rights Turkey", a "Biafra Baby a la Maitre d'Hotel", or a "Lamb's Chair a la Luther King", "Vietnamese Meatball" "Mousse a la Cassius Clay", etc.

PLAYBOY MAGAZINE • THE PLAYBOY BUILDING • 619 N. MICHIGAN AVE. • CHICAGO 60611 • MICHIGAN 2-1000

union des éditions modernes saintles copain & rue marbeuf paris 8

65, AVENUE DES CHAMPS-ELYSEES
PARIS 8

Mr. Eugenio Hirsch
Editorial Codex
Avenue Reina Victoria, 16
Madrid, Spain

Also, I am taking advantage of this occasion to congratulate you on your really excellent art magazine. You already sent me four issues of your magazine, but I found it so well done that I would like to receive all of them. Please let me know what the cost of this would be, and I will have a check mailed to you.

Looking forward to hearing from you soon, I remain,

Very sincerely yours,

Daniel Filipowicz

August 2, 1967

Mr. Eugenio Hirsch
Editorial Codex S.A.
Madrid

Dear Mr. Hirsch,

I'm just back from a short holiday in the North and found your letter, a separate package of magazines (great! very beautifully done up) and a letter from Vince.

Sincerely,

Vincent T. Tajiri

PLAYBOY

June 17, 1970

Mr. Eugenio Hirsch
Editorial Codex S.A.
Maipu 88
Buenos Aires, Argentina

Dear Eugenio:

I think that you are definitely mad. Which is not to say I don't love you.

Upon receiving the last letter (Tuesday, 9th of June, I presume), I checked all of our correspondence. At no time did you ask for money. At no time did I refuse any money, obviously because you didn't ask me.

In any event, if you need an advance towards the project, let me know. I've never developed a reputation for being benevolent, but I've always been fair and reasonable towards requests when the requests were valid.

I'll look forward to seeing the other shots mentioned in your latest letter to me. I think that the "Chicken a la Hippie" will be difficult to top, but am anxious to see you do it.

On a personal note: I've always thought highly of you and your talents. I believe you to be honest and sincere. Therefore, I do trust you in that respect. I also have found you to be wildly extravagant and irresponsible on occasions, but this is not a matter of distrust. I hadn't known about Babalu, and I hope that it isn't anything serious since she is such a great person.

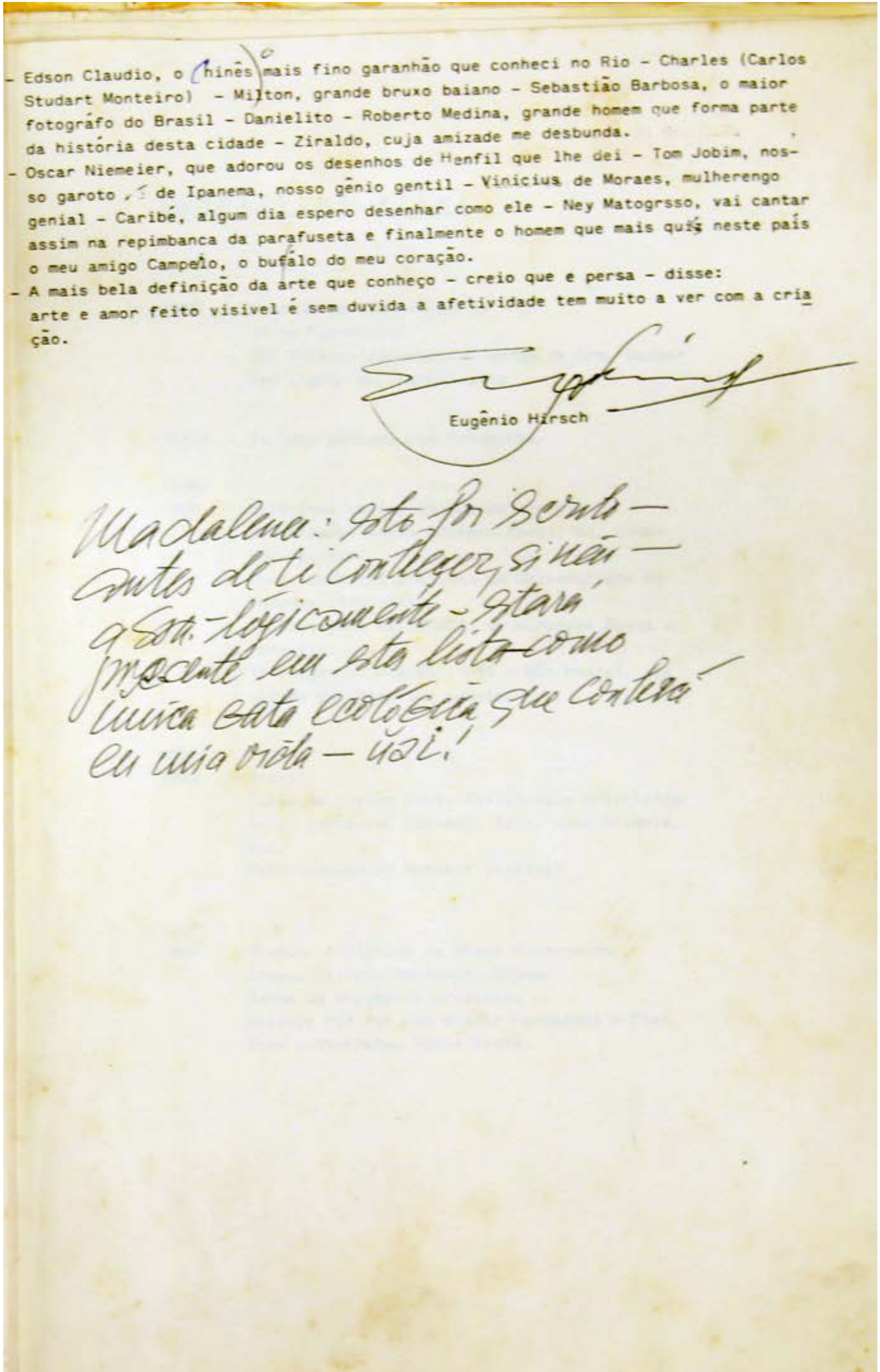
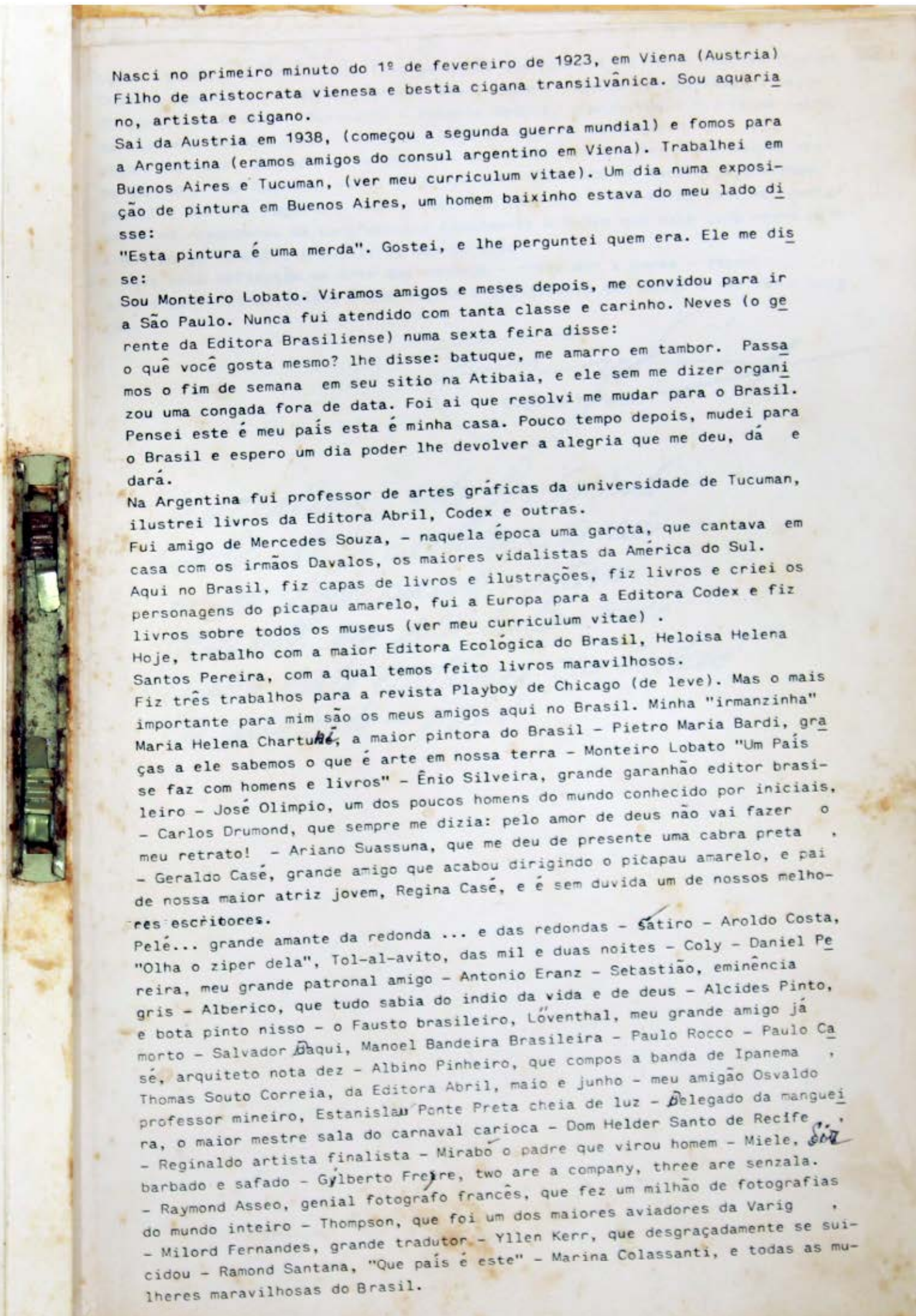
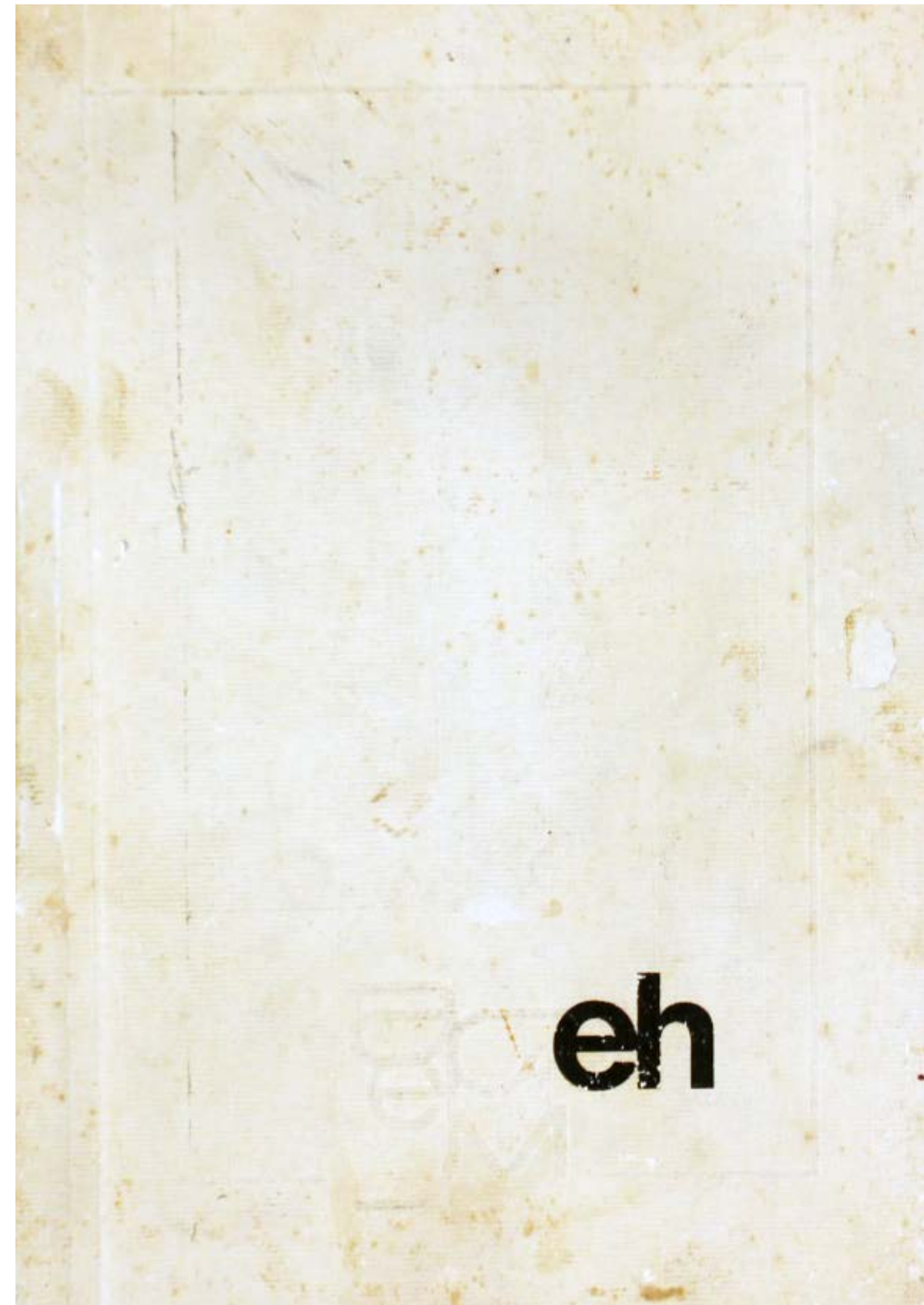
If you need an advance towards your expenses on the job, let me know by return mail.

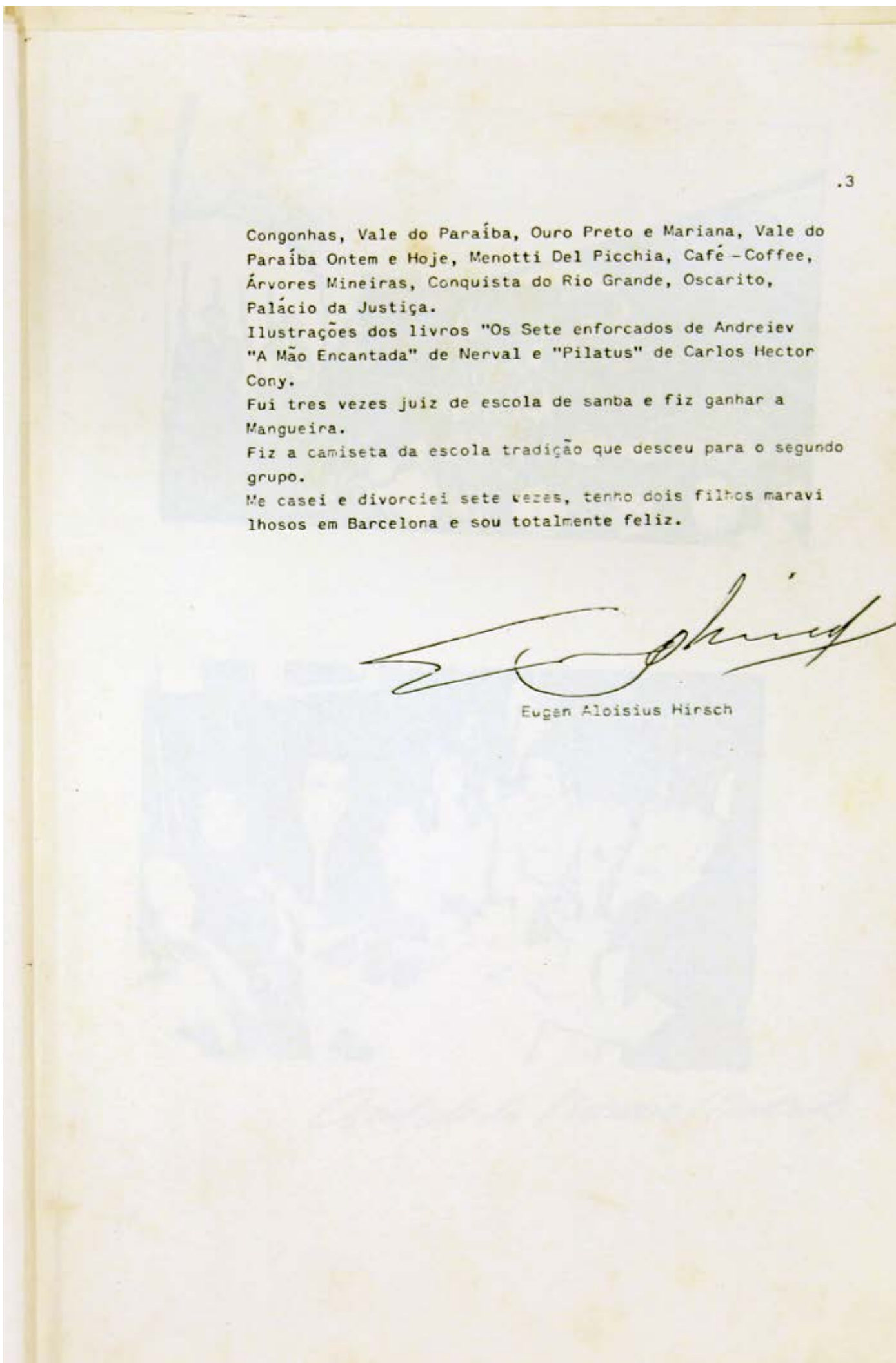
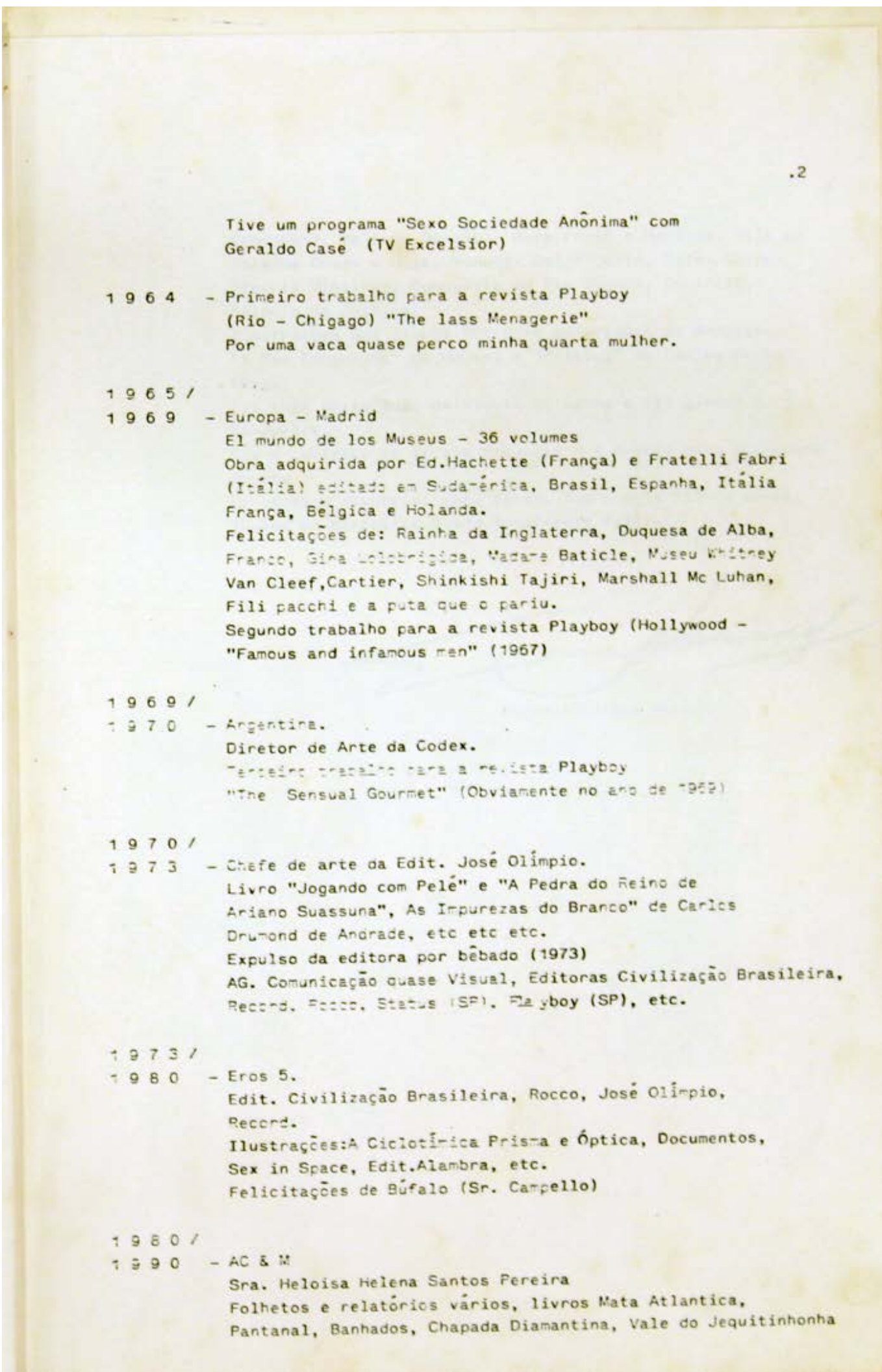
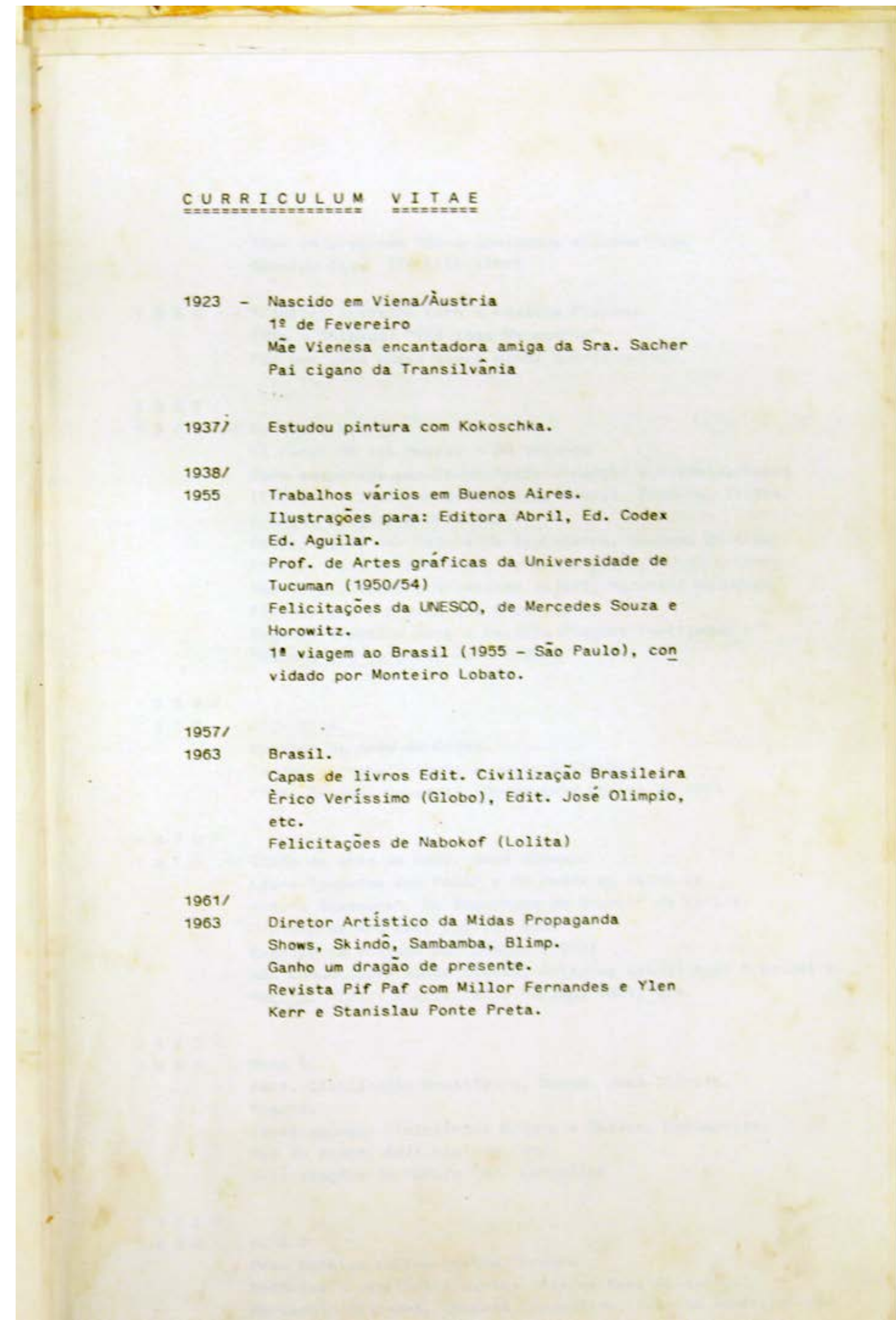
And, you crazy, mixed-up Austrian relocated to Argentina, I am very fond of you.

Sincerely,

Vincent T. Tajiri
Picture Editor

VTT/rjk
PLAYBOY MAGAZINE • THE PLAYBOY BUILDING • 619 N. MICHIGAN AVE. • CHICAGO 60611 • MICHIGAN 2-1000





Referências

	ALBIERI, Thaís de Mattos. São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2009.	
	HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil: sua história. São Paulo: Edusp. 2005.	
	J. J. & J. O Violão de Lawrence. Correio da Manhã , Rio de Janeiro, 16 jan. 1960. Coluna Flagrantes de J. J. & J., p.	
	LEON, Ethel. Eugênio Hirsch, o cigano das capas. In: Design & Interiores , São Paulo, n.25, p. 111-114, jul/ago 1991	
	MACHADO, Ubiratan. A capa do livro brasileiro: 1820 – 1950. São Paulo: Ateliê Editorial; SESI-SP. 2007.	
	MARIZ, Ana Sophia. Editora Civilização Brasileira: O design gráfico de um projeto editorial (1959-1970). Dissertação (Mestrado em Design) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2005.	
	MORAES, Didier Dias de. O design de Eugênio Hirsch para livros didáticos da Companhia Editora. Nacional. In Estudos em Design , Rio de Janeiro, v. 26, n. 01, p. 132-153. 2018. Disponível em: https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/132/293 . Acesso	em 04 set. 2025.
		NOGUEIRA, Julio Cesar Giacomelli. Letra e imagem: a tipografia nas capas de livros desenhadas por Eugênio Hirsch. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas 2009.



Esse catálogo foi composto com a fonte Helvetica, criada em 1957 por Max Miedinger e Eduard Hoffmann. Entre a clareza suíça da Helvetica e as cores vibrantes de Hirsch, este catálogo encontra seu próprio tom.

Este catálogo reúne uma seleção de trabalhos de Eugênio Hirsch, explorando processos, escolhas formais e caminhos visuais que atravessam sua produção.

O material organiza e documenta sua produção em um único suporte, permitindo uma visualização contínua dos trabalhos e de suas características visuais.

Desenvolvido em formato digital, o catálogo funciona como arquivo e registro.

ISBN: 978-65-980565-3-7

